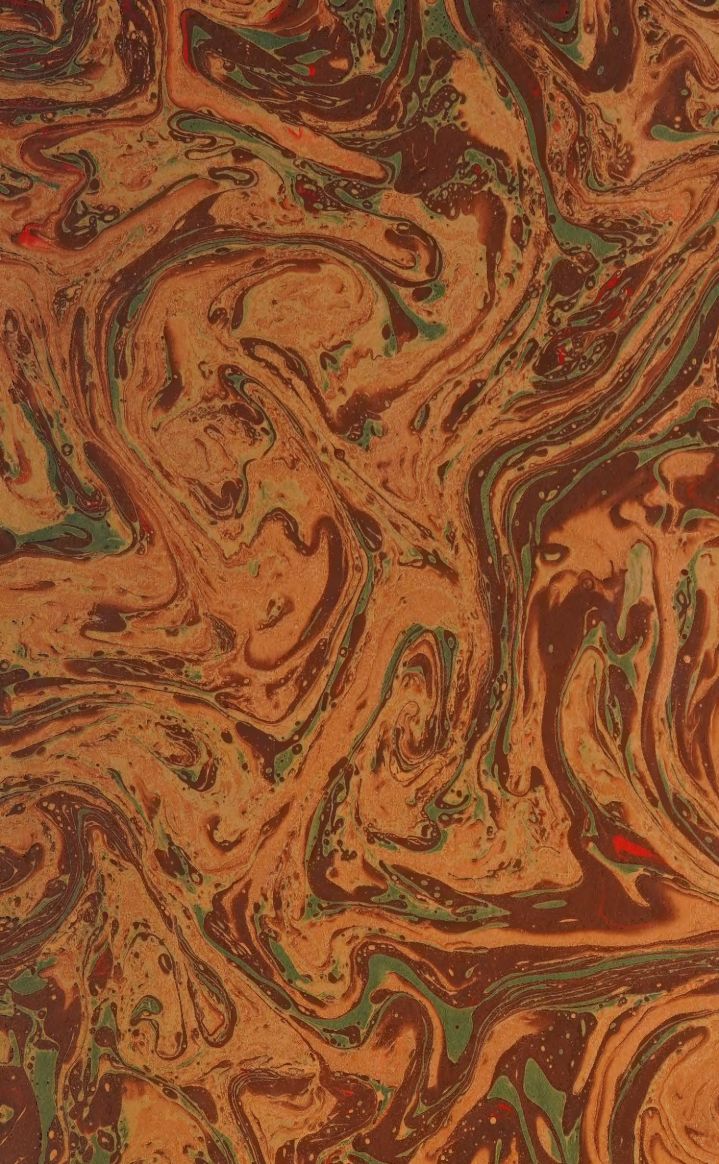
3 1761 07150437 7



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Toronto

https://archive.org/details/chronicadeelreid0406lopeuoft

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. IV

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

DP
585
L6
1897
V.4-7

LIBRARY
SEP 16 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

1123787

CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I DE BOA MEMORIA E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO SEGUNDA PARTE

Em que se continuam as guerras com Castella, desde o principio de seu reinado até as pazes. Offerecida á magestade d'el-rei D. João o IV, nosso senhor, de miraculosa memoria. Composta por Fernão Lopes. Anno de 1644. Em Lisboa, com todas as licenças necessarias. Á custa de Antonio Alvarez, impressor d'el-rei nosso senhor.

PROLOGO

Depois do que aconteceu ao Mestre na morte do conde João Fernandes Andeiro, e do al todo que se depois seguiu, mostrando cada uma cousa por onde hu houve seu principio e começo, como tendes ouvido, vos serviu nosso razoado.

Ora ajudando-nos Deus entendemos mostrar, tornando a nosso estylo, todos seus bons feitos, des que começou de reinar até o cabamento de seus bemaventurados dias: e porque em começo de cada um reinado costumâmos poer parte das bondades

de cada um rei, não desviando da ordem primeira, tal ordem queriamos ter com este, mas veiu-nos á memoria o dito de Favorino Philosopho, que nos poz a grande medo, que não ouzâmos de o fazer; o qual diz que mais torpe cousa é pouco e levemente louvar alguma pessoa, que largamente d'ella mal dizer, porque o que pouco louvor diz d'algum, bem mostra que ha vontade de o louvar, mas não acha em elle taes merecimentos porque o grandemente possa fazer, e o que se largamente estende a muito mal razoar d'outrem, bem dá a entender a todos que o odio e malquerença o faz demover a esto.

E porque nós não somos abastante pera compridamente louvar e dizer as bondades d'este poderoso rei, por a dignidade de seus grandes feitos, quizeramos cessar de fallar d'elles, vendo cumpria serem escriptos por um grande e eloquente lettrado que bem ordenara o curso dos merecidos louvores. Mas porque britavamos nossa ordenança de todo, que era cousa de reprender, com grão receio, trigosamente, não embargando a razão allegada, alguns poucos, como costumamos fazer poer dos outros reis, tocaremos em breve d'este.

Ora leixando nós a abastança dos muitos louvores, por causa da brevidade que alguns que ante nós quizeram historiar largo, compridamente se trabalharam de escrever, sómente estes poucos que lhe affirmam como se todos por uma bocca fallassem, poemos assim como elles disseram, razoando d'esta guiza:

Este grande e mui honrado senhor, mais excellente dos reis que em Portugal reinaram, foi sempre bem fiel catholico, em guisa que aquello que no principe mais resplandece, a direita fé, era em elle

comprida, sendo mui devoto da preciosa Virgem, em quem havia singular e estremada devoção. Elle tornou em seu louvor as suas devotas horas em linguagem, apropriando as palavras d'ellas á Virgem Maria e a seu bento Filho, de guiza que muitos tomaram devoção de as rezar, que ante d'ellas não havia relembrança. Elle fez a grandes lettrados tirar em linguagem os Evangelhos e Actos dos Apostolos e Epistolas de S. Paulo, e outros espirituaes livros dos santos, por tal que aquelles que os houvessem, fossem mais devotos ácerca da lei de Deus.

Os actos da sua vida trouve sempre sojugada christã fé, sendo mui obediente ao mui alto Pastor da Egreja, tendo honrada e honesta reverencia aos prelados e ministros d'ella.

Este foi o rei que ennadeu a cruz nas armas de Portugal, por a Ordem de que elle era Mestre; traz uma cruz verde em campo branco por armas, conhecendo que o Senhor Deus o pozera em alto estado de rei, que não era esquecido de amar seus mandamentos, apartando certas horas do dia e da noite pera lhe dar graças e louvores em todas suas bemaventuranças; não se alevantou em soberba, mas sempre em todas louvou a seu Deus, dando-lhe muitas graças, guardando pura fé inteiramente a todos seus vizinhos e contrarios, andando sempre por real estrada, nunca desviou a outra nenhuma parte, como quer que não minguou quem mordesse sua grande fama com dentes de raivosa inveja.

Sua conversação era de grandes e honrosos costumes, e apraziveis mandados de cumprir, uzando sempre de mezuradas palavras e cortezes, e nenhuma torpeza nem villão fallar nunca foi ouvido de sua bocca, nem era sanhudo nem cruel, mas mansa

e benignamente castigava, assim que ambas as virtudes que no rei deve haver: a justiça e piedade, eram em elle compridamente.

Nunca por ligeira cousa moveu guerra contra seus inimigos, mas vendo como a paz é uma assegurada liberdade, muito trabalhava sempre por ser d'accordo com elles, castigando os seus com tal discrissão, que lhes não fizesse nenhum nojo porque se levantasse entre elles desvairo.

Foi de grande entendimento e mui nobre por costumes, digno de grande honra e muito de amar, sendo gracioso companheiro acerca dos senhores fidalgos, e benigno tratador do commum povo.

Não se póde dizer d'este o que feamente se reprende em alguns reis, que como assim seja que um homem adur é abastante pera uma mulher, pero elles leixando as suas, e não sendo de nenhuma, pois lhe uma não avonda, emburilham-se com outras em grande perigo de suas almas e escandalo do povo, mas o louvor d'este em similhante feito é muito de notar, porque tanto que se absteve e castigou de tal vicio, depois que tomou por parceira a mui esplandecente por linhagem e costumes, a rainha D. Filippa, posto que gran casa de mulheres formosas trouvesse, quando livremente em similhante feito podera cumprir seu desejo. E honrou muito e amou sua mulher de honesto e são amor, mas nunca porém sua aprazivel bemquerença recebeu rogos nem preces d'ella ácerca do feito da justiça, porque a não fizesse compridamente.

Entre todas as virtudes que em este rei havia, esplandeceu em elle a virtude da grandeza, da qual em todos seus trabalhos nunca se esqueceu de usar, e portanto eram todos mui teudos de o amar e ser-

vir, porque todos receberam d'elle grandes e assignadas mercês, cada um em seu estado.

Não injustamente foi este rei contado entre os bemaventurados principes, mas ainda os reis que depoz elle vieram, assim como de mestre, por exemplo, aprendam a ordenança do real regimento, de guisa que se mór cousa é reger um reino justa e temperadamente que o haver de ganhar, assaz tem elle de gran parte d'aqueste louvor e gloria, ca posto que se claramente veja que as honras mudam os costumes, faltando em elle esta geral regra, mais parecia digno de reinar por virtudes e boas condições, que por real geração de que descendesse.

Oh! muito nobre principe, fiel e excellencia dos reis que em Portugal reinaram, bem escreveram os que disseram que todas as humanas virtudes floresceram em ti por especial graça, de guisa que por a pouquidade de nosso engenho não somos ouzados de fallar em ellas, e estas poucas que das obras alheias apanhámos, apartamos assim em somma, por não dizerem que britámos a primeira ordenança, des-ahi por tornarmos a seguir nosso simples razoamento.

SEGUNDA PARTE DA CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO O I E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO COMPOSTA POR FERNÃO LOPES

CAPITULO I

Dos officios que el-rei deu a certas pessoas, e d'algumas cousas que então foram determinadas em côrtes.

Posto o Mestre n'aquella real alteza vestida de grande encarrego, e recebido de todos por senhor, ordenou logo officiaes em sua casa, e pera outras cousas necessarias do reino, e leixando Nuno Alvares Pereira que foi feito Condestabre e seu mordomo-mór, fizeram Alvaro Pereira marechal da hoste, e Gil Vasques da Cunha alferes-mór, e João Fernandes Pacheco guarda-mór, Ruy Mendes de Vasconcellos meirinho mór da comarca d'en-

tre Douro e Minho, e Nuno Viegas, o moço, meirinho mór na comarca de Traz os Montes, capitão do mar Affonso Furtado, anadel mór Estevão Vasques Filippe, camareiro mór João Rodrigues de Sá, copeiro mór João Gomes da Silva, reposteiro mór Pero Lourenço da Fonseca, chancerel mór Lourenço Annes Fogaça, e por ser em Inglaterra, em seu logar o doutor João das Regras, escrivão da chancellaria Gonçalo Pires, escrivão da puridade Affonso Martins, abbade que foi de Pombeiro, João Gil e a Martim da Maia vedores da fazenda, thesoureiro mór Lourenço Martins, alcaide que foi de Leiria, Fernão d'Alvares d'Almeida vedor da casa, e deu-lhe el-rei a commenda de Jurumenha, que tinha Fernão Rodrigues de Siqueira, e fel-o Craveiro da ordem d'Aviz, e Fernão Rodrigues fel-o commendador mór, e assim outros officiaes pelo reino segundo viu que cumpria, e o mestrado reteve-o em si.

Das côrtes que então fizera n'aquella cidade, que foram as primeiras que el-rei fez, des-ahi porque alguns queriam saber que cousas pediriam os povos n'ellas a um senhor que novamente elegiam por rei, e que tal desejo mostrava de lhe galardoar seu bom serviço, diremos alguma cousa, e por verdes o modo que se n'ellas teve, posto que todas não sejam nem vão pela ordenança como foram feitas, salvo tocando alguns capitulos em breve de que faremos aqui menção, dos quaes foi um em que propozeram:

«Que bem sabia sua mercê como a melhor e principal cousa que mister era a qualquer senhor ou principe, e isso mesmo a elle, assim era haver bons conselheiros, os quaes andassem sempre com elle pera seu regimento ser mais perfeito e o reino manteudo em direito e justiça. E pois dos conselheiros

procedia muito mal e damno, ou bem e proveito, segundo os conselhos que aos reis davam, que fosse sua mercê de não filhar nem haver pera seu serviço pessoas a elle suspeitosas e duvidosas, pois era cousa de receiar e de grão perigo; e por quanto a elles era dito que elle queria tomar para andarem com elle e serem de seu conselho alguns que eram feitura da rainha e de sua criação, os quaes eram a elle mais suspeitosos e a serviço e honra do reino, e a elles muito damnosos, porque sempre lhe procurariam damno e morte e deshonra, que lhe pediam por mercê que posto que a taes pessoas prouguesse perdoar e trazer comsigo, que lhe não quizesse dar officios nenhuns em sua casa nem na dita cidade. Mas que dos quatro estados do reino, que eram prelados, fidalgos, lettrados e cidadãos, fosse sua mercê de escolher d'estes que lhe nomearam, s. D. João, bispo d'Evora e Ruy Lourenço, deão de Coimbra, e dos fidalgos Diogo Lopes Pacheco, e Vasco Martins da Cunha, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Vasco Martins de Mello; e dos lettrados o doutor Gil Docem e o doutor João das Regras, e o doutor Martim Affonso, e João Affonso d'Azambuja, bachareis em leis.

E disseram entonce os de Lisboa, que por quanto os moradores da dita cidade o amavam mais que outros nenhuns de seus senhorios, e por seu conselho e azo o puzera Deus em aquelle estado em que era, e que sendo aconselhado dos moradores d'ella que sempre Deus encaminharia seu feitos de bem em melhor, como até alli foram, que fosse sua mercê que por honra da dita cidade tivesse sempre em seu conselho um dos naturaes d'ella, qual a cidade escolhesse, e do Porto de tres um, s. Vasco Fer-

nandes Ferraz, ou Martim Abbade, ou Domingos Pires Egyras; e da cidade de Coimbra Gonçalo Estevens ou Alvaro Fernandes, ou Affonso Domingues de Vieira; e de Evora fosse Fernão Gonçalves Darca ou Luiz Gonçalves, ou Pero Sanches.

A estas cousas respondeu el-rei, dizendo que elle com conselho d'aquelles prelados e fidalgos por elles nomeados, e por um cidadão das cidades que disseram, e de Lisboa um, qual ella quizesse e escolhesse, lhe prazia de reger e governar o reino em direito e em justiça, tão bem como aquelles que o melhor regeram, e melhor se melhor podesse ser, como a Deus prazendo os povos bem podiam vêr, e que com os criados da rainha teria aquella maneira que lhe por elles era pedido, e assim o promettia de guardar.

E disseram mais os de Lisboa que bem sabia sua mercê como das cidades que em Portugal havia ella era a melhor e a mais nobre do reino, e pois que as côrtes dos reis e senhores nos melhores logares haviam de estar, que fosse sua mercê que a côrte dos seus desembargos estivesse sempre em Lisboa; e além d'esto, pois que a mór verdade e lealdade do reino havia de ser n'aquelles que trouvessem os sêllos, assim publicos como da puridade, e Lisboa era a principal que sempre mantivera a verdade e lealdade entre todos os outros logares do reino, que por honra da dita cidade lhe pediam por mercê que os sellos encommendasse a quem sua mercê fosse, com tanto que fosse natural da dita cidade, e a outra pessoa os não desse; e disse el-rei que lhe prazia que a côrte estivesse em Lisboa, e que os publicos sêllos não daria a outrem, salvo á pessoa que fosse natural d'ella, e os da puridade a qua3 quer outras que guardassem seu serviço.

E outrosim disseram, que por quanto as cousas que a todos os povos pertencem, e de que todos sentem carrego e cuidado, devem ser chamados a ello pera com seu accordo e conselho se fazerem, e elles d'esto foram privados por el-rei D. Fernando, seu irmão, fazendo as cousas que pertenciam ao estado do reino como lhe aprazia, de que se seguiram muitos males, como era notorio a todos, que lhe pediam por mercê que não fizesse paz nem guerra sem seu accordo, nem tomasse casamento.

«A guerra e paz, disse el-rei, que a faria aquella que começada tinha por honra e defensão do reino, que não entendia de começar outra sem accordo e conselho d'elles, e quanto era em effeito de seu casamento, que pois que os casamentos haviam de ser livres, e os reis que ante elle foram em casar eram izentos, que elle não se obrigava a prometer tal cousa, pero seu talante era de o fazer, quando a Deus prouvesse de o prover d'ello isso mesmo».

Dos geraes casamentos se aggravaram muito os povos, dizendo que el-rei D. Fernando e a rainha sua mulher, por cartas de rogo faziam casar contra suas vontades assim mulheres viuvas, como outras que estavam em poder de seus padres e parentes, não sendo esses com quem casavam pertencentes pera ellas, e se casar não queriam, mandavam-n'as chamar e traziam-n'as a por si quatro ou cinco mezes, despendendo o que haviam, e o peor d'esto que alguns em breve tempo gastavam o que ellas tinham em maus uzos e costumes, deitando-as em grandes minguas e proveza, a qual cousa era contra consciencia e serviço de Deus, e contra a lei porque os casamentos hão-de ser feitos, e que pediam por mercê que taes cartas e casamentos não quizesse fazer.

A esto respondeu el-rei que não entendia fazer casar ninguem contra sua vontade, e posto que cartas de rogo passasse sobre taes cousas, que cada um fizesse o que entendesse por seu proveito, ca elle não entendia de lhe fazer força nem desaguisado por ello, e que cada um respondesse ousadamente, e não curasse de taes cartas.

A defeza de não matarem cervos nem perdizes em termo da dita cidade, sob certa pena de dinheiro, lhe pediam por mercê que tirasse de todo, ca aos reis se seguia d'ello mui pouco proveito, e o povo padecia muitas sobrancerias e affrontas dos couteiros, prendendo-os e levando d'elles grandes peitas assim de dinheiros como d'outras cousas porque eram damnificados. Disse el-rei que lhe prazia, e alevantou-lhe tal defeza, promettendo de nunca lhe ir contra ello.

Estas e outras muitas cousas que não fazem mingua de se aqui escreverem, outhorgou el-rei com bom desejo e vontade á cidade de Lisboa, promettendo e jurando de os manter em direito e justiça e lhe guardar todas as graças e privilegios que lhes dados havia, e seus bons fóros e costumes que houveram em tempo d'outros reis, e por segurança e confirmação d'esto lhe mandou dar esta seguinte carta, a qual nos parece que é bem que vós vejaes, por serdes em conhecimento de seu bom desejo e vontade ácerca dos povos.

CAPITULO II

Da carta que el-rei deu á cidade de Lisboa por confirmação de seus privilegios.

Dom João por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, a quantos esta carta virem, fazemos saber que nós consirando os grandes e estremados serviços que a mui nobre e leal cidade de Lisboa ha feitos a estes reinos, dos quaes nos Deus deu encarrego de regimento, e a nós outrosim em nos ajudar a defender os ditos reinos de nossos inimigos, duros e de gran poder, assim como el-rei de Castella que contra razão e direito nos queria subjugar e os ditos reinos que havemos de defender, ajudando-o a ello muitos maus portuguezes que segundo traziam natureza e fé que promettido tinham, devérão de ajudar a defender os ditos reinos contra o dito rei de Castella e contra outros quaesquer que lhe empecer quizessem, e elles fazendo o que não deviam se oppunham e se oppozeram quanto em elles foi a servirem el-rei de Castella com os corpos, villas e logares e castellos d'estes reinos, por os quaes haviam feito menagem de os defender a el-rei Castella, e o dito reino, e lhe fizeram menagem dos ditos castellos em mal e destruição nossa e dos ditos reinos. E a dita cidade como aquella que sempre foi e é a leal e verdadeira a estes reinos, sempre trabalhou e trabalha por honra d'elles, de não cahirem na dita sujeição, e não temendo prema do dito rei, nem seu poderio, nem as

ameaças que a ella e ao dito reino fazia, porque a dita demanda era justa e direita por direito divinal, natural e civil, segundo conselho de muitos cavalleiros antigos, doutores e outros fidalgos e escudeiros assaz discretos e outros cidadãos naturaes da dita cidade, que por razão e direito eram prestes de defender estes reinos se lhe a ello fôra dado logar, que per elles ao dito rei foi requerido, o qual lh'o denegou como aquelle que contra razão e direito queria subjugar estes reinos e a dita cidade.

Outrosim ella com seus moradores e naturaes vendo como todos os que haviam encarrego de os deffender se desamparavam d'ello e eram em ajuda de nossos inimigos, como aquella que é leal e verdadeira se trabalhou sempre de ajudar estes reinos e se oppoz em os defender com seus moradores e naturaes, poendo seus corpos em aventura, espargindo muito do seu sangue e despendendo muitos dos seus bens e haveres, leixando damnar muitos dos seus bens por honra e defensão d'estes reinos, e nos tomaram por seu rei e senhor. A qual defensão se se a dita cidade não oppozera todo o reino se perdera por o poderio do dito rei e ajuda dos maus portuguezes.

Porém nós esguardando todas estas cousas e cada uma d'ellas, e por tão leal obra não ficar sem galardão, assim que aquelles que bem fizeram hajam bom galardão, por ser exemplo a outros que depois de nós vierem, de bem fazer, havido primeiramente conselho solemne, qual se a tal auto requer, com grandes e sezudos e ricos homens, cavalleiros e dignidades, bispos e outros prelados e lettrados do nosso conselho, e outros muitos cidadãos chamados em côrtes especialmente pera esto,

s. Vasco Martins de Sousa, e Nuuo Alvares Pereira, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Gonçalo Gomes da Silva, e Vasco Martins da Cunha, e João Rodrigues Pereira, e Vasco Martins de Mello, e João Fernandes Pacheco, e Mem Rodrigues, e Ruy Mendes de Vasconcellos, e Martim Vasques, e Vasco Martins, e Gil Vasques, e Lopo Vasques da Cunha, e outros muitos cavalleiros e escudeiros, com o arcebispo de Braga, e com o bispo de Lisboa, e de Evora, e do Porto, e de Lamego, e o da cidade da Guarda, e com o abbade d'Alcobaça, e o prior de Santa Cruz, e com outros muitos prelados, e com o doutor Gil Docem, e o doutor João das Regras, e com o doutor Martim Affonso, do nosso conselho, e com o conselho d'Evora, e de Coimbra, e do Porto, e de Lamego, e de Estremoz, e de Thomar, e da Guarda, e Silves, e Beja, e com outros muitos conselhos e cidadãos, querendo-lhe galardoar os serviços que a nós e aos ditos nossos reinos ha feitos, por as razões susoditas, porque o havemos por prol dos ditos reinos, de cujo regimento havemos encarrego por a dignidade que nos Deus deu, de que foi ajudador a dita cidade; e de nosso poder absoluto lhe damos e outhorgamos, e approvamos, e confirmamos todos os privilegios e liberdades dos uzos, fóros e costumes que até aqui houveram por os reis que ante nós foram, e de que uzarão sempre sem outro dizimento.

Outrosim lhe outhorgamos e damos as graças, mercês, e doações, e liberdades, e privilegios nos capitulos conteudos por elles pedidos, os quaes todos a cada um d'elles queremos e mandamos de nossa certa sciencia e poder absoluto e proprio movimento, ou por outra qualquer maneira, e guisa,

e fórma que melhor podem valer e ser firmes e valiosos, não embargando leis nem decretaes, nem outro qualquer direito que contra esto seja, ou porque possam menos valer, os quaes aqui havemos por expressos e especificados, se mister é especificação ou expressão, e promettemos e juramos de os guardar e manter e de nunca irmos contra ellas em parte nem em todo; e rogamos a todos os nossos successores, de qualquer condição que sejam, que as guardem e mantenham, e façam cumprir e guardar aos seus subjeitos, aos quaes, quanto em nós é e o podemos fazer lançamos a maldição, se o contrario d'esto fizerem, e em testemunho d'esto lhe mandamos dar esta nossa carta.

Dada na nossa cidade de Coimbra, dez dias d'Abril da era susodita de de 1423.

CAPITULO III

Dos logares que el-rei deu a Lisboa por termo.

Se dizem que aquelle é proprio beneficio, o qual se outhorga sem pedir, e tem sua original nascença na bondade do outhorgador, bem se póde dizer esto do nobre rei D. João, porque vendo elle como a cidade de Lisboa fôra a verdadeira madre e criadora d'estes feitos, não satisfazia a seus desejos os privilegios e liberdades que lhe dado tinha, parecendo-lhe mui singello galardão, em respeito do que era merecedor. E por a fazer mais nobre e mais honrada, e seu grande e natural ser-

viço ficar em memoria por sempre, ordenou de lhe dar muito maior termo do que tinha, outhorgando-lhe por sua carta, cujo começo é este: -

«Dom João, pela graça de Deus de rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós vendo e consirando os muitos e grandes serviços que a nos e a estes reinos e moradores fez a mui nobre cidade de Lisboa, poendo-se a todo perigo por nós todos sahirmos fóra do mal e sugeição a que nos queria trazer el-rei de Castella, contra razão e direito como é claro e notorio em toda a Hespanha, e que portanto em galardão de seu serviço de nós deve haver alguma cousa porque ella seja a mais nobre e mais honrada que nos ditos reinos ha. Por onde nós vendo e consirando seus grandes e bons serviços, e querendo fazer graça e mercê á dita cidade, honramol-a e privilegiamol-a e damos-lhe e doamos e outhorgamos por seu termo e aldeia, a nossa villa de Cintra com seus termos e aldeias, e mandamos e queremos que a dita cidade de Lisboa na dita villa de Cintra e seus termos possa fazer e ordenar todo aquello que fazer póde em si e nos termos que ora tem», com outras clausulas e condições na dita carta conteudas; e mais lhe doou por termo Torres Vedras e Alemquer, com todas as suas aldeias, isso mesmo Mafra, Collares, e a Ericeira e Villa Verde, e todas as outras villas e logares que são des o termo d'Alemquer até a dita cidade, assim como vae a ribeira do mar, salvo Arruda e Villa Franca, que eram de mestrados. Assim que o termo da cidade chegasse até oito leguas, e os moradores das ditas tres villas que lhe assim damos por termo, assim homens d'armas e de cavallo como peões e besteiros haviam de sahir

com seu pendão cada uma, quando requeridos fossem pera acompanhar a bandeira de Lisboa quando fora sahir por sua defensão e guarda da Ribeira, ou a outro logar por serviço d'el-rei, e esto á custa e despeza d'estes concelhos, acompanhando sempre as gentes da cidade e pouzando em seu arraial.

Similhavelmente vendo el-rei como a cidade do Porto havia feitos ao reino grandes e estremados serviços, deu-lhe por termo todo o julgado de Bouças e da Maia e da Gaya, que conjunta com ella, e Penafiel de Sousa, e Villa Nova da par de Baião, e d'esto mandou fazer cartas ás ditas cidades, segundo a cada uma cumpria.

CAPITULO IV

D'algumas cousas que n'esta sazão aconteceram.

Porquanto um dos capitulos que el-rei n'estas côrtes outhorgara, assim foi que alçasse as cizas e não lançasse peitas, pois lhe os povos prometiam dar todo o que lhe cumprisse pera sua guerra, ordenaram os conselhos entre si que se tirasse logo um pedido pera a paga do soldo e fazer moeda, em que montasse quatrocentas mil livras, que eram umas cem mil dobras; e estes dinheiros se haviam de pagar em graves e barbudas, e dinheiros meudos, ou em prata, se algum dar quizesse, e d'estas moedas haviam de fazer outra não tão boa, de guisa que sua multiplicação houvessem hi avondo pera soldo das gentes e das ne-

cessarias despezas, e assim foi que por accordo de todos mandou el-rei lavrar moeda de reaes de lei de um dinheiro, que valia cada um dez soldos, e eram seus thesoureiros, Persival, da que se fazia em Lisboa, e Martim Lourenço, pae dos doutores, da moeda que lavravam em Evora.

E sendo el-rei conhecedor de todo o bom serviço e não lhe esquecendo as pressas e tribulações que os d'Almada padeciam, sendo cercados d'el-rei de Castella, mandou que os moradores d'ella não pagassem entonce nenhuma cousa de que montasse á sua parte d'aquelle pedido.

Outrosim n'esta sazão chegou a Lisboa uma galé de Genova, em que vinha um doutor e um cavalleiro, por embaixadores da parte do commum de Genova, por fallar ao Mestre, que já era rei, sobre as mercadorias que lhe foram tomadas acerca do porto da dita cidade, nas duas naves, como o tendes ouvido. E vindo a Coimbra, e posta sua embaixada, houveram d'ello tão doce resposta, que a poucos dias com boa esperança se tornaram ledos pera sua terra.

Ora sabei que el-rei de Castella estando em Sevilha, e depois que veiu a Cordova, todo seu trigoso cuidado era juntar gentes e armas, frota assim de naus como de galés, pera enviar sobre Lisboa por lhe fazer todo o nojo que podesse, e tolher os mantimentos que lhe por mar vir podiam, e jazendo a este tempo dez galés das suas ante o porto da cidade, um domingo dois dias d'Abril, a hora de vespera, sendo aquelle dia festa da Paschoa da Resurreição, appareceram dois navios da ponta de S. Gião pera dentro, que são tres leguas da cidade, que era uma nau e uma barca de Inglaterra

que traziam trigo e gentes de armas pera o reino, e vinham alongadas uma d'outra quanto podia ser uma legua.

As galés como viram a barca que vinha diante, foram-n'a todas receber e combateram-n'a de toda parte, crendo, o que era razão de cuidar, que já aquella era sua; os inglezes defendendo-se fortemente maguavam mui mal ás frechas os das galés, e em pelejando prouve ao Senhor Deus que contra vontade dos castellãos, havendo a barca bom tempo, sahiu-se d'entre elles e veiu poer a ancora ante a cidade, á porta do mar, e em se tornando as galés e leixando a barca, viram vir a nau com pouco vento, e foram-se todas a ella, e se ante bem combateram a barca, muito melhor e mais de vontade combatiam a nau, a qual se defendia tão bem que lhes dava que fazer. Em esto a gente da cidade era muito fóra por terra ao longo da ribeira, assim de pé como de cavallo, se aqueceria cousa alguma que os ajudar podesse, isso mesmo quantos olhavam esta peleja, assim homens como mulheres, que era muita gente a vêr, não faziam senão bradar a Deus e a Sua preciosa Madre, chamando S. Jorge e S. Vicente, que fossem em sua ajuda e accorro.

Muitos choravam, fazendo estas orações, e o vento afracando cada vez mais, a todos parecia que n'ella não havia conselho senão ser tomada, e sendo em gran pressa, inclinado o mui alto Deus ás preces de tanto povo, supitamente, como se criado fosse de novo, nasceu um vento em boa avondança, o qual tirou a nau d'entre seus inimigos e a trouve ante a cidade em salvo, e contando esto assim como milagre, davam todos muitas graças a Deus que os quizera livrar de tão grão perigo; e foram

n'esta peleja segundo fama, mortos das galés bem dozentos e cincoenta, afóra muitos feridos, dos navios ambos morreram quatro, e alguns outros houveram feridas, e estes inglezes que n'elles vinham receberam logo por mandado d'el-rei soldo, e foram-se pera Evora, onde haviam de haver bestas pera serem encavalgados e irem servir onde os mandassem.

A'cerca da vinda d'estas naves e da batalha que houveram com as galés de Castella, é de muita consideração uma carta que escreveu Gonçalo Domingues, conego de Lisboa, a D. Frei João d'Ornellas, abbade de Alcobaça, contando-lhe o successo d'ella, que se guarda no cartorio d'aquelle mosteiro, e é a seguinte:

A D. abbade de Alcobaça

Gonçalo Domingues, conego de Lisboa

Senhor:

Vosso servidor Gonçalo Domingues, me envio encommendar em vossa graça.

Faço saber que dia de Paschoa chegaram a esta cidade duas naves de Inglaterra, convém a saber, uma nau e uma barca, nas quaes vem dozentas lanças e dozentos flecheiros, pagados o primeiro quarteiro, que se começou sexta feira ante Ramos. E vem em ellas quatrocentos moios de trigo e muita farinha e toucinhos; ellas trouve Deus em salvo apezar de dez galés de Castella, e muito á custa das gentes d'ellas *miraculose* obrando, e por esta guisa:

Depois meio dia appareceram no mar juntamente as galés armadas e pavezadas, as gentes d'ellas

foram contra as naves. A hora depois de vespera enviou Deus vento de sua graça á barca, por a qual razão as galés lhe deram logar, seguindo pero a longe *ut Petrus Christum*, e como amainou junto ao Hospital d'El-Rei, chegaram as galés e combatendo com as setas, pero uma que mais se chegou, houve por seu barato de não estar muito acerca d'ella, e partiu-se com salsa pimentada, que queima bem, ca segundo dizem o patrão foi morto e outros muitos. Das outras, que arredadas estavam, muitos foram mortos e os demais feridos com flechas que eram lançadas por a galé a longo. Assim que as demais das flechas ficavam na galé e poucas se perderam no mar. Este combate deram por espaço de uma hora, convem a saber, vindo umas galés a ella, e estas salmoiradas, vinham as outras, até que viram que não lhe era proveitoso de seguirem aquelle caminho. E partidos, a nau ficou em S. Gião. E pera Deus mostrar suas maravilhas e seu poder leixasse acalmar o vento, de guisa que a nau não podia bem vir, á qual chegou uma das galés, fingindo-se de Portugal e mostrando as Quinas que trazem no cabo das bandeiras, e tendo as armas de Castella envoltas. Pela qual razão tomaram os da nau uma corda da galé. Portugal e S. Jorge.

Todavia como Deus deu a entender aos da nau que em engano fallavam com elles, ca de todo os induzia que amainassem, talharam o cabo da corda e começaram a tirar ás flechas, e vindo-se a nau pera a villa mui passo, ca o vento era mui pequeno, chegaram a ella quatro galés combatendo-a mui fortemente, e des-ahi as outras quatro galés por tal guisa que todos os da cidade desperavam d'ella, e não ficava egreja que não fosse cheia de companha

onde se faziam muitas inclinações, promettendo muitos votos de missas, jejuns, romarias, ferindo-se muitos peitos, cantando-se muitas litanias, tratando com gran efficacia grandes e pequenos, moços e velhos, homens e mulheres, todos a Deus que com a sua misericordia accorresse, cada um chamando o Santo em que maior devoção havia, e especialmente S. Lourenço, senhor dos ventos, e S. Vicente, patrão e defendedor da cidade, dizendo-lhe que ante a sua casa não deixassem forçar, nem fazer vilta nem deshonra, e mórmente por aquelles que eram scismaticos e herejes. Dos quaes aos piedosos corações Deus do muito alto olhando, e por exalçar a sua Santa Egreja e fé catholica, tomou em sua guarda e defendimento a dita nau e gentes d'ella, ca como quer que vento não houvesse, e fortemente e por muito e grande espaço que combatida fosse, pero tragia-a pera a cidade. E a uma galé que se antepoz por a empachar, porque não havia vento, quebrantou bem cincoenta remos, e das outras fez embrulhar e empachar em um.

Os das galés se tornaram com deshonra a sua grande perda, a muitos folares, mas não de ovos, mas muitas flechas, e com a ira de Deus que veiu sobre elles, ca muitos foram mortos e mui muitos feridos. Pera Restello se foram, onde estiveram até depois meia noite, que se foram a Santa Catharina a enterrar os mortos, onde estiveram e estão ainda fazendo seu dó, e chorando sua má ventura que lhes Deus deu, e dará mais adeante. *Quod ipsis concedere dignitur: contra.*

Dos inglezes morreram... e foram feridos dezeseis. As novas, senhor, são:—um bom navio pequeno em que vinham quarenta e cinco lanças, e

outros tantos flecheiros aportou a Setubal em salvo, segundo ouvi dizer: *ab incerto authore;* uma nau outra vinha em companha d'estas, em que vinham cento e cincoenta lanças com seus flecheiros, e por fortuna copartiu-se d'estas, e segundo crêem estes será já no Porto, onde estes quizeram aportar, e Deus não quiz por mandar má Paschoa aos das galés.

O mestre de Santiago e Lourenço Fogaça fizeram por Portugal e os reis d'elle liga e confederação com a casa e reis de Inglaterra, e d'aqui hão a ir dez galés pagadas á custa de Portugal, e da la hão a vir setecentas lanças pagadas á sua custa.

Estas novas me disse Silvestre Estevens, e estas mandou a el-rei. *Alia non sunt digna relatu. Dominus vos conservet feliciciter, e longave.*

Peço-vos por mercê que me hajades por vosso.

Escripta tres dias d'Abril.

CAPITULO V

Como o Condestabre partiu pera o Porto, e das razões que disse aos seus.

ORDENOU el-rei de se ir ao Porto por conselho do condestabre, com intenção de cobrar alguns logares, dos que n'aquella comarca d'entre Douro e Minho tinham voz por el rei de Castella, e antes que partisse de Coimbra, porque não tinha boa suspeita de Gonçalvo Mendes de Vasconcellos, especialmente por ser devido da rainha

D. Leonor, teve que era bem de lhe tomar d'aquella cidade o castello, e dal-o a outrem de que fosse seguro, e fallou com Vasco Martins de Mello, que como o visse fóra do castello, que entrasse dentro e o tomasse, e Vasco Martins fel-o assim, da qual cousa, posto que muito desprouguesse a Gonçalo Mendes, pero el-rei o contentou de tal guisa, com outras mercês que lhe fez, que foi todo pacificado, nem Mem Rodrigues, nem Ruy Mendes seus filhos, que tempo haviam que andavam com el-rei, não fizeram d'esto grande conta, porque se arreceavam de poder seu padre fazer alguma cousa com aquelle castello, de que a elles podesse vir prasmo e pouca honra. Entonce o deu el rei a Lopo Vasques de Sequeira, commendador mór que depois foi d'Aviz, que sempre o teve até sua morte.

Estando el-rei n'este proposito, chegou-lhe recado de Lisboa como da frota d'el-rei de Castella era já gran parte ante a cidade, e que mui cedo seria hi toda; e el-rei contou este recado ao condestabre que lhe viera, e fallando com elle que maneira lhe parecia que se devia em ello ter, com bom desejo que havia de o servir, respondeu entonce, e disse que sua mercê fosse de lhe dar licença, e gentes algumas, que razoadas fossem, que com as que elle tinha, e com ellas por lhe fazer serviço, que elle iria pelejar com a frota, e el-rei respondeu que lhe agradecia muito, dizendo que aquella era a sua vontade, ainda que lh'o até entonce não tivesse dito.

Deu-lhe entonce recado pera a cidade do Porto, e elle partiu logo de caminho pera ir a concertar sua ida, e quando chegou lá, achou sua mulher e sua filha D. Beatriz, que depois foi condessa, que pouco havia que viera de Guimarães, onde por tem-

po foram reteudas, porque o logar estava por Castella, e um fidalgo parente d'ella, que chamavam Gonçalo Pires Coelho, que estava no castello do dito logar as trouve ao Porto furtivelmente, e se tornou a Guimarães.

O conde foi mui ledo de vêr sua mulher e filha, e com toda sua ledice não lhe esqueceu o que el-rei mandava fazer, e fez chamar todos os melhores da cidade, e os mareantes a que esto pertencia, e fallou com elles o porque el-rei o havia mandado, e havido seu conselho, e dada depois a resposta ao conde, acharam que não se podia fazer, que fosse com honra do reino e serviço d'el-rei.

Entonce cuidou o conde em sua vontade de ir em romaria a Santiago de Galliza, e esto por tres razões, a primeira por fazer serviço a Deus, a segunda porque todos os logares d'aquella comarca estavam por Castella, e trabalhar de tomar alguns, a terceira porque a mór parte dos seus iam desencavalgados e vêr se os poderia encavalgar por a terra que é de muitas bestas. Esto determinado em seu entendimento, fez juntar os mais dos homens d'armas que comsigo levava, dentro no mosteiro de S. Domingos, e fallando a todos propoz d'esta guisa:

— « Amigos meus, eu entendo, com ajuda de Deus, de vos levar a tal terra, onde todos sejaes abondados e acheis as cousas que vos mister fizerem, e pera forragem em começo de vossa partida, vos pagaram logo soldo d'um mez, ca por ora não ha hi mais dinheiro, de que se pagar possa, e com esto vos rogo que vos façaes prestes sem poer em ello alguma detença, e não vos annojeis por ser pouco, que prazendo a Deus vos ireis a terra aonde acheis o que vos cumprir, e rogo-vos muito e encommen-

do-vos que emquanto andardes pelo reino, não que a el-rei meu senhor façam guerra, antes lhes despraz muito d'ella, mas não podem mais fazer quanto é dos mantimentos, tomae aquelles que se escuzar não poderem, e das bestas por onde as achardes, tantas de que vos encavalgueis, e rogo-vos amigos, quanto posso que todos vades bem enfestados e amigos, e sem malquerença uns dos outros, e por esto vos ajudará Deus muito mais e vos fará vencedores de vossos inimigos, que sede bem certos que se d'esta guisa fordes, que posto que venham a vós mil lanças nem duas mil, nem ainda todo o poder de Castella, que sem receio havendo fiuza em Deus, vós podereis pelejar com elles; e pois não tendes villas nem castellos a que vos acolhaes, senão todavia aguardal-os no campo. Esto que vos encommendo deveis ter muito em vossas vontades.

A esto responderam todos os escudeiros e homens d'armas que presentes eram, dizendo que de todo o que dissera lhes prazia muito, e que assim o entendiam de fazer, sem lhe declarando porém o conde que terra haviam de levar.

CAPITULO VI

Como o condestabre tomou o castello de Neiva.

Depois que o conde por estas breves palavras notificou aos seus toda sua intenção, partiu um dia depois do comer, por ir dormir a um logar que chamavam Leça, que é uma grande legua do Porto, levando comsigo cento e cincoenta escudeiros encavalgados e mais não, e d'alli se juntaram todos os seus a elle, que iam de pé armados; e indo já fóra da cidade seu caminho, a sua azemula da cama sahiu detraz de toda a gente e sahindo por uma porta da cidade, que chamam do Olival, por onde o condestabre sahira, a azemula com a cama caiu morta em terra; o que todos os que o viram e houveram por maravilha e signal d'alguma cousa; e alguns levaram estas novas ao condestabre ao caminho onde ia, dizendo lhe, que por aquello não era bem ir mais adeante, e que se tornasse em toda guisa.

E elle desprezando todo o agouro e pensamento vão, que algum sobre esto podia cuidar, disse que não curava d'aquello, e mandou que pozessem a cama em outra besta e que se fosse em poz elle, e dizem que logo aquelle dia haveiu assim que acerca d'aquella porta, onde a azemula morreu, o espirito maligno tomou um homem e fallou d'elle muitas cousas entre as quaes disse, que elle matára aquella azemula cuidando que por amor d'ella o condestabre não fosse mais adeante, onde havia de

fazer muito boas cousas, e que elle tão grande fé levava comsigo que se lhe não torvou nenhuma cousa, nem leixou de continuar seu caminho, e que se rependia do que tinha feito, pois que mais não aproveitara.

O conde chegou a Leça e dormiu hi essa noite, e em outro dia partiu do logar. E indo pela comarca, se vieram pera elle quarenta homens d'armas de bons escudeiros, assim gallegos como portuguezes, dos que estavam pelos logares que por Castella tinham voz, e muitos homens de pé.

E ao conde prougue muito com elles, e lhe deu de si grande gazalhado e bom acolhimento, e isso mesmo lhe vinham muitas bestas porque sabiam que levava suas gentes desencavalgadas, as quaes elle logo repartia segundo a cada um fazia mister, de guisa que quando chegou áquem Darque, que são d'alli oito leguas, já com elle iam bem quatrocentas lanças encavalgadas com bacinetes levantados.

E indo assim seu caminho chegaram um dia a horas de vespora, a par de um logar que chamam Neiva, que são sete leguas do Porto, castello muito forte e bem defendente, que tinha voz por Castella; no qual estava por alcaide um genro de Lopo Gomes de Lyra, e como foram alojadas as gentes do condestabre, se foram acerca do castello por escaramuçar com os do logar, não sabendo o conde d'esto parte; e em se envolvendo uns com os outros, vieram-n'o dizer ao conde, e elle foi logo lá pera o tomar se podesse, e combatendo-o mui rijamente de toda a parte, deu um virotão ao alcaide pela visagem do bacinete, que logo foi morto, e o castello entrado por preitezia, e a mulher do al-

caide, filha de Lopo Gomez, se veiu ao condestabre, pedindo-lhe por mercê que lhe não fosse feito nenhum desaguisado, e que sua honra fosse guardada, e elle respondeu que lhe prazia muito, e que não houvesse nenhum receio.

E outro dia pela manhã a mandou honradamente com certos homens de pé e de cavallo a Ponte de Lima, que eram d'alli quatro leguas, onde seu padre estava por fronteiro, da parte d'el-rei de Castella, e foi o castello de Neiva roubado de bestas e dinheiros, e roupas e alfaias, e outras muitas cousas que em elle estavam, e leixou o conde por guarda d'elle Pedro Affonso do Casal com certos homens d'armas e de pé.

CAPITULO VII

Como o Conde tomou Vianna

Tomado assim o castello de Neiva, sem mais tardança, no seguinte dia, partiu o conde pela manhã com a sua gente e chegou bem cedo a Vianna, que era uma legua de Neiva, a qual tinha voz por Castella, e estava em ella por alcaide um irmão de Lopo Gomes, que se chamava Vasco Lourenço de Lyra, e começou de a combater afincadamente por todas as partes, vindo muitos homens da terra ajudal-o a este combate ; e pozeram fogo ás portas da villa, de guisa que arderam todas, e por o combate ser afincado, e mui porfioso, foi derribado Diogo Gil, alferes do condestabre, e

morto de um canto que deitaram de cima, um bom escudeiro, que chamavam Fisos, que era o mór homem e mais valente que havia, não sómente no reino, mas em toda Hespanha, criado d'el-rei D. Fernando, de que ao conde pezou muito.

O alcaide em se defendendo deram-lhe com um virotão pelo rosto, e sentindo-se ferido, e as portas da villa que ardiam já, entendeu que não havia em ello conselho, senão ser entrado por força, e não o podendo mais soffrer, preitejou que cessassem do combate e que sahissem, elle e os outros, em salvo com todo o seu, e que lhe daria o logar, e ao conde aprougue d'ello, e houve logo a posse d'elle, e foi a esse dia pouzar dentro e algumas de suas gentes.

Vasco Lourenço, o alcaide, se foi com os seus a Ponte de Lima, onde seu irmão Lopo Gomez estava, e quando o viu ir assim desbaratado mandou-o logo a Braga, e levou recado que lhe entregassem o castello que Lopo Gomez tambem tinha por el-rei de Castella.

CAPITULO VIII

Dos logares que se deram ao condestabre sem peleja e de seu grado.

HAVENDO tres dias que o condestabre tomara Vianna, rogando aos moradores do logar que fossem bem firmes e assocegados em serviço d'el-rei seu senhor, e que fizessem juizes e officiaes em seu nome d'elle; propoz todavia de ir a

Galliza, terra de Castella, e des-ahi a Santiago, como tinha ordenado, e movendo seu caminho pera lá, os homens bons de Villa Nova da Cerveira, que eram d'ahi quatro leguas, e isso mesmo os de Caminha, sabendo como elle tomára por força Vianna e o castello de Neiva, que eram tão fortes, temendo-se de irem sobre elles, mandaram-lhe pedir por mercê que o não fizesse, mas que mandasse quem recebesse os logares, e logo lh'os entregariam, ca elles portuguezes eram, e queriam ser servidores d'el-rei e do reino; e d'esto foi o conde mui ledo, e deu muitas graças a Deus por tão bem encaminhar seus feitos, e mandou lá certas gentes receber os logares e poer n'elles guarda, qual cumpria a serviço d'el-rei, e indo mais adeante chegou ao rio de Minho, e por não se poder passar se apozentou em uma boa aldeia acerca d'elle. E ahi lhe chegou recado de Monção, que outrosim estava por Castella, porque lhe enviaram dizer os do logar que lhes era dito que queriam ir sobre elles, e que lhe pediam por mercê que não fosse a ello, ca elles verdadeiros portuguezes eram e queriam ser, e que elle mandasse receber a villa pera el-rei, e logo lh'a entregariam com boas vontades, pela qual razão elle mandou logo receber o logar, e foi-lhe entregue e posto em elle recado, qual cumpria a sua segurança.

Ora fique o conde em esta aldeia cuidoso assaz pera buscar vau, e nós vamos pera el-rei a Coimbra, e tragamol-o ao Porto.

CAPITULO IX

Como el-rei chegou á cidade do Porto, e foi recebido dos do logar.

Partiu el-rei de Coimbra pera o Porto, como tinha ordenado, que eram d'alli dezoito leguas da cidade, onde nunca fôra, nem a logar aonde a devisar podesse.

Esta cidade é situada junto com o rio, a que chamam Douro, na qual se fazem muitas e boas naus e outros navios, mais que em outro logar que no reino haja.

E' mui profundo este rio, e vae acerca d'ella, de guisa que do sisbordo da nau põem prancha em terra quando querem ir pera dentro aquelles a que aprouguer de o fazer. Os d'esta cidade sabendo que el-rei havia de vir a ella, fizeram-se prestes de o receber, estabelecendo por mandamento que nenhum uzasse de seu officio, e que todos aquelle dia cessassem dos acostumados trabalhos, o qual recebimento ordenaram d'esta guisa:

Todas as naus que eram no rio, muito cedo pela manhã, foram apendoadas de bandeiras e estandartes, e postos muitos verdes ramos em certos logares, onde cada um entendia que podia melhor parecer. Os bateis d'ellas andavam todos enramados, com trombetas e pendões d'avante e de ré, fornidos d'homens que os bem remavam, d'elles em camisas com sombreiros de rosas e outros de libré de ra-

mos e flôres, segundo se cada uns melhor correger podiam.

As gentes da cidade, carecentes de todo nojo, e com as melhores vestiduras que cada um tinha, se viam andando por toda a parte, trigando-se correger tão bem, que não podessem ser prasmados.

As ruas por onde elle havia de ir até os paços onde havia de pouzar, eram estrados de ramos e flôres e hervas de bons cheiros, de guisa que do chão não parecia cousa nenhuma. As portas das casas d'estas ruas eram todas abertas e enramadas de louros e d'outros frescos ramos d'elles que pendiam onde cumpria, outros tecidos tão espessamente que não leixavam logar que todo não fosse coberto, e esto podiam bem fazer n'aquelle tempo, que era no mez de maio, e forçava-se cada um de vencer seu visinho por corregimento de portal e sobrado, poendo ás portas defumuras de tantos e nobres cheiros, que bem podiam afugentar qualquer mau ar que fosse corrupto.

A's janellas lançavam pannos e mantas e outras roupas, que aformosentavam muito as ruas, pelas quaes andavam certos homens, que d'esso tinham especial carrego, fazendo afastar e correger toda a cousa sobeja ou minguada que torvar podesse sua boa ordenança. As janellas das casas todas eram occupadas com formosas donas e mulheres d'outra condição, com grão desejo e amor de o vêr, assim guarnidas de taes corregimentos, que fealdade e mau parecer não ouzou aquelle dia entrar na cidade. Em certos logares havia bandos de mulheres que cantavam cantigas, e cordas armadas pera treparem homens que o bem sabiam fazer, quando el-rei alli chegasse.

Aos misteres e outra muita gente eram encommendadas danças e jogos d'outras maneiras, em que andavam velhos e mancebos, todos em leda vontade.

As mulheres isso mesmo em seu bando, fizeram pellas muito bem corregidas, as quaes acompanhavam com muitas cantigas d'ellas feitas, em louvor d'el-rei, e outras acostumadas, não sómente as de meão estado e condição, mas muitas das boas da cidade andavam com ellas por honra da festa.

A' porta por onde el-rei havia de vir, estavam muitos cidadãos honradamente vestidos com guarnimentos d'ouro e prata, e muito outro povo, foram com a insignia da cidade, uns com varas nas mãos pera reger os jogos como el-rei chegasse, outros pera ir em sua companhia até os paços onde havia de pousar.

Não com menos sentido de o receber honradamente se fez prestes com sua cleresia o honrado D. João, Bispo d'essa cidade, honesta e ricamente em pontifical vestido, isso mesmo todos os outros festivalmente com os melhores corregimentos que tinham, e sendo todos assim aguardando cada um em seu logar, pareceu a gente d'el-rei da parte d'além da Gaya, por onde el-rei havia de vir, e os bateis que andavam caleando pelo rio, foram logo alli mui prestes com grandes apupos e grande tanger de trombetas, mostrando grande ledice, entre os quaes era um grande e formoso batel ricamente corregido e toldado, em que el-rei havia de passar, e como el-rei entrou com esses fidalgos e das outras gentes quantas poderam caber n'aquelle e nos outros bateis, começaram todos a vogar ao longo do rio. O d'el-rei deante muito apendoado, e os ou-

tros todos de traz, que era grande prazer de vêr. E á porta de Miragaya onde o estavam attendendo, como diziamos, sahiu el-rei em terra por uma larga e espaçosa prancha, onde o beijar da mão e mantenha-vos Deus Senhor, era tanto, que não podiam haver vez de cumprir suas vontades, e depois de um bom espaço que se n'isto detiveram, fallou um cidadão a que d'esto era dado carrego, e disse:

— «Senhor, tomae esta insignia em vossas mãos, e por ella nos poemos em vosso poder, e vos fazemos preito e menagem de vos servir com os corpos e haveres até despender as vidas por honra do reino e vosso serviço.»

El-rei emquanto elle esto disse teve as mãos na haste d'ella, dizendo que assim era elle prestes pera despender a vida e corpo por honra do reino e defensão d'elles, e que os havia por bons e leaes, e lhe faria muitas mercês quando lhe por elles requeridas fossem.

Entonce começaram a reger suas danças e jogos, nos quaes mui a meude em mui alta e clara voz bradavam, dizendo:

«Viva el-rei D. João, viva.»

El-rei ia muito passo pela cidade, que não podia d'outra guisa, porque a gente era tanta pelas ruas pelo vêr, que parecia que se queriam afogar, e as donas que estavam ás janellas fallavam altamente que o mantivesse Deus muitos annos e bons, e que muita fosse sua vida e boa, e outras taes razões, e em dizendo esto lançavam de cima muitas rosas e flôres, milho e trigo e outras cousas. A qual festa e recebimento d'esta guisa feito, demovia muitas d'ellas a regar suas formosas faces com doces e apraziveis lagrimas, e assim foi el-rei levado com

este prazer e ledice aos paços onde havia de pouzar, e as gentes se tornaram festejando cada uns pera suas casas, e em esse dia depois de comer lhe foi fallar a mulher do condestabre, a qual elle nunca vira nem ella a elle.

El-rei a recebeu mui bem, e lhe fez grande agasalhado e honra; e são alguns que dizem que ante que se d'elle partisse lhe fez el-rei mercê pera ella e pera seu marido, de Bouças e terra de Basto e de terra de Pena e de Barroso e mais de Barcellos e de Penafiel de Bastos; e que de todo lhe mandou logo fazer cartas e privilegios, quaes pera esto cumpriam. Mas nós engeitamos tal opinião, e aprovamos aquella que diz que estas terras e outras que foram dadas ao condestabre quando el-rei depois da batalha lhe deu o condado d'Ourem e Barcellos, como depois ouvireis.

CAPITULO X

Como el-rei ordenou de tomar Guimarães.

Estando el-rei assim no Porto, e Guimarães por Castella, como já ouvistes, estava por alcaide e fronteiro do logar, Ayres Gomes da Silva, com oitenta escudeiros, bons e bem fidalgos, assim como Gonçalo Pires Coelho, e Gonçalo Marinho, genro d'Ayres Gomes, que estava esposado com sua filha; e Ayres Gomes o moço, e Alvaro de Tor de Fumos, bem afamado homem d'armas, e

outros escudeiros da comarca, gallegos e castellãos assaz d'elles por sua defenssão.

Este logar de Guimarães é forte e bem defensavel, assim a villa que tem duas cercas, como o castello sobre si.

Ayres Gomes era já deoso e adorado, posto nos annos da madura velhice, e era o mais honrado de sua linhagem, e fôra aio d'el-rei D. Fernando; havia formoso e bem parecente corpo, e trazia gran casa de fidalgo, e sua mulher era castellã, chamada D. Urraca Tenorio, irmã de D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo.

Ora assim é que na villa havia um bom escudeiro que chamavam Affonso Lourenço Carvalho, que era o melhor e mais honrado do logar, e tinha um seu tio que andava com el-rei, que havia nome João Rodrigues Carvalho, e outros seus dividos que andavam com o arcebispo de Braga D. Lourenço, e porque elle era o maior dos moradores da villa, e trazia estes dividos com el-rei receava-se d'elle muito Ayres Gomes, e punha em elle gran suspeita, em tanto que lhe mandou dizer um dia que se com elle não queria guerrear, nem outro arruido, que lançasse de si todos os seus e os mandasse pera onde quizesse ou para as quintas, e não trouvesse nenhum comsigo, ou jouvesse encarcerado em casa, e não sahisse fóra com elles, senão que lhe faria toda a má obra que podesse.

Affonso Lourenço era homem de escudeiros e homens de pé, e gran liança com os da villa por amizade e bemfeitoria, e era-lhe grave partir de si os seus e leixar a conversação dos amigos, pero vendo a necessidade do tempo, houve assim de o fazer.

Havia outro escudeiro que chamavam Payo Rodrigues, seu cunhado d'este Affonso Lourenço, e muito seu amigo, e pero fosse homem de escudeiros e de boa fazenda, não se arreceava d'elle tanto Ayres Gomes.

Em esto fallando el-rei um dia com o arcebispo D. Lourenço como se poderia haver Guimarães de salto e não por trabalho de cerco, respondeu o arcebispo e disse:

— « Isso, senhor, tendes vós mais prestes e melhor azado do que vós podereis cuidar.»

Entonce lhe contou o desvairo que entre Affonso Lourenço e Ayres Gomes havia, dizendo que escrevesse a Affonso Lourenço e a seu cunhado suas cartas quaes cumpria, e que lh'as encaminharia como houvesse o logar á mão.

El-rei mandou fazer as cartas quaes convinha a tal negocio, prometendo-lhe muitas mercês se esto pozesse em obra, as quaes lhe foram enviadas e dadas mui escuzamente, e na de Affonso Lourenço era conteudo que lhe viesse sobre esto fallar ao Porto, que são d'alli oito leguas, a uma horta que ia nomeada, acerca da cidade.

As cartas recebidas e visto seu recado, mandou-lhe dizer Affonso Loureço que lhe viria falllar a um dia certo, no qual el-rei fez que ia á caça, e apartou-se dos outros com Fernão Alvares, seu veador, e veiu-se áquella horta que devisado tinham, e achou Affonso Lourenço, com o qual folgou muito, e apartaram-se a fallar acerca da maneira como se bem podia fazer, por se dar melhor azo a sua obra, accordaram que segurassem quaesquer moradores de Guimarães, que viessem por mantimentos ao Porto.

Tornou-se Affonso Lourenço e fallou com Payo Rodrigues, e accordaram ambos porque guisa se podia dar a villa, e a entrada como havia de ser, veiu outra vez Affonso Lourenço fallar a el-rei áquella horta a um assignado dia mui escuzamente, o qual não achavam menos no logar, porquanto se faziam quatro e cinco dias que Affonso Lourenço não sahia de casa, e quando sahia andava só com cajado na mão, e este geito fez muito desfigurar a Ayres Gomes, e não ter d'elle nenhuma suspeita.

CAPITULO XI

Como el-rei tomou a villa de Guimarães.

Devisado o dia a que o logar fosse tomado, fallou el-rei isto com alguns fidalgos, dizendo que levassem os cavallos mais pouco rinchadores que tivessem, e levou comsigo até trezentos de cavallo, e mui poucos homens de pé, e ouviu missa e jantou cedo, e partiram aforrados sem outras azemulas nem corregimentos que levassem, e chegaram já muito noite á Veiga de São Redanhes, uma meia legua do logar, pequena, onde já Affonso Lourenço estava aguardando, e d'ahi os levou derredor, até o valle da deveza, que chamam Santa Maria, que é muito espessa d'arvores, que seria da villa, uns tres tiros de bésta, e alli fazia cada um quanto podia que sua besta não rinchasse, e porque um cavallo rinchou, mandou el-rei logo que o matassem.

Em esse dia que el-rei partiu, foi ordenado que tomassem todos os que iam pelos caminhos pera o Porto e vinham, que nenhum podesse dar novas, e quando Affonso Lourenço ia fóra do logar. Payo Rodrigues adereçava de dentro o que cumpria. Ora assim foi que este dia que Affonso Lourenço assim sahiu fóra sahiu com João Azedo, que tinha as chaves da porta que chamavam do postigo; dizendo que lhe rogava, por quanto elle assim andava só e queria trazer uma cuba em um carro, que lhe tivesse a porta aberta bem cedo, pelo nenhum não vêr.

O porteiro que d'esto não sabia porte, disse que lhe prazia, e Payo Rodrigues que o requereu pera ir vêr se vinha já seu irmão e elle que o tinha prometido abriu a porta mui cedo, e como foi aberta, Payo Rodrigues com os seus tomou o porteiro e esteve quedo, e poz homens que guardassem a porta, e outros no muro, por dar torva e embargo a alguns que se alli quizessem accorrer.

Em esto chegou Affonso Lourenço que não dormia, e tomou logo um grande canto que hi jazia junto de muito tempo, e encostou-o ao longo da porta, que se não podesse cerrar.

Começando já de alvorecer fez logo signal á atalaia, e a atalaia o fez a el-rei, e moveu logo á pressa a todo o correr. Ora um escudeiro de Ayres Gomes que se levantara cedo por ouvir missa, viu no muro homens desacostumados, e sentiu o tom do correr dos cavallos, e torvou-se todo e começou de bradar:

— «Castella, Castella.

Affonso Lourenço que andava aguardando el-rei, respondeu e disse:

— «Mas Portugal, Portugal».

Entonce se começaram de ferir ás espadas de von-

tade, e chegando os de cavallo já cerca, voltou o escudeiro o rosto por vêr quem eram, e Affonso Lourenço lhe deu um tal golpe que logo cahiu morto, e tambem foi morto o porteiro João Azedo, que tinha as chaves.

El-rei foi sempre com os dianteiros, e quando chegou á porta da villa, o primeiro que por ella entrou em cima do seu cavallo, foi aquelle ardido e famoso fidalgo de quem em cima é feito menção, que chamam João Rodrigues de Sá, o qual houve logo uma ferida pelo rosto d'alguns que já acudiam ao arruido, porém os da villa não tomaram armas, mas folgaram muito de assim ser feito, e Affonso Lourenço ia deante bradando altas vozes Portugal, Portugal, e nenhuns castellãos nem dos de Ayres Gomes haviam accordo senão de se porem em salvo, e João Rodrigues que bem sabia as ruas da villa e como o logar tinha outra cerca, encaminhou logo em cima do cavallo com sua lança na mão, chamando Portugal e S. Jorge, e esto por tomar a porta da segunda cerca, que se não acolhessem a ella os de Ayres Gomes que pouzavam pela villa, e ante que chegasse achou já ante si Alvaro de Tor de Fumos, aquelle bom homem d'armas que dissemos, com uns vinte escudeiros, entre homens d'armas e de pé, os quaes acaudelava e recolhia, e João Rodrigues vendo que lhe não cumpria metter-se só a cavallo entre elles, desceu-se logo a pé, e com a lança d'armas na mão os levava todos ante si, em guisa que se não ouzavam a ter com elle, e por se acolherem á villa iam-se retrahindo atraz, e nenhum portuguez acompanhava João Rodrigues, mas andavam pela villa roubando das cousas dos castellãos que achavam em casa dos hospedes, e quando João Rodri-

gues viu como se todos acolhiam pela porta e lhe não podia empecer como elle queria, com merencoria lançou a lança das mãos e arrebatou um castellão pelas pernas e assim o tomou e o trouxe preso perante el-rei, das quaes cousas foi mui louvado aquelle dia.

Em esto começou a gente de se alvoroçar pera combater a villa; el-rei os fez assocegar e aposentou-se a par da egreja de Santa Maria, nas casas do prior, e mandou que nenhum não roubasse nem tomasse nenhuma cousa aos moradores da villa, salvo aos que eram de Ayres Gomes, dos quaes (porque era hora que ainda todos jaziam quando el-rei entrou) muitos foram presos e roubados de cavallos, armas, e de quanto lhe achavam, e outros com pressa e torvação não acertavam a roupa de vestir, e d'elles fugiam em camisa, porém se lançavam no castello, e os da villa vieram beijar a mão a el-rei, recebendo-o por seu senhor.

CAPITULO XII

Como foi combatida a primeira cerca e Ayres Gomes preitejado.

El-rei depois de assocegado teve conselho de mandar dizer a Ayres Gomes que lhe quizesse dar o castello, e esto por todas as razões que a tal concerto podiam de mover, dizendo que bem sabia como era lidimo portuguez, elle e todo seu linhagem, e que por honra e bem da terra de

onde era natural, devia de trabalhar de a defender, posto que em ello nenhuma couza tivesse, mórmente ser em ella criado, como bem sabia, que trabalhar de ser contra ella e ser em ajuda de sua distruição lhe parecia couza estranha; que porém lhe rogava que da tenção que tinha se quizesse partir, e se viesse pera elle com sua gente, e que lhe promettia de accrescentar tanto em elle em honra e estado e accrescentamento de bens, que elle se houvesse por bem contente, ou que nomeasse logo quaes cousas praziam de lhe outhorgar, e que era ledo de o fazer. Mas não prestaram estas nem quantas razões lhe el-rei mandou dizer, porque outra resposta d'elle haver podesse, salvo que o não entendia de fazer, e isto fazia Ayres Gomes, porque entendia e cuidava de se defender, e quando se afincado visse, entendia de preitejar, e accorrendo-lhe el-rei de Castella, ou mandando-lhe accorrer, entendia que era muito sua honra e azo de seu grande accrescentamento, e por esto disse sua mulher e outros que o aconselhavam, estivessem em sua profia.

Entonce ordenou el-rei de combater a cerca velha, e fez vir do Porto engenhos e armas e gentes misteriaes, e todas as outras couza que pera combater faziam mister, e mandou fazer uma bastida sobre umas casas que eram ahi acerca, pera lhe tirarem d'alli ás béstas, e fizeram escadas de mão feitas de madeira pera poerem ao muro, e mandou fazer uma grande escala, que foi a primeira que el-rei fez, e ajuntaram muita lenha pera poerem fogo ás portas, e começando de arder, apagaram-n'o com agua de grandes cubas, que dentro tinham cheias, que por calles vinha alli sahir, e começou

de a combater um dia pela manhã, e o combate foi mui forte, e pozeram uma escada de mão ao muro com rodas, por que subiam dois par a par, feita de tres paus, e subiram por ella alguns bons fidalgos, e ia deante João Rodrigues de Sá, e Ruy Mendes de Vasconcellos, e combatendo por toda a parte, os de dentro se defendiam mui bem, e vendo Alvaro de Tor de Fumos como n'aquelle logar estava a escada, e subiam por ella quantos podiam, veiu-se alli armado de umas folhas e um loudel e um grojal de malha, e um bacinete de canal em cima, e uma adusa de madeira ante elle, e um escudo no braço, e poz-se entre ambas as ameias, onde a escada estava posta, e d'alli deitava muitas pedras que lhe davam os do muro; e quando viu assim subir tão sem medo, e que João Rodrigues era já acerca das ameias, deitou um grande canto, e deu na cabeça a João Rodrigues, e deu com elle e com todos os outros em terra, e quebrou a escada, e se não fôra que ia bem armado de cabeça fôra morto, e rebentou-lhe o sangue pelos olhos e narizes e orelhas, e boca, e pelas partes vergonhosas do fundo, e por espaço grande não foi em seu accordo, e cuidaram que era morto, e foram muitos feridos, e emquanto assim combatiam, tiravam a Alvaro Tor de Fumos assim do chão, como da bastida, com grandes e fortes béstas, e nenhum virotão lhe empecia, porque estava armado: mas ficavam muitos apegados em elle, e depois que a escada cahiu por aquecimento, lhe deu um virotão pela palma da mão, e elle deu com a mão no escudo, e deitou o virotão pera outra parte, e entonce se desceu, e el-rei mandou arredar a fóra seus artificios de combater, pera mandar correger as escadas e lhe dar outro combate.

Ayres Gomes quando isto soube, receando-se de o esperar, moveu preitezia a el-rei, a qual concordada entre elles, ficaram d'esta maneira. Que se lhe el-rei de Castella não accorresse ou mandasse accorrer até trinta dias, que lhe desse o castello, e que se fosse cada um em salvo, elle e sua mulher, e todos os seus com todo aquello que tivessem, e que nenhum do castello emquanto este prazo durasse não sahisse fóra a fazer nojo aos portuguezes nem metesse dentro nenhumas viandas, e metendo alguns mantimentos que a tregoa fosse quebrada e el-rei os podesse combater, e por segurança d'esto deu em arrefens Ayres Gomes a Gonçalo Pires Coelho, e outro escudeiro, onde aqui são alguns que dizem que passados oito dias depois do praso sahiram os do castello a fazer nojo aos do arraial, e que el-rei com queixume d'esto mandou dar ás trombetas, e lhe deu um grande combate, em que pozeram fogo ás portas e entraram dentro com elles na cêrca, e se recolheram ao castello, e que entonce preitejou Ayres Gomes, e outras taes razões. Mas o que esto escreveu mal viu o texto d'este evangelho, ca esta historia não passou assim mas a verdade foi d'esta guisa:

Sendo já preitejado Ayres Gomes com as condições que dissemos, e tendo já dias havia mandado com recado a el-rei de Castella, Gonçalo Marinho seu genro, levantou-se um dia voz entre os portuguezes dizendo que os do castello metiam cabras e outros gados dentro, e que quebrantavam a preitezia, e começaram de bradar altas vozes: armas, armas; e que os combatessem, e começaram á pressa a levar lenha, e poer fogo ás portas, e escadas do muro, e os de dentro como esta-

vam despercebidos, não se podiam tão á pressa correger que primeiro não fossem entrados e queimadas as portas da villa.

El-rei jazia a estas horas dormindo a sesta, e acordando ao grande arruido, perguntou que era aquillo? E disseram-lhe como os seus combatiam a villa, e que a tinham já entrado por força.

El-rei houve grão queixume, por quebrantarem a preitezia, não sabendo elle parte que Ayres Gomes o culparia muito, tendo que era por seu mandado, e foi pera lá trigosamente, e achou muitos dos seus dentro, e posto fogo por partes do logar, e queixou-se muito contra elles, dizendo que mereciam de os deitarem no fogo que pozeram, pois lhe de tal guisa fizeram quebrar sua verdade, e sendo já todos da cerca colheitos ao castello, mandou el-rei atalhar o fogo e apagal-o, e veiu-se el-rei pera onde pouzava, e ficaram muitos dos seus n'esta segunda cerca, e este foi o azedo combate d'aquella segunda vez, e não outro nenhum.

El-rei tendo sentido do que os seus fizeram, mandou-se desculpar a Ayres Gomes, e não quiz crêr sua desculpação, porque Ayres Gomes dizia que se aquello fôra feito contra sua vontade, e lhe não prazia d'ello, como elle rezoava, que lhe leixasse sua cêrca, e se fossem os seus todos fóra, e que elle se queria compoer com a perda e damno que lhe fizeram, e lhe fôra feito, e que entonce entenderia que era assim.

El-rei respondeu que tal cousa como esta não faria, que se lh'a elle havia de dar, que já era dada, e que se outra vez a havia de tomar, que tomada a tinha.

Ayres Gomes vendo tal resposta entendeu que

lhe prouvera do que lhe os seus tinham feito, entonce britou a preitezia. Entonce mandou el-rei combater outra vez com seus artificios e tiramento d'engenhos, e elles defendiam-se mui rijamente, e sua mulher de Ayres Gomes andava com as abas cheias de pedras pelo muro, dando-as aos que se defendiam.

Os de cima vendo-se mui afincados e não o podendo soffrer, tornaram-se á preitezia primeira, aguardando que lhe viesse soccorro.

CAPITULO XIII

Como se escusou el-rei de Castella de não accorrer Ayres Gomes e foi entregue a villa a el-rei de Portugal.

Chegou Gonçalo Marinho a Castella, á cidade de Cordova, onde el-rei estava ajuntando as mais gentes que podia pera fazer sua entrada, e contou-lhe como a villa de Guimarães fôra tomada, e como Ayres Gomes sendo cercado fôra combatido de engenhos e de bastidas e d'outros artificios a tal obra pertencentes, de guisa que se viera a preitejar a certos dias a que o fizesse saber a sua mercê e á rainha D. Beatriz, sua mulher, em cujo nome elle tinha a villa, e que lhe pedia por mercê que lhe accorresse, ou mandasse accorrer, ou lhe quitasse a menagem que por o logar feita tinha, que se não podia mais defender.

El-rei ouvindo estas e outras razões disse que já

sabia, e bem em certo era como o Mestre d'Aviz, que se chamava rei de Portugal, havia entrado na villa de Guimarães, e como Ayres Gomes e os que com elle estavam foram mui afincados de combates, que lhe haviam feitos, e que elle tinha a Ayres Gomes, e os que acertaram a ser com elle em aquelle cerco em mui assignado serviço quanto trabalho alli haviam soffrido por amor d'elle e por serviço da rainha sua mulher, mas que por tal villa e castello como o de Guimarães, que ainda que fosse muito melhor, que não era sua vontade de tal cavalleiro como era Ayres Gomes, nem taes fidalgos como com elle estavam, se houvessem de perder, e disse entonce contra Gonçalo Marinho, que bem via elle como ajuntava as mais das gentes de seu reino que haver podia pera entrar em Portugal, pera accorrer a Ayres Gomez da Silva e a outros fidalgos que tinham villas e castellos de sua parte e da rainha D. Beatriz, sua mulher, e mais que mandára já sua frota, naus e galés sobre Lisboa por lhe tomarem o porto e não poder haver accorro de mantimentos nem gentes, e que não entendesse elle, nem outro nenhum que se elle partira de Portugal por espaçar muito tempo de cedo não tornar a elle e ganhar todo o que leixara, posto que fosse com grandes trabalhos e despezas e gastamento de seus reinos, não o podia nenhum prasmar do que até alli fizera, salvo se fosse algum não discreto. Mas que o termo que Ayres Gomes tomára, fôra tão pouco, que por estas cousas de presente elle não havia poder-lhe accorrer, ainda que quizesse, e que pois tal preito fizera com o Mestre d'Aviz, que lhe entregasse o dito logar de Guimarães de guisa que Ayres Gomes e os que com elle estavam sahissem em salvo e se

viessem pera sua mercê, ca elle entendia com ajuda de Deus mui cedo em pouco tempo cobrar o reino de Portugal, que contra seu serviço estava revel, e os logares todos tornar-se-hiam a cujos eram.

Gonçalo Marinho quando viu esta resposta tornou-se com recado a Ayres Gomes, o qual vendo o mandado d'el-rei de Castella desamparou o logar e foi-se como no trauto era conteudo, e foi esto no começo do mez de Junho, porém alguns dos seus não quizeram ir com elle e ficaram com el-rei, assim como Alvaro Dias d'Oliveira, e Lopo Affonso de Penalva, e Gonçalo Rodrigues Carvalho, e outros bons escudeiros e homens de pé, até cincoenta e tres, aos quaes el-rei perdoou do caso menor até o maior, e lhe mandou entregar seus bens se dados eram, mas não os que lhe foram tomados na entrada da villa.

Ayres Gomes era velho e não bem são, e levaram-n'o fóra em colos d'homens, e poucos dias depois d'esto morreu aqui no reino, e deu el-rei seus bens e de sua mulher a Mem Rodrigues de Vasconcellos e a Lopo Dias d'Azevedo, e a João Gomes da Silva, e a villa deu ao condestabre. D. Urraca foi-se pera Castella, e seu irmão não quiz consentir nos esposorios de sua sobrinha com Gonçalo Marinho, por se d'elle não contentar, e quitou-a d'elle dizendo que era menor de edade quando esposara, e a casou com outro, e Gonçalo Marinho, com queixume d'esto, fez-se frade de S. Francisco, e assim acabou sua vida.

CAPITULO XIV

Como a cidade de Braga foi tomada

Estando em Braga Vasco Lourenço, irmão de Lopo Gomes, depois que perdeu Neiva, como tendes ouvido, mantinha voz por el-rei de Castella, entendeu estava alli seguro, e n'aquelle dia que Guimarães foi tomado começaram os da cidade de Braga haver razões com os do castello, que andavam pelas ruas, sobre estas cousas que el-rei e o condestabre faziam; em tanto que vieram haver arruido com elles, e começaram jogar ás cutiladas e ás lançadas bradando os de fóra por appellido Portugal, Potugal por el-rei D. João, até que encerraram os do castello dentro em elle, e começaram-lhe logo de tirar com quatro engenhos que hi estavam, e logo em esse dia mandaram dizer a el-rei a Guimarães, que era d'ahi tres leguas, que viesse á cidade, que já a villa estava por elle, e que viesse tomar o castello, antes que houvesse algum accorro. El-rei esse dia por noite mandou lá Mem Rodrigues de Vasconcellos e Martim Paulo Gascon, cavalleiros, com gentes quantas cumpria, e escreveu logo ao condestabre, que estava ainda na aldeia onde o leixamos, a par do Minho, com certos homens bons de Braga, e lhe enviaram dizer que já Braga estava por elle, que fosse tomar o castello, e que por quanto Vasco Lourenço o tinha por seu irmão Lopo Gomes, e lhe podia mandar algum accorro, que lhe mandava que

logo á pressa se viesse á cidade e trabalhasse de a tomar.

O condestabre como tal mandado houve d'el-rei, prouve-lhe muito d'ello, especialmente pelo embargo que havia de não poder passar o Minho; e logo sem mais tardança á pressa partiu com suas gentes per junto com Ponte de Lima, onde estava Lopo Gomes, e chegou a Braga e apozentou-se na villa, que já estava por el-rei.

Em outro dia mandou dizer a Vasco Lourenço que lhe entregasse aquelle castello pera seu senhor el-rei, e Vasco Lourenço lhe enviou dizer que o não faria por nenhuma guisa.

Entonce ordenou o conde de o combater, e mandou-lhe tirar com aquelles quatro engenhos que achou na cidade, os quaes lhe tiraram continuadamente por espaço de duas noites e um dia, de guisa que eram dentro no castello alguns mortos e feridos.

E vendo Vasco Lourenço que o não podia mais soffrer, e que em elle não havia defensão, mandou mover preitezia com o condestabre, pedindo-lhe por mercê que o leixasse ir em salvo, e aquelles que com elle estavam com todo seu, e que lhe daria o castello, e ao conde prougue e recebeu-o logo, e elle sahiu d'alli com tão pouca honra, como partiu de Neiva, e o conde ficou em posse da cidade.

CAPITULO XV

Como se azou o começo pera Ponte de Lima se tomar.

Leixando a notoria contradicção d'alguns, que d'esta tomada fizeram historias, e affirmando a certa vontade, o modo e azo como el-rei cobrou, foi d'aquesta maneira.

Em Ponte de Lima estava por fronteiro Lopo Gomes de Lyra, criado d'el-rei D. Fernando e meirinho mór d'aquella comarca, e tinha hi a mulher e os filhos mantendo voz por el-rei de Castella. Este havia comsigo muitos bons escudeiros e assaz homens de pé e bésteiros bem oitenta, e d'outra gente assim do logar como do termo, que pera sua defensa havia ahi que abundassem, entre os quaes eram ahi com elle Rodrigo Ennes de Araujo e Garcia Rodrigues de Ledesma, e Fernão Caminha de Ruivos, e Diogo Gil Sarrazinho e outros escudeiros afamados que não curamos de nomear.

Tem uma grande e formosa ponte comprida e espaçosa de muitos pilares, por azo de um rio que chamam Lima, que corre junto com ella, e doze torres que ha no logar eram todas muradas e fornecidas do que cumpria; e gentes pelo muro, sempre que nunca se d'elle partiram, salvo de noite, e todas as portas estavam cerradas com pedra, senão a da ponte por onde se serviam, tendo muitos mantimentos e bem seguros de nenhum contrario que lhe havir podesse.

Em ella morava um bom escudeiro chamado por nome Estevão Rodrigues, e um dia estando na praça quando o Mestre foi alçado rei em Coimbra, Gonçalo Lopes da Gaya com Pero Veloso e outros escudeiros de Lopo Gomes, começaram de fallar com Estevão Rodrigues no alçamento d'el-rei, na festa que lhe fôra feita, e em outras cousas que a esto pertenciam, das quaes elles escarnecendo se soltaram em desmesuradas palavras contra el-rei. Estevão Rodrigues havia pezar e não ouzava responder, porém com merencoria disse:

— «Quereis que vos diga, Gonçalo Lopes, por ventura este de quem vós escarneceis ainda vos ha-de lançar o agraço no olho».

E com estas e outras razões se despediram d'elle bem mal contentes de tal fallar, e Lopo Gomes soube parte d'estas razões, e desprazendo-lhe do que dissera Estevão Rodrigues, mandou-o metter na cadeia. Seus parentes e amigos foram fallar a Lopo Gomes, por elle, e fizeram-n'o soltar, e elle solto e sentindo-se d'esta deshonra, fallou com Lourenço Rodrigues, seu irmão, e com Garcia Lopes, seu parente, que vivia com Lopo Gomes, e com outros até oito, que pois que portuguezes eram, e rei tinham por natural do reino, que lhe dessem aquella villa, e indo todos n'este accordo, por segurança de seu segredo foram fazer juramento e promessa a uma ermida alongada do logar uma meia legua.

Este outhorgamento assim feito, mandaram chamar a Guimarães, que são d'alli oito leguas, um frade de S. Francisco, natural d'aquelle logar, que chamavam Frei Gonçalo de Ponte, e por elle mandaram dizer a el-rei ao Porto onde ainda estava, que elles tinham ordenado de lhe dar o logar, e

como elles vissem tempo azado pera se poer em obra, que lh'o fariam saber.

El-rei foi mui ledo com este recado e disse que lh'o agradecia muito e tinha em grão serviço, e que lhe rogava, pois tão boa cousa tinham ordenada, que se trabalhasse de a poer em obra o melhor e mais seguramente que ser podesse, e que elle lhe promettia de fazer por ello muitas mercês.

Tornou o frade com recado, e foi e veiu por tantas vezes fallar sobre a maneira como se melhor podia fazer, que foi el-rei em tanto a Guimarães e o tomou como ouvistes, e fallando um dia Estevão Rodrigues com os outros, como se havia de dar o logar, e porque guisa haviam todos de fazer, e elle achou que se arrependiam já, dizendo que a cousa era mui perigosa e de grande duvida, por quanto o logar era forte e muita e boa gente em elle, e não se acertando como elles cuidavam que suas vidas e mulheres e filhos eram de todo perdidos e obrigados á morte. E que por tanto não queriam em ello mais fallar, mas que lhe promettiam pela jura e fallamento que feito tinham, que nenhuma cousa descobrissem d'esto, se elle em ello quizesse obrar alguma cousa.

CAPITULO XVI

Como el-rei partiu de Guimarães pera Ponte de Lima.

QUANDO Estevão Rodrigues viu que os que eram em esta falla desfalleciam em tal guisa, e que toda sua ordenança e pensamento era tomado em nada, com grande sentido que tinha de acabar o que começára, fallou com seu irmão que o ajudasse, e concordados a não fallecer em nenhuma cousa, passaram em esto alguns dias até que el-rei tomou Guimarães, e soando estas novas pela terra, mandou Estevão Rodrigues recado ao frade que fosse logo dizer a el-rei que um dia certo que lhe divizou, partisse e que cobraria o logar.

El-rei mui alegre de taes novas, não dando a entender nenhuma cousa, mandou logo recado ao conde, a Braga, que são d'alli tres leguas, onde ainda estava, recontando-lhe todo como era, que lhe mandava que se fizesse prestes pera ser com elle, assignando-lhe o logar certo onde havia d'aguardar, pera se ajuntarem ambos.

O conde cumprindo o seu mandado fel-o assim, e foi-se logo áquelle logar, e esto ordenado caladamente, partiu el-rei depois que comeu, com gentes avondo pera o tal feito, e fingiu que ia caminho do Mosteiro da Costa, pelo nenhum não entender. Pero não embargando esto, como se el-rei partiu logo

um homem que hi andava por enculca, se foi á pressa a Ponte de Lima e disse a Lopo Gomes:

— «Sabei de certo que el-rei é partido de Guimarães, e não sabem pera onde vae, mas afirma-se de sua ida que leva caminho do Mosteiro da Costa, e outros dizem que se vae a Villa Real.

— «Certamente, disse Lopo Gomes, sobre Villa Real irá, que tem João Rodrigues Portocarreiro, mas vá pera onde se pagar, não tomeis d'isso cuidado, di-lhe que arranhe ao redor e não brite a sebe.»

El-rei indo por aquelle fingido caminho, já bom espaço, deu volta pera Ponte de Lima, e chegou bem noite áquem do logar uma legua, d'onde o já Estevão Rodrigues estava aguardando, e veiu-se com elle, e áquem da villa uma meia legua, ficou uma cilada com as mais das gentes, e Alvaro Pereira, marechal, com ella.

El-rei veiu-se a uma devesa escusa e coberta d'arvores com um cento de cavallo dos bons que em sua companhia andavam, que seria até dois tiros de bésta do logar, e alli ficou el-rei, todos a pé descidos das bestas, atando-lhes as linguas com as sedas do rabo, por não rincharem e poderem ser descobertos.

CAPITULO XVII

Como el-rei entrou na villa e a cobrou.

Estando assim Ponte de Lima bastecida e percebida como dissemos, havia em costume de se guardar d'esta guisa:

Vinham alguns de fóra do termo á villa por velarem, segundo lhe acontecia, e isso mesmo dos do logar com elles, e bem cedo pela manhã iam cinco ou seis peões buscar as devesas de redor da villa, se havia ahi gentes ou cilada que fizesse nojo aos do logar, e depois que descobriam terra, e tornavam pera a villa, entonce abriam a porta e mandavam os veladores que se fossem pera suas casas, e os da villa que vellavam e roldavam de noite dormiam pela manhã. Os que d'esto não tinham carrego, e isso mesmo Lopo Gomes, dormiam de assecego quanto lhe aprazia, até que se enfadavam, de guisa que já era alto dia e não achareis nenhum andar pela villa, dos que cuidado tinham de a defender, e quando Estevão Rodrigues sahiu á tarde por ir aguardar el-rei, onde era divisado, disse ao que guardava a porta que ia buscar bestas, que achar não podia, e que cuidava que eram furtadas; e depois que trouxe el-rei áquelle logar que dissemos, e os leixou assocegados, na manhã bem cedo tornou á villa e achou as portas cerradas, e a cabo de pouco foram abertas pera ir buscar as devesas

como haviam em costume, e quando os peões quizeram sahir perguntaram a Estevão Rodrigues onde vinha?

— «Venho do demo, disse elle, e não vêdes vós quejando eu venho, mas onde vos ides vós outros?»

— «Como é isso, disseram elles?

— «Como? disse elle, des hontem á tarde andei com má ventura buscando toda esta terra por duas bestas que achei menos, e nunca me ficou devesa nem valla arredor d'esta villa, que toda a esta noite não andasse correndo, e nunca as pude achar, e entendo que me são furtadas, e porém não haveis que lá ir fazer, que tudo está seguro, e não tendes já ahi que buscar, porém se quizerdes que lá tornemos, vamos beber primeiro duas vezes de mui bom vinho que eu tenho, e entonce podemos lá ir outra vez.

E porque aquella manhã fazia uma pouca de nevoaça, e elle vinha molhado do orvalho, disse Alvaro Loução e Fernão d'Agulha, que eram dos que haviam de ir fóra:

— «Bem nos diz Estevão Rodrigues, vamos beber com elle, ca bem nos conselha.»

E os outros outhorgaram em esto, e foram-se com elle pera sua casa, e o porteiro cerrou entonce a porta.

Elle com elles em casa, fallou com a mulher, que d'esto sabia parte, e disse contra os outros:

— «Se nós havemos de beber, façam-nos bem de almoçar».

E elles disseram que era mui bem. E ella trementeu de o fazer e não mui depressa.

Entonce disse Estevão Rodrigues:

— «Quereis bom conselho, que vos valha Deus, joguemos aos dados».

E elles disseram que lhes prazia, e começaram de jogar, e em jogando sahiu a mulher da cosinha e disse:

— «Deixade o jogo, e ide vêr a adega, que cuido que se vae uma cuba».

— «Jogae vós outros, disse elle, irei vêr que cousa é aquella, e tirarei em tanto que bebamos».

E elle mandou o vinho pela manceba, e disse que dissesse se perguntassem por elle que aguardassem um pouco que logo tornaria, e foi-se com seu irmão e com um homem de pé á porta da villa, e disse ao porteiro que seguradamente abrisse a porta a esses veladores, que já era tarde.

E elle disse que aguardava os peões que haviam de ir buscar as devesas.

— «Digo-vos, disse elle, se os vós haveis de guardar, que a boas horas irão elles d'aqui, e não sabeis vós quejando eu hoje vim de buscar as devesas, que toda a noite andei catando as bestas que me furtaram, e toda a terra é segura, e elles se foram commigo e estão em minha casa jogando, e já lá não hão de ir».

Entonce abriu a porta aos veladores e elle sahiu com elles, e iam fallando no que lhe prazia, e aquelles que se acertaram de ir por aquelle caminho, por onde el-rei estava, quando alli chegaram, foram reteudos. E Lourenço Rodrigues e seu irmão quando elles sahiram lançou escusamente dinheiros meudos entre as portas, segundo tinham ordenado, e começou de os buscar, dizendo que os perdera ao serão, e em achando uns, deixava cahir outro por alongar o espaço.

Em esto os que vinham pera sahir fóra ajudavam-lh'os a buscar, e isso mesmo os porteiros e outros

que hi estavam por guardas, e elle voltou uma pedra entre as portas, das que hi estavam, em que se iam sentando os que guardavam a porta, mostrando que achava alguns dinheiros sob ella.

O homem de pé, que estava na ponte, fez signal certo com um capello. Estevão Rodrigues que o bem viu fez outro aos d'el-rei e moveu á pressa primeiro os de pé e vinte de cavallo inglezes, frécheiros, e ante el-rei vinham o condestabre e Ruy Mendes de Vasconcellos, e Gonçalo Vasques de Mello, o velho, e Martim Affonso de Mello, o moço, e o doutor Martim Affonso e outros.

Assim entraram per sob a ponte e d'es-ahi por antre o muro e a barbacan, por um devasso portal que tinha. Os que estavam em cima do muro quando os assim viram vir, começaram a bradar á pressa aos outros que cerrassem as portas. Lourenço Rodrigues que tinha alli obrigada a vida, embargava que se não cerrasse, e de tal guisa o fez com uma espada, que se não poude tão toste cerrar nem tirar o canto, e elles que o tiravam e puxavam a porta, ficando Lourenço Rodrigues de dentro pelejando com elles, e Estevão Rodrigues chegava mui azinha, e meteu a espada per entre as portas e deu na testa áquelle que as cerrava, e leixou-a entonce das mãos, e Lourenço Rodrigues tirou por uma d'ellas e abriu-a de todo e tiveram-n'a elle e seu irmão ás espadas chamando altamente Portugal, Portugal.

E el-rei chegou mui á pressa com os seus, e começaram de entrar na villa, e quando el-rei entrou deitaram da torre, de cima da porta, uma grande pedra, que veiu dar junto com elle.

Os de Lopo Gomes que pouzavam pela villa, de que muitos ainda jaziam nas camas, quando ouvi-

ram aquelle arruido e viram comsigo tantos hospedes não rogados, cõm som de trombetas começaram de se volver e pôr em armas, trabalhando-se de os receber de má guisa, defendendo as ruas, mui rijamente escudados e armados, e bradando todos:

— «Castella, Castella, não é nada».

Mas seu appellidar e defensão lhes prestou pouco, ca os frécheiros e as outras gentes os fizeram logo retirar atraz, e d'elles matando e outros prendendo, acolheram-se pelos muros ás torres, e d'alli defendiam o melhor que podiam.

Em esto chegou Alvaro Pereira com a gente da cilada onde ficara, e como a villa foi despachada dos inimigos, todos se trabalhavam de se ajudar do que n'ella achavam que dos moradores não fosse, e de se cada um aposentar como melhor acertava.

CAPITULO XVIII

Como Lopo Gomes foi combatido e entrado por força, e mandado prezo ao Porto.

El-rei assim em posse da villa ordenou logo de combater as torres que eram mui fortes e fornecidas d'armas e gentes, porém antes que as combatesse, mandou dizer a Lopo Gomes que bem sabia a honra e acrescentamento que houvera em este reino, na qual lhe elle não entendia de minguar mas em a dar, e fazer muitas mercês, de guisa que elle fosse contente, e pois que elle via que seu feito estava em tal ponto, que não havia elle

defensão, que se não quizesse perder elle e a mulher e quantos eram com elle, mórmente que elle não tinha castello em que se defendesse, e que o tivesse, que lhe não prestava nenhuma cousa, e que se o havia por esperar accorro d'el-rei de Castella, que visse o accorro que mandara a Ayres Gomes e que por alli poderia vêr quanto lhe cumpria manter aquella tenção, porém que lhe conselhava por seu proveito que se viesse pera elle, emquanto elle havia vontade de lhe não fazer nojo, ca poderia ser que depois requereria elle esto que lhe mandava rogar, e não lhe seria outhorgado.

Lopo Gomes por estas razões nem outras muitas que lhe foram ditas nunca poderam com elle prestar, senão que se queria defender; entonce mandou el-rei combater todas as torres, salvo a de Lopo Gomes de Lyra, e o condestabre combatia da parte de fóra, e os outros pelos lanços dos muros, de um cabo e de outro, e por força d'armas e de fogo, e per preitezia se deram todos.

Ora sabei que esta torre em que Lopo Gomes estava é a mais alta e mais defensavel de todas as outras que ha na villa, e havia em ella dois sobrados, e ser toda cheia até o muro, e hi estava a porta porque se serviam dentro, e quando el-rei entrou e Lopo Gomes hi jazia seguro, ouvio supitamente tão grande arruido, perguntou á pressa que era aquello que tal volta faziam.

— «Não sabemos, disseram elles, salvo que ouvimos bradar altas vozes S. Jorge S. Jorge».

Disse elle:

— «Cerra, cerra bem essas portas, que de S. Jorge renego eu, se elle hoje ca entrar».

E ficando assim espantado e não sabendo que di-

zer, lançaram-se com elle, entre homens d'armas e peões e bésteiros, trinta e seis pessoas.

Esta torre estava muito acalmada de muitos toucinhos e lenha até ao primeiro sobrado, e porque n'aquella comarca ha muitas egrejas e mosteiros, a demais de prata e dinheiros que hi havia tinha o dito Lopo Gomes em guarda n'aquella torre, e quando ameaçaram de a bater, defendia-se mui rijamente, partindo as pedradas e as setadas sem dó, e n'esto começaram de bradar que pozessem fogo ás portas, e querendo-se trabalhar de o poer, mandou Lopo Gomes mover preitezia a el-rei por Gonçalo Lopes de Goes e por D. abbade de S. Salvador, e já não podiam vir pela porta, de guisa que estava, mas desceram-n'os por um cesto, e a conclusão das avenças era que el-rei lhe desse espaço á sua vontade a que fizesse saber a el-rei de Castella que lhe desse accorro ou viesse accorrer, e não vindo, que os leixasse ir em salvo com todo o seu. El-rei disse que tal preitezia como aquella não havia de fazer, ca pois elle tinha a villa toda por sua, salvo aquella torre que não havia poder de se muito ter, que outra convença lhe não outhorgaria senão que a leixasse desempachadamente e se fossem logo, e fallando sobre esto, e não se podendo concordar, disse um escudeiro a Gonçalo Lopes se havia hi tal entre elles que se quizesse manter, um por um ou dois por dois, sobre tal tenção qual tinham.

— «E quaes são esses dois ? disse elle.

— «Somos, disse o outro, eu e este escudeiro que aqui está».

E elle perguntou que como havia nome.

— «A mim chamam, disse elle, João Gil Sapo, e a este Gonçalo Aranha.

— «Haverão, disse Gonçalo Lopes, e qual seria aquelle tão atrevido que se ouzasse matar com duas taes peçonhas? Quanto eu não cuido ser um d'elles».

E em rindo todos d'esto, disse el-rei contra Gonçalo Lopes:

— «Tornem-vos já a vós a cima, pois tambem quereis provar lá, ca não haveis vós ca de ficar».

E entonce se foram, e guindaram-n'os acima por um cesto, assim como desceram, e el-rei mandou que tornassem a combater, e subiram logo pela escada do muro que ia direita á porta, João Rodrigues Guarda, um bom escudeiro, e João Rodrigues, e Antão Vasques, e Martim Affonso de Mello; e Martim Affonso ia adeante, e foi-se logo meter sobre o arco do portal da torre, e lançaram de cima um canto e deu em João Rodrigues e derrubou-o, e deram com elle morto em terra, e veiu outro e deu a Antão Vasques, e cahiu e foi muito ferido, a ponto de morte.

Os que estavam pelo muro lançavam a Martim Affonso alli onde estava, tições com fogo e linho e lenha pera poer o fogo á porta, e elle pelas muitas pedras que de cima deitavam, não ouzava de sahir de sob o arco, mas com uma espada que levava acolhia a si o que lhe deitavam, de guisa que poz fogo ás portas, e como começaram de arder sahiu-se rijo Martim Affonso e foi-se pelo lanço do muro onde os outros combatiam, e como as portas arderam, ateou-se o fogo na lenha e toucinhos, e ardeu o primeiro sobrado, e com o grande fumo e labaredas que ia ao outro sobrado, não o podendo soffrer, pozeram-se entre as ameias da torre, que tem andaime largo, e d'alli começaram de bradar e capear Lopo Gomes e os outros, pedindo a el-

rei por mercê que lhes perdoasse, que se queriam dar.

El-rei estava em logar d'onde olhava muito bem todo, e folgava de os vêr d'aquella guisa, por se não querer preitejar com elle, especialmente pela morte de João Rodrigues, de que lhe muito pezava, e uns lhe diziam e aconselhavam que os leixasse afogar a todos, ca bem merecedores eram d'ello, por se assim afoutarem contra elle.

El-rei tal tenção tinha, e Vasco Martins dizem que disse a el rei que fosse sua mercê d'haver dó de Thereza Gomes, sua mulher, que andava prenhe, e de seus filhos, posto que filha fosse de Vasco Gomes d'Abreu, que estava em seu deserviço, e os não leixasse morrer tão cruel morte.

El-rei por seus affincados rogos e movido com piedade, mandou que não combatessem mais, e desceram a mulher de Lopo Gomes por cordas em um cesto, e assim elle e os outros, cada um como melhor e mais azinha podia, d'elles cheirando bem a fumo, e outros que se começavam já de chamuscar, e quando vieram todos beijar a mão a el-rei, disse um escudeiro a Gonçalo Lopes de Goes:

— «Ah! Gonçalo Lopes, que mal aconselhastes Lopo Gomes de se não vir á mercê d'el-rei meu senhor, e trabalhar de se deffender d'elle.»

Elle respondeu dizendo:

— «E quem sois vós que me isso dizeis?

— «A mim chamam Lançarote, disse elle, o do Lago.»

Ao qual disse outro escudeiro:

— «Se vós sois Lançarote do Lago, eu sou quem o ha derrubado.

Entonce mandou el-rei levar presos ao Porto

Lopo Gomes e sua mulher, e Gonçalo Lopes, e outros, onde foram mui mal recebidos de doestos de mui más palavras, e passaram-nos além e levaram-nos a Coimbra.

Em esta villa foram achadas muitas armas, cavallos e azemulas, e outras cousas de que os d'el-rei foram bem fornidos, e leixou el-rei por guarda d'ello Estevão Rodrigues e seu irmão, com alguns dos seus, e tornou-se com o conde a Braga, e deu el-rei a Ruy Mendes de Vasconcellos a terra de Froyam e terra de Jarez e outros logares que Lopo Gomes tinha do tempo d'el-rei D. Fernando, e aquelle dia que el-rei partiu á noite, foi hospede do condestabre, que comeu e dormiu com elle, e em outro dia partiram ambos pera Guimarães.

CAPITULO XIX

Dos fidalgos castellãos qne entraram por Portugal e até onde fizeram sua entrada.

Segundo alguns que d'estes feitos fallaram, escrevem, el-rei de Castella a esta sezão era em Cordova como dissemos, e havia já enviada sua frota cercar Lisboa, e mandava a grão pressa por todos escudeiros e fidalgos e homens d'armas que se viessem pera elle pera entrar em Portugal pela parte de Badalhuce, segundo tinha ordenado, e escreveu a D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo, e a certos cavalleiros seus vassallos, que os ajuntassem todos em Cidad Rodrigo, e que d'alli en-

trassem no reino de Portugal a talhar as vinhas e pães, e fazer todo o mal e damno que podessem, e elles vendo o tempo azado pera fazer esto, foram d'ello mui ledos, ca era no mez de Maio, em que o bem fazer podiam.

O arcebispo partiu logo pera Salamanca por esperar alli todos os vassallos d'el-rei, com que havia de fazer sua entrada, e ante que chegasse áquella cidade, onde se haviam todos de ajuntar, alguns capitães, vassallos d'el-rei, assim como João Rodrigues de Castanheda e Pedro Soares de Toledo, alcaide mór d'esse logar, e Alvaro Garcia d'Albornoz, copeiro-mór d'el-rei, e João Rodrigues mal dorme, e Pero Soares de Quinhones, e João Affonso de Trogilho, e outros bons e notaveis fidalgos com elles, que seriam por todos até quatrocentas lanças de bons e escolheitos homens, afóra ginetes e homens de pé e besteiros, e chegaram a Cidad Rodrigo e alli houveram seu conselho, que fizessem uma entrada por terra de seus inimigos, mas se estes capitães eram dos que se haviam de juntar com o arcebispo ou não, nós o não achamos em escripto, mas todavia temos que sim, e por mostrarem sua bondade e ardideza, e fazerem serviço a el-rei seu senhor, sem mais capitania d'outro nenhum se demoveram a fazer isto, e sendo assim todos juntos disseram alguns a João Rodrigues de Cantanheda que era o mór capitão d'elles:

— «João Rodrigues, a nós parece que esta entrada que vós quereis fazer não é boa, porque na terra onde vós quereis entrar não achareis tanta ganancia, por muita que seja, que mais não tenhais d'arruido prestes, ca bem vedes vós que em ella estão taes fidalgos, nomeando-lh'os logo por nome,

que bem é de cuidar que vol-o quererão defender, e por tanto nosso accordo seria, ou nos ajuntassemos mais gentes pera entrar por onde vós quereis, ou entrassemos por outra parte mais desabafada de arruido.

A esto respondeu João Rodrigues dizendo que por isso queria elle entrar por aquella parte, pera vêr o que sobre esto fazer queriam, e que aquillo era pera tirar honra havel-o fidalgos com fidalgos, e vêr pera quanto eram, e que diferença havia de uns aos outros.

— «Como quer que os portuguezes bons e grandes fidalgos fossem, e pois que nós, disse elle, temos verdade, e os portuguezes mentira, não uzando como leaes e verdadeiros, em querer defender a terra á rainha D. Beatriz, cuja é de direito, que preito e mensagem tinham feito por ella em vida de seu padre el-rei D. Fernando, recebendo-a por sua herdeira, e lhe d'esto agora fallecem, assim lhe fallecerão os pés e as mãos, que nunca se d'elles poderão ajudar, e por onde ouzadamente e com grande fiuza devemos fazer nossa entrada e lhe poer a praça, quando tal cousa viesse.»

Outras muitas razões fallaram sobre esto, e em fim disseram que pois a elle assim prazia, que seguisse sua vontade, ca não eram elles os que haviam de ficar atraz, posto que o assim receassem, e ao dito de João Rodrignes se tiveram entonce todos os outros que com elle vinham, e o azo d'esta fouteza, que todos entonce mostravam, era o odio e desvairo que os capitães portuguezes que em aquella comarca eram entre si haviam, entendendo que pois d'accordo não eram, que se não juntariam contra elles, e cada um per si não lhe podia fazer

torva, e d'esta guisa ouzadamente entendiam cumprir sua vontade. Entonce se fizeram prestes aquelles quatrocentos de cavallo e dozentos ginetes, de que era capitão aquelle Pedro Soares de Quinhones, e com elle somma d'homens de pé, e alguns d'elles bésteiros, e entraram em Portugal e vieram por Almeida, que estava por Castella, e chegaram a Pinhel, que tinha voz por Portugal, e des-ahi pela Veiga de Trancoso, e encaminharam por essas aldeias roubando e captivando, e chegaram á cidade de Vizeu, que eram vinte e duas leguas de Cidad Rodrigo, d'onde todos haviam partido.

Os moradores do logar, quando os viram vir, porque a cidade não tem outra cerca nem fortaleza, salvo a Sé, acolheram-se a lá e ás egrejas muitos d'elles, com aquello que levar poderam dos haveres que tinham, e outros fugiram por esses montes, poendo-se em salvo cada um como melhor podia.

Os castellãos começaram de roubar, captivar e fazer todo o damno que podiam á sua vontade, em vista e rosto dos capitães d'aquella comarca, como homens que se não receavam d'elles nem d'outra nenhuma pessoa, por entonce nem ao deante, e entraram nas egrejas, roubaram-nas de quanta prata e haveres em ellas achavam, mas não captivavam nenhuns dos que se a ellas acolhiam.

CAPITULO XX

Como foram concordados Martim Vasques e Gonçalo Vasques, por azo de João Fernandes Pacheco.

Em esta sezão, que os castellãos fizeram esta entrada por Portugal, como dizemos, estavam na comarca da Beira alguns fidalgos portuguezes, s. Gonçalo Vasques Coutinho, em Trancoso, de que era alcaide, com bons escudeiros que tinha comsigo, e Martim Vasques da Cunha, e Gil Vasques da Cunha, seu irmão, no castello de Linhares, e João Fernandes Pacheco, em Ferreira Daves.

E certamente assim como dizemos que se os castellãos cuidaram sahir em salvo do reino, por azo do homezio que entre estes fidalgos havia, assim se houvera de seguir, senão fôra a gran bondade de João Fernandes Pacheco, que se trabalhou de poer em esto mão, e foi d'esta guisa:

Gonçalo Vasques e Martim Vasques e seus irmãos, eram postos em desvairo e homezio, por azo de tomadias que uns diziam aos outras que tomavam em suas terras, não o devendo de fazer, e por esto se não fallavam tempo havia, e vendo andar roubando os castellãos a terra assim de praça, bem viam elles que lhes era assaz de grande mingua e prasmo, mas Gonçalo Vasques não ouzava por si só de sahir a elles, porque tinha comsigo poucos, e não entendia d'ello tirar honra; Martim Vasques isso mesmo não eram com elle tantos, com que ouzadamente o podesse fazer, porém bem entendiam elles

que ajuntando-se todos, que bastantes eram pera dar grão torva aos inimigos, mas pela regra de «tu bom, e eu bom, quem tangerá o asno?» tendo-se cada um em si como vêdes, em bandos de fidalgos, leixavam destruir a terra, quanto aos castellãos queriam damnar.

El-rei estava em Guimarães e pezava-lhe muito, sabendo como aquellas gentes entraram, e o grão damno que assim faziam, e dizia por vezes fallando em esto:

— «Maravilhado sou de Gonçalo Vasques e de Martim Vasques, e d'aquelles fidalgos da Beira que alá estão, andarem assim os inimigos perante elles, como por sua casa, fazendo tanto estrago como dizem que fazem, e não lhe poerem a praça e leixarem-nos assim roubar e ir a seu salvo; parece que se doem pouco da terra que hão de lograr, e com que supportam suas honras e estados».

E em esto João Fernandes Pacheco, tanto que elles entraram veiu a cuidar quanto esto era vergonhosa cousa a elle e aos outros fidalgos, e propoz de lhe fallar sobre ello, e foi-se logo d'alli onde estava a casa de Martim Vasques, que era duas leguas, dizendo quanto era vergonhosa cousa a elle e a Gonçalo Vasques aquella entrada que os castellãos fizeram, em os leixar assim roubar e damnar a terra e não tornar a ello, como era razão, e ainda o que é peior, disse elle, fazerem-no assim ante vossos olhos, e em vosso desprazimento, fallando sobre ello quantos bons conselhos poude, porque o demover podesse, pera tornarem a ello, Martim Vasques se escusava, fallando na inimizade que entre elle e Gonçalo Vasques havia, dando a entender que não era cousa que podesse ser, e depois de muitas ra-

zões que sobre esto ambos houveram, tornou a dizer João Fernandes:

— «Eu vos digo, Martim Vasques, que agora não é tempo nem cumpre de dizer; elle me annojou primeiro, e portanto é razão que se conheça, nem outras taes razões que esto estrovar possam, mas é tempo de leixar por ora todas as cousas trespassadas e ganhar honras e boa nomeada, pois vol-a Deus traz á mão, e eu por minha parte não me escuso, mórmente que vossa inimizade não é tão grande que vós por isso leixeis destruir o reino, e des-ahi depois se vos não quizerdes prestar, hi vos fica não prestardes».

E elles concordados qne lhe prazia, foi logo fallar João Fernandes a Gonçalo Vasques, e ditas estas e quantas boas razões poude, porque o a esto demovesse, nunca se em ello quiz outhorgar, dizendo que por tal desavença como entre elles era, que o não faria por nenhuma guisa.

João Fernandes era homem discreto e avisado, e entendeu bem em suas razões que ás vezes elle entremetia que o não leixava de fazer por esto, mas por não ir sob capitania de Martim Vasques, e ser dado o louvor a elle de qualquer boa andança que Deus dar quizesse, e calando esto que assim entendeu, tornou-se a Martim Vasques, e contou-lhe o que com Gonçalo Vasques lhe haviera, e o que em elle entendia; Martim Vasques respondeu esto, que por honra e estado e irmãos e gentes e acompanhamento, que bem viam todos a grande vantagem que d'elle tinha.

— «Porém, disse elle, leixando todo esto e mais nosso desvairo, a mim praz por honra do reino e serviço d'el-rei nosso senhor que elle seja capitão

d'esta empreza, e que sua seja a honra e louvor de qualquer boa andança que nos Deus quizer dar, e por entender que o faço de vontade e perder de mim toda suspeita, dizei que eu quero ser seu convidado, e ir comer com elle, e que de sua casa quero que vamos todos.»

João Fernandes mui ledo com tal resposta, foi-se logo dizel-o a Gonçalo Vasques, o qual mostrou que lhe prazia muito, e mandou fazer bem de jantar, como a tal feito cumpria, e vieram comer com elle Martim Vasques e Gil Vasques, seu irmão, e João Fernandes, e Egas Coelho, que em esta cavalgada haviam de ser, no qual comvite, Leonor Gonçalves, mulher de Gonçalo Vasques andava entre elles com grão prazer e ledice, mostrando que de tal festa era mui contente.

CAPITULO XXI

Como pelejaram os capitães de Castella com os portuguezes, e foram vencidos os castellãos.

Postos em accordo estes fidalgos e feito juramento que se ajudassem bem e fielmente, e por tolher o roubo aos inimigos por qualquer guisa que fosse, e acharam que a melhor maneira que em esto podiam ter era saber em certo por onde haviam de tornar e poer-lhe batalha no caminho e em logar azado, e por mór avondamento e sua peleja ser mais de louvar, enviaram a elles um escudeiro que chamavam Affonço Rodrigues Baticela,

pelo qual lhe mandaram dizer que pois se atreveram a fazer tal entrada por destruir a terra d'el-rei seu senhor, que lhes prouguesse de vir por onde elles estavam, que elles teriam bem prestes de jantar, e elles mostraram que de taes novas lhe prazia muito, dizendo João Rodrigues de Castanheda ao escudeiro, que lhe prometia que se assim fosse que lhe dessem um bom cavallo d'alviçara.

Affonso Rodrigues tornou com esta resposta, de que os portuguezes foram mui ledos, e sabendo que elles haviam de vir por entre a villa de Trancoso com todo o roubo, pozeram sua batalha em uma veiga, a meia legua pequena da villa, por onde lhes era forçado passar.

Os portuguezes seriam pouco mais de trezentas lanças, segundo d'esta guisa alguns escrevem. A bandeira de Gonçalo Vasques aguardavam cento e vinte lanças, e a de Martin Vasques cento e cincoenta lanças, e a de João Fernandes trinta, e Gil Vasques e Egas Coelho as outras, e estas poucas ajuntaram assim todos á pressa, cada um como melhor poude, por esta amizade ser feita subitamente e elles descuidados d'esto, que entonce fizeram de homens de pé, que de boa creação fossem, tinham poucos, mas ajuntaram muitos d'esses concelhos e lavradores da comarca, assim que os castellãos tinham a vantagem de bons ginetes e homens d'armas, e os portuguezes milhoria d'elles de muitos e mais peões, e elles assim n'aquelle logar pozeram sua batalha pé terra, aguardando seus contrarios, que já sabiam ao que vinham.

Em esto pareceram aquellas gentes no começo da veiga, os quaes por que sem receio e de seu vagar andaram pela terra dias havia, traziam mui grande

roubo á maravilha, d'homens e mulheres e moços e gados e bestas, e d'outras muitas cousas, de guisa que passavam de setecentas azemolas as que vinham n'esta carriagem, e quando viram os portuguezes estarem d'aquelle geito contra si, fallando verdade, não lhes prouve muito, e bem quizeram escuzar a batalha e irem-se com seu roubo em salvo, posto que lhe vergonhosa cousa fosse se o poderam fazer, e assim como vinham todos a cavallo e bem parecendo com suas bandeiras estendidas, fastavam-se da veiga á mão direita contra a ribeira de Frechas, por se irem pela ladeira do valle por entre os portuguezes e a fraga do monte, e os portuguezes quando esto viram moveram-se logo por deante e chegaram mais a elles de rosto, onde estava uma ermida que chamam S. Marcos, e os castellãos vendo que em toda a guisa não se escusava pelejar, salvo se quizessem leixar a calvagada que traziam e fugir por esses montes cada um como melhor podesse, que lhes era cousa vergonhosa, houveram accordo como fariam, e uns disseram que pois elles dias havia que andavam em Portugal e levavam sua preza, mórmente tão boa, que deviam continuar seu caminho o mais a seu salvo que podessem com ella, e não curar de sua batalha, que posta tinham, e quando lh'a quizessem vir tolher e vir pelejar com elles, que entonce os attendessem.

Este era bom conselho, posto que vergonhoso fosse, mas não se podia assim fazer.

Outros diziam que lhes era mui grão vergonha, mórmente a taes homens como elles, vêr os inimigos estarem entre si d'aquelle geito e serem mais que elles, e com medo escusarem a peleja, a qual

cousa lhe contariam em Castella quantos o soubessem por mui grande covardia e mingua, fazendo d'elles escarneo; e tendo-se todos a esta razão outhorgaram d'haver a peleja, não com esforço e ardideza, posto que nas fallas muito mostrassem, mas foi-lhe forçado e necessidade.

Entonce se desceram todos a pé terra, salvo os ginetes que ficaram a cavallo, e ordenaram a batalha á sua vontade e devagar, e fizeram-se todos prestes.

Os homens lavradores e outros taes que os portuguezes tinham na costaneira da batalha, quando se viram d'aquella guisa pera pelejar, começaram de fugir pera a villa, e outros por onde melhor podiam, não os vendo nem sentindo os homens d'armas.

Os castellãos vendo-os desamparar o campo, cobraram mais coração do que tinham, havendo por bom signal e começo de vencimento, e além d'elles serem bons e esforçados homens d'armas com grande fouteza e pomposo orgulho, dando ás trombetas rijamente, moveram entonce trigosas passadas, que parecia que cada um desejava ser o primeiro que n'elles ferisse, chamando Castella, Santiago, com grandes apupos e alaridos, nomeando Castanheda, e as fidalguias d'onde cada um era.

O appellido dos portuguezes em alta voz era Portugal e S. Jorge; disse Martim Vaz, por vezes Cunha, Cunha, e João Fernandes, Ferreira, Ferreira, e assim outros ao ajuntar das azes, e assim começou entre elles uma mui forte e accesa batalha trabalhando uns e outros por levar a melhoria de seus contrarios, ferindo-se mui de vontade.

Os ginetes castellãos vendo fugir os peões portu-

guezes, matavam n'elles á sua vontade, de guisa que morriam muitos, e elles quando esto viram tornaram-se com medo á batalha, não vendo os homens d'armas, a qual foi começada já mui manhã e durou grande espaço do dia, esforçando-se ambas as partes a continuar sua peleja até morrerem ou viverem.

Eram os golpes tão grandes e assim espessos, que os ouviam em Trancoso, e aprofiando assim por cumprir suas vontades, foram os castellãos vencidos e mortos todos, de guisa que dos homens d'armas não escaparam nenhuns, salvo os ginetes e muitos dos peões que estavam nos cavallos, e alguns homens de pé que fugiam por esses montes, os capitães isso mesmo foram todos mortos que não ficou senão Pedro Soares de Quinhones, que era maioral dos ginetes, mas todos os que temos nomeados hi morreram, e mais o commendador das Olgas, e Lopo Gonçalves, pé de ferro, e Pero Marchão da Cidade, e Ruy Garcia Salazar, adeantado de Carçorla, e Alvaro Cansado e Guterre de Ferreira, e outros muitos e honrados fidalgos, e alguns filhos e irmãos d'elles, afora muitos e bons escudeiros a que acompanhavam certas lanças, que todos jaziam mortos nos logares onde foram postos, cada um arredor de seus senhores; e dos portuguezes, a Deus graças, que é grão maravilha, e como milagre não morreu nenhum capitão nem homem de grande nem pequena conta, que em chronica achemos pera poer em escripto, salvo aquelles lavradores aldeões, de que os ginetes mataram muitos como dito é.

Pero sede certos que de boa e pouca gente não foi melhor ferida batalha entre os portuguezas e os

castellãos, de quantas houveram em toda a guerra, que esta.

Mas fortuna que aos que contendem, não parte por egual sorte, quiz entonce que fosse assim, e além d'aquelles doze principaes, que foram mortos, foi preso Garcia Goterres em poder de Gil Vasques, que o não quiz matar, por dar testemunho de quaes morreram, e como se todo passára, e ficou hi toda a carriagem que traziam de muitas azemolas e outras bestas com outras muitas cousas, e mais o roubo que levavam, que era mui grande, e muitos dos que iam captivos cobraram o seu e mais do alheio o que apanhar podiam, e d'elles prendiam os que os levavam captivos, e mais outros alguns dos de pé, ca homens d'armas não ficou hi vivo, e apanhado todo o esbulho do campo, com grão prazer e ledice, tornaram-se os capitães portuguezes cada um com suas gentes, pera os logares d'onde partiram, com aquelle começo d'amizade que entonce houveram, foram muito amigos e depois desvairados de todo.

El-rei que estava em Guimarães, como dissemos, quando lhe chegou recado d'esta batalha e da boa andança que os portuguezes houveram, foi mui alegre com taes novas, dando muitas graças a Deus a que aprouve de os assim ajudar, e fallando com o messageiro que lhe esto contava, dizendo-lhe como João Fernandes fôra o ajudador de se fazer, respondeu el-rei e disse:

— «Bem sabia eu que faria isso o bom de João Fernandes».

CAPITULO XXII

Como el-rei e o condestabre partiram de Guimarães.

ESTANDO el-rei em Guimarães muito ledo com as boas novas d'aquella batalha, chegou-lhe certo recado, que el-rei de Castella com mui grão poder, que já tinha junto, se fazia prestes mui trigosamente pera entrar em Portugal pela parte de Badalhuce, e que a sua frota era já toda em Lisboa e a cidade cercada por mar e o rio assim empachado, que já se d'elle servir não podiam, ca sobre ella jaziam quarenta naus grandes e doze barcas, e dez galés, e tres lenhatos e cinco barchotes, que vinham carregados de mantimentos.

El-rei com taes novas posto em cuidado, fallou todo com o condestabre, e elle que tantos modos havia buscados pera pelejar com el-rei de Castella, e nunca houvera azo de se fazer, vendo entonce tempo prestes de se poer em obra, e razoando primeiro muito sobre ello, determinaram ambos em seu conselho, que a melhor maneira que se n'esto podia ter pera atalhar a todos estes feitos assim era com ajuda de Deus poer batalha a el-rei de Castella, ainda que tão grão poderio tivesse como diziam. E posto recado e percebimento assim nos logares que tinham tomados, como nos que se lhe deram n'aquella comarca, partiu el-rei logo caminho do Porto, com tenção d'ajuntar suas gentes e aguardar el-rei de Castella, onde quer que se acertasse de lhe poer batalha, e do Porto se fôra a Coimbra, e

estando ahi chegou um cavalleiro d'el-rei de Navarra, encoberto em trajo de homem de pequena conta, por não ser conhecido, pelo qual lhe enviava dizer que elle queria ser seu amigo contra el-rei de Castella, e lhe fazer guerra de seu reino, emquanto elle andasse em Portugal, e que elle fizesse similhantemente, querendo el-rei de Castella fazer guerra a Navarra, e que fosse amigo de amigo e inimigo de inimigo.

El-rei o recebeu mui bem e lhe fez fazer grande gazalhado e o enviou com resposta, e um seu confessor com elle, mas porque se esto não azou nem veiu a fim, não cumpre sobre ello fazer mais detença.

Esteve el-rei alli alguns dias e partiu; e o primeiro dia chegou a Penella, a qual tinha já voz por elle, porque tendo-a o conde de Vianna, quando el rei D. Fernando morreu, tomou logo voz por Castella, recebendo soldo d'el-rei, quando veiu cercar Lisboa, e tendo-a assim por elle sahiu fóra do logar por tomar mantimentos contra vontade de seus donos, como os seus haviam em costume, e levando comsigo uns quarenta homens de cavallo, sem outros peões nem besteiros, juntaram-se contra elles os das aldeias e comarcas d'arredor, pera lh'os defenderem, todos pé terra, e embrulhando-se com elles, remeçaram-lhe o cavallo e cahiu com elle em terra e foi um villão rijamente, que chamavam d'alcunha Caspirre, e cortou lhe a cabeça, e assim morreu.

Os seus como o viram morto fugiram todos, e os da villa tomaram logo voz por Portugal, e assim a tinham entonce, e depois a deu el-rei a Diogo Lopes Pacheco, e d'ahi partiu el-rei e foi-se a Thomar, e alli chegou a elle pera o servir um cavalleiro

gascão que chamavam Mosem João de Monferrara, e el-rei o recebeu mui bem e lhe fez mercê, e d'alli se foi caminho de Torres Novas, que tinha Affonso Lopes de Texeda por Castella, e quando chegou ao arrabalde, mandou assentar seu arraial ao redor da villa, e depois que o arraial foi posto fez Affonso Lopes sahir fóra homens de pé e bésteiros a escaramuçar, e os d'el-rei, como os viram, foram-se a elles trigosamente e ferindo-os de vontade, não os poderam soffrer, e entraram os portuguezes com elles pelas portas da villa, e encerraram-nos no castello, e roubaram a villa de quanto lhes aprougue, e tornaram-se a seu arraial.

CAPITULO XXIII

Como el-rei partiu de Torres Novas, caminho de Santarem.

Estando alli el-rei, ordenou mandar a Lisboa a Alvaro Pereira, Marichal da hoste, com algumas gentes, por vir com elle Fernão Rodrigues de Sequeira, que n'ella estava por fronteiro-mór, e certas lanças do concelho d'essa cidade, e aquelles com que el-rei fallou mostraram que tal ida e vinda não era segura, nem seu serviço, por as muitas gentes de Castella que estavam em Santarem.

El-rei quando esto ouviu, pareceu-lhe razoado, e propoz de se partir, e ante que partisse se veiu pera elle Alvaro Vasques Correia, que tinha por elle o

castello d'Abrantes, e logo em outro dia mandou dar ás trombetas caminho de Santarem, e pouzou o arraial junto com a barca de Arrayolos, a fundo da Gollegã, e no dia seguinte começaram d'andar, levando el-rei suas gentes ordenadas em batalha, e iam com elle de estrangeiros Bernaldim Menapor, e Vulcon e Benor e Lila, e outros, e dos do reino Vasco Martins de Mello, e Vasco Martins da Cunha, e Ruy Vasques de Castello Branco, e João Affonso d'Azambuja, que depois foi cardeal, e o doutor Gil Docem, e Fernão d'Alvares, e Antão Vasques, e assim d'outra boa gente até seiscentas lanças, e o condestabre levava a vanguarda e el-rei a reguarda, e indo o condestabre assim adeante, acerca das vinhas de Santarem, acharam Alvaro Gonçalves de Sandoval, com gentes dos castellãos, que alli andavam por guarda d'alguns, que eram fóra, e havendo já novas certas que el-rei havia por alli de passar, e começando de pelejar com elles, não os poderam os castellãos soffrer, mas antes que se fossem acolhendo caminho de Santarem, mataram primeiro dois escudeiros portuguezes, a um chamavam Fernão Paes, e a outro João Nogueira, creado do condestabre; mataram um cavallo a Martim Vasques e deram uma grão ferida com uma lança d'armas, por cima d'uma cota, a Vasco Lourenço Marinho, pelos peitos, que lhe durou grão tempo, e dos castellãos foram dois mortos, e esta trigosa esporada foi feita ante que o condestabre chegasse, e desahi chegaram a par de Santarem ao Tejo em direito de Santa Eyria, a pequena, onde havia um baixo vau porque bem podiam passar, e andavam já no campo muitos castellãos ajuntados, que de Santarem iam á herva, porque sabiam parte da vin-

da d'el-rei, e ao passar do rio, estando já ahi el-rei, se envolveu uma mui grande e mui pelejada escaramuça com aquelles que vinham com os da herva pera a villa, e com outros da villa, que sahiam aos receber.

E das cousas notaveis que se em ella fizeram, assim foi que Vasco Martins de Mello, o moço, foi dos primeiros que da vanguarda passaram agua do Tejo, como homem de grande esforço, a cavallo como ia, se lançou aos castellãos, que eram muitos, fazendo tanto por sua mão, quanto um valente e ardido cavalleiro podia fazer, até que foi derribado do cavallo, e ficou pé terra, e com um estoque d'armas se defendeu mui bem. Porém se não fôra bem armado, mataram-no ás lançadas, des-ahi Martim Affonso, seu irmão, se poz pé terra com dois escudeiros por o ajudar a defender, e assim um como outro houveram mal de passar, mas o condestabre lhe accorreu trigosamente, e deram com os castellãos por força dentro no rio, onde foram mortos e feridos parte d'elles, e foi n'esta peleja mui louvado Vasco Martins de Mello.

CAPITULO XXIV

Como el-rei e o condestabre se foram a Alemquer e partiu o conde pera Alemtejo.

Partiu el-rei d'alli e foi dormir á Lezíria da Condessa, que é a fundo de Santarem, onde acharam muitos gados, que foi grande refresco aos do arraial, que vinham minguados de mantimentos, e por acerca de Muja passou em outro dia o Tejo contra a

estrada que vae pera Lisboa, e foi poer o arraial junto com a ponte que está além do Cartaxo, e era grão mingua de mantimentos em todo o arraial, em tanto que se deu um cavallo por cinco pães, e sendo o condestabre comendo, tendo cinco pães na mesa que não havia mais na sua saquetaria, chegaram cinco cavalleiros inglezes, queixando se muito que morriam de fome e que queriam beber com elle. Elle disse que lhe prazia muito e mandou-lhe trazer agua ás mãos e que se assentassem, e elles não quizeram ser, senão beber assim de pé, cada um tomou seu pão e o comeu, e beberam duas vezes e foram-se, e ficou o condestabre sem pão, e não comeu áquella hora senão carne sem elle com grande rizo e sabor.

Entonce foi el-rei a Alemquer onde estava Vasco Pires de Camões, que fôra seu vassallo, como dissemos, e pozeram seu arraial em fundo nas hortas da ribeira, bom espaço da villa, d'onde se faziam ás vezes boas escaramuças entre os da villa e os do arraial, e d'alli iam á forragem a termo de Alemquer e de Torres Vedras buscar mantimentos; estando assim houveram seu conselho que el-rei ficasse alli recolhendo as gentes que haviam de vir de Lisboa, e depois que as tivese comsigo, que se tornasse pera acerca de Santarem com ellas, e desahi a Abrantes, e que o condestabre se fosse pera Alemtejo juntar gentes as mais que podesse, e des-ahi que se tornasse a aquelle logar d'Abrantes, onde el-rei o havia de aguardar.

Ora sabei que n'esta sezão que el-rei alli chegou, aconteceu em Alemtejo que a villa d'Arronches que tinha voz por Portugal, era mui minguada de mantimentos, e Vasco Gil de Carvalho com outros bons

escudeiros d'Evora, trabalharam de lhe levar mantimentos, e não se contentaram de ir com sua recova, mas afastaram-se parte d'elles e foram correr Campo Maior. D. Affonso de Monte Mór, senhor de Alcandete, e D. Garcia Fernandes de Villa Garcia, commendador mór de Santiago, souberam d'esto parte em Badalhuce, onde estavam, e ajuntaram suas gentes com os moradores da cidade, vieram dar nos que levavam a recova, e pelejando com esses poucos que acharam, desbarataram-nos e mataram-nos e prenderam parte d'elles, e tomaram-lhe quanto levavam, e os outros fugiram. E o conde partiu com suas gentes, como era ordenado, pera Riba d'Odiana, e passou o Tejo ao vau de Muja, e aqui escrevem alguns em suas erradas historias que o conde partiu d'Alemquer com aquellas trezentas lanças que comsigo de continuo trazia, e passado o porto de Muja que por temor dos castellãos que estavam em Santarem, que o leixaram logo a mór parte d'elles, de guisa que não ficaram com elle mais d'uns trinta e cinco, e quem tal cousa poz em escripto mal proveu a certidão d'este feito, ca os seus não eram taes gentes que o leixassem nem passassem tal vergonha e mingua, antes eram tão leaes e tão fieis, e assim aprovados por bons e ardidos homens d'armas, que ainda que viera todo o poderio de Castella, antes se leixariam todos morrer ante seu senhor, que o desamparar por nenhuma guisa, e se dizem que o leixaram porque não conta por onde se foram e que se fez d'elles ou se tornaram pera el-rei, que os receberia mui bem por tal cousa? Porém tão má e tão errada opinião, difamadora dos seus bons vassallos, com os giolhos em terra peçam perdão á verdade, a qual se passou d'esta guisa.

O nobre rei D. João, assim entonce como depois, não amava menos a vida e honra do condestabre que a sua mesma, e quando se o conde houve de partir, disse el-rei que por mais sua guarda e segurança, por azo das gentes que estavam em Santarem, lhe parecïa rezoada cousa que álem das gentes que comsigo trazïa, que haviam d'ir com elle, que das suas levasse mais aquellas que lhe prouvesse.

O conde lh'o teve em grande mercê, e se escusava de as levar, e el-rei todavia o forçou que o fizesse, e levou entonce álem das suas, umas dozentas lanças, as quaes el-rei mandou que o acompanhassem até onde elle quizesse, e elle não quiz que fossem com elle mais que até áquelle logar de Muja; estes são os que o leixaram e se tornaram pera o arraial, mas não os seus bons e leaes servidores.

O conde mandou de noite poer suas gentes e escuitas, como havia em costume, e no seguinte dia foi dormir álem de Salvaterra, e no outro á noite a Monte Mor-o-Novo, e des-ahi a Evora, onde achou alguns dos que foram no desbarato da recova dos que iam pera Arronches, e contando-lhe como fôra, e o azo de sua perda, o conde os confortou por suas doces palavras, dizendo-lhe, «que o mau regimento era grande azo das perdas da guerra».

Entonces trabalhou o conde de ajuntar suas gentes e escreveu a todos os homens d'armas e peões e besteiros, que cumpria de levar comsigo, que se viessem logo pera elle, elles assim o fizeram, e desahi foi-se a Estremoz, tendo esta mesma maneira por se ajuntarem o mais á pressa que podessem.

CAPITULO XXV

Como el-rei partiu de Alemquer pera Abrantes e mandou chamar o condestabre.

Estando el-rei assim em Alemquer, ordenou de mandar chamar os fidalgos da Beira, que venceram a batalha de Trancoso; enviou a lá Diogo Machado, dizendo que todavia trabalhassem de vir, ca cumpria muito a seu serviço e honra e defenssão do reino. E em esto chegou Fernão Rodrigues de Sequeira, fronteiro-mór de Lisboa, com as gentes que ahi tinha e mais as da cidade, que eram cem lanças, contando vinte e uma de inglezes que vinham com elles, e chegaram aos dez dias d'aquelle mez de julho, e como foram com el-rei partiu logo com sua hoste, e foi aquelle dia pouzar a Vallada, que é muito perto de Santarem, onde os seus inimigos estavam, e por boa segurança e percebimento, mandou lançar pregão pelo arraial, que todos aquella noite jouvessem armados, e depois de somno primeiro foi el-rei andar pelo arraial, e aquelles que achava desarmados reprehendia-os com asperas palavras, segundo que cada um era, e em outro dia passou o vau e foi por onde viera á primeira, e em direito de Santarem aguardou um pedaço se sahiriam alguns castellãos a elle, e vendo que não curavam de mais arruido, foi-se seu caminho pousar seu arraial onde chamam a de Ruy Pereira, e no seguinte dia foi á torre da Cardiga, e no outro chegou a Abrantes, e estando alli

per dias, dizem alguns que fizeram livros de patranhas que por quanto o conde não vinha com gentes de Alemtejo, que entrou el-rei um domingo em conselho, e que acordavam alguns que sem elle pozesse a batalha a el-rei de Castella que já diziam que era no reino, e não aguardasse mais por elle.

Ora vêde que escriptura pera nenhum entendimento d'homem arrezoado haver de crêr, e indo depois o conde com as gentes de Alemtejo, que eram boa ajuda pera tal feito, e não podia com esses mais ardidos consentirem pelejar com el-rei de Castella, pois como seriam ouzados dizer que pelejassem com elle?

Certo o tal sermão não é pera ouvir, porém desprezando taes errores, lêde o certo de como se passou.

O conde não havia tanto que se fôra pera ajuntar suas gentes que sua tardada fosse pera prasmar, mas el-rei trigava-se por tres razões. A primeira porque lhe diziam que el-rei de Castella entrava já no reino. A segunda por ser o conde a principal pessoa do conselho, e que com elle havia d'ir. A outra por vêr que gentes trazeria, pera saber quantas teria por todas, e acordado por elles que o mandasse entonce chamar, disse Martim Affonso de Mello a el-rei, que elle iria a lá se sua mercê fosse.

El-rei disse que lh'o agradecia muito e que se fizesse logo prestes, e n'esse dia á tarde o mandou chamar e lhe disse estas razões:

— «Dizei ao conde que bem sabe como me sempre serviu lealmente e que elle é bem certo como eu, com ajuda de Deus, entendo d'haver batalha com el-rei de Castella, que me dizem que entra já

no reino, e estou aguardando por elle dias ha, e pois é forçado de eu haver batalha, e sendo d'ella vencedor como em Deus espero, e não vindo elle a ella, que perderá muito de sua honra, que porém lhe rogo que com essas suas gentes que tiver juntas, quantas quer que sejam, se faça logo prestes, e se venha sem mais tardança.»

Porém el-rei não dizia esto por cuidar do conde cousa que seu desserviço fosse, mas pois havia de mandar recado com risonho gesto, fez embaixada d'estas palavras poucas, dizendo-as a Martim Affonso, o qual se partiu um domingo á tarde, e á segunda feira alçando-se o conde de comer, chegou a Estremoz, e apartando-se com elle, contou-lhe o recado que levava, assim rindo e com aquelle prazer como el-rei havia dito. O conde fez logo chamar esses do seu conselho e fallou com elles, e tanto que fallaram mandou dar ás trombetas e partiu, e foi dormir a Aviz, e em outro dia a Ponte de Sôr, e d'ahi se foi apozentar e comer, duas leguas áquem de Abrantes, e de seu alojamento se partiu depois de comer, com sessenta lanças, e foi vêr el-rei a Abrantes, ficando todos outros onde estavam apozentados, e sabendo el-rei que o condestabre ia pera elle, sahiu ao receber ao rio, onde houve grão prazer quando o viu, e tornou-se pera onde pouzava, e o conde com elle, e depois que fallaram no que lhes aprouve, tornou-se o conde pera d'onde partira. E no seguinte dia se veiu com suas gentes apozentar acerca d'Abrantes, em umas hortas, os quaes eram seiscentos homens d'armas e dois mil de pé e trezentos bésteiros, e o dia que assentou seu arraial aforrado de bestas, foi fallar a el-rei, onde fiquem e fallem, ca bem tem que fallar, e nós ir-nos-

hemos em tanto pera el-rei de Castella e andaremos com elle até que chegue a Leiria, por vos contarmos em certo quanto lhe até alli haveiu.

CAPITULO XXVI

Como el-rei de Castella chegou a Elvas, cuidando de a tomar, e se alçou de sobre ella e foi á cidad Rodrigo.

El-rei de Castella estando em Cordova, como ouvistes, fez começo de entrada em Portugal, com grande sanha e poder de gentes, ca elle trazia em vontade de fazer grão mortandade nos portuguezes, de guisa que por justiça e quaesquer outros modos porque se vingar podesse, não havia de cessar nem sahir do reino até que o por força todo tomasse, e entrou pela parte de Badalhuce, e poz seu arraial sobre uma villa que chamam Elvas, que é perto do Estremo, porque lhe fizeram entender que o logar era minguado de mantimentos, em tanto que comiam pão de bagaço e de outras aborreciveis cousas, que se jouvesse sobre ella quinze dias, que a tomaria por fome, e porque ella é uma das boas villas do reino, prouve a el rei muito d'esto e poz seu cerco sobre ella, e por saber se era tamanha a fome e sede como lhe disseram, jouve sobre ella mais de dez dias, de guisa que foram por todos vinte e cinco dias, e os da villa tinham as portas abertas, e cada dia escaramuçavam com os do arraial quando lhe prazia de o fazer. E um dia sou-

beram os d'Elvas que ao arraial haviam de vir azemulas d'el-rei, com mantimentos e outras cousas, e tiveram enculcas com elles e sahiram fóra e foramnos tomar no caminho que vem de Badalhuce pera a villa, e metteram-nas dentro no logar com quanto traziam, e em outro dia pela manhã, apartou Gil Fernandes trinta escudeiros que fossem com elle escaramuçar, e tinha os homens de pé junto com a villa por sua guarda, e á vista d'el-rei de Castella que pouzava d'alli mui perto, escaramuçaram, andando com os inimigos uma formosa e boa escaramuça, da qual Gil Fernandes sahiu com sua honra, por umà lançada que lhe deram ao cavallo por uma mão, e dos seus morreu um de uma setada, e dos castellãos morreram seis, e el-rei de Castella vendo como perdia seu tempo sobre aquelle logar, estando alli mais do que lhe disseram, e emfim não se seguia como elle cuidava, des-ahi novas que lhe vieram d'aquelle desbarato de Trancoso, em que morrera tanta de sua gente, de que lhe muito pezou, como era razão, mudou seu proposito da entrada que fazer quizera por aquella parte, e foi-se pera cidad Rodrigo, logar de seu reino acerca do Estremo, e se má vontade trazia contra os portuguezes, como dissemos, entonee se lhe fez muito peor por azo d'aquella batalha que os seus perderam, isso mesmo estando n'aquelle logar chegou-lhe recado como os seus tomaram a recova que ia pera Arronches, e desbarataram os que a levavam, e por lhe fazerem prazer os que lh'o contavam, disseram que muitas gentes de Portugal foram alli mortas e desbaratadas, mas não achavam capitão que lhe nomear, e elles foram todos dez almocreves com uma pouca de gente que ia por guarda d'elles; outrosim lhe

vieram novas como vinte e seis naus suas, que mandára vir de Biscaia e das Esturias, jaziam já ante Lisboa, as quaes traziam mantimentos pera bastecer as villas e castellos que sua voz tinham na comarca de Lisboa, e muita madeira pera fazer artificios de tomar villas; e muita forragem de bestas e outras muitas cousas á guerra pertencentes, e tão bem as galés e naus que mandára vir de Sevilha, com outros provimentos, todo era já em Lisboa, e houve el-rei mui grão prazer porque os d'aquella cidade não se podiam já prestar do mar, e ante que d'alli partisse mandou decepar um homem dos da villa, que tinha preso, e mandou outro decepado a Gil Fernandes com um escripto ao pescoço, em que dizia que el-rei jurava que quantos tomasse da villa d'Elvas, que assim faria a todos. Gil Fernandes quando isto viu, pezou-lhe muito d'aquella crueza e mandou logo decepar dois bons escudeiros que tinha presos, e um d'elles que havia nome Pedro Fernandes Biscainho, bradava que era mui mau feito que por um villão havia de decepar dois homens fidalgos, Gil Fernandes respondeu a esto, que se não podia estar detendo em pezar os dividos da fidalguia, nem podia dar tal por tal, mas como foram decepados mandou-os logo ao arraial com senhos alvaras ao pescoço, em que Gil Fernandes prometia e jurava a Deus que se lhe el-rei de Castella mais decepasse algum homem, que elle tinha oitenta homens do arraial presos que todos lh'os mandaria decepados. El-rei não quiz fazer alli mais justiça e partiu-se outro dia pela manhã, e do caminho mandou tornar um homem com dinheiros pera comprar as azemulas que tomaram; e d'ellas lhe venderam algumas, as que os tinham, outros guardaram as

suas e não as quizeram vender, e ante que chegasse a Arronches tomou hi dezesete homens da villa e todos mandou decepar e uzando de taes cruezas, continuou seu caminho até que chegou a Cidad Rodrigo.

CAPITULO XXVII

Do conselho que el-rei houve com os seus antes que entrasse no reino.

Estando assim el-rei em Cidad Rodrigo, com determinada tenção de entrar em Portugal, soube como el-rei partira de Guimarães e passára o Douro, e se viera caminho de Coimbra, e quando d'estas novas foi certificado, não embargando a vontade que trazia, quiz primeiro haver conselho com os seus se era bem vir por seu corpo e entrar em Portugal, ou se era melhor pôr fronteiros no estremo e fazer outra maneira de guerra, e sobre isto foi um grande e mui notavel conselho, no qual se fallaram muitas e boas razões. Mas de todas ellas estas em breve abastem das que alli foram propostas. Uns diziam que seu conselho era que el-rei devia entrar com todo seu poder em Portugal, e trabalhar por cobrar o reino que lhe per direito pertencia, pois tão grande parte tinha já d'elle cobrado, e tantos bons azos pera haver a outra que ficava, ca elles nem homem nenhum que sezudo fosse podia cuidar, nem entender porque guisa o Mestre d'Aviz já se chamava rei, podesse ser ouzado de o attender

e pelejar com elle; posto que ouzado fosse e pelejar quizesse, que elle não tinha tantas nem tão boas gentes como elle levava, com que o ouzasse de attender, de mais que elle mandára dizer ás gentes de Santarem e dos outros logares que sua voz mantinham quando partira de Lisboa, que elle tornaria mui cedo, se Deus quizesse, a lhes accorrer e galardoar seu bom serviço e trabalho, e quando vissem que se el-rei tornava d'aquelle logar pera seu reino, cuidariam que não queria ou não ouzava entrar em Portugal, que lhe pezaria d'ello muito e perderia grão parte das boas vontades que tinham de o servir, e pois elle havia novas que a cidade de Lisboa estava mui afincada assim de mingua de mantimentos que não tinham, como da guerra que lhe faziam os logares d'arredor que sua voz tinham, des-ahi as mais gentes e melhores das que n'ella estavam eram já partidas pera o Mestre que se chamava rei, e não ficava em ella capitão nem pessoas taes que a defender podessem, isso mesmo o porto empachado com multidão de navios que lhe embargava toda ajuda e mantimentos que haver podia, que cercando-a el-rei, e trabalhando por a tomar que ella se lhe daria ou tomaria por força, ainda que não quizesse, e que tomada esta cidade que mantinha esta porfia contra elle, que tomadas eram todas as outras villas e cidades e o reino todo, e pois se por aqui acabava toda sua guerra e cobrava o que queria, que não pozesse duvida de ir por seu corpo e entrar no reino com todo seu poder, mórmente que havia já cerca de um anno que juntava suas gentes com grandes trabalhos e despezas, esperando todos que haviam d'entrar em Portugal com elle, e ora que as tinha juntas, assim do seu reino, como d'outras par-

tes, que não era de leixar tal entrada por cousa que havir podesse, porque a todos arrefeceriam as vontades e os corações, quando vissem tal tornada, cuidando d'elle que o fazia com covardice, e se o por melhor havia, que este accordo devera de haver primeiro ante que juntasse tal poderio, e sem duvida quanto á mingua que Lisboa padecia, elles diziam mui grão verdade, porque tanta foi a fome no anno seguinte, depois que el-rei de Castella descercou, que aquelles que os lazerar vissem, da guisa que eram apressados, chorariam com elles ainda que fossem seus inimigos; além d'esto davam uma boa e forte razão, dizendo que elle era muito certo como os portuguezes tinham mandado a Inglaterra por uma grossa ajuda de gentes, a qual era certo que lhe havia de vir, e vindo primeiro, ante que elle entrasse, juntando-se todos e poendo-lhe a praça, que podia a seu feito dar mui grande torva, e porém ante que elles viessem lhe pozesse batalha e trabalhasse de acabar o que começado tinha, affastando de si todos azos e contrarios, e certamente tal conselho como este, segundo os bons fundamentos que tinha, bem azado era pera ser crido, mas muitos porém houve hi d'outro que se não outhorgaram n'elle, conselhando muito el-rei pelo contrario, como por seus ditos logo podereis vêr.

CAPITULO XXVIII

Como houve outras razões em contrario das que ouvistes, que el-rei por entonce não devia entrar em Portugal.

Acabando de fallar os que eram em este conselho, responderam outros muito em contrario, dizendo que el-rei por nenhuma guisa não devia entonce entrar em Portugal, e davam estas razões, s. a primeira era que el-rei ás vezes adoecia de suas dôres, que havia mui a meude, e que pouco havia que fôra mui mal doente de uma de que não era ainda bem são, e que se adoecesse entrando em Portugal, que era cousa mui contraria a sua entrada, porque em sua hoste havia já poucos ou nenhuns capitães que ordenar soubessem os feitos da guerra, como cumpria, porquanto aquelles que o bem sabiam eram todos mortos, assim na pestilencia quando el-rei jouve sobre Lisboa, como na batalha de Trancoso que pouco havia que fôra perdida, de guisa que n'estas duas cousas e outros aquecimentos contrarios, que lhe a el-rei havieram, havia perdido os mais e melhores capitães e homens d'armas que em seu reino havia, em tanto que faziam conta que perdera bem tres mil homens, e que os capitães que alli eram com elle, eram homens mancebos que nunca se viram em guerras e batalhas, e que lhe era grande perigo provar logo com elles tal batalha como esta, ca sabido era que o Mestre d'Aviz que se chamava rei, era em accordo

d'aventurar todo seu feito por batalha, vendo que não havia n'elle outro remedio, e que todos os que tinha comsigo, que seriam até dois mil homens d'armas, eram n'este conselho e accordo, havendo n'isto grande vontade, como aquelles em que não havia outro cobro, senão poel-o todo no campo, e ainda alguns frécheiros que lhe de Inglaterra vieram, posto que mui poucos fossem, que isso mesmo lhe aconselhavam; além d'esto, que os portuguezes haviam cobrado a cidade de Braga e villas e logares entre Douro e Minho, des-ahi com a batalha de Trancoso e d'outros aquecimentos bons que houveram, estavam mui orgulhosos e soberbos, outrosim que el-rei sabia mui bem que os cavalleiros e outras gentes que leixara na villa de Santarem e nos outros logares, que sua voz mantinham, haviam grão tempo que não eram pagados do soldo que haviam d'haver, e estavam esperando que el-rei lhe levasse pagamento de todo o que lhe era devïdo, e que elle não o tinha assim prestes nem guisado, nem levava nenhum thesouro de que lhe podesse fazer taes pagas, e quando o vissem dentro no reino, uns e os outros, e lhe não pagassem, que por ventura os que eram naturaes de Portugal cessariam de ter seu bando, e os outros de sua terra, que estavam nas fortalezas, se teriam por mal contentes, dizendo que não podiam soffrer tal estado, pois não haviam com que o supportar podessem, e que portanto era melhor que n'aquelle tempo que ficava d'este anno, ordenasse pelas fronteiras guerra guerreada, e enviasse a Badalhuce mil homens d'armas, e á comarca de Galliza quinhentos, e des Alcantara até Cidad Rodrigo outros quinhentos, e que os mantimentos que as naus e os outros navios que jaziam sobre

Lisboa trouveram pera bastecer a villa de Santarem e os outros logares que por elle estavam, que os repartissem por elles em paga do soldo que lhes era devido, os quaes elles tomariam de grado e ficariam bastecidos pera fazer guerra a Lisboa, na qual já não havia viàndas com que se muito supportar podesse, e que el-rei se tornasse emtanto a seu reino, e juntasse dinheiro o mais que podesse pera enviar aquelles que ficassem por fronteiros e pera pago dos que em Portugal estavam por seu serviço, e fazendo guerra seguindo esta ordenança, que o Mestre d'Aviz, que se chamava rei, se veria em tão grão pressa, que não saberia em ello que conselho poer, porque accorrendo contra a parte de Badalhuce, os que estivessem em Galliza e d'Alcantara até Cidad Rodrigo entrariam pelas comarcas de onde estavam por fronteiros e destruiriam toda a terra, e querendo accorrer a cada uma d'estas partes, isso mesmo fariam os que estivessem nas outras fronteiras, e com tal ordenança de guerra, pois elle tinha o mar por seu e Lisboa afincada por fome, que em mui pouco tempo cobraria Portugal todo, e mais lhe aconselhavam os que esta parte tinham que por nenhuma guisa não quizesse pôr este feito em ventura de batalha, porque lhes parecia que seus feitos não se davam assim a bem, como era razão de se darem, assim como fôra o cerco de Lisboa, onde Deus dera tão grão pestelença e mortandades, e outras cousas mui contrarias em que perderam muitas gentes, depois que esta guerra começaram, e que portanto a devia de tomar na melhor e mais segura maneira que podesse, e ainda enadiam outra razão, que se por ventura alguma boa preitezia podesse haver de Portugal, que seriam em conselho que o fizesse.

Mas se algum escrevesse aqui que lh'o el-rei de Portugal commetteu, dizendo que lhe daria uma boa parte do reino, e que lhe não fizesse guerra, tal escrever engeitae-o por falso, ca elle nunca commetteu nem consentiu em avença commettida.

E el-rei ouvindo todas estas razões d'ambas as partes, vendo como se até alli as cousas não guisavam e como elle desejava, porém não embargando esto as razões d'estes que aconselhavam que não pozesse seu feito em aventura de batalha, lhe começaram de desprazer muito, e com larga esperança de cobrar o reino, em breve tempo mui desfigurado de nenhum caso contrario nas primeiras consentiu em seu desejo, porém respondeu a estes por os contentar, que seu talante era entrar pela comarca da Beira, e fazer todo o damno e destruição que podesse, não passando os portos contra Coimbra, e entonce se tornaria pera sua terra, e d'alli poeria suas fronteiras, como lhe aconselhavam, e elles disseram que tal cavalgada como aquella era a elle muito de escusar, porque era modo de almogavaria, que não pertencia a seu real estado.

Porém elle d'estas duas cousas não quiz poer em obra uma nem outra, mas seguiu sua vontade e teve-se no conselho dos que lhe aconselhavam que entrasse, e accordou de enviar por o infante D. João, que tinha preso, segundo que ouvistes, pera entrar em Portugal com elle e poer desvairo nas gentes do reino, e se virem alguns pera elle, e posto que por elle enviasse, não quiz entonce esperar, e sem elle entrou esta vez.

CAPITULO XXIX

Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e d'algumas cousas que se aqueceram antes da batalha.

El-rei de Castella com tal proposito como dizemos, entrou em Portugal pela comarca da Beira, e não se deteve em nenhum logar, mas cada dia andava com sua hoste certas jornadas, que não podiam ser longas, por a grande carriagem e muitas gentes que trazia, e tomou logo um castello que chamam Celorico da Beira, e leixou ahi gentes que o guardassem, e assim se veiu não mui devagar até que chegou a Coimbra, e da parte áquem do rio, em direito de S. Jorge, se aposentaram todas suas companhas, as quaes eram tantas, que era espanto d'olhar, de guisa que não havia homem que as visse, e segundo os logares que já por elle estavam, que não julgasse em breves dias todo Portugal por perdido, e porquanto era no mez d'Agosto, e o Mondego levava pouca agua, passou a mais da carriagem por sob os arcos da ponte e com alguns dos que passavam rua direita ante a porta que chamam d'Almedina, foi envolta uma escaramuça com os da villa, em que d'uma parte e da outra houve poucos mortos e feridos, e as gentes começaram de se estender a roubar a toda a parte, uns por beira do rio a fundo contra Montemór-o-Velho, e des-ahi a Aveiro, e d'elles a Soure, e trouveram grande roubo, e com elle uns poucos de lavradores, e mandou-os el-rei decepar todos, onde sabei que segundo põem

aquelle doutor Christoforus no capitulo — Postquã verò es. no § pre. notat,—que depois que el-rei de Castella d'esta vez entrou no reino, até que chegou a Leiria não cessou de uzar de toda a crueldade, assim em homens como mulheres e moços pequenos, mandou-lhes decepar as mãos e cortar as linguas, e outras similhantes crueldades, e isso mesmo poer fogo ás egrejas, especialmente á de S. Marcos, onde foi a batalha de Trancoso, que já ouvistes, poendo grandes ameaças de prisões e desterramentos, e esto como alguns affirmam era por duas razões, a primeira por vingança do grão queixume que dos portuguezes levara quando partira de sobre Lisboa, por lhe todos não obedecerem como elle quizera, a segunda porque d'esta vinda nenhum tomava sua voz, nem se chegavam a elle pera o servir, e por tanto uzava de sobeja crueldade, que pouco em sua honra accrescentava.

D'alli partiu el-rei e veiu-se a Leiria, uma boa villa e castello forte, no qual estava por alcaide Garcia Rodrigues Taborda, já nomeado em cima, e posto que elle não recolhesse el-rei na villa nem no castello, pero deu-lhe viandas por seus dinheiros e offereceu-lhe seu serviço, e depois foi com elle na batalha, e não sómente este, mas a trigosa vinda d'el-rei de Castella e o grão poder que trouve comsigo fez a muitos mostrar claramente a vontade enferma, que d'antes tinham ser muito sã pera ter com elle. E sabendo os capitães que el-rei leixára nos logares da Estremadura, assim como em Santarem e Obidos e Alemquer, isso mesmo em todos outros logares, como elle já era em Leiria e que el-rei de Portugal se fazia prestes pera lhe poer batalha, a qual se escusar não podia, partiu-se cada

um de seu logar com as mais das gentes que se escusar pôde, e vinham-se pera elle por ser com elle na batalha, isso mesmo fizeram os capitães das galés e das naus que sobre Lisboa jaziam, que se juntaram os mais d'elles, assim homens d'armas como de pé e bésteiros, e foram-se todos pera el-rei, alli onde estava.

Os portuguezes sabendo como tantas gentes se chegavam a elle pera o ajudarem na batalha, por cujo azo sua multidão seria muito maior e peor de resistir, diziam a el-rei que faria bem de lhe sahir ao caminho e lhe embargar tal ida como aquella, por se não acrescentar mais gente da que era; ouvindo el-rei estas razões, conhecendo porque o diziam, respondeu entonce e disse:

— «Não cureis d'esso, leixai-os ir, ca posto que se agora todos assim ajuntem e se vão pera seu senhor, não cuido que os acheis tão junto com elle, quando houverem de morrer ás vossas mãos».

E esto lhe dizia elle pelos animar e esforçar, posto que as razões d'elles lhe parecessem leaes, onde sabei que assim em Leiria soube el-rei de Castella em certo que el-rei de Portugal se fazia prestes com suas gentes pera o aguardar em campo, e lhe poer batalha, onde fique correndo seus feitos como lhe prouguer e nós tornemos vêr que conselho houve el-rei com o condestabre, depois que partiu d'Abrantes e passaram estes poucos dias.

CAPITULO XXX

Do conselho que el-rei teve com os seus sobre o poer da batalha, e das razões que hi foram falladas.

Estando el-rei em Abrantes da guisa que o leixamos, entrou em conselho elle e o condestabre e os outros com que tinha costume de fallar seus segredos, esto sobre duas razões, a primeira se poeria batalha aos inimigos ou uzaria de guerra guerreada, pois que o poer da praça era cousa mui duvidosa, e se dissemos que el-rei de Castella, ante que de todo entrasse no reino, teve um grande e notavel conselho, se era bem entrar ou poer gentes pelas comarcas, não foram em esto menos de palavras nem mais pouco disputadas as de seus contrarios, mas por abreviar o que ahi foi fallado, diremos estas poucas cousas, porque comprehender podeis as mais que se dizer podiam.

A divisão de uma parte era mui pouca, ca os mais d'elles outhorgavam não haver hi batalha, e davam estas razões: diziam que pois el-rei de Castella entrava no reino, que se fosse el-rei a Alemtejo, e que entrasse pela comarca d'Andaluzia, e quando el-rei de Castella esto soubesse, que encaminharia pera o ir buscar, por accorrer a sua terra, e por esta guisa o desviaria de não chegar a Lisboa pera lhe fazer damno, e indo-o buscar d'esta maneira, que se tornaria el-rei ao reino por outra parte, e d'este geito escusaria a batalha que era cousa mui duvidosa e de grão perigo, porque el-rei de Castella vi-

nha mui orgulhoso com poderio de muitas gentes, e elle em companhas e nas outras cousas estava muito pelo contrario, e que em se fazendo a guerra por esta guisa, espaçar-se-hia o tempo e poderiam em tanto vir algumas gentes de Inglaterra em sua ajuda, pois era certo que haviam de vir, e aguardavam cada dia por elles, ou haveriam algumas avenças de que se depois poderia seguir paz e bom assocego, e n'este accordo eram todos os do conselho, ante que o condestabre viesse, e isso mesmo depois.

O conde quando aquello ouviu desprougue-lhe muito do tal accordo, como aquelle que nenhuma cousa mais desejava que vêr-se com el-rei de Castella em campo, e el-rei outrosim posto que este desejo tivesse, eram tantas as razões que os do conselho davam a se haver de escusar, que o faziam poer em duvida e inclinar da sua parte, e não sem razão, ca seu vencimento era mui duvidoso, porque os mais dos portuguezes eram em ajuda dos inimigos; porém o conde pera os demover disse muitas e boas razões, mostrando quanto era proveito do reino e honra d'el-rei de poer batalha a el-rei de Castella, pois que o tinha comsigo no reino, d'outra guisa não o fazendo que mostrariam grande mingua e covardice, a qual quebraria a muitos os corações dos portuguezes, que esperavam sua defensão, e daria grande esforço a seus inimigos, e que leixando-os chegar a Lisboa, que podia ser que se lhe daria, vendo-se posta em aficamento, e perdida Lisboa, perdido era todo o reino.

—«Demais, senhor, disse elle contra el-rei, que vós sabeis bem quando escrevestes a Lisboa que vos mandassem as gentes que vos havia de enviar, que logo lhe fizestes saber que vós havieis novas

certas que el-rei de Castella vinha com grande poder pera ir sobre ella, mas que elles fossem bem fortes que com a ajuda de Deus elle acharia o caminho assim embargado, que não haveria vontade de lá chegar, e mais mandastes uma carta d'avisamento a Alvaro Paes, como sabem estes que aqui estão, sobre feito de Fernando Annes, almoxarife que foi do conde D. Alvaro Pires de Castro, em como vos era dito que elle tinha falla feita que dessem entrada por um postigo da cidade aos castellãos, e a maneira que tivessem em fazer d'elle justiça e dos que achassem que eram culpados, e ora por mais avundamento foram tomadas as cartas que bem vistes, que el-rei de Castella mandava a Diogo Gomes Sarmento, em que faz menção que lhe envia uma carta a Pero Affonso da Ribeira, capitão da sua frota, que fosse com algum seu amigo, de guisa que a carta entre em Lisboa e entendam o que n'ella é conteudo, pois quando na carta que se lêr póde, disse elle, vae tal cousa como esta, que fará nas outras, que com ella iam, que se lêr não pódem? Em que parece que alguma má semente jaz n'aquella cidade, entre trigo limpo, em que el-rei tem sua esperança, a qual seria muito acrescentada em elle e reinaria mais nos corações d'aquelles que alguma traição tem cuidado de fazer, quando vissem que el-rei nosso senhor não ouzava de lhe poer a praça e se ia andar a Sevilha, por cortar duas oliveiras podres, o que em verdade sem esto por nenhuma guisa não era de fazer, vistas as pressas e tribulações que Lisboa padeceu e padece por levar este feito a deante por honra do reino e serviço d'el-rei nosso senhor, e ora em galardão de tão bom serviço dizeis que se vá a Sevilha gastar gentes e tempo sem cousa que

lhe aproveitar possa, e que leixe Lisboa em poder de seus inimigos, sem capitão e gentes que a defendam, morrendo de fome como cães, como morrem cada dia, que maior é agora a fome em ella, que quando a el-rei de Castella teve cercada e tomada Lisboa, metel-a-ha el-rei a roubo, como de infieis, matando e roubando e deshonrando quantos bons em ella achar, e dos outros uzará como servos e captivos, como aquelle que é bem certo que ella foi e é cabeça de quantos no reino rebelam contra elle, e el-rei nosso senhor é mister que se faça entonce seu vassalo, e nós outros todos com elle, e este ha-de ser a fim da guerra que havemos de ir fazer a Sevilha, se nol-a lá leixarem fazer, ca Sevilha não é aldeia de dez fogos, que não torne sobre si, ella e os da comarca de redor, quando tal cousa virem. Certamente eu vos digo, se meu conselho em esto fosse creudo, que não digo eu com estes poucos que vós dizeis que nós somos, como é verdade, mas ainda que nós fossemos mais poucos do que aqui estamos, que eu nunca o leixaria chegar a Lisboa, mas ao caminho lhe iria sahir, e poer a praça á ventura que me Deus dar quizesse, havendo firme esperança n'Elle que m'a daria boa, quando cuidasse que pelejava com um homem que contra verdade e juramento dos tratos que prometido tinha, queria tomar por força um reino de que tem perdido direito algum, se o n'elle havia. A ajuda de Inglaterra que dizeis que esperamos, digo que era mui bem se sua vinda fosse a tempo que podesse aproveitar, mas entendo que já não póde vir senão ao atar das feridas».

«Os fidalgos da Beira que el-rei tem mandado chamar, é mui grão razão que os attendamos, com-

tanto que sua vinda seja antes que el-rei de Castella passe de todo, e se vá lançar sobre Lisboa, ca depois que elle jouver sobre ella e se apalancar e correger com o poderio que leva, mui mal lhe poderemos depois accorrer, mórmente cidade esfaimada e sem capitão, e ainda má semente n'ella, segundo por estas cartas parece, e pois elle tem esperança de a cobrar por taes cartas como manda, vêde que fará jazendo sobre ella e fallando á sua vontade com aquelles a que tal segredo escreve? Assim que vistas estas couses e cuidando mui bem, todo meu concelho não é, nem será, salvo poer-lhe batalha e attendel-o no campo e tomar tão grave honra e boa ventura, como nos Deus traz á mão, e esta foi sempre a minha tenção, e assim o disse a el-rei meu senhor, que aqui está, quando lhe em Guimarães primeiramente veiu recado que el-rei de Castella queria entrar no reino, e n'este accordo ficamos entonce, e sempre lhe tal desejo senti.

Mas se o vós agora mudaes de seu bom proposito e vos elle quer seguir a vontade, pode fazer o que sua mercê fôr, mas eu nunca me entendo mudar do meu, e d'aqui em deante farei como quizerdes, ca eu não cuido em ello mais fallar.»

Entonce se sahiu do conselho e se foi pera seu alojamento, e os outros ficaram em grandes debates fallando assaz de muitas razões, as quaes todas serviam e eram fundadas em toda a guisa batalha não ser.

CAPITULO XXXI

Das razões que el-rei disse aos do conselho e como mandou chamar o condestabre.

FICANDO este concelho não determinado n'aquelle dia, no outro seguinte, bem cedo pela manhã, ouvidas primeiro missas segundo costume, mandou o conde dar ás trombetas, e com coração bem menencorio, cheio porém de virtuosa ardideza, sem mais fallar a el-rei nem a outro nenhum, se partiu com suas gentes caminho de Thomar, pera onde el-rei de Castella vinha, e el-rei quando soube que o conde assim se partia de seu alojamento e se fôra, maravilhou-se muito, tendo como era verdade que elle ia muito annojado, porque todos tinham tenção de não ser batalha, e os do concelho começaram de dizer que o conde errara mui muito em se partir d'aquella guisa, e que bem mostrava sua partida por este modo grão desprazimento d'el rei e d'elles todos, dizendo estas e outras razões por o omiziar com elle por não curar de seu conselho, mas el-rei que d'elle muito fiava, por sua grão bondade e leal serviço, não se curou de quanto diziam, conhecendo do conde quem era e a todas aquellas razões, segundo diz aquelle doutor, deu esta resposta e disse:

Pratica d'el-rei D. João

— «Amigos, esta noite eu cuidei muito acerca do nosso feito, e do conselho que hontem houvemos, e

vistas as razões todas que aqui foram falladas, e quantas eu mais poude cuidar, as do condestabre em toda guisa me parecem que devemos seguir, ca segundo dizem e eu hei por novas certas, el-rei de Castella leva seu caminho direito pera Santarem, onde por alguns mezes quer estar d'assocego, e d'alli mandar certas gentes a Cintra e a Alemquer, e aos outros logares que sua voz mantem, e que assim de Santarem como de todos elles cada edoma vão correr até os muros de Lisboa, e que quantas pessoas percalçar poderem, que todos matem e captivem, e que queimem e roubem quaesquer mantimentos e cousas que achar poderem, até que elle vá sobre a cidade e por força e fome e taes padecimentos, se lhe haja de dar, e por ella entende de tomar o reino todo, como é verdade, sem mais batalha nem outra ordenança de guerra, e nós que lhe accorrer queiramos, depois que fôr cercada, podel-o-hemos mui mal fazer, segundo a multidão das gentes que el-rei sobre ella terá, assim por mar como por terra, e ainda vos digo mais, e que lhe occorrer queiramos por ventura depois que el-rei passar e jouver sobre ella, muitos dos que ora aqui são commigo poderia ser que iriam lá de má mente, ou se tornariam pera suas casas; outrosim que queiramos ir a Castella, como alguns de vós outros dizem, entendo que de tal ida não se nos póde seguir proveito nem honra, assim que se nós a este feito não aventuramos pôr batalha, como o conde diz, o reino é de todo perdido, e quanto até aqui fizemos foi em vão todo, e muito melhor fôra não o começarmos, e quanto é o que mais duvidamos por serem elles muitos e nós muito poucos, a esto digamos o que dizem que disse Judas Machabeu a suas gentes,

quando o principe das hostes de Siria ajuntou grão batalha contra elle, e os de Judas porque eram poucos, receavam a multidão dos inimigos, e duvidando disseram a Judas — como poderemos nós tão poucos como somos lidar com tanta gente e tão forte? Elle dizem que respondeu e disse:

— «Ligeira cousa é ao Senhor Deus dar aos muitos nas mãos dos poucos, porque a victoria da batalha não é na multidão da hoste, mas do ceu vem o vencimento. Entonce os foi commetter primeiro, è foi aquelle principe desbaratado, e toda sua hoste, por Judas e por aquelles poucos que comsigo tinha, e eu assim digo a vós outros, disse el-rei, que por nós sermos pouca gente e elles muitos mais que nós, que não havemos por isso porque nos espantar, já que muitas vezes aconteceu, e cada dia vemos aquecer, que os poucos ás vezes venceram os muitos, de mais que nós temos justiça em defender nossa terra e nossos bens, de quem nol-a quer tomar por força contra Deus e contra direito, britando os tratos e juramentos que sobre esto fez, mórmente que eu entendo de lhe mandar dizer primeiro que eu lhe requeiro da parte de Deus e do martyr S. Jorge que se torne pera sua terra com seu poderio, e não queira damnar este reino em que não tem direito, senão que seja certo que eu porei este feito em juizo de Deus, que o livre por batalha como sua mercê fôr, e Deus que sabe todas estas cousas e todo o mal que elle contra nós cuida, elle seja o nosso capitão em aquelle dia, e nos dará d'elle vencimento de que todos cobraremos grande honra e boa fama, e prazerá a Deus que elles que me agora chamam por escarnecer rei d'Aviz, que elles me chamarão cedo rei de Portu-

gal, com que lhes muito pezará, e que d'outra guisa fosse, que Deus não mande, todo o mundo diria que fizeramos o que devíamos, e sempre de nós ficaria bom preço e nomeada, e eu espero em Deus e na sua preciosa Madre, que seja nossa advogada que nós teremos a victoria d'este feito melhor e mais prestes do que cuidamos, e porém com esforço de Deus e da Virgem Maria, e do precioso martyr S. Jorge, todos de boa vontade mandemos chamar o condestabre, que bem sei que vae annojado, e ordenemos a batalha como se haja de poer, e movamos logo juntamente e vamos buscar nossos inimigos.»

Estas e outras boas razões, segundo escreve aquelle doutor, fallou el-rei aos seus pelos esforçar, de guisa que como o temperado formento leveda a massa que aproveite, assim as boas razões d'el-rei levedaram todos, vendo seu afincado desejo a outhorgarem que fosse a batalha, dos quaes o doutor Gil Docem ante os outros que fallaram disse por esta guisa:

— «Senhores, tomae os dados na mão, cuidando que jugaes com el-rei de Castella, e lançando-os pelo tavoleiro, ponde este feito em sorte de batalha, e se vos vier de retorvo, lançaes o melhor encontro que nunca lançou rei que n'esta terra fosse, é posto que lançaes azar, não podeis sahir do jogo senão com vossa honra.»

El-rei começou logo de se sorrir, e os outros, e mandou logo chamar o conde, por João Affonso de Santarem, que era do seu concelho, o qual chegou ao arraial onde já o conde com os seus estava aposentado, e disse que el-rei lhe enviava rogar que tornasse a elle pera haverem seu conselho como se

este feito melhor podia fazer, e mais com sua honra, e o conde como ardido e valente cavalleiro respondeu de praça que o ouviram todos, e disse:

— «Dizei a el-rei meu senhor, que eu não sou homem de muitos conselhos, e pois já uma vez por elle foi determinado como elle bem sabe, de não leixar passar el-rei de Castella, todavia lhe poer batalha, que eu d'esta tenção não me entendo de mudar, nem tornarei um pé atraz, mas dizei-lhe que peço por mercê que me leixe ir meu caminho, ca eu com estes poucos e bons homens portuguezes que commigo vão, lh'a entendo de ir poer; se sua mercê fôr de ir lá, mande-m'o dizer, e aguardal-o-hei em Thomar.

O bemaventurado rei, e muito bemaventurado, que mereceu d'haver e possuir um tão leal e ardido vassallo, que com seus poucos e bons companheiros quizera escuzar seu senhor de tão grande e duvidosa contenda, se lhe prouvera de o consentir, mas o nobre rei quando viu sua notavel e tanto de louvar resposta, mandou a elle outra vez Fernão d'Alvares d'Almeida, que lhe rogava todavia que tornasse, e se tornar não quizesse, que se fosse aposentar em Thomar, e que elle partiria logo d'Abrantes e se iria apoz elle pera ordenar a batalha.

O condestabre foi d'esto mui ledo e partiu logo caminho de Thomar, que eram cinco leguas d'Abrantes, e el-rei isso mesmo no seguinte dia, e alli se ajuntaram entonces todos.

CAPITULO XXXII

Do recado que o condestabre enviou á el-rei de Castella, e das razões que mandou ao que prenderam que dissesse perante el-rei.

Elles assim juntos em Thomar, fez el-rei alardo e achou certas gentes que depois diremos, d'homens d'armas e de pé e besteiros, e logo el-rei e o condestabre concertaram suas batalhas, assim da vanguarda como da reguarda, e as alas esquerda e direita, e que gentes e capitães haviam de ir em cada uma, assim na vanguarda qne o conde havia de levar, como na reguarda, onde el-rei havia de ir, onde sabei que antigamente em Portugal, não nomeavam nas batalhas a vanguarda, nem reguarda, nem ala direita nem esquerda, mas chamavam á vanguarda dianteira, e á reguarda catua, e ás alas costaneiras, e depois que os inglezes vieram em tempo d'el-rei D. Fernando, como ouvistes, entonce lhe chamaram estes nomes.

Esto feito ordenou o conde logo de fazer duas cousas, uma foi mandar quatro ginetes que fossem tomar alguma da companha dos inimigos, por saber em certo que gentes trazia el-rei, e como assentava seu arraial, e que guardas punha de noite sobre si, a outra de mandar um regimento a el-rei de Castella por escripto, o qual lhe levou um escudeiro, e dizia d'esta guisa:

— « Direis a el-rei de Castella que meu senhor el-rei de Portugal, e todos seus naturaes que com

elle estão, lhe dizem de parte de Deus e do Martyr S. Jorge, que lhe não queira destruir sua terra, e que por serviço de Deus, sendo guardada a honra d'el-rei meu senhor, e ficando elle rei no reino de Portugal, que elle faria com elle boa avença, qual fôr rezoado e guisado, e não o querendo elle desembargar nem se partir de sua terra, que el-rei meu senhor o põem todo na mão de Deus, e o quer livrar por batalha e esperar sobre esto o seu juizo».

El-rei de Castella recebido o escripto e vistas suas razões, respondeu por outro tal que deu ao escudeiro, cuja resposta era esta:

—«Dizei vós a Nuno Alvares Pereira que elle sabe mui bem que eu casei com a rainha D. Beatriz minha mulher, filha d'el-rei D. Fernando, e fiz minhas bodas com ella na cidade de Badalhuce, e o Mestre d'Aviz que se chama rei de Portugal, e todos grandes do reino, vieram hi e lhe beijaram a mão por rainha e senhora do dito reino, e assim a mim como a seu marido, depois dos dias d'el-rei D. Fernando, e d'esto houve hi certos tratos jurados sobre o corpo de Deus consagrado, e que eu hei direito n'este reino, por bem da rainha minha mulher, e que se o Mestre d'Aviz e os que com elle estão se quizerem vir a minha mercê, não catando o muito desserviço que me hão feito, que eu partirei com elles em este reino, assim em terras como officios grandes e honrados, de guisa que elles sejam contentes, d'outra guisa não querendo, salvo porfiar em seu rebelamento e desobediencia, e o querem levar por batalha, que eu creio que Deus me ajudará com o bom direito que hei, e com tal intenção os irei buscar.»

Este recado vindo ao conde, chegam os quatro

ginetes que elle mandára, e a uma legua do arraial d'el-rei de Castella tomaram um escudeiro portuguez que andava de cavallo por esses casaes, buscando alguma cousa, como faziam outros, e trouveram aquelle escudeiro a Thomar, e os tres de cavallo ficaram com elle nos olivaes além da ponte, e um d'elles veiu fallar ao condestabre, dizendo como tinham alli aquelle prisioneiro, e era esto um dia que tornaram outra vez a prover o alardo e concertar toda sua batalha, como á primeira ordenaram, e o conde se foi só caladamente com aquelle que lhe trouvera o recado, e apartou aquelle homem a departe, e soube novas do arraial dos inimigos, que gentes eram e quantos, e toda sua maneira, e depois que todo soube disse ao escudeiro como el-rei com suas gentes estavam entonce provendo o alardo que fôra já feito, e consertando suas gentes como haviam de ir, que lhe rogava e mandava que presente el-rei e todos os homens d'armas que alli eram, dissesse que el-rei de Castella tinha gentes estrosas e pêra pouco, e desacordados uns dos outros, e que aquellas gentes que el-rei alli tinha lhe pareciam taes e tão bons que melhores eram cem homens d'armas d'aquelles que mil dos outros, e que dizendo elle assim que lhe faria mercê, e se soubesse que o d'outra guisa dizia, que o mandaria matar, sem haver n'elle mais vida, e o escudeiro prometteu que assim o diria, e muito melhor, se o melhor podesse dizer. Entonce se foram onde os portuguezes estavam, e o condestabre chegou a el-rei e disse como cavalgadores traziam alli um escudeiro preso da companha d'el-rei de Castella. Entonce perguntou el-rei de praça por novas dos castellãos, e elle disse perante todos aquello que o con-

destabre lhe mandara dizer, desprezando muito a gente d'el-rei de Castella e louvando aquelles que alli estavam, dizendo que os outros logo eram gentes pera nada, e outras taes razões de desprezamento, com que muito folgaram os corações dos portuguezes, cobrando mór vontade e desejo pera irem á batalha.

CAPITULO XXXIII

Do recado que el-rei de Portugal enviou a el-rei de Castella, e como chegou ao campo e ordenou a batalha.

SIMILHAVELMENTE não embargando o que este escudeiro disse por mais avisamento e certidão das gentes que el-rei de Castella trazia, mandou el-rei a lá com recado por palavra um escudeiro chamado por nome Gonçalo Annes Peixoto, ao qual el-rei encomendou que esguardasse bem que gentes eram e como corregidas, e toda sua ordenança, e elle chegou ao arraial dos inimigos e apresentado ante el-rei propoz estas razões e disse:

Recado d'el-rei de Portugal a el-rei de Castella

«Senhor, el-rei de Portugal, meu senhor, vos envia dizer que bem sabeis como já por vezes entrastes em este reino damnando e destruindo e fazendo em elle quanto mal podestes fazer, trabalhando por o cobrar e haver pera vós, como se fossem bens de vossa herança, sabendo vós bem que não tendes em

elle direito nenhum, e que se algum direito já tivestes em outro tempo, que o perdestes todo, pelo britamento dos tratos que quebrastes, e que ora outra vez vindes por o damnar e destruir, que é cousa que esguardada bem por vós não vos deveis d'elle entremeter, porém que se vos prouguer, por se não damnar a terra, nem padecer tanta gente como em tal feito se pode perder, que guardada sua honra como deve, elle de boamente será vosso amigo e inimigo de inimigo, e isto não por receio e espanto que de vossas gentes haja, mas sómente por se não esparger tanto sangue d'ambas as partes como está prestes pera se esparger, de que elle não queria ser azo, e que vos requer da parte de Deus e do martyr S. Jorge, que não queiraes em ello ter outra maneira».

El-rei ouvindo estas razões, respondeu ao escudeiro e disse:

— «Dizei ao Mestre, que se chama rei do reino que seu não é, que eu me maravilho muito d'elle querer manter contra mi tal porfia como mantem, e dizei que o reino que é meu per casamento de minha mulher, que o quer elle haver pera si e trabalhar de o defender, que é cousa que elle nunca hade levar adeante, mas dizei-me ante que mais vos diga que vos valha Deus, que quer dizer guardada sua honra, como deve?

«Quer dizer que fique elle rei como é, respondeu o escudeiro, n'aquelle estado em que Deus e os povos o pozeram».

D'esto houve el-rei grão queixume e sanhudamente respondeu, dizendo:

— «Dizei ao Mestre que nunca em sua vida o tem de vêr, e que ante se Castella toda perdera em esta

demanda, que elle haver de ser rei do reino que a mim pertence, e que lhe requeiro da parte de Deus e do apostolo Santiago que me não queira em esto mais poer torva, e que todo o mal e damno que se d'esto seguir, que Deus o demande a elle, e a mim não».

— «Pois assim é, disse o escudeiro, que vós d'outra guisa, senhor, não praz, el-rei meu senhor vos manda dizer que elle quer esperar o juizo de Deus sobre esto, e o quer levar por batalha, a qual vos entende de poer no dia e logar que vós divisardes, ou no primeiro que pera ello achar mais azado».

El-rei respondeu que lhe prazia muito, e despedido d'elle tornou-se a Thomar onde el-rei de Portugal ainda estava. El-rei como o viu prouve-lhe muito com sua vinda, e fallando com elle a departe, depois que lhe contou a mensagem, perguntou-lhe que lhe dissesse a verdade, que gentes trazia el-rei de Castella, e como corregidas, e por toda sua ordenança, e elle lhe respondeu dizendo:

—«Digo-vos, senhor, que eu vos entendo em esto fallar tão certo que além do que vos eu disser nenhuma cousa achareis nem mais nem menos, porque n'aquelle dia que eu cheguei fazia el rei alardo, e a mim pareceu segundo eu vi e pude estimar, que elles são até sete mil lanças e dois mil ginetes; béstaria e homens de pé são tantos que não me atreverei a poer conto, pagens e d'outra gente de carriagem, é tanta a multidão que no mundo não ha homem que se não espante; capitães e d'outras pessoas honradas vi hi d'elles assaz muitos, assim como D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, condestabre de Castella, que dizem que traz a vanguarda, e com elle D. Pedro Alvares Pe-

reira, mestre que ora é de Calatrava, irmão do nosso condestabre; D. Gonçalo Nunes, mestre d'Alcantara, e D. Pedro Dias, prior de S. João, dizem que trazem uma ala; Pedro Gonçalves de Mendonça, seu mordomo mór traz muita gente comsigo, e assim outros, assim que sómente João de Valhasco, pagem mór d'el-rei, que lhe traz o bacinete, ha á sua quinhentas lanças. Outro sim vem hi João Furtado de Mendonça, alferes mór d'el-rei, Diogo Gomes Manrique, adeantado mór de Castella, D. João, filho de D. Telo, primo co irmão d'el-rei, e outros que não saberei nomear, capitães isso mesmo vem hi d'este mesmo reino assim como D. João Affonso Telo, que foi almirante, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e João Duque, e Garcia Rodrigues, e todos os alcaides dos logares que por elle estão na Estremadura, todos me pareceu que vi hi com muitas gentes comsigo, em tanto que sua multidão me pareceu tanta que é bastante pera poer batalha ao mór rei e senhor do mundo.»

El-rei ouvindo estas cousas que assim contava, deu a entender que não fazia d'esso conta, e disse ao escudeiro:

— «Sede avisado que por cousa do mundo não saiba eu que a ninguem dizeis nem migalha do que agora a mim dissestes, mas dizei a quem vos perguntar que são poucas gentes e mal corregidas, e que todas vos parecem gentes de conselhos, e os mais d'elles que foram confusos e poucos e maus peões, e peores bésteiros, e assim das outras cousas, far-me-heis em ello serviço, que vos cobrirei com mercês, e d'outra guisa a nenhum por muito vosso amigo que seja não digaes o contrario do que vos eu mando.»

O escudeiro respondeu que assim o faria e que a nenhum diria cousa porque se mudasse de seu bom proposito.

Partiu el-rei entonce de Thomar com aquella ordenança que alli fizera, o condestabre na vanguarda e alas, o pagem e balson tendido, e o alferes e a bandeira na funda, e el-rei na reguarda com aquelles que era ordenado, e com este regimento chegaram a Ourem, que eram d'alli tres leguas, onde o conde já tinha tomado alojamento pera a hoste ao pé da villa, contra Athouguia das Cabras, e como o arraial foi posto e a tenda d'el-rei armada, levantou-se um corço em meio do arraial, e correndo-o todo á redonda e muitos de cavallo em poz elle, nunca o poderam ferir nem matar, salvo na tenda d'el-rei onde se foi meter, o que todos houveram por bom signal, como se costuma fallar em taes feitos, dizendo todos com grão sabor, que assim como aquelle corço morrera, que assim esperavam em Deus que seria el-rei de Castella preso ou morto na tenda d'el-rei, e outras taes razões.

Ao sabbado seguinte partiu el-rei de Ourem e o condestabre ante elle com a vanguarda, e foi toda a hoste alojar a Porto de Mós, que eram d'alli cinco leguas, e ao domingo que alli folgaram, depois de missa, foi o conde por mandado d'el-rei contra Leiria, com cento de cavallo, com cotas e braçaes, e lanças compridas, e subiram por uns cabeços altos, por vêr se poderiam vêr a gente d'el-rei de Castella como vinha, e porque a vêr não poderam, tornou-se ao arraial e disse-o a el-rei. A' segunda feira, ante manhã, vespora da Virgem Maria, bem cedo de madrugada, mandou o conde dar ás trombetas, e de noite, ante que amanhecesse, começou ouvir suas

missas, e n'aquella tenda onde elle estava, davam o Santo Sacramento a quantos commungar queriam os clerigos que pera isto eram prestes, e logo como foi de dia, partiu d'alli toda a hoste e foram caminho d'aquelle campo, onde depois foi a batalha, que é d'ahi uma pequena legua, o condestabre deante por buscar logar convinhavel, el-rei detrás na reguarda, como tinham em costume; e assignado onde a batalha fosse e cada uma cousa devisada, chegou el-rei e prougue-lhe muito de como tudo estava ordenado, e desceu-se pé terra e começaram de ordenar sua batalha da vanguarda e reguarda, e alas e pagens e carriagem, todos detraz, cerca dos homens de pé e bésteiros, que não podessem receber damno.

CAPITULO XXXIV

Como os fidalgos da hoste d'el rei de Castella vieram fallar ao condestabre, e das razões que com elles houve.

Tendo el-rei posta sua batalha com os rostos pera Leiria, d'onde os inimigos haviam de vir, que eram d'alli boas duas leguas, era já o dia em boa altura, acerca das dez horas, e el-rei fazia em tanto cavalleiros a quaesquer que o ser queriam, e fallava aos seus muitas razões d'esforço, dizendo que fossem fortes e ardidos, tendo grande esperança em Deus que os havia de ajudar, pois defendiam justa querella, e aguardando elles d'esta

guisa, começaram d'apparecer as gentes d'el-rei de Castella, as quaes eram tantas por toda a terra, que não havia homem que os visse que podesse cuidar que os portuguezes entre elles podessem guarecer; os apavesados e bésteiros vinham deante parecendo fatos de vaccas e grandes manadas de desvairados gados, assim que valles e outeiros se escondiam sob a grande multidão de uns e dos outros, e dando o sol em suas esplandecentes armas, faziam parecer muitos mais do que as gentes diziam, assim que se sua vista punha temor e espanto nos que os olhavam, escusado é perguntal-o, e vindo muito de seu vagar, chegaram acerca dos portuguezes, sendo já o sol no meio dia, e quando os viram estar na estrada, onde ora é feita a egreja de S. Jorge, não quizeram pelejar com elles de rosto, mas começaram-se de ir contra Aljubarrota da parte que é contra o mar, e os portuguezes cuidando que lhes não queriam dar batalha, diziam entre si uns aos outros:

—«O pezar do demo, já se vão e não querem pelejar?»

Em esto passando a hoste d'aquella guisa, começaram de se deter um bom espaço além d'elles, e alli seguraram e estiveram quedos, e por avizamento de vêr os portuguezes como estavam, chamou el-rei a Pero Lopes d'Ayala e Diogo Fernandes, marechal de Castella, e Diogo Alvares, irmão do condestabre, dizendo algumas cousas que fossem fallar com elle, mostrando que o haviam por proveito de uma e outra parte, e iam por todos cinco de cavallo com dois cavalleiros gascões, que vinham por vêr o condestabre que homem era, por sua grão fama, que todos d'elle diziam, e postos em logar d'onde podiam ser ouvidos com signal de seguros, como é de costume,

começou um de bradar que lhe chamassem Nuno Alvares Pereira, que o chamava seu irmão, e el-rei que era mais acerca d'aquella parte, como ouviu que o chamavam, fez chamar o conde e disse:

— «Colhei-vos a um cavallo, (porque elle andava de mulla) e hi vêr que vos quer vosso irmão, que me parece que vem alli».

O condestabre feze-o assim, e chamou um cavalleiro que levou comsigo, e não quiz mais levar, e quando se chegaram a fallar que Diogo Alvares o viu, mostrou grão lédice com sua vista, e abraçando o beijou na face e disse:

— «Oh! irmão, quanta saudade hei de vós, que ha tanto tempo que vos não vi, e quando me lembra nossa criação e vos não vejo da parte d'el-rei meu senhor, parece-me que quero morrer, e nosso irmão o mestre de Calatrava vos envia muito saudar e vos certifica que tamanha saudade ha de vós, como eu, e assim vos queria vêr com el-rei meu senhor».

E o conde respondeu dizendo:

— «Assim eu hei saudade de vós e d'elle, e aquello que vós pera mim desejaes, que é verdes-me comvosco, e da vossa parte, assim vos desejo eu vêr da nossa e da parte d'el-rei meu senhor, e se me outra cousa além d'esto quereis dizer, podel-o fazer sem nos mais deterdes».

Entonce fallou Pero Lopes e disse:

— «Nuno Alvares, bem sabeis como o Mestre d'Aviz que se chama rei de Portugal, e todos fidalgos que hi estão com elle, fizeram juramento a el-rei meu senhor sobre o corpo de Deus consagrado, de tomar e receber a rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, depois da morte d'el-rei seu padre,

por sua rainha e senhora natural, e isso mesmo el rei de Castella meu senhor, por bem de ser seu marido, e diz que vós digaes ao Mestre que se chama rei, que elle lhe requer da parte de Deus e do Apostolo Santiago que se guarde este juramento, senão que Deus seja hoje juiz d'este feito».

A estas razões respondeu o conde e disse:

— «Verdade é que certos tratos foram feitos entre el-rei de Castella e el-rei D. Fernando quando se fez esse casamento que vós dizeis, os quaes foram já jurados sobre o corpo de Deus, de uma parte e da outra, e nós temos que el-rei de Castella os não guardou, segundo que os prometido havia, antes os passou e quebrou todos passando em este reino contra a ordenança dos tratos, tomando menagens e quitando outras que o não era razão de fazer, e mais tomou o regimento do reino que tinha a rainha D. Leonor, que era muito defeso nos tratos, e portanto os povos do reino proveram de haver rei e senhor que os defendesse, o qual está alli com elles, e crêem por sua parte que tem justiça e direito, o qual querem aventurar por batalha, esperando o juizo de Deus sobre ello, e d'esta tenção não se devem de mudar, e porém direis a el-rei de Castella que el-rei meu senhor lhe requer da parte de Deus e do martyr S. Jorge que se parta de sua terra e não queira mais entrar em seu reino, segundo lhe já mandou dizer.»

Respondeu entonce a esto Pero Lopes, dizendo:

— «A el-rei meu senhor não é defezo entrar n'este reino, o qual ha de haver por sua mulher. Preitos e mensagens elle as não quitou, pero que muitas villas e castellos estem por ella, e quanto é ao regimento que dizeis que el-rei tomou á rainh

D. Leonor que devera ter até certo tempo, digo-vos que el-rei não lh'o tomou, mas ella o leixou de sua vontade e o renunciou em poder d'elle, quando se primeiro viu com ella na villa de Santarem, e estas razõas são bem escusadas».

— «Certamente, disse o conde, a rainha não tinha poder de leixar o regimento que havia de ter até certo tempo, segundo a ordenança dos tratos, sem vontade e accordo de todos do reino, porque aquelle governamento lhe foi outhorgado e encommendado em favor e guarda do reino, por ser sempre reino sobre si e não se misclar, e não o haver el-rei de Castella, e portanto tinha ella o regimento até que elle houvesse filho da rainha D. Beatriz sua mulher, assim que em este passo e em outros muitos vemos que el-rei quebrantou os tratos, e porém todo o que faz é contra razão e direito.»

— «Ora, disse Pero Lopes, não curemos mais d'estas razões e venhamos a outra que vos hei de fallar. El-rei meu senhor vos manda dizer que por vós serdes tão bom como sois, discipulo de vosso irmão o mestre de Calatrava, que elle muito preza e ama, e isso mesmo por amor da rainha sua mulher, que por esto muito rogou que lhe peza muito de serdes aqui com estas gentes, em que bem vêdes que não ha defensão, e que porém vos roga que vos praza tirarde-vos de tal perigo, que vós passeis pera elle que mui bem o podeis fazer, e que elle vos accrescentará e fará tantas mercês de que vós sejaes contente.»

Isso mesmo lhe disse Diogo Alvares, da parte do mestre de Calatrava, seu irmão.

O condestabre respondeu a esto e disse.

— «Dizei a el-rei de Castella que não ha porque

em tal cousa me mandar fallar, ca onde elle cuida que nós havemos de ser vencidos, eu espero em Deus que elle seja hoie vencido e desbaratado e morto ou preso em poder d'el-rei meu senhor, e do que me dizeis da parte de meu irmão o mestre de Calatrava, dizei que não cure de mim, mas cure de si, que o ha hoje de passar mui mal, por me não querer crêr, segundo com elle fallei no começo d'estes feitos.»

— «Em verdade, disse Diogo Fernandes, tendes estranha tenção, verdes vós quão poucos vós sois e que nós somos dez tantos que vós, e que não havereis poder de vos defender, que vos não tomem todos ás mãos, e dizeis que quereis esperar batalha ao poderio d'el-rei meu senhor; parece-me que fareis melhor tornar-vos pera elle e dizer ao Mestre que se tire d'esta opinião que tem, e que elle perdoará todos do caso maior até ao menor, e os accrescentará em estado e honra, da guisa que elle e todos outros sejam contentes, e esto era bem pera ambas as partes, melhor ca se poerem em batalha nem á ventura de pelejar, ca bem vêdes vós que não lhe é são.

— «Disseste vós já? disse o condestabre.»

— «Já senhor Nuno Alvares, disse elle».

— «E eu, disse o condestabre, bem vos confesso que vós sois muitos mais e melhores corregidos, mas mór é Deus e o seu poderio, que todo esse que vós dizeis.»

— «Ao poder de Deus não fallo eu, disse Diogo Fernandes, mas el rei meu senhor não é mais teudo que vos fazer tal requerimento, e se vos depois algum mal vier, Deus nem o mundo não lhe ponham culpa, porque sómente sua vanguarda é mui-

to maior que vós outros todos, com homens d'armas, peões e besteiros, e ainda mais vos digo, que sómente os estrangeiros que alli vem, homens bem sabedores de guerra, são bastantes de vos desbaratar sem mais outra gente que hi ponha mão.

— «Já vos disse outra vez, disse o condestabre, que quanto n'essa parte bem vos conheço quanto dizeis que sois muitos mais e melhor corregidos, mas mór é o poderio de Deus e a sua ajuda».

— «E demais, disse Diogo Fernandes, se vós cuidaes que nós outros somos herejes ou infieis, que haveis de vencer ou conquistar».

— Não sei eu, disse o conde, quanto vós sois herejes ou infieis, mas sei eu que temos nós razão e direito, e vós não, e sei que fará el-rei melhor tirar-se da excommunhão em que anda por quebrantar os tratos tantas vezes, como quebrantou, ca me mandar dizer que me torne pera elle e que me fará muitas mercês; as mercês e honra que me elle promette de fazer pelo eu haver de servir, dizei que as faça a meus irmãos, pois são em seu serviço e hão vontade de o ser, que eu mercês e honra tenho d'el-rei meu senhor, de Portugal, de que me contento, e d'outro nenhum rei nem senhor não as quero haver nem tomar».

— «Avonda, disse Diogo Fernandes, parece que vós e os outros da tenção que tendes não vos entendeis mudar, e pois assim é, vós d'este feito não podeis tirar senão honra, se se acertar de vencerdes, sois os mais honrados homens que nunca no mundo houve, se fordes desbaratados, sois os mais honrados vencidos que nunca no mundo foram».

Mas esto dizia elle com geito e som de escarneo, e não de vontade.

Entonce se partiram e foram-se, e o conde contou a el-rei em breve quantas razões com elles tivera.

CAPITULO XXXV

Do conselho que el-rei de Castella teve, se poeria batalha ou não.

El-rei de Castella não era bem são, havendo já dias que tinha sazão, e dizem que aquelle era o dia que a havia de ter, e assim fraco como estava, tiraram-n'o das andas em que viera e jazia acostado a um cavalleiro; e quando Pero Lopes e os outros chegaram, estava fallando com os seus, que maneira teriam n'aquella batalha, uns diziam que os fossem logo commetter, outros todavia diziam que não, porém faziam-se prestes quanto podiam, e quando el-rei viu Pero Lopes e os outros, prougue-lhe com elles, e perguntou que lhes parecia da ordenança dos portuguezes?

— «Nós, senhor, disseram elles, fallámos com Nuno Alvares quanto nos mandastes dizer, e mais todo o que entendiamos por vosso serviço, e sua resposta em conclusão foi que as cousas não estavam já em tal termo, salvo de o poerem na mão de Deus, e o livrar todo por batalha; quanto é ao que perguntaes como vossas gentes devem de fazer, a nós parece, sob emenda de vossa mercê e de quantos senhores e fidalgos aqui estão, que vós deveis fazer d'esta guisa. O dia é já muito baixo, que é acerca de horas de vespora; e as mais de vossas gentes não hão

hoje comido nem bebido, e estão annojados da quentura do caminho, des-ahi muitos homens de pé e bésteiros não são ainda vindos, ca vão com as carretas e azemulas da hoste, porém segundo a nós parece, a vanguarda da vossa batalha está em boa e nobre maneira, mas as duas alas onde estão muitos e bons cavalleiros, segundo a ordenança que vemos, não nos pódem aproveitar, porque tem deante dois vales que passar não pódem pera empecer aos inimigos e accorrer aos da vanguarda».

Mas tal escrever foi bulha composta pera enganar os que não sabem, ca ahi não ha valles nem outeiros que nojo podessem fazer, mas todo é charneca raza, em que caberiam dez tamanhas batalhas; e se os ahi havia, culpa de quem no ordenava, mas disseram esto por encobrir sua má fortuna e mingua do aquécimento, ca este mesmo author no capitulo que se começa, o Mestre d'Aviz que se chama rei, diz que partindo el-rei de Castella de Soure, chegou a uma praça legua e meia dos inimigos, e no outro dia foi acerca d'elles, onde tinham sua batalha posta, e poz-se acerca de um campo chão, e alli ordenou suas batalhas. E pois que em um logar diz campo chão, e em outro vales tão esquivos que passar não podiam, tenhamos sua obra em pouca reputação, pois que fallou em certos passos, contrario da verdade, por abater na victoria de seus inimigos.

Ora leixando esto diz que disseram estes mais a el-rei:

— «Os portuguezes, senhor, tem sua vanguarda e duas alas juntas, em que ha gente de pé e bésteiros em abundancia, e pera quem tem tanta boa gente, como vós, deveil-a d'ordenar de tal guisa que

se ajudem uns aos outros, e pois que estaes em praça e tendes vossas batalhas bem ordenadas, a nós parece que os deveis de mandar estar quedos, e nossos inimigos de duas cousas farão uma, ou sahirão d'aquella ordenança e avantagem que tomaram pera pelejar, ou não se sahirem aproveitar-se-hão vossas gentes umas das outras, entonce Deus seja juiz; e se refuzarem de sahir d'aquella ordenança, não é duvida que mostrem em ello mui grão medo; des-ahi a noite vem-se chegando, de cuidar é de boa razão que muitos se partam e leixem a hoste, de mais que sabemos que elles não teem viandas, salvo pera hoje, e vós, senhor, aqui onde estaes, tendes viandas pera lhe manter profia ainda que fosse espaço de dias, e assim segundo estas cousas, nossa intenção é que vossas gentes estem quedas pera vêr que farão os inimigos».

Outros houve ahi, cavalleiros, que disseram a el-rei o contrario d'esto, dizendo que elle tinha muitas avantagens aos portuguezes, e eram estas. A primeira era ser elle um dos grandes principes e reis do mundo; a outra ser casado com a filha d'el-rei D. Fernando, por cujo azo havia direito no reino, des-ahi ter ahi comsigo tantas e boas gentes, com muitos e nobres fidalgos de linhagem, que porém lhes parecia razão que el-rei os devia mandar commetter, e que fiavam em Deus que elle seria aquelle dia de sua parte e lhe daria boa ventura, e que seus inimigos que contra elle rebelavam, e foram ouzados de se poer na praça, que elles fariam penitencia do erro que contra elle e contra a rainha D. Beatriz, sua mulher, commetteram. E dizendo cada um perante el-rei todo o que lhe sobre esto parecia, estava ahi um cavalleiro francez, que chamavam micer

João de La Ria, camareiro d'el-rei de França, homem de edade de sessenta annos, e viera em mensagem a el-rei de parte de seu senhor, e quando viu que el-rei queria entrar em Portugal, que diziam que se não escusava de haver batalha, não se quiz partir d'el-rei e veiu-se com elle, e era presente alli aquelle dia, e alli morreu, e ouvindo as razões d'um e dos outros, fallou a el-rei e disse assim:

— «Senhor, eu sou cavalleiro d'el-rei de França, vosso irmão e vosso amigo, e sou já na edade que vêdes, e hei já vistas muitas batalhas, assim de mouros como de christãos; emquanto estive além mar, pelas cousas que vi acontecer, tanto hei aprendido em ellas, que uma das cousas porque homem mór aventagem póde ter de seu inimigo, assim é o poer-se em boa ordenança, assim em guerra guerreada como em batalha, e em duas batalhas que eu fui com el-rei Philippe e rei João, meus senhores, contra el-rei d'Inglaterra, e contra o principe de Galles seu fillho, ambos se perderam por se não ter n'ellas boa ordenança, e porém me parece que a razão de Pero Lopes e d'aquelles fidalgos que tem aquella parte, deveis de mandar que se guarde».

El-rei disse que lhe prazia. Similhavelmente disseram outros que lhe parecia que por nenhuma guisa el-rei não devia de poer batalha, e davam em ello estas razões, dizendo:

— «Senhor, a nós parece que vós por o arrazoado não deveis pelejar com estas gentes, que são uns poucos de desesperados, que se pozeram n'aquelle campo por levar adeante a profia que começada tem, e mostram tal oufania segundo diz Pero Lopes, que não receiam a morte nem prezam a vida,

e fazem-o siso, pois se por aqui livra todo seu feito
pois por mercê, senhor, esguardae e vêde que honr
haveis de tirar em pelejar com taes homens com
estes? vós que sejaes vencedor, não levaes nenhuma
honra d'elles, antes vos prasmarão depois todo
como se fosseis um grande lutador trabalhand
vós por derribar um cachopo; se acontecesse de ser
des vencido (o que Deus não mande) sereis o mai
deshonrado rei que no mundo foi, contando-vo
todos por homem de máu recato, que tão boa com
panha, como comvosco tinheis, fostes aventurar
uma pouca de pobre gente, de que nenhuma honr
haveis de tirar, pois aventurar tão grande perd
d'onde se não segue proveito nem honra, escusad
deve ser tal trabalho, mas parece-nos muito melho
que passeis com vossa hoste como trazeis ordenada
e i-vos a Santarem, e des-ahi a Lisboa, e vós par
tido espalhar-se-hão logo todos, e é grão duvida s
se mais ajuntarão como ora estão, e que se juntem
ante vós tereis acabado aquello porque viestes, qu
é tomardes Lisboa, porque cobrareis todo o reino
e porém, senhor, por mercê não aventureis a cous
ganhada por um pouco de vencimento, de que nã
tiraes louvor nem proveito.»

CAPITULO XXXVI

Do conselho que deu D. João Affonso Tello a el-rei de Castella, que todavia fosse á batalha, nas quaes razões el-rei outhorgou.

D. João Affonso Tello, que já nomeámos, era ahi a esto presente, e ouvindo as razões que todos disseram, começou de fallar muito pelo contrario, e disse em esta guisa:

Conselho de D. João Affonso Tello

— «Digo-vos, senhor, que eu sou muito contra este conselho, e contra as razões que estes dizem, e parece me que quem vos aconselha que vós não pelejeis com esta gente, nem ponhaes batalha a estes homens, que não hão a vossa honra nem serviço, e esto por duas razões. Elles dizem que, por cousa que seja não vos tremetaes a pelejar com esta gente, mostrando que de os vencerdes nenhuma honra tirareis, nem louvor, e sobre esto affirmam duas razões. A primeira tem nos já por vencidos, não sómente por armas, mas que ás mãos os hão de tomar. A outra que de os vencerdes como disse, nenhum proveito nem honra se nos sigue, e eu entendo-o muito pelo contrario, porque quanto é ao vencimento que elles hão já por feito, vista a pouquidade d'elles e a multidão da vossa hoste, esto não cuido que seja assim ligeiro como elles cuidam, ca aquelles homens que se alli pozeram bem

sabem quantos são de poucos, e nós quantos somos de muitos e melhores, e o que começado tem hão-n'o de seguir com toda a vontade, e pois nos elles vieram buscar e nos alli estão attendendo, não cuido que tão azinha d'alli os arranque como elles cuidem, e quem os houver d'arrancar, alguma cousa lhe custará primeiro.»

A esto respondeu D. Pero Diaz, priol de S. João, e disse:

— «Isso dizeis vós porque são portuguezes como vós».

— «Eu, disse o conde, não o digo por isso, mas digo-o porque conheço bem a mór parte d'elles, e não cuido que sejam assim ligeiros de tomar como alguns dizem, e porém de os el-rei vencer, não digo que não tirará honra nem proveito, ca vence um rei, ainda que lh'o vós não chameis, com todo seu poderio, que lhe embarga um reino que lhe pertence de direito, e lhe dá que fazer como vós bem vêdes, e o que dizeis de mim que sou portuguez, verdade é que o sou e não me peza de o ser, nem me tenho por esso por peor, nem cuido que sois vós aquelle que a este portuguez haveis de poer o pé deante nem me levar avantagem».

Entonce tornou a el-rei e disse:

— «Digo vos, senhor, que vencido este homem e desbaratado por vós, que não ha n'elle conselho nem nunca mais levantará a cabeça, e leixar-vos ha o reino desembargado em que lhe não convém mais de viver, e ido fóra d'elle ficar-vos ha á vossa vontade todo como vós desejaes, e se vós esto fazer não quizerdes, parece-me que melhor fôra estardes em Castella, que virdes cá tão longe mostrar tal covardice, e se estes dizem, como é verdade, que vós

sois um dos altos reis e principes do mundo, que cuidaes que dirão os que ouvirem quando fôr sabido que com tantas gentes como comvosco tinheis, não ousastes pelejar com elle? Já vos a vós contarão por mingua os que o souberem, achardes a batalha posta e não pelejar com elles de rosto, e ainda este conselho em que vos detendes, mórmente dizer que passastes por elles e não ousastes de pelejar, e certamente esto é grão mingua se vós em ello bem quizerdes cuidar, ca se vós passareis por logar que os não vireis, posto que perto estivessem de vós, disseramos não ereis teudo de os ir buscar, nem souberamos se eram poucos se muitos. Mas tel-os ante os olhos, que vos aguardam com bailos e cantigas, e não ousar de os ir buscar e tomar ás mãos, como estes dizem, isso me parece escarneo e vergonha dizer. E se vós quereis sogigar um rei e reino e os vós tendes em curral como gado, pera quando aguardaes esta subjugação? Ante deveis de aguardecer muito a Deus que vol-os veiu meter nas mãos em poder, pera de todos tomardes vingança, assim dos grandes como dos pequenos, d'outra guisa se agora estão foutos contra vós, não temendo vossas ameaças, muito mais o serão depois vendo que lhe houvestes medo, não ousando pelejar com elles, e se nos ora arreceavamos muitos e bons pelejar com poucos e maus, ou por ventura mais se acontecer, e se vierem os fidalgos da Beira, por que cada dia esperam, e se ajuntarem com estes, quem agora ha receio d'aquestes poucos, mais o haverá depois com aquelles. Pois ainda nós não fallamos dos inglezes por quem aguardam, ca se elles vierem e todos forem juntos, alli ha mister dobrado conselho, quem vos ora d'esta guisa espera e não vos ha

medo, como bem vêdes, vêde que fará depois quando tiver taes duas ajudas. Mandastes-lhe poer medo por Pero Lopes, com tanta multidão de gentes que comvosco trazeis, afóra os estrangeiros que disseram que eram bastantes pera os destruir, e agora quantos somos dizemos que não é bem de pelejar com elles; e vós, senhor, de uma guisa ou d'outra he-vos por força pelejar com elles, ca posto que vós agora passeis não querendo com elles pelejar, não tenhaes que vos hão de leixar ir a Lisboa assim como alguns dizem, mas ir-se-hão despoz vós ladrando, até que torneis a elles e lhe deis batalha. Em verdade, senhor, bom seria o homem que uma tal cidade fez rei, e que tantas préssas suporta por elle e que perdendo-a de todo, perde o reinado, que vol-a leixasse assim tomar, que ante não soubesse sobre ello morrer elle e quantos comsigo tivesse, e assim vol-o ha depois de fazer, pois onde podeis vós melhor cumprir vossa vontade, nem ter mais azado o que desejaes, que aqui n'este campo, onde os tendes em um magote pequeno, e vós toda a vossa gente junta sobre elles? Vêdes o que entonce hade ser, depois vós haveis de desejar aqui n'este campo com elles, como ora estaes. Juro-vos em verdade, senhor, que sendo eu vós e não me entremetendo de mais fazer sobre esto do que me parece que vós quereis, que ante folgara em minha terra e nunca sahira de meu reino, como já disse, ca ajuntar tanto poderio como vós ajuntastes e vir com elle fazer de mim escarneos ante meus inimigos; e eu esto vos digo que é meu conselho, e vós d'aqui em deante podeis fazer o que vossa mercê fôr.»

E sem duvida fallando verdade, tal conselho era mui bom, mas a izenta fortuna que não obedece aos

conselhos, tinha já isto ordenado muito d'outra guisa.

E posto que aqui e em outros logares nós ás vezes digamos fortuna, sempre vós porém sómente entendei um divinal e profundo juizo, cuja causa e razão por nós não comprehendida ser não pode.

Com estas razões se tiveram alguns fidalgos, porém d'elles diziam que a espaçasse pera em outro dia. El-rei havendo-o por mui bom conselho, mandou que á pressa se fizessem todos prestes e acabassem de ordenar a batalha, e a seu mandado não foi posta tardança.

CAPITULO XXXVII

Das gentes que cada um rei tinha por sua parte.

Justa cousa é considerar ainda que mui pouco escrevamos comprido, pois ouvistes os conselhos que cada um rei teve, se era bem d'haver batalha ou não, e ambos determinaram que sim. Que gentes tinha cada um de seu bando e como foi posta e ordenada, visto sobre esto a composição de muitos, posto que d'elles rudemente fallassem, assignadamente, nos despraz d'aquelles que em favor d'alguma das partes andaram buscando fingidas razões, por dar escusa á sua contraria ventura. Mas nós como já tocamos em outro logar, não curando do desvairo dos authores, saibamos aquello que se deve de saber, s. com quantos foi posta e como se venceu, e quaes capitães foram em ella, e camanho espaço durou, e que gentes hi morreram, no qual

fallamento não cumpre acertar famosas razões, ne
dizer algum afeitado, mas chãmente mostrar p
ambos os reis a certa verdade como se passou.

Ora sabei que quantas batalhas historias copil
ram, d'elles mais, d'elles menos, todos em seus
vros fazem menção das gentes que cada um rei co
sigo tinha, por se saber sua quantidade, e dar lo
vor a quem parecer que o merece, d'outra guisa
desbaratados e os vencedores não teriam gloria ne
doesto, e assim fizeram muitos, na historia d'es
batalha, que uns disseram por o meudo que el-rei
Castella trazia oito mil lanças, e outros pozeram no
mil, e de ginetes tres mil, e quinze mil bésteiros,
homens de pé vinte mil, outros diziam em somm
que eram sessenta mil por todos, outros que cheg
vam a cem mil, outros contavam que por uns e p
outros era tanta multidão que havia ahi cem caste
lãos pera um portuguez, e assim outros mais e m
nos, segundo lhe pareceu ou lhe prougue de escr
ver. Porém não era assim, mas tal desaccordo
escrivães em parte não é de poer culpa, porque u
pozeram a fama das gentes que el-rei de Castel
comsigo trouve, e mais não, outros enaderam as q
se foram pera elle quando chegou a Leiria d'es
guisa, quando foi notorio a todos que el-rei de Po
tugal lhe ia sahir ao caminho, e que se não escus
va entre elles a batalha, logo todos os alcaides q
por elle ficaram nos logares da Estremadura, assi
como Santarem, e Obidos, e Torres Vedras, e o
tros d'esta comarca, todos se foram á pressa pe
elle com as de mais gentes que cada um levar pôd
assim de pé como de cavallo, pera serem com el
na batalha, e não sómente os d'estes logares m
Pero Afam, capitão das naus, e o almirante das g

és que sobre Lisboa jaziam, com quantos escusar
oderam da frota, todo levaram e se foram pera elle,
que era uma boa somma de gente, não por enten-
lerem que lhe sua ajuda fazia mingua, mas por ve-
em como elle vencia e seram com seu senhor em
ão honrada cousa como aquella, enadendo estes
om os que elle trazia, accrescentam tanta multidão,
que fazem duvidar quantos eram. Outros em favor
los castellãos, tiveram outro modo, e foi este: no-
nearam dos portuguezes muito mais conto dos que
ram, e dos seus cessaram de todo, por sua mingua
ão ser ensemprada, de guisa que quantos mais por-
uguezes pozessem, tanto era mais por sua honra e
nenos prasmo de seus inimigos, e nomeando a mul-
idão de Castella e a pouquidade d'el-rei de Portu-
gal era-lhe muito mór vituperio, e aos portuguezes
nuito maior honra, assim que dos seus, que sabiam
certo, não quizeram escrever nenhuns, e aos que
ão eram em conhecimento pozeram numero por
onto assignado, e esto não foi por abreviar leitura,
em fallar mais cerceado, mas por abater a honra
lheia, dizendo que os portuguezes eram duas mil
duzentas lanças e de homens de pé e bésteiros
lez mil, cujo desvairo d'arrazoar bem nos deu cui-
lado de saber como isto era, porque não cumpre
ffirmar a cousa duvidosa nem encobrir o que é
nuito certo, pera que digamos o mór numero dos
nimigos por desfazer n'elles, nem menos conto dos
portuguezes por serem por hi mais louvados certa-
nente não é de fazer, ca o chronista hade ser muito
erto em seu razoar, e porém antigamente nenhum
era ouzado escrever historia, salvo aquelle que visse
a cousa ou d'ella ouvesse cumprido conhecimento,
porque a historia ha-de ser luz da verdade e teste-

munha dos antigos tempos, e nós posto que as não vissemos, de muito revolver de livros com grão trabalho e diligencia ajuntamos as mais chegadas á razão, e em que os mais dos auctores pela maior parte consentem, e porém damnamos e reprovamos, e havemos por nenhuma quaesquer chronicas, livros e tratados que com esta verdade não concordam, assim que leixando taes desvairos de historiar, por a verdade d'esta cousa melhor ficar em memoria, e a bondade dos portuguezes não haver de perecer por escriptura de seus invejosos inimigos, como se por alli tomassem vingança, sabei que as gentes de ambas as partes, eram estas e mais não:

El rei de Portugal havia por todas mil e setecentas lanças, d'ellas não bem corregidas, e de bésteiros oitocentos, e de homens de pé quatro mil, que eram por todos seis mil e quinhentos.

Os castellãos porò digam que se não podiam dar a conto, porém não era assim, ca elles não eram mais que cinco mil lanças por Francezes e Gascões e outros estrangeiros, com todos os que da frota e dos outros logares se foram pera elle, de ginetes eram dois mil, e bésteiros oito mil, e de homens de pé quinze mil, que seriam por todos pouco mais de trinta mil; a carriagem contam que eram tantas mil carretas, não eram mais que setecentas, e com ellas muitas azemulas em que traziam mantimentos e armas, e cousas pera vender d'alguns mercadores; gados passavam de oito mil cabeças, entre bois e vaccas e ovelhas, e todo o mais d'esto fôra tomado em Portugal; trons e bombardas que diziam que eram muitas, não eram mais que desaseis; pagens e azemeis e d'outra gente de serventia era tanta que a vista da hoste era espantosa cousa de vêr.

CAPITULO XXXVIII

Como os reis ordenaram suas batalhas e com quaes capitães.

D'ESTAS gentes que os reis comsigo tinham, ordenou cada um sua batalha, segundo costume de Hespanha, e sigamos logo el-rei de Portugal, que a poz primeiro e esperou a praça, o qual em um campo chão cuberto de verdes urzes, no meio da estrada por onde os castellãos haviam de vir, ordenou d'essa pouca gente que tinha duas pequenas azes, ca não havia ahi pera mais, e na primeira que se chama a vanguarda, era o condestabre com sua bandeira tendida e dobrados escudeiros comsigo, junto com elle, por guarda d'ella e do seu corpo, e n'esta az havia seiscentas lanças, e mais não.

Na ala direita que nascia da ponta d'esta az, ia Mem Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, e d'outros bons fidalgos uma leda companhia, que por suas honras e defensão do reino entendiam defender o logar onde eram postos, e chamavam-lhe a ala dos namorados, e seriam por todos dozentas lanças, e haviam uma grande bandeira ordenada á vontade de todos. Na outra parte, na ala esquerda, eram de mistura com Antão Vasques e com outros portuguezes, alguns estrangeiros, assim como Micer João de Monferrara, e Martim Paulo, e Bernardom Sola, e d'outros inglezes frécheiros e outros homens d'armas, que eram por todos outros dozentos, assim que minguavam a estas alas da sua direita orde-

nança dozentos homens d'armas, porque tanto havia d'haver em ambas as alas, como na direita az da vanguarda, e estes tinham uma alta bandeira de S. Jorge, e outros balsões de mistura, assim que a az da vanguarda com suas alas era semeada de bandeiras e pendões, como a cada um prazia de ter, ca ahi não havia entonce rei d'armas nem outro arauto que a ninguem desdicesse, des-ahi trombetas em alguns logares, segundo se requeria; detrás os homens d'armas que eram em ambas as alas, havia béstaria e homens de pé postos em tal ordenança, que lhe podessem fazer ajuda e empecer a seus inimigos; em a az dianteira, não havia nenhuns, ca não cumpriam em tal logar, alli não havia cotas d'armas, porque o conde nem outros fidalgos fossem conhecidos, ca ainda entonce não era em uzo, mas o conde trazia uma jaqueta de lã verde toda bordada de rozeiras, des-ahi cota, peito e braçaes, e arnez de pernas e guantes, segundo de cote costumava, e sempre espada cinta e adaga, salvo quando ouvia missa.

D'esta vanguarda á outra az de detraz, que chamam reguarda, havia um rezoado espaço, segundo se fazer podia com tão pouca companha, de geito que á desaventura, se mister fizesse, trigosamente podessem soccorrer, e com esta az cujas pontas cerravam com a vanguarda forrada de homens de pé e bésteiros, em que havia setecentas lanças, estava el-rei com sua bandeira, a qual tinha Lopo Vasques da Cunha, em logar de seu irmão Gil Vasques, que era alferes mór, e estava na Beira com os outros fidalgos, e os que eram guardas d'el-rei juntos com elle, isso mesmo os que haviam de guardar a bandeira.

As armas defensaveis de todos eram bacinetes de canal, d'elles com caras, d'elles sem ellas, e folhas e loudeis, e cotas e faldões e panceiras, e de ferir lanças e fachas de ferro e de chumbo, e d'elles machados quem os podia haver.

El-rei era vestido d'armas, quaes cumpriam a sua defensão, e um loudel em cima semeado de rodas de ramos, e em meio outras rodas e escudos de S. Jorge. Traz esta reguarda havia um espaçoso curral onde estava a carriagem, s. pagens, cavallos, azemulas, mantimento, gente de serventia e todas outras cousas que mister fazem pera a ordenança de uma hoste, e estes eram todos cercados de homens de pé e bésteiros, de geito que nas espaldas da reguarda e em esta carriagem nenhum não podia topar pera fazer damno, que todo não achasse apercebido.

Tendo el-rei e o conde assim sua batalha concertada e o sol partido por meio, ás horas que se razoadamente devia fazer, pensando que os castellãos como houvessem d'elles vista, que logo se trabalhassem de os commetter, elles passaram da parte da ala esquerda, da guisa que dissemos, contra Aljubarrota, por a qual razão foi forçado a el-rei e ao conde mudarem suas batalhas de como as tinham ordenadas, com os rostos pera Leiria, e as tornarem contra onde estavam seus inimigos, e passou a vanguarda pela reguarda, dando-se logar uns aos outros, e poz-se deante contra onde os castellãos mostravam de vir. Alli não havia melhoria do campo que os portuguezes tivessem escolhido, nem montes nem valles que torvassem seus inimigos, como alguns mal escrevendo em seus livros querem contar, ca todo era campina egual, sem nenhum estor-

vo a ambas as partes, o qual o trilhamento das bestas e passar dos homens, tornou assim razo e tão chão como praino rocio, sem herva nenhuma, e a vantagem que os portuguezes tinham era esta.

Quando a alva do dia começou de crescer, já el-rei tinha a sua batalha ordenada de todo, e estiveram toda a sésta por bem quente sol, armados até tarde, e os mais d'elles sem comer nem beber, por ser vespora de tal festa, e ficou-lhe o sol com o pó e vento nos rostos, e com estas contrarias avantagens aguardavam estando ledamente, seus inimigos, e por tanto dizia Micer João de Monferrara a el-rei:

— «Senhor, sede muito certo e sem nenhuma duvida que vós haveis de vencer esta batalha, e vêdes senhores em que o entendo, eu fui já em sete batalhas campaes, e com esta são oito, e digo-vos, que nunca vi tão ledos vultos d'homens, sendo tão poucos combatentes, e haverem desperar tantos pera pelejar com elles.»

— «Essa fiuza, disse el-rei, tenho eu em Deus e na Virgem Maria, que assim será como vós dizeis, e eu vos prometo mui boa alviçara de vossa boa profecia.»

E porque em similhante feito alguns tem costume de fazer promessas por suas honras, que chamam denodamentos, nós não achamos escriptos das que em esta batalha foram feitas mais de tres, s. Vasco Martins de Mello, o moço, que prometeu de prender el-rei de Castella, ou poer as mãos em elle, e Gonçalo Annes de Castel de Vide que fez promessa de primeiro que outro nenhum ferir da lança, e Martim Affonso de Sousa, que prometeu se o Deus da batalha tirasse em salvo, ir ter uma quarentena com

D. Abadessa de Rio Tinto, que entonce tinha por amiga.

Isso mesmo el-rei de Castella, como mandou que fosse a batalha, logo trabalharam de a ordenar de todo, além do que já começado tinham, e foi posta em esta maneira:

Ordenaram suas azes dois grandes tiros de besta ante si e os portuguezes, e a az primeira da vanguarda fizeram dobrada, em que havia mil e seiscentas lanças, e em uma das alas em que ia o mestre d'Alcantara, eram gasções e d'outros estrangeiros setecentos homens d'armas, na outra, de que era capitão D. Pedro Alvares Pereira, mestre de Calatrava, outras setecentas, e na az deanteira vinha D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, condestabre de Castella, e Diogo Furtado, filho de Pero Gonçalves de Mendonça, alferes mór d'el-rei com a bandeira dos signaes de Castella e de Portugal misclados, e muitas outras bandeiras e pendões de muitos outros senhores e fidalgos, e D. Pedro Dias, priol de S. João, e D. João, filho de D. Tello, primo com-irmão d'el-rei, e João Fernandes de Toar, Almirante de Castella, e Alvaro Gonçalves de Sandoval, e outros muitos senhores e fidalgos que seria longo de escrever. Outrosim os portuguezes vinham todos n'esta az deanteira por se mostrarem por bons servidores e que lhe eram bem leaes vassallos, assim como o conde D. João Affonso Tello, que el-rei fizera conde de Maiorcas, e D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo, e Alvaro Gonçalves, seu filho, e Garcia Rodrigues Taborda, alcaide de Leiria, e Vasco Pires de Camões, e João Gonçalves, alcaide d'Obidos, e outros isso mesmo na reguarda, em que havia

tres mil lanças dobradas, s. mil em cada az, vinham grandes senhores e capitães, assim como D. Fernando, filho do conde D. Sancho, Diogo Gomes Manrique, adeantado mór de Castella, Pero Gonçalves de Mendonça, mordomo-mór d'el-rei, e Diogo Gomes Sarmento, marechal de Castella, e outros muitos senhores e fidalgos, armados em boas e esplandecentes armas, e todos plumões nos bacinetes, que lhe davam mui grande e formosa vista, bestaria, peões e d'outra gente, eram postos e ordenados onde bem podessem aproveitar, carretas, azemolas, pagens, e outra toda carriagem posta detraz, como cada um queria, ca ahi não andavam ginetes nem outros de cavallo da parte dos portuguezes de que houvessem d'haver receio, e se a elles mui mal ordenaram como alguns por sua escusa escrevem, culpa de quantos bons hi vinham e de todos os estrangeiros que Pero Lopes gabou ao conde, que tão sabedores eram de guerra.

CAPITULO XXXIX

Dos nomes d'alguns que com el-rei de Portugal estavam, e quaes d'elles fez cavalleiros.

Postas as batalhas como ouvistes, e nomeados alguns senhores que da parte d'el-rei de Castella estavam, cumpre rezoar e dizer n'este passo quaes eram os que el-rei de Portugal tinha comsigo, que é aguizado de se aqui poerem, posto que em outros logares sejam escriptos, certamente

eram mui poucos, ca pela maior parte quantos no reino havia, todos se lançaram com seu adversario, como tendes ouvido, no começo d'estes feitos, dos quaes alguns já morreram, assim como o almirante e o conde de Vianna, Ayres Gomes da Silva, e outros muitos fidalgos, outros ficaram em Castella, assim como Fernão Gonçalves, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Fernão Gomes da Silva, e Affonso Gomes, seu irmão, e outros mais, e d'elles estavam nos logares que tomaram sua voz, assim como Martim Gonçalves de Tayde, em Chaves, e João Affonso Pimentel em Bragança, e Alvaro Gonçalçes de Moura em Moura, e assim outros pelas comarcas do reino. Muitos, isso mesmo vinham com elle, que eram ahi presentes, assim como D. Pedro de Castro, filho do conde D. Alvaro Pires de Castro, D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares, seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo e seu filho, e Garcia Rodrigues Taborda, e outros que já nomeamos, e pois que todos eram lançados em Castella, quaes seriam com el-rei, pera o ajudar?

Estavam com elle estes bons e leaes portuguezes, posto que alguns de tamanho estado e condição não fossem, s. o muito de louvar Nuno Alvares Pereira, e Alvaro Pereira, marechal da hoste, e João Rodrigues Pereira, e Diogo Lopes Pacheco, e João Fernandes, que depois veiu, e Lopo Fernandes, seus filhos, e Mem Rodrigues de Vasconcellos, e Ruy Mendes seu irmão, meirinho da comarca d'entre Douro e Minho, e Lopo Vasques da Cunha, Martim, Affonso de Sousa, Vasco Martins de Mello, o velho, Vasco Martins de Mello o moço, e Martim Affonso, seus filhos, e João Gomes da Silva, e o arcebisqo D. Lourenço e o doutor Gil Do-

cem, e o doutor Martim Affonso de Lisboa, o doutor João das Regras, o commendador mór de Christus, Fernão Roiz de Sequeira, commendador mór de Aviz, João Roiz de Sá, João Affonso de Santarem, Affonso Annes das Leis, e outros muitos que aqui não dizemos, dos quaes fez cavalleiros João Vasques d'Almeida, Affonso Pires da Charneca, irmão do doutor Martim Affonso, Lopo Dias d'Azevedo, Gonçalo Annes de Castel de Vide, Antão Vasques de Lisboa, Pedro Annes Lobato, João Lobato, Lopo Affonso de Agua, Alvaro do Rego, Gonçalo Pires Rodrigo, Affonso d'Aragon, Pedro Affonso d'Ancora, João Gonçalves Vieira, Diogo Lopes Lobo, João Fernandes d'Arca, Martim Gonçalves da Repreza, tio do conde, Nuno Fernandes de Moraes, Vasco Leitão, Martim Gonçalves de Faria, Vasco Lobeira, Lourenço Mendes de Carvalho, Pero Lourenço de Tavora, Lopo Soares de Mourão, Estevão Vaz de Goes, Estevão Vasques Philippe, Vasco Martins da Agus, Estevão Fernandes Chamorro, Ruy Gonçalves Lobo, Nuno Viegas, o moço, Ruy Vasques de Castellobranco, Martim Ilhoa, Ruy da Cunha, commendador da ordem de Santiago, Martim Gomes, commendador de Aljustrel, Vasco Gonçalves Teixeira, Pero Botelho, Vasco Lourenço Marinho, James Lourenço Cabeça, Alvaro Gonçalves de Faria, Estevão Lourenço Gaio, Estevão Fernandes Lobo, Fernão Lopes Lobo, e Diogo Lopes Lobo.

D'estes e d'outros que aqui não são escriptos, foi el-rei mui bem servido, e ajudou-o Deus n'aquelle dia, e depois ao deante, como em seus logares podeis vêr.

CAPITULO X

Como João Fernandes e Egas Coelho vieram da Beira pera serem com el-rei na batalha.

Já tocamos em seu logar como el-rei, quando mandou o conde a Alemtejo e ordenou de partir de Alemquer, enviou chamar os fidalgos da Beira, s. Gonçalo Vasques Coutinho e Martim Vasques da Cunha, e Vasco Martins, e Gil Vasques, seu irmão, alferes mór, e João Farnandes Pacheco, e Egas Coelho e outros.

Assignadamente escreveu a João Fernandes, que por a grão fiuza que em elle havia, que lhe rogava que elle os requeresse e encaminhasse sua vinda, que tão necessaria era, e assim como elle ordenára tão honrosa cousa como fôra a batalha que n'aquelle logar com os castellãos houveram, que assim azasse sua vinda, que tanto era honra de todos e serviço do reino.

Escrevendo el-rei muito a meude e mandando la alguns escudeiros, sua resposta por palavra e escripto, sempre era que em tal trabalho sempre eram deteudos, por se fazerem prestes pera logo vir, e porém que os mais recados que el-rei d'elles havia de João Fernandes, eram todos que muito por esto trabalhava, assim que cada dia fallavam em elles.

El-rei continuadamente havia novas pelos que mandava e por suas cartas, que já eram prestes pera partir. Outros que traziam recado, por fazer prazer a el-rei os faziam já partidos, e por sua grão tarda-

da e duvidosa certidão que viessem, dizia el-rei por vezes fallando em elles, que duvidava muito sua vinda, e que de todo entendia que não haviam de vir, pois havia já mais de um mez que os mandára chamar, e Diogo Lopes quando era presente, respondia logo dizendo:

— «Eu dos outros não fallo, mas se João Fernandes é meu filho, eu sou certo que elle virá».

João Fernandes trabalhava de os requerer quanto podia, e elles davam em resposta que queriam vir juntos e não espalhados, segundo o tempo que era, e que pera virem como cumpria, que se não podia fazer assim de pressa, mórmente pera tal batalha, mas esto era escusa e nenhuma vontade de vir, ca elles haviam por estranho aventurar-se el-rei com tão poucos como tinha, a pelejar com el-rei de Castella com todo o seu poderio. E porque a cousa era muito duvidosa, faziam conta que se el-rei de Castella vencesse, o que todos cuidavam que havia de ser, que melhor preitejariam dos logares em que estavam, que d'outra nenhuma parte, e se el-rei de Portugal vencesse que seus eram todos, e não lhe fazia mingua sua vinda, e assim o deu a entender Martim Vasques quando el-rei de Castella por ahi veiu que lhe mandou pedir á Guarda, de que era alcaide, que respondeu ao mensageiro, dizendo:

— «Dizei a el-rei que vá embora fallar a seu feito, ca por quem Deus der a sentença sua será a Guarda e todos os outros logares».

D'el-rei desejar que viessem, era mui grande razão, ca eram bons fidalgos e pera muito, e podiam trazer ao mais pouco quatrocentas lanças e dois mil homens de pé, afóra bésteiros, que era boa ajuda pera tão pouca gente como elle tinha. João Fernan-

des por as aficadas cartas que lhe el-rei a meude mandava, sentiu que o tempo da batalha era muito acerca, e que as razões de Martim Vasques e dos outros todos eram fingidas, e azo de longa detença, e entonce partiu elle e Egas Coelho, com sessenta lanças e cem homens de pé escudados, e vieram-se seu caminho. D'esta não vinda que elles assim fizeram, foram mui desfeitos alguns bons, especialmente Gil Vasques da Cunha, porque em tão assignada e honrosa cousa, não veiu servir seu officio, sendo alferes mór d'el-rei, e de o assim fazerem, desfizeram assaz em si e acrescentavam muito na honra d'el-rei e do condestabre, porque se elles vieram com suas gentes, certo é que os portuguezes e os castellãos todos disseram e affirmaram que se elles não foram, que a batalha não fôra vencida, e que seu era o louvor todo, por a fama que entonce tinham da outra, que venceram em Trancoso, e elles se souberam que havia de ser da guisa que a Deus aprougue que fosse não quizeram leixar de ser em ella, por cousa que havir podesse.

Ora estando as azes postas e a batalha prestes, como dissémos, descuidado já el-rei muito da vinda de nenhum d'elles, e o bom e muito de louvar João Fernandes, diziam que andara o dia passado e aquella noite vinte leguas por chegar á batalha, de guisa que nenhum dos seus, não podendo aturar com elle ficavam arramados por essas estradas, e elle continuando seu caminho por ser em ella, passou Porto de Moz, e subindo por uma ladeira que se alli faz, subitamente assomou em cima no campo, acerca da ponta da ala direita da batalha dos castellãos, os quaes por logo não serem em conhecimento que gentes eram, nem sabiam qual capi-

tão fosse, ca se o souberam poderam-lhe dar grão torva.

Os portuguezes cuidaram que eram os fidalgos da Beira, e prazia-lhes muito com elles, e João Fernandes vendo a pouca gente dos portuguezes, que bem conheceu, dando ás trombetas com sua bandeira tendida, se lançou com elles, de cuja vinda el-rei houve grão prazer, e todos da hoste mais; e como viu Diogo Lopes seu padre, por que os annos da velhice negam o trabalho de pelejar, abraçou-o e disse:

—«O' padre, senhor, aqui estaes vós?»

E elle respondeu asperamente dizendo:

—«Venhaes ora em forte ponto, e pois onde hei logo de estar? ou que havemos nós outros de fazer senão ajudar este homem a defender este reino».

Entonce João Fernandes começou de fallar a el-rei pelo esforçar, dizendo:

—«Senhor, sêde mui forte, e nenhuma cousa receeis a multidão d'esta gente, como eu sei que não receais, como eu digo a estes vossos que se não espantem por serem tantos como vêdes, ca se os conheceis, como eu conheço, que pouco ha que lave as mãos no sangue d'elles, mui pouco prezarieis o espanto que põem, sómente uma cousa deveis muito recear, s. o grão trabalho que haveis d'haver em matar tantos como são, porque se o Deus quiz matar com seu poder, quantos morreram no cerco de Lisboa, e agora manda-vos que estes outros que ficaram que os mateis á vossa vontade e que venham tomar a morte com suas mãos».

Esto dizia elle assim soltamente, e com tal sembrante, como se a batalha já fosse vencida, de guisa assaz de louvar, deu muito mór esforço a todos, que

o temor da muita gente podia ante poer medo, entonce se ordenou elle e Egas Coelho na reguarda com el-rei, e seus homens de pé com os outros.

CAPITULO XLI

Quaes pessoas tinham cuidado de rogar a Deus pelo estado d'estes reis.

Estas gentes que se ajuntaram de uma parte e d'outra pera haverem d'haver batalha, razoadamente é cuidar que cada uns teriam quem por elles fizesse preces e orações que fosse Deus da sua parte, e ajudasse os do seu bando, e quem por os muitos tivesse cuidado de rogar, bem entenderia que sua oração seria mais totemente ouvida, e a Deus mais ligeira de cumprir, e assim era de feito que a rainha D. Beatriz, mulher d'el rei de Castella, depois que seu marido partiu do reino pera entrar em Portugal, sabendo ella que lhe tinham prestes a batalha, que se não escusava de haver, da qual lhe muito prazia, entendendo que havia de vencer e que por alli cobraria o reino todo, e era sua demanda acabada, estando em um logar que chamam Avila, e o arcebispo de Toledo em sua guarda, ordenou com certas donas e donzellas, quaes ella quiz escolher, que tivessem cuidado de rezar continuadamente, assignado espaço, de guisa que de dia e de noite nunca cessassem de orar, e como alguma era achada menos, logo lhe mandava tolher a ração e se queixava muito contra ella, e ella as vi-

sitava muito a meude, que não desfallecessem d'esto que lhe encommendado tinha.

El-rei de Portugal não era casado, nem tinha parenta nem irmã tal que por elle fizesse oração, nem de seus feitos tivesse sentido, salvo a sua mui leal e fiel servidora cidade de Lisboa, que por sua saude e estado do reino era mui sollicita e cuidadosa, e assim como a madre ha dó do filho, e a ama que o cria sente mór pena que outro nenhum, assim ella que era madre e creadora d'estes feitos, sentia o carrego de tão grão negocio, mais que outro logar que no reino houvesse; e afóra as prezes e orações que por esto tinham cada dia ordenado de fazer, ajuntaram-se todos na camara da cidade, onde tinham costume de fallar seus feitos, e mandaram chamar honestas pessoas, religiosos, doutores e mestres em theologia, pera haverem com elles conselho como haveriam Deus em sua ajuda, e amansado de alguma sanha que contra elles por seus pecados tinha. E falladas sobre esto muitas razões, foi respondido pelos letrados que armas de perdição toma o povo e mui grande ajuda faz a seus inimigos, quando persevera em suas maldades, porque durando em ellas, priva-se da misericordia de Deus, e chama a sanha d'elle contra si, mórmente quando é tangido da sua parte que se correja, e bem assim armas de segura defensão toma pera seus contrarios, vivendo em temor do Senhor segundo aquelles que bem obram, especialmente se é posto em grande cajão e perigo, que entonce amansa Deus e recebe d'elle misericordia e ajuda, e por tanto os officiaes e homens bons dos misteres, ouvindo as palavras d'aquelles frades prégadores, e querendo seguir seu conselho, vendo como por muitos annos o povo da

cidade fôra amoestado em prégações que se apartasse d'alguns peccados e damnados costumes dos gentios, que se em ella de longo tempo uzava, mórmente erros de idolatria, por os quaes segundo o texto da Santa Escriptura, Deus mais gravemente atormenta o povo; e vendo as muitas pessoas que á dita cidade vieram, vendo isso mesmo como entonces estava cercada por mar e por terra, e el-rei de Castella dentro no reino pera haver batalha com el-rei de Portugal, a qual cada dia esperavam que fosse, e que de tamanho perigo sómente Deus a cidade e o reino podia livrar; porém estabeleceram e ordenaram, promettendo a Deus guardar por sempre por si e por seus successores, que d'ahi em deante na cidade, nem em seu termo, nenhum não uzasse de feitiços, nem ligamentos, nem de chamar diabos, nem de encantações, nem de obra de benzedeira, nem caratolas, nem sonhos, nem lançar rodas, nem sortes, nem nenhuma outra cousa que a arte de physica não consente; e mais que nenhum não cantasse janeiras, nem maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtassem aguas, nem lançassem sortes nem outra observança que a tal feito pertença. E porque o carpir sobre os finados é costume deshonesto e descende dos gentios, sendo especie de idolatria defesa por Deus em seus mandamentos, porém ordenaram que homem nem mulher não se carpisse, nem depenasse, nem bradasse sobre algum finado, posto que fosse padre ou madre, nem filho nem irmão, ou marido ou mulher, nem por outra nenhuma perda nem nojo, mas trouvessem seu dó e chorassem honestamente, e quem o contrario fizesse que pagasse certa pena de dinheiro, ou tivesse o finado oito dias em sua casa.

El-rei isso mesmo na reguarda onde estava, se
gundo põe aquelle doutor no capitulo — *Postha*
Rex Portugalia, depois de sua confissão muito ced
feita, e recebido o Santo Sacramento e a bençã
do arcebispo, tomou devotamento o signal da cruz
poendo-o em seu peito, de côr vermelha, e aos seu
mandou que assim o fizessem; entonce uzando d
costume de Judas Machabeu como diz aquelle douto
começou de esforçar aos seus, dizendo a todos:

— « Amigos, não embargando que nossos inimigo
venham a nós com grande multidão, como vêde
não queiraes temer o espanto que põem, como vo
já dissemos, mas sêde fortes e não temaes nad
pois que ligeira cousa é o Senhor Deus subjuga
muitos nas mãos dos poucos, e pois elles vem a nó
com grande soberba e desprezamento por nos de
truir e roubar, e tomar mulheres e filhos e quant
nos acharem, e nós por nossa defensão e do rein
e da nossa Madre Santa Egreja, pelejamos com elle
vós vereis hoje como todos serão vencidos e desb
ratados ante nós; e porém em nome de Deus e d
Virgem Maria, cujo dia de manhã é, sejamos todo
fortes e prestes pera tomar d'elles vingança, a qu
temos tanto á mão como todos bem vêdes.»

O arcebispo de Braga outrosim sendo bem a
mado, havendo ante si a cruz de prata levantad
com que costuma visitar as egrejas, e não queda
de prover, andando de uns em outros esforçand
os e absolvendo-os todos, confirmando-lhes as pe
doanças que o Papa Urbano Sexto outhorgava co
tra os scismaticos, increos, reveis contra a San
Egreja, dizendo a todos que tanto que começasse
a ferir nos inimigos, que fossem lembrados de diz
a meude — *Et Verbum caro factum est;* e algu

npres e ignorantes que esto não entendiam, per-
ntavam que queria dizer aquillo?
E os outros por sabor, respondiam que queria
:er, muito caro feito é este, verdade é (diziam
es), mas prazera a Deus que o tornara hoje de
m mercado.
Na hoste d'el-rei de Castella era muito por con-
rio, ca alli não havia mister dar esforço a nenhu-
i gente, nem outra fouteza pera pelejar, ca todos
viam a batalha por vencida, e por sandeos e de-
sperados os portuguezes que a esperavam, só-
:nte tinham sentido como os haviam de matar, e
idar do que fariam dos que tomassem captivos,
dois bispos que hi vinham, e alguns frades pré-
dores, outhorgavam indulgencias da parte do an-
apa, a todos os que contra os portuguezes to-
assem armas ou dessem ajuda d'aquello que ti-
ssem pera lhe fazerem guerra; e antes que as
talhas começassem d'ajuntar, alguns homens de
, portuguezes, até trinta, com medo e fraqueza
coração, sahiram se d'entre a carriagem onde
am postos com outros por guarda d'ella, pera
gir pera Porto de Mós, e os ginetes de Castella
e andavam arredor da carriagem viram-nos sahir
seguiram-nos, e elles cuidando de escapar aco-
am-se a uns vallados cobertos de silva, e alli os
ataram como porcos á calcada, que não ficou ne-
um; a qual cousa constrangeu os d'aquella parte
cobrar esforço e não fugir, dizendo que ante que-
m morrer como homens, que os matarem como
uelles que fugiam.
Em esto a vanguarda dos inimigos, de gente mui-
t guarnecida e de fouteza mais abastante, come-
çu de se fazer prestes pera mover sua batalha, e

E porque os costumes dos gentios se uzavam em certos dias do anno, assim como em dia de Janeiro, dia de Maio, dia de Santa Cruz, estabeleceram que cada anno por sempre fizessem tres procissões por estes dias, a primeira na sé cathedral, em louvor da circumsição de Jesus Christo, a segunda a Santa Maria da Escada, por devoção da Madre de Deus, a terceira que fosse a Santa Cruz, por seu serviço e honra. Assim que estes eram os especiaes oradores que cada um dos reis por sua parte tinha, e a Deus ficava outhorgar victoria, a qual d'elles sua mercê fosse.

CAPITULO XLII

Como se fez a batalha entre os dois reis e foram vencidos os castellãos.

Nas fallas que ouvistes e conselhos que el-rei teve, se gastou tanto do dia, que já era horas de vespora quando os castellãos foram prestes de todo e sua batalha ordenada, a qual era tão grande e assim formosa de vêr, que os portuguezes não pareciam mais ante elles que o lume de uma pobre estrella ante a claridade da lua, em seus perfeitos dias.

O condestabre de Portugal andava em cima d'um cavallo por entre sua vanguarda e alas, de uma parte pera a outra, com um escudo no braço, da parte dos inimigos, por receio dos virotões que d'alguns logares vinham, e não sómente lhe chegavam alli, mas d'elles passavam ás azes e feriam na ca-

riagem homens e moços e bestas, e isto por vêr se cada um estava corregido n'aquella boa e sagaz ordenança em que os elle primeiro puzera, dizendo que todos andassem muito passo quando os castellãos movessem, e ao juntar estivessem quedos e firmassem bem os pés, tendo as lanças direitas e apertadas sob o braço o mais prelongadas que podessem, e quando os inimigos chegassem, pozessem as lanças em elles de guisa que pendessem, e entonce botassem quanto podessem, e os que estivessem detraz que chegar não podessem com lanças, que botassem os outros ante si, louvando-os com bom e ledo semblante, esforçando-os que não temessem sua multidão nem suas ameaças, que mostravam com seus apupos e alaridos, ca todo era um pouco de vento que d'ahi a breve espaço havia de cessar, e que fossem fortes e esforçados, havendo grão fé em Deus, por cujo serviço alli eram vindos, defendendo justa querella por seu reino e sua Santa Egreja, e que a Madre de Deus, cuja vespora entonces era, seria avogada por elles, e o precioso martyr S. Jorge, seu capitão e ajudador, dizendo que aquelle era o bom dia que todos desejavam por alcançar muita honra, em que seus grandes trabalhos haviam de cessar por victoria, e com suas doces palavras compridas de grande esforço, não cessava de os visitar, emquanto as batalhas estavam quedas, andando em este cuidado ante que se a batalha começasse.

O conde D. João Affonso Tello, que era na vanguarda dos castellãos, lhe mandou de gages por um escudeiro, em desafiação, uma espada d'armas guarnecida, e o conde a recebeu ledamente e lhe mandou de retorno uma boa facha de chumbo.

sendo já dia tão derribado, que passavam de hora de vespora, e pero tantos fossem e bem corregido ainda se não atreveram de os cometer com arma sem primeiro tirar com um az de tiros que ord nada tinham deante, por os espantar e fazer fugi nos quaes posto o fogo e disparando algumas p dras d'elles, não fizeram nojo, e outras empeçara de má maneira, ca uma deu na vanguarda do co destabre e matou dois escudeiros, ambos irmão juntamente, e outra deu a um estrangeiro, e est tres foram mortos d'ellas, a qual cousa foi aos po tuguezes grande espanto e havido por esquivo com ço; e um escudeiro da companhia dos portugueze vendo o temor que d'esto tomavam, disse qu não havia porque se espantar, ante o deviam t por signal que Deus lhe queria dar a victoria d batalha, porque elle lhe afirmava certamente qu não havia oito dias passados que elle vira aquell dois homens entrar em uma egreja e matar u clerigo que em ella estava revestido dizendo miss e pois que elles a Deus não cataram reverenci elle obrando de seu direito juizo, não queria q tão maus christãos houvessem de ser quinhoeir na victoria e honra que a elles o dito Senhor tinh outhorgada; e quando todos os que alli eram pr sentes esto ouviram, sendo em certo conhecimen por aquelle escudeiro da maldade que aquelles m tos haviam feito, houveram este juizo do Senh Deus por grande esforço e filharam grande ar mento pera proseguirem contra seus inimigos a t ção que começado tinham.

Entonce dando ás trombetas mui rijamente co grandes apupos e alaridos, bradando todos a el a ellos, começou de desapparecer o campo sol

grande espessura d'elles, e abalando com orgulhosos passos e trigoso desprezamento, vinham os portuguezes todos deante e o conde D. João Affonso Tello ante elles, com uma lança d'armas d'aventagem e outra nas mãos, como ardido cavalleiro, e em passando começaram de se fazer ficadiços uns traz outros, assim das azes como das alas, de guisa que a sua vanguarda que era muito mais comprida e as alas tão grandes que bem podiam abraçar a batalha dos portuguezes, ficou tão curta d'aquella guisa que a de Portugal tinha já vantagem d'ella, e ficou assim grossa e ancha em espessura de gentes, que havia um lanço de pedra dos primeiros aos deanteiros. Esto foi especialmente em direito da estrada por onde costumavam caminhar, em tanto que a vanguarda e reguarda se fez toda uma.

Os portuguezes como os viram abalar, começaram avivar os corações, pera os receber com bom esforço, dando ás trombetas, moveram passo e passo em sua boa ordenança, o condestabre ante sua bandeira, e assim cada um como lhe fôra mandado; seu appellido a altas vozes era Portugal e S. Jorge, e dos inimigos Castella e Santiago.

Avantajou-se Gonçalo Annes de Castel de Vide, que prometteu primeiro ferir de lança, e foi derribado e accorrido, e levantou-se, e ao ajuntar das azes pozeram as lanças uns nos outros, ferindo e puxando quanto podiam, e os peões e bésteiros lançando em tanto muitas pedras e virotões d'uma parte á outra.

Em esto os ginetes dos inimigos provavam a meude d'entrar na carriagem dos portuguezes, mas tudo achavam apercebido, de guisa que lhe não podiam empecer. E se em este passo achardes escripto que

os castellãos cortaram as lanças e as fizeram mais curtas do que traziam, havei que é certo e não duvideis, porque elles cuidavam de pelejar a cavallo, e quando viram a batalha pé terra, por se desembaraçar e ajudar melhor d'ellas, as talharam, o que lhes depois mais empeceu que aproveitou, e leixadas as lanças das mãos que a uns e outros pouco fez nojo, e jazendo um grande valle d'ellas ante uma az e outra, vieram ás fachas e espadas d'armas, não d'esta grandeza do tempo d'agora, mas tamanhas como espadas de mão grossas e estreitas, e chamavam-lhe estoques, e o primeiro logar onde começaram de pelejar, foi junto com a bandeira do condestabre, onde ora está uma pequena egreja de S. Jorge, que elle depois mandou fazer. Alli se accendeu uma forte e crua peleja, ferida de golpes, quaes os homens teem em costume de dar, e não quejandos alguns escrevem.

Pera que dizemos golpes nem forcas nem outras razões compostas por louvor d'alguns, nem afermosentar historia que os sezudos não hão de crêr, de guisa que de historias verdadeiras façamos fabulosas patranhas, basta que d'uma parte e d'outra eram taes e tamanhos golpes dados como cada um podia apresentar a aquelle que lhe cahia em sorte, de guisa que os muitos por subjugar os poucos, e os poucos por se verem isentos de seus inimigos, lidavam com toda sua força; sendo a sua az grossa d'aquella maneira e a dos portuguezes pequena e singela, e não a podendo soffrer, foi rota por força a sua vanguarda e entrada poderosamente dos inimigos, e aquelle magote de muita gente que dizemos abriu um grande e largo portal, porque entrou a mór parte d'elles com a bandeira d'el-rei de Castella, e

acerca da do condestabre, onde foi a mór força da peleja.

As alas d'onde era Mem Rodrigues e a outra de Antão Vasques, quando esto viram dobraram sobre elles e ficaram entonce entre a vanguarda e a reguarda, onde uns e os outros pelejaram mui de vontade, de guisa que o som dos golpes era ouvido mui grande espaço a redor, e a ala dos namorados que elles cuidaram desbaratar primeiro de todo, aqui foi havido dobrado afan e peleja, onde Mem Rodrigues foi muito ferido, e seu irmão, e outros fidalgos d'aquella parte, mais que em outro logar.

El-rei quando viu a vanguarda rota e o conde em tamanha pressa, com grande cuidado e todos com elle, abalou rijamente com sua bandeira, dizendo alta voz com grande esforço: ávante, ávante, S. Jorge, Portugal, S. Jorge Portugal, que eu sou el-rei, e tanto que chegou onde era aquelle aspero e duro trabalho, leixadas as lanças de que se pouco serviram, por azo da mistura da gente, começou de ferir de facha, e assim desenvolto e com tal vontade, como se fosse um simples cavalleiro, desejoso de ganhar honra e fama, e veiu a elle por aquecimento Alvaro Gonçalves do Sandoval, bem mancebo e de bom corpo, ardido cavalleiro, casado d'aquelle anno, e como el-rei alçou a facha descendo pera lhe dar, elle recebeu o golpe e travou por ella, e tirou tão rijo que lh'a levou das mãos e feze-o ajoelhar d'ambos os giolhos, e foi logo levantado muito azinho, pero sobreveiu o nobre Martim Gonçalves de Macedo, homem fidalgo que bem servia el-rei em estes trabalhos, e quando Alvaro Gonçalves alçou a facha pera lhe dar, el-rei esperou o golpe e tornou-lh'a a tomar por aquella guisa, e quando lh'a quizera ou-

tra vez dar, jazia já morto pelos que eram presen
tes, que o mais á pressa fazer não poderam, por
que cada um tinha assaz que vêr em si, e sendo
batalha cada vez maior e mui ferida d'ambas a
partes, prougue a Deus que a bandeira de Castell
foi derribada, e o pendão da divisa com ella, e a
guns castellãos começaram de voltar atraz, e o
moços portuguezes que tinham as béstas e muito
dos outros que eram com elles, começaram alta
vozes a bradar e dizer, já fogem, já fogem, e o
castellãos por não fazer d'elles mentirosos, come
çaram cada vez de fugir mais.

CAPITULO XLIII

*Como fugiu el-rei de Castella do campo e chegou
Santarem.*

El-rei de Castella olhando a batalha e vend
que a fortuna de todo em todo era favorav
aos portuguezes, de guisa que sua bandei
era já abatida e muitos dos seus voltavam atraz
se acolhiam ás bestas que achavam, por haverei
mais toste de fugir, trigou-se como quem não sen
dôr por logo partir ante que mais visse como
perdia a batalha de todo, e desceu da mula em q
estava, e puzeram-n'o em um cavallo em que á pre
sa começou d'andar, não bem acompanhado e che
de temor, e levou direita estrada caminho de Sa
tarem.

O bom de Vasco Martins de Mello que devotara prender el-rei de Castella, ou lhe poer as mãos, seguiu o alcanço ácerca de legua, por sua promessa fazer verdadeira, e só sem outrem, em cima d'um cavallo por chegar a elle, meteu-se entre as gentes que o acompanhavam, e sendo conhecido pela cruz de S. Jorge, que era portuguez, foi logo morto por sua não sagaz ardideza. El-rei continuou seu caminho sem fazer detença, e cançou aquelle cavallo, e deram-lhe outro, e tendo andadas onze leguas e meia, que havia d'onde partiu a Santarem, chegou ao logar á meia noite sobre aquelle cavallo em que em Santarem entrara quando a primeiramente cobrou, e poucos com elle por lhe cançarem as bestas, e batendo os seus á porta do castello, que viessem abrir a el-rei, Rodrigo Alvares de Santoio, sobrinho de Diogo Gomes, que em elle ficara por seu tio, não crendo que era assim e duvidando-o muito não queria vir abrir, até que el-rei disse que viesse abrir que elle era el-rei,

Rodrigo Alvares quando na falla o conheceu veiu á pressa abrir a porta; el-rei entrou com o rosto encuberto como vinha, e assentou-se em um banco muito cançado, com gesto fóra de toda lédice, e porque elle era doente de tremor e aquelle dia fôra o da sazão, enadia a dôr a sua tristeza muito mais nojoso semblante, e estando assim um pouco não lhe ousando nenhum de fallar, alçou-se rijo e começou de andar rezoando comsigo, amazelando-se muito e dizendo:

— «Oh! Deus, que máu rei e sem ventura! Oh! Senhor, dá-me morte aqui onde estou, pois não houve ventura de morrer com os meus!»

E movendo tezo contra uma parede, deu com as

mãos nas faces e quedas as palmas no rosto poz a cabeça na parede, e chorando dizia:

—«Oh! bons vassalos e amigos que mau rei e mau parceiro tivestes em mim que vos trouve todos a matar e não vos pude accorrer nem ser bom? Oh! Deus, porque te aprougue leixar um rei tão só e tão desamparado de tantos e bons como hei perdidos? Viverei lastimado em todos meus dias e mais me valia a morte que a vida. Oh! Senhor, porque me leixaste vencer, e de quem? e serem mortos tantos e tão bons fidalgos, e em mãos de quem? Bem posso dizer que em má hora vim a Portugal, pois que fiquei rei sem gente.»

E em dizendo esto virou o rosto pera os outros, e pareceu que esmorecia, e elles chegaram-se a elle e disseram:

— «Oh! senhor, que esforço é este, que vós daes aos vossos que ficaram? pensaes vós que não ha ainda fidalgos e gente em Castella que com ajuda de Deus e vossa podereis cobrar a honra que perdestes?»

Elle cuidando que todos seus eram mortos, respondeu e disse:

— «Se Castella fôra perdida e o meus vassalos ficaram, eu entendera cobrar com elles toda Castella e Portugal, mas pois que todos meus fidalgos são mortos, eu hei perdido de todo Portugal, e Castella posta em ventura, assim que tão avergonhado rei como eu, mais lhe valera a morte que a vida.»

Em dizendo esto tornou-se a assentar e pediu que lhe torrassem uma sopa pera comer, e Gomes Peres de Val de Ravanos, que tinha carrego d'outra fortaleza que chamam Alcaçova, que logo hi chegou, como esto soube, quando viu el-rei assim

cuidoso, que adur podia comer aquella sopa, começou a fallar e disse:

— «Oh! senhor, que desesperação é essa que assim tomaes? Porque estaes assim triste e tão nojosa continencia mostraes aos vossos?

«Pensaes vós que esto que agora vos haveiu não aconteceu já a outros reis e senhores no mundo? Certamente não sois vós só ao que primeito esto aconteceu. Pois pera que é tomar sobeja tristeza que vos não póde dar nenhuma vingança. E um tão alto rei como vós, desejar assim a morte, é quebrardes os corações de quantos vos ouvirem? melhor esforço queria eu que vós tivesseis. Tomae exemplo del-rei vosso padre, que pero foi desbaratado, como sabeis, nunca por isso perdeu coração, ante mostrava que não dava nada por ello, e encaminhou como podesse vingar sua deshonra e pelejou com as gentes d'el-rei seu irmão, de que já era vencido, sendo elle presente, e desbaratou-os e fugiu el-rei e tomou-lhe o reino de que vós ora sois rei e senhor, e vós este exemplo tomae, e se hora fostes vencido não vos morra por isso a vontade, mas trabalhae como vingueis vossa deshonra, como já fizeram outros a que aconteceu similhavel desaventura».

El-rei quando esto ouviu, a modo de escarneo começou de dizer contra elle:

— «E vós cuidaes ora de me confortar por esso que me dizeis? E vós não haveis poder de me dar conforto, vós nem quantos aqui estaes, por muitas razões que possaes dizer, porque umas cousas não são similhantes ás outras, e pensaes vós que não sei eu que a muitos reis e senhores aconteceu já esto que ora a mim haveiu? Não sou tão simpres

que esto não entenda, e se vós dizeis que outro tal aconteceu a meu padre, verdade é que assim foi, mas rogo-vos que me digaes de que homens e gentes foi meu padre vencido? Foi-o do principe de Galles, que era um mui grande senhor, e tão bem-aventurado que pelejou com el-rei de França e o venceu e levou preso a Inglaterra, e de que gentes foi meu padre vencido? Fui-o dos Inglezes, que são prol da cavallaria do mundo, emtanto que vencido por elles não leixava de ficar honrado, e de quem fui eu vencido e desbaratado? Fui-o do Mestre de Aviz de Portugal, que nunca em sua vida fez cousa que montasse que pera dizer seja, e de que gentes fui eu vencido? Fui-o de chamorros que ainda que me Deos tanta mercê fizesse que todos tivesse em cordas e os degolasse por minha mão, minha deshonra não seria vingada, porém vos rogo que me não deis tal conforto, nem me ponhaes essa similhança d'uma cousa a outra, que ha muita diferença.»

E cessaram entonce de fallar em esto, e el-rei ordenou de se partir logo.

CAPITULO XLIV

Como partiu el-rei de Santarem pera seu reino.

Porque aos postos em desaventura persegue o medo, mais que aos outros homens, receiando-se el-rei do que porém era bem seguro, que estando alli mór espaço de noite, podia receber algum grande damno, mandou que fizessem lo-

go prestes uma barca, em que se á pressa fosse a Lisboa, e como foi, com alguns dos seus sem mais tardança entrou em ella, e levava o rosto cuberto, e quatro tochas ante elle muito baixas; e no seguinte dia, que era a festa de Santa Maria, a hora de terça chegou á cidade, e esteve aquelle dia e o seguinte na náu de Pero Afam, e á quinta feira, que eram dezesete dias d'agosto, partiu pera Sevilha em uma galé, e quatro em sua companhia; e toda a outra frota das náus e galés ficaram alli como quer que elle lhe mandou, que como vissem tempo azado que se fossem pera suas terras.

El-rei entrou em Sevilha de noite, receiando cramor e choro das gentes; mas sendo em o outro dia sabudo como chegara, e de que maneira, muitos dos honrados homens e donas da cidade faziam tal pranto por filhos, maridos, e parentes, e senhores, que era dorida cousa de vêr; em tanto que continuando cada dia a altas vozes, recebia el-rei tal nojo e tristeza, que assim como constrangido se partiu d'aquella cidade e se foi pera Carmona, que eram d'alli seis leguas; onde sabei que no dia que el-rei chegou a Sevilha, jaziam captivos portuguezes na taraçana, dos que foram tomados nas naus do Porto, quando foi a peleja da frota ante Lisboa; e aquelles que de tal cargo tinham cuidado, mandaram-n'os que fossem varrer e alimpar os paços oude el rei havia de pouzar, e andando varrendo uma sala, em que el rei era prezente, foi um seu escudeiro e deu um grande couce a um portuguez d'aquelles que varriam, e disse:

— « Varrei azinha, pera fideputas, cornudos».

El-rei vendo aquesto queixou-se muito contra elle, dizendo:

— « Leixae-os aramá, ca os portuguezes são bons e leaes, e não haveis porque lhe fazer mal, ca quantos foram em minha companhia, eu os vi todos morrer diante mi, e os meus me roubaram a corôa da minha cabeça ».

E a esto não lhe respondeu ninguem, nem lhe fizeram outro mal, e em o outro dia mandou el-re que os soltassem todos, e assim foi feito.

Elle era todo vestido de preto, e a cama, meza e emparamentos, como aquelle que ante os reis do mundo se tinha por mais desaventurado, e quaesquer pessoas que a elle chegavam, que houveram perda em esta batalha, assim homens como mulheres, recebiam d'elle mercê e gazalhado.

Ora assim aveiu que as más novas que trigosamente voam a toda a parte, tanto que a batalha foi vencida, chegaram á pressa áquelle logar onde a rainha D. Beatriz ficara, de que toda Castella ficou mui espantada, as quaes ouvidas por ella e pelas pessoas que carrego tinham de rezar, como dissemos, cessaram logo da oração e começaram de carpir e de penar, e a rainha cahiu em terra assim como morta, e foi mui grande o pranto que fizeram.

Os da villa como esto ouviram, similhavelmente fizeram seu dó, não sómente n'aquelle logar mas por toda Castella foi tão grande arruido e dó que não ficou homem nem mulher que d'elle não tivesse parte, assim por os mortos como por os vivos, ca não sabiam quaes morreram em ella nem quaes escaparam, e feito dó onde a rainha estava, alvoroçaram-se as gentes de má maneira com pouca discrisão e impeto sanhoso, e porque muitos affirmavam que el-rei era morto, disseram que fossem logo ma-

tar a rainha e todos os portuguezes que com ella eram, e firmando-se muito em esto e sendo já o alvoroço grande, as muitas lagrimas do povo por a perda da batalha, moviam alguns a lhe parecer esto bem feito. Outros duvidavam não sabendo que fazer.

Em esto chegou o arcebispo e disse:

—«Amigos, pacificae-vos, por Deus, e não queiraes esta cousa fazer, porque estas novas que alguns aqui dizem não são bem certas se é assim ou não, e não sendo assim seguir-se-ia d'esto mui grão mal e perigo, e d'esta guisa se el-rei é vivo e preso, remedio póde haver a sua prisão, e melhor a haverá sendo sua mulher viva e os que são com ella, que os matardes sem em tal feito haver por queixume culpa; se morto é, como dizem, não ha mister de ser livre, e ahi vos fica tempo pera fazerdes o que quereis, e d'aqui se não seguirá este damno; e porém assocegae vossos corações, até que saibamos em certo como esto é, e entonce faremos o que nos melhor parecer por proveito e honra do reino.

E com estas palavras e outras boas razões que lhe o arcebispo entonce disse, assocegou o povo de seu alvoroço e não se fez aquella hora mais.

Os cavalleiros e outras pessoas que com el-rei não foram na batalha, e muitos dos que estiveram n'ella e escaparam, vieram-se todos pera Valhedolid, onde el-rei ordenou de fazer côrtes, e alli houve conselho de mandar catar gentes por todas as partes que se haver podessem, e de fazer saber a el-rei de França todo seu aquecimento, pedindo lhe accorro de gentes e ajuda de dinheiro pera defensão de seus reinos e pera outra vez entrar em Portugal.

E a esto se trigou el-rei de Castella á pressa,

porquanto soube que tanto que elle fôra desbatatado, que logo el-rei de Portugal enviara cartas a el-rei de Inglaterra, especialmente ao duque d'Alencastro, que era casado com D. Constança, filha que fôra d'el-rei D Pedro, por cujo azo se o duque chamava rei de Castella, nas quaes lhe fazia saber como elle fôra vencido em campo, e que havia perdido as mais e melhores de todas suas gentes, e que agora tinha tempo de cobrar aquelle reino, pois que seu inimigo estava desbaratado e minguado de companhas, mórmente tendo a Portugal em sua ajuda com muitas gentes e boa vontade, e pois por esta guisa podia cedo acabar toda sua tenção, que não pozesse em ello nenhuma tardança.

E por esta razão, como dizemos, se trigou el-rei de mandar á pressa a França e ao Anti-papa, com que tinha recados, de todo seu aquecimento, onde fique esperando resposta e juntando suas gentes, até o acabamento d'este anno, e tornemos a el-rei de Portugal que leixamos pelejando, não sendo ainda a batalha de todo vencida.

CAPITULO XLV

Como se acabou a batalha de vencer de todo, e das pessoas que em ella morreram.

Ferindo-se a batalha e sendo a peleja mui grande, da guisa que dissémos, quando el-rei de Castella fugiu, começou-se mostrar claramente que a batalha de todo se vencia, sendo já a bandeira dos inimigos derribada, e mortos uma grão som-

ma de castellãos, e todos os mais dos maus portuguezes que na deanteira da vanguarda vinham, e sehuindo el-rei e o condestabre seu vencimento que já a todos era manifesto, disse el-rei ao conde que os homens de pé que eram na reguarda, estavam em grande perigo por as muitas gentes de castellãos que os afincavam, e que lhes fosse accorrer, e assim era de feito, porque D. Gonçalo Nunes, mestre d'Alcantara, estava de cavallo com certos ginetes nas espaldas dos portuguezes, e commettia rijamente de pelejar com os homens de pé e bésteiros que foram alli postos por guarda da carriagem, e elles defendiam-se com sétas e dardos, de guisa que os de cavallo não lhe podiam empecer, antes recebiam d'elles damno, morrendo alguns do tirar das béstas e remessar das lanças, e elles faziam aos portuguezes proveito, porque os peões d'aquella parte, ainda que fugir quizessem, não o podiam fazer, e assim forçadamente cumpria de se defenderem, a qual cousa depois os castellãos entenderam que lhe fôra mau avizamento, pois a seus inimigos não leixavam portal aberto por onde fugir podessem, e logo o condestabre por mandado d'el-rei se tornou contra a reguarda de pé como estava, e por o grão trabalho que houveram não pôde ir tão depressa como elle queria, nem tinha besta em que fosse, e Pero Botelho, commendador mór de Christo, vinha em cima d'um bom cavallo, e como viu o conde assim ir a pé, desceu-se do cavallo e deu-lh'o, e o conde lh'o agradeceu muito por suas boas palavras, e cavalgou em elle e foi aos homens de pé que na reguarda estavam e achou-os em mui grande perigo por o forte afincamento que haviam dos castellãos, que eram muitos, de guisa que já queriam detra-

mar, quando elle foi acerca, e como elle chegou prougue a Deus de lhe poer tal esforço que os homens de pé se tiveram muito melhor com elles, e tanto que não ousaram mais de chegar á reguarda, e a pouco espaço João Rodrigues de Sá e outros se vieram pera o conde.

Em esto vendo os castellãos que seu senhor era fugido e que a batalha de cada parte se vencia, perdida toda esperança, sem vontade de mais ferir, começaram todos de voltar atraz e desamparar o campo, assim que em breve espaço concrudida a ardideza de tanta multidão de gentes, ca não durou a batalha espaço de meia pequena hora, até mostrarse de todo ser perdida. Alli vireis uns cavalgar nas bestas que percalçar podiam, sem perguntar cujas eram, por se trigosamente porem a cavallo e em salvo, outros se descarregavam das armas que vestidas tinham, por mais ligeiramente poder fugir, d'elles fugindo a pé iam-se desarmando por correr e mais breve poder escapar, muitos outros voltavam os jaquetes, o de dentro por de fóra por não serem conhecidos, mas depois o fallar da lingua, mostrando sua nação, era azo de seu acabamento.

Os que eram mal encavalgados e outros com muito cançasso não podiam fugir á sua vontade, e com grande medo sahiam-se das estradas e mettiam-se por esses mattos, e porque não sabiam o caminho, andavam de uma parte pera a outra, e a gente da terra que em o outro dia acudiu muita, faziam em elles grande matança, e se alguns se queriam defender sobrevinham outros de travez e acabavam de matar os que aquelles começado tinham, assim que de balde tomavam trabalho os que se escondiam, ca ahi não havia taes mattos nem logar em que o

fazer podessem, ca todo era campina raza, e porém encalçando-os e attendendo-os em certos passos, tanta mortandade faziam em elles os do termo de Alcobaça e dos logares d'arredor, especialmente nos que a pé fugiam, como os que morreram na batalha, privando-os da vida por desvairadas guisas, porque a nenhum perdoavam morte, mórmente cada um rustico aldeão prendia e matava sete e oito castellãos, e não tinham poder de lh'o contradizer, e se algum trabalhava de dar vida a algum que conhecesse, quer fosse castellão quer portuguez dos que contra o reino vinham, não o podia fazer, ca nas mãos lh'o matavam por força, ainda que não quizesse, não sómente a homens de pequena condição, mas a pessoas de boa conta, assim como fizeram a Diogo Alvares Pereira nas mãos d'Egas Coelho, que passando el-rei, vencida a batalha, viu ir ante si a Diogo Alvares Pereira, irmão do condestabre, e porque ia desarmado da cabeça o conheceu el-rei por detraz, e chamando duas vezes por seu nome, e elle quando se ouviu chamar voltou o rosto por vêr quem era, e el-rei trigou os passos contra elle e travou-lhe dos peitos e disse:

— «Oh! Diogo Alvares, aqui sois vós? Eu vos cuido hoje de ser melhor amigo do que vós a mim fostes servidor».

Em esto alçou-se voz que matavam o conde, e porém não era assim. El-rei movendo pera lá rijamente, deixou a Egas Coelho que o guardasse, e villãos alguns vendo-lhe as armas de Castella, sem lhe valer outra boa razão, foi logo alli morto por elles.

El-rei cançado de seu grande trabalho lançou-se por descançar sobre um refece acostamento, aguardando por alguma besta em que cavalgasse, tendo

presos a par de si D. Pedro de Castro e Vasco Pires de Camões, e jazendo assim d'esta guisa chegou Antão Vasques, cavalleiro, e vinha emburilhado na bandeira d'el-rei de Castella, e como foi ante el-rei, começou de bailhar por sabor ante elle, sem lhe fazer alguem som, e depois que se desenfadou d'aquello, desenburilhou-se d'ella e deitou-a no regaço a el-rei, e disse:

— «Tomae, senhor, essa bandeira do mór inimigo que no mundo tinheis».

E el-rei sorrindo mandou-a guardar, e ás palavras não respondeu nada. Lourenço Martins de Avelar, que presente era, dizia que elle a derrubara, e assim outros, cada um por si, mas nenhum de certo se soube quem fôra, e fallando em esto, chegou o pagem d'el-rei com um cavallo, e trazia um escudeiro castellão preso em cima d'uma mula, as esporas nos braços e um loudel vestido ás avessas por não ser conhecido e o matarem. El-rei quando o viu assim vir homem de prol e de bom corpo, perguntou-lhe porque se leixára prender assim d'aquelle modo? Elle respondeu e disse:

— «Melhor é que me prendesse este moço, que me matar o melhor homem d'armas que havia em vossa hoste».

— «Digo-vos, disse el-rei, que vós dizeis mui bem, e ora vos quero eu dar mór honra da que vos deu quem vos captivou.»

E entance o fez cavalgar na mula e o pagem traz elle, por lhe mostrar andando os mortos se conheceria algum d'elles, e quando os revolviam e conhecia d'esses senhores e fidalgos de Castella, quem eram, descia-se e fazia pranto sobre elles, e assim andou el-rei com elle um pedaço mostrando-

lhe aquelles de que havia algum conhecimento. E por esta guisa como dissemos prougue a Deus e a sua preciosa Madre, da batalha ser vencida e os portuguezes livres de seus inimigos, os quaes vendo como a carriagem de seu senhor estava desamparada e alguns começavam já de roubar, vieram sobre ella muitos de cavallo por tomar a prata da baixella e da capella, sobre o que foi grande arruido e mortos alguns portuguezes, entre os quaes foi ahi morto Mendo Affonso de Beja, e outros que da batalha vivos ficaram, e alli fizeram seu fim, e os castellãos levaram a mór parte d'ella, e a alguns ia cahindo pelo caminho, e os portuguezes começaram d'apanhar desvairadas cousas que lhe ninguem não tolhia, e d'elles se occupavam em revolver corpos sem almas, se lhe achavam algumas cousas de que se aproveitar podessem, e muitos dos que jaziam mortos não tinham nenhuma ferida.

Alli foi achada grão riqueza de prata e ouro e joias, e guarnimentos de desvairadas guisas, como bem podeis entender que traria tal rei e taes senhores como com elle vinham, não por se tornar da guerra começada, mas por continuar no reino até se cessegar, como em cousa que haviam já por sua, e isso mesmo cobraram cavallos e mulas e azemulas e armas e outras muitas e boas cousas que seria longo de nomear, de que el-rei nenhuma cousa tomava a qualquer que as em poder tinham.

E em esta batalha recebeu Castella mui grande perda, assim de condes e mestres e grandes senhores, como fidalgos e d'outra meã gente e d'outro commum povo em grande quantidade.

Mas porque desvairados authores desaccordam no conto dos que ahi morreram, poendo muitos

milhares de mortos e grão somma de capitães, não dizendo porém seus nomes, nós que desejamos escrever certo, sem favor d'alguma das partes, não curamos de sommas que pozeram, salvo da mais pequena, que el-rei escreveu á cidade de Lisboa, dizendo que seriam os que alli falleceram até duas mil e quinhentas lanças, e os mais dos capitães que alli vinham, assim como D. Pedro, filho do Marquez de Vilhena, bisneto lidimo d'el-rei d'Aragão, D. João, senhor de Galiza e de Castanheda, filho do conde D. Tello, D. Fernando, filho do conde D. Sancho, Pero Dias, priol de S. João, o conde de Vilhalpando, João Fernandes de Toar, almirante mór de Castella, Pero Gonçalves de Mendonça, mordomo mór d'el rei, Diogo Gonçalves Manrique, adiantado mór de Castella, D. Gonçalo Fernandes de Cordova, Pero Gonçalves Carrilho, marechal de Castella, João Peres de Godoy, filho do mestre de Calatrava, monseur João de Lara, cavalleiro d'el-rei de França, Fernão Rodrigues, Diogo Carrilho de Mançanela, João Alvares Maldonado, Diogo Gonçalves de Toledo, João Ramires de Arelhano, Alvaro Gonçalves de Sandoval, Fernão Gonçalves seu irmão, Fernão Carrilho de Priego, João Ortiz de las Cuervas, Ruy Fernandes de Tovar, Goterre Gil de Queirós, Gonçalo Affonso de Cervantes, Garcia Dias Carrilho, Pero de Velhasco, Gonçalo Gonçalves de Avila, Lopo Fernandes, e Christovão Fernandes de Sevilha, João Affonso d'Alcantara, Diogo Gomes Sarmento, João de Vallasco, Sancho Carrilho, Diogo de Toar, Ruy Barba, João Duque, Ayres Pires de Camões e Ruy Vasques de Cordova. Estes e outros foram ahi mortos, cujos nomes sendo sabidos, fariam longo razoado.

Outrosim morreram ahi dos fidalgos portuguezes que andavam em Castella, assim como o conde D. João Affonso Tello, que azou ser a batalha, e D. Pedro Alvares Pereira, irmão do condestabre, e Diogo Alvares seu irmão, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e Alvaro Gonçalves, seu filho, e mais Garcia Gonçalves Taborda, e João Gonçalves, alcaide mór d'Obidos e outros que não nomeamos, e da gente meuda não poderemos dizer o conto que certo fosse, é de prosumir, como já tocamos que havia de ser em grão multiplicação, porque elles tinham as villas onde se acolher podiam longe de onde foi a batalha, assim como Torres Novas e Santarem e outras taes, e haviam primeiro de passar por logares seus contrarios e passos perigosos d'elles não sabidos, como quer que os portuguezes d'antiguidade, e por natureza sejam entre si piedosos e por similhante os estrangeiros, pero esguardando os grandes damnos e muitas cruezas que dos castellãos haviam recebido, com seus corações não podiam postar que d'elles não tomassem dobrada vingança.

E dos portuguezes morreram em ella Vasco Martins de Mello, e Bernaldim Sola, Martim Gil de Correixas, e monsiur João de Monferrara e d'outras pessoas de pequena conta, e homens de pé por todos, assim dos que á primeira vez fugiram da reguarda, como no roubar da carriagem quando os castellãos deram volta por tomar a prata da baixella d'el-rei, até cento e cincoenta; e foi esta batalha segunda feira quartoze dias de Agosto da era de Cesar de mil quatro centos e vinte e tres.

CAPITULO XLVI

Como el-rei partiu do campo onde foi a batalha e se foi a Alcobaça.

A batalha feita da guisa que dizemos e fazendo-se bem tarde, foi o conde posto em grão cuidado de poer guarda no arraial de noite, de que nenhum tinha sentido, e andou n'aquello tanto occupado, que era já muito alto serão, quando foi vêr el-rei á tenda, e fallando muitas cousas os que presentes estavam nos feitos da batalha, e como se fizera, havendo-o todos por cousa milagrosa, e dando muitas graças ao Senhor Deus, cuja mercê fôra de o assim ordenar, o conde affirmou entonce e contou a el-rei d'esta guisa:

Que elle vira andar um homem da parte dos castellãos, bem armado em cima d'um cavallo, e que no trajo e geito que com elle tinham os que o acompanhavam, que lhe parecera que era e assim o tinha sem duvida, Pedro Alvares Pereira, mestre de Alcantara, seu irmão, e andando assim entre os outros, que elle vira ir uma lança pelo ar da parte dos portuguezes, não mui levantada da terra quanto podia ser um tiro de bésta de terreiro, e que fôra dar áquelle homem, que elle assim pensava que era seu irmão, e que logo cahira em terra, e não o vira mais.

A qual cousa el-rei houve por muito e quantos esto ouviram, e contavam-n'o depois por milagre, porque nunca mais fôra achado morto nem vivo no campo, nem em outro logar. O conde não comera ainda ne-

nhuma cousa, nem lhe achavam suas azemulas pera lh'o fazerem prestes, el-rei sabendo d'esto parte mandou-lhe mui bem de cear de grande prazer, e tal ceia podiam chamar saborosa e cheia de grande prazer.

Em outro dia se foi o conde em romaria a Santa Maria d'Ourem por devoção, e tomou logo posse do logar, de que lhe el-rei já lhe tinha feito mercê e promettido o condado, des-ahi tornou-se ao arraial, e as gentes diziam que elle fôra soterrar seu irmão, mas tal cousa não era verdade, ca elle nunca mais pareceu vivo nem morto.

El-rei esteve tres dias no campo, segundo costume de taes batalhas, e por o fedor dos mortos que era grande, e por não comprir estar alli mais, ordenou de se partir d'alli logo, e fez soterrar primeiro o conde D. João Affonso Tello, que foi o azador de ser a batalha, e mais não, e os outros jaziam por esse campo, e muitos d'elles nus, sem nenhuns vestidos, porque os villãos e gente da terra não lhe leixavam nenhuma cousa, e era muito que as aves nem lobos nem cães não se chegavam a elles pera os haver de comer.

Entonce el-rei partiu com sua hoste, a qual ia mui abastada de mantimentos, de cavallos e armas e bestas de serventia, e de muitas joias de prata e d'ouro do grande e mui rico esbulho que acharam de seus inimigos, assim na tenda d'el-rei de Castella e d'esses senhores e fidalgos que em sua companhia vinham, como pela grandeza do arraial, e esto como cada um acertava de achar, ca el rei e o conde a nenhum mandavam tomar nada, posto que a cousa de grande preço e valor fosse, nem pedida de grado nem contra vontade, salvo se foi o lenho da vera

Cruz, que tinha Alvaro Gonçalves de Alfena, escudeiro do condestabre, o qual achara um cofre com outras muitas joias, quando ajudou a roubar a capella d'el rei de Castella, em uma cruz d'ouro que tinha d'uma parte quatro pedras preciosas, e da outra uma cruz pequena, em meio d'aquella grande, e tanto que a abriu e levantou a cruz pequena, viu dentro na grande estar o lenho da vera Cruz, o qual logo conheceu, porque fama era no arraial dos portuguezes, ante que se começasse a batalha, que aquelle rei seu contrario trazia em sua capella a vera Cruz que sohia estar em Burgos; e assim como o conde trazia ante si por seu vencedor signal e sua mui prezada devisa a Christo Jesus em sua bandeira, posto na arvore de Santa Cruz, assim prougue a este senhor d'elle ser em conhecimento como a tinha aquelle escudeiro, e o conde que o muito desejou de haver, o mandou logo chamar, e com doces palavras e bom gasalhado, o rogou afincadamente que lhe desse aquelle santo relicario, promettendo de lhe fazer por ello muitas mercês, e o escudeiro lh'a offereceu de tão bom grado como por elle lhe foi requerido, e assim o houve em seu poder; e el-rei levou caminho de Alcobaça, que era d'alli tres leguas, e pouzou o arraial á ponte da Chaqueda, não longe do mosteiro, e alli acharam muitos castellãos mortos, dos que fugiam, por lhe terem o caminho n'aquelle passo aquelles que o abbade D. João mandára, porque alguns escudeiros e homens de pé da comarca do mosteiro, chegavam-se a elle, e do castello d'Alcobaça faziam guerra aos inimigos nos logares que mais a seu salvo podiam, e quando foi o dia da batalha, mandou o abbade um seu irmão com certos homens d'armas e de pé, e bésteiros e aze-

las carregadas de pão e vinho e d'outras cousas, ao
npo onde el-rei estava, e como soube que era ven-
o, mandou aos que ficaram que o aguardassem
, e estes eram os que faziam n'elles grande gas-
entre os quaes jazia morto e muito feio com fe-
as Ruy Dias de Rojas, um cavalleiro castellão,
a mulher era cuvilheira d'el-rei de Castella, e ella
marido haviam grande entrada em sua camara,
ella defumava el-rei com defumaduras de bons
nobres cheiros, e quando alguns senhores entra-
m na camara áquella hora que ella esto fazia,
o lhes ella alçava as faldas e defumava-os, e di-
-lhes:

— «Todos ireis defumados de bons odores d'el-
meu senhor, pera perderdes os maus cheiros
e sahem d'estes chamorros das casas onde vi-
m e aldeias onde moram».

Esta dona levava presa Diogo Lopes Lobo, e em
erendo passar a ponte viu jazer seu marido de-
nado e bem acutilado, pero jouvesse mui desfeito
feio ella o conheceu logo e começou de chorar e
er pranto por elle, e um homem de pé portuguez
e a bem conhecia quando a viu chorar e jazer
im seu marido, começou a dizer contra ella:

— «Digo, boa dona, que são das vossas defuma-
ras que punheis sob as faldas aos cavalleiros?
ster havia agora vosso marido umas poucas d'el-
, que tão mal cheira alli onde jaz».

E ella chorando não respondia nada, e outros não
edavam de escarnecer d'ella.

Em aquelle mosteiro mandou el-rei soterrar Vas-
Martins de Mello, o moço, e Martim Gil de
rreixas, e Bernaldim Sola, e Mem d'Affonso de
ja, e monseur João de Monferrara e outros por-

tuguezes que foram achados menos e conhecidos, jazendo mortos, e fez-lhe el-rei muita honra, como era razão.

CAPITULO XLVII

Como souberam em Lisboa que a batalha fôra vencida, e da maneira que em ello tiveram.

Pois que é já escripto em seu logar o geito que teve a rainha de Castella, quando soube que a batalha fôra vencida e seu marido desbaratado, ora digamos da leal cidade de Lisboa, que maneira teve quando ouviu similhantes novas, e foi assim que sendo ella em duvidosa esperança, sabendo que se não escusava a batalha entre os portuguezes e os castellãos, em que estava o ganho e a perda do reino, salvo se a el-rei de Castella não quizesse, o que não era de cuidar por a muita gente que trazia, faziam seus votos e procissões, rogando afincada e devotamente do mui alto Deus e a sua preciosa Madre que os quizesse ajudar contra seus inimigos, e assim como milagre não se sabe porque guisa a aquellas horas que a batalha foi feita nasceram na cidade umas mui graciosas novas merecedoras d'alviçaras, as quaes nenhum soube como foram ditas, nem quem as alevantou primeiro, dizendo que el-rei de Portugal vencera a batalha.

As gentes ouvindo tão apraziveis novas, movidos por afincados desejos por saber a certidão d'esto alçavam-se de seus officios e andando trigosos pela cidade em magotes, perguntavam uns aos outros quem fôra o que dissera aquello? e d'elles respon-

deram que o dissera um homem vestido em roupas vermelhas, que pousava em casa de foão, nomeando-o logo quem era, e indo-se á pressa a casa d'aquella pessoa não achavam novas de tal homem, outros tornavam a dizer, mas em casa de foão pousa elle, iam-se lá, e tão pouco o achavam em um logar como em outro, e assim andavam pelas ruas não se podendo fartar de perguntar uns aos outros a quem ouviram aquellas novas? e depois de grande espaço que em esto despenderam, assecegaram d'aquelle alevantamento, havendo-o por bom começo, e continuando suas preces e devotas orações pelo estado e defensão do reino, e cantando cada dia em todas as egrejas a devota oração de Salve Regina, em honra e louvor da Madre de Deus, e sendo á terça feira seu dia, e muita gente bem tarde na Sé desse logar pera entrarem á Salve Rainha, como haviam em costume, chegou um moço de João Martins, morador em Alemquer, pelo qual elle fez saber aos da cidade que tomassem mui grão prazer porque fossem certos que el-rei seu senhor houvera batalha com el-rei de Castella e que o desbaratara e vencera em campo.

As gentes quando esto ouviram, foi o prazer tão grande em elles, quanto se escrever não poderia, e por a grande ledice que haviam duvidavam muito de o crêr, á uma por ser d'alli vinte e duas leguas e vir tão azinha o recado, á outra com bem que lhes era assim, ainda pensavam que não fosse assim, e todos muito alegres, cessado o rumor do povo, que por grande espaço por esto durou, entraram áquello porque eram alli juntos, e de vontade com muitas lagrimas e preces o acabaram, e se foram pera as pousadas.

Em outro dia, á quarta feira pela manhã muito cedo, veiu um homem d'Oeiras, que são tres leguàs da cidade contra a foz do mar, que havia nome Martim Mealha, e trouve novas certas que el-rei de Castella chegara desbaratado á nau de Pero Afam aquella noite, e que elle o vira, por quanto jazia captivo em ella, e com o envorilho, quando el-rei chegou d'aquella guisa, tivera geito de poder fugir, e fugira.

Alli foi o prazer dobrado em elles, quando firmemente o que dante duvidavam souberam, e ordenaram em esse dia uma geral procissão em que foram todos descalços, homens e mulheres e clerigos e frades, e levaram em ella a imagem de S. Jorge, o mais honradamente que ser póde, e assim chegaram a Santa Maria da Escada, onde disseram missa solemne e prégação, e se tornaram muito ledos pera suas casas, assim que se em Sevilha e em todo Castella foram feitos grandes choros e prantos, em Lisboa e por todo o reino grandes prazeres e alegrias.

CAPITULO XLVIII

Como os da cidade de Lisboa foram receber as bandeiras que lhe el-rei enviou, e da pregação que um frade fez.

Entre as nobres cousas que se em esta batalha acharam, foram achadas outras de muita valia e muito de prazer; s. as bandeiras e pendões d'el-rei de Castella e dos senhores e capitães que em sua companhia vinham, das quaes trazia

el-rei quatro das suas direitas armas, que são castellos e leões, e as de Portugal miscladas com ellas por meio da bandeira contra o cabo, segundo já temos tocado, e esto porque se chamava rei d'ambos os reinos, e estas foram achadas na sua reposte, e estas quatro bandeiras com outra que foi tomada na batalha, mandou el-rei a Lisboa, e mais dois balsões d'el-rei, isso mesmo de sua devisa, cujo campo era verde, e em meio um falcão que nas mãos tinha um bom mote, que em lingua francez dizia: *em bom ponto*, e outro era todo cheio de barras d'ouro, e outro de prata, e diziam alguns que o haviam que aquillo queria significar que el-rei era senhor de dois reinos, e que pelo ouro se entendia Castella e pela prata Portugal.

Quando os da cidade souberam que lhe el-rei mandava aquellas tão prezadas joias, houveram mui grande prazer e sahiram fóra da cidade, todos armados em grão procissão pera as haverem de receber, levaram-nas por onde el-rei de Castella tivera posto seu arraial, quando da outra vez jouvera sobre ella, porque era em vista da frota dos inimigos, e uma bandeira das armas de Portugal ia adeante levantada e as outras e os pendões iam uma ante outra pelo chão arrastando, e quando foram em direito dos navios e galés, davam grandes apupos contra elles, mostrando grande prazer, e assim vieram com tal procissão até á egreja cathedral, onde haviam de ser postas, e alli prégou um frei Pedro, frade da ordem de S. Francisco, grande letrado em theologia, e mui afamado de bom prégador, tomou por thema em seu sermão. — *A Domino factum est istud e est miravile in oculis nostris*, tornando-o a dizer por linguagem — *O mui*

alto Deus fez esta cousa e é maravilha ante nossos olhos, e feita primeiro uma protestação, que fôra percebido tarde do rezoar que n'ella levou, (leixados os textos por elle alegados) podemos dizer e mais não, e foi d'aqueste geito:

Depois que declarou sagazmente e por muitas razões e escripturas que cousa era maravilha e milagre e signal, e que aquello que os feiticeiros de Farão faziam não eram milagres mas maravilhas em vencer, entonce começou de contar das antigas maravilhas que Deus fizera pelos filhos de Israel em muitos logares da Biblia, assim como quando houveram de passar o rio do Jordão, que lhes Josué seu guiador e caudilho disse: Santificade-vos, ca de manhã fará o Senhor maravilha ante nós, — e contou-lhe aquella historia como se passara, e disse mais de Josué, como dera de supito sobre cinco reis, que com suas gentes tinham cercada a cidade de Gabaon, e como Deus enviara pedrisco sobre elles, do que muitos mais morreram que á espada; contou do povo de Madiam e de Amalec, como passaram o Jordão contra os filhos de Israel, e como Gedeom com trezentos homens e mais não matára aquelle povo todo, que eram tantos como gafanhotos, e assim d'outras historias que a seu proposito na primeira parte trouxe.

Sermão de frei Pedro, da ordem de S. Francisco.

«Ora pois assim é, disse elle, que já temos vistas algumas maravilhas das que Deus fez nos tempos passados, com o povo dos judeus, ora vejamos n'estes presentes tempos se obrou algumas ácerca de nós que sejam maravilhas ante os nossos olhos,

como diz o nosso thema, e certamente achareis que si, e não sómente obrou maravilhas mas assim como prophecia as prognosticou primeiro por bocca d'alguns, sendo signal do que havia de vir, e vêde de que guisa, nós não curemos fallar d'algumas cousas que os homens tem em costume de chamar milagres, e porém não são assim, como da pestenença que andou entre os castellãos, quando esta cidade jazia cercada, e nunca porém dos muros a dentro tocou nenhum, sendo o arraial tão perto d'ella, e porque aqui fallemos das maravilhas, assaz em verdade era maravilha que no arraial nem na frota nenhuns portuguezes adoeceram de quantos ahi jaziam captivos, e nos castellãos dar tal mortindade; acintemente os deitavam entre os que eram pestenenciados, por morrerem assim como elles, porém a Deus graças, nenhum de tal cousa nunca foi tocado. Nem outrosim não curemos do campo que vistes, em que entrou Gomes Rodrigues, escudeiro portuguez, com outro d'el-rei de Castella, de prazimento d'ambos, quando tinha esta cidade cercada, sobre esta demanda em que somos postos, se era justa da nossa parte ou não, e como o escudeiro castellão foi morto e Gomes Rodrigues não houve ferida, nem el-rei, quando foi pera Coimbra, sendo entonce ainda Mestre, dizendo todos Portugal, Portugal, em boa hora venha o nosso rei.

Ca dirão que lhe podia ser ensinado, e não pondo n'este conto o moço que arrastou o cavallo pela estrebaria em presença d'el-rei de Castella, quando de Leiria partiu pera a batalha, e nunca o poderam frechar nem matar, até que o moço não foi morto de todo. Não curo das novas que aqui foram ditas ás horas que a batalha foi ven-

cida, com que esta cidade foi alvoraçada, nem dos fieis de Deus que alguns contam que iam ajudar aos portuguezes, nem isso mesmo das pombas alvas que o dia da batalha dizem que foram vistas sobre a bandeira d'el-rei nosso senhor, porque umas não tem certos authores, outras podem dizer que foram fingidas ou em costume tem de acontecer, e portanto não são maravilhas, mas contemos das que são bem certas e não tem contradição alguma, e vejamos logo quem mandou a frei João da Barroca, nosso visinho que morava alli, que dissesse a el rei quando lhe foi fallar, sendo Mestre, que se não partisse do reino, ca a Deus prazia d'elle ser rei e senhor d'elle? e d'onde veiu ao Alfageme de Santarem que corregeu a espada a Nuno Alvares, quando per hi foi no começo d'estes feitos, dizer que não queria pagamento por ella, mas que quando por alli tornasse conde d'Ourem, que entonce lhe pagaria seu trabalho? quem constrangeu a boca da filha de Esteveseanes, derreado, morador em Evora, moça pequena de oito mezes nada, que no berço onde jazia se levantou em cu tres vezes, dizendo com a mão alçada: Portugal, Portugal, por el-rei D. João? que diremos nós áquello que contou o nobre fidalgo condestabre Nuno Alvares Pereira, da lança que viu ir pelo ar o dia que a batalha foi vencida, e como deu a aquelle cavalleiro que lhe parecia ser seu irmão, o qual logo cahiu em terra e nunca mais foi visto nem achado no campo nem fóra d'elle, como todos já ouvistes? certamente podemos dizer o que diz o nosso thema, que todas estas cousas obrou o Senhor Deus, e são maravilhas ante os nossos olhos. E ainda vos digo mais, que se bem quizermos esguardar n'estes feitos, que vós achareis que el-rei

de Castella elegeu a el-rei nosso senhor, sendo Mestre, pera ser rei de Portugal, e lhe deu o direito que no reino havia, e Deus lh'o confirmou depois de todo, e vêde de que guisa.

O certo é que se el-rei de Castella guardara os tratos e condições em elles conteudas, que não se tremeteram os povos, nem lhe viera por cuido nem por penso de fazerem regedor nem rei, e elle podera depois mandar sua mulher a esta terra, e pouco e pouco fôra amolentando os corações das gentes, de guisa que por ventura o houvera mui cedo, segundo seu desejo queria, que elles dessegurados estavam de fazer rei nem senhor, mas mui cêdo ante do tempo que devera por se cumprir, como prophecia, o que disseram os concelhos a Vasco Martins de Mello quando a primeira vez el-rei de Castella entrou em este reino, pousando entonce na Guarda, que chegando hi alguns concelhos pera fallar a el-rei sobre sua vinda, era hi Vasco Martins de Mello, copeiro mór da rainha sua mulher, o qual pero fosse portuguez de nação, já era castellão no talante, segundo por obra mostrava, e por azo de lhe dizer á sua vontade cousa porque os demovesse ao desejo d'el-rei, mandou-os um dia convidar todos pera jantarem com elle, e em comendo, de quando em quando iam fallando na vinda d'el-rei, que entrava d'aquella guisa, o qual lhe parecia estranho quebrantar os tratos sem ter razão por que, e que el rei faria bem de se tornar pera seu reino e não os quebrantar de tal geito, e outras taes razões em que despenderam toda a mesa. Em se acabando o comer disse Vasco Martins contra elles: «ora não curemos d'essas historias, mas perguntovos eu que me digaes quem lhe tolherá a el-rei

meu senhor que não seja rei de Portugal, e que não haja o reino que é seu de direito?» E elle cuidando que respondessem elles: «tolher-lh'o-ha o Mestre que tem carrego de reger e defender,» e elles sahiram-se com outras mansas palavras de que lhe pouco prazia, nas quaes sempre dava aquella resposta, tornando a dizer cada vez: «leixemos estas razões e venhamos a estas que vos digo, rogo-vos que me digaes quem tolherá a el-rei meu senhor que seja rei de Portugal, pois que é seu de direito?» E esto disse por tantas vezes e por tal som, até que um respondeu e disse: «quem lh'o tolherá? quem lh'o tolherá? Tolher-lh'o-ha Deus, que poderá mais que elle;» e assim foi de feito, que vendo o mui alto Deus sua má vontade e perversa condição, n'aquelle dia de grão trabalho e batalha lhe tolheu a honra e o reino e o deu a el-rei nosso senhor, que o bem merecia por virtudes e cavalheiroso esforço, a qua cousa é maravilha ante os nossos olhos, e se qui zermos bem cuidar como isto é maravilha, acharei que é por desvairadas guisas, assim da parte de Deus como da parte dos homens, e isto, em breve por nos espedir, da parte de Deus é n'este modo cada dia vemos que como quer que os vencimeeto das batalhas sejam duvidosos e de receiar, poste que as gentes em egualdança sejam, pero onde melhor e mais gente ha, aquelles nos diz a razã que todavia devem de ser vencedores e quando s d'outra guisa acerta de ser, havemol-o por maravi lha, e dizemos que é obra de Deus; pois que nó digamos que os portuguezes eram eguaes dos cas tellãos em numero e corregimento, esto seria simi lhante egualdando a treva á luz, cá os castellão eram muitos e bem corregidos, assim d'armas

cavallos como quaesquer outras cousas a taes feitos pertencentes. E os portuguezes muito por contrario, que além de serem assaz de poucos d'elles já velhos e de madura edade, eram provemente e mal amanhados, ca o que tinha cota não tinha loudel, e o que tinha panceira não tinha braçotes, e muitos d'elles com bacinetes sem caras, assim que todas suas armas sendo repartidas como compriam, não armavam o terço da gente, e em tanto que diz com aquelles que os viam, que não pareciam os nossos acerca d'elles senão um pouco de escarneo de vêr, e pois elles poucos e mal corregidos, o que os fez atrever de pelejar com tal multidão e assim guarnida? feze-o a firme esperança que em Deus e em sua preciosa Madre haviam, crendo, como é verdade, que tinham razão e direito em defender sua terra que lhe por força tomar queriam, e a honra da santa madre egreja, d'outra guisa vencer tamanhos arraiaes de gente, não digamos que foi por humanal força, mas por divinal juizo, a que prouve de ser assim, e é grão maravilha ante os nossos olhos. E se alguem disser o contrario por minguar n'esto que eu digo, mostrando que el-rei nosso senhor os não esperou aquella hora, salvo com medo, não podendo mais fazer, e porém não é de louvar, assim como perigo; esto foi mui por contrario, e seu louvor é porém muito mór, e por que assim como em outro tempo Moysés, guiador do povo dos judeus, mandou enculcas á terra de promissão por saber que gentes eram e toda a sua maneira, assim o nobre rei D. João guiador dos portuguezes, mandou primeiro avizar a hoste dos castellãos por saber que gente eram e como corregidos, e pero lhe contassem por certas novas a grão

multidão de seus inimigos, e sua fortaleza e grandes corregimentos, não se espantou porém d'esto, mas como senhor de grande esforço e fouteza, de alto coração, disse ao mensageiro que se calasse pera melhor poder esforçar os seus. E porém ouzadamente posso dizer d'elle e do condestabre, seu fiel companheiro, que d'esto parte sabia, o que encommenda a Santa Escriptura, fallando de similhantes homens, n'aquelle logar onde diz: «louvemos os varões gloriosos des o começo do mundo, grandes em verdade e prudentes em reger o povo, os quaes ganhando boa fama em seus dias mareceram de ser louvados, e a semente dos filhos d'elles durará de geração em geração,» assim o nosso rei e condestabre por louvores e grande fama entre os reis e principes do mundo, esplandecer devem por sempre, nem se poderá ainda dizer que por sageria fóra de costume os venceram e desbarataram, ca alli não houve da sua parte nenhuma arte de nova peleja que nos antigos tempos uzada não fosse, mas os castellãos pero fossem tantos, ainda ordenaram uma az de trons e bombardas com que cruelmente começaram de tirar, e o nobre e esforçado rei, pero d'esto parte soube, e como os fidalgos portuguezes vinham todos na deanteira com dura vontade por levar a honra, não cessou sua oufania e sobejo desprezamento, mas chamando todos a Madre de Deus e o precioso martyr S. Jorge, começaram todos de se offerecer áquella dura e cruel batalha que se a elles enviaram como bravos leões, uma dos portuguezes e outra dos castellãos, e pelejando os inimigos até mais não poder, em breve espaço deram logar á ventura mais poderosa que elles e começaram de fugir. O seu rei que olhando estava como pelejavam

os seus, quando os viu voltar, e sua bandeira abatida, houve grande espanto, com mistura de temor, vendo tanta multidão de gente em tão curta hora morrer ante si, entonce cavalgou e fugiu á pressa, seguindo direita estrada, dos seus mal acompanhado, e colheu-se a Santarem. Oh! que maravilha tão grande, oh! que juizo do mui alto Deus que aquelle que com infinita multidão de hoste cuidou de gastar a terra e tomar o reino que seu não era, fugiu assim d'elle deshonradamente que mais á pressa ser não podia. E os portuguezes cobraram de seus inimigos tão honrosa fama e boa nomeada, que a mui longa velhice não tirará já nunca da memoria, assim que esguardadas todas estas cousas com são e limpo entendimento, achareis que todas obrou Nosso Senhor Deus, e são maravilha ante os nossos olhos; e porém eu posso bem dizer a vós, concelho da cidade de Lisboa e reino de Portugal, que graças e louvores possas dar ao teu Deus, por taes maravilhas e beneficios como este, que por muitas que fossem e em ellas multiplicasses, não parecesses ser ingrato.

Certamente não somos bastantes pera ello por a multidão de nossos pecados, e pois quem lh'as dará por nós? Se os humanaes louvores d'esto não são abastantes, dem-lh'as os seus santos, louvem-no os seus amigos e sejam da ordem dos poderios, a quem esto mais pertence, dizendo em nome de nós todos: Oh! Christo Jesus, imagem de Deus Padre poderoso em virtude e forte nas batalhas, muitas graças e louvores te damos que por a tua infinita piedade quizeste olhar pelos portuguezes o dia de tão grão trabalho, por lhe dar honrado vencimento, contra a sanha dos seus crueis inimigos. A' tua ma-

gestade, humildosamente pedimos que esta tua devota cidade e o outro reino seu ajudador, hajas sempre em tua encommenda e guarda, sendo seu capitão e sua fortaleza, por cuja parte orando digamos aquello que temos em costume: gloria e louvor, benção e poderio, grandeza e exalçamento receba o cordeiro sem magoa, de toda lingua e nação das gentes, agora e sem fim pera todo sempre. Amen.

Ouvida esta prégação com muitas lagrimas e soluços, disseram missa solemnemente e puzeram as bandeiras em cordas atravessadas em meio da egreja.

CAPITULO XLIX

Dos votos que a cidade fẽz pera sempre por remembrança d'esta batalha.

O seguinte dia depois d'esta pregação, ajuntaram-se os honrados da cidade e muito do outro povo, na camara do concelho, onde tem em costume de fallar seus feitos, sendo presẽntes assaz letrados e outras religiosas pessoas dos mosteiros d'esse logar, e fallando nos grandes beneficios e muitas mercês que de Deus e da sua preciosa Madre por caminhos não cuidados, sem seus merecimentos, até entonce em suas pressas e tribulações haviam recebidos, e este novamente, que o Senhor Deus fez era sobre todos, julgaram por digno de mui notavel remembrança, e posto que em tal caso poucas alegações fossem compridoras, porém contaram dos antigos tempos os que lhe á memoria por entonce podiam vir, especialmente aquelle frei

Pedro, que o dia dante havia prégado, dizendo como os judeus e gentios em memoria das victorias que de seus inimigos cobravam, faziam festas e templos aos deuses em que criam, e que a memoria que se por tal maravilha devia fazer, cumpria de ser por tal modo feita que nunca o esquecimento a gastar podesse de todo, mórmente pois era tributo devido a Deus e por necessidade. E contou entre as outras cousas, como el-rei Ezechias, quando venceu el-rei Senacherib, pero afferecesse a Deus sacrificios, porque lhe não fez cantar novo, como era costume de se fazer em taes feitos, dera Deus n'elle tão grave doença, que sempre fôra infermo até hora de sua morte.

E por contrario Judas Machabeu, que vencendo a grande hoste da gente de Lisias, com muito poucos comsigo, que acabado aquelle vencimento benzeram e louvaram o Senhor Deus, que lhes dera tão boa andança, e fizeram festa por oito dias, ordenando que a fizessem de anno em anno em seus tempos, com grão prazer e ledice.

E nós, disse elle, seguindo tal exemplo e d'outros taes que é dito, cumpramos o dito do Propheta que nos conselha, dizendo no psalmo: «cantade ao Senhor Deus cantar novo, pois lhe prougue fazer comvosco tamanha maravilha;» d'outra guisa errariamos muito contra Deus, cahindo n'aquelle villão pecado e torpe, que se chama ingratidão, se de tão grão maravilha e beneficio como este não fizessemos uma solemne e nobre remembrança.

Entonce ordenaram que assim como ao Senhor Deus e a sua preciosa Madre prouguera de dar a el-rei tão grande e estremada victoria em vespora de sua mais solemne festa, a hora em que se por

todo o reino seus louvores cantavam, que assim des então pera todo sempre, n'aquella semana da Assumpção da Benta Virgem, fosse junta toda a cidade pera fazerem tres procissões seguintes: uma depoz a outra, e a primeira fosse ao mosteiro da Trindade s. todos descalços, e depois da procissão dizerem tres missas cantadas á hora da Santa Trindade, e que a segunda fosse ao altar do Salvador, no mosteiro de S. Francisco, isso mesmo descalços, e acabado o sermão dissessem cinco missas em louvor das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Em a terceira procissão se juntassem todos e fossem calçados a Santa Maria da Graça, do mosteiro de Santo Agostinho, com aquella solemnidade e festa que tinham costume de fazer por dia do corpo de Deus, e depois do sermão dizerem sete missas cantadas á honra dos sete gozos da Virgem Maria.

E ordenaram mais que por dia de S. Vicente, principal patrão da cidade, por cujos rogos ante Deus entendiam ser muito ajudados, fizesse procissão na egreja cathedral, e fosse onde jaz o seu corpo, e de cada mister lhe fosse offertado um cirio. Isso mesmo outra honrada procissão em dia do martyr S. Jorge, seu grande esforço e appellido nas pelejas, e fosse á sua egreja. As quaes devoções que em seu tempo se ordenaram de fazer, foram logo escriptas e postas em estatutos, que por sempre prometeram de guardar.

Esta foi a maneira que a mui nobre cidade de Lisboa, cuidadosa da saude do reino, ordenou por remembrança de tamanha mercê e beneficio como em aquella batalha todos de Deus haviam recebido.

CAPITULO L

Como Santarem foi desamparado dos castellãos, e os moradores d'elle alçaram voz por el-rei do Portugal.

Já ouvistes como o Mestre de Christo e o prior D. Alvaro Gonçalves, e Rodrigo Alvares, irmão do condestabre, foram presos na peleja de Torres Novas, e jaziam no castello de Santarem, e quando el-rei chegou á meia noite como dissemos, e ouviram o alvoroço como a batalha fôra vencida e que elle vinha fugido d'ella, foram postos em grandes pensamentos, não sabendo que maneira el-rei queria ter sobre a guarda do logar e sua prisão, porque elles bem sabiam que el-rei tinha esta villa em grande conta, como era razão, mais que outro logar que por elle estivesse, em tanto que indo-se Diogo Gomes Sarmento, que d'ella era alcaide, e fronteiro mór na Estremadura, pera el-rei a Leiria, onde entonce estava, pera ser com elle na batalha, não disse el-rei a nenhum de quantos lá foram, o que a elle fallou com gesto não ledo, dizendo perante todos.

—«Que é esto, Diogo Gomes? que viestes a cá fazer? ou como leixastes a Santarem?»

—«Senhor, disse elle, vim por vos servir e ser presente em qualquer cousa que vós fordes».

—«Tornae-vos, disse el-rei, que me não praz aquelle logar estar sem vós».

—«Não me mandeis tornar por mercê, respondeu elle, ca o logar em bom recado fica, e eu não me

haveria por fidalgo nem outro qualquer que seja, saber eu que meu senhor havia de entrar na batalha, ainda que fosse mui alongado, podendo alá chegar, que me não fosse pera elle, mórmente. estar eu tão perto como estava, e fazel-o d'outra guisa, digo-vos que tal mingua não passaria por mim».

E el-rei não respondeu a esto nada, pero mostrou geito que não ficava por seu grado, assim que posto que o mestre e o priol bem soubessem quanto el-rei prezava esta villa, não eram porém em conhecimento se lhe prazeria estar n'ella, não embargando aquelle desbarato, ou se a leixaria em grande guarda, porque era cabeça da fronteira.

Isso mesmo de sua prisão não eram certos que se havia de fazer, se os mandaria el-rei matar por queixume da batalha, ou aprisionar mais asperamente do que eram, ou levar pera Castella d'aquelle geito que estavam, assim que com estes e outros taes cuidados cessaram de dormir aquella hora, não sabendo que se el-rei havia de partir, nem de que guisa havia de ser.

E ante que se fosse pera a ribeira, disse Rodrigo Alvares a el-rei, que pois que sua mercê era de se logo partir, que elle se queria ir com elle, que não havia geito de poder ficar na villa pera a defender aquella sezão, tendo tão poucos como comsigo tinha, mórmente havendo hi tantos portuguezes de seu bando, como eram, que posto que entonce tivessem do seu bando, o esforço grande da batalha os faria entonce muito toste voltar d'outra parte, e elle perder-se-hia e o logar, e quantos ficassem em sua companhia, mas que se el-rei quizesse ficar, que elle o ajudaria a defender até morte, e se entonce se partisse logo, que se partiria com elle.

El-rei disse que tal ficada lhe não cumpria de fazer, ca o não sentia por sua honra. E elle lhe pediu que pois assim era, que lhe quitasse a menagem que por o logar feito tinha, e el-rei vendo esto lh'a quitou entonce, dizendo que trouxesse, quando se partisse, o mestte de Christo, e o prior D. Alvaro Gonçalves, e Rodrigo Alvares, e Gonçalo Annes Vieira, e elle disse que taes pessoas não podia levar comsigo, por serem homens que por seu azo lhe podia vir damno d'alguns portuguezes, ou que elles por ventura o poderiam matar.

—«Pois assim é, disse el-rei, dae-os ao demo, leixae-os».

E entonce se partiu el-rei. Ora assim foi que D. Gonçalo Nunes de Gusmão, mestre d'Alcantara, que esteva na batalha com certos ginetes, pelejando com os da carriagem, como dissemos, depois que viu que era perdida e todos derramavam quem melhor podia, partiu á pressa por onde el-rei encaminhara, chegando-se a elle muitos de cavallo por irem com elle mais seguros, e por o grande e trigoso andar estorvaram muitos cavallos aos que assim fugiam, e elles decepavam-n'os por não prestarem aos portuguezes, e as armas que levar não podiam, levavam-nas ao collo, cuidando o que era razão de cuidar, que Santarem estava por Castella e que alli achariam acolhimento.

O Mestre chegou alta manhã a Santarem, e soube parte como el-rei se partira e porque guisa, e não se deteve mais nenhuma cousa, mas passou o Tejo e levou caminho de Castella.

Rodrigo Alvares Santoio, e Gomes Peres de Val de Ravanos, que tinham as fortalezas do logar ambos, quando viram que o mestre assim passava e

que todos os que fugiam da batalha se iam em sua companhia, por mais segurança, partiram-se do logar e foram-se em poz elle, e isso mesmo quantos no logar de cavallo havia, que d'esto parte souberam e o fazer podiam, de guisa que apodavam com os que iam com o mestre, até tres mil de cavallo, afóra muitos de pé, e não era maravilha serem tantos, ca em Santarem estavam de cavallo e homens d'armas tambem peões e bésteiros mais que em outro logar que no reino houvesse; e os castellãos que da batalha escaparam, cada uns fugiam por onde melhor podiam, e porém a mór parte de todos trouveram caminho de Santarem por duas razões. A uma cuidando que o logar estava por Castella, que era villa em que poderiam estar seguros e haver bom acolhimento pera si e pera as bestas. A outra pensavam como era verdade que el-rei de Castella por alli viera, que onde seu senhor estivesse deviam elles de ser, e por tanto foi muita gente que por ali fugio.

Quando o priol e o mestre viram como se Rodrigo Alvares e Gomes Peres partiam d'aquella guisa, trabalharam de quebrar os ferros que lhe ninguem tolhia. Outros dizem que elles mesmos os soltaram ante que se fossem, e que se prometeram de se fazer boas obras. Ora de qualquer guisa que fosse, o priol que era mais avisado em feito de guerra, disse logo ao mestre que era bem de poerem recado nas portas da villa, que os castellãos que da batalha fugiam, não se colhessem a ella, e foram se trigosos pela manhã bem cedo ás portas com pendão alevantado e muitos portuguezes e judeus e mouros que no logar moravam, com elles de mistura, e começaram de bradar altas vozes ás portas e pelos muros:

«Portugal, Portugal, por el-rei D. João, morram os traidores scismaticos castellãos.»

E elles ouvindo tal appellido, que costumados não haviam, cuidando que el-rei ou Nuno Alvares entravam no logar, com temor da morte começaram de fugir, e não sabiam por onde, o alvoroço era mui grande, e com tal torvação de suspeita fugiam d'elles pelos muros e d'elles por desvairados logares, cada um como melhor podia, e os que não haviam vagar de se vestir mettiam-se nas egrejas por poderem alli escapar.

Esto se fez assim porque poucos souberam parte da vinda d'el-rei, e partida como fôra, e isso mesmo do alcaide, e jaziam todos desigurados nas camas.

Os portuguezes matavam alguns e prendiam d'elles quantos podiam, mas em roubar o que lhe achavam era mór occupação, e não sómente os homens mas as mulheres os ajudavam a roubar e prender; assim que dos que fugiam da batalha, como dos que estavam no logar, houveram grande roubo de muitas cousas, e esteve logo a villa por el-rei.

CAPITULO LI

Como el rei chegou a Santarem e mandou pera sua terra os castellãos que hi achou.

Partiu el-rei d'aquelle mosteiro e chegou a Santarem, que eram d'alli dez leguas, e achou a villa desempachada dos castellãos que lhe podiam dar estorvo, ca dos outros mui muita gente ficou hi d'elles, e sahiram-n'o a rece-

ber o mestre de Christus e o priol, e Rodrigo Alvares, e todos os outros do logar com grão prazer e alegria, dando todos muitas graças a Deus que lhe tão bemaventurado vencimento dera, porque os livrara do poder de seus inimigos.

El-rei, como chegou, pousou na Alcaçova, e soube que todos os mosteiros e egrejas jaziam cheios de gentes de Castella, que não ouzavam sahir por medo de os matarem, afóra muitos que tomaram presos, os quaes eram tantos que passavam de mil pessoas, e não os podiam vêr fartos d'agua, porque o logar tem longe e fragosa serventia d'ella, ante os levavam ao Tejo a beber presos em cadeias e cordas como bestas, e um dia vindo uma cadeia cheia d'elles pela rua, que traziam de beber, encontraram com Fernão d'Alvares, Veedor da casa d'el-rei, que já por vezes temos nomeado, e um d'elles que era cavalleiro, disse entonce a Fernão d'Alvares:

— «Senhor, disseram-n'os que sois homem honrado e que haveis bom logar em casa d'el-rei nosso senhor; pedimos-vos por mercê que lhe digaes que nos mande matar ou nos mande dar de comer, que perecemos todos á fome.»

El-rei como houve d'esto noticia, mandou chamar os officiaes da villa a que esto pertencia, e disse que ao menos se quer de pão os provessem, pois que d'outra cousa não podia ser, de guisa que não morressem de fome, e acharam que se não podia fazer por razão dos mantimentos que eram poucos, por azo da guerra que havia tempo durava.

— «Nem eu, disse el-rei, poderia postar com minha vontade de os vêr todos perecer á fome que os ante não mandasse pera sua terra».

Entonce posta de parte toda a vingança que d'elles tomar podera, mandou que nenhum não lhe fizesse mal, mas que os soltassem e se fossem pera suas terras, salvo se foi Pero Lopes d'Ayala, um bom cavalleiro e mui honrado fidalgo de Castella, que por geito mudado e com continencia de simples homem fugiu com outros pera aquelle logar onde cada dia recebia esmola com aquelles a que a condessa velha D. Guiomar mandava dar de comer, com piedade que havia d'elles, e um dos homens que levava a esmola o conheceu bem e o disse á condessa, e ella lhe mandou dizer que a fosse vêr, e elle se escusava muito de tal ida, mazelando-se quanto podia que não era pera ir ante ella, e quando viu que o forçavam de todo, indo pelo caminho, descobriu-se áquelles que o levavam, prometendo-lhes de os fazer ricos e bemaventurados, o que elle bem podia fazer, dizendo que se fossem com elle pera Castella e o não levassem ante a condessa, receando o que lhe depois aveiu, e rezoando muito sobre esto, não consentiram os que o levavam e apresentaram-n'o ante ella, e sendo conhecido folgou muito com elle por o grão proveito que se lhe de tal pessoa seguia, tendo-o bem guardado, soube-o el-rei e mandou-lh'o pedir, e ella lhe mandou pedir por mercê que lh'o desse pera phaver or elle entrega do damno que lhe fôra feito em seus bens pelos castellãos que na villa estavam, e el-rei disse que se não podia fazer, porque entendia por elle d'haver outros prisioneiros que tinha em Castella, e não lh'o quiz dar, de que á condessa pezou muito.

D. Pedro de Castro leixou el-rei aos gascões, que o tomaram, porque não tinham d'elle proveito ain-

da que lh'o comprar quizera, ca elle tomaram-lhe todos seus bens como sabeis e já disse e tendes ouvido, e, porém não havia que fazer d'elle, e dois d'elles fugiram com elle pera Castella, prometendo D. Pedro de lhe dar duas mil dobras a cada um, de que depois houveram má paga, por elle não ter prestes como lh'as dar.

Alguns foram entonce reteudos por certos portuguezes, mas estes foram tambem mui poucos, de que não ha de fazer conta, e toda a outra multidão disse el-rei que leixassem ir livremente, havendo por grão vingança poder-se vingar e não querer, e não sómente uzou d'esta bondade, mas ainda encommendou a alguns portuguezes que partir queriam pera as comarcas d'onde eram acerca do Estremo, assim como Gonçalo Eanes de Castel de Vide, e alguns outros, que os levassem comsigo e não consentissem de lhe ser feito damno.

Assim que bem podemos dizer n'este logar que se alguns antigos principes são louvados de não tomar vingança, como Honorio e Vespasiano e outros taes, contando-lh'o por grão virtude, grão parte de tal louvor este tem nobre rei D. João, ca elle bem se podera vingar sem prasmo de seus inimigos, que vinham por o destruir e matar se poderam, mas a nobreza de sua caridade uzou com elles de maviosa compaixão, não sómente de lhe escusar a morte, mas de os não metter a outra servidão ou haver d'elles muitas rendições que se entonce haver poderam. Outro sim mandou chamar algumas donas portuguezas que na villa estavam, cujos maridos tiveram com Castella, e d'elles morreram na batalha s. assim como Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques d'Azevedo, e D. Sancha,

filha do conde João Fernandes d'Andeiro, mulher d'Alvaro Gonçalves, filho d'este Gonçalo Vasques, e a condessa D. Maria, mulher que fôra do conde D. Alvaro Pires de Castro, e outras, e perguntoulhes que tenção tinham ou que queriam de si fazer? ellas disseram que aquello que sua mercê fosse, e fallando sobre esto algumas razões disse el-rei contra a mulher de Gonçalo Vasques:

— «Dizei-me Ignez Affonso, de qual Burgos ou de qual Cordova era Gonçalo Vasques natural pera ter antes com os castellãos que com os portuguezes?»

— «Era natural, disse ella, de muita má ventura que tinha guardada, que o trouxe a morrer má morte.»

—«Má morte morraes vós, disse el-rei, que vós matastes vosso marido e vosso filho.»

Isto dizia elle porque sabia bem que por azo d'ella tiveram elles com el-rei de Castella.

—«Senhor, disse ella, nunca vi nem ouvi dizer de mulher que matasse o marido e o filho por sua vontade.»

—«Abasta, disse el-rei, não curemos mais d'essas razões, se vós quizerdes ir pera Castella hi-vos, se quizerdes ficar, ficae.»

E ellas responderam que se queriam ir; entonce lhes deu el-rei licença e mandou que lhe não fizessem nojo, e d'ellas se vieram metter na frota de Castella, que estava ante Lisboa, e em ella se foram, e outras partiram por terra, e isso mesmo fez a condessa D. Beatriz, que fôra mulher do conde de Barcellos, e D. Mayor Portocarreiro, que fôra mulher do conde de Vianna, que mataram a par de Penella, segundo é escripto em seu logar.

CAPITULO LII

Como el-rei deu ao condestabre o condado d'Ourem e os outros logares, e elle pagou ao alfageme a espada que lhe corregera.

El-rei em Santarem como dissemos, com esta bem aventurança que lhe Deus havia dado, não teve geito de fazer em si mudança, mas se ante era companheiro e prestador aos seus, muito mais o foi depois, mostrando a todos mais amor e gasalhado que até alli em costume tivera fazer, em quaesquer cousas que lhe requeriam, e deu logo o castello a Vasco Martins de Mello, e foram-lhe entregues o conde D. Gonçalo e seu filho, e Ayres Gonçalves, e outras pessoas, e alli accrescentou e fez grandes mercês de terras e bens e aprestimos a muitos d'aquelles que com elle estavam, assim aos que novamente fizera cavalleiros, como a outros que nomear aqui escusamos, ca d'elles dava grandes dadivas de dinheiros que em sua camara trazia, assim a alguns que houveram feridas na batalha, como a outros que o não foram, com cartas e alvarás que os houvessem de receber, e se fazia mercê de taes bens que n'este reino tivesse algum mosteiro de Castella, assim como tinha Santo Espirito de Touro, ou outro similhante, mandava poer na carta que por quanto el-rei de Castella com todos seus naturaes andava em escomunhão maior, pronunciado pelo papa de Roma, cuja voz elle tinha, que porém perdiam de todo os bens que em seu

reino haviam, e elle os podia dar, e entre todos aquelles que el-rei tinha em vontade de accrescentar, assim era Nuno Alvares Pereira, seu honrado condestabre e muito fiel servidor, e fallando um dia com elle a de parte, disse que sua vontade e tenção era, esguardando os muitos e notaveis serviços que lhe feito tinha e esperava d'elle receber, de o accrescentar em nome e rendas e dignidade de honroso estado, e pois elle era seu condestabre, officio na guerra do reino, que d'ahi em deante lhe prazia que fosse mais conde de certo condado, o qual lhe logo queria dar, segundo já com elle fallara.

Nuno Alvares respondeu a esto com grande mesura e assecego, dizendo que lh'o tinha em grande mercê, mas que sua vontade não era acceitar tal honra e dignidade, salvo se lhe elle primeiro prometesse de em sua vida não fazer outro nenhum conde, mas d'outra guisa que o não queria ser. E el-rei disse que lhe prazia muito, e assim lh'o prometeu e authorgou.

Entonce o fez conde d'Ourem, como costumava de fazer, com todas as rendas e terras e villas que João Fernandes Andeiro, cujo fôra aquelle condado, havia ao tempo de sua morte. E mais lhe deu Borba, e Villa Viçosa, e Estremoz, e Evora-Monte, e Portel, e Monte-Mór-o-Novo, e Almada, e Sacavem, com seus Reguengos, e o serviço real das judeus de Lisboa, e Porto de Mós, e o Rabaçal, Bouças, e Alvaiazere, e terra de Pena, e terra de Basto, e o Arco da Baulhe, e terra de Barroso, e mais em aprestimo todas as rendas e direitos que el-rei havia na cidade de Silves e Villa de Loulé, e no reino do Algarve, e diziam os que esto viam

que esta fôra a mais formosa e rica doação que nenhum rei que na Hespanha fosse fizesse a algum seu vassalo com que devido não houvesse, e estimavam as villas e cercadas e terras chãs, que sua renda passava de dezeseis mil dobras.

Ora assim aveiu, segundo em seu logar dissemos, que Nuno Alvares quando chegou a Santarem em companhia do priol seu irmão, logo no começo d'estes feitos, ante que o conde João Fernandes fosse morto, mandara correger uma espada a um alfageme, e corregida á sua vontade não quiz por ella nenhum pagamento, posto que Nuno Alvares lh'a mandasse mui bem pagar, mas disse que quando elle por ahi tornasse conde d'Ourem que entonce lhe pagararia seu trabalho.

E assim sendo este alfageme homem de muito boa fazenda e havendo grande afeição com os castellãos que em Santarem estavam, como se portuguez não fosse, chamando-lhe por esto os do logar scismatico, como chamavam a quaesquer outros, e por este azo quando el-rei chegou a Santarem não minguaram razões a um escudeiro que lhe d'este alfageme fosse dizer, porque lhe el-rei deu seus bens todos e mais o corpo por seu prisioneiro.

A mulher como viu os bens tomados e o marido posto em prisão, foi-se ao condestabre onde pousava, fallou-lhe o que a seu marido com elle haviera quando lhe corregou a espada, da qual não fizera por entonce nenhum pagamento até que por alli tornasse conde d'Ourem, e que por quanto a Deus prouguera de o elle ser e seu marido era preso, e os bens tomados, que elle lhe enviara pedir por mercê que em pagamento da espada que lhe ante d'esto havia corregido, houvesse com el-rei que

lh'o mandasse soltar da prisão e entregar o seu que lhe tomado tinham por falsa informação; o conde foi bem lembrado como se todo assim passara, e logo cavalgou e se foi a el-rei contando-lhe como lhe com elle haviera, pedindo-lhe por mercê que por sahir de tal divida e obrigação o mandasse soltar e entregar seus bens, el-rei foi mui ledo de o assim fazer, e foi logo solto e entregue do seu, e assim foi comprida sua prophecia que haviam por muito quantos em esto fallavam.

CAPITULO LIII

Como se o conde fez prestes pera entrar em Castella, e da maneira que em ello teve.

Esta ida que o conde fez a Castella, não ficou sem memoria de escrivães, mas que o demoveu logo a fazer tal entrada sendo ainda a victoria d'aquella poderosa batalha tão tenra e fresca na vista dos homens, n'isto desvairam em seu rezoar, e porque uns dizem que tendo el rei que a frota de Castella seria já partida de sobre Lisboa, ordenou que o conde e Alvaro Gonçalves Camello, priol do Hospital, e outros cavalleiros com elles, até oitocentas lanças e seis mil homens de pé, fizessem entrada em Castella, mas tal opinião por nenhuma guisa devemos aprovar, porque não é de crêr que el-rei aquelle tempo enadesse trabalho sobre trabalho ao condestabre, em que longos dias havia que fôra assaz occupado.

Outros contam que por quanto elle era fronteir
mór d'aquella comarca, que el-rei lhe mandou qu
se fosse pera ella, e que estando o conde em Evo
ra, soube parte como alguns castellãos entravam
furtivelmente na terra á guisa d'almogavares, e po
em seu desejo de tomar d'elles emenda; e que est
foi o azo de sua entrada. Mas nós havemos po
mais verdadeira outra intenção que d'elle arrezoam
dizendo que o conde como era sagaz homem e mu
percebido e avisado nos feitos da guerra, que ven
do o desbarato e grão torvação em que el-rei d
Castella e as gentes de seu reino por entonce eram
postos, que em quanto lhe durava a dôr d'aquell
grão perda, a uns por sentido e a outros por ouvi
da, e seus corações tristes, descuidados de tal cousa
que entonce podia fazer uma entrada com muit
sua honra e serviço do reino, e ainda proveito do
seus, e que indo pera Evora, quando se despedi
d'el-rei, que logo partiu com esta intenção.

Ora de qualquer guisa que fosse, passados nã
muitos dias depois d'aquella victoria, no começo d
mez de Setembro, estando o conde em Evora, man
dou chamar as gentes d'arredor que os não leixo
mais assocegar, assim homens d'armas que con
elle aguardavam continuadamente, como peões
bésteiros, que se fossem todos a uma villa que s
chama Estremoz, que são d'alli seis leguas, ond
foram juntas até mil lanças e dois mil homens d
pé e besteiros com elle, e porque ao virtuoso cora
ção praz muito de tomar conselho, fallou o cond
com aquelles que tinha em costume de fallar, e
conclusão das palavras foi esta, dizendo que po
serviço d'el-rei e do reino, sua vontade era de en
trar em Castella, e todos outhorgaram que era ben

feito. Mas aqui é de vêr primeiro se entrou elle de suspeita o mais incubertamente que podesse ser, sem saberem os inimigos de sua ida parte, ou se o souberam ante e estavam apercebidos quando elle entrou, e sabei que seu ardido coração que nunca acompanhou temor, teve n'esto uma larga e afouta maneira, ca elle mandou primeiro perceber os castellãos, dizendo que queria fazer uma entrada e que lhe entendia de correr a terra, e elles se perceberam logo e foram apellidadas todas as villas e logares d'aquella comarca, d'outra guisa não se juntaram em tão breve espaço taes senhores com tantas gentes se não foram d'este geito percebidos, assim que elles tiveram tres razões por trigosamente fazerem tal juntança; a primeira o recado que do conde houveram, que queriam entrar, cuidando como era verdade que minguariam muito em sua honra se a ello não tornassem como compria; a segunda porque estes senhores de Castella não foram com seu senhor na batalha, e fingiam-se tomarem por ello mui grande nojo, culpando a aquelles que em ella foram, que o não fizeram como deviam, e que se elles em tal feito se acertaram que ás mãos tomaram el-rei com o seu condestabre; a outra, porque lhe haviam d'entrar pelas terras, mostrando que os prezavam pouco, pois lh'o primeiro faziam saber, e por estes azos foram juntas muitas gentes e grandes senhores por capitães d'ellas, de que é bem que saibaes os nomes s. conde de Niebra D. João Affonso de Gusmão, o conde de Medina D. Gastom de Lacerda, o mestre de Santiago D. Pero Muños o mestre de Alcantara D. Martim Annes da Barbuda, natural de Portugal, e Fernão Gonçalves, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, isso mesmo portuguezes, o mestre

de Calatrava, D Gonçalo Nunes de Gusmão, D. Pedro Ponce de Leon, senhor de Marchena, D. Affonso Fernandes d'Aguilar e Diogo Fernandes, e Gonçalo Fernandes seu irmão, e Martim Fernandes Portocarreiro, e os vinte e quatro de Sevilha, com o pendão da cidade, e pregões lançados por toda a terra que sahissem quantos podessem tomar armas, e assim por toda Andaluzia, e todos estes senhores e gentes de Castella andaram aguçosos fazendo-se muito prestes pera quando o conde entrasse, dizendo que no estremo, á entrada do reino, o haviam de ir receber, e outras razões da fouteza, e quando aquelles que não foram na batalha mostravam queixume por não ser em ella, disse um escudeiro que chamavam João Carrasco, que era presente:

—«Vós, senhores, dizeis que sois annojados por não serdes na batalha com el-rei nosso senhor, e que se acontecera de vós em ella serdes, que d'outra guisa se fizera e não da maneira que foi, e pois vós tal intenção tendes, agora é tempo de poer vosso bom desejo em obra, ca sede certos que o haveis com tal cavalleiro que cumpre de terdes bom avisamento».

—«Como sabeis vós esso? disse o conde de Niebla».

—«Sei, disse o escudeiro, porque eu fui na batalha acerca da fronteira, onde foi morto o mestre de Alcantara, vivendo eu entonce com Pedro Gonçalves de Sevilha, que hi morreu tambem, e agora em esta batalha em que el-rei foi com seu poderio, eu era ahi com Fernão Peres, filho d'este Pero Gonçalves, que se acertou ser na deanteira contra este Nuno Alvares, que trazia a vanguarda dos portuguezes, e

eramos tantos e elles tão poucos que em verdade a meu parecer havia cento de nós pera um d'elles, e nunca os poderam arrancar atraz, sómente uma passada».

—«Isso me praz a mim mais, disse entonce o conde, havel o eu ante com elle que com outro nenhum, e provesse ora a Deus que estivesse o mestre d'Aviz hi acerca d'elle pera se vingar a deshonra que el-rei nosso senhor e toda Castella ha d'elle recebida.

Assim que estes senhores aqui nomeados e outros grandes capitães e cavalleiros da fronteira, e dos logares d'aquellas comarcas, foram todos juntos pera esperar o conde e lhe vedar sua entrada.

CAPITULO LIV

Como o conde entrou por Castella e veiu a elle o mestre Martim Annes e não ouzou de pelejar.

O conde prestes pera entrar e os inimigos apercebidos de receber, partiu o conde de Estremoz pera villa Viçosa e des-ahi foi a Elvas caminho de Castella, e passou por Odiana acerca de Badalhuce, cidade dos inimigos, uma legua do Estremo, á segunda feira que eram dois dias do mez de Outubro, e hi se alojou por aquelle dia, sem lhe nenhum d'aquelle logar dar torvação em sua ida, e em corregendo seu alojamento, levantou-se no arraial um muito grande porco, o qual em breve espaço foi morto, havendo-o por bom signal,

como é de costume, dizendo que algum grande senhor de Castella havia de morrer n'aquella entrada, e assim aconteceu depois.

E no seguinte dia partiu o conde d'alli e foi dormir ao Almendral, aldeia de Badalhuce, pobração de trezentos visinhos, seis leguas d'aquella cidade. E aquella noite foi grande revolta entre as gentes do arraial por os muitos vinhos que hi acharam, da qual cousa ao conde muito desprougue, e foi posto em grão cuidado.

Em outro dia ante que partisse, ordenou sua batalha da vanguarda e reguarda, e alas direita e esquerda, s. elle na vanguarda, que d'outra pessoa nunca fiava, com aquelles que lhe prougue, e o priol do Hospital na reguarda com certos cavalleiros e outras gentes, e Gonçalo Annes de Castel de Vide em uma das alas, e Martim Affonso de Mello na outra, e a carriagem em meio, e homens de pé e bésteiros em seus logares, regidos como cumpria, e assim andavam todos muito de seu vagar, por onde quer que o conde queria. E partindo do Almendral, chegou a outra aldeia onde chamam a Parra, que são onze leguas do Estremo, logar de quatrocentos visinhos, e jaz em uma ladeira bem formosa povoação, e como hi foi, logo hi chegou o mestre d'Alcantara Martim Annes da Barbuda, que estava de alli meia legua no castello da Feira, com trezentas lanças, mostrando que queria dar nas azemulas da hoste que iam á herva, e o conde sahiu logo do lugar fóra onde estava já aposentado, e pouca gente com elle, e foi contra o mestre e não o quiz aguardar, e colheu-se a uma serra mui alta que está a par d'aquelle castello da Parra; partiu o conde com sua hoste e chegou a Çafra, e o mestre D. Martim

Annes começou de decer mui rijo da serra d'onde estava com suas gentes e com outros muitos que lhe despois recresceram, mostrando de dar na hoste do conde, o qual quando o viu decer foi a elle pela serra por onde elle decia e feze-o voltar, e voltou tão rijo e mais do que começara a decer, e tornou-se á serra poendo-se no mais alto d'ella.

O conde partiu de Çafra e foi á Fonte do Mestre, que era d'alli duas leguas, logar cercado de boa pobração, e passou por elle e por outros, e foi-se a Villa Garcia, logar de D. Gonçalo Fernandes, que depois foi mestre de Santiago, e acharam o castello desamparado, porque as gentes do lugar com temor fugiram todos d'alli leixando em elle muito do que tinham, pero que o castello fosse assaz forte, receando de se tomar por força, e o condestabre o foi dentro vêr, e acharam uma grande e formosa caldeira, a qual o conde mandou levar pera sua cosinha, e andando em ella havia já dezaseis annos, soube como era d'uma confraria de S. Pedro, por a qual razão logo de Portel, onde entonce estava, a mandou tornar a aquelle lugar onde fôra filhada.

FIN DO QUARTO VOLUME.

INDEX

PAG.

CAPITULO I. — Dos officios que el-rei deu a certas pessoas, e d'algumas cousas que então foram determinadas em côrtes 10

CAPITULO II. — Da carta que el-rei deu á cidade de Lisboa por confirmação de seus privilegios 16

CAPITULO III. — Dos logares que el-rei deu a Lisboa por termo 19

CAPITULO IV. — D'algumas cousas que n'esta sazão aconteceram 21

CAPITULO V. — Como o Condestabre partiu pera o Porto, e das razões que disse aos seus 27

CAPITULO VI. — Como o condestabre tomou o castello de Neiva 31

CAPITULO VII. — Como o Conde tomou Vianna 33

CAPITULO VIII. — Dos logares que se deram ao condestabre sem peleja e de seu grado 34

CAPITULO IX. — Como el-rei chegou á cidade do Porto, e foi recebido dos do logar 36

CAPITULO X. — Como el-rei ordenou de tomar Guimarães 40

CAPITULO XI. — Como el-rei tomou a villa de Guimarães 43

CAPITULO XII. — Como foi combatida a primeira cerca e Ayres Gomes preitejado 46

CAPITULO XIII. — Como se escusou el-rei de Castella de não accorrer Ayres Gomes e foi entregue a villa a el-rei de Portugal 51

CAPITULO XIV. — Como a cidade de Braga foi tomada . 54

CAPITULO XV. — Como se azou o começo pera Ponte de Lima se tomar 56

CAPITULO XVI. — Como el-rei partiu de Guimarães pera Ponte de Lima 59

CAPITULO XVII. — Como el-rei entrou na villa e a cobrou 61

CAPITULO XVIII. — Como Lopo Gomes foi combatido e entrado por força, e mandado preso ao Porto 65

CAPITULO XIX. — Dos fidalgos castellãos que entraram por Portugal e até onde fizeram sua entrada 70

CAPITULO XX. — Como foram concordados Martim Vasques e Gonçalo Vasques, por azo de João Fernandes Pacheco 74

Pag.

Capitulo XXI. — Como pelejaram os capitães de Castella com os portuguezes, e foram vencidos os castellãos 77
Capitulo XXII. — Como el-rei e o condestabre partiram de Guimarães 83
Capitulo XXIII. — Como el-rei partiu de Torres Novas caminho de Santarem 85
Capitulo XXIV. — Como el-rei e o condestabre se foram a Alemquer e partiu o conde pera Alemtejo 87
Capitulo XXV. — Como el-rei partiu de Alemquer pera Abrantes e mandou chamar o condestabre 91
Capitulo XXVI. — Como el-rei de Castella chegou a Elvas, cuidando de a tomar, e se alçou de sobre ella e foi á cidad Rodrigo 94
Capitulo XXVII. — Do conselho que el-rei houve com os seus antes que entrasse no reino 97
Capitulo XXVIII. — Como houve outras razões em contrario das que ouvistes, que el-rei por entonce não devia entrar em Portugal 100
Capitulo XXIX. — Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e d'algumas cousas que se aqueceram antes da batalha 104
Capitulo XXX. — Do conselho que el-rei teve com os seus sobre o poer da batalha, e das razões que hi foram falladas 107
Capitulo XXXI. — Das razões que el-rei disse aos do conselho e como mandou chamar o condestabre 112
Capitulo XXXII. — Do recado que o condestabre enviou a el-rei de Castella, e das razões que mandou ao que prenderam que dissesse perante el-rei 117
Capitulo XXXIII. — Do recado que el-rei de Portugal enviou a el-rei de Castella, e como chegou ao campo e ordenou a batalha 120
Capitulo XXXIV. — Como os fidalgos da hoste d'el-rei de Castella vieram fallar ao condestabre, e das razões que com elles houve 125
Capitulo XXXV. — Do conselho que el-rei de Castella teve, se poeria batalha ou não 132
Capitulo XXXVI. — Do conselho que deu D. João Affonso Tello a el-rei de Castella, que todavia fosse á batalha, nas quaes razões el-rei outhorgou 137

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas.....

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas.....

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.....

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes .....

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume . . .

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes .....

VII — Chronica de El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, (vol. I, II, III e IV).....

EM PUBLICAÇÃO

Chronica de El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, (vol V).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. V

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1898

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. V

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

CAPITULO LV

Como o mestre de Santiago e os senhores que com elle eram mandaram desafiar o Condestabre, e da resposta que elle deu.

N'este logar de villa Garcia, chegou um trombeta ao conde com recado dos inimigos; trazia um molho de varas na mão, e bem recebido d'elle, o conde assentado e elle em giolhos, disse por aquesta guisa:

— «Senhor Condestabre, o mestre de Santiago D. Pedro Muñoz, meu senhor, ouvindo dizer como vós sois em sua terra e lhe fazeis muito mal e estrago em ella, vos manda desafiar e vos manda esta vara.»

E o conde respondeu que fosse bem vindo com taes novas, e tomou a vara em uma mão e mudou-a na outra, ca bem entendeu ca todas havia de dar, e depois que lhe deu a primeira vara, tornou outra vez a dizer o trombeta:

— «Senhor, o conde de Niebla, D. João Affonso de Gusmão, ouvindo dizer como vós andaes na

terra d'el-rei seu senhor, roubando e destruindo como não deveis, vos manda desafiar e vos manda esta vara.»

Entonce lhe deu outra, e des-ahi tornou e disse:

—«O mestre de Calatrava D. Gonçalo Nunes de Gusmão, sabendo como vós entrastes na terra d'el-rei seu senhor por a damnar e destruir, vos manda desafiar e vos manda esta vara».

E assim lh'as deu todas em nome de cada um seu capitão, de guisa que não ficou nenhuma.

As varas todas recebidas, respondeu o conde ao trombeta e disse:

—«Amigo meu, vós sejaes mui bem vindo com taes novas como estas, ca me não podieis ora trazer outras com que tanto me prouguera, salvo se me trouxereis recado que el-rei de Castella me mandava desafiar, e vós dizei ao mestre meu senhor e meu amigo que me praz muito com sua desafiação».

E tornou a dizer contra os seus que eram acerca:

— «Vêdes, amigos, como é certo o que vos eu dizia estes dias, que o mestre meu senhor e meu amigo não vos havia assim de leixar passar por esta terra que vos não pozesse a batalha. Ora ha mister que nos façamos prestes pera ella, e a quem vos tão boas novas traz razão é que haja boa alviçara.»

Entonce mandou dar ao da trombeta cem dobras, e disse:

— «Dizei ao mestre meu senhor e meu amigo, e aos senhores que com elle são, que eu lhe agradeço muito suas desafiações, e que muito mais lhe agradeço as varas que me mandaram com que os entendo todos ir castigar.»

Entonce se partiu o trombeta e levou este recado a aquelles senhores que o enviaram, que de tal resposta foram mui maravilhados.

De villa Garcia, não embargando a desafiação, quizera o conde ir a Santa Maria de Guadalupe, e deixou de o fazer porque lhe disseram que era forçado de suas gentes fazerem damno em aquella terra, e por este azo se tornou atraz e foi pôr seu arraial a par de Magazella, onde havia um máu porto, e a este logar chegou outra vez o mestre D. Martim Annes, com outros senhores e cavalleiros que já com elles eram juntos, que era uma boa somma de gente, e vieram-se á vista da hoste pera dar em ella, e o Condestabre foi a elles e feze-os tornar á serra contra aquelle logar, de onde partiram, e d'alli seguiu seu caminho e chegou a Villa Nova da Serena, e em outro dia partiu de Villa Nova da Serena, e chegou acima de Merida, duas leguas, caminho de uma aldeia que chamam Valverde, e o mestre D. Martim Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já comsigo muitos mais do que d'antes trouvera, e nomeamos elle mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esporadas; e todo aquelle dia foram á vista do conde, não se chegando porém a elle porque o temor lh'o tinha defeso, salvo algumas escaramuças pequenas de que não é de fazer conta, e assim andaram até a cerca da noite, que se o Condestabre com sua hoste alojou a par do Odiana, e poz suas guardas no arraial.

CAPITULO LVI

Como o conde e os castellãos encaminharam pera Valverde, e da peleja que entre elles houve á passagem d'um porto.

Sendo o Condestabre assim alojado com todos os seus, e vendo como aquellas gentes assim vinham apoz elle, foi certo por prisioneiros que da hoste tomaram, e por taes que o bem sabiam em certo, que em outro dia se haviam de ajuntar toda Andaluzia com a cidade de Sevilha, Cordova e Jaem, e das Manchas de Aragão e de toda a outra terra, que dias havia que se percebiam, e pera ella eram chamados, e não embargando que houvesse assaz de espaço pera cumprirem o que prometeram, fallando com gran fouteza que á entrada do Estremo haviam de aguardar o Condestabre, não o pozeram assim em obra porque ante d'esto quando elles foram juntos e mandaram saber se o conde entrava já, elle era quatorze leguas por Castella muito de seu vagar e á sua vontade, salvo o mestre D. Martim Annes que veiu a elle primeiro, como dissemos, e as gentes que se ali ajuntaram eram tantas que bem estimadas, segundo alguns dizem, passavam de cincoenta pera um.

Outros contam que não eram mais de trinta e tres mil por todos, entre de pé e de cavallo.

E posto que tal estimação o numero certo não seja, todos os authores porém affirmam que era

muita mais gente que a da batalha real, mas não eram tão grandes senhores nem gente escolheita, nem assim guarnida.

O conde vendo certo de sua grão multidão, fallou sobre esto com os capitães e cavalleiros de sua hoste, esforçando-os como fizessem e dizendo-lhes a maneira que haviam de ter, e outra vez proveu a vanguarda e reguarda e alas pera cada um ser lembrado onde havia de ir, e como havia de fazer na batalha em que no seguinte dia esperavam de entrar, da qual cousa muito prougue a todos, e em fallando o conde estas cousas com elles, chegou um escudeiro chamado por nome Affonso Pires, o negro, mui bom homem d'armas e prestes pera qualquer cousa, e disse ao conde de praça, de guisa que o ouviram todos:

—«Eu, senhor, de vossos conselhos não sei nada, nem que é aquello que determinaes, mas pero de tanto sou certo que de manhã se verá quem ama vosso serviço e sua honra, porque as gentes dos castelãos são aqui tantas a par de nós, mais que as hervas do campo, e ainda vos mais certifico que já vos levaram grão parte dos gados que em vossa hoste vinham».

A esto respondeu o Condestabre, dizendo:

—«Affonso Pires, amigo, prouvesse ora a Deus que fossem aqui ora juntas todas as gentes do reino de Castella, que com a graça de Deus tanto haveriamos muito mór honra, nem por levarem um pouco de gado, não é cousa que nos muito monte, porque em terra somos (a Deus graças) que bem nos poderemos entregar».

Em este dia, já perto da noite, estando o conde ali alojado, passaram por junto d'elle todos os dos

castellãos que o vinham buscar, que eram mui muitos sem comparação.

O conde quizera logo armar-se e ir a elles, e por ser muito tarde o leixou de fazer, e no seguinte dia partiu o conde caminho de Valverde, contra onde os castellãos foram passar Odiana, que era d'ahi uma legua e meia, por um porto perigoso e mau, ca não havia outro por onde passar podessem, e ante que ao porto chegassem, eram já ahi juntos todos os arraiaes dos castellãos, cuja multidão era espanto de vêr, d'elles que tinham já passado o rio e outros que ficaram áquem, e esto por lhe embargar aquella passagem, entendendo que alli o haviam de desbaratar, e quando o Condestabre chegou cercaram logo toda a sua hoste, com tanta espedição de gente què pareciam os portuguezes em meio dos inimigos uma pequena cira em um espaçoso campo, e tendo-os d'esta guisa cercados, começaram de escaramuçar uns com os outros grandes e boas escaramuças, em que houve feridos d'uma parte e de outra, porém ouveram lhe de abrir um largo portal contra sua vontade, mas ao passar do porto foi duvida mui grande porque da parte d'além da ribeira estavam bem dez mil castelãos, entre de cavallo, bésteiros e de pé, afora muitos que detraz ficaram, da guisa que dissemos.

Quando o conde viu sua tenção d'elles que por esta guisa o cuidavam de vencer, concertou sua vanguarda e reguarda e alas, e na metade a carriagem da hoste e gados e prisioneiros, quantos traziam, e todo concertado passou com sua vanguarda aquelle porto mau com a ajuda do Senhor Deus, muito a pezar d'aquellas gentes, e tornou pela reguarda e carriagem, e quanto leixara, que não ficou cousa

que não passasse, mas o desamparar entonce do porto, que os castellãos fizeram, não foi leixado assim de ligeiro, que hi primeiro não houvesse uma forte e grande batalha e peleja de muitas lanças e sétas, e pedradas, partidas bem gradamente uns com os outros, em que houve assaz de feridos e mortos, mas porém fallando verdade, dos castellãos foram muitos mais, onde sabei que podereis entender que a tenção d'estes senhores, como por obra mostraram, não foi de lhe poer batalha honrosamente assim juntos todos como vinham, o que bem fazer poderam, sendo tantos e tão bons, mas ordenaram aquella ajuntança por fazer alarido e por espanto, e por tanto vinham ladrando alguns que se ajuntaram com o mestre D. Martim Annes, com escaramuças de pouca prol, sem ouzar mais de fazer, e isso mesmo os que o cercaram ao passar d'aquelle porto, como dissemos, e porém se punham em cabeços altos, fóra de temor em sua segurança, receando os juizos da fortuna com que entonce eram bem avindos os portuguezes, e julgasse contra elles, posto que fossem muitos.

CAPITULO LVII

Como o conde começou de pelejar com os castellãos ante que entrasse á batalha.

Passou o conde aquelle máu porto com grão trabalho e afan, e seu avisado pensamento lhe fez entender que o receiavam, e as artes porque o desbaratar queriam, e moveu logo com sua vanguarda por um cabeço que ante elle estava,

onde se pozeram muitas mais gentes do que detraz na ribeira ficavam, e o conde foi a elles e por força lhe fez leixar o cabeço, e por esta guisa foi a outro mais adeante em que já estavam muitos mais que no primeiro, e isso mesmo lh'o fez desamparar contra sua vontade, e d'ahi foi a outro além do segundo, em que era junta tanta gente que adur se podia estimar seu conto, nos quaes cabeços assim entrados houve mortos e feridos d'uma parte e d'outra, e estando o conde com sua vanguarda que era atraz em este terceiro cabeço, repousando de sua trabalhosa peleja, olhou contra a reguarda que era atraz onde elle estava, e viu que era em grão pressa porque as gentes dos castellãos os perseguiam e afincavam muito, e entonce mandou aos que presentes eram que estivessem quedos, e com elles sua bandeira, até que elle fosse recolher a reguarda e carriagem; e foi-se logo lá e a fez abalar toda e andar por deante.

Entonce Gil Fernandes d'Elvas, de que em cima é feito mençon, que era hi com a bandeira e gente d'aquella villa, disse em sabor contra o conde, alto que o ouviram todos:

— «Como nos leixastes assim, senhor, digo-vos que já nos pezava porque não vinheis e tardaveis tanto, e se vos mais detivereis, podera ser que nos não achareis.»

O conde a esto não respondeu nada, e tornou-se á sua vanguarda onde leixára a bandeira, e viu deante além de si em um logar amontado como serra, mui muitas gentes de castellãos, que era mui extranha cousa de vêr, onde estava o mestre de Santiago, D. Pedro Muñoz, e o mestre D. Martim Annes e outros senhores e capitães, e mandou logo á sua bandeira que andasse por deante, e subindo

por aquelle monte e ladeira, d'elle enviando-se de uma parte a outra muitas lanças e setas e assaz de pedradas, assim de fundas como enviadas de mão, e alli foi o conde um pouco ferido d'uma setada que houve em um pé.

E estando em este trabalho, olhou pera trás pera a reguarda, e viu que era em muito maior perigo que da outra vez que lá fôra, em tanto que lhe parecia que era de todo desbaratada, pela qual razão cessou do trabalho em que assim estava, leixando a bandeira e a vanguarda, foi esforçar a reguarda com boas e mansas palavras, dizendo-lhes como fizessem.

E em este logar disse Gonçalo Annes de Castello de Vide, contra Diogo Fernandes, alcaide dos Donzeis, que viu estar da outra parte, em logar que se podiam ouvir estas poucas de razões:

—«O' Diogo Fernandes, amigo, quanto me ora pras porque vos aqui vejo, e tomo-o em boa estreia.»

—«Por que ? disse elle.»

—«Porque em tres cousas em que já fui, disse Gonçalo Annes, que vós fostes, sempre os da vossa parte foram vencidos, e vos tirou Deus de todas em salvo por vossas boas condições, e assim espero que agora seja em esta.»

—«Muito embora, disse Diogo Fernandes, ante que acabeis de serdes vencidos confortae-vos com essas palavras, que depois não podereis.»

Em esto chegou o conde e achou alguns bem fóra de esforço, e d'elles assentados, de que lhe muito pezou, e feze-os levantar e correger em sua batalha como haviam de estar, e andando-os esforçando d'uma parte a outra com suas boas razões, foi achado menos e não pareceu ante elles. Mas quem poderá por este passo lêr, que não se espante de tal

apartamento? Que não faça detença sobre esta historia a sizo de todo o homem razoado? Qual foi o principe nos tempos passados de que se conte similhante obra? ou capitão de que tal cousa faça escripto? Leixar o negocio da peleja na força de seu mór trabalho e apartar-se dos seus a orar sem lhe antes dizer alguma coisa? ainda se lhe ante dissera: —«Soffrei-vos um pouco, cá quero ir orar», cobraram esforço em seus corações e grande fouteza pera pelejarem, mas sendo alli achado menos e não sabendo que fazer, eram em tanto servidos avondo de lanças e dardos e muitos virotões, de guisa que havia hi muitos feridos assaz e mortos alguns em a az onde estavam, e não ouzando abalar por deante sem mandado de seu capitão, disseram que o buscassem á pressa por entre essa gente, que lhes viesse mandar que fariam, não morressem assim estando quedos.

Entonce um de cavallo que chamavam Ruy Gonçalves, se trabalhou de saber d'elle parte, e andando-o buscando trigoso, foi-o achar fóra da hoste logo acerca entre dois penedos pera esto azados, com os giolhos postos em terra e as mãos e olhos alçados ao ceu, e seu pagem de mula acerca com a lança e braçal que trazia, e quando o assim viu tão fóra de cuidado do medo e trabalho em que elles estavam, ficou espantado e não soube que fazer, e duvidando se lhe falaria, cobrou coração e chegou-se a elle e em poucas e breves razões lhe disse o damno que n'elles faziam, e elle muito quedo revolveu o rosto e mansamente respondeu e disse:

—«Ruy Gonçalves amigo, inda não é tempo, aguardae um pouco e acabarei de orar».

E elle afastando-se afora esteve quedo, e por esta guisa veiu a elle Gonçalo Annes de Castello de Vide,

aquelle bom cavalleiro que já nomeámos, pedindo-lhe por mercê que leixasse o rezar por entonces e fizesse andar a bandeira, porque das gentes eram mal feridos e mortos e não podiam aquello mais sofrer, e elle a esto não respondeu nada, nem fez por seu dito nenhuma mudança, mas estava quedo em grão assocego, como se estivesse falando com Deus. Pois quem se não espantara de tal rezoar e da resposta que ao escudeiro deu, dizendo ainda não é tempo, amigo? Cousa divinal parece, que apartamento foi aquelle tão estranho, ser cercado de seus mortaes inimigos, e não como guiador da sua hoste, mas como simples irmitão e fóra de todo o negocio, leixar suas gentes na pressa em que eram e partir-se pera ir rezar. E se a oração se quer feita sem empacho de todo o cuidado, que vos similha d'aquelle notavel varão onde teria tal hora sem pensamento? onde era entonce o seu espirito? Era com Deus, amado de virtudes, a que orava, que lhe desse a victoria como e porque guisa a nós é incerto, o Senhor Deus é d'ello sabedor, e se alguem quizer dizer que assim orou Moyses quando os judeus pelejavam com o povo de Amalec, tal comparação não é similhante, ca Moysés não pelejou entonce, nem havia de pelejar, mas pelejava Josué, e Moysés orava a Deus que o ajudasse, e em quanto Moysés tinha as mãos alevantadas orando, vencia o povo de Israel, e como lhe cansavam que as abaixava um pouco, logo os inimigos venciam. E o conde não era assim, ca era elle aficado do muito trabalho de pelejar, especialmente aquelle dia, e, emquanto elle orava matavam-lhe os seus e feriam, e elle pero com todo esso que o soubesse, não leixou a oração que começada tinha.

CAPITULO LVIII

Porque guisa se fez a batalha entre o conde e os castellãos, e foi morto o mestre de Santiago.

Não tardou muito depois d'esto que o conde acabou sua devota oração, e alçou-se com gesto alegre, havendo grão fiuza em Deus, e com ardido e ledo semblante se veiu onde estavam os seus que de sua vista cobraram grande esforço, e elle chamou logo o seu bom e aprovado alferes, dizendo d'esta guisa:

—«Diogo Gil, amigo, vêdes vós aquellas bandeiras que estão no comoro d'aquelle monte e uma mais alta que penso que é do mestre de Santiago?»

—«Senhor, vejo, disse elle.»

—«Pois anda, logo com essa minha e hi-a pôr junto com ella.»

—«Muito me praz senhor, disse elle.»

E o conde os olhou todos com madura e fouta continencia, e disse contra elles.

—«Ora, amigos, ávante, todo homem um a quatro.»

Entonce endereçaram todos em batalha pera aquella bandeira com grão desejo de chegarem onde aquelles senhores todos estavam, dando-lhe caminho a seu pezar os que lhe dante faziam grão torva, e em sobindo d'aquella guisa, desceram a elle muitos castellãos, entre os quaes como bom cavalleiro veiu a elle D. Pedro Muñoz, mestre de Santiago, com muita gente de pé e de cavallo, e esto por que viu que

quantos senhores alli estavam juntos até entonce sempre o andaram cercando e nunca nenhuns trabalharam de pelejar com elle.

O conde com sua gente eram todos a pé terra, que os recebiam de vontade, e porque eram poucos e os castellãos muitos, fazia-os o mestre poer em grão trabalho, e a batalha era bem pelejada d'ambas as partes, rompendo porém os portuguezes as gentes dos castellãos por força, de guisa que o mestre entendeu que os do seu bando queriam fugir, e desenvolvendo-se e pelejando á guisa de bom capitão, mataram-lhe o cavallo, e cahindo foi elle logo morto e á pressa a cabeça cortada, que depois trouveram a Portugal, e muitas das suas gentes alli com elle, e isso mesmo aos portuguezes morreram alguns, mas estes foram muito poucos, e foi o cabeço entrado por força, afastando-se todos d'ante elles, e fugiam quanto mais podiam.

Os mestres e senhores que não pelejaram estando em magotes d'alli arredados, quando viram aquelle fugir que os outros faziam, e a bandeira do mestre com as outras derribadas e abatidas, ficaram espantados e não sabiam que dizer, e parando em esto chegou um escudeiro de Niebla, que chamavam Affonso Martins de Aliaba, e disse trigosamente:

—«Senhores, que fazeis? Acolhei-vos quanto poderdes que nosso parente o mestre de Santiago é morto e quantos bons eram com elle, e não ficou nenhum, e aquelles que fogem assim como vêdes são gentes de concelhos e lavradores de sua terra que vinham com elle.»

—«Não seja assim, disse o mestre d'Alcantara, mas eu os irei cometer d'uma parte e vós da outra com estes que tendes, e como são poucos e ficaram

cansados, não tem poder de se defender, e é por força que se desbaratem.»

E como esto disse, sem mais aguardar resposta se lhe prazia ou não, correndo á pressa, foi-se á carriagem do conde e começou em ella de ferir. Affonso Martins quando o viu disse entonce ao conde de Niebla:

—«E de mais senhor se vós quereis fazer o que vos disse o mestre e d'aquella guisa?»

—«E por que não? disse elle.»

—«Porque não? disse o escudeiro, e como não sabeis que o mestre d'Alcantara é chamorro e traz alli muitos parentes e amigos? E quereis-vos reger por seu dito em tal feito como este? digo-vos que de meu conselho não vos poereis em tal aventura.»

O conde como ouviu esto começou de sé ir quanto pôde e todos os senhores e homens de conta que alli eram, e o pendão de Sevilha, e os Vinte quatro com as gentes da cidade, de guisa que a pouco espaço não pareceu nenhum castellão. O Condestabre vendo seus inimigos fugidos e arramados d'aquelle geito, mandou aos seus que seguissem o encalço e elle isso mesmo o seguiu de cerca de uma legua, e por a noite que se chegara, tornaram-se ao arraial alojando-se n'aquelle logar de Valverde com tanto prazer e lédice como entender podeis, dando muitas graças a Deus que em terra de seus inimigos dera tamanha victoria d'elles.

Em outro dia partiu o conde caminho de Portugal e passou por a par de Merida, onde estavam muitos castellãos que da batalha fugiram, os quaes sahiram todos da villa vêr como todos iam, e o conde mandou a elles certos ginetes e não os quizeram atender, e tornaram-se pera a villa, e esse dia

veiu o conde dormir a um logar onde se mete o rio de Betovano, que chamam Severa, e a este logar chegaram muitas gentes de Badalhouce, que era d'ali perto, olhar como ia a hoste do conde, sem provando nenhuma cousa, e d'alli partiu o conde em outro dia por se vir dormir a Elvas, e leixou sua vanguarda e tornou-se á reguarda, e foi sempre com ella, cuidando que os castellãos quizessem mais fazer, e quando viu que se não entremetiam, chegou a Elvas, havendo dezoito dias que entrara por Castella, muito de seu vagar como d'ante vinha, com grão roubo de gado e bestas e prisioneiros, os quaes os seus ante si partiram sem montar ao conde quinto nem outra cousa alguma em quinhão, salvo a muita honra que dentro em Castella ganhára, que esta acontece ser a sua parte como sempre havia em costume, e os seus houveram todos as outras cousas, e Fernão Gonçalves de Sousa, aquelle saboroso portuguez a que foi tomado Portel, (como já ouviste) que era da parte dos inimigos, indo fugindo e depois em Castella, quando lhe perguntavam como lhe haviera com o Condestabre, sempre respondia dizendo:

—«Mui bem, fomos-lhe offerecer aquelle cordeiro sem magoa em sacrificio, e tornamo-nos pera casa.

CAPITULO LIX

Como Antão Vasques entrou por Castella, e do que lhe haveiu.

Não é pera calar outro bom aquecimento que os portuguezes logo acerca d'esto houveram, em uma entrada que Antão Vasques fez por Castella, e posto que em este logar alguns auctores o que se segue neguem e calem, não é maravilha se de tal historia não houveram novas, por não ader em si dobrada tristeza.

Ora sabei que o Condestabre, quando ordenou de entrar por Castella, e foi esta batalha de Valverde que havemos contado, entre os que mandou chamar que se viessem pera elle, foi um d'elles Antão Vasques, cavalleiro de grande esforço, que aguardava com elle, que a essa sazão estava em Lisboa e não se pôde tão azinha fazer prestes que o conde primeiro não entrou por Castella, e quando elle chegou a Estremoz e achou que o conde era já partido, quizera-se ir pera elle, e os da villa lhe aconselharam que o não fizesse, por quanto o conde defendera que não leixassem ir nenhuns depoz elle, por azo do mestre D. Martinho Annes, que andava por aquella comarca com muitas gentes, de que poderiam receber damno, e porém disseram os do logar a Antão Vasques que em toda a guisa não fosse mais por deante.

Este Antão Vasques era mui bom cavalleiro, e mui ardido, e um dos bons homens d'armas que o

conde em sua companhia trazia, e quando viu que se não azara d'elle ir em companhia do conde pera ser em qualquer boa cousa que se elle acertasse, pareceu-lhe grande perda sua ida, tornando-se sem nenhum bem fazer pera que acrescentasse em sua honra. Entonce se tornou a Evora com esses que levava, e mandou lançar pregão que qualquer que quizesse entrar com elle por Castella que lhe viesse fallar, que elle partiria com elle d'aquello que tivesse, afora o que montasse em seu quinhão da cavalgada que fizessem, e vieram pera elle trezentos homens de pé, e elle mandou vender a prata que tinha pera repartir com elles, e des-ahi veiu a Beja e fez por essa mesma guisa, e chegaram-se a elle mais gentes, assim que ajuntou por todos quatrocentos homens de pé e desaseis homens d'armas, vinte besteiros e quarenta de cavallo, a guisa de corredores, e partiu-se d'ahi com elles e foi-se a uma villa que chamam Serpa, que são d'ahi quatro leguas, e estando elle alli, vinha já o conde da batalha que houvera em Valverde, e quando chegou a Elvas ouviram dizer os seus como Antão Vasques estava em Serpa pera entrar por Castella, e partiram-se alguns escudeiros de licença do conde, e foram-se pera elle pera se ir em sua companhia, assim como Alvaro Vasques d'Alemquer e Ayres Martins Gavião, e João Esteves Corrêa e outros, até oito, e quando chegaram onde elle estava, aprougue lhe muito com elles e fez alardo com todos, e partiram de Serpa uma terça feira por noite, por escutas algumas se as hi houvesse não haverem d'elles vista, e passaram pelo Estremo, que eram cinco leguas de Serpa, levando caminho de Arronche, que é uma villa e castello sem arrabalde, de até trezentos

vizinhos, em um logar amontado ao pé d'uma serra, com intenção de o escalarem, e ante duas leguas que chegassem a elle fizeram duas escadas de temões d'arado, atadas com baraços, e levaram-nas ás costas até o logar, e amanheceram alta madrugada sobre elle, tendo andado nove leguas aquella noite, e disseram a Lopo Affonso Adail com todos de cavallo, que fosse correr e roubar arredor da villa. Em tanto pozeram elles escada ao muro e começaram de subir, e sendo já oito homens de pé em cima, acordaram os da villa ao arruido dos de cavallo que corriam d'arredor, e vieram-se aos muros á pressa, e fizeram-nos saltar a fundo, não lhe dando vagar de descer pelos degraus; entonce se arredaram afora a tiro de virotão, e os de cavallo trouveram muitos gados e prisioneiros, e juntàram-se todos e foram por deante caminho de Cortegana, duas leguas de Aronche, que é um castello sem villa cercada, em uma pequena mouta, com arrabalde de fóra até setenta visinhos, e como foram acerca de dois casaes uma legua de Aronche, pozeram seu alojamento em elles, e acharam muito trigo e cevada, e alli comeram e folgaram, e des-ahi foram a Cortegana, e tanto que chegaram a elle, sahiram logo os do logar ás barreiras do arrabalde, pera lh'o defenderem, e começaram de pelejar com elles em tal guisa que por força lhes entraram as barreiras d'elle, e as gentes do logar fugiram pera o castello, e elles combateram-n'o logo, e entonce preitejaram que se partissem logo e não lhe queimassem o arrabalde, e que lhe dariam vinte mil réis de prata e outras cousas, que prometteram ao capitão, e que os baratariam logo em aquelle dia, e des-ahi por esta razão sofreram-se de lhe poer fogo, mas acharam no arrabalde muito

pão e vinho, e outras cousas pera seu mantimento, e esto todo assim feito pensando elles que lhe dessem aquella quantia como com elles ficaram, e os do logar escreveram logo a Aronche e a Aracena, que eram d'alli cinco leguas, e toda a comarca de redor, que se ajuntassem todos e viessem aquella noite sobre elles. Os portuguezes tomando d'ello alguma suspeita pozeram em si boa guarda aquella noite, e ao outro dia pela manhã tomaram o mensageiro que levara o recado e vinha dizer aos do castello que fossem a Cortechã, onde os portuguezes dormiram a noite seguinte, e que alli dariam todos sobre elles, e tendo assim a enculca preza, mandaram dizer ao castello que lhe dessem aquello que lhe prometteram, senão que lhe queimariam o logar. E elles pela esperança que tinham, disseram que fizessem o melhor e peor que elles entonce soubessem; entonce chegaram a elles e disseram:

—«Bem sabeis a maneira que ficaste comnosco, e ora nós tomamos este homem que vós mandastes com recado, o qual vos traze tal resposta, segundo a elles já sabiam, e pois assim é vós andaes com falsura e traição, e não nos quereis dar o que nos promettestes haja este logo aqui seu galardão.»

E cortaram-lhe a cabeça e roubaram-lhe e destruiram-lhe o arrabalde e puzeram-lhe fogo, e partiram-se d'alli com muitos gados e prisioneiros, e vieram-se dormir onde chamam a Cortechã, meia legua de Cortegana, sendo já mui alta noite, e por mui grandes invernadas. Os da comarca d'arredor, como dissémos, quando viram o recado que lhe mandaram os da Cortegana, enviaram duas enculcas alli a Cortechã pera verem que gentes eram, e em que ogar se aposentaram, e elles quando chegaram acha-

ram-nos dormindo sob um sobreiro, e tomaram-nos; e aquelles lhe disseram novas de toda a gente que em outro dia havia de vir sobre elles, e que se percebessem; e porque elles haviam desejo de achar com quem pelejassem, tomaram com esto tamanho prazer, que por alviçara de taes novas soltaram um d'elles, que fosse dizer aos outros que lhe prazia muito de os esperar alli ou onde elles quizessem, e lhe poer a praça, e o outro retiveram-no pera o trazerem comsigo por guia, e dormiram alli aquella noite.

CAPITULO LX

Como Antão Vasques pelejou com os castellãos e os venceu.

Em outro dia, á quinta feira pela manhã, partiram todos e começaram de andar seu caminho, apanhando quaesquer gados e prisioneiros que achavam por onde vinham, e vieram a dormir á Ribeira de Chança, de parte de Portugal, que eram cinco leguas e meia d'onde partiram, e entonce disseram todos:

«Ora venha a nós quem quizer e pelejaremos, pois já somos em nossa terra, e entonce repartiram suas guardas que houvessem de guardar o arraial a de longe, por parte da noite, e a guarda da madrugada aconteceu a aquelle João Estevens Correa que dissemos, e a outros escudeiros com elle, e João Estevens se apartou d'elles e passou a agua e foi mais além um pouco por deante, e ouvio grão tom de

gente, e meteu-se em um carapital, e logo a cerca vieram muitas gentes, assim de pé como de cavallo, todos de mistura, e elle meteu-se entonce entre elles por saber todo seu ardil, e falando ás vezes razões algumas por castelhano, porém as mais poucas que podia, e assim passou com elles a agua de Chança contra Portugal, além d'onde seus companheiros jaziam, ouvindo as sentenças que elles vinham dando sobre os portuguezes, como os haviam de desbaratar, e das justiças que em elles haviam de fazer, e como prepassaram por elles sobiram-se em um outeiro e viram-nos jazer, amanhecendo já entonce, e disseram: «aqui temos os chamorros. Ora ordenemos nossa batalha ca por aqui hão de vir».

Outros diziam:

—«Não seja d'essa guisa, mas vamos a elles todos de roldão, e assim os desbarataremos.»

Des-ahi acordaram que era melhor por-lhe batalha. O escudeiro quando viu que se elles ordenaram pelejar, deu de esporas ao cavallo e sahiu-se dentre elles, dizendo alguns doestos, e elles houveram-se por escarnidos, começando de lhe apupar e tirar ás béstas, e elle se veiu em salvo e chegou aos seus e achou os que se ordenavam e armavam já, e disse a altas vozes:

—«Antão Vasques, o que vós desejaveis aqui o tendes, ca os castellãos vos tem posta a batalha no caminho por onde haveis d'ir, e vede-los d'aqui parecem, e vós tendes alli quarenta de cavallo corredores, e sessenta bésteiros, e sessenta pavesados e de outros homens de pé, que são por todos oitocentos.»

E elle respondeu e disse:

—«Oh! irmão, bento seja Deus que te guardou e te trouve em salvo, ca pensavamos já que eras morto

ou captivo, e tu sejas bem vindo com taes novas, e se estivessemos em tal logar te daria boa alviçara, mas eu t'a prometo como formos em Portugal.»

E assim o fez depois, ca lhe deu um mui bom cavallo, e outras cousas.

—«Ora amigos, disse Antão Vasques, esta cavalgada que trazemos va-se á mão direita desviada dos inimigos, e os que forem com ella tornem-se logo pera nós e venham-nos ajudar a pelejar.»

E assim foi feito, entonce moveram todos com sua bandeira tendida contra os castellãos por um teso mais abaixo que o seu, e fazia-se um valle pequeno entre ambos, e viram-nos estar com sua ordenada batalha em esta guisa:

Os pavesados todos deante, e entre dois um bésteiro e outro de pé tras elles, e os de cavallo arredor, e vendo que gentes eram e como estavam corregidos, começaram os castellãos de lhe tirar aos virotões, dos quaes deu um com herva na testa do cavallo d'aquelle escudeiro que ante elles andava, e elle o tirou ápressa e disse Antão Vasques:

— «E vós outros que fazeis? Vedes quantos bésteiros alli são, todos, tiram com tal como esta peçonha, que aguardaes mais o dia, ca se aqui mór espaço estamos todos nos hão de ferir com esta mortal herva, pois vamos a elles ou vêde que quereis fazer?»

Em todo esto não era ainda sol levado, «pois logo seja», disse Antão Vasques, entonce moveram todos com sua bandeira deante, dando ás trombetas pelo valle a juso, e des-ahi subiram pelo monte acima até que foram na achada todos egual d'elles, e como assim foram, começaram de se ferir ás lanças e setas ante que juntassem.

Entonce se avantajou Antão Vasques rijamente, e sete homens d'armas com elle, e com as lanças nas mãos foram dar na pavesada, e derribaram logo cada um seu, e des-ahi os outros juntaram com elles, uzando bem das armas que pera ferir traziam, foi tão pouco o espaço que os castellãos sofreram a peleja, que foi escarneo de vêr, ca logo tornaram costas começando de fugir, e os portuguezes colheram-se a cavallo, seguindo-os até a Cortadalam, matando e prendendo em elles quanto podiam, de guisa que foram mortos dozentos e sessenta, e presos cento e quarenta, entre de pé e bésteiros, e houveram d'elles cinco cavallos e outras bestas de serventia, e foram dos portuguezes feridos tres, e mortos um, e com o prazer d'esta boa andança se vieram a Serpa, d'onde haviam partido, com toda a cavalgada que traziam, que eram quatro mil vacas e cinco mil ovelhas, e até mil porcos, e dez prisioneiros, entre os quaes vinha Ascenso Martins d'Arouche, lavrador, que deu por si de rendição cem mil réis de prata, e alli partiram todos com grande sabor e lédice e tornaram-se bem contentes pera os logares d'onde eram.

CAPITULO LXI

Quaes logares el-rei houve logo dos que tinham voz por Castella, e como se partiu a frota de sobre Lisboa.

Tornando a fallar nos feitos d'el-rei, que em Santarem leixamos, haveiu-lhe por entonce d'esta guisa, que assim como o Senhor Deus deu aos portuguezes esforço e ouzança de se defender de seus inimigos e os esperar com boa fouteza o dia d'aquella grão batalha, assim deu temor e espanto a muitos dos seus contrarios, desemparando as villas e logares que em este reino por Castella tinham, sem força nem constrangimento que lhe nenhum fizesse, de guisa que em breves dias cobrou el-rei a mór parte d'elles, ca os alcaides e gentes que em elles estavam, não se atrevendo de os defender, mandavam dizer a el-rei que os leixasse ir em salvo, e que lh'os entregariam; a el-rei lhe aprazia d'ello e assim lh'os leixavam desembargados, ca posto que o Papa de Roma Bonifacio IX mandasse ante d'esto publicar uma carta.

«Que visto como a rainha D. Leonor, madre da rainha D. Beatriz, e isso mesmo el-rei seu genro eram condemnados publicamente como filhos de perdição por scismaticos, herejes, e todas as pessoas a elle chegadas, por seu antecessor Urbano VI, e que por tanto elle absolvia os que se d'elles partir quizessem de todas as menagens, juramentos, fieldade, que

lhe feitas tinham os sobreditos, por qualquer guisa que fosse.»

Não foi porém nenhum portuguez que lhe desse villa nem castello por via de tal amoestação, e entonce os castellãos de sua livre vontade lh'os leixavam e offereciam, os quaes por ventura se defender se quizeram, foram mui maus de tomar, e com trabalho e perigo das gentes, assim como no castello e villa de Santarem, que se não atreveu a defender Rodrigo Alvares Santoyo, como já tendes ouvido. E a Alcaçova d'este logar, posta em tão defensavel monte, que desamparou Gomes Peres, de Val de Ravanos, e a forte villa e mau de tomar castello de Leiria, que Garcia Rodrigues Taborda, que morreu na batalha, leixara encommendado a seu filho, e a villa e o castello d'Obidos, que tinha Vasco Gonçalves, que d'elle era alcaide quando se foi pera ser na batalha, em que morreu, como dissemos, e a villa e o castello d'Alemquer, que tinha Gonçalo Tenreiro, a quem o leixara Vasco Pires de Camões, quando foi á batalha em que o prenderam, e a villa e castello de Torres Vedras, que desampararam as gentes que João Duque, que morreu na batalha, leixara em ella por defensão do logar, e Affonso Lopes de Texeda, que estava em Torres Novas, e o forte sem combate, muito alto e fragoso castello de Cintra, que D. Henrique Manuel deu a el-rei e ficou por seu vassalo, que lhe leixasse ter quanto d'ante tinha. E isso mesmo outros pelas comarcas do reino, e assim como a villa e o castello do Crato, que as gentes que alli leixou D. Pedro Alvares, irmão do Condestabre, desampararam-no e foram-se, e Martim Annes da Barbuda, que tinha o castello de Monforte, como soube que a batalha

era vencida, logo a desamparou e se foi tambem, Vasco Porcalho, commendador mór da ordem de Aviz, leixou a villa e o castello de Villa Viçosa, e Garcia Pires Craveiro, que foi da ordem d'Alcantara, que tinha a villa e castello de Mourão, e outros que não dizemos, e assim muitos foram que tinham logares com que se alçaram por Castella, e não se quizeram vir á batalha, mas aguardaram por vêr quem venceria, e ter com quem mais podesse, e d'elles se deram por preitezia outros foram cercados e rendidos por força, assim como Chaves, que tinha Martim Gonçalves de Taide, e Monçom e Melgaço, e Alvaro Gonçalves deu Moura a el-rei, e João Affonso Pimentel, Bragança, e João Rodrigues Portocarreiro leixou Villa Real, e outros que el-rei houve por desvairadas guisas, que não faz mingua seu historear.

A frota que jazia sobre Lisboa ordenou de se partir pera os logares d'onde cada um eram, e n'este mez de Setembro, aos quatorze dias partiram todos d'ante a cidade e foi ancorar a Restello, e quantos castellãos estavam em Cintra, e os que vieram de Torres Vedras e dos outros logares que tinham voz por Castella, que el-rei segurara, se metteram em ella, e no seguinte dia se foram as naus e galés sua viagem de foz em fóra, e levaram comsigo os arrefens que trouveram dos moradores d'Almada, que lhe foram entregues quando el-rei de Castella da primeira vez teve cercada a cidade, segundo em seu logar contamos.

CAPITULO LXII

Como el-rei partiu de Santarem por cumprir a romaria que promettida tinha.

ESTANDO el-rei assim em Santarem, depois que teve postos em em segurança os logares da Estremadura que d'ante tinham voz por Castella, e deu as alcaiadarias a certas pessoas, assim como a alcaiadaria mór de Lisboa e a de Torres Vedras a Antão Vasques, cavalleiro, e a Martim Vasques Villela a alcaiadaria d'Obidos, e assim outras, e ordenou de partir d'aquella villa pór cumprir sua romaria que promettera ante que entrasse á batalha, a qual era que vencendo-a como em Deus sua esperança, que fosse de pé a Santa Maria de Oliveira, que era na villa de Guimarães, espaço de quarenta leguas, e ante que de Santarem partisse, ordenou que andassem em sua companhia cem besteiros continuadamente, e d'alli levou seu caminho, e chegou ao campo onde houvera a batalha, e alli ouviu missa e fez oração, e começou sua romaria e chegou a Leiria, perdoou aos portuguezes que contra elle tiveram voz, e apoderou-se do castello que já era desamparado dos castellãos, e achou hi muitas cousas d'aprestamentos de casa, que foram da rainha D. Leonor, e beijada a mão por todos e recebido por senhor, leixou por alcaide do logar Lourenço Martins, seu criado, e entregou-lhe Pero Lopes de Ayala, de que em cima é feito menção.

E pois aqui temos mão e não é cousa que se em outro logar melhor possa dizer, contemos logo em breve que rendição prometteu por si por mais cedo ser solto.

Lourenço Martins começou de fallar com elle em feito de sua rendição, de que se Pero Lopes muito mazelava, dizendo que não tinha que dar que muito montasse, segundo elles pensavam, promettendo por si duas mil dobras, e des-ahi tres mil, e assim uma pouquidade de que Lourenço Martins fazia escarneo, até que um dia lhe veiu a dizer:

— « Pero Lopes, porque vos leixais jazer assim e não quereis dar por vós o que razoadamente podeis dar? Vós não cuideis que vos hão de crêr que vós não tendes que bem posseis dar, porque se vós foreis um homem que não fosse conhecido como vós sois, entonce era bem de vos encobrirdes e ter essa maneira que dizeis, mas nós sabemos bem quanto vós sois de grande e honrado em Castella, e crêde que já até o mais pequeno touro que em vossas vacas anda, de todo el-rei meu senhor sabe parte. E porém não vos presta esse geito que tomais, e quando eu vir que vós de todo profiaes em vossa tenção, dar-vos-hei tal trazimento porque vós percaes o corpo e el-rei a rendição que de vós podia haver.»

E fallando em esto por vezes e começando de ter com elle peor maneira do que costumado havia, Pero Lopes veiu a concordar com elle e prometeu por si trinta mil dobras cruzadas e trinta cavallos castellãos, e assim os pagou depois, as dez mil descontadas em prisioneiros portuguezes, e as vinte mil pagadas em ouro juntamente com os cavallos.

El-rei partiu de Leiria e chegou á cidade de Coimbra, onde foi recebido honradamente, e d'alli se foi ao Porto, onde lhe foi feita tanta honra em sua chegada, quanto se bem fazer póde, e continuando seu caminho, chegou a Guimarães, onde haviam prometido, onde o receberam com grão procissão clerigos e frades e toda a outra gente, e feita sua oração e offerta deu muitas esmolas e tornou-se ao Porto.

CAPITULO LXIII

Como el-rei partiu da cidade do Porto com intenção de ir cercar Chaves.

El-rei no Porto como dissemos, soube por novas certas como Nuno Alvares, seu Condestabre, fizera por Castella aquella entrada que ouviste, e matara o mestre de Santiago na batalha que com elle houvera, e todo o que em sua ida e vinda passára. Mandou-lhe o conde pedir por mercê que lhe perdoasse, porque assim entrára sem sua licença, e el rei houve gram prazer com taes novas, dizendo que bem digno era tal erro de lhe outhorgar gracioso perdão, e deu-lhe o condado de Barcellos com sua jurisdição e direitos, e era esto no mez de outubro.

D'alli ordenou el-rei de se ir pera Traz-os-Montes, que é terra de Portugal, por cobrar alguns logares que n'aquella comarca ainda contra elle revelavam, e des-ahi entrar por Castella, e porque era

começo de inverno, receavam as gentes aquella partida, porém houveram-se de outhorgar n'aquello que el-rei tinha em vontade, e partiu el-rei d'alli com suas gentes e muitos carros com engenhos e mantimentos e outras coisas á guerra pertencentes, e foi-se poer entre Douro e Minho, e mandou notificar por toda a terra que qualquer escudeiro ou homem fidalgo que d'alli houvesse já tomado soldo em esta guerra, e se não fosse pera elle em aquella ida que pera Castella queria fazer, que perdesse todas as honras e privilegios e graças que lhe el-rei tivesse feitos, e mais perdesse todos seus bens ou pagasse por elles cem dobras, qual elle ante quizesse, e esta mesma pena havia qualquer que se tornasse da hoste sem licença d'el-rei ou d'aquelle que pera ello seu poder tivesse, e depois dava el-rei a muitos taes bens como estes, e chegou el-rei a villa Real, d'onde se partira João Rodrigues Portocarreiro, e estando alli mandou recado a Martim Vasques da Cunha e a seus irmãos, a Gonçalo Vasques Coutinho e outos seus vassallos que se fossem pera elle, e alli ajuntou sua hoste, e levou caminho de Chaves com intenção de a cercar, e era já isto no mez de Dezembro, e chegou a noite de Natal a uma aldeia que chamam S. Pedro de Costem, que é uma legua de Chaves, e hi teve el-rei a festa e esteve alguns dias, até que recolheu sua gente, e d'ahi iam alguns escaramuçar á villa, nas quaes escaramuças morreu um cavalleiro que chamavam Alvaro Dias d'Oliveira, que atulou o cavallo com elle, e não podendo sahir alli o mataram, e no dia que esto foi estavam alguns da villa em uma ponte que o logar tem, e João Gil Sapo, que em seu logar nomeamos, desceu do cavallo em que ia armado, e

poz o bacinete na cabeça, e com uma hacha nas mãos, avantajado entre os outros, ante que os da villa se acolhessem da ponte, matou ali tres por sua mão, da qual coisa foi muito louvado.

Este logar de Chaves é uma villa de Portugal, na qual estavam um bom e honrado fidalgo portuguez chamado por nome Martim Gonçalves de Taide, sua mulher chamava-se Mecia Vasques Coutinha, irmã de Gonçalo Vasques, que foi na batalha de Trancoso, e no logar estavam até oitenta lanças de bons escudeiros, e de bésteiros e homens de pé razoadamente, e veiu-se pera elles um cavalleiro gallego da terra de Ourense, que chamavam Vasco Gomes de Seixas, com trinta lanças e homens de pé, e comsigo bons bésteiros, de guisa que de gente havia ahi assaz pera defensão do logar, e mantimentos tinham aguisadamente, e agua enxofrenta como de caldas, mal azada pera beber, e a serventia da boa era do rio que vae per fóra, acerca da villa tinha um trom pequeno e uma cuberta, e das outras armas que a tal defensão pertenciam em egual avondamento.

CAPITULO LXIV

Como el-rei poz arraial sobre Chaves.

El-rei, como passou o Natal e veiu janeiro de mil e quatrocentos e vinte e quatro, ordenou de poer cerco sobre este logar, e ante que partisse pera lá, mandou dizer a Martim Gonçalves,

que lhe desse o logar e tomasse sua voz, e que lhe faria muitas mercês. Mas Martim Gonçalves não se outhorgou em ello, dizendo que não o faria por nenhuma guisa.

Quando el-rei viu que elle não queria, foi vêr a villa ante que a cercasse, e foi entonce feita uma escaramuça em que Martim Vasques e outros foram feridos, e tornou el-rei e poz arraial sobre ella e repartiu sua aposentadoria, como pertencia a tal cerco, e depois que el-rei e sua gente foi aposentada, mandou armar os engenhos e tirar á villa e ao castello, e britaram grande parte de duas torres que estavam acerca do rio Tamega, que vae pelo pé da villa, e mandou el-rei fazer uma bastida acerca da ponte pera defender aquella agua e combater a villa, a qual tinha tres sorados, e sohiam-lhe de chamar antigamente castellos de madeira. A bastida estava forrada de caniços e carqueja, por guarda das pedras, como é costume, e homens d'armas e bésteiros em ella que uzavam de tal defensão que os da villa não podiam tomar agua do rio. E el-rei mandava dar cada dia um cantaro d'agua a Mecia Vasques, mulher do alcaide do logar, por amor de seu irmão Gonçalo Vasques.

Esta bastida guardavam arrevezes certas pessoas a que el-rei encommendava, e sendo um dia a guarda a João Gallego, Caudel dos homens de pé, alguns dos gallegos da villa começaram de razoar com os de fóra, como é costume em taes logares, e João Gallego que conhecia um d'elles, começou de chamar:

— «Ah! foão, nomeando-o por seu nome, e o outro respondendo, começou de dizer que se viesse pera el-rei seu senhor, pera o servir, e que lhe faria muitas mercês; respondeu o de dentro:

— «Ah! varon, douje ao demo ti e teu rei e as mercês que elle me ha-de fazer, e que mercês me ha de fazer ás más horas, quando me elle ha dó d'agua, que vae por esse rio. Digo cheu que quem me a mim ha dó d'essa agua que mal me daria dos dinheiros que tivesse n'arca.

CAPITULO LXV

Como os da villa queimaram a bastida a el-rei, e do recado que lhe chegou do duque de Alencastro.

Sendo a bastida guardada d'aquelles que d'ella tinham cargo, acertou um dia que era a guarda de Vasco Pires de Sampaio, e sendo elle ao serão, ceando no arraial, que era bom espaço d'alli, descuidado de se os da villa atreverem a cometer tal cousa, sahiram do logar força de gente e muitos com fogo, cada um como melhor podia, e apezar dos que a guardavam, ante que lhos do arraial acorrer podessem que era d'alli longe, pozeram-lhe o fogo e ardeu toda, e d'alli em deante tomaram os da villa quanta agua queriam livremente. El-rei houve d'esto mui grão merencoria, e queixou-se d'esto muito contra Vasco Pires, por esto que assim fôra feito, e vendo que posto que mandasse alli fazer outra como seria má de guardar, assim por aquello que acontecera, como por azo das duas torres que estão d'alli muito perto, posto que já fossem começadas a derrubar, ordenaram de fazer outra bastida

mais perto do arraial, acerca d'uma das portas da villa, onde está uma boa torre, não tão chegada que lhe d'ella podessem fazer nojo, e a bastida era tão forte e assim forrada de traves e caniços e couros crus, que pero um engenho que dentro tinham, lhe tirasse uma noite trinta pedradas e as vinte e sete dessem em ella, nenhuma d'ellas lhe pode fazer nojo; d'esta bastida que era mais alta que o muro, não cessavam de tirar ás béstas e pedras a aquelles que andar queriam por elle, de guisa que nenhum ouzava em elle de estar, com receio do damno que da bastida recebiam. Os engenhos isso mesmo tiravam a meude de dia e de noite, e derribavam no castello e na villa muitas casas, e matavam as gentes e faziam muito damno. E os da villa tiravam ás béstas e com aquelle trom e engenho que tinham, mas não era cousa que aos do arraial fizesse nojo que sentissem, e tambem escaramuçavam muitas vezes, em que havia feridos d'uma parte e d'outra, onde sabei que este cerco que el-rei ordenou de poer sobre Chaves foi bem proveitoso a muitas gentes d'aquella comarca, porque os mais d'elles eram minguados de mantimentos por azo da guerra passada e vinda d'el-rei de Castella ao reino, assim que muitos por suas vontades se iam pera el-rei a aquelle cerco por haverem mantimentos, e el-rei mandou mui a meude á forragem, e entravam por Galliza a oito e dez leguas a terra de Porqueira e de Sandianes e de Alhariz, e outros logares d'aquella comarca, e bons capitães em guarda das azemulas, que sempre iam bem duas mil e ás vezes mais, e vinham carregadas de pão e de carne e de castanhas, e de nozes e d'outros mantimentos, e d'algum pouco de vinho, ca não é terra em que haja muito. E uma vez indo

á forragem a terra de Vianna de Bolo e vindo pera o arraial, cahiu tanta neve na serra, em guisa que matou muitos homens e moços com frio, porque o cerco fôra posto em tempo de inverno. As mais das casas em que se acolhia a gente, eram palhaças, e sendo uma forragem a terra de Ourense, alçou-se fogo no arraial onde pousava Frei Fernando de Estorga, confessor d'el-rei, e ardeu grão parte d'elle, em que se perderam muitas cousas de mantimentos e armas, segundo que cada um tinha. El-rei em todo esto era posto em grão cuidado, assim da defensão do reino, como de cobrar alguns logares que contra elle n'aquella comarca revelavam e lhe faziam guerra, assim como Bragança e Vinhaes, e o Outeiro de Miranda, e outros que não faz mingua serem nomeados, e porque elle estava muito perto de Galliza e isso mesmo de terra de Castella, pensou em sua vontade que se el-rei quizesse vir descercar Martim Gonçalves, que lhe pozesse a praça e pelejasse com elle, e se não quizesse vir, que com aquelle ajuntamento poderia melhor contra seus inimigos ordenar aquella guerra, e entonce mandou chamar o concelho de Lisboa e de Coimbra e de Santarem, e d'outros logares do reino, que se fossem a seu serviço. E estando el-rei em este cuidado, chegou de suspeita um cavalleiro inglez que desembarcára no Porto, e vinha com um recado do duque de Alencastre, o qual lhe enviava a dizer que por quanto houvera certas novas por seu recado e embaixadores que el-rei de Castella fôra desbaratado na batalha que com elle houvera, que sua tenção era terminadamente vir a Castella pera haver o senhorio d'ella, por quanto lhe por direito pertencia, por elle ser casado com D. Constança, filha maior d'el-rei D. Pe-

dro, a que o reino por direito pertencia, e que lhe rogava que lhe mandasse alguns navios e galés pera ajuda de sua passagem.

El-rei houve grão prazer com esto por azo da guerra em que era posto, entendendo que guerreando o duque d'uma parte, isso mesmo elle por outra, que faria a guerra muito melhor e mais a seu salvo, por quanto el-rei de Castella não podia com sua defensão tambem acudir a ambos como a um só. Entonce mandou armar em Lisboa seis galés e doze naus, das quaes eram duas grandes que el-rei D. Fernando mandara fazer, uma de seiscentos toneis e outra de trezentos, e foi por capitão das galés Affonso Furtado, que entonce era e foi depois sempre até sua morte.

CAPITULO LXVI

Como chegaram a el-rei algumas gentes que mandara chamar, e da preitezia que Martim Golçalves fez.

CHEGARAM as cartas d'el-rei a Lisboa no mez de Fevereiro da era já nomeada, as quaes recebidas e lidas perante muito povo, souberam por ellas como a seu serviço era compridouro mandar á pressa a aquelle arraial, onde entonce estava, algumas gentes darmas, e peões e besteiros, e se o recado foi mandado á pressa, com maior e trigoso desejo se trabalharam logo de o

poer em obra aquelles que do regimento e governança da cidade tinham cargo e cuidado, s. João da Veiga, o velho, e Affonso Garcia, e Joanne Annes da Pedreira, com Esteveannes e Vasco Martins, com outros dois misteres seus parceiros, e muitos honrados cidadãos que é escusado nomear; e logo por todos foi acordado que por serviço d'el-rei e honra da cidade lhe enviasse trigosamente dozentas e dez lanças bem corregidas, as dozentas da cidade e as dez da villa de Cintra, que entonce era seu termo, e dozentos e cincoenta besteiros, e dozentos homens de pé, que fosse por capitão d'estas gentes com a bandeira da cidade, de que era alferes, Gonçalo Vasques Carregueiro, e Estevão Vasques Filippe, anadel mór de todo o reino, e que levasse duas trombetas, e tres alveitares, e dois ferradores, e dois selleiros, e dois correeiros, e um jogral, e todos pagos por tres mezes, s. Março, Abril e Maio, a trezentas livras cada lança por aquelle tempo, as dozentas e setenta em dinheiro, e as trinta livras lhe davam em panno, pera todos irem d'uma libré, pela guisa que foi acordado, e assim pagaram aos que iam de Cintra em companhia da bandeira da cidade, e a cada besteiro davam vinte e cinco livras por mez, que eram cinco dobras, e a cada homem de pé vinte, que eram quatro, e ordenaram que dessem a Estevão Vasques, por razão de sua caudelaria para compra de bestas para ir honradamente, como compria, cinco mil dobras, valendo então a dobra a cinco livras; e deram a Silvestre Estevens, procurador da cidade, que ia com elles, certos dinheiros que levasse em deposito, pera dar a enculcas se mister fosse, e outras taes cousas d'avisamento, e ordenaram mais entre

si aquelles de cavallo que haviam de ir, que levassem senhos L L de prata ao colo em cima da libré que haviam de levar, e que cada um mandasse fazer o seu o mais louçam que podesse, e assim os mandaram logo fazer á pressa, e d'elles os faziam d'ouro com pedras, e eram todos tamanhos como um comprido dedo.

Outrosim mandou el-rei chamar o Condestabre, que se viesse pera elle com as mais gentes que podesse, por quanto lhe era dito que el-rei de Castella se percebia pera vir descerrar Martim Gonçalves, e porém não era assim, e isso mesmo a Vasco Martins de Mello, que estava em Santarem, e assim a outros.

O Condestabre como ouvio seu recado mandou logo chamar suas gentes, que fossem com elle a certo dia, e como todas foram juntas, partiu d'entre Tejo e Odiana com vinte de mulas e mais não, e foi-se ao Porto, leixando recado a todos os outros que se fossem apoz elle, e a dia certo fossem n'aquella cidade, e como alli foram todos o conde partiu com elles pera Chaves, e levou caminho de Bragança, e em uma aldeia que chamam Castellãos, leixou suas gentes e bandeira sob governança e capitania de Martim Gonçalves do Carvalhal, seu tio, e elle se foi aferrado a Chaves, não mais que com oitenta lanças; e el-rei soube parte de sua ida, e foi-o receber fóra do arraial mui longe, e ontonce chegou hi tambem o concelho de Lisboa, com que el-rei foi assaz ledo de como ia corregido e sua boa ordenança, e tornou-se el-rei pera o arraial e o Condestabre com elle, e fallando alguns fidalgos ao conde como homem que vinha de caminho, disse-lhe um dos que presentes eram:

— «Muitas graças haja Deus, senhor, que vos deu tão boa victoria de vossos inimigos, e vos guardou de tamanho temor e perigo, como dizem em que fostes posto».

— «E eu assim o digo, disse o conde, que muitas graças receba Deus, que lhe prougue de ser assim; que já me isso disseram outros, como vós ora dizeis, mas eu não vi cousa alguma porque houvesse de haver temor».

Estevão Vasques foi depois fallar a el-rei, e apresentou-lhe uma carta da cidade de Lisboa, em que era conteudo «que bem sabia sua mercê como lhe dera e authorgara por sua confirmação todos os privilegios e liberdades, e foros, e costumes, que pelos outros reis houveram, dos quaes um era que quando as gentes da cidade iam a seu serviço a algum logar, que o capitão que ia com ellas havia jurdição em todos aquelles que da dita cidade iam, assim em feitos civeis como crimes; e que se algum d'elles fazia algum erro, assim na hoste d'el-rei, como em Villa, ou outro algum logar, que logo era entregue ao capitão, e elle fazia d'elle direito, e quando algum se havia por aggravado do que elle mandava, que elle apellava pera el-rei, e que os tabelliães da dita cidade, per authoridade d'el-rei, davam fé em todos os logares onde o dito conselho ia, assim em estes reinos como fóra d'elles; e que lhe pediam por mercê que assim lh'o outhorgasse pera usar d'esta jurdição o capitão, que com aquellas gentes a seu serviço enviavam».

El-rei disse que lhe prazia muito, e mandou-lhe assim d'ello dar sua carta, onde sabei que emquanto se estas cousas passavam, e outras algumas que não fazem mingua dizer-se, os engenhos

não quedavam de tirar de noite e de dia, fazendo muito damno no logar, e da bastida isso mesmo, per fundo já começavam de derrubar a barbacam e queriam picar no muro, além d'esto devisou el-rei uma escala por tão forte maneira, a qual na Hespanha ante d'esto não fôra vista, de que se todos espantavam, pera poer ao muro da villa.

Martim Gonçalves vendo todas estas cousas e receiando ser entrado por força, pois se não podia bem defender, preitejou entonce com el-rei, que lhe desse espaço de quarenta dias, em que fizesse saber a el-rei de Castella, e não lhe vindo acorro até aquelle tempo, que lhe entregaria a villa e o castello, e elles se sahiriam com suas bestas e armas e haveres.

Como quer que alguns diziam a el-rei que o não fizesse, porque os tinham já muito aficados, mas por amor dos irmãos de Mecia Vasques, des-ahi segurança de não perder alguns em lhe dar combate, houve esto por mais são conselho; e poz-lhe Martim Gonçalves um seu filho em arrefens, que se até aquelle dia não fosse acorrido, que lhe entregassem o logar, e mandou á pressa recado a el rei de Castella de todo seu feito, e como estava preitejado.

Emquanto este espaço durou iam alguns dentro á villa fallar ao alcaide, e a Mecia Vasques, quando lhe prazia, entre os quaes lá foi um escudeiro, que chamavam Affonso Madeira, vêr Martim Gonçalves e sua mulher, de que havia bom conhecimento, e em fallando com elles, começaram elles de lhe perguntar em som de escarneo:

—«E pois que faz lá esse vosso Mestre?»

—«Não sei que faz, disse elle, mas parece-me que faz pirolas pera vos fazer sahir d'aqui fóra por força.»

—«O demo lhe agradeça a elle essa phisica, disseram elles, des-ahi fallaram em al.»

Ora porque dissemos em seu logar, que el-rei de Castella enviara pedir a el-rei de França ajuda de gentes e de dinheiro, e notificar ao antipapa todo o aquecimento da batalha, e d'esto não tendes ouvido resposta, parece-nos que é rasão, ante que contemos algumas outras cousas, que emquanto o escudeiro de Martim Gonçalves fôr e vier com o recado que levar, que ouçaes vós dois capitulos pequenos, que bem podereis lêr emquanto elle chega a Samora, e depois diremos a resposta que el-rei a Martim Gonçalves mandou.

CAPITULO LXVII

Da resposta que el-rei de França deu aos mensageiros de el-rei de Castella, que a elle enviou depois da batalha.

Já tocamos em seu logar como el-rei de Castella, depois da perda da batalha estando em Valhadolid, fez catar gentes de onde se haver podessem, e mandou recado a el-rei de França que o quizesse ajudar com gentes e dinheiro, pera proseguir tal negocio como começado tinha.

Os mensageiros chegaram a Pariz, onde el-rei D. Carlos por entonces estava, e dadas as cartas de crença que levavam, disseram-lhe de palavra todo o que lhe havia acontecido na perda d'aquella ba-

talha, e como el-rei ficara mui minguado de gentes e dinheiro, e mais como el-rei de Portugal mandara já cartas a Inglaterra ao duque de Lencastre, dizendo que agora tinha tempo pera vir demandar o reino de Castella que lhe per direito lhe pertencia, e que puzesse aguça em sua vinda o mais que podesse.

El-rei recebeu bem os mensageiros, dizendo:

— « Que lhe pesava muito de tão contrario aquecimento como a seu senhor havia acontecido; mas que elle fallaria com os duques de Berri e Borgonha, e de Borbom, seus tios, e com aquelles senhores e fidalgos, que de seu conselho eram, e assim lhe daria resposta».

Entonce fallou com elles, e accordaram que era bem de o ajudar em toda a cousa que podesse.

El-rei fez chamar a conselho os mensageiros de el-rei de Castella, e presentes seus tios e todos os que ahi estavam, disse por esta guisa:

— « El-rei de Castella meu irmão, e meu amigo, me enviou por vós suas cartas de crença, e mais algumas outras cousas, que me da sua parte dissesseis, as quaes eu todas hei mui bem entendidas; e havido sobre todo conselho, vós direis assim a el-rei de Castella meu irmão e amigo: — que da perda da batalha, que elle houve com Portugal, a mim peza e despraz muito; porque a honra e boa andança, quando lhe a elle avier, entendo que é minha como sua; e do contrario quando aquecesse, a mim vinha parte, porém em este caso dizei que lhe rogo que se conforte, e tome mui grande esforço, ca o vencimento das batalhas é em Deus, e nenhum póde contradizer a sua vontade; ca elle sabe bem que lemos pelas chronicas e historias, e vemos

cada dia acontecer que mui grandes principes e senhores houveram guerras e batalhas com seus contrarios, e foram em ellas por vezes vencidos, pero por todo esto não perderam seu bom desejo, e tornaram com mór esforço á guerra em que eram postos, e cobraram suas forças, e houveram depois mui boas andanças, e que portanto elle por esta perda que houve, não se deve dar a sobejo nojo; mas ter sem duvida, que Deus, que esto fez por ora, lhe póde dar muito boa andança e ventura, e grande vencimento sobre seus inimigos, com o bom direito que contra elles tem. Outrosim ao que me envia dizer da ajuda das gentes e dinheiro pera o mister em que é posto, dizei que todo o que eu hei, todo é bem prestes pera sua ajuda e honra, e que lhe faço certo que logo lhe enviarei duas mil lanças dos melhores cavalleiros e escudeiros, que em minha terra houver; e que lhe darei pera soldo d'estas gentes cem mil francos d'ouro, e que sejam aqui pagados, por serem mais azinha prestes pera lh'a fazer, até ir por meu corpo se cumprir».

Os mensageiros quando viram esto, responderam entonce, e disseram:

— « Senhor, em nome d'el-rei de Castella, nosso senhor, vosso irmão e amigo, vos damos muitas graças, e vos agradecendo muito a boa vontade com obras que lhe fazer quereis, pela qual elle, e todo seu reino, será pera sempre teudo á corôa de França de lhe fazer todo o prazer e ajuda que bem possa.»

Onde sabei que nos trautos, que entre Castella e França havia firmados, em um capitulo era conteudo que se algum d'elles por mar, ou por terra houvesse mister ajuda do outro, que aquelle que re-

querido fosse, lhe enviasse á sua despesa a ajuda e acorro, que mister houvesse, até aquelle logar onde el-rei fosse. E portanto deu el-rei de França aquella resposta, mas não embargando que el-rei dissesse que logo lhe mandaria as duas mil lanças, não foi aquelle logo porém tão trigoso, que se primeiro não acabou este anno de vinte e quatro e andava já a era de vinte e cinco quando elles chegaram ao reino de Castella, como ao diante ouvireis.

CAPITULO LXVIII

Da carta que o Anti-papa enviou em resposta a el-rei de Castella.

Chegou o recado d'el-rei de Castella a um logar chamado Avinhão, onde estava aquelle Anti-papa, chamado Clemente Setimo, cuja voz elle mantinha e dera a obediencia; e quando soube novas da perda da batalha, e como fôra vencido d'el-rei de Portugal, seu contrario d'ambos, houve d'ello mui grande desprazer, e por sua consolação lhe enviou uma carta, cujo treslado se segue:

Carta do Anti-papa a el-rei de Castella

Clemente, Bispo servo dos servos de Deus, ao muito amado em Christo filho D. João rei de Castella e de Leão, saude e espirito de fortaleza em

as cousas a ti contrarias. Ouvi novas, de que toda minha vontade foi contorvada, e os beiços de minha bocca de todo estremeceram, porque aquelle dia foi de grande ira, e espantavel sanha contra a tua real magestade, quando aquella resplandecente Alteza, que d'onde o sol nasce até onde se põe de todos era temida, por um ligeiro aquecimento que adur se começava, cahiu assim trigosamente, que espanto é d'ouvir. Mas porem, Principe mui alto, não te espantes tanto d'esto, nem tomes grande pezar, ca muitas vezes se leu o vencedor ser vencido d'outro mais baixo que si, e lemos que a arca do testamento dos que em Deus não criam, foi filhada e teuda em seu poder, e que Saul e Jonatas seu filho foram pelos phylisteus ambos vencidos e mortos. Escripto é que a grande cidade de Roma, senhora de todo o mundo, vencida foi por vezes de seus inimigos e contrarios, e não duvidamos, mas sabemos de certo como el-rei Rodrigo, senhor da Hespanha, vencido foi dos Alarves e perseguido d'elles. Sabemos que pouco tempo ha que a nobre prol de liz dos Ingrezes foi abaixada; e bem sabeis que aquelle esclarecido principe entre os cavalleiros do mundo, el-rei Dom Anrique, teu padre, que nas móres perdas e perigos mostrava seu grande esforço, e vencido depois vencia. Assim que aquelle a que Deus ama, esse castiga e correge, e se agora feriu e chagou o teu pé, elle é aquelle que sarará tuas chagas; e se o forte açoute de seu castigo soffreres com paciencia, a tua dôr se tornará em prazer, e o teu nojo em alegria, e segundo a grandeza da dôr do coração tens, assim será a consolação pera a tua alma, e prova Deus em ti a sua misericordia, e porém te castiga

e apreme em este mundo em os bens temporaes, porque depois não hajas de passar o ardor da morte perduravel, que escripto é, que na edificação do templo todas pedras primeiro eram lavradas com fortes martellos de ferro por se poerem mansamente na obra que havia de durar; e assim aquelles que d'este mundo hão de ser enviados pera poer na parede d'aquelle celestial templo, que é dito Hierusalem, primeiro são atormentados aqui, e feridos com fortunas, porque depois com muita paz mansamente sejam ali treladados e postos, e pois assim é, tu varão de bem, no qual nunca houve nenhum engano, porque te atromentas com tão grande dôr? ca posto que justa razão tenhas de a haver, a discrição requer encobril-a, e não a publicar, ca a publicação da dôr ao commum povo faz aos amigos acrescentar pezar e nojo, e nos inimigos gera mui gram prazer e ledice, e porende filho muito amado, rogo-te quanto posso, que em tal caso como este, não seja tua maneira de dôr tão grande que te ponha fóra de teu bom sizo, mas veste-te de vestiduras de saude e fortaleza, e põe teus feitos em esperança d'aquelle Senhor que acorre e ajuda aquelles que em elle esperam. Dante &c.

CAPITULO LXIX

Como el-rei de Castella mandou dizer a Martim Gonçalves que desse a villa como tinha preitejado.

O escudeiro de Martim Gonçalves chegou a Samora, onde el-rei de Castella estava, e por aquecimento, sem tenção alguma, chegou tão alta noite que el-rei jazia já na cama com a rainha sua mulher, e com o grande afincamento que levava por saber a vontade d'el-rei, foi-lhe forçado ir logo ao paço, e disse ao que tinha a guarda da porta, que não embargando que el-rei já jouvesse, que lhe fosse dizer todavia que estava alli um escudeiro de Martim Gonçalves de Atayde, e que fosse sua mercê de o logo ouvir, ca era cousa que muito cumpria a seu serviço. El-rei, como lh'o disseram, não embargando que já jouvesse, levantou-se da cama, e entrou o escudeiro na camara, e contou a el-rei todo o cerco e aquecimento d'elle, e quanto havia passado Martim Gonçalves até que se preitejara. El-rei respondeu, dizendo:

—«Eu sou bem certo de seu afincamento, e todos vos bem creio quanto me dizeis, e sou theudo de fazer muitas mercês a Martim Gonçalves por tão bom serviço como me faz em defender aquelle logar tanto tempo, sendo assim afincado, e não ter o geito que outros tiveram; ca elle não sómente defende Chaves, mas ajuda a defender gran parte de Castella; porque aquelle homem, que o tem cercado,

podera em tanto fazer muito mal em meu reino, o que por este azo não fez, mas por quanto eu ora não estou em tal ponto que lhe possa acorrer, como cumpria, e aquelle homem anda assim aviado de guerra. Por tanto dizei que lhe dê o logar, que eu lhe quito a menagem d'elle, uma, e duas e trez vezes.

Em outro dia escreveu el-rei suas cartas a Martim Gonçalves, como lhe quitava a menagem que por o logar feita tinha, e que se fosse pera seu reino, onde lhe faria mercê e daria terras porque vivesse honradamente. Partiu o escudeiro, e chegou com recado a Martim Gonçalves, e aquelle dia que se acabou o prazo, mandou dizer a el-rei que lhe queria dar a villa e o Castello, como com elle ficara, havendo já ácerca de quatro mezes que o el-rei tinha cercado; mas antes d'esto tinha elle já mandado sua mulher e filhos pera um logar, que chamam Monte Rei, do senhorio de Castella, que eram d'alli trez leguas, em cuja companhia por a honrar foram gran parte do caminho Gonçalo Vasques e Fernão Martins Coutinho, seus irmãos; des ahi tornaram-se pera o arraial. Vasco Gomes de Seixas, que estava com Martim Gonçalves, veiu fallar a el rei á tenda, onde elle se ia a se despedir d'elle; Martim Gonçalves lhe veiu fallar, e no seguinte dia depois do praso partiram ambos armados, e os seus pé-terra; e alguns que tinham bestas, tinham-nas fóra do logar, e os moços e homens de pé davam vozes e apupos, escarnecendo d'elles, segundo é costume de fazerem aos que sahem do logar cercado, e el rei foi á villa e entrou no castello, e ouviu missa, e armou trez cavalleiros da Ordem do Esprital, e fez Egas Coelho seu Mestre-sala, e deu ao Condestabre a villa.

E diziam alguns que esto lhe dava el-rei por galardão da batalha de Valverde, que pouco havia que vencera.

O conde poz recado no logar, leixando por alcaide Vasco Machado, um bom escudeiro, e partiu-se d'alli pera suas gentes que leixara em terra de Bragança.

CAPITULO LXX

Como o conde lançou fóra da sua hoste todas as mulheres que os seus traziam.

O conde n'aquella comarca mandou seu recado a João Affonso Pimentel, que tinha Bragança por el-rei de Castella, que fallassem ambos a salva fé. Este João Affonso era marido de D. Joanna, irmã bastarda da rainha Dona Lionor, e tia da rainha Dona Beatriz, como já ouvistes; e passando o conde por acerca da villa, veiu-lhe fallar João Affonso a um logar que ambos divisaram, e começando de fallar com elle, o conde lhe moveu muitas razões, por o reduzir que désse aquelle logar a el-rei seu senhor, e que tomasse sua voz, e que o segurava receber d'elle muitas mercês e acrecentamento; nas quaes cousas João Affonso outorgar-se não quiz por quanto lhe o conde dizer pôde, e tornou-se pera a villa.

O conde partiu d'alli e foi-se em romaria a Santa Maria do Azinhoso, em que havia devoção, e ouvindo ahi missa, offereceu um firmal que apodavam

a gran preço. Estando assim em terra de Bragança, mandou poer em obra uma cousa, que muito havia que tinha em vontade, vendo que o contrario era perigoso pera homens, que em guerra haviam de continuar; a qual foi esta: que por quanto os de sua companhia traziam todos mancebas, tambem os que eram casados como os que o não eram, ordenou que nenhum d'ahi em diante não trouxesse mulher comsigo; e se alguma fosse mais achada no arraial, que fosse logo açoutada publicamente por ello; e d'este mandado desprougue tanto a todos os que as traziam, que não houve ahi tal que o soffrer podesse com paciencia, mas cada um fallando sobre esto ao conde, mostrava tantas e taes razões por que lhe era necessario trazel-a, que bem similhava aos que presentes eram, nenhuma ser deitada fóra da companhia.

O conde como comprido de mansa e bemaventurada razão, cortezmente respondia a todos muitas e boas palavras, mas porque a fim de todas era não querer que ahi mais andassem, não os podia pacificar, e uns diziam que antes saberiam perder sua mercê, outros se desnaturariam d'elle e que nunca o mais serviriam; outros davam com as armas no chão dizendo palavras e mostrando geitos, que seria longo de escrever; em tanto que o conde dizia depois por vezes, que ante quizera esperar uma batalha, posto que de muita gente fôra, que responder a tantas razões e tão desvairadas, quantas cada um mostrava por si, a sêr-lhe forçado trazel-a comsigo; mas por quanto todos resoar puderam, não leixou elle de o poer em obra, entendendo-o por serviço de Deus e prol dos que eram em sua companhia; entonce partiram todas, que

não ficou nenhuma, e elles ficaram cavidados de ahi em diante de as mais trazer, nem foi nenhum que se d'elle partisse por tal azo.

E como el-rei chegou de Chaves, o conde lhe disse aquello que feito tinha, e que o demovera a fazer, e que fosse sua mercê de poer tal defeza em seu arraial, ca d'outra guisa não poderia elle manter aquella ordenança, se em sua hoste não fosse assim guardada.

Então poz el-rei por defesa que nenhum em sua companhia não trouvesse mulher comsigo, sob aquella pena que o conde pozera, e tambem lhe fez o conde que posesse defeza sobre o arrenegar e jogo dos dados, e porém dizia el-rei depois muitas vezes que todos os bons costumes, que em Portugal havia, que o Condestabre os pozera; nem nós não lhe apropriamos cousa que de louvor seja, que em elle não houvesse mais compridamente.

CAPITULO LXXI

Como el-rei fez alardo na Valariça, e das gentes que achou.

Foi-se o conde caminho da Torre de Moncorvo e veiu-se á Ribeira da Valariça, que é termo d'aquelle logar, e alli chegou el-rei com sua hoste, como dissemos, e ordenaram logo de fazer alardo de todas as gentes que ahi eram; e faziam

alardo á vanguarda sobre si, isso mesmo as alas é reguarda; e este foi o mais formoso alardo, que até alli em Portugal fôra visto, ca em elle estavam os que na batalha foram, e mais os que se em ella não acertaram, assim como Martim Vasques da Cunha, e Gil Vasques seu irmão, e Gonçalo Vasques Coutinho, e o mestre de Christo Dom Lopo Dias de Sousa, e o Priol do Esprital Dom Alvaro Gonçalves e outros, com muitas e boas gentes, de guisa que chegavam a quatro mil e quinhentas lanças; e uns e outros, assim cavalleiros, como escudeiros, todos bem armados como aquelles, que das batalhas atraz passadas haviam cobradas muitas e boas armas de seus inimigos, mas não eram todos bem encavalgados, porque mais armas cobraram, que bestas; e eram ahi tambem muitos homens de pé e muita béstaria. E se alguem quizer dizer que não podia ser formoso alardo onde não havia mais de quatro mil e quinhentas lanças, bem mostrará pouco saber d'estas cousas e das guerras dos anciãos tempos, que Portugal nunca mais ajuntou, que a metade da gente de Castella, esto pouco mais ou menos. Vêde-o por el-rei D. Fernando, quando elle e o conde de Canbrix houveram d'haver batalha entre Elvas e Badalhouce com el-rei de Castella, o qual tinha cinco mil lanças, e el-rei de Portugal, quando mais ajuntara, posto que o reino todo tivera com elle, foram trez mil ou pouco mais; e porém com razão disseram os que esto escreveram, que fôra um formoso alardo de muita gente, assim de homens d'armas, como de pé, mas estas lanças que alli se acharam, não cuideis que eram vassallos d'el-rei, como agora são, ca ainda n'este tempo não ordenaram contias, nem

os tomara da guisa que os outros reis faziam, per o grande afincamento da guerra em que fôra posto, depois que começára de reger e reinar, mas cada um servia com aquelles que podia servir, assim homens d'armas, como de pé; e pera todos havia soldo, e em tempo dos outros reis não era assim, mas os fidalgos haviam as contias: e a estes chamavam vassallos d'el-rei, e a cada um fidalgo ordenava el-rei que servisse com certas lanças quando mister houvesse, e segundo que cada um era fidalgo, ou de estado, assim lhe ordenava el-rei as lanças que houvesse, e pera tantas lhe dava cada anno contia, e elle podia tirar e poer qual lança quizesse até áquelle conto, afora a contia que elle havia pera seu corpo, e se algum levasse mais lanças das que lhe eram ordenadas, não lhe davam soldo pera ellas, e a todos os filhos lidimos dos fidalgos, como lhe nasciam, logo o escrivão das contias, que chamavam dos maravedis, se o soubesse, ou se lh'o seu pae lh'o mandasse dizer, logo lhe mandava a carta da contia que havia d'haver pela taxada que seu pae havia, sem mais emmenta, nem outro signal d'el-rei, dizendo o que lh'a levava:—Manda-vos aqui Fuão, escrivão dos maravedis a carta da contia pera o filho que vos nasceu, e manda-vos pedir alviçaras. Então punha a carta nos peitos do menino no berço d'onde jazia, ou no collo da ama, se acertava de o então ter; e quantos filhos nasciam aos fidalgos, tantas cartas lhe davam d'aquella guisa, e o padre tomava com esto gran prazer, e cada vez lhe dava alviçara, e quando el-rei depois tomava algum d'estes filhos de fidalgos, acrecentava-lhe na contia aquello que sua mercê era; e se morria o padre ficava o maior filho na sua con-

tia: e esto se usou no tempo dos reis antigos, e em vida d'el-rei D. Pedro. E se dissermos na sua historia que acrecentara nas contias dos fidalgos, verdade é o que jaz escripto; ca lhe acrescentou na somma das livras, mas não na somma do ouro e prata que por ellas podiam achar; ca o vassallo não havia d'ante mais de setenta e cinco livras da sua contia, que o vassallo não havia outra lança senão a de seu corpo, e jazia escripto no livro d'el-rei, por as quaes achava cinco marcos de prata e mais. E quando el-rei D. Affonso mudou a moeda e fez os dinheiros, que chamavam novos, mandando que nove d'elles valessem um soldo quando d'antes valia doze, subiu logo a prata e ouro, de guisa que perdiam o quarto em tal paga, e vendo depois el-rei D. Pedro esta perda que os vassallos haviam, corregeu por aquelle acrescentamento, e mandou que houvessem cem livras, que era egual quantia d'antes; e todos os vassallos que andavam no livro d'el-rei, levavam o cavallo e a loriga quando morriam, mas não das lanças que com elle serviam. E quando el-rei D. Fernando reinou, mudou este bom costume, e mandou que se não desse tal carta de contia, salvo ao primeiro filho, e mais não; e se morria o primeiro, ficava ao segundo, ou a algum outro que lhe depois nascesse; e por morte d'el-rei D. Fernado por o que vistes que se seguiu, cessou esta ordenança de todo.

Ora, andando el-rei por este alardo, e tendo já visto parte d'elle, encommendou a Gonçalo Pires que olhasse bem todos os capitães, se parecia cada um com aquelles pera que levava soldo; e elle andando assim olhando, chegou a Antão Vasques, que tinha mais de setenta lanças d'elles bem arma-

dos, e d'elles não tão bem; e quando Antão Vasques o viu, começou de dizer contra elle:

— Digo, Gonçalo, que te parece a ti d'este? (porque estava bem armado). S. Jorge é esto, ca não homem d'armas; faze-lhe trazer uma serpe e verás como a matará.

E assim outras taes razões de gabo, que por cada um bem armado dizia; e dos que não eram bem armados tornava a dizer:

— Vês tu este Gonçalo; sobejas são as armas que tem, ca de guerras e batalhas onde foi, é o corpo tão calejado, que todo é cheio de signaes das feridas.

Então lhe fazia mostrar um braço, ou perna, contra sua vontade, e de uma riscadura pequena contava tal golpe e como o soffrera, que parecia façanha de ouvir, e dizia logo:

— Vês tu esse; não quero eu que mate menos de seis, que já elle tem provado como sabe o ferro frio; diz tu ao castellão que venha pelejar com este, ca aqui achará que o farte.

E d'esta guisa a uns e outros punha taes louvores, quaes Gonçalo Pires mui bem notava. O alardo acabado e todos espalhados, vieram depois á tenda d'el-rei alguns fidalgos d'esses capitães, entre os quaes veiu Antão Vasques, e fallando el-rei no apostamento d'elles, e como cada um era corregido, respondeu Gonçalo Pires dizendo:

— Eu vos digo, senhor, que n'este alardo não vi taes gentes, nem pera tão gran feito, como as de Antão Vasques que aqui está.

— Ora vos digo, disse el-rei, que as viu este bem; ca nós não sabemos quem é a gentaça de Antão Vasques.

— E vós senhor, disse Gonçalo Pires, não vistes ainda esta, e que homens cuidaes vós que elles são; não é esto pera levar a jogo, ca elle pelo bem armado, diz que é S. Jorge, e que logo matara uma serpe se lh'a mostrarem. Os que não eram tão bem armados diz que não cumpre armas pera aquelles, e que sobejas são as que tem, que já são provadas, assim como ouro, e que um matara dez castellãos, e fazia descobrir pernas e braços, que mostrassem onde foram feridos, e as bragas dizia que descalçassem.

El-rei começou de rir d'esto louvando taes gentes; pois pera tanto eram, fallou Antão Vasques trigoso e disse:

— Mas perguntae-lhe vós, senhor, se lhe viu elle os signaes das feridas.

— Verdade é, disse Gonçalo Pires, que eu vi signaes a alguns d'elles; mas todos me parecem que são de leicenços.

El-rei riu muito d'aquellas razões e de como as Gonçalo Pires perante elle contava, e n'este sabor despenderam aquelle serão.

CAPITULO LXXII

Como João Affonso Pimentel se veiu pera el-rei e lhe deu Bragança.

João Affonso Pimentel que estava em Bragança, como dissemos, não quiz vir pera el-rei, nem tomar sua voz com quantas rasões lhe o Condestabre dizer pôde, segundo já temos contado, e depois que viu que el-rei cobrara Chaves, muito a pezar de Martim Gonçalves, e que pero el-rei de Castella soubera parte de seu cerco, e isso mesmo o recado que lhe depois mandou como era preitejado, que não curara de o vir descercar, e que lhe fôra forcado de leixar a villa com grande fadiga e pouca sua honra, pensou que assim podia acontecer a elle, e entendendo que el-rei pouco a pouco d'esta guisa havia de ir cobrando o reino todo, mórmente que rogiam alguns que assim haviam-no de cercar, e por segurança de sua honra e estado, cuidou preitejar com el-rei que lhe ficasse Bragança com todo aquello que tinha, e que tomaria sua voz; e andando em estes trautos, acertou-se de virem por alli muitos almocreves e mercadores castellãos, que iam com suas mercadorias pera a festa de Santiago de Galiza, que se chegava no mez de julho, porque o logar tinha voz por Castella, iam por alli seguros, a entendiam vir; João Affonso acintemente fez a todos bom gazalhado, mostrando que de tornarem por alli lhe prazia muito lhe fazer honra, e comprar as cousas que trouvessem, e elles cui-

dando que fosse d'aquella guisa, tornaram por alli todos como foram trazendo mais dinheiro do que venderam, que outra mercadoria, e João Affonso azou como os prendessem todos, e tomou-lhe as bestas e quanto levavam, retendo por prisioneiros aquelles que quiz, e então alçou voz por Portugal e se veiu pera el-rei, o qual lhe não houve por bem aquello que fizera, nem quantos d'esto fallar ouviam.

CAPITULO LXXIII

Como el-rei cobrou Almeida, não levando intenção de a cobrar.

Partiu el-rei da Valariça, que estava pobrada de pães quando ahi chegou, bem acerca de uma legua, que era no mez de maio, e pero el-rei defendesse que os não damnassem, não se teve seu mandado senão mui poucos dias, porque a força da gente muita não pôde escusar que se não prestasse d'elles, e foram todos gastados, que não ficou nada, e foi-se el-rei e o conde com todas suas gentes, e passaram o Douro por a comarca da Beira, e chegando el-rei ao pé do monte de Castel Rodrigo, que estava por Castella, não curou d'elle, nem fez alli detença, porque é forte, pois ia aviado pera entrar por Castella, e levou caminho de Almeida, que tinha voz de seus inimigos. Em este logar de Almeida a que el-rei chegou, estava por alcaide um castellão chamado Lopo Gonçalves pé

de ferro, que fazia d'elli guerra a Pinhel e a outros logares, que voz por Portugal mantinham; e el-rei pousou com suas gentes acerca do logar, não por lhe dar combate, mas por dormir alli aquella noite, e tanto que foi apresentado homens de pé, e moços e azemeis, viram estar colmeas a redor da barreira e cresceu-lhe vontade de as ir tomar, e começaram de bradar uns aos outros: — A Martim Annes, a Martim Annes. E d'aquelle Martim Annes eram as colmeas que elles queriam ir tomar; e com aquelle tom de fala e brados se foram a ellas pera as tomar. Os do Castello sahiram por os defender, e tanto contenderam sobre esto os de dentro com os de fóra, que já começava de ser escaramuça; e el rei lhe mandou dizer que não escaramuçassem d'aquella guisa; que sua tenção não era combater aquelle logar, mas ir seu caminho adiante, como ia; e a escaramuça se encendeu tanto de rijo, que foram a ella mui bons escudeiros e cresceu muita gente do arraial. El-rei quando viu que se envolviam, e que lhe tomavam já as colmeas, mandou dar ás trombetas e tirar a bandeira, e encaminhou com suas gentes pera alli, e passando a cava de um forte curral de cerca de uma grão torre e bem defensavel, que ahi estava, acostaram vigões ao meio d'ella e começaram de picar a parede d'aquelle curral. El-rei vendo o esforço dos seus, e como o combate era cada vez maior, mandou que lhe não dessem vagar, e durou des o meio dia até sol posto, que foi forçado de o leixar, e tornaram-se a seu alojamento; porém mandou el-rei a Ruy Vasques de Castelbranco que guardasse aquella noite com gentes a porta da treiçam que se não lançassem alguns no logar. Em outro dia pela manhã,

ouvidas missas, mandaram dar ás trombetas, e todos armados moveram pera o logar. O alcaide quando viu el-rei ir d'aquella guisa, como já d'ante começaram depois o cerco do curral, e que entrando era por força poer fogo á porta da torre, disse que dessem arrefens por elle, e que iria falar a el-rei; deram então Gonçalo Vasques Coutinho por sua segurança, e preitejou com el-rei que a elle e todos os do logar leixassem sahir com o seu, e que lh'o daria, e a el-rei prougue dello; e d'esta guisa o cobrou e deu-o ao dito Ruy Vasques de Castelbranco, e ficou logo ahi por alcaide, onde sabei que este logar de Almeida fôra cercado em tempo d'el-rei D. Fernando e d'este rei D. João de Castella, de que fallamos, e pero jouvesse sobre elle sete semanas, e lhe tirassem com troens e béstaria, e o combatessem, não pôde porém ser entrado, posto que logar chão seja, porque é defensavel, e tomou-o el-rei a escudo e lança des hora de comer até noite, não indo percebido pera o filhar.

CAPITULO LXXIV

Como o conde mandava queimar um escudeiro por um caliz que tomou de uma egreja, e foi preso Affonso Pires.

Em esta entrada, que el-rei fez por Castella, ordenou que fossem suas gentes por tres partes; comsigo reteve aquelles que lhe aprougue, e o Condestabre mandou diante com sua vanguarda, e Martim Vasques, e Gonçalo Vas-

ques, e outros, que por inveja não eram bem de accordo com o Condestabre, haviam de ir por outra parte, e ante que o conde partisse, adiantaram-se com suas gentes por tomar a Frolhosa e S. Felices, logares pequenos que estavam no caminho, de fracas cercas e pouca defensão, e esto por levar aquella honra ante que o conde chegasse, e tomaram primeiro a Frolhosa, que era muito pequeno logar; e quando foram mais adiante, cuidando cobrar S. Felices, não lhe foi assim ligeiro d'haver, porém vendo os de dentro que não haviam poder de se defender a tanta gente, como ia, disseram que lhe prazia de o dar ao Condestabre. E sendo já o mestre de Christo, e Martim Vasques e outros todos aposentados, e o conde chegou e deram-lhe o logar, e assim foram ambos cobrados e roubaram-nos de todo, e leixaram-nos desamparados. Ora não fazendo sermão de algumas razões que outros escrevem, que estes fidalgos com o conde houveram, em que não houve nenhum arruido, elle partiu d'alli e foi-se a Fonte Guinaldo, que é termo de Cidad Rodrigo, onde esteve uns tres dias, e estando alli, lhe disseram que um bom escudeiro, que chamavam Gonçalo Gil de Veiros tomara um caliz de uma egreja, por a qual razão o mandou prender, e por inquirição certa, sabida a verdade que fôra assim, porque elle estranhava muito tirar nenhum da egreja, nem tomar d'ella cousa alguma, mandou que o queimassem, e sendo já a lenha junta e o fogo aceso, vieram ao Condestabre todos os capitães e cavalleiros da hoste pedir-lhe por mercê que o não matasse, e o conde o não queria fazer, e tanto o houveram de o aficar que lh'o entregou contra sua vontade, e degradou o

de sua companhia, e assim escapou. D'alli partiu o conde, e foi-se a outro logar, que chamavam Revoreda, e a noite que ahi chegou, foi tão estranha de chuvas e tempestades, que quebrou o esteio da tenda onde elle jazia, de guisa que cuidou ser morto, e todas as suas gentes cuidavam que a sanha de Deus vinha sobre elles, tanto era o tempo esquivo e forte; e no seguinte dia prouve a Deus de se correger de todo, e com estas aguas o pão, que fôra segado na Valariça, se corregeu tambem, que muito d'elle se aproveitou depois. D'este logar mandou o Condestabre muitas gentes á forragem ás aldêas de Valderenho, que é um valle mui formoso e de muitos vinhos, e d'alli trouveram abundancia d'elles e assaz de gados, de que o arraial era minguado. Acerca d'este valle está um castello que chamam Santinhanes, que é commenda da ordem de Alcantara, de que era commendador e alcaide um cavalleiro freire d'essa ordem, que chamavam Rodriga Annes, que já vivera com o Condestabre em esta guerra, ante que se fosse pera Castella pera o mestre D. Martim Annes; e emquanto este Rodrigo Annes andou com o Condestabre, sempre pousava com outro bom escudeiro, que chamavam Affonso Pires, homem a que o conde queria grande bem, e eram ambos tanto amigos, que de amizade verdadeira parecia não falecer nada; e acertou-se que entre aquelles que foram á forragem a aquelle Valderenho, que foi este Affonso Pires; e aquelle Rodrigo Annes, alcaide de Santinhoes, quando soube que elle ia n'aquella companhia, enviou-lhe rogar que o fosse vêr, ca elle não podia leixar o Castello pera ir a elle, segurando-o da ida, e vinda e estada.

Affonso Pires fiado da antiga amizade, des-ahi ser portuguez como elle e mais aquella segurança, foutamente o foi vêr, e como chegou, Rodrigo Annes o prendeu e tomou por prisioneiro; e porque o mestre D. Martim Annes queria mal a Affonso Pires por palavras, que em outro tempo houvera com elle, sendo commendador do Pedroso, de que este Rodrigo Annes sabia parte, porém o mandou ao Mestre com intenção de o matar, o que elle bem tinha em vontade de fazer. O Condestabre quando isto soube, desprougue-lhe muito e quizera logo ir cercar o logar; e porque era mal azado pera lhe poer cerco sobre elle, escreveu á pressa ao Mestre que lh'o enviasse, e o Mestre lh'o enviou logo, não embargando o mal que lhe queria; e esto puzemos por avisamento como nenhum em tempo de guerra deve fiar de amigos nem compadre.

D'alli partiu o Condestabre e foi com sua avanguarda caminho da cidade de Coria, e pousou seu arraial antes que el-rei chegasse.

CAPITULO LXXV

Como el-rei chegou a Coria, e poz seu cerco sobre ella.

Partiu el-rei de Almeida, onde o leixamos, e foi seu caminho perto de Cidad Rodrigo sem achar nenhum que lhe embargo pozesse, posto que boas gentes em ella estivessem, e des-ahi passou por Gata, que é logar chão, e roubaram no e outros logares, que são pelo pé da serra, até que

chegou á Ribeira de Coria, e d'alli corriam as gentes contra Plasencia e Galisteo, e outros logares que por alli ha; e quando foi sobre este logar achou já ahi o Condestabre, com o qual jantou esse dia, e pozeram seu arraial acerca de Coria em uma gran veiga que ahi ha, e ficava o rio de Alagove que vae pelo pé da cidade, entre o arraial e ella, e logo como os da hoste chegaram, tomaram uns sete ou oito lavradores que andavam fóra, e falando a Gonçalo Vermuiz, que estava no logar, que lhe desse certo pão e mantimento por elles, elle lhe prometteu algumas cousas de comer por lh'os darem; e os que sobre esto fallaram, disseram que lhe desse mais, e elle respondeu dizendo que se lh'os dar quizessem por aquello que promettera, se não que os levassem pera comer, e fariam d'elles tres iguarias, cosido, e assado e chacina; — «ca vos juro em verdade, disse elle, que se vos podesse tolher a agua d'esse rio, que não bebesseis d'ella, que vol-a tolhesse, mórmente dar-vos ainda mais mantimentos, digo-vos que não quero». Então tomaram isso que lhe davam porque d'elles não tinham outro proveito.

El rei de Castella a esta sazão era na cidade de Burgos, não ousando descercar Coria, e porque Martim Vasques e outros fidalgos da companhia, que dissemos, não chegaram ainda, juntou o Arcebispo de Toledo mil e quinhentas lanças pera vir a elle, cuidando que seriam até trezentas lanças, pouco mais ou menos, segundo lhe disseram; e quando houve d'elles vista e viu como era verdade que seriam até uns oitocentos, não lhe ousou poer a praça, e tornou-se a Salamanca; e esta cidade é pequena e quizera-a el-rei cobrar, não por riqueza nem grande proveito que se lhe d'ello seguisse; salvo

porque era perto de seu reino e estavam n'ella por sua defensão aquelle Gonçalo Vermuiz, de Coria, que era um bom cavalleiro natural do logar, que se trabalhava de o bem defender com aquelles que comsigo tinha.

Estando el-rei assim apozentado, gentes do arraial foram á forragem com intenção de chegar a um logar, que chamam Ervas, que eram tres leguas, por quanto diziam que havia ahi muitos vinhos, de que o arraial era minguado; e indo com tal vontade perto de Granadilha, que eram até oito leguas do arraial, acharam azemulas acerca do sol posto que vinham carregadas de vinho d'aquelle logar de Ervas e iam pera Plasencia. Os capitães que eram em guarda da forragem, houveram conselho de não ir mais por diante, e tornaram-se ao arraial com aquellas azemulas, com que chegaram em outro dia, e com muito gado vacaril e porcum.

CAPITULO LXXVI

Como el rei combateu a cidade de Coria, e das razões que disse Ruy Mendes.

Depois que Martim Vasques e aquelles fidalgos, com o concelho de Lisboa e as outras gentes chegaram, tomou el-rei vontade de combater a cidade, e porque era no mez de junho e faziam mui grandes calmas adoeciam alguns, e el-rei vendo esto alevantou seu arraial, e aposentou-se áquem do rio acerca da cidade; e então ordenou o combate e armaram uma escala rasa, não

bem ordenada pera combater, que el-rei devisara sobre Chaves; e começaram sua obra, e da parte de onde el-rei combatia com aquelles que o acompanhavam, era Antão Vasques, o qual por mostrar ardideza bradando com seu appellido: «chegar, chegar,» chegou tão perto do muro que d'aquella parte não tinha barbacam, que deu com a adaga em elle aquellas vezes que quiz, não por não ter outra arma com que dar, que tão pouco prestava aquella, mas porque a adaga o fazia mais ajuntar que outra cousa, isso mesmo o seu alferes acerca d'elle se ajuntou ao muro tanto, que lhe deram de cima com uma mui gran pedra e mataram no, e alguns pavesados chegaram alli contra vontade dos do muro, não embargando as muitas pedras que lançassem, e tiraram-no fóra e levaram-no d'aquelle logar.

D'outra parte combatia Martim Vasques da Cunha com outros fidalgos, e o concelho de Lisboa e outras gentes. O Condestabre com os de vanguarda pozeram-se em armas todos, mas não combateram nada, porquanto o conde não fôra em conselho de combater o logar, nem lhe prouvera d'ello, dizendo que pois não tinha artificios com que se ajudar podessem, que tal combate com as paredes mais era morte de homens que honra, nem proveito, e que elle não queria que lhe matassem a gente debalde por nenhuma guisa, salvo de onde se podesse gançar alguma honra, o que em tal combate não sentia.

A cidade era bem forte de muro, e torres e boa gente, e o combate que lhe então dessem não prestava nenhuma cousa; e affastaram-se afora tornando pera seu arraial, sendo alguns d'elles feridos de

virotões e pedradas, vindo a altas vozes bradando Antão Vasques:

— «Capadocia, Capadocia, façamos el-rei Imperador».

El-rei na tenda, segundo parece, não foi bem contente d'alguns que se não chegaram como elle quizera; des-ahi, fallando nas cousas que se no combate aqueceram, veiu a dizer como em sabor:

— «Gran mingua nos fizeram hoje este dia aqui os bons cavalleiros da tavola redonda, ca certamente se elles aqui foram, nós tomaramos este logar».

Estas palavras não poude ouvir com paciencia Mem Rodrigues de Vasconcellos, que ahi era com outros fidalgos, que logo não respondeu, e disse:

— «Senhor, não fizeram aqui mingua os cavalleiros da tavola redonda, que aqui está Martim Vasques da Cunha, que é tão bom como D. Galaz, e Gonçalo Vasques Coutinho, que é tão bom como D. Tristão, e eis aqui João Fernandes Pacheco, que é tão bom como Lançarote, e assim d'outros que viu estar acerca; e eis-me eu aqui que valho tanto como D. Quea; assim que não fizeram aqui mingua estes cavalleiros que vós dizeis, mas faze-nos a nós aqui mingua o bom rei Arthur flôr de lis, senhor d'elles, que conhecia os bons servidores fazendo-lhe muitas mercês porque haviam desejo de o bem servir».

El-rei vendo que o haviam por injuria, respondeu entonce e disse:

— «Nem eu esse não tirava afora, ca assim era companheiro da tavola redonda, como cada um dos outros».

Então lançando o feito a riso d'aquesto e d'outras cousas, leixaram tal rezoado e fallaram nas destemperadas calmas que n'aquelle logar faziam,

CAPITULO LXXVII

Das razões que el-rei houve com o Condestabre, sobre o cercar dos logares.

O conde ouvio dizer estas razões que el-rei com os seus fidalgos houvera, e porque sua vontade não se outorgava em cerco de logares, segundo por vezes tinha dito, des-ahi, porque aquelle dia nenhum dos seus trabalhara de combater, como os outros faziam, bem entendeu que por esto, e por cousas algumas que el-rei vira de que lhe não prouvera, se demovera a dizer aquello; e quando em o outro dia veiu a vêr el-rei acintemente por departir em esto, travou estando em taes razões, porque vieram a fallar uns com os outros, se era melhor e mais honra do rei cercar villas e logares a outro rei seu inimigo, posto que algumas d'ellas não tomasse, ou andar com a sua hoste correndo-lhe a terra á sua vontade?

El-rei ouvindo esto sobre que de partir queriam, tomou a tenção do cerco das villas, dizendo que era melhor e mais honra, dando em ello muitas razões que seriam longas d'escrever, entre as quaes principalmente dava esta: dizia que mais honra era ao rei cercar um logar de seus inimigos, que lhe correr e roubar a terra, porque tendo-lhe cercado uma villa ou cidade, mostravam-lhe em ello gran sobrançaria, tendo-lhe os seus cercados e esfaimados, e matando-os dentro com trons e engenhos, e elles afincados escreverem-lhe que lhe viesse accor-

rer, e não ser ousado a vir nem mandar, e depois tomal-os por força ou preitezia, á vontade do que os cercava, e ella tomada mantel-a em seu reino, e d'alli sahindo-lhe a correr a terra e gastando-lhe o termo, sem lhe poer embargo.

— «E tal villa tomada, disse el-rei, não me dareis nenhum que a depois venha tomar por força, mas entrega-se por trautos ou preitezias, como já vimos por vezes, e quanto esto é de mingoa e doesto a el-rei, cujo logar é tanto de honra e louvor a aquelle que toma, porém digo por mim que em quanto me Deus der azo como o fazer possa, que sempre entendo de fazer esta guerra.»

— «Senhor, disse o conde, eu bem entendo quanto vós dizeis e já por vezes em esto hei fallado; mas além de o rei fazer guerra por lhe darem paz, que é assaz justa, e boa ha se de fazer, por tal guisa que não seja com deshonra e perda d'aquelle que a fizer, mas com honra e proveito, e pensando eu muitas cousas acerca d'esto, acho que tal cousa se não segue no cerco dos logares da guisa que vós contaes. A primeira, por as muitas gentes que convém ao rei ajuntar por ir fazer taes cercos, pera os quaes cumpre gran soldo que haver não pode assim de ligeiro, sem primeiro lançar peitas ou mudar de moeda, que é gran perda do povo, e além d'esto gran carriagem, que lhe mister faz d'artificios e mantimentos com muita boiada, e homens que vão com ella com grande cuidado e fadiga, e des-ahi se é tal logar como este, mingoa d'aguas e de mantimentos que faz aos homens comer taes cousas porque geram em si grandes dôres, assim como já aqui começam de adoecer; pois os vossos doentes e sem saude vêde que serviços vos hão de fazer».

—«E como não adoeceram elles, disseram outros, que já aqui ha muitos que não comem senão trigo cozido com carne de porco e bebem agua em vez de vinho, e ainda a agua é tão suja, por ser já de lixo de bestas, que a não pode ninguem beber, e d'esta tal não ha hi avondo que já vão uma legua e meia por ella, e ainda de noite como quem furta; e se alguem pode aqui haver trigo e d'elle quer fazer farinha, alquia a mó a aquelle que a tem, e moe, e trez alqueires a aquelle que a leva, e leixa dous a seu dono da mó, e leva elle não mais de um: vêde se vae bem maquiado».

—«Ainda mais, disse o conde, outra cousa que vós não dizeis, que sempre nos cercos vereis correnças e maleitas, e outras dôres de pouca saude, ás vezes pestelença com que as gentes são muito anojadas, des-ahi com aqueste cajon dos combates em que se acerta morrer taes fidalgos, que valem mais que o logar todo, outros que mata um villão com uma bésta ou pedra que deita do muro, sem bem nenhum que por sua mão faça; e tendo o rei tal villa cercada, que por então filhar não possa, é-lhe gran mingoa e prasmo com mui pouca sua honra, e de dez que cerque não tomará trez; e ellas tomadas com taes trabalhos e perlongas, sahem as gentes assim enfadadas depois da partida de taes cercos, que são depois mui maus de se ajuntar, se se acerta de os reis os haverem mister e manteudos por gran tempo taes logares com grande nojo e gastos, tornam-se depois a cujos eram, por trautos ou d'outra guisa, que os reis ligeiramente outhorgam por enfadamento que já d'elles tem. E os que correm a terra de seus inimigos bem é de cuidar que lhe não fazem menos guerra, nem com mais pouca sua honra, que os que

lhe cercam e tomam os logares. O rei já primeiro não ha mister tantas gentes nem taes despezas, nem artificios, e os seus juntam-se de melhormente para tal guerra, porque tem estas vantagens, que elles acham pão e vinho, trigo e cevada, e aguas e fruitas, e d'outras cousas avondo pera mantimentos, e alguns logares se lhe dão de seu, cuidando de serem tomados por força, e outros lhe peitam grandes dadivas de mantimentos e dinheiro, por lhe não queimar os arrabaldes; assim que sempre andam avondados e lédos, e suas bestas bem fartas e grossas, e esto não sente um logar só, mas sentem-o por quantos termos passam, e o logar que é cercado, elle só é o que o sente, e quando vão á forragem, já é com grande mingoa, e compre de ir entonce longe, ca derredor já todo é gastado, e ha mister muita gente pera ir em guarda e que fique o arraial seguro; e pelos campos toda a gente té o capitão prestes pera qualquer cousa que lhe avier.

«E quanto é a honra que dizeis de lhe tomar a villa em seu reino, eu hei por tanta honra andar-lhe correndo e roubando a terra com grande proveito dos meus, e não m'o vir tolher ninguem; e nos cercos aquece ás vezes serem tão minguados do que mister hão, que taes hi ha que por uma canada de vinho dão o soldo de um mez, e assim d'outras cousas que os arraiaes são fallecidos.

«Pois gente afaimada e cheia de nojo vêde que vontade terá de pelejar, e porém quando partem dos cercos rogam a Deus que nunca os mais lá levem, assim vão enfadados e cheios de mingoa, e os que andam pelos campos todos vão com boa melhoria, e comem de graça e poupam o soldo, e não fazem menos guerra, como já disse, que tendo villa

cercada, ou por ventura mais e bem parece pela resposta que el-rei de Castella deu ao escudeiro de Martim Gonçalves, dizendo quanto lhe tinha em serviço defender Chaves por tamanho espaço, porque em quanto vós alli fostes deteudo poderieis muito mal fazer em seu reino que elle mais sentiria, segundo parece, que a tomada de tal villa, posto que boa seja.

«E vêde mais por o que disse quando chegou a Santarem, fugindo da batalha, que fallando na sua guarda d'aquelle logar e dos outros que a sua voz mantinham; e como Rodrigues Alvares se não atrevia de ficar em elle, tornou entonce a dizer a todos:

— «Pois assim é, cujo foi o campo, suas sejam as villas; e vós, senhor, se a batalha não pozereis, cuido que inda vós ora tivereis por tomar Leiria, e como foi vencida, todos se vos deram como vós quizestes.

«E por tanto minha tenção é a quem quer que por vosso serviço fizer guerra, que nos campos me ache sempre cada vez que me buscar quizer, mas posto que eu esto diga segundo por vosso serviço entendo, vós senhor, porém, fazei todo o que vossa mercê fôr, e eu servir-vos-hei por onde quer que me mandares».

Com estas razões que o conde fallava, se tinham muitos dos que as ouviam, outros senhores louvavam as que el-rei dizia por lhe comprazer, mas não de vontade, as quaes duraram por tamanho espaço que foi a el-rei forçado ouvir missa, e comer mais tarde d'aquello que tinha em costume.

CAPITULO LXXVIII

Como el-rei descercou Coria, e se tornou pera seu reino.

HAVENDO inda mui poucos dias que el rei tinha este logar cercado depois d'aquelle combate, que lhe pouco empeceu, segundo dissemos, lançou-se dentro na cidade Gonçalo Lopes de Goes, com trinta homens d'armas de Rodrigo Alvares Santoyo, e se alguns aqui escrevem que por azo d'estas lanças, e por uma cava que lhe el-rei mandou fazer, que foi mal guardada, se levantou de sobre ella, não deis fé a taes escrivães, pois não souberam parte da verdade, ca el-rei por trinta homens que se em ella deitassem, não havia de leixar tal cerco, nem cava alguma não lh'a mandou fazer d'aquelle geito, que se a fizera, não a começara em tal logar que os cercados houveram d'ella vista nem novas, ca logo não valera nada e elle continuar quizera seu cerco; ca ainda não havia mais de tres edomas que jazia sobre ella; mas as gentes começaram a adoecer de maleitas, e outros de má maneira por mingoa de mantimentos, especialmente de pão e de carnes de que o arraial era mui fallido, e comiam trigo cozido como arroz, porque não tinham d'onde haver moenda, de guisa que mais eram já os doentes que os sãos, e taes desejavam de o ser, por ter azo de se partir da hoste; outros fingiam que o eram atando pannos nas cabeças, porque el rei mandava levar os doentes a um logar de seu reino

que chamam Penamacôr, que era d'alli treze leguas, e homens d'armas com elles em guarda; outros fugiam sem licença e tornavam-se pera a terra, e el-rei quando sentiu esto, começou de os vêr por pessoa e bem conheceu de muitos que não eram doentes; e o conde e os do conselho, vendo tal cousa, disseram a el-rei:

— «Senhor, que fiuza podeis vós ter em taes homens pera vos servir, nem fazer nenhum bem por suas mãos, quando não sendo elles doentes, fingem signaes de grande doença.»

El-rei conhecendo esto, e que por mingoa de artificios não podia muito prestar tál cerco, ordenou de se partir d'elle e se tornar pera seu reino; e vindo pelo caminho, não se quiz armar de nenhumas armas, e disseram-lhe alguns dos seus porque se não armava, ou sequer vestisse uma cota, respondeu que não era razão, pois elle vinha pera Portugal, que se armasse contra Portugal, e chegou el-rei a Penamacôr e d'alli mandou as gentes dos concelhos cada uns pera d'onde eram, e chegou o pendão de Lisboa a essa cidade aos quinze de julho, bem acompanhado d'aquelles que o levaram, e de outros muitos que o sahiram a receber com grande festa e alegria.

Entonce se foi o conde pera Riba de Odiana, e el-rei partiu pé terra pera Santa Maria de Guimarães, a que promettera de ir; e n'esta jornada morreu Alvaro Pereira, marichal da hoste, e deu el-rei aquelle officio a D. Alvaro Gonçalves Camello, priol do Esprital, e indo el-rei por seu caminho, veiu-lhe recado, segundo alguns contam, que el-rei de Castella se fazia prestes de o vir buscar e a pelejar com elle, porquanto em seu reino eram já duas mil lanças de francezes e por capitão d'ellas o senhor de

Longa Villa. Mas esto não foi assim, nem cureis de tal razoado, e se cuidares que eram as duas mil lanças que el-rei de França lhe promettera de enviar, não foi este o anno que ellas vieram, ca el-rei de Castella estava entonce em Çamora assás bem mingoado de gentes de seu reino, por as muitas que havia perdidas des que se esta guerra começára, e tinha mui pouca vontade de lhe poer batalha, posto que alguns estrangeiros francezes de seu grado se viessem pera elle.

E se alguem quizer aqui dizer que não embargando as gentes que perdera, que bem ajuntara el-rei outras de seu reino com que puzera outra mór batalha, se lhe prouvera de o fazer, verdade é que assaz d'ellas tinha, mas porque os reis quando fazem guerra, mórmente onde lhe apraz de ir por seu corpo, levam sempre as melhores que tem, e acertando-se de perder batalha alguma com ellas, de má mente torna com as que escapam, e muito peor com as que leixam, portanto mandam buscar estrangeiros tendo em elles maior fiuza que nos seus, assim como el-rei de Castella então fez, porém certo foi que a el-rei de Portugal chegou aquelle recado, dizendo que el-rei de Castella se fazia prestes de o vir buscar, posto que assim não fosse.

El-rei, cuidadoso por esta razão, mandava chamar todas suas gentes, e foi-se logo á cidade de Lamego, onde fique por ora, mandando seus recados a quem lhe aprouguer, e nós passaremos o mar, pois que é verão, por ir vêr em tanto o que fazem em Inglaterra os embaixadores, que vae em quatro annos que lá são.

CAPITULO LXXIX

Do recado que el-rei enviou a seus embaixadores, e como souberam em Inglaterra que elle era feito rei.

Bem sereis lembrados que no começo d'estes feitos, quando el-rei sendo Mestre tomou cargo de regedor e defensor do reino, como enviou por seus embaixadores requerer a el-rei de Inglaterra que desse logar ás gentes do seu reino, a que prouguesse de o fazer, que por seus dinheiros o viessem ajudar a aquella guerra em que era posto, e que se o duque de Lencastre, seu tio, quizesse vir demandar o reino de Castella, que lhe por direito pertencia, que lhe offerecia toda a ajuda por mar e por terra, da guisa que lhe prouvesse.

E como lá foram por esto o mestre de Santiago, D. Fernando Affonso de Albuquerque e Lourenço Annes Fogaça, chanceller-mór do reino, os quaes partiram de Lisboa postrimeiro dia de março de mil quatrocentos e vinte e um, posto que primeiro já outros fossem, e a resposta que de lá veiu, e depois em Coimbra, quando o Mestre foi alçado por rei, enviou seu recado e outra procuração a estes mensageiros, que por este negocio ainda lá eram reteudos, em que lhe dava poder bastante pera tratar com el-rei de Inglaterra e com o duque de Lencastre, e assim outras pessoas de qualquer honra e estado que fossem, aquellas lianças e amizades que por prol e serviço do reino, è honra de sua pessoa entendessem, havendo por firme todo o que d'ante

1422 (ano 1381)

tinham feito e quanto d'alli em deante fizessem, e outras taes razões de abastança. Os quaes mensageiros fallaram a el-rei contando-lhe toda a ordedança que o povo em esto tivera, e como o Mestre, seu senhor, fôra alçado por rei, e por os fidalgos e gentes do reino, e como tinham enviado seus embaixadores ao Padre Santo, pedindo-lhe por mercê que houvesse por bem e firme sua eleição, e aprovasse quanto em ello haviam obrado, e assim era verdade que tanto que elle foi alçado por rei pelos fidalgos, logo os prelados e senhores, fidalgos e todo o povo das villas, cidades, que voz por Portugal tinham, fizeram saber ao papa Urbano por uma larga supricatoria, que levaram D. João, bispo de Evora, e Gonçalo Gomes da Silva, cuja concrusão brevemente tal era:

«Que por evitar grandes damnos e perigos das almas e corpos e bens, ficando os reinos de Portugal, por morte de el-rei D. Fernando, sem rei nem governador que os defender ouzasse d'aquelle scismatico a elle revel, que se chamava rei de Castella, entrando em elles forçosamente por os subjugar e destruir, sem ter o reino duque nem capitão, que acerca de sua governança algum cuidado tivesse, e por esto serem elles em grandes medos e trabalhos postos; que porém pediram por mercê ao mui nobre senhor D. João, Mestre da cavallaria da Ordem de Aviz, irmão do dito rei D. Fernando, que lhe prouguesse tomar encarrego de sua governança, e prover de taes remedios por que menos sentir pudessem os impetos de seus inimigos, o qual ajudado da divinal dextra os supportara esclarecidamente com nome de grande memoria; e porque pera remediar depois tamanhos males assim por mar como

por terra, não se podia achar mais conveniente modo que por providencia de rei que os ditos reinos sempre houveram; que todos juntamente na cidade de Coimbra inquirindo algum magnifico varão, que de real linhagem trouvesse seu nascimento pera d'elles ter cuidado, não fôra visto similhante entre elles áquelle que de os governar tinha o Regimento; e que entonce com devida madureza e discrição, por os grandes e commum povo a elle ser mais obediente, e mór espanto de seus inimigos, todos de um desejo e determinado conselho, em rei e senhor dos ditos reinos com grande festa e alegria, como a novo rei pertence, fôra em real honra posto, na qual se havia mui sagazmente e com gran desejo prestes; e pois com dignos favores e convenientes ajudas elle merecesse ser proveudo, que porém a Sua Santidade humildosamente pediam que esguardadas taes cousas cheias de necessidade, e não lei, por confirmação piedosa, graciosamente com elle dispensasse, que não embargando que fosse cavalleiro professo de tal ordem, que á Cistel se devia conformar, que livre e isentamente honra e nome de rei podesse ter e possuir, absolvendo-o por comprimento de apostolico poderio de todo atamento a esto contrario.»

CAPITULO LXXX

Como o mestre de Santiago e Lourenço Annes Fogaça foram fallar ao duque, e das razões que houveram.

Estas novas em Inglaterra sabidas como o Mestre fôra alçado por rei, e o modo que se n'ello tivera, passados não muitos mezes, chegaram outras muito melhores, dignas de grande prazer, as quaes os mensageiros foram muito á pressa contar a el-rei, de como el-rei seu senhor el-rei de Portugal vencera a el-rei de Castella em campo, dando d'esto suas cartas, e isso mesmo ao duque de Lencastre, a que logo foram dizer presente a duqueza sua mulher, contando-lhe como se todo passara, segundo o que por escripto e por certas novas haviam, dizendo em suas razões, fallando em esto, que pois elle havia direito nos reinos de Castella, e se d'elles chamava rei, que agora tinha tempo de os cobrar de todo, que pois el rei de Portugal havia de seus inimigos cobrado tão boa andança, elle teria n'elle tal amigo, como bem era de cuidar, e que em nenhum tempo podia tomar trabalho em que lhe esto tambem viesse a seu prazer e desejo, como entonce, e que faria muito de sua honra e proveito ordenar como passasse.

O duque outhorgava com o que elle dizia, mas por os feitos da casa de Inglaterra, em que até então fôra occupado, se escusava de o não poder fazer, e fallando em estas razões, a duqueza se fincou em

giolhos ante elle com a infanta Dona Catharina, sua filha, começou a dizer:

— «Senhor, de quantas boas andanças vos deu Deus n'este mundo em vossas guerras e trabalhos por os feitos alheios, parece-me que mais razão seria trabalhardes vós por vossa honra, e por cobrar herança que é minha e de vossa filha, de que estamos desherdados, ca o reino de Castella a mim pertence de direito, e não aos filhos do trédor bastardo que matou meu padre, como não devia.»

E em dizendo esto, choravam ambas, a filha e madre.

O mestre de Santiago vendo esto, começou de dizer ao duque:

— «Em verdade, senhor, a mim parece que estas senhoras vos pedem grande razão, que não digo eu havendo ellas comvosco tão grande divida como tem, mas já ellas seriam umas donas estrangeiras, que de vós não haveriam conhecimento, e pedindo-vos por mercê que lhe ajudasseis a cobrar o seu que lhe tem forçado, vós por o de Deus, e por mostrar que sois bastante de o poder fazer, trabalháreis de o poer em obra, quanto mais por o direito de vossa mulher; e por o ditado que já tomastes de rei, vós devieis de trabalhar d'ello com muito mór vontade, mórmente agora que vos tão bom azo vem á mão.»

— «Verdade é, disse o duque, todo o que vós dizeis, e eu muito ha que o trago em cuidado, mas por a guerra de Escossia, de que me escusar não pude, onde já fui por duas vezes por ordenança do Conselho de Inglaterra, que me rogaram que lh'a puzesse em fim, pois el-rei era em tal edade que por o seu corpo a fazer não podia, portanto não pude esto fazer, nem poer em obra, mas ora a Deus gra-

ças, pois que a guerra é em tal ponto com honra da Casa de Inglaterra, em que eu posso ser bem escusado, eu vos prometto que eu me trabalhe de mui cedo passar a Hespanha demandar o reino, que meu é, de guisa que ellas nem outro nenhum não haja razão de me em esto fallar.»

Entonce a duqueza com sua filha lh'o tiveram em gran mercê. E isso mesmo os embaixadores, e foram-se pera as pousadas.

CAPITULO LXXXI

Como o duque fallou a el-rei e aos do conselho sobre sua vinda pera Hespanha, e lhe foi outorgada licença.

O duque depois d'esto, presente el-rei e os do conselho, e outros grandes senhores que por este azo aquelle dia foram juntos, fez recontamento dos muitos serviços que ao reino havia feitos, e como sempre andara em grandes trabalhos, assim em vida d'el-rei seu padre como depois que seu sobrinho reinara, e esto por levar adiante a honra e o bom estado da casa de Inglaterra. E posto que elle tivesse razão de o fazer, por o gran divido que em ella havia, des-ahi por el-rei ser em tal edade, que o por seu corpo não cumpria fazer, que elle não errava em nenhuma cousa, posto que taes serviços ante a sua mercê apresentasse, des-ahi disse como todos bem sabiam como elle era casado com a mór filha de el-rei D. Pedro, rei que fôra de

Castella, a que o reino por direito pertencia, e não a aquelle que o tinha por força, e elle tomara porém já havia dias titulo de rei de Castella, e sua mulher nome de rainha, tendo em vontade com ajuda de Deus e sua de o haver de ir conquistar, mas por as guerras que dito havia, em que até entonce fôra embargado, o não podera fazer. E ora a Deus graças, pois que seus feitos estavam em bom assocego, que el-rei queria ir demandar seus reinos, o que mui bem podia fazer, pois tinha el-rei de Portugal em ajuda, que havia guerra com seu adversario, e porém pedia a el-rei por mercê que lhe desse licença e o ajudasse, pera poder passar a Hespanha e dar fim a este negocio, que tanto era sua honra e da Casa de Inglaterra.

El-rei que seria entonce pouco mais ou menos de vinte annos, fallou com aquelles com quem esto cumpria de fallar, e accordaram que era bem de lhe outorgar aquello que pedia, e pera se esto melhor fazer, e seus feitos serem melhor encaminhados, que cumpria primeiro tratar boa liança e amizade com el-rei de Portugal, em que estava grande ajuda de sua requesta.

E entonce ordenou el-rei pera esto de trautar por sua parte dois honrados cavalleiros de seu conselho e um doutor em leis, os quaes com o mestre de Santiago e Lourenço Annes Fogaça concordassem esta amisade como melhor entendessem, por bom assocego e honra dos reinos ambos, e que o duque se fizesse em tanto prestes de gentes e navios pera sua passagem, e mandasse pedir a Portugal algumas naus e galés pera irem com elle, e este foi o recado que chegou a el-rei quando jazia sobre Chaves, como já ouvistes.

CAPITULO LXXXII

Da liança e amizade que foi tratada entre el-rei de Inglaterra e el-rei de Portugal.

FAZENDO-SE o duque prestes, e encaminhando sua passagem, os embaixadores portuguezes tratavam em tanto com aquelles que el-rei escolhera, suas avenças, em que despenderam assaz de espaço por se concordar em boa amizade, e um dia, que eram nove de maio da era que então corria de quatro centos e vinte e quatro, no castello Vuindesque, que são sete leguas de Londres, no paço que tinham costume de fallar, presentes tres honrados bispos e o duque de Iorca, tio d'el-rei, e outros senhores e nobres barões, pera ouvir esto alli chamados, aquelle doutor Richarte Ronhalet, em alta e clara voz propoz perante todos, dizendo d'esta guisa:

Proposta da liança entre os reis de Portugal e Inglaterra

Aquelle deve ser o santo proposito dos que direitamente reinam e a final intenção dos que justamente tem senhorios, que o bem commum dos seus subditos amem muito mais que o seu, e que o anteponham aos proprios e particulares proveitos, e com taes defendimentos a republica a elles sujeita devem ter guarnecida, que, lançadas fóra todas as cegas torvações que a esto contradizem, o fiel povo per taes senhores e principes manteudo, não só em

bemaventurança seja acrescentado mas sob deleitavel folgança de paz, que todos desejar devem em as adversidades seja conservado e defeso, a qual cousa certamente então se espera ser mais cedo posta em obra, quando taes reis e principes christãos em inteira unidade e perfeita obediencia da Santa Madre Igreja de Roma, em uma vontade concordam por amor não partido. E porém o muito alto e esclarecido principe, digno de temor e honra, el-rei Richarte, nosso senhor, vendo e esguardando bem no exame de sua profunda consideração todas as cousas a esto pertencentes, des-ahi com accordo de seu conselho, lhe praz de trautar e firmar com o mui nobre rei D. João de Portugal e do Algarve, seu parente e amigo, esta seguinte amizade:

Primeiramente que por bem publico, amizade e folgança de seus reinos e subditos, seja entre elles e os herdeiros que depois vieram boa e firme paz por sempre, por nenhuma guisa britada, e que um ao outro dê soccôrro e ajuda contra quaesquer pessoas que sejam, salvo Venceslau, rei dos Romãos, e D. João, rei de Castella, duque de Lencastre, tio d'el-rei nosso senhor, que contra estes se não entenda, nem isso mesmo contra o papa Urbano, que ora é, sob cuja obediencia e todos seus successores canonicamente elegidos, ambos devem de viver.

Outrosim que todos, e cada um vassallo dos ditos reinos, assim ecclesiasticos, prelados como duques e barões, como quaesquer pessoas de maior estado d'estes até o mais pequeno, possam livremente e seguramente ir de um reino pera outro, terras e senhorios, e partidas d'elles, assim por comprar e

vender, como por estar quanto quizessem e partir se lhe prouver, sendo recebidos e honestamente tratados com honra e bom gazalhado, segundo a condição de cada um, pagando taes pessoas aos reis e senhores das ditas terras seus direitos e costumes, qual se usar nos logares onde se acontecer de viver.

Item, que por nenhum modo não convenha aos ditos reis, ou a alguns dos seus subditos de qualquer grau e dignidade que seja, que dê conselho e favor, ou ajuda por mar, nem por terra, a alguma nação de gente revel e contraria a cada um d'elles, mas que cada um dos ditos reis, e os que depois vierem, sejam teudos e obrigados que os contrarios de cada um ajudem a destruir com todas suas forças, e se alguns de seus subditos contra isto quizerem obrar, logo em outro detimento seja dignamente punido por o senhor cujo fôr, á vontade de qualquer d'elles a que fôr feita a offensa.

E ainda mais outra cousa, que se pelos tempos que ande vir, cada um d'estes reis ou seus herdeiros, quizer ajuda do outro por qualquer guisa que seja, que lh'o faça a saber primeiro por seis mezes, e a parte requerida seja teuda dar a aquelle tempo o melhor que o bem poder fazer, sem engano e má tardança, pedindo pera os seus razoado soldo, ou segundo concordarem aquelles que pera ordenar isto forem escolhidos.

E estes capitulos e outros de liança concordavel por sempre, foram entonce alli contractados, que mingoa não fazem de vêr.

CAPITULO LXXXIII

Como o duque partiu de Inglaterra, e aportou em Galliza.

Os trautos firmados e a liança feita, o duque se fazia em tanto prestes pera passar a Hespanha poderosamente.

Em esto chegou um dia Affonso Furtado, capitão de Portugal, com as naus e galés que de Lisboa partiram quando el-rei jazia sobre Chaves, a um logar do duque de Cornualha, que é chamado Fauviel, e achou hi Lourenço Annes Fogaça, que por cousas algumas de sua embaixada era então alli vindo, e tornou-se com elle nas galés a Londres. Pera esta vinda do duque foi junta em Andona, e em Preamua gran frota de naus e outros navios, e toda a gente se veiu a estes logares pera haverem em elles de embarcar, e d'alli partiu o duque e seguiu sua viagem, com intenção de aportar em terra de Galliza do senhorio de Castella; e vindo pelo mar com vento contrario, foi lhe forçado tornarem a Bretanha a um logar que chamam Biestes, castello bem forte d'aquelle ducado, o qual Roberto de Lison, condestabre de França, com muitas gentes tinha então cercado, e mandára fazer perto d'elle, a tiro de virotão, um castello de madeira quanto se podesse obrar de forte, em que se recolhiam d'aquellas gentes, e tinham todos seus mantimentos; e quando viram vir aquella frota, bem entenderam que eram inglezes, pela gran fama que d'antes soava, e conhe-

cendo que vinha alli o duque, começaram de fugir os mais d'elles, e muitos se metteram dentro no castello, e o duque sahiu em terra com suas gentes, e começaram de o combater.

Os de dentro, com temor da morte, defendiam-se rijamente, e vendo que não havia n'elles defensão, pediràm por mercê ao duque os leixasse sahir á vida, e que tomasse o castello com quanto n'elle estava; e ao duque prouve d'ello e feze-o destruir, e cobraram os inglezes muitos mantimentos e outras cousas que os inimigos em elles tinham, e ficaram por entonce seguros. E d'alli seguiu o duque sua viagem com tempo rezoado que lhe sempre fez, e chegou á villa da Corunha, onde desejava de pousar sua frota, e foi esto em dia de Santiago, vinte e cinco de julho da era que já dissemos, de quatrocentos e vinte e quatro e eram por todas cento e trinta velas bem armadas e com muitos mantimentos, entre as quaes vinham grandes doze naus, que de Portugal foram com as galés, e afamadas gentes que o duque alli trazia eram duas mil lanças e trez mil archeiros, e estes de boa gente, afóra outros muitos que não contavam com elles, de que eram capitães mui honrados senhores e fidalgos, assim como Monseur João de Olanda, condestabre d'esta hoste, que vinha esposado com D. Izabel, filha do duque, irmão d'elrei de Inglaterra, da parte da madre aquelle que entonce reinava, e o senhor Escalas, e o senhor de Ponins, e o senhor de Danstringes, e o senhor de Ferros e seu irmão monseur Thomaz Frecho, e monseur Thomaz Simon, e monseur Richarte Burley, que era marichal, monseur Richarte Persi e monseur Thomaz Persi, o moço, e monseur Aber-

ni, e monseur João Falcon, e monseur Baldovin de Freul e outros cujos nomes não fazem mingua; onde sabei que seis galés de Castella, que andavam correndo a costa de Ingraterra quando o duque ajuntava esta armada, sabendo como havia de partir, mas não sendo certos pera qual porto, vieram-se vindo primeiro pera Galliza, e jaziam no rio de Botanços, trez leguas da Crunha, não pensando que esta armada chegasse, des-ahi pareceu-lhe segura jazida, e aquelle dia que o duque chegou, por ser festa de Santiago e n'aquella terra de gran romagem eram todos os patrões, e muitos outros d'ellas visitar a sua igreja, qué eram d'alli dez legoas.

As galés de Portugal e outros navios pequenos, como d'ellas houveram vista, metteram-se pelo rio acima, e os galeotes que n'ellas estavam quando se viram sem patrões e sem gentes d'armas, antes que as de Portugal a ellas chegassem, desampararam-n'as logo fugindo todos quem melhor podia, e os portuguezes acharam em ellas muitas e boas cousas que estas galés andaram roubando na costa de Inglaterra e em navios que pelo mar tomavam, e o duque ordenou entonce que todos os navios que com elle vieram, que se tornassem pera suas terras, e ficaram os navios e galés que de Portugal foram.

CAPITULO LXXXIV

Das palavras que o duque enviou dizer a el-rei de Castella, e da resposta que por seus mensageiros mandou.

Mais longe convem que nos leve esta historia, segundo a ordem que cumpre dizer do que á primeira tivemos tenção, porque contando todo o que ao duque aqueceu na Hespanha, o que se deve por meudo escrever, faz mister que digamos logo o que lhe aveiu com el-rei de Castella, des-ahi as cousas que depois com el-rei de Portugal tratou, e como fizeram ambos sua entrada, e quanto tempo em ella duraram, então poel-o d'accôrdo com seu adversario e tornal-o pera Inglaterra, ca pois que o discreto entendimento deseja de saber a verdade de todo, nós não o fazendo d'esta guisa, ficaria a historia indeterminada.

Porém d'estas quatro cousas, a primeira que vos logo offerecemos, certamente se passou assim: que como o duque foi em Galliza, enviou recado a el-rei de Castella, e não por seu irmão como alguns dizem, ca o não trazia comsigo, mas por outrem, e lhe fez saber que elle era vindo em aquella terra, como já ouviria contar, e que trazia comsigo a rainha D. Constança sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro, rei que fôra de Castella e de Leão, por haver aquelles reinos que seus eram de direito, os quaes entendia de cobrar, pois lhe pertenciam. E que se elle dizia que não era assim, e lh'os embargar qui-

zesse, que elle o queria levar por batalha, aventurando poder a poder.

El-rei da Castella recebeu bem o mensageiro e deu-lhe algumas joias, e enviou dizer ao duque que veria sua embaixada e que lhe enviaria resposta por seus mensageiros mui cedo; e logo d'ahi a poucos dias el-rei de Castella enviou a elle D. João Serrano, priol de Guadalupe, chanceller mór do sello da puridade e um cavalleiro, que chamavam Diogo Lopes de Medrano, e um doutor em leis e degredos, que diziam Alvaro Martins de Villa Real; e havendo primeiro seguro, chegaram á cidade de Orense, onde o duque entonce estava, e des que foram ante elle com bom gazalhado e recebimento, disseram que sua mercê fosse de lhes dar de si uma audiencia, e elle disse que lhe prazia, e que dissessem o como a queriam, se de praça se de segredo, e elles responderam que perante os do seu conselho, e o duque lh'o outorgou; e um dia, estando com elle os capitães e os maioraes de sua companha, fez vir ante si aquelles mensageiros, e disse-lhes que propuzesssem a embaixada que de seu senhor traziam, que elle prestes era de a ouvir, e que por temor nem receio não leixassem d'ella nenhuma cousa, que seguros eram de dizer por sua parte todo o que por seu serviço entendessem, e elles tiveram-lh'o em mercê, e o priol começou e disse assim:

— « Senhor, el-rei de Castella e de Leão, e de Portugal, meu senhor nos envia dizer que a elle disseram, dias ha, que vós aportastes em seu reino n'esta terra, em um logar que chamam Crunha, terra de Galliza, com grande armada de naus e d'outros navios, e muitas gentes em elles, e que

vos chamaes rei de Castella e de Leão, e taes armas trazeis e signaes, dizendo que estes reinos vos pertencem de direito por herança de vossa mulher que comvosco trazeis, filha que foi d'el-rei de Castella D. Pedro, e dizem-lhe que vos quereis ajuntar com o Mestre de Aviz, que se chama rei de Portugal, pera entrardes em seu reino, mostrando que o haveis de conquistar e haver, e que sobre esto lhe enviastes vosso recado, dizendo que o querieis livrar por batalha, aventurando poder a poder; e meu senhor vos responde assim: — que elle tem e possue os reinos de Castella e de Leão por justo titulo e herança direita, e que vós não fostes bem informado por quem vos fez entender que vossa mulher tinha n'elles melhor direito, e que se esto quizerdes demandar perante aquelle que de tal feito pode ser juiz, que elle é prestes pera de si fazer direito e justiça, e pois elle esto quer fazer, que elle vos requer, da parte de Deus que lhe não entreis em seus reinos, nem lhe damneis suas terras, e se o assim não quizerdes cumprir, que entendei que o fazeis com orgulho e soberba, e não por direito que entendaes de ter, e faz d'esto juiz ao Senhor Deus.

CAPITULO LXXXV

Das razões que disseram mais ao duque os outros dous embaixadores.

O priol acabou sua razão, e calou-se sem mais dizer, e o duque pensando que aquelle só fallára por todos, quizera logo responder áquello, e entonce disse Diogo Lopes:

—«Senhor, seja vossa mercê, que pois o doutor e eu somos vindos em companha do priol, por mandado d'el rei nosso senhor, que vos diga cada um de nós aquellas razões que nos mandaram dizer, e depois se a vossa mercê aprouver, podeis responder sobre todo.

E o duque disse que fallassem sobre o que lhe aprouvesse e que os ouviria de boa vontade, e Diogo Lopes disse assim:

—«Senhor, el-rei de Castella, meu senhor, vos envia dizer que vós lhe enviastes recado como vós haveis no reino de Castella muito mór direito, que não elle, e que se elle dizia que não era assim, que vós lh'o combaterieis poder por poder. Ora a esto vos diz el-rei meu senhor, que ha nos reinos de Castella mór direito que vós, e se vós dizeis que não, que elle se combaterá comvosco, corpo por corpo, e dez a dez, e cento por cento, qual vos mais prouguer, porquanto por serviço de Deus, e escusar espargimento de sangue de christãos, que poder por poder não o quer esperar.»

E como este acabou, logo o doutor Alvaro Martins começou a dizer assim:

—«Senhor; e eu por parte d'el-rei de Castella, meu senhor, e por guarda de todo seu direito, vos digo d'esta guisa: que os reinos de Castella e de Leão que vós demandaes por azo de vossa mulher, dizendo que ha em elles direito por ser filha d'el-rei D. Pedro, a esto respondo que salva vossa senhoria, vossa mulher a duqueza D. Constança não ha em elles nenhum direito, e a razão porque, é esta:

«El-rei D. Affonso, que foi eleito por imperador, era filho d'el-rei D. Fernando, que ganhou Sevilha a mouros; este D. Affonso houve dous filhos, ao primeiro disseram D. Fernando de Lacerda, e ao segundo D. Sancho. Este D. Fernando, que era o maior, o herdeiro do reino, finou em vida d'el-rei seu padre, leixando um ligitimo filho, que chamaram D. Affonso, assim como seu avô; e este segundo infante D. Sancho, com receio que de seu padre houve, que quizesse encaminhar como herdasse os reinos de Castella e Leão este seu neto D. Affonso, filho do dito D. Fernando seu primogenito filho, tomou a administração d'elles e desherdou el-rei D. Affonso seu padre, por a qual razão não lhe deu sua benção quando morreu, ante o privou de qualquer herança que lhe nos ditos reinos por alguma guisa pertencesse, e assim o leixou em seu testamento, o qual hoje em dia parece. E sendo n'este passo, morreu el-rei D. Affonso seu padre sem mais avença que entre elles houvesse de serem concordados; e por esta guisa D. Sancho não podia herdar, pois que o padre o desherdara em seu testamento, como dito é. E mais ainda por outra forçada razão que é esta, porquanto os reinos de Castella e de

Leão de direito pertencem aos herdeiros do infante D. Fernando, que era primogenito filho d'el-rei D. Affonso . Assim, que D. Sancho não podia herdar, nem el-rei D. Fernando, seu filho, que depois foi rei, nem el-rei D. Affonso, que era seu neto, e tão pouco el-rei D. Pedro nem vossa mulher, que é sua filha; quando tal herança demandar quizesse, mais razão era demandal-a D. Izabel pera seu filho, que é varão, que D. Constança vossa mulher, ainda que a nenhum pertença. E fallando esto, senhor, com reverencia, presente vossa pessoa, ca pois que eu hei de dizer e mostrar todo o direito que entender por parte d'el-rei meu senhor, convem que nomeie vossa mulher, por cujo azo entendeis haver direito n'estes reinos, mas herda em elles direitamente el-rei meu senhor, D. João, vindo da linhagem dos de Lacerda, que sua madre a rainha D. Joanna era bisneta do infante D. Fernando de Lacerda, e por direito é herdeiro d'estes reinos, e se aqui, senhor, ha alguns lettrados, que contra esta razão alguma cousa dizer queiram, eu sou prestes pera tal deputação e provar por direito todo esto que digo.»

O duque ouvio todo mui bem o que os mensageiros disseram, e acabada sua embaixada, disse que elles faziam como bons e leaes servidores, em dizer por parte d'el-rei seu senhor todo o que entendiam e lhes era mandado, e pois já era hora de comer, que fossem jantar, e que elle lhe mandaria depois dar a resposta; então se foi assentar, e feze-os comer comsigo, fazendo-lhes bom gazalhado e toda honra.

CAPITULO LXXXVI

Como o duque deu sua resposta a estas cousas que os embaixadores disseram.

Logo em este dia, depois que o duque comeu, houve seu conselho com esses senhores e letrados que com elle vinham, e no outro dia seguinte mandou vir perante si os embaixadores, e disse a um bispo natural de Castella, criado d'el-rei D. Pedro, padre de sua mulher, que sempre andava com ella, que já pera esto era avisado, que respondesse áquelles mensageiros, o qual respondeu a cada um, segundo a ordem que levaram em propoer, e disse d'esta guisa:

— «Priol, vós direis a vosso senhor, tedor dos reinos de Castella e Leão, que meu senhor, rei de Castella e Leão e duque de Lencastre, que aqui está, é vindo a esta terra, que é sua, por causa e razão de sua mulher minha senhora, a rainha D. Constança, filha legitima d'el-rei D. Pedro, e vosso senhor, que se chama rei d'ella, ha gran tempo que a tem por força, e assim fez seu padre, e tem meu senhor el-rei que vosso senhor que ora possue estes reinos, é teudo de lh'os tornar com todas as rendas e proveitos, que elle e seu padre até ora d'elles houveram, e mais os damnos que el-rei meu senhor, por tal azo ha recebido, e as despezas que por esto ha feitas, e faz em cada um dia, emperam por o Deus querer fazer assim, que vosso senhor lhe desembargue logo, sem outra contradicção, os

ditos reinos que assim detem, e el-rei meu senhor e a rainha sua mulher lhe querem quitar todo o que ha levado elle e seu padre, e lhe deixam as despezas que por tal azo tem feitas, e de todo o damno que por esta razão tem recebido, e se o assim fazer não quizer, meu senhor el-rei o entende de livrar por divinal juizo que julgue estas cousas.»

E dada resposta a este, disse depois a Diogo Lopes:

— «Cavalleiro, vós dizei assim a vosso senhor que el-rei meu senhor, que aqui está, brevemente lhe diz que elle ha direito nos reinos de Castella e de Leão por parte de sua mulher a rainha D. Constança, filha legitima herdeira d'el-rei D. Pedro seu padre, e quando esta razão não valesse, que outras muitas e certas tinha, de que se bem ajudar pode, quando elle entendesse de poer este feito a demanda, o que elle não cuida de fazer.

CAPITULO LXXXVII

Das razões que mais amadeu o que dava a resposta por parte do duque.

RESPONDENDO áquelles dois esto que tendes ouvido, emadeo a estas razões, e disse contra o doutor:

— «Vós dizeis em nome de vossos senhor que el-rei D. Sancho desherdou D. Affonso seu padre, e que por esta razão o padre não lhe deu a sua benção nem o herdou em seu testamento, e que segundo esto nenhum seu descendente não póde

herdar os reinos de Castella, pois o não herdava el-rei D. Sancho.

A esto responde el rei meu senhor, que aqui está, que segundo elle pôde ser informado, el-rei D. Sancho não fez erro contra seu padre, como vós dizeis, ca em vida d'el-rei seu padre, nunca se el rei D. Sancho chamou rei, mas vendo os fidalgos do reino de Castella e de Leão como aquelle rei D. Affonso era prodigo e gastador, e ministrava mal os bens do reino e não se havia bem nos feitos da justiça, tiraram-lhe a administração e provimento dos ditos reinos, e encommendaram-n'o então a este infante D. Sancho, que depois da morte de seu padre foi rei, e dizem, que o dito rei D. Affonso, pero que soubesse que a eleição do imperio de Allemanha não fôra a elle feita em concordia, salvo algumas poucas vozes que por sua parte houvera, desejando de ser imperador, lançou no reino mui grandes peitas, e foi-se até Avinhão, onde o Papa entonce estava, pedindo-lhe que o coroasse, e esto com muitas companhas e grandes despezas, e o Papa o não quiz fazer, e tornou-se pera o reino, leixando-o mui gastado e bem estruido; e mais que elle casou uma sua filha bastarda, que disseram D. Beatriz, com el-rei D. Affonso de Portugal, conde que foi de Bolonha; e por azo d'este casamento lhe deu certos logares que Castella n'aquelle reino havia, e lhe quitou o feudo que el-rei de Portugal era teudo por elles de fazer. Isso mesmo falleceu na justiça, que sem ser ouvidos de seu direito, mandou matar D. Fadrique seu irmão legitimo, e a D. Ximão dos Cameiros, que era um grão rico homem, e assim a outros fidalgos, por a qual razão D. Nuno, senhor de Lara, e D. Fernan-

do Rodrigues de Saldanha, e outros senhores e fidalgos se foram do reino pera el-rei de Grada; e quando foi dada sentença contra elle em Valhadolid a petição de todos os do reino que perdesse a administração, uma das razões que foram postas contra elle, foi esta: — que lhe devia ser tirada a espada da mão e a justiça, pois que mal usara d'ella; e assim se mostra seu regimento quejando era, o qual lhe tiraram e deram a seu filho o infante D. Sancho que depois reinou, e assim não errou contra elle o dito infante, que o padre o podesse desherdar, antes foi mui bom rei, e manteve o reino em direito e justiça, e guerreou aos mouros e ganhou d'elles a villa de Tarifa, e nunca em vida de seu padre se chamou rei. Outrosim el-rei D. Fernando, filho d'este rei D. Sancho, foi mui bom rei, e ganhou aos mouros a villa de Gibaltar e a villa e castello de Alcaudete, e seu filho el-rei D. Affonso, que muitos dos que são vivos o conheceram, sabem que foi mui nobre rei, e venceu os reis de Belamarim e de Grada na batalha de Tarifa, de que a christandade cobrou grande honra, e ganhoulhe as villas de Algezira, e Alcalá a Real e Teba, e outros castellos, e leixou por herdeiro seu filho el-rei D. Pedro, em edade pouco mais de quinze annos, e todos os do reino, assim senhores como prelados, e villas e cidades de Castella, todos o receberam por seu rei e senhor pacificamente, e sem nenhuma contradicção, e ainda D. Anrique padre de vosso senhor, tédor que ora é dos reinos de Castella e de Leão, lhe obedeceu entonce, e o tomou por seu rei e senhor; e assim tem el-rei meu senhor, que esta razão que vós dizeis, não ha logar em tal caso; outrosim o que dizeis não ha

logar, que vosso senhor vem de linhagem dos de Lacerda, e que por outra razão ha direito em estes reinos; a esto vos respondo que bem sabem em Castella como D. Affonso de Lacerda, filho legitimo d'esse infante D. Fernardo que vós dizeis, renunciou algum direito, se o no reino havia, por certos logares que lhe foram dados, de que houvesse gran renda de dinheiro, e que mais nunca trouvesse taes armas nem sello, como d'antes trazia, sendo d'este feito juiz el-rei D. Diniz de Portugual e el-rei D. James de Aragão, de que sobre esto houve feitas mui firmes escripturas, assim que esta questão que ora moveram, já dias ha que é cessada. E quanto é ao que tocaste da herança do filho de D. Izabel, bem é certo e sabem todos, que morto D. Affonso, filho d'el-rei D. Pedro, a que todo o reino tinha feito menagem de o receber por senhor, que el-rei ordenou depois côrtes, em que declarou por herdeiras suas filhas todas trez, assim como nasceram uma apoz outra, e que assim herdassem os reinos, e o fez jurar aos povos s. D. Beatriz primeiro, e acontecendo morrer sem filhos, herdasse D. Costança, e porende em disputação de lettrados el-rei meu senhor, e a rainha D. Constança sua mulher não hão que poer seu direito, salvo sendo elles primeiro restituidos á possessão dos ditos reinos, segundo os teve pacificamente el-rei D. Pedro, que d'elles foi legitimo possuidor, padre da rainha D. Costança minha senhora, que aqui é, e aquelles reis d'onde ella vem de mui gran tempo a cá. E sendo el-rei meu senhor e a rainha sua mulher restituidos em pacifica possessão dos ditos reinos, então lhe praz de mostrar seu di-

reito perante qualquer juiz, que pera esto fôr bastante».

Os embaixadores des que todo ouviram, disseram ao duque que elles haviam bem entendido quanto por sua parte fôra proposto, mas que elles se firmavam no que ante tinham dito, e pediram licença ao duque, e tornaram-se pera Castella.

Ora n'este logar escrevem alguns, que o priol de Guadalupe depois que á primeira disse sua embaixada, que fallou ao duque secretamente, dizendo que a principal cousa, porque o el-rei a elle enviara, assim fôra por lhe dizer da sua parte, que elle não havia mais de uma filha de D. Costança sua mulher, que era neta d'el-rei D. Pedro, e que elle tinha um filho lidimo, que chamavam D. Anrique, que se a elle prouvesse de casarem ambos, que seriam depois herdeiros dos reinos, e cessaria esta questão e contenda, e emadem mais, que acabada esta resposta de dar aos embaixadores, que o duque mandou a Castella com elles um cavalleiro chamado Thomaz Persi, e que se tratou entonce o casamento do infante D. Anrique com D. Cathelina, filha do duque, promettendo-lhe el-rei gran quantia d'ouro por com elle ser d'accordo; a outros despraz de tal razoado, dizendo que não foi assim, ca se o casamento fôra então tratado e firme, não se seguiram depois taes revoltas e desvairos, como adiante vereis, ca elle entendia de cobrar o reino, ca era mais honra que tal casamento, e não é de cuidar que logo assim á pressa por lhe esto moverem sem mais ser acceitado, desse fim a sua requesta.

CAPITULO LXXXVIII

Que homem era o duque de Lencastre e sua mulher D. Costança.

Nós parece errarem muito quantos n'aquelle tempo escreveram a vinda d'este duque, e casamento d'el-rei com sua filha, não poer que homem era e o linhagem d'onde vinha; e pois que a preguiça de taes auctores foi madre d'este error, e as cousas tostemente passam e se dão a esquecimento, por se esto de todo não perder de memoria, queremos em breve aqui membrar quanto a nosso proposito fizer, quem foi seu padre e madre, pois que os reis de Portugal com elle tem tão gran divido, onde segundo tão tarde apanhar podemos, deveis de saber que el-rei de Ingraterra D. Duarte, o quarto, houve da rainha D. Izabel sua mulher, cinco filhos varões. O primeiro, segundo costume de nosso fallar, que foi o principe de Galles, chamaram D. Eduarte, assim como seu padre, e o segundo houve nome D. Leonel, que foi duque de Clarença, ao terceiro disseram D. João, o quarto D. Edmondo, o quinto Thomaz Vlestoque, que foi duque de Grossestre.

E tornando a fallar do terceiro e quarto filhos, aconteceu d'esta guisa, que sendo aquelle D. João infante solteiro, casou com D. Branca, filha herdeira do muito honrado e excellente principe D. Anrique, duque de Lencastro, um senhor mui rico e de alta linhagem, e em autos de cavallaria mui famoso; e

por bem d'este casamento, sendo o padre d'ella já finado, cobrou elle a honra do sogro, que á filha succedia, e foi chamado duque de Lencastro.

Este D. João houve d'esta sua mulher duas filhas e um filho. A primeira houve nome D. Isabel, que foi casada com Monseur João de Olanda, conde de Huntinglon, irmão d'el-rei Richarte de Ingraterra, da parte da madre.

A segunda houve nome D. Felippa, que d'esta vinda ficou casada com el-rei D. João de Portugal, de que fallamos. O filho houve nome D. Anrique, que primeiro foi conde de Arbid, e des-ahi duque de Heresfort, e depois da morte de seu padre foi duque de Lencastro, e em fim foi rei de Ingraterra; e assim foram depois d'elle D. Anrique seu filho, e isso mesmo D. Anrique seu neto.

Ora assim foi, como tendes ouvido, que el-rei D. Pedro de Castella estando em Sevilha, e sabendo que el-rei D. Anrique seu irmão se coroara em Burgos e tomara titulo de rei, e lhe diziam que vinha sobre elle, fugiu da cidade, e passou por Portugal e se foi a Galliza, e d'ahi a Bayona, lugar de Inglaterra, levando comsigo suas trez filhas D. Breatiz, e D. Constança e D. Isabel; e feitas suas avenças com o principe de Galles sobre aquella ajuda que lhe fazer havia, foi posto nos trautos entre elles concordados, que até que o principe e suas gentes houvessem pagamento de todo o que haviam de haver, ficassem suas filhas por maneira de refens em Inglaterra.

E a batalha feita, como contamos, e el-rei em posse do reino, tornou-se o principe bem mal contente, sem lhe ser feito pagamento.

Foi el-rei depois vencido e morto, como já ou-

vistes, e ficaram estas infantes orphãs de todo sem terras, nem rendas, nem outra cousa que tivessem; e fallecendo D. Beatriz, por sua morte ficaram as duas em grão desamparo.

Em esto acertou-se de fazer fim de sua vida D. Branca, mulher do duque de Lencastro; e o mui poderoso e mui excellente sr. D. Eduarte, rei de Inglaterra, vendo a orphandade d'estas infantes, e usando d'uma grande e façanhosa grandeza, casou a maior d'ellas, chamada D. Constança, com este D. João duque de Lencastro, e D. Izabel, a mais pequena, com o seu quarto filho D. Edmondo, conde de Cambrix, que depois foi duque de Yorca; o que veiu a este reino em tempo d'el-rei D. Fernando, como em seu logar compridamente puzemos.

CAPITULO LXXXIX

Como o duque partiu de Corunha e houve a cidade de Santiago.

Este D. João, duque de Alencastro, era homem de bem feitos membros, comprido e direito, e não de tantas carnes como requeria a grandeza do seu corpo, e seria de edade de sessenta annos, de poucas cãs, segundo taes dias, e de boa palavra, não muito trigosa, misurado e de boas condições, trazia comsigo sua mulher e filhos, chamando-se em suas cartas rei de Castella e de Leão, e dos outros logares que se em tal ditado costumam poer, e trazia nas bandeiras e sellos castellos e leões, posto que trouvesse com ellas miscladas as armas

de França e de Inglaterra, e sua mulher chamavam rainha D. Constança, e suas filhas infantes, por bem d'aquelle ditado, e nas cartas e desembargo punha o Duque por signal: (nós El-rei), e sua mulher D. Constança escrevia (la Reyna).

O duque na Corunha, como dizemos, estava no logar por guarda d'elle um bom fidalgo gallego, chamado Fernão Perez de Andrade, com gentes quantas pertenciam, mas não pera tal poder, e tendo que lhe não prestava defensão que provar quizesse, mandou ao duque que elle lhe queria obedecer e fazer seu mandado, e que não havia por que se alli mais deter; mas que se fosse logo a Santiago, que era o principal logar d'aquella comarca, e cobrado aquelle, tomados eram todos, e des-ahi pelo reino adiante, ca elle não tinha nenhuma referta.

O duque houve estas por boas razões, e partiu-se pera aquella cidade, que eram d'alli dez leguas, com sua mulher e filhos, e com toda sua gente; e porque elle não entrou na Corunha e não se apoderou do logar, leixando alcaide de sua mão, como é costume, disseram alguns que o não tomara, e contavam isto a Fernão Perez por grande sageza, e ao duque por gran simprizidade.

O duque em Santiago cobrou logo a cidade, e assim pela maior parte toda a terra de Galliza, sem outra peleja, nem combate de logares, vindo-se pera elle muitos cavalleiros gallegos e castellãos, promettendo-lhe villas e logares que tinham, e beijando-lhe a mão por senhor.

Os povos isso mesmo em bestas e carros lhe traziam muitos mantimentos, e cavallos a vender, as quaes cousas os inglezes compravam por acostumados preços á vontade do a que lh'os vendiam, sem

tomar a seus donos valor de um dinheiro, sob pena de perder a cabeça, qualquer que o contrario fizesse, segundo a ordenança do duque, o qual vendo este bom começo, cuidando que todo Castella lhe obedecesse por azo de sua mulher, como já dissemos, fez logo na Sé de Santiago tomar voz do Papa Urbano, e leixar a do que chamavam Clemente Setimo, e elegeram de novo arcebispo e daião, que pouco duraram n'aquella honra, ca D. João Garcia Manrique, arcebispo d'esse logar, andava entonce em casa d'el-rei de Castella, e não podia esto contradizer.

CAPITULO XC

Como el-rei soube parte da vinda do duque e se veiu ao Porto.

El-rei de Portugal estando em Lamego, onde o leixamos, quando partiu de Coria, trouveram-lhe novas João Gil do Porto e Gomes Eannes seu moço de estribeira, como o duque chegara á Galliza da guisa que dissemos.

O duque isso mesmo, segundo alguns affirmam, enviou logo a el-rei suas cartas, em que lhe fez saber como elle era vindo em Galliza, e aportara n'aquelle logar da Corunha, trazendo comsigo sua mulher e filhos, por cobrar o reino de Castella, que lhe per direito pertencia, e que lhe prazeria de se vêr com elle.

El-rei com taes novas foi assaz lédo, e veiu-se logo caminho do Porto, e alli teve conselho de enviar seus embaixadores ao duque, e mandar chamar o Condestabre e outros do reino, e fazer librés pera quando se houvessem de vêr.

E em esto aconteceu que Martim Rodrigues de Sevilha, que fôra com outras galés correr a costa de Inglaterra, e viera primeiro trazer novas a el-rei de Castella d'aquella armada que se contra elle fazia, que andava entonce no mar direito da cidade do Porto, e tinha alli o caminho a quaesquer navios de Portugal e de Inglaterra, com quem se tinha sua melhoria; e uma não bem clara manhã seguia aquella galé um navio de Portugal, por lhe fazer má companhia, e tendo-o já acerca tomado, sobreveiu uma nau de portuguezes, e com vento avondo chegou-se a ella, e matou-lhe muita gente, tomando-a por força, livrou o navio que tinham tomado, e trouve-a ao Porto com muita riqueza, que em ella andava, e Martim Rodrigues veiu preso na galé, o qual depois deu por si dez mil dobras, e solto, foi-se logo a Castella, e encavalgou-se e houve gentes, e veiu-se a Olivença, que tinha por Castella Pero Rodrigues da Fonseca; e vindo correr a Portugal, sahiram a elle do Redondo, e encalçaram-n'o e prenderam n'o, e foi morto por Estacinho de Evora, e logo acerca, passados poucos dias que Martim Rodrigues fôra tomado, vieram as naus e galés de Portugal que estavam na Corunha, e o mestre de Santiago e Lourenço Annes Fogaça em ellas, os quaes duraram fóra do reino, do dia que partiram de Lisboa até que chegaram á Corunha, trez annos e trez mezes, e vinte e cinco dias, e em uma vinha todo o thesouro do duque, o qual trazia pera fazer moeda,

de que fizesse pagamento aos seus, assim como a fez, e depois em Galliza e n'aquella cidade do Porto, que lavrou reales de prata, de sete dinheiros, e de seis, e outra moeda similhante á de dez soldos, que em Portugal corria, e tinha no cunho armas de Castella com outras mesturadas, e moeda mais pequena faziam outra pera acabar.

El-rei quando soube que o mestre alli vinha, foi-se á Ribeira pera o receber, e veiu-se o mestre com elle pera onde pousava, e alli fallaram por grande espaço em sua embaixada e cousas que lhe cumpriam.

O mestre vinha mui guarnido de roupas e armas, e apostamentos de casa, como aquelle que o bem fazer podia, segundo o poder que levava de tirar emprestado sobre as mercadorias do reino, emquanto tempo lá estivesse; e mandou logo á terra da Ordem por gentes e cavallos e bestas de serventia, e vinham-lhe assaz d'ellas, e muitos escudeiros e freires de sua ordem, e elle envolto na mundanal gloria, e muito privado d'el-rei entre os seus, mandou-o chamar a morte que o havia mister, e fez alli fim de seus dias; e houve el-rei de seus guarnimentos e cousas, quantas lhe prouve, e ficou-lhe uma filha pequena, que houvera de uma ingleza que chamavam Lora, que trazia comsigo, a qual el-rei criou, e casou depois por tempo com Gonçalo Vasques Coutinho, marechal de sua hoste, sendo elle então viuvo de sua primeira mulher, e foi esta chamada D. Joanna da parte do padre, que era mestre.

CAPITULO XCI

Como el-rei enviou fallar ao duque, e onde concordaram de se verem ambos.

ORDENOU el-rei de enviar seus embaixadores ao duque, e mandou lá Vasco Martins de Mello e Lourenço Annes Fogaça com suas cartas e mensagem, cuja final conclusão era: — que lhe prazia muito de sua vinda e da tenção que trazia, e que cumpria de se vêrem ambos por concordar e haver conselho, que maneiras haviam de ter no proseguimento da guerra de Castella, os quaes levaram caminho de Galliza e chegaram ao duque, onde pousava, a horas que levantava de jantar; e bem recebidos d'elle e dos fidalgos que eram presentes, logo sobre mesa lhe deram as cartas, e fallaram todo aquello por que eram enviados.

O duque sem mais delonga teve esse dia conselho, e concordado com os embaixadores, acharam que era bem de se vêrem á ponte de Mouro, entre Melgaço e Monsão, que eram dezenove leguas do Porto, e que o duque se fosse em tanto chegando áquelle logar; e el-rei isso mesmo partiria d'aquella cidade e levaria aquelle caminho.

Entonce comeram com o duque, e a ceia, em sala que mandou fazer a elles e aos senhores que com elles estavam; espedidos d'elle, tornaram-se com sua resposta.

Ora aqui dizem alguns que logo n'esta embaixada foi fallado sobre o casamento d'el-rei com uma das infantes, filha do duque, mas quando quer que fosse movido el-rei teve conselho sobre ello, no qual lhe muitos aconselharam que casasse com D. Cathelina, neta d'el-rei D. Pedro, dizendo que por alli lhe podia vir azo de herdar depois o reino de Castella.

Outros diziam com a infante D. Filippa, e a conclusão de todos foi que elle, a quem esto mais pertencia, escolhesse qual sua mercê fosse.

El-rei disse que pois a escolha havia de ficar n'elle, como era de razão, que sua vontade não se outorgava casar com a infante D. Cathelina, porque lhe parecia casamento d'arruido, e mistura de nunca perder guerra quem com ella casasse, por azo da herança que sua madre entendia de haver no reino de Castella. D'outra guisa deixando-a de fazer quem a houvesse por mulher, que lh'o contariam por mingoa, e seria por ella sempre prasmado e que pois a Deus graças elle estava com victoria de seus inimigos que lhe não entendia mover mais guerra, salvo por cobrar o que lhe tomado tinham, até que lhe dessem paz, e entonce viver assocegado governando seu reino em direito e justiça.

E ainda dizia el-rei que esto era muito melhor pera o duque, porque andando elles em guerra, poderia ser que falleceria a el-rei de Castella sua mulher, e casaria com esta infante, ou casaria com ella seu filho, que esperava de herdar o reino, e esto lhe vinha muito bem á mão pera cessar tal contenda com honra de um e outro, o que a elle avir não podia; e assim ficou determinado, prazendo a Deus, de casar com a infante D. Filippa.

CAPITULO XCII

Como el-rei e o duque se viram a primeira vez

Em passando assim estas cousas gastavam-se os dias, e era já no mez de outubro, e o duque chegou a aquelle mosteiro de Cella Nova, que é em Galliza, da ordem de S. Bento, no bispado de Ourense acerca de Milmanda, com sua mulher e filhos, e parte de sua gente. E el-rei partiu do Porto bem corregido e acompanhado, e entre os apostamentos que assim levava, deu a todos os que andavam com elle de cote, que seriam até quinhentas lanças, loudeis de fustão branco com cruzes de S. Jorge, e elle levava outro similhante de panno de sirgo branco; e com as outras gentes dos fidalgos podiam ser por todos dois mil, e levava entre cavallos, e mulas e facas bem quarenta, todas a destro, cobertas de suas armas e d'outros corregimentos como melhor se pôde fazer, como aquelle que se havia de vêr com um tão nobre senhor com que se ainda nunca vira.

E o Condestabre, que d'assocego estava em riba de Odiana quando se estas cousas começaram, quando viu o recado d'el-rei como o duque era em Galliza, e que por quanto se cumpria de vêr com elle, lhe mandava que se fizesse prestes e se fosse pera aquelle logar onde haviam de ser as festas, trabalhou logo de se correger, e com certos cavalleiros e escudeiros bem corregidos e encavalgados, partiu pera lá, e achou el-rei na Ponte da Barca, que de

sua vinda foi assaz ledo, e o recebeu mui bem; e indo assim seu caminho da parte d'aquem da Ponte do Mouro, o duque pareceu da outra parte, que vinha por apar de Melgaço, que estava entonce por Castella.

E el-rei quando viu que o duque assim vinha, passou da parte d'alem, e acertaram-se ambos em uma ladeira, e el-rei ia armado de todas as armas, que lhe não mingoava senão o bacinete, e muitos dos seus d'aquella guisa, e os do duque traziam cotas, e braçaes com jorneas borladas, e outros farpadas assaz de vistosos e bem corregidos, e vinham de mistura alguns gallegos e castellãos dos que se pera elle vieram e o receberam por senhor, e alli se receberam, abraçando-se e fazendo suas misuras com grande prazer e lédice, e estiveram um pouco fallando, e des-ahi passaram-se áquem do rio, onde el-rei tinha suas tendas postas, e alli se desarmaram e assentaram-se a comer, ambos de uma parte sem curando de parte direita nem esquerda, ca inda então não era em uso, e assim os que vinham com o duque.

E era esto primeiro dia de novembro, em festa de Todos os Santos, e depois que comeram, foi-se o duque pera seu alojamento onde pousava, e el-rei ficou alli.

Em outro dia armaram contra fundo do rio uma grande tenda, que fôra d'el-rei de Castella, tomada na batalha real, e alli faziam el-rei e o duque depois seus conselhos cada dia.

CAPITULO XCIII

Das avenças que el-rei e o duque trataram entre si.

As lianças e convenças, que el-rei e o duque alli trataram, contam alguns por desvairados modos, mas a verdade, que errar não pode, nos certifica que foram d'esta guisa:

El-rei, e o duque com os prelados e barões de sua falla, havendo sobre esto maduro conselho, ordenaram entre si que por bem e honra de suas pessoas, e estados de seus reinos, fossem ambos e seus successores, e povos a elles sujeitos, bons e leaes amigos, sem malicia nem engano, e que esta liança e amizade fosse junta e unida, de guisa que se ajudassem um ao outro, e isso mesmo seus herdeiros, contra quaesquer pessoas que conquistar quizessem seus reinos, ou parte d'elles, tão cedo e trigosamente como cada um bem fazer podesse; e que el-rei de Portugal em esta conquista, porque o duque era vindo, fosse teudo de o ajudar, fazendo guerra claramente contra o tédor dos reinos de Castella, e que a tivesse assim aberta contra elle e os tentes sua voz, e não cessando per nenhuma guisa, nem fazendo com elle paz nem tregua, e que esto se entendesse emquanto o duque, ou seus successores estivessem em esta terra por fazer tal conquista e cumpril-a, e que por esta guisa o dito senhor duque e seus herdeiros fizessem contra quaesquer pessoas, que tomar e occupar quizessem os reinos de Portugal ao dito rei D. João

ou seus descendentes, tendo guerra aberta por sua parte, no modo que dito é.

Ordenaram mais e firmaram que el-rei de Portugal com hoste de duas mil lanças, e mil besteiros e dois mil homens de pé, em sua propria pessoa ajudasse o dito duque contra o tédor dos reinos de Castella, e contra quasquer que da sua parte fossem, e que esta ajuda que lhe el-rei de Portugal havia de fazer, fosse á sua custa e despeza, e não que o duque houvesse de pagar a el-rei, nem a suas gentes soldo nem outra cousa, como alguus mal escrevendo disseram, o qual fosse prestes de encaminhar para fazer em ello começo des o primeiro dia das oitavas do Natal seguinte até o derradeiro de agosro, que eram oito mezes, e que cada um partisse d'onde melhor entendesse e se ajuntassem á entrada de Castella, onde por elles fosse divisado, e de alli cavalgassem juntamente, ou apartados, como lhes melhor parecesse, e se ante dos oito mezes acabados, o tédor dos reinos de Castella se mettesse em villa ou cidade, ou algum logar de seus reinos, que el-rei de Portugal estivesse em tal cerco com o dito duque, até que esse detedor fosse tomado, ou morto ou fugido. E se por ventura, durando os oito mezes, houvesse certas novas que o occupador dos reinos de Castella quizesse poer batalha ao duque, e o dia assignado pera ella passasse álem d'aquelle tempo, que em tal caso el-rei de Portugal fosse teudo attender até todo o mez de setembro ás suas proprias despezas, e ser na batalha em ajuda do dito duque. E se a batalha fosse feita, durando os oito mezes, que el rei de Portugal se tornasse pera seus reinos, onde lhe mais prouvesse; e tornando-se assim, se o duque

houvesse mister das suas gentes, que el-rei lhe desse licença e bom geito de ficarem, e esto á custa do duque, e aquecendo tal caso que depois que el-rei de Portugal tornasse pera seus reinos, viessem certas novas que o tedor dos reinos de Castella queria poer batalha ao duque, e o duque o mandasse requerer, que viesse a ella, que elle fosse teudo de ir com sua hoste, e ser presente por pessoa o mais á pressa que o fazer podesse, sem engano de detença; e feita por aquella vez tal batalha ou não, que el-rei de Portugal requerido por outra vez, não fosse teudo de ir a lá.

E pera mais abastança de liança de amizade e segurança d'essas cousas, ordenaram então e prometteram que o duque desse sua filha, a infanta D. Filippa, a el-rei de Portugal por mulher, e que el-rei a recebesse, havida primeiro dispensação pera que tal casamento fosse valioso, e que esta D. Filippa jurasse de receber a el-rei de Portugal por marido, havida primeiro aquella dispensação, e por bem e razão d'este matrimonio, e ajuda que d'el-rei de Portugal havia de haver á sua custa, ordenou o duque e sua mulher por si e por seus successores, por aquelle titulo de rei e de rainha que traziam, que elles dessem e entregassem a el-rei de Portugal pera sempre, pera a corôa de seus reinos, uma parte de Castella e de Leão, por villas e logares nomeados d'esta guisa: s.

A villa de Ledesma com seus termos, e o castello de Matilha, e o lagar de Monleon, assim como vae o caminho que se chama de plata com a cidade de Plazença, e d'ahi indo direito ao logar que dizem Grimaldo, e assim outro que se chama Canaveral, e des-ahi passando a Alconeta, e des-ahi a

Caceres e a Losca, e então a Minda e a Fonte do Mestre, e des-ahi a Cafra, e pelas torres de Medina, e des-ahi direito a Freixinal e quaesquer outras villas e logares que entre estes e os reinos de Portugal fossem contheudos, com todos seus termos e logradouros, salvo o logar de Alcantara e Valença de Alcantara.

E porque diziam que estas duas villas, e alguns logares acima nomeados, eram de certas ordens e cavallarias, ficou o duque que elle desse ás ordens, cujos fossem, outros tão bons por elles; quando se por algum modo fazer não podesse, que elle daria a el-rei em recompensação outros similhantes em renda e bondade, acerca de Portugal, os quaes houvesse a seu poder por sempre, quão cedo todos ou cada um d'elles viessem á obediencia do dito senhor duque, sem el-rei ser teudo de nunca a outrem conhecer superioridade.

E este foi o trauto da avença que entre elles foi firmada, e d'outra guisa não.

CAPITULO XCIV

Como el-rei partiu pera Riba de Odiana, e foi a infanta trazida ao Porto.

Feitas assim estas fallas, e concordadas como dizemos, chegaram alli de suspeita cartas dos embaixadores que havia mais de um anno eram partidos pera a Côrte, dizendo como acharam o Padre Santo em Genoa, e que apresentada ante elle a

supricação que levavam, e dita sua mensagem, que em todo o que lhe por sua parte pediram, benignamente dispensara, e que o rol era já assignado, e encaminhariam de tirar as lettras.

El-rei houve d'esto muito grande prazer, e o duque isso mesmo, e outorgou logo de enviar sua filha ao Porto pera a el-rei receber, e casar com ella quando pera ello fosse prestes, e lhe prouvesse de o fazer.

Em esto convidou el-rei um dia o duque e quantos cavalleiros ingrezes hi eram, e gallegos e castellãos que em sua companha vinham, e fez-lhe uma mui Real falla n'aquella tenda onde foram os conselhos, e em outras que armaram todas ao longo, uma ante outra, na qual Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal, era alli Veedor, assentando cada um, segundo seu estado, ás mesas onde haviam de comer, onde grandes fidalgos vinham, e serviam de toalha e copa, e d'outras cousas a tal convite pertencentes, e em fim da mesa fallaram por bom espaço, des-ahi mandaram-se algumas cousas um ao outro, e despediu-se o duque e foi-se pera Cella Nova, que eram d'alli umas quatro legoas.

El-rei, como foram concordados entre elles, mandou outro dia seus procuradores áquelle mosteiro onde o duque pousava s. D. Lourenço, arcebispo de Braga, e Vasco Martins de Mello o velho, e João Rodrigues de Sá com elles, e passados já trez dias, que eram aos onze de novembro que dissemos, a senhora rainha D. Constança presente el-rei seu marido, e a infanta D. Filippa sua filha e muitos fidalgos de sua casa, louvaram e approvaram os trautos que dissemos, por si e por seus successores, quanto a cada um pertencia, fazendo juramento de os guardar, e firmes escripturas sobre ello.

Em se seguindo esto, mandou el-rei tornar o conde a Riba de Odiana pera ajuntar as mais gentes que podesse, e elle veiu-se caminho do Porto, e desahi a Lisboa com muito poucos dos seus, porque os outros leixara entre Douro e Minho, onde o aguardassem até o Natal.

N'aquella cidade esteve sete dias, e d'ahi se passou a Alemtejo por dar aguça ao ajuntar das gentes, andando elle em este cuidado, e estando entonce em Evora, foi em tanto trazida mui honradamente de mandado de seu padre a infante D. Filippa á cidade do Porto, segundo dissemos que fôra accordado, onde foi recebida com gran festa e prazer, vindo muito acompanhada de inglezes e portuguezes assim como Monsieur João de Olanda, condestabre do duque, e Thomaz Perci, almirante da frota, e Richarte Burley seu marechal, e aquelle D. João Guterres, bispo de Acres, e o arcebispo de Braga e Vasco Martins de Mello, e João Rodrigues de Sá e outros que se cá lá foram, e pousou nos paços do bispo, que são muito perto da Sé d'esse logar.

El-rei partiu de Evora e o Condestabre com elle, e quando chegou ao Porto achou hi a infanta D. Filippa, sua mulher que havia de ser, e pousou em S. Francisco, e em outro dia foi vêr a infanta que ainda não vira, e fallou com ella presente aquelle bispo por um bom espaço, e espediu-se e foi jantar, e depois que el-rei comeu, mandou á infanta suas joias, e ella a elle, entre as quaes lhe enviou el-rei um firmal de ouro, em que era posto um gallo com ricas pedras e aljofar maravilhosamente feito, e ella enviou a elle outro, em que era uma aguia bem obrada com pedras de gran valor; e el-rei esteve alli poucos dias, e foi-se caminho de Guimarães, leixan-

do cargo a Gonçalo Pires, que então fez Veedor de sua fazenda, que lhe fizesse dar todas as cousas que a ella e a suas gentes pertencessem.

CAPITULO XCV

Como el-rei ordenou de tomar casa, e escreveu aos concelhos de seu reino.

El-rei n'aquella villa ordenando os feitos da guerra, vieram a fallar em seu casamento, e acharam que se no dia seguinte lhe não fossem bençãos feitas, que se não podiam fazer d'ahi a gran tempo, por a septuagesima que entrava, segundo costume da egreja, em que se não deve fazer tal officio, e por accordo de todos escreveu logo el-rei ao bispo do Porto que em outro dia tivesse todo prestes pera lhe fazer as bençãos; o bispo feze-o assim.

El-rei cavalgou este dia á tarde, e andou toda a noite, em guisa que, andadas aquellas oito leguas, amanheceu na cidade.

O bispo D. João já estava prestes revestido em pontifical, e seus beneficiados como cumpria.

A infanta foi trazida mui honradamente, dos paços onde pousava, á Sé, e alli em nome do Senhor Deus a recebeu el-rei, presente todos, por sua esposa e mulher lidima, fazendo-lhe tal officio o mais solemne que se lhe fazer pode; e esto foi a dois dias de fevereiro em festa da Purificação da Benta Virgem, e havendo entonce el-rei vinte nove annos,

e a infanta sua esposa vinte oito, e esto acabado, ordenou logo el-rei de fazer sua boda e tomar casa da quinta feira seguinte a oito dias, e escreveu ás cidades e villas de seus reinos quanto lhe prouguera serem em suas festas presentes, e a nota das cartas que a todos enviava, ia d'esta forma:

«Concelho e homens bons da nossa villa, ou cidade de tal logar. Nós el-rei vos enviamos muito saudar. Cremos que bem sabeis como havemos jurado e promettido de casar com a infanta D. Filippa, filha d'el-rei de Castella e duque de Lencastro. E ora estando nós em Guimarães prestes pera seguir nosso caminho, segundo bem sabeis, fomos requerido por o dito rei de Castella seu padre que a tomassemos por mulher, segundo havemos com elle posto, ante que d'esta terra partissemos, dizendo que o entendia assim por serviço de Deus e sua honra, e melhor adereçamento de seus feitos e nossos, porquanto nosso senhor o Papa havia já dispensado comnosco que podessemos casar. Houvemos sobre ello nosso conselho, e foi accordado que casassemos com ella antes que partissemos d'esta villa, e nós por isso viemos logo aqui á cidade do Porto, e fizemos com ella bençãos, hoje, que foi dia da Purificação de Santa Maria, porque se em este dia não foram feitas, não se poderam depois fazer até oito dias depois da Paschoa, segundo a ordenança da Santa Egreja, e entendemos, prazendo a Deus, de tomar nossa casa segundo a nosso estado cumpre, d'esta quinta feira que vem a oito dias, que serão quatorze de fevereiro, e sede certos que a nós prouvera muito de alguns de vós serdes em esto, e em toda a outra coisa que fosse feita por nossa honra, mas porque a nós cumpre de seguir-

mos logo nossa guerra, abreviaremos o tempo em que se esto havia de fazer, e porque entendemos que não podiades a ello vir por nenhuma guisa, porém vos fazemos saber todo, porque somos certos que vos aprazerá d'ello.»

CAPITULO XCVI

Como el-rei fez boda com sua mulher na cidade do Porto.

Não embargando que os dias fossem breves, por ordenança de tamanha festa, mórmente como n'aquelle tempo tinham em costume de fazer, encommendou el-rei a certos officiaes de sua casa e aos officiaes da cidade o encarrego que cada um d'esto tivesse, e com gran diligencia e sentido tinham todos cuidado do que el rei lhes encommendara, uns pera fazerem praças e desempacharem as ruas por onde haviam d'andar as gentes, outros de fazer jogos e trabalhos, e matinadas de noite, e fizeram mui á pressa uma grande praça ante S. Domingos e a rua do Souto, que era entonces todo hortas, onde justavam e torneavam grandes fidalgos e cavalleiros, que o bem sabiam fazer, e outra gente não.

Assim que toda a cidade era occupada em desvairados cuidados d'esta festa.

E todo prestes pera aquelle dia, partiu-se el-rei á quarta feira, d'onde pousava, e foi-se aos paços do bispo, onde pousava a infanta, e á quinta feira

foram as gentes da cidade, juntas em desvairados bandos de jogos e danças por todas as praças, com muitos trabalhos que faziam.

As principaes ruas por onde estas festas haviam de ser, todas eram semeadas de desvairadas verduras e cheiros.

El-rei sahiu d'aquelles paços em cima de um cavallo branco, em pannos d'ouro, realmente vestido, e a rainha em outro tal mui nobremente guarnida; levavam nas cabeças corôas d'ouro, mui ricamente obradas de pedras e aljofar de grande preço.

Os moços dos cavallos levavam as mais honradas peças, que ahi eram de grande preço, não indo arredados um do outro, mas ambos a egual, e todos mui bem corregidos, e o arcebispo levava a rainha de redea, e diante iam pipias e trombetas e outros instrumentos, tantos que se não podiam ouvir; donas filhas d'algo, e isso mesmo da cidade, cantavam indo detraz como é costume de bodas.

A gente era tanta que se não podiam reger, nem ordenar por o espaço, que era pequeno, dos paços á egreja; e assim chegaram ás portas da Sé, que era d'alli muito perto, onde D. Rodrigo, bispo da cidade, já estava festivalmente em pontifical revestido esperando com a cleresia, o qual os tomou pelas mãos, e demoveu a dizer aquellas palavras que a Santa Egreja manda que se digam em tal Sacramento.

Entonce disse missa e prégação, e acabando seu officio tornaram el-rei e a rainha aos paços d'onde partiram com similhante festa, onde haviam de comer.

As mesas estavam já mui guarnidas de todo o que lhe cumpria, não sómente onde os noivos haviam de estar, mas aquella onde era ordenado de comerem bispos e outras honradas pessoas de fidalgos, e burguezes do logar, e donas e donzellas do paço, e da cidade.

O mestre sala das bodas era Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal, servidor de toalha e copa; e d'outros officios eram grandes fidalgos e cavalleiros, onde houve assaz de iguarias de desvairadas maneiras de manjares.

Emquanto o espaço de comer durou, faziam jogos á vista de todos homens que o bem sabiam fazer, assim como trepar em cordas e tornos de mesas e salto real e outras cousas de sabor, as quaes acabadas alçaram-se todos e começaram a dançar, e as donas em seu bando cantando arredor com grande prazer.

El-rei se foi em tanto pera sua camara, e depois de ceia, ao serão, o arcebispo e outros prelados com muitas tochas accesas lhe benzeram a cama d'aquellas bençãos que a egreja pera tal auto ordenou, e ficando el-rei com sua mulher, foram-se os outros pera suas pousadas.

O padre da rainha, nem a duqueza não vieram a estas bodas, porque todo seu cuidado era em occupação de se chegar com suas gentes a aquelle logar onde el-rei fallara pera fazer sua entrada.

CAPITULO XCVII

Como el-rei deu casa á rainha e renda pera sua despesa.

Por quinze dias ante e depois, duraram as festas e justas reaes por honra d'esta boda, como dissemos, e não sómente n'aquelle logar, mas em todas as villas e cidades do reino; segundo a cada um eram, foram feitas grandes alegrias e trebelhos, como se então costumava; e ordenou el-rei casa á rainha e certa renda pera sua despeza, até que lhe désse, como promettera, terras pera governação de seu estado, e deu-lhe officiaes que a servissem, fazendo seu mordomo-mór D. Lopo Dias de Sousa, mestre de Christus em Portugal, e governador de sua fazenda Lourenço Annes Fogaça, e veedor da casa Affonso Martins, que depois foi priol de Santa Cruz, copeiro-mór Gonçalo Vasques Coutinho, e por elle Rodrigo Annes, criado d'el-rei, reposteiro-mór Fernão Lopes d'Abreu, e assim mantieiro e uchão, e outros officiaes necessarios. Isso mesmo confessor-mór e capellão-mór, e outros ministros do divinal officio, e escudeiros seus pera a acompanharem, inglezes e portuguezes, quantos viu que cumpriam. Mulheres pera a guardar e servir, Breatiz Gonçalves de Moura, mulher que fôra de Vasco Fernandes Coutinho, que lhe foi dada por aia, Donas, D. Breatiz de Castro, filha de D. Alvaro Pires, Tareja Vasques Coutinha, filha de Breatiz Gonçalves, camareira-mór da rainha, mulher que

foi de D. Martinho, filho do conde D. Gonçalo, Lianor Vasques sua irmã, que depois casou com D. Fernando, que chamaram de Bragança, D. Biringueira Nunes Pereira, filha de Ruy Pereira, que morreu na peleja das naus ante Lisboa, mulher que foi de Affonso Vasques Corréa, Briatiz Pereira, filha de Alvaro Pereira, marechal já finado, mulher que foi de Martim Vasques de Rezende; Lianor Pereira sua irmã lidima, que foi casada com Gomes Freire, e assim outras donzellas e mulheres da camara, quaes cumpria á honra de seu estado, e mandou que houvesse pera despeza de sua casa, até que tivesse terras, as rendas da alfandega e da portagem, com o Passo da Madeira, de que largamente podia haver vinte e cinco mil dobras bem prestes, se as todas dispender quizesse.

CAPITULO XCVIII

De alguns costumes e bondades da rainha D. Filippa.

Esta rainha D. Filippa foi nada de nobre padre e madre, assim como era louvada em sendo infante de todas bondades que á mulher de alto logar pertence, assim o foi, e muito mais depois que novamente foi casada e posta em real estado, á qual Deus outorgou marido concordavel a seu desejo, de que houvesse formosa geração de bemaventurados e virtuosos filhos, como adiante ouvireis, e porém nos fôra prazivel trabalho, podendo, louvar as virtudes que em ella houve. Mas

porque d'esto não somos bastante, cumpre espedir-nos d'ello muito em breve.

Esta bemaventurada rainha, assim como em sua mocidade era devota e nos divinaes officios esperta, assim o foi, e muito mais, depois que teve casa e a ordenou á sua vontade.

Ella rezava sempre as horas canonicas pelo costume de Salusbri, e pero elle seja não bem ligeiro d'ordenar, assim era em esto attenta, que seus capellães e outras honestas pessoas recebiam n'elle por ella ensinança, e todas as sextas-feiras tinha em costume rezar o Psalterio, não fallando a nenhuma pessoa até que o não acabava de todo, e quando era embargada por doença, ou constrangida por impedimento de parto, acerca de si lhe rezavam todo o que ella havia em costume, ouvindo-o muito devotamente, sem nenhuma outra torvação, e dos jejuns não cumpre fazer sermão, porque o fazia muito a meudo, nem do lêr das santas escripturas em convinhaveis tempos, que assim era todo repartido, com tão madura discrição que nunca a ociosidade em sua maginação achava morada, e era cuidadosa acerca dos pobres e mingoados, fazendo largas esmolas ás egrejas e mosteiros.

Amou bem fielmente o seu mui nobre marido, tendo bom sentido de o nunca anojar, e da boa ensinança e creação de seus filhos; não fazia cousa alguma com rancor nem odio, mas todas suas obras eram feitas com amor de Deus e do proximo.

Em ella havia uma chã conversação, proveitosa a muitos, sem ufania de seu real estado, com doces e graciosas palavras a todos praziveis de ouvir, e alegrava-se algumas vezes por não parecer de todo apartada d'espaçar com suas donzellas em jogos, sem

suspeita de enganos licitos e convinhaveis a toda honesta pessoa, assim que sendo seus perfeitos costumes em que muito floreceu por meudo postos em escripto, assaz seria d'abastosa ensinança pera quaesquer mulheres, posto que de menor estado fossem.

CAPITULO XCIX

Como el-rei se escusou ante o duque por não ser prestes ao tempo que divera.

Em quanto el-rei fez suas bodas, e folgou uns dias no Porto, passou o tempo que era devisado pera se juntar com o duque e fazer sua entrada por Castella, em que elle houvera de ser prestes depois do Natal, no seguinte dia, e esto era já no mez de março de quatrocentos e vinte cinco, sendo entonce o duque com sua mulher em uma aldeia do termo de Bragança.

E el-rei partiu do Porto pera se ir áquelle logar, e levou comsigo a rainha, e mandou a toda sua gente que se fosse apoz elle, e chegou acerca do mosteiro de Crasto de Avellãs, que é uma pequena legua de Bragança.

E porque el-rei, como dissemos, era teudo de se fazer mais cedo prestes, e por certos impedimentos o fazer não podera, e não lhe ser contado que por preguiçosa tardança incorrera em quebrantamento do trauto, chegou logo áquella aldeia onde o duque pousava, sendo hi D. Costança presente e Monsieur

João d'Olanda, e outros fidalgos, e em presença de todos propoz el-rei, dizendo assim: — «que bem sabiam como entre elles era tratado por capitulos, e juramento feito, liança e amizade, por si e por seus successores, entre os quaes era conteudo que elle com certas lanças e besteiros, e homens de pé, por sua pessoa o ajudasse a aquella guerra que ordenada tinham, e que por o casamento, que elle com sua filha havia de fazer, e por esta ajuda que á sua custa havia de ser feita, que elle houvesse d'elle certas villas e logares de Castella, depois que por elles fossem cobradas, quaes no trauto eram conteudas; e que guisando-se elle com suas gentes pera começar seu caminho, segundo promettido havia, que houvera taes impedimentos, assim do matrimonio que com sua filha a seu requerimento fizera, como d'outras cousas necessarias, de guisa que o não pudera tão azinha fazer, nem cumprir aquella ajuda que teudo era, mas que elle estava alli prestes com suas gentes pera o ajudar e fazer o que promettera, e que esto lhe dizia por seu bom contentamento, com tanto que a elle prouguesse d'ello, e que sua ajuda porém não entendesse ser começada, salvo des o primeiro dia da quaresma que elle partira do Porto com suas gentes, e mais não.»

O duque e sua mulher, quando esto ouviram, disseram que bem certos eram de seus razoados impedimentos, e de todo o que propuzera, e que lhe prazia e se contentavam de quanto por elle até alli fôra feito, e não haviam por ello o trauto entre elles posto em nenhuma guisa ser quebrado, e que se d'esto quizesse algumas escripturas, que mandasse fazer quantas lhe prouguesse; e tornou-se el-rei entonce a seu alojamento e esteve alli alguns dias es-

perando gentes, e d'alli alçaram seu arraial e foram-n'o poer álem duas leguas de Bragança acerca do Estremo; e el-rei em uma aldeia, que chamam Babe, e o duque em outra, espaço de meia legua d'aquelle logar.

Em esto, ante que partissem, foi el-rei e a rainha cear um dia com o duque á aldeia onde elle e sua mulher estavam, com os quaes houveram grande prazer, e depois com el-rei e com a rainha o duque e muitos honrados de sua casa, e des que comeram e folgaram, espediu-se a rainha de seu padre e madre, e a cabo de dois dias se tornou pera Coimbra bem acompanhada do arcebispo de Braga, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Diogo Lopes Pacheco e outros fidalgos, e alli mandou el-rei que estivessem com ella doutores e prelados, e a Casa dos Desembargadores do reino, onde todos requeressem seu direito; e quando a rainha se houve de despedir, disse Gonçalo Mendes, como em sabor a el-rei:

—«Senhor, n'este reino sohia d'haver um costume d'antigo tempo, que o homem no anno que casava, não havia de ir em guerra, nem ser constrangido pera ella, e vós que ha tão pouco que casastes, o quereis agora britar e vos is fóra do reino?»

E elle respondeu que assim lhe cumpria por defensão de sua terra, e fazer damno a seus inimigos.

E assim que no fim d'este capitulo tendes vistas as primeiras duas cousas: — o que aveiu ao duque com el-rei de Castella logo como chegou a Corunha, e as lianças que com el-rei de Portugal fez, pera ser depois em sua ajuda.

CAPITULO C

Como el-rei e o duque partiram e chegaram a Benavente de Campos.

A rainha partida, e seu conselho feito, encaminharam logo de fazer entrada, e el-rei mandára fazer uma gran ponte de barcos no Douro, onde chamavam a barca da Regua, por onde passavam as gentes da Beira, e não irem passar ao Porto, e não leixou frontaria no reino, salvo entre Tejo e Odiana, onde ficou Vasco Martins de Mello com Gonçalo Vasques e Martim Affonso, seus filhos, e Martim Gonçálves, tio do Conde, e Gomes Garcia de Foyos e outros, por todos dozentas e cincoenta lanças; e as gentes que el-rei levava, eram tres mil lanças e dois mil bésteiros, e mais quatro mil peões, afóra outros que se foram logo acerca per aquelle geral mandado como ordenára quando foi sobre Coria.

E se alguem pozer duvida que el-rei não levaria tanta gente, por não ser teudo segundo o trauto, desahi por a despesa, que se recrecia pagar mais soldo, razão tem d'esto cuidar, mas el-rei teve conselho primeiro, e uns lhe diziam que não ajuntasse mais gente d'aquella que teudo era, e outros affirmavam que tal ida sem mais companha, não era a elle segura, nem pera fazer, porque entrando d'esta guisa em terra de seus inimigos, podia o duque tratar com el-rei de Castella alguma convença com pouco sua honra, e que porém elle devia de ir percebido pode-

rosamente, com que de todo contrario que avir podesse fosse bem seguro, e além d'esto por mostrar que era bastante de o ajudar com as gentes que ficara, e outras mais quando mister fizesse, e por tanto levou aquellas que dissemos.

O duque levava muito poucas das suas, porque gran parte eram já mortas, assim dos capitães de boa conta, como d'archeiros e outros homens d'armas, e esto n'aquelle inverno, em quanto esteve em Galliza, ca segundo contam, uns morriam de pestelença, e outros de corrença, d'elles se matavam por esses boscões e devesas os que os achavam andar buscando mantimentos pela terra, porque assim como alguns d'aquella comarca se vieram á primeira pera elle, assim depois mudaram tenção, e faziam muito damno escondidamente n'elles, em tanto que o duque não tinha comsigo até seiscentos homens d'armas, e outros tantos archeiros.

E prestes pera fazer sua entrada, disse el-rei ao Condestabre que a elle aprazia, e tinha em talante, que o duque seu padre levasse a vanguarda d'aquella hoste, dizendo muitas razões sobre esto, porque lhe parecia ser bem, contando-lhe como levára a vanguarda na batalha de Najara, e como a mais honrada pessoa da hoste, afóra o rei, devia de levar a vanguarda, pois elle era rei e tão grande senhor, e a queria levar ante elle, que a elle devia prazer, e outras taes razões.

A esto respondeu o conde, e disse:

— «Senhor, minha vontade é firme de todo que em quanto vos Deus leixar ter este poder que vós tendes, e eu andar em vossa companha, de nunca leixar a vanguarda a nenhuma pessoa, nem ainda em outro logar onde eu com minhas gentes fôr.»

E assim o costumava, de feito, que nas batalhas que o conde por si mesmo fazia, elle era sempre na vanguarda, e não a fiava de nenhum outro, dizendo que não queria ter cuidado que a vanguarda desbaratada houvesse de ser accorrida da reguarda.

El-rei vendo sua leal e fiel vontade, outorgou no que lhe dizia, e não o quiz mais aficar por esto; então moveram com sua hoste, levando o duque sua mulher e filhos, e passaram o rio de Maçãs, que é no Estremo, entre Portugal e Castella, sendo entonce vinte e cinco dias de março d'aquella era de quatrocentos e vinte e cinco, e chegaram a terra d'Alcanizes, que é a primeira terra de Castella, e d'alli partiram e foram a uma ribeira, que chamam Tavora; e porque era vespera de Ramos, tiveram a festa n'aquelle logar, e em outro dia partiram, e foram caminho de Benavente de Campos, e á terça feira, que eram dois dias d'abril, chegaram ao logar, uma boa villa e bem cercada de muita e grande povoação umas quatorze leguas do Estremo, e caminhando pera lá, iam ordenados em batalha a cavallo s. Nuno Alvares Pereira, condestabre de Portugal, e Monseur João de Olanda, condestabre do duque, na vanguarda, o Priol do Esprital, e em uma das alas Martim Vasques da Cunha, e Gil Vasques e Lopo Vasques, seus irmãos, e a gente do mestre de Christus com os cavalleiros da Ordem, e gentes das suas terras, ca elle era doente e não podia lá ir, e levavam, em vez de bandeira, um grande prumão em uma lança d'armas, porque o mestre não trazia bandeira des que fôra preso com o Priol do Crato em Torres Novas, como já ouvistes, e mais na outra ala ia Gonçalo Vasques Coutinho e Ruy Mendes de Vascogoncellos, com outros fidalgos que

iam em sua quadrilha, e na reguarda era el-rei e o duque com muita gente d'armas, e a carriagem toda em meio; tomava grão praça de campo a ordenança d'estas gentes, que era assaz formosa de vêr e espantosa a seus inimigos, e assim chegaram ao meio dia, e assentaram seu arraial muito acerca da villa, onde nojo fazer não podesse o atirar dos virotões, ca outro trom nem engenho não havia dentro que lhe nojo podesse fazer.

CAPITULO CI

Como a terra estava apercebida por onde el-rei e o duque entraram.

El-rei de Castella, como dissemos, estava em Çamora quando o duque aportou na Corunha e houve d'elle o recado que ouvistes, e pezou-lhe muito de sua vinda, temendo assaz aquesta demanda, por a gran mingua de gente d'armas que entonces no seu reino havia, que as mais e melhores tinha perdidas na guerra passada que até alli fôra, e porque soube que el-rei e o duque tinham ordenado d'entrar por esta comarca, enviou a aquella parte, assim a Benavente como a Villalpando, e a Valença de D. João, e a Crasto Verde e aos outros logares d'arredor muitos estrangeiros e de sua companha pera a defenderem, e mandou derribar alguns logares chãos e de cercados, e colher as gentes e mantimentos aos que se defender podiam,

e aquelles fidalgos estrangeiros, que de França e d'outras partes pera o servir n'esta guerra vinham, elle os recebia bem, fazendo-lhes mercês e dando soldo pera as gentes que traziam, e enviava-as a lá; e mandou D. João Garcia Manrique, arcebispo de Santiago, á cidade de Leão por aquelle logar estar mais seguro, e assim mandou as mais companhias que ajuntar poude, de pé e de cavallo, aos logares onde cumpria, ca elle não tinha vontade de venturar este feito por batalha, mas sómente por tal guisa com que defender podesse seu reino.

Em este logar de Benavente estava por fronteiro Alvaro Pires de Osouro, um cavalleiro de terra de Leão, com seiscentas lanças de castellãos, afóra Monseur Robi de Bracamonte e outros estrangeiros gascões, e d'outra lingua, que alli eram; e logo esse dia, os da villa com os do arraial, isso mesmo depois em quanto hi jouveram, sempre foram feitas grandes escaramuças entre elles, mas d'estas, nem d'outras, não diremos, salvo algumas cousas que de notor sejam, assim, como quando chegaram, que tanto que o arraial foi posto, logo os da villa sahiram a escaramuçar com elles a cavallo, na qual escoramuça morreu, da parte do duque, Monseur João Falconer, aquelle cavalleiro inglez que já nomeámos, ca elle não trazia boa besta, e os da villa eram bem encavalgados e grandes cavalgadores, e esto foi o azo da sua morte.

El-rei mandou depois á forragem Martim Vasques e seus irmãos, e João Fernandes Pacheco, e com elles bésteiros e peões, quantos cumpria, e levaram caminho de um logar que chamam Crasto Galvão, contra a cidade de Astorga, que seriam d'alli umas cinco leguas, e aquelle logar combate-

ram dando fogo ás portas, e foi entrado por força e roubado de quanto em elle havia, e as gentes espalhavam-se pelas aldeias a buscar mantimentos, e Martim Vasques e outros comsigo andavam pelos altos olhando se vinham alguns pera lhes fazer nojo, e depois que houveram forrejado n'aquelle logar e muito mais adiante, tornaram-se, e chegaram vespera de Paschoa ao arraial, e trouveram gados e outros mantimentos, não porém muitos, porque os não acharam.

CAPITULO CII

Como correram pontas Alvaro Gomes e um castellão.

No seguinte dia, da festa da Paschoa, acertou-se que, fallando os de dentro com os de fóra, como é de costume a salva fé, vieram-se a desafiar pera correrem pontas Alvaro Gomes, creado do Condestabre, com outro escudeiro castellão, as quaes haviam de ser corridas a cavallo e com bacinetes de camal, sem escudo, nem mais de trez carreiras, isso mesmo se desafiaram um cavalleiro gascão do duque, que chamavam Maborni, com monseur Rubi, que estava na villa.

Veiu Alvaro Gomes o primeiro dia com o seu ao campo, armado em umas folhas, e não quiz levar fraldão, pero lhe conselharam muitos, e andava bem desenvolto e bom cavalleiro, e o castellão muito por contrario, e á primeira carreira o en-

controu Alvaro Gomes, de guisa que deu com elle em terra, e elle tornou a cavalgar e correram outra vez, e o castellão, não levando a lança bem assecegada encontrou-o baixo por aquecimento, e houve uma ferida de que depois morreu, e não correram entonce mais.

El-rei segurava correndo estas pontas quantos da villa as quizessem vêr, e sahiam muitos fóra por esta razão, entre os quaes vinha um escudeiro bem guarnido e homem de prol, e trazia um collar de prata ao collo, e em olhando e fallando com alguns portuguezes, soltava-se em desmesuradas palavras contra el-rei, não lhe chamando senão Mestre, e quando muito usava de cortezia nomeava-o dizendo: — «o Mestre vosso senhor» — e outras taes razões desapostas.

Os que as ouviam, pezava-lhe d'esto, porém nenhum não ousava de lhe responder, porque os el-rei assegurara, des-ahi porque estava acerca olhando, como os outros,

N'aquelle dia á noite pedindo el-rei vinho e fruita, não se poderam alguns ter que não fallassem n'esta historia, contando-lhe como se passara, e que não ousaram de lh'o contradizer por o não anojar, pois os tinha seguros.

E el-rei disse que elle não segurava nenhum, salvo pera vir vêr e folgar, mas que se algum dizia razões quaes não devia, que de algum tornar a ello não o haveria por mal.

CAPITULO CIII

Como correram pontas Mamborni com monseur Ruby.

Como esto passou, no seguinte dia vieram ao campo correr suas pontas aquelle cavalleiro chamado Mamborni e monseur Ruby que estava na villa, e vinham ambos bem guarnidos, assim elles como os cavallos, de corregimentos que pera esto traziam, e Mamborni era de bom corpo, e correra já pontas muitas vezes, e monseur Ruby era mais pequeno, e não tão sages em aquelle feito, e quando Mamborni corria, ia armado d'esta guisa: — levava o bacinete sem cara, e com a broca do escudo cobria o rosto, de guisa que lhe não parecia mais que o olho direito, e seu cavallo não ia mais rijo que quanto podia andar a galope, e não entrava direito, mas de travez em prepassando; e á primeira carreira que correram, encontrou Mamborni ao outro no pescoço, e pero tivesse dois caimaes e um grojal, passou-lhe todo, e teve a lança da outra parte, e poze-o na ponta d'ella fóra da sella, limpo no chão, cuidando todos que era morto; cavalgou outra vez monseur Ruby e houve um encontro, de que embelecou, e da terceira não se encontraram; e por aqui cessou aquelle jogo.

Ora sabei que á primeira, quando correu pontas Alvaro Gomes, sahiram muitos castellãos e outros estrangeiros a vêr como os corriam, que muitos

mais sahiram a vêr estas, entre os quaes veiu aquelle escudeiro que dissemos que se soltara em villãs palavras fóra de boa ordenança, e se d'antes usara de pouca mesura, mais pouca usou entonces, e com peor som.

Alvaro Coitado, um bom cavalleiro portuguez da companhia do Condestabre, homem de bom corpo, e pera muito, que ouvira o que el-rei dissera quando lhe fizeram queixume de suas desmesuras, não leixou sua resposta em esquecimento, e cintemente estava acerca, por vêr se diria algumas similhantes cousas, e quando o ouviu tão mal razoar como da primeira, sendo já as pontas acerca d'acabadas, chegou-se a elle da besta assim como estava, e rebatou-o pelo collar com uma mão, e deu-lhe com a outra uma tão grande punhada que o atordoou logo, e deu com elle uma tamanha tirada pelo collar, que deu com elle de cima da mula e foram ambos a terra, onde lhe começou a dar couces e punhadas, tomando-o pelo collar e dizendo que fosse perante el-rei.

Alli foi grande alvoroço de muitos que se ajuntaram a vêr, assim de uma parte, como da outra, dizendo os castellãos que aquello era mui mal feito virem seguros pera haverem solaz e receberem deshonra de nenhum.

El-rei, que era acerca, chegou alli á pressa a vêr que era aquello, e Pero Dias de Codirnega, um cavalleiro castellão, fallou a el-rei mais que nenhum dos outros, dizendo que aquello era mui mal feito, serem todos seguros por elle, e receberem tal deshonra dos seus.

El-rei disse que elle os segurara todos de ida e vinda e estada por vêr e folgarem com os do ar-

raial, mas que os não segurara que um ou outro dissessem desmesuradas palavras, e se aquelle escudeiro dizia razões que não devia, que bem empregado era n'elle de lhe ser feito aquello, e muito mais, entonce se partiram todos, e não correram mais pontas em aquelle logar.

CAPITULO CIV

Como os da villa sahiram a escaramuçar ante que el-rei partisse.

El-rei em quanto alli esteve não provou de combater a villa, porque não levava artificios taes, que aproveitar podesse seu combato, des-ahi o logar fornecido de muito boas gentes entendeu que sua estada alli mais seria todo vão e propoz de se partir, porém emquanto alli durou, se faziam escaramuças, como dissemos, sahindo os da villa aos do arraial, de que os portuguezes sempre levavam o louvor, e um dia sahiram da villa por uma ponte porque costumavam vir escaramuçar parte das gentes que na villa havia, e tinham costume, quando os do arraial iam após elles, de chegarem acerca da ponte, e mais não, e d'alli se tornavam e voltavam os castellãos sobre elles, e assim se remessavam, indo e vindo sem mais fazer.

Gonçalo Vasques Coutinho, que andava n'esta escaramuça, vendo como os castellãos passavam cada vez a ponte e que os portuguezes voltavam

d'alli sem mais bem fazer, fallou com elles em esta maneira, dizendo que quando os seguissem e os inimigos se detivessem n'aquelle logar, que dessem com elles de volta pela ponte dentro, e assim cobrariam d'elles grão melhoria, e foi assim, de feito, que voltando os castellãos até á ponte e não esperando que os mais seguissem, deram os portuguezes de topo em elles, os quaes despercebidos de ta cousa, não podiam caber pela ponte, e d'elles se lançavam á agua, outros foram presos e mortos, e não tornaram mais a tal jogo, ca el-rei partiu dalli e não tiveram azo de o fazer.

CAPITULO CV

Como foi cobrado Roales, e d'outras cousas que se seguiram.

Partiu el-rei d'aquelle logar, como dissemos, passados já oito dias que alli chegaram, foi a hoste pousar duas leguas a par de um logar cercado, que chamam Matilha, e d'alli moveu outro dia passando a Ribeira de Riovão, um rio que nasce nas Esturias, e pouzou álem caminho de Roales, uma villa pequena não bem cercada, de fracas e baixas taipas, que era d'aquelle Alvaro Pires de Osouro, e pela ribeira d'aquelle rio acima vão muitas aldeias até Valença de D. João.

A este logar foram correr Martim Vasques da Cunha e Gil Vasques, seu irmão, e Gonçalo Vas-

ques Coutinho, e Ruy Mendes de Vascogoncellos, e João Affonso Pimentel e outros, chegaram a um logar que chamam Santilhão, perto de Valença, e da villa, onde estava muita e boa gente pera a defender, vieram escaramuçar estando o rio entre uns e outros, entre os quaes Alvaro de Tor de Fumos, aquelle famoso homem d'armas de que acima é feito menção, sahindo com outros, metteram-se á agua d'ambas as partes, e os portuguezes dando nos castellãos, não os poderam soffrer e voltaram costas, e foi alli ferido aquelle Alvaro de Tor de Fumos, de guisa que depois morreu, e tornaram-se os portuguezes ao arraial com gados e outras cousas que trouveram.

Ao outro dia partiu a hoste e pousou sobre Roães; alli não estavam gentes d'armas, salvo lavradores, assim do logar como das aldeias d'arredor, e vendo que se não podiam defender nem haver outro acorro deu-se por preitezia que leixassem a villa, e foi o logar roubado de mantimentos e de quanto hi havia, e estando assim aquelle logar roubado, foi um dia gente d'armas por guarda d'aquelles que iam á herva, e indo el-rei por lhe mandar como fossem ordenados, cahiu o cavallo com elle e quebrou-lhe a azelha de um braço, e corregeram-lh'o, e tomou grande nojo por lhe tal cajom acontecer em terra de seus inimigos, andando por lhe fazer guerra.

Em esto começou-se a dizer, e não era assim, que os moradores de Valdeiras, que era outra villa d'aquelle Alvaro Pires, fugiam com medo, leixando-a desamparada; e como taes novas foram ouvidas, cavalgaram á pressa alguns do arraial com homens de pé e foram rijos pera a lá por tomar das

gentes que fugiam, e roubar a villa dos mantimentos, e dos que assim cavalgaram foi João Fernandes Pacheco e João Gomes da Silva e Antão Vasques e outros fidalgos, e quando chegaram ao logar acharam-n'o bem percebido e acompanhado, e fóra da villa bem quatrocentos de cavallo entre os do logar e das outras companhas, que eram postas por guarda d'aquella comarca, onde era o Almirante e Pero Soares de Quinhones, adiantado da terra de Leão, e outros bons cavalleiros, e como viram os portuguezes que era pouca gente, vieram logo topar com elles, e foi aquelle ajuntamento assim pelejado, que houve hi feridos de uma parte e d'outra, e alguns mortos; tornaram-se os castellões pera a villa, e os portuguezes pera o arraial, e um cavalleiro de sua companha quando viu tanta gente da villa e os portuguezes emborilhados com elles, tomou tão grande medo que fugiu pera o arraial dando novas que todos ficavam mortos, e porque tal cousa sahiu mentirosa e o desdiziam todos, tomou tão grande nojo que lhe tresvaliou o miolo, e se lhe diziam:

— Esforçae com Deus, — assim dizia elle — Esforçae com Deus, — e assim de quaesquer cousas que lhe fallavam, e durou com aquella maginação trez dias e logo morreu, e este era Gonçalo Garcia de Faria.

CAPITULO CVI

Como el-rei cobrou Valdeiras

Cobrado Roales d'esta maneira, partiu el-rei caminho de Valdeiras, com o duque e suas gentes.

Em este logar estava por guarda Sancho de Valasco, filho bastardo de Pero Fernandes de Valasco, com oitenta de cavallo comsigo; estava hi mais Gonçalo Fernandes de Aguilar e Gomes Eanes Maldorme e Gonçalo de Paredes, grande bésteiro e muito certo da nomina d'el-rei, e mr. Roby Bracamonte com francezes e outros estrangeiros que por guarda d'aquella comarca eram postos, assim que a villa estava bem percebida de quanto cumpria á sua defensão.

El-rei levava uma escala pequena e um engenho, se mister fizesse, pera algum logar, e porque o muro era estroso feito de taipa e a logares fraco, tiveram conselho el-rei e o duque de o combater e tomar por força, por ser escarmento a outros logares, e armada a escala e engenho, e repartidos os combates a cada uns e todos armados, antes que dessem ás trombetas, tomaram tal medo d'aquella guerra que não haviam em uso de vêr, especialmente o Sancho de Valasco que tinha carrego do logar, que bem entendeu que não havia n'elles cobro, salvo serem entrados por força, e fez sahir um cavalleiro armado da villa bradando se estava ahi Pedro Affon-

so da Ancora, cavalleiro portuguez, que lh'o chamassem pera lhe dar o galgo que lhe promettera.

El-rei, que o ouviu, feze-o chamar e disse-lhe como o chamava um dos da villa, e porque Pedro Affonso disse que se não acordava de tal promessa, mas que dentro havia uma irmã de sua mulher e alguns seus parentes, e que pensava que o chamavam por ser avindos entre elle e os da villa, el rei suspeitou que era assim, e mandou-lhe que fosse lá, dizendo que se lhe dessem certo pão e vinho, nomeando-lhe quanto, e fazendo porém vassalagem ao duque, que preitejasse o logar.

Em tanto mandou que estivessem todos quedos até que elle viesse da villa, pera vêr que recado trazia, e Pedro Affonso foi onde o chamavam, e deram-lhe o galgo, de que parte não sabia, e fallaram-lhe logo em avença, e depois de muitas razões ficaram em tal accordo que sahissem com bestas, armas e haveres, e se fossem da villa, e os mantimentos e al que achassem fossem seus.

O cavalleiro tornou a el-rei e contou-lhe a avença em que ficaram, e el-rei fallou com o duque, a que prougue de tal preitezia, ca el-rei em estas avenças não outorgava mais, salvo quanto ao duque prazia, sendo lhe muito obediente em todas as cousas, e quando ordenava de partir ou assocegar, ou similhante cousa, sempre lh'o mandava dizer por estas palavras:

—«Senhor, el-rei vosso filho vos envia dizer tal cousa.»

E entonces foi outra vez dentro Pedro Affonso, e fallando com os do logar vieram fóra por elle Sancho de Valasco e Gonçalo Fernandes, e outros dois, e ficou lá Pedro Affonso esta noite. Em outro dia

foi o Condestabre á porta da villa com suas gentes e pozeram-se em duas azes, uma de uma parte, e os outros da outra, e elles sahiram por meio, e o conde olhava que lhe não fizessem nenhum nojo, e assim sahiram todos ordenadamente, e o conde foi com elles até meia legua do logar, por não haver damno dos da hoste, como fôra na avença, e depois que os poz em salvo, a gente d'armas castellãos e francezes que vieram por guarda da villa e iam com os moradores do logar em companha, depois que se o conde tornou, roubaram-n'os de quanto haver acharam; e assim foi cobrado Valdeiras.

CAPITULO CVII

Como foi roubado Valdeiras

As gentes do duque, pero que fossem poucas, como dissemos, porque são homens fóra de sua terra, de má governança e pouca provisão acerca dos mantimentos, andavam mui desbaratados e com gran mingua, e elles chamando a toda a terra sua dizendo ás vezes aos portuguezes, quando cobravam alguma villa, que por Deus elles faziam mal de lhes roubarem suas fortalezas e villagens, e outras taes razões de que os portuguezes escarneciam, em tanto que el-rei era posto em afan e cuidado por sua grande e boa ordenança; e depois que o conde tornou de poer em salvo os de Valdeiras, houve el-rei seu conselho que maneira se

teria no roubar d'aquella villa, porquanto o duque dizia que suas gentes não haviam boa companha dos portuguezes, e mandou que os inglezes roubassem o logar até hora do meio dia, e os portuguezes d'alli até noite, e foi assim que o duque e suas gentes entraram pela manhã e começaram de roubar, e os portuguezes vendo-lhe trazer os mantimentos, haviam-n'o por grande aggravo, dizendo muitas razões entre si sobre esto, que se foram á villa muito primeiro ante que o meio dia, e começaram de roubar de mistura com elles.

Os inglezes queixando-se d'esto muito, haviam arruido uns com os outros, e então o duque foi á tenda onde el-rei estava, fazendo-lhe gran queixume dos seus, que não sómente entraram ante do meio dia a roubar, contra seu mandado, mas ainda aos inglezes tomavam o que roubado tinham.

El-rei, como ouviu esto, cavalgou á pressa com grão queixume por passarem seu mandamento, que muito é d'estranhar nos feitos de guerra, roubando d'aquelle geito ante das horas que deveram, e acceso com grande sanha, levando uma espada nas mãos, fazia sahir fóra, dando com ella aos que achava pelas ruas, de guisa que houve hi feridos e mortos por tal azo, porém que os mortos não foram mais que dois, um, que el-rei degolou por suas mãos, e outro que fez saltar do muro a fundo, de que logo morreu, e posta nas ruas tal guarda por aquelles a que el-rei o encommendou como se fosse em menagem da villa, tornou-se pera o arraial; e depois foram os portuguezes roubar, como era ordenado, e foi hi achado muito pão e vinho, de que todos os do arraial foram abastados, e o logar ficou desamparado, que não curaram mais d'elle.

CAPITULO CVIII

Como el-rei cercou a Villalobos, e se Martim Vasques da Cunha defendeu aos castellãos.

Depois de quinze dias que alli estiveram el-rei e o duque, partiram com sua hoste e foram pousar sobre Villalobos, logar bem cercado, segundo os outros d'aquelle mesmo Alvaro Pires de Osouro, e havia d'uma parte a cava com muita agua, e da outra era de todo secca, e estavam em elle gentes d'armas, assim da villa como das outras companhas, mas não era ahi capitão famoso que de as caudelar tivesse ordenança, e ordenando el-rei de o combater, mandou que pera tapar aquella cava secca, que toda a herva que viesse pera o arraial, fosse certa parte lançada em ella pera ser todo chão, e passarem as gentes por cima, e foi assim lançada por espaço de trez dias, pera quando fosse prestes a hora de combaterem.

Em esto mandou el-rei á herva, e por guarda dos que a ella iam Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e outros fidalgos com certas gentes, e partindo do arraial as azemulas e muitos dos que iam por guarda d'ellas, ficaram detraz por aquecimento Martim Vasques e Gil Vasques, e Lopo Vasques, seus irmãos, e Mamborni e Lourenço Martins de Avellar e João Portella, e d'outros cavalleiros e escudeiros, até dezoito, iam fallando muito de seu vagar, fazendo aquelle dia mui gran nevoeiro e a ma-

nhã não bem descoberta, e sem parando mentes que terra levavam por azo d'aquelle aspero ar, erraram o caminho, e sendo já uma grande legua do arraial, foram dar comsigo na ribeira que vem de Maiorgas, onde jaziam quatrocentas lanças de castellãos e muitos homens de pé entre uns ulmos que alli haviam, onde dormiram essa noite, de que eram capitães D. Fradique, duque de Benavente, irmão bastardo d'el-rei; e Alvaro Pires de Osouro, e Ruy Ponce de Leão e outros, e quando os viram tão junto comsigo, conhecendo que eram portuguezes, começaram de bradar: «Mata, mata, Castella, Castella.»

E elles vendo-se em tal cajom postos, começaram de dizer em altas vozes: «S. Jorge, S. Jorge, Portugal, Portugal.»

E muito trigosos se desviaram logo a um pequeno e baixo logar amontoado que era hi perto, que parecia em outro tempo ser feito á mão em que os antigos, segundo fama, faziam sacrificios a seus Deuses, ca n'aquella terra não ha outras serras nem montes a que se acolher podessem, e descalvagaram á pressa todos, e pozeram as bestas arredor de si, atadas umas com as outras, e elles em meio com as lanças nas mãos e as costas uns contra outros, dizendo logo entre si, como cumpria, que um d'elles fosse logo tostemente dar novas ao arraial que lhe accorressem, e cada um se escusava de tal ida, mostrando que o fazia por melhor.

Entonce disse um escudeiro, que chamavam Diogo Pipa do Avelar, que vivia com Martim Vasques, qual era mais honrosa cousa e de contar por façanha, ajudal-os a defender assim como estavam ou passar por entre tantos inimigos castellãos e ir dar novas ao arraial?

E todos disseram que mór cousa era aventurar-se a passar por entre tantos inimigos.

—«Pois, disse elle, eu quero ser esse.»

Entonce cavalgou por entre aquelles que o matar desejavam, e pero lhe fossem muitas lanças remessadas, nenhuma foi que lhe empécesse; e quando vinham a elle d'uma parte e d'outra pera o haverem de levar de encontro, estendeu-se ao longo da besta, e assim prazia a Deus que lhe escapava, de guisa que passou em salvo por todos elles, e foi dar novas ao arraial.

Os castellãos cercaram entonce os dezesete que ficavam, subindo pela ladeira d'aquelle cabeço, remessando-lhe muitas lanças, assim das que traziam como das que tomavam aos homens de pé, do grande rumo que jazia perto d'elles, e não lhe chegavam, porque remessavam de fundo pera cima; outros não se ousavam tanto de chegar, porque os portuguezes das lanças que lhe enviavam, tornavam-n'as a remessar, e porque era sopé a fundo e os de cavallo muito bastos, quantas arremessavam não cahiam em vão, bradando altas vozes Martim Vasques, quando os castellãos vinham a elles e os arremessavam: «Cunha, Cunha; quem n'a houver de levar salgada a ha de levar.»

E assim se defendiam matando seus inimigos com as lanças que lhe emprestavam, com que os de matar houvessem; e os cavallos feridos topavam uns nos outros, matando taes, que escaparam se lhe aquello não fôra; e morreram bem quarenta escudeiros castellãos e muitos cavallos.

Dos portuguezes não foi nenhum ferido nem morto, salvo Mamborni, que sahindo fóra por tomar das lanças pera remessar, acolhendo-se dentro, foi-lhe

remessada uma lança por Martim Gonçalves de Ataide, que andava em Castella, como dissemos, e entresolhou a lança por umas folhas que trazia e houve uma ferida, de que poucos dias morreu.

Chegaram as novas ao arraial e foi dito ao Condestabre, e sahiu á pressa com gentes pera lhes accorrer, e indo-se já o nevoeiro alçando por o dia que era já crescido, houveram os castellãos vista do accorro, e começaram-se de partir, e iam dizendo:

—«D'hoje mais não cumpre que se leiam as proesas de Tristão e de Lançarote, mas fallemos no esforço de Martim Vasques da Cunha, que com dezesete homens d'armas se defendeu a quatrocentas lanças, que eramos, por tamanho espaço em tão fraco logar.»

A qual cousa nenhum entendimento de homem esquive crêr que foi assim, nem presuma que contamos esto por louvar aos portuguezes e desfazimento de seus contrarios, mas porque certamente assim aconteceu de feito.

CAPITULO CIX

Do que el-rei mandou fazer aos que tomaram a herva, e como foi cobrada Villalobos.

Aquelle dia não veiu a herva ao arraial como devera, por azo d'esto que aconteceu e porque aquelle nevoeiro fez espalhar uns dos outros, e por mingua da herva que aquelle dia não houve, des-ahi porque se rugia que os do logar mo-

viam avença, no outro seguinte, sendo hora do meio dia, levantou-se uma voz sem mandado d'el-rei, dizendo alto uns aos outros: — A' herva, á herva, que preitejada é a villa.

E como esto começaram de dizer, foram a lá moços e azemeis, e homens de pé, e foi mui azinha levado quanto ali jazia.

El-rei houve d'esto gran menencoria, e mandava prender quantos achassem que a tomaram, e foram presos e levados ante elle seis moços culpados em esto.

O conde ouvindo como os el-rei mandava prender, suspeitando mal de tal feito, trigosamente se foi á tenda onde pousava, e nunca tantas e tão boas razões poude dizer a el-rei e lh'o pedir por mercê, que demover podesse que os não mandasse decepar.

O conde quando esto viu sahiu-se fóra, não fallando, com vulto triste e choroso, e foi-se logo pera sua tenda e deitou-se de bruços em cima da cama, e posto que suas lagrimas constrangidamente fossem retrahidas, não o poude tanto encobrir, que os que eram derredor o não ouvissem chorar muito e dar muitos soluços por tal justiça como aquella.

Isso mesmo um escudeiro creado d'el-rei, que o bem havia servido na guerra, afincadamente lhe pedia por mercê que um d'aquelles moços, que era seu irmão, que o não mandasse decepar, e pero se muito afincasse por esto, não poude com el-rei que lh'o outorgasse, e elle desnaturou-se d'elle e foi-se pera Castella, e sempre andou em seu deserviço.

Em esto vendo os da villa como el-rei não tinha taes artificios com que gran nojo lhe fazer podesse,

des-ahi a herva tirada já de todo, e que tarde viria alli outra tanta, cobraram esforço de se defender, e não quizeram mover preitezia.

Ora assim foi que por cima da cava, que era cheia d'agua, jaziam deitados uns paus compridos que atravessavam de uma parte a outra, a modo de ponte, e d'aquella parte pousava Gonçalo Vasques Coutinho e Ruy Mendes de Vascogoncellos, ambos companheiros em armas. Estes eram dos notaveis fidalgos que na hoste d'el-rei andavam ardidos, de bons corpos e grandes cavalgantes, e mui esforçados em qualquer bom feito que lhe á mão vinha, de guisa que em Benavente e nos outros logares onde fizeram assaz de escaramuças, assim eram nomeados e conhecidos pelas armas que traziam, que muitos receavam de sahir a elles, e não sómente eram gabados e temidos dos inimigos, mas os inglezes os louvavam muito, em tanto que dizia o duque que se houvesse de aventurar o reino de Castella e poer seu direito em mão de um homem, que o combatesse, que cada um d'elles era bastante pera lhe dar tal encarrego.

Estes e outros jazendo uma vez desegurados folgando a sésta pouco mais de meio dia, sahiram da villa muitos de volta, e passaram a cava por aquelles paus, por darem no arraial e fazerem damno em alguns, e Ruy Mendes e Gonçalo Vasques quando esto viram, lançaram-se fóra das tendas com alguns comsigo, sem outras armas nem corregimento, senão os escudos nos braços e remessões nas mãos, e foram a elles bem trigosamente, e como juntaram com os castellãos, não os poderam soffrer, e deram volta pera a villa mais rijo do que sahiram, e não podendo caber pelos paus mataram alli d'elles, e

outros morreram na agua da cava em que cahiram, e tornando-se Ruy Mendes e Gonçalo Vasques ia já el-rei pera lá, pera vêr que era aquello a que assim sahiram, e quando os viu vir d'aquella guisa com lanças nas mãos e escudos nos braços, pero lhe prouguesse do que a seus inimigos fizeram, começou de se queixar contra elles, dizendo que tal sahida desarmados não cumpria a elles de fazer, por serem pessoas a que não convinha, porquanto ligeiramente podiam receber algum cajom de um vil homem de pé, de que se seguiria grão damno, e assim outras taes razões. Ruy Mendes trazia uma pequena ferida da parte direita, e corria-lhe sangue por seu alvo braço, de que elle não fazia conta, e disse contra el-rei:

—«Não cureis, senhor, que a tal tempo não cumpre d'outra guisa.»

E em dizendo esto alçou com a lança o braço ferido, dizendo:

—«A la fé eu sou Rodrigo, que tão bem las faço, como las digo.»

E el-rei e os outros riram daquesto; e assim vieram pera as tendas.

Os da villa, por a perda das gentes que alli houveram, moveram logo preitezia ao duque, e foi que tivessem sua voz e lhe dessem certas cantaras de vinho e fanegas de pão, e mais mantimentos por seus dinheiros; e foi o duque em posse do logar, entrando dentro e postas suas bandeiras em cima das portas da villa, e vendiam aos do arraial os mantimentos que mister haviam.

Em esto mandou el-rei á herva a um logar que chamam Villa Fafila, contra Samora, que é bem sessenta leguas do mar, e fazem em ella sal de uma

lagôa, e foi entonce o Condestabre por guarda da carriagem, e aquelle dia que a lá foram, tornaram as azemulas carregadas pera o arraial, vieram gentes de francezes de um logar que dizem Villalpando, e d'aquellas que já eram não mui longe do arraial tomaram algumas, porquanto o Condestabre vinha na reguarda de todos, arredado d'alli por grande espaço.

Os do arraial como souberam que levavam aquellas azemulas, cavalgaram á pressa, e indo apoz elles alcançaram-n'os no caminho, e tolheram-lh'as e tornaram-se.

O conde quando veiu e soube parte d'aquelle feito, ordenou de ir áquelle logar, e foram com elle Gonçalo Vasques Coutinho e outros fidalgos.

Em este Villalpando estava um capitão francez, que chamavam conde de Longa Villa, que havia em sua companha bem mil lanças; e quando viu o conde e aquelles portugnezes, sahiu fóra com suas gentes, e o conde foi contra elles, e não ousando de o attender, tornaram-se os francezes pera a villa e o conde pera o arraial d'onde partira.

CAPITULO CX

Como el-rei ordenou de se tornar pera seu reino, e da morte de Ruy Mendes.

El-rei de Castella passando estas cousas andava acerca d'aquella comarca, mudando-se de um logar pera outro, assim como em Tordesilha, e des-ahi em Touro e Salamanca, e pelos logares onde entendia que cumpridouro era a seu serviço,

e cada dia lhe chegavam novas como lhe entregavam a terra, e elle fallava esto com o infante D. João, irmão d'el-rei de Portugal, e com os condes e mestres das ordens, e priol de S. João, que hi eram com elle; e havido sobre esto conselho, porquanto elle não tinha vontade de aventurar esse feito por batalha, todos lhe diziam que a andada d'el-rei e do duque não podia ser muito em Castella, porquanto lhe falleciam os mantimentos que não podiam achar, assim porque as gentes que por guardas dos logares estavam pela comarca, gastavam gran parte d'elles, como por alçamento das viandas que elle á primeira mandára fazer; des-ahi pela destruição que os inglezes e portuguezes em ellas faziam. E portanto era por força que se partissem cedo.

—«Mórmente (diziam elles) que de vossas gentes e de estrangeiros sempre a geito do arraial andam tres e quatro mil lanças, que lhe não leixaram fazer tal damno que nossa terra muito sinta, e entonce virão as gentes d'el-rei de França por que esperamos mui cedo, e entonce podereis ordenar o que mais por vosso serviço entenderdes; e elles, pois seu arraial não é bem são, e morrerão em elle, segundo affirmam, não podem aqui fazer gran detença.»

El-rei ouvia estas razões, outorgando no que elles diziam.

Passando estas cousas da guisa que contamos, el-rei de Portugal isso mesmo, vendo que nenhuma villa d'aquellas onde chegavam não se movia a receber o duque por senhor, nem outros logares nem gentes nenhumas, e que aquellas fracas villas que tomavam eram tão dentro no reino, e assim mal azadas pera manter, que não era cousa pera poer em obra, achou que tal andada por esta guisa era

pouco honrosa e de muito trabalho, e dando taes cuidados a discreto pensamento, fallou el-rei estas cousas com o duque, dizendo quantos dias havia que em ello tinha maginado, e pois que todo o reino em um era contra elle, não o querendo haver por senhor, des-ahi tantos estrangeiros em ajuda de seu adversario e outros mais por que esperava, e elle com poucas gentes alongado de sua terra, que lhe parecia tal demanda como esta (se elle esperava tomar todo Castella, villa e villa) cousa pera nunca vir a fim, porémse elle continuar quizesse a tenção que a começara, que elle prestes estava com as gentes que trazia, e com outras mais, se cumprisse de o ajudar como promettera, mas que os seus eram tão poucos pera aquelle negocio, que era gran mingua de vêr pera um tal senhor, como elle, e que por este azo os inimigos cresciam cada vez mais e tomavam fouteza de se chegar a elles, como elle bem via, assim que de duas cousas lhe parecia fazer uma, ou ir por gentes a Inglaterra e entrar poderosamente com ellas, ou cahir em alguma honrosa convença, se lhe por seu adversario commettida fosse.

O duque ouvindo todas estas cousas em que largamente houveram fallado, disse que lhe pareciam suas razões boas, e que já alguns seus lhe commetteram esto da parte d'aquelles estrangeiros com que haviam conhecimento, dizendo que el-rei de Castella cahiria com qualquer boa avença que honra d'ambos fosse, especialmente d'aquelle casamento do infante seu filho com sua filha d'elle, e que elle não lhe respondera de sim nem de não, salvo quanto dera a entender que sua vontade era tornar a Inglaterra por ajuntar mais gentes das que trouvera e tornar outra vez a Hespanha com mór poderio,

Porém se lhe honrosa cousa fosse commettida, que bem se moveria de o fazer, posto que leixasse parte de seu direito, ou todo, se mister fizesse, e que entendia que por este azo, e por os seus, que adoeciam muito, que taes havia que já mandavam pedir a el-rei de Castella cartas de salvo conducto pera passar por sua terra, entendendo que se havia com elle de convir.

Da qual cousa se el-rei muito espantou e de tal maneira de gentes, arrazoando assaz sobre esto, accordaram de se tornar, não dando porém a entender que se partiam da guerra começada, e por esto el-rei não quiz tornar por onde foram, mas trouve outro caminho por mostrar que mais queriam andar por Castella, e vieram-se a Villalpando.

E indo aquelle dia Ruy Mendes de Vascogoncellos correr com outros a Castro Verde, e andando escaramuçando, deram-lhe com um virotão uma pequena ferida por cima do mangote, acerca do hombro, e entrou por tão pouco, que andava o virotão pendurado não curando nenhuma cousa d'elle; e como veiu á tenda e foi desarmado, disse a aquelles que eram presentes:

— «Por certo eu sou ferido d'herva.»

E os outros dizendo que não, elle aprofiando que sim, foram-n'o dizer a el-rei, ao qual pezou muito d'esto, e veiu logo alli por lhe tirar tal imaginação, esforçando-o que não era nada, respondeu elle e disse:

— « Senhor, eu ouvi sempre dizer que aquelle que ferem com herva, que lhe formeguejam os beiços, e a mim parece que quantas formigas no mundo ha, que todas as tenho em elles.»

— « Pois assim é, disse el-rei, bebei logo da ourina, que é mui proveitosa pera esto.

Elle disse que não beberia por cousa que fosse; el-rei afincando-o todavia, e elle dizendo que não, como mavioso senhor, com desejo de sua saude, por lhe mostrar que não houvesse nojo, gostou a ourina e disse contra elle:

— « E como não bebereis vós do que eu bebo?»

Elle não o quiz fazer por quanto lhe dizer poderam.

El-rei vinha o vêr cada dia, duas e trez vezes, e ao terceiro dia estando com elle fallando dizendo-lhe muitas razões de esforço, elle disse contra el-rei:

— « Senhor, eu vos tenho em grande mercê vossas palavras e visitação, mas entendo que em mim não ha senão morte, porque onde eu devia folgar com vossa falla e bom esforço, eu não me anojo menos, ca se vós fosseis um homem a que eu bem não quizesse».

El-rei como ouviu esto, voltou as costas e sahiu-se da tenda com os olhos nadando em lagrimas, dizendo aos outros como tinha mau signal sua vida por aquello que lhe dissera, e logo esse dia fez seu acabamento, de cuja morte el-rei e o duque, e todos os do arraial tomaram gran nojo e tristeza, por ser tão bom cavalleiro em força e ardimento, e morrer assim de ligeira cousa, por tão desvairado cajom. Gonçalo Vasques fazia tal dó por elle, que ainda que fôra seu irmão ou filho não podera mais fazer; e trouveram-n'o a Portugal e ahi foi soterrado.

CAPITULO CXI

Como el-rei partiu com sua hoste, e foi preso Diog Lopes de Angul.

D'alli partiu el-rei com sua hoste e veiu pou sar acima de Çamora duas leguas, junto a rio Douro, em direito de Santa Maria d Viso, e el-rei mandou buscar o rio, que era em an cho um grão tiro de bésta, se poderia haver vau para passar, e entre aquelles que o buscar foram foi um escudeiro, que diziam Alvaro Vasques, alcai de de Alcanede, e buscando o vau cahiu o cavallo com elle e morreu alli, e os outros acharam depois logar por onde passassem a seu salvo.

Em outro dia, que eram quinze dias de maio, par- tiu el-rei e passou toda a hoste aquelle vau, assim de pé como de cavallo, que nenhuma pessoa nem besta pereceu, e pozeram seu arraial da parte d'além, não querendo mais andar por cansaço da passagem; des-ahi no seguinte dia moveram d'alli e foram pou- sar a um logar que chamam Currales, perto de Ça- mora, no qual estava D. Lourenço Soares, mestre de Santiago, com muita gente d'armas, porém não curou de escaramuçar, nem fez remetida nenhuma; e d'alli partiu el-rei ao outro dia caminho de Cidad Rodrigo, por entre Salamanca e Ledesma, e vindo a hoste por aquelle logar, sahiu de Salamanca onde estava o infante D. João, com outros fronteiros com- sigo e Diogo Lopes de Angul, genro de Pero Lopes

de Ayala, que fôra preso em Portugal, com gentes entre seus e d'outros até uns trezentos, porque entonce chegara novamente quiz provar de fazer alguma cousa por que provasse de tirar d'alli nomeada.

A hoste vinha bem ordenada com sua vanguarda e alas, e carriagem em meio, e el-rei e o duque em a reguarda, e Diogo Lopes desejando de lhe fazer nojo, chegou-se tanto á gente da reguarda que eram acerca de os poder remessar.

El-rei quando viu que tal fouteza mostravam contra elle, movido com sanha passou pela carriagem, e chegou á vanguarda e alas, e disse ao conde que se alguma gente levava bem encavalgada, que a escolhesse, e elle isso mesmo mandaria da sua, e que fosse a aquellas gentes que tal desprazimento mostravam contra elles. O conde disse que tambem encavalgada gente não trazia, e que tal escolha faria gran detença, mas que passasse a carriagem, e elle com a reguarda iria a elles com esses que o seguir quizessem.

Entonce passou a carriagem, e des-ahi el-rei, cuidando os inimigos que o faziam de medo. Em esto sahiu o conde rijamente a elles e alguns d'el-rei em sua companha, e tão de vontade toparam em elles, que todo ardil que traziam perderam, voltando cada um por onde melhor podia; e como traziam os cavallos folgados e de bom penso, sahiram-se mui ligeiramente logo no começo, e a pouco espaço, ante que meia legua corressem, começaram-lhe de estancar os cavallos, e os portuguezes que os encalçavam prendendo e matando em ellos, saltou aquelle Diogo Lopes em terra com a sua adarga e espada na mão, e assim foi tomado sem defensão que provasse de fazer, ca lhe não cumpria a tal tempo.

Dos outros foram presos quarenta e oito, e mortos uns quinze. E trazido Diogo Lopes ante el-rei perguntou-lhe entonces, dizendo:

—«Que é isto, Diogo Lopes, como fostes assim tomado, que bom cavallo trazieis vós?»

—«Bom, senhor!? disse elle, que más olivas o matem; mas por recolher uns poucos d'amigos e creados que eram commigo, ia-me detendo, e por isso fui assim tomado.»

O duque quando viu esto que os portuguezes fizeram, mostrava grande lédice e prazer, dizendo a altas vozes contra os seus:

—«Oh! que bom Portugal.»

CAPITULO CXII

D'alguns que correram pontas em aquelle logar.

TORNOU-SE o conde á vanguarda, e a hoste ia na ordenança em que ante vinha, e pousaram n'aquelle caminho, entre Salamanca e Ledesma, onde sabei que dos estrangeiros que pelas fronteiras estavam da parte d'el-rei de Castella, que taes hi havia que conheciam alguns do duque, comendo e bebendo com elles quando se acertava correrem pontas, de que elles andavam mui corregidos de bons corregimentos pera tal jogo, e traziam carretas, quando vinham a ellas, carregadas de pão e vinho, patos e carneiros, e outras viandas, de que os inglezes ledamente tomavam convite.

Ora assim foi que Monsieur João d'Olanda, condestabre do duque, e Monsieur Arnáo de Roy, cavalleiro d'el-rei de França, se desafiaram pera correrem pontas certas carreiras a cavallo.

Monseur João se fez prestes e corregido pera o attender; veiu Monseur Arnáo bem formoso cavalleiro, mais comprido que Monseur João, coberto elle e o cavallo de rafo vermelho e um mote de lettras de chaparia dourada em seu pequeno escudo, á guisa de talabarte, que diziam «Bele», parecia n'aquelle jogo mais certo e desenvolto que Monseur João, e indo á primeira carreira, foi encontrado Monseur João e cahiu uma grande queda limpo fóra do cavallo, e levantou-se rijo com tal queixume que parecia jogara as punhadas com o francez, se o alli tivera, e entonce cavalgou outra vez e encontrou com Monseur João tão baixo, o outro não levando a lança na reste bem, que lhe feriu o cavallo no pescoço, de guisa que morreu, e por este azo não foram á terceira carreira.

Outro bom jogo aconteceu hi de um francez com um inglez correndo a pé de facha, que indo o francez contra elle alçando a facha pera lhe dar, cuidando que o tinha de si perto, ficou tanto áquem d'elle que tamanho golpe pensava que lhe dava, tamanho deu comsigo e com a facha no chão, cahindo ante os pés do inglez estendido, o qual vendo-o assim jazer, descarregou uma tal fachada n'elle, de que o francez deu um grande gemido, e porque não havia de ser mais de um golpe de cada carreira, alçou-se e não foram outra.

Outros muitos correram pontas pé terra com os inglezes, assim francezes como castellãos, d'espadas e fachas, e d'outras maneiras, que por não alongar deixamos de dizer.

Em este caminho era a hoste tão minguada de carnes que parte d'ella se sentia muito, porém de vacca nunca a el-rei errava trez iguarias, desfeito, assado e cosido. Outros passavam como podiam, em tanto que achando um dia ninhos de corvos por aquecimento, acudiu alli tanta gente, que pareciam que se queriam matar sobre elles, e quem podia haver escusa da uma, que a el-rei de presente mandasse, cuidava que lhe fazia gran serviço.

CAPITULO CXIII

Como el-rei passou por Cidad Rodrigo e chegou a Portugal.

LEVANDO el-rei com sua hoste aquelle caminho de Cidad Rodrigo, o infante D. João e Martim Annes, mestre de Alcantara, e Garcia Gonçalves de Grijalva e outros capitães entre castellãos e francezes, dos que estavam pelas fronteiras que sahiram umas quatro mil lanças, houveram novas como os do arraial iam enfermos. Juntaram-se com suas gentes, e vieram-se de noite por caminhos desvairados todos a aquella cidade, com intenção de pelejar com el-rei.

A manhã vinda, elles todos se pozeram fóra da cidade pé terra e arredados quanto seria dois tiros de bésta, aguardando a hoste, que vinha d'alli uma grande legua.

O Condestabre trazia a vanguarda e as alas corregidas em sua ordenança; e os castellãos quando

os viram d'aquelle geito vir, cuidando que não eram mais porque a reguarda não parecia ainda, accordaram de pelejar com elles.

O conde havia de passar um pequeno rio, que ia por hi uma ponte estreita, a qual era já guardada dos inimigos, assim homens d'armas como de pé e bésteiros, por embargar aquelle passo. Martim Gonçalves, commendador-mór de Christus com as gentes do mestre e suas altas plumas em vez de bandeira, e outros com elle, chegou alli pé terra, e a mau seu grado, fez aos inimigos leixar aquelle porto; e o conde passou aquelle pequeno rio, e poz-se em batalha ordenada, porque não sabia o que os castellãos queriam fazer.

Em esto assomou el-rei com sua reguarda e foi visto dos inimigos, e entonce disseram uns contra os outros:

— «Mais gente é esta da que cuidavamos; não cumpre de nos embaraçar com elles.»

Disse entonce Garcia Gonçalves ao infante D. João que era bem de se recolherem á cidade, pois aquellas gentes eram tantas, e o infante respondeu dizendo:

— «Firmae, firmae bem os pés nos estribos, se os não trazeis bem firmes, que ainda nos parece cedo pera nos tornarmos.»

El-rei quando os divisou e viu assim d'aquelle geito, não tendo ainda passado o rio que o conde passara, pediu outro cavallo e bacinete, e poze-o, e encaminhava pera onde os castellãos estavam, e indo pera a lá, chegaram Alvaro Coitado e João Affonso Pimentel, ambos a cavallo com as lanças nas mãos á guisa de corredores, e disseram:

— «Senhor, onde vós is? não vades por este ca-

minho, ca alli vae um alto passo de um regato cavado mui mau de passar por uma ponte estreita, e pode-se ainda embargar.»

El rei ouvindo esto deteve-se entonce, e começou de fazer tornar os que iam com elle, que não levassem aquelle caminho.

Os castellãos vendo que el-rei tinha ainda de passar o rio que o conde já tinha passado, e que havia de descer a elle por uma ladeira a fundo, pozeram-se muitos a cavallo pera os poder remessar á descida, ca o podiam bem fazer a seu salvo.

El-rei quando aquello viu, entendeu o que fazer queriam, e mandou chamar todos os bésteiros que vinham na reguarda, que ficassem alli á passagem pera tirarem aos de cavallo, e deu carrego a Gonçalo Vasques Coutinho que os acandelasse, o qual, como ardido cavalleiro, em cima de um cavallo murzello, sem outro homem de armas comsigo, os candelava, tendo esta maneira: em quanto uns tiravam, armavam os outros; e como alguns castellãos se queriam adiantar, punha Gonçalo Vasques uma espada d'armas sob o braço, e ia a elles, e os besteiros seguiram-n'o tirando, e assim os faziam affastar de si, de guisa que toda a gente da reguarda passou, que nunca nenhum teve geito de poder remessar lança com temor da béstaria.

Como a ribeira foi passada, ajuntou-se o Condestabre com el-rei, e aposentou-se o arraial acerca de meia legua acima da cidade, e el-rei e o conde andaram sempre a cavallo até que a hoste foi assocegada e suas guardas postas, por serem tão perto de seus inimigos, porém que em passando esto que dizemos, foram feitas algumas escaramuças, em que não cumpre fazer detença.

Em outro dia, partindo el-rei d'alli, monseur João de Olanda se espediu d'el-rei e o duque com alguns cavalleiros e outros inglezes da companha do duque, que passavam de cincoenta de cavallo, e sua esposa com outras mulheres de casa da duqueza se partiram d'alli e foram pera os inimigos com cartas de salvo conducto que já tinham d'el-rei de Castella pera passarem por seu reino e se irem a Gasconha, senhorio de Inglaterra.

El-rei ficou maravilhado quando viu tal partida, e o duque e sua mulher não mostraram que faziam d'isso conta, e d'alli partiu el-rei caminho de Portugal, e veiu a hoste pousar a Val de Lamula, e em outro dia chegou a Almeida, que era o primeiro logar de seu reino por aquelle caminho.

CAPITULO CXIV

Como vieram a el-rei de Castella as duas mil lanças que lhe el-rei de França promettera em ajuda.

El-rei e o duque em Portugal postos ante que mais ouçaes d'esto que fallámos, convém que se diga das duas mil lanças que el-rei de Castella aguardava em ajuda, não por termos que contar e fazer daquesto historia, mas porque a França levámos recado e trouvemos a resposta que vistes, a rasão requer que desejeis saber que cumprimento houve tal promessa, onde assim foi que el-rei e o duque partidos da conquista e tornados a Portugal,

houve el-rei de Castella novas como o duque de Bourbon, tio d'el-rei de França, irmão de sua madre, vinha em sua ajuda por capitão de duas mil lanças, por que el-rei esperava, que eram já nos termos de Logronho, andando quanto podiam por chegar a seu serviço.

Em esto chegou o duque primeiro, e el-rei o recebeu mui bem, e havendo com elle conselho que maneira se teria de fazerem todos guerra, alguns capitães francezes e muitos castellãos diziam que era bem que el-rei entrasse em Portugal e fosse pelejar com o duque e com o Mestre que se chamava rei.

Outros, a que não prazia, punham gran duvida em acharem viandas que abastassem pera tanta gente.

Ora posto que algumas historias não façam d'esto tão grande menção, a verdade d'esto se passou d'esta guisa:

El-rei era muito gastado da paga do soldo que aos seus e áquellas gentes suas e estrangeiras fazia, em tanto que alguns não sabendo remedio que poer, assim como o conde de Longa Villa, que estava em Villalpando, e não tinha por onde se pagar, mandou que se tomasse os mantimentos á sua vontade sem fazer d'elles pagamento, e elle assim o fazia, e roubavam o logar todo, e portanto disse el-rei a aquelles capitães, que eram hi de França, que elle lhe agradecia muito o afan e trabalho que por seu serviço haviam soffrido, em vir de tão longa terra pera o servirem, e que pois a Deus graças os inimigos já eram fóra de seus reinos, e elle entendia de tratar com o duque de virem ambos a boa avença, que elle achava em seu conselho que era bem se tornarem pera sua terra, e que elle lhe mandaria pagar

todo o que haviam de haver, de guisa que fossem contentes.

E elles responderam que eram alli vindos por mandado d'el-rei seu senhor pera o servir e fazer todo o que lhe mandasse, e que muito lhes prouguera de virem antes, por acharem seus contrarios e pelejarem com elles, e que se sua mercê fosse de entrarem em Portugal e buscar batalha, que prestes eram de o fazer, e todos tal mandado traziam.

El-rei disse que lh'o agradecia, e não fallaram mais em esto.

Entonce ordenou que D. João Manrique, arcebispo de Santiago, com aquelles capitães fosse a Burgos, e alli fizessem conta do soldo e gajes que haviam d'haver, e lhe fizessem de todo pagamento; e tomada a licença e espedidos d'el-rei, foram-se áquella cidade, onde foi feita a conta de quanto lhe montava, e d'elle lhe pagaram logo, e parte lhe ficou por pagar, que lhe el-rei depois pagou, e isso mesmo seu filho depois de sua morte.

CAPITULO CXV

Como os mensageiros d'el-rei de Castella vieram fallar ao duque, e se accordaram em certas avenças o anno de quatrocentos e vinte e cinco.

Visto o tempo que o duque com el-rei andou em Castella, e quanto lhe aveiu até á presente sazão, ora convém que digamos que fim houve tamanho negocio, e como se quitou d'elle de todo, pois que ficámos pera o dizer, mas porque cousas algumas antrevieram em meio d'este tempo, que não são pera esquecer, razão é que as contemos até que elle parta do reino pera Inglaterra; onde sabei que el-rei, como foi em seu reino, mandou o Condestabre que fosse a Alemtejo por guarda da terra e cousas que lhe cumpriam. E elle, segundo o voto que promettido tinha, ante que entrasse em Castella, partiu logo de pé pera Santa Maria d'Oliveira, que era d'alli umas trinta leguas, na villa de Guimarães, por cumprir sua romaria, e o duque ordenou em tanto de ir a Coimbra vêr sua filha, e elle na villa de Trancoso, que eram d'alli nove leguas, chegaram mensageiros d'el-rei de Castella, por trautar com o duque algumas avenças por que se partissem d'esta contenda; porque o commum som que as gentes fallavam, todo era que elle ia ajuntar mais gentes, pera vir outra vez a Hespanha, da qual cousa a el-rei muito desprazia, mórmente por ter el-rei de Portugal em ajuda, e porém lhe mandou requerer o que já d'ante commettido tinha, que se lhe proguesse

casar sua filha D. Cathelina com D. Anrique, seu filho, e herdeiro dos reinos de Castella, que elle daria a elle e a sua mulher a infante, assim em villas como em dinheiro, aquello que razoado fosse.

E fallando sobre estas cousas, no casamento bem se accordavam, mas nas cousas que o duque pedia, eram em grande desavença; finalmente vieram a concordar que o casamento fosse feito, e que el-rei de Castella desse em dote a sua nora que havia de ser, a cidade de Soria e a villa de Almacam, e a villa de Atiença e de Eça, e a villa de Molina, e que désse á duqueza sua madre em sua vida Guadalfajara, e Medina del Campo e Olmedo, e que el-rei de Castella desse mais ao duque em dinheiro, por as despezas que feitas havia, seiscentos mil francos d'ouro, pagados em certos tempos, e mais cada anno em sua vida e de sua mulher, qual d'elles mais vivesse, quarenta mil francos pagados em tempo assignado, e que o duque e sua mulher se partissem de toda demanda e contenda que contra os reinos de Castella haver podiam.

E porque o trauto d'estas cousas melhor e mais compridamente se fazer podesse, que o duque se partisse de Portugal e se fosse pera Bayonna, que é no reino de Inglaterra, e cerca da comarca de Castella, e que alli mandaria el-rei seus procuradores, pera se d'esto fazer escriptura, n'aquella firmeza que cumpridouro fosse.

Sendo accordados, tornaram-se os mensageiros com esta resposta, e o duque se veiu a Coimbra, vinte e seis leguas, onde a rainha sua filha estava.

CAPITULO CXVI

Como el-rei partiu caminho de Coimbra e adoeceu no Curval

El-rei de Portugal partiu de Guimarães pera o Porto, e d'alli caminho de Coimbra, onde estava a rainha sua mulher, que eram dezoito leguas de uma cidade á outra, e elle nos paços do Curval, que são em meio do caminho, adoeceu de grande dôr de quentura, a que não podia pôr cobro, e era esto no fim do mez de julho.

A rainha, como taes novas ouviu do seu muito amado marido que ella tanto presava, trigosamente partiu pera aquelle logar, e o duque seu padre com ella, e quando chegaram e o viram tão fraco e sem esforço, que adur lhe podiam fallar, ficaram tão nojosos e tristes, especialmente a rainha, que se dizer não póde, de guisa que logo moveu uma creança, e não sem razão, que se via em terra estranha e casada de pouco, e posta em tão grande honra e fallecer-lhe logo assim cedo, bem se tinha por mal aventurada entre as mulheres do mundo, e cuidando esto em sua alma e espirito, não cessava de chorar pedindo á morte que a levasse primeiro.

El-rei mandara chamar o Condestabre, e isso mesmo alguns fidalgos, e feito seu testamento e repartidas suas cousas, era o desmaio tão grande em todos, que attendendo por sua saude tal esperança, entendiam ser vã, não fallavam em nenhum cobro que ao reino poer podessem, salvo caminhos craros

e abertos, como Portugal por sua morte de todo ponto era perdido.

A muito nojosa rainha chegava-se a el-rei por o consolar, não tirando os olhos d'elle, e não sabia como reter as lagrimas que embargavam sua doce falla, e attendendo por sua saude, via-o cada vez mais fraco, e olhando como se todos apuridavam uns com os outros, esto a punha em mór desesperação, assim que ao seu nojo sobre guisa não sabia conselho que poer senão tornar-se ao muito alto Deus e sua preciosa Madre, rogando a meude em suas devotas orações que se quizesse amercear de seu desamparo, e assim como mestra de misericordia, provesse de saude ao seu desejado marido, á qual prougue por sua mercê impetrar tanta graça de seu bento filho, que el-rei começou de convalecer e melhorar pera saude, cousa que não foi em menor conta teudo como se resuscitara da morte á vida, e aproveitando em sua boa melhoria, chegou-se um dia o duque á cama e disse que lhe pedia por mercê que perdoasse ao conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves de Figueiredo algum erro, se lh'o feito tinham, e os mandasse soltar e seu filho com elles.

—«Em verdade, disse el-rei, eu nunca os mandei prender por cousa que entendesse que contra mim obrassem, mas fize-o por me não fazerem deserviço, que me pareceu que queriam fazer, e porém os retive até hora, ante mandava dar mantimento a elles e a suas mulheres, como sabeis por verdade, mas pois a vós, senhor, assim apraz, eu sou lédo que os soltem logo.»

E assim era de feito como el-rei disse, ca o conde havia por mez quinhentas libras, que eram vinte do-

bras, e Ayres Gonçalves havia seis. O duque mostrou que lh'o agradecia muito e fez geito de lhe beijar a mão, segundo costume de Portugal, mas el-rei não lh'o quiz consentir.

CAPITULO CXVII

Como dois do duque entraram em campo, e a razão porque.

Prouguе ao Senhor Deus dar boa saudè a el rei, e partiram-se d'aquelle logar e vieram-se todos a Coimbra, onde estando por alguns dias, foi descoberta uma traição que ordenada fôra contra o duque, a qual por remembrança das cousas passadas e avisamento das que são por vir, queremos aqui contar, e foi d'aquesta guisa:

Andando el-rei e o duque n'aquella conquista que ouvistes, vindo um dia á tornada, entre Çamora e Touro, pera uma aldeia que chamam Currales, juntaram-se uma vez gentes de cavallo, assim de Portugal como de Castella, pera irem uns contra outros, como se costuma fazer, e d'entre os castellãos sahiu um homem de cavallo, correndo quanto podia por se lançar com os portuguezes, com cruz vermelha de S. Jorge, que com brados vinha mostrando e dizendo que lhe acorressem, porque traz elle vinham alguns fingindo que o queriam prender, e elle, que trazia o cavallo ligeiro,

des-ahi os outros sem vontade de o filhar, sahia-se d'elles quanto queria.

Os portuguezes vendo aquesto, sahiram a elle por o defender, e colheram-n'o entre si, perguntaram lhe que era aquello? E elle respondeu a todos dizendo:

— «Levae-me a el-rei de Castella meu senhor, duque de Lencastro e á rainha sua mulher, e eu direi esto porque é.»

E levaram-n'o ante elles assim como pedia, e depois que lhe foi apresentado disse: que elle vinha a elles como seus senhores, que eram, e herdeiros do reino de Castella, por bem d'el-rei D. Pedro seu padre, que era a elle e seu linhagem, e lhe dera uma commenda e tenças que tinha, e que todo leixava por os vir servir e ser em ajuda de vingar a morte de seu senhor el-rei D. Pedro.

O duque e sua mulher quando esto ouviram, contaram-n'lo por grã bondade, dando lhe de si bom acolhimento e promettendo lhe de lhe fazer mento e promettendo lhe de lhe fazer mercê, traziam-n'o em boa conta segundo seus eguaes; e elle vinha por lhes dar peçonha, e andando elle assim, não cuidando ninguem tal cousa, por sua má discrição e pouco avisamento, veiu-se a desavir com um seu homem que d'esta maldade sabia parte, o qual o descobriu a el-rei e ao duque, que d'esto ficaram mui espantados, e preso por esto e negando que não, o outro affirmando que sim, foi-lhe dado campo a seu requerimento, e entrando em elle o servidor lh'o fez conhecer, e confessado por elle, foi mandado que o queimassem, e assim fez má fim, guardando Deus o duque de tamanho cajom.

CAPITULO CXVIII

Resposta a algumas razões que um historiador poz em sua chronica.

Estando o duque com el-rei n'aquella cidade por espaço d'alguns dias, ordenou de partir de Portugal e se ir áquella comarca onde ficara com os embaixadores de Castella, e el-rei que parte sabia de todo seu feito, tinha já mandado armar seis galés na cidade de Lisboa, as quaes eram partidas pera o Porto por se juntarem com outras que hi estavam, de guisa que eram por todas quatorze, de que Affonso Fortado levava governança, que era capitão de mar.

O duque partiu com sua mulher e familia pera aquella cidade, onde havia de embarcar, e el-rei e a rainha em sua companha, onde folgaram um pouco d'espaço, não por as galés não estarem prestes, ca o eram mui compridamente de todas as cousas que mister faziam, mas por solazar com a rainha sua filha, que não sabia quando a havia de tornar a vêr.

Ora ante que o duque parta, porque havemos de ir com elle, pera virmos dar conta do que lhe avier sobre este negocio, queremos primeiro reprender algumas não bem ditas razões que um auctor em este passo, mais por desamor que por fazer historia, enxertou em seu volume, das quaes, uma, foi que el-rei de Portugal em esta cidade, ante que

o duque partisse, lhe pedira que dotasse sua filha com que casou, o que era razão de fazer; a outra, que lhe pagasse o soldo que havia de ter elle, e as gentes que com elle entraram em Castella, e as despezas que n'aquella ida fizera, das quaes razões diz que se o duque muito queixou, dizendo contra el-rei que fiando elle d'elle sua filha e leixando-lh'a em refens pelo que elle e sua companha haviam de haver de seu soldo, pera depois casar com ella tanto que dispensação houvesse, que elle a tomara por mulher dormindo com ella, ante que as lettras de Roma viessem, pelas quaes elle mandara o bispo de Evora e Gonçalo Gomes da Silva, que as não poderam haver do papa Urbano, que então era, e que por estas razões foram por dias não bem accordados, e que entonce el-rei ficara de mandar pela dispensação; e que o duque vendo que não podia já mais fazer, catara a melhor maneira que podera, a qual fôra que por dotar sua filha e paga do soldo que el-rei e os seus haviam d'haver e despesas que na ida gastara, que o duque lhe fizera doação dos logares todos que em Galliza havia ganhados, e feitas escripturas d'esto quaes cumpria, que o duque se partira do Porto e se fôra pera Bayona de Inglaterra.

E aqui acabou seu mau razoado, o qual, posto que de resposta merecedor não seja, a clara verdade brevemente o impunha; d'esta guisa vós achareis no quarto capitulo do trauto que el-rei com o duque fez, quando se primeiro viram, que elle com hoste de duas mil lanças e mil bésteiros e dois mil homens de pé e sua propria pessoa, á sua custa e despeza fosse teudo de o ajudar aquelle tempo que entonce devisaram, e porém não tinha razão de lhe

requerer e pedir tal paga, como de feito não requereu; e posto que a convença tal fôra, e lh'o el-rei entonce requerera, não era error que em elle desfizesse; ca se não tinha por menos de senhor e estado, o principe de Galles, filho d'el-rei de Inglaterra, que veiu ajudar el-rei D. Pedro quando foi a batalha de Najara, e assoldadado vinha elle e todos os que com elle vinham, como vereis onde fallamos de seus feitos, e pero se muito trabalhasse d'haver de todo pagamento, e o não podesse haver, de nenhum lhe foi entonce contado por mingua, como este auctor cuidou que prasmava, posto que acontecera, como errando escreveu.

Que o duque dotasse sua filha, esto não havia porque lh'o pedir, ca em uma clausula d'esse mesmo trauto diz que por bem d'aquelle matrimonio e ajuda que o duque d'el-rei havia de haver, lhe davam elle e sua mulher aquellas villas e logares que no trauto são nomeados, de que se el-rei assaz contentou, posto que tal esperança duvidosa fosse, e não havia porque lhe mais pedir outro dote, pois que de todo o que o duque tratava el-rei de Portugal era sabedor.

A doacão que diz que lhe fez das villas e logares que em Galliza havia cobrado, a razão esto não quer consentir, ca elle era posto d'accordo com el-rei de Castella, por seus mensageiros, como dissemos, e não havia porque fazer doação do que a outrem já tinha leixado, nem el-rei não acceitara, que de seus feitos não sabia parte.

Que algum outro queira dizer que lhe requerea dote de dinheiros, esto mais pouco lhe pediria el-re, ca o duque estava entonce assim misterioso, que escusado era tal requerimento, mórmente que sua gran-

diosa liberalidade era assim contente do linhagem, virtudes e condições da rainha sua mulher, que esto era a elle bastante dote pera contentar sua profunda grandeza, a qual emprestou ao duque assaz de prata, que mister houve, e dois mil e dozentos nobres, antes que se fosse, e não lhe requereu d'ello pagamento e mais pouco lhe requereria; esto foi por mal dizer, que por mal dizer foi assacado.

A leixada que diz de sua filha em poder d'el-rei, e a tomada que conta como houve, e desaccordo em que por estas cousas estiveram alguns dias desavindos, esto não sómente é falso e de todo contra a verdade, mas ainda é clara mentira.

Ora seja tomada estreitamente por malicia do que a diz, ora seja por largo modo quando se affirma por ignorancia do que arrazoa; porque el-rei sempre foi de accordo com elle, e muito obediente no que lhe podia comprazer, e a seu requerimento fez boda com sua filha, de que o duque foi muito contente, como se largamente podia mostrar, mas esto que se segue por breve informação abaste.

Que o duque no começo d'estes feitos estando acerca de Chaves, em uma aldeia a que chamam Carrezede, chegou a elle um lettrado do conselho d'el-rei, por cousas algumas que lhe por elle mandava dizer, das quaes lhe o duque enviou resposta por uma carta, cujo ditado era este:

«Mui nobre e mui honrado e poderoso rei nosso parente e amigo. Nós, el-rei de Castella e de Leão, duque de Lencastro, vos enviamos muito saudar, como a rei que muito amamos e prezamos, e de que muito fiamos, e pera quem queremos muita honra e boa ventura, e tanta vida e saude como pera nós mesmos, fazemos-vos a saber, etc.»

E depois de muitas cousas que na carta eram cor teudas, uma verba dizia assim:

«Outrosim vos agradecemos muito, e temos er mesura e cortezia e nobresa que com nossa filh mostraes e de vossos ricos doens que vos prougu de lhe dar, e da boa ordenança que lhe haveis feit pera mantimento d'ella e de seu estado, e dos qu com ella estão; pelo qual nós somos mui teudos fazer por honra vossa e de vossas cousas, assin como por as nossas mesmas, e fiamos em Deus qu nos ponha em tal estado que vol-o possamos conhe cer como cumpre a nossa honra e vossa. Mui nobr e mui poderoso rei nosso parente e amigo Noss Senhor Deus vos haja em todo tempo em sua guar da, etc.»

Assim que parece muito ao contrario do qu aquelle auctor, por mal dizer, escreveu ácerca d taes feitos.

Á dispensação, em que poz a bocca, respondere mos tanto que viermos, porque de presente temos muito que fallar em outras cousas.

CAPITULO CXIX

Como o duque partiu do Porto e do trauto que fo firmado entre elle e el-rei de Castella.

Depois que o duque folgou alguns dias com el-rei e com sua filha, embarcou por fazer viagem elle e o seus, que eram muito pou- cos, ca todos iam em seis galés muito folgadamente, e os outros por honra em sua companha, e era no

fim de setembro, ellas sahidas de foz em fóra, e postas no mar deu-lhe Deus tão boa viagem que em breves dias chegaram a Gasconha, a uma cidade que chamam Bayona, do senhorio de Inglaterra.

Como el-rei de Castella soube que o duque era em aquelle logar, ordenou de enviar a elle seus embaixadores por firmarem aquelle trauto de que já fizemos menção, e os que el-rei nomeou pera irem lá, foram Frei Fernando de Ilhescas, da Ordem de S. Francisco, que era seu confessor, e Pero Sanches de Castilho, doutor em Leis, e o doutor Alvaro Martins, que da primeira com os outros mensageros vieram fallar ao duque.

E porque nas avenças, que concordadas foram na villa de Trancoso, fôra razoado acerca d'esto quanto mister faziam, não foi cumpridouro mais longa tardança senão ordenar o trauto de guisa que fosse valioso; e leixadas muitas clausulas que em ello foram postas, sómente das que pertencem a sua requesta diremos aqui, e mais não:

« Que el-rei de Castella e o duque de Lencastro e a duqueza sua mulher fizessem todo seu poder que casassem por palavras de presente o infante D. Anrique, primogenito filho d'el-rei de Castella, com D. Cathelina, filha do dito duque.

« E que do dia que este trauto jurado e firmado fosse, até dois mezes seguintes se fizesse este casamento pubricamente em face de egreja e se acabasse por matrimonio quanto bem cedo ser podesse.

« Outrosim, que o infante D. Fernando, segundo filho d'el-rei de Castella não esposasse nem tomasse mulher nenhuma, até que o dito infante seu irmão fosse de edade de quatorze annos, ca elle entonce

era de nove, e esto pera poder com direito outorgar seus desposorios e cumprir o casamento, e que d'esto o infante D. Fernando fizesse juramento.

« E que acontecendo, o que Deus não quizesse, que ante da edade dos quatorze annos, não tendo consumado seu matrimonio, o infante D. Anrique viesse a morrer, que entonce a dita D. Cathelina cazasse com o infante D. Fernando, seu irmão.

« E que el-rei de Castella desse logo ao infante D. Anrique seu filho e a D. Cathelina, sua esposa que havia de ser, a cidade de Soria e as villas de Almacam e de Atiença, e de Molina e de Eça, com seus termos, e todos seus direitos.

« E mais que até dois mezes seguintes depois da firmeza d'este trauto, el-rei ordenasse suas côrtes nas quaes fizesse jurar aos povos de haverem ao dito infante e D. Cathelina sua mulher por herdeiros e senhores dos reinos de Castella.

« E entregue D. Cathelina a el-rei pera ser mulher do infante D. Anrique seu filho, que el-rei fosse teudo de dar e pagar ao duque e sua mulher seiscentos mil francos d'ouro de justo preço da moeda de França.

«E que o duque e a duqueza renunciassem e leixassem de si todo o direito, que haver podiam, nos reinos de Castella e de Leão e o puzessem em el-rei e seus herdeiros, e que estes seiscentos mil francos se pagassem em certos tempos que entre si devizassem.

«E mais que el-rei de Castella e seus successores dessem ao duque e sua mulher em sua vida d'ambos e do que postrimeiro morresse quarenta mil francos cada anno d'aquella mesma moeda, postos e pagados n'aquelle logar de Bayona.

«E pera se cumprir esta paga d'aquelles seis-

centos mil francos, que el-rei de Castella desse ao duque em arrefens de certas pessoas de que se elle contentasse.

«E que el-rei de Castella perdoasse a todas as pessoas, de qualquer estado e condição que fossem, que tiveram a parte do duque e lhe deram villas e castellos, recebendo-o por senhor.

«E que esta tresanção e renunciação se entendesse, assim que el-rei D. João de Castella e o infante D. Anrique depois d'elle possuissem os reinos e senhorios que o duque demandava, e os netos e bisnetos d'este infante e de sua mulher legitimamente descendentes.

«E se esta D. Cathelina e seu marido não houvessem filhos nem filhas que herdassem os reinos de Castella, que esta mesma condição passasse ao infante D. Fernando; e morrendo o infante D. Fernando sem filho nenhum legitimo nado, que em este caso tal herança e successão trespassasse a quaesquer filhos ou netos lidimos do dito D. João rei, e não ficando herdeiro legitimo do dito rei, nem dos infantes D. Anrique e D. Fernando seus filhos, que entonce o direito e senhorio dos reinos de Castella passasse ao duque e sua mulher, e filha, e a quaesquer outros legitimos descendentes d'elle e de cada um d'elles

«Outrosim em rasão da paga dos quarenta mil francos, que el-rei e seus herdeiros haviam de dar cada anno ao duque, que esto fosse por esta guisa, que não pagando inteiramente por estes tres annos, um depoz outro, que o duque podesse tornar a demandar o direito que ante demandava, e que em nenhum outro caso não houvesse logar de britar esta tresanção, senão este.

E pera guarda d'estas cousas e cumprimento de cada uma paga como se havia de fazer, deu el-rei certos arrefens até um dia certo, s. D. Fradique, duque de Benavente seu irmão até á primeira paga, e assim outros arrefens até certas pagas, assim como D. Pedro Ponce de Leão, senhor de Marchena, e João de Valasco, filho de Pero Fernandes, e Carlos de Arelhano e João de Padilha, e Rodrigo de Rojas, e Lopo Ortiz de Estunhiga, filho de Pero Fernandes, e João Rodrigues de Cisneiros, e Rodrigo de Castanheda e algumas outras pessoas de certas cidades.

E como faziam alguma paga dos seiscentos mil francos ao termo devisado, assim tiravam certos arrefens, e acabadas as pagas foram todos livres.

«E mais que el-rei desse a D. Constança, mulher do duque, em sua vida, Guadalfajara e Medina del Campo, e Olmedo, com todas suas rendas e senhorios.

Outras liaças d'amizades e capitulos de desvairadas cousas foram postas n'aquelle trauto, que por escusar prolixidade leixamos aqui de dizer.

CAPITULO CXX

Como D. Cathelina foi trazida a Castella, e sua madre veiu vêr a el-rei seu primo.

Feito este trauto, que brevemente contámos, ordenaram mais em aquelle logar que o infante D. Anrique se chamasse Principe das Esturias, e sua mulher D. Cathelina Princeza, e que a dias certos fosse trazida a Castella e entregue em esse reino.

El-rei ordenou logo como enviasse por ella, e mandou a lá senhores e prelados, e donas e cavalleiros, quaes cumpria a sua honra, e chegaram a um logar que chamam Fonte Rabia, que é em Guipuscua, terra de Biscaia, e alli trouveram a princeza cavalleiros do duque de Lencastro, e entregando-a a aquellas honradas pessoas que el-rei por ella mandou, receberam logo certa somma d'ouro e arrefens, que haviam de ser postos, e espediram-se uns dos outros.

El-rei attendeu sua nora na cidade de Palença, que era moça de quatorze annos, por se fazer alli solemnemente a festa dos esposarios, e quando chegou, recebeu-a el-rei com mui grande honra, e a poucos dias na egreja cathedral d'essa cidade esposaram, como é costume, com grandes prazeres de justas e torneios, e d'outras alegrias, e deu el-rei suas joias a alguns do duque que alli chegaram, e foram-se.

D'alli partiu el-rei, e veiu-se a Tordesilhas, e alli foi ordenado como D. Constança sua prima, mu-

lher do duque, viesse a Castella vêr el-rei, o qual a mandou receber por grandes senhores e prelados, fazendo-lhe muito serviço e honra, por onde quer que vinha; e quando chegou recebeu-a el-rei mui honradamente, esteve hi alguns dias, dando-lhe el-rei de suas joias e mais a villa de Huete que a houvesse em sua vida, a qual lhe logo mandou entregar.

Enviou o duque por ella a el-rei uma corôa d'ouro mui rica e formosa, dizendo que aquella tinha elle feita pera se coroar nos reinos de Castella, mas pois que já eram avindos e d'assocego, que a elle cumpria de a trazer, e mais lhe mandou uma cinta d'ouro mui rica, e el-rei enviou a elle cavallos e ginetes, e mulas bem formosas e outras cousas.

INDEX

PAG.

CAPITULO I.V. — Como o mestre de Santiago e os senhores que com elle eram mandaram desafiar o Condestabre, e da resposta que elle deu..... 5

CAPITULO LVI. — Como o conde e os castellãos encaminharam pera Valverde, e da peleja que entre elles houve á passagem d'um porto..... 8

CAPITULO LVII.—Como o conde começou de pelejar com os castellãos ante que entrasse á batalha..... 11

CAPITULO LVIII. — Porque guisa se fez a batalha entre o conde e os castellãos, e foi morto o mestre de Santiago..... 16

CAPITULO LIX. — Como Antão Vasques entrou por Castella, e do que lhe haveiu 20

CAPITULO LX. — Como Antão Vasques pelejou com os castellões e os venceu..... 24

CAPITULO LXI. — Quaes logares el-rei houve logo dos que tinham voz por Castella, e como se partiu a frota de sobre Lisboa..... 28

CAPITULO LXII. — Como el-rei partiu de Santarem por cumprir a romaria que promettida tinha..... 31

CAPITULO LXIII. — Como el-rei partiu da cidade do Porto com intenção de ir cercar Chaves 33

CAPITULO LXIV. — Como el-rei poz arraial sobre Chaves 35

CAPITULO LXV.— Como os da villa queimaram a bastida a el-rei, e do recado que lhe chegou do duque de Alencastro 37

CAPITULO LXVI. — Como chegaram a el-rei algumas gentes que mandara chamar, e da preitezia que Martim Gonçalves fez..... 40

CAPITULO LXVII. — Da resposta que el-rei de França deu aos mensageiros de el-rei de Castella, que a elle enviou depois da batalha..... 45

PAG.

CAPITULO LXVIII. — Da carta que o Anti-papa enviou em resposta a el-rei de Castella 48
CAPITULO LXIX. — Como el-rei de Castella mandou dizer a Martim Gonçalves que desse a villa como tinha preitejado 51
CAPITULO LXX. — Como o conde lançou fóra da sua hoste todas as mulheres que os seus traziam 53
CAPITULO LXXI. — Como el-rei fez alardo na Valariça, e das gentes que achou 55
CAPITULO LXXII. — Como João Affonso Pimentel se veiu pera el-rei e lhe deu Bragança 61
CAPITULO LXXIII. — Como el-rei cobrou Almeida, não levando intenção de a cobrar 62
CAPITULO LXXIV. — Como o conde mandava queimar um escudeiro por um calix que tomou de uma egreja, e foi preso Affonso Pires 64
CAPITULO LXXV. — Como el-rei chegou a Coria, e poz seu cerco sobre ella 67
CAPITULO LXXVI. — Como el-rei combateu a cidade de Coria, e das razões que disse Ruy Mendes 69
CAPITULO LXXVII. — Das razões que el-rei houve com o Condestabre, sobre o cercar dos logares 72
CAPITULO LXXVIII. — Como el-rei descercou Coria, e se tornou pera seu reino 77
CAPITULO LXXIX. — Do recado que el-sei enviou a seus embaixadores, e como souberam em Inglaterra que elle era feito rei 80
CAPITULO LXXX. — Como o mestre de Santiago e Lourenço Annes Fogaça foram fallar ao duque, e das razões que houveram 83
CAPITULO LXXXI. — Como o duque fallou a el-rei e aos do conselho sobre sua vinda pera Hespanha, e lhe foi outorgada licença 85
CAPITULO LXXXII. — Da liança e amizade que foi tratada entre el-rei de Inglaterra e el-rei de Portugal 87
CAPITULO LXXXIII. — Como o duque partiu de Inglaterra, e aportou em Galliza 90
CAPITULO LXXXIV. — Das palavras que o duque enviou dizer a el-rei de Castella, e da resposta que por seus mensageiros mandou 93

Pag.

Capitulo LXXXV. — Das razões que disseram ao duque os outros dois embaixadores 96
Capitulo LXXXVI. — Como o duque deu sua resposta a estas cousas que os embaixadores disseram 99
Capitulo LXXXVII. — Das razões que mais amadeu o que dava a resposta por parte do duque..... 100
Capitulo LXXXVIII. — Que homem era o duque de Lencastro e sua mulher D. Constança..... 105
Capitulo LXXXIX. — Como o duque partiu de Corunha e houve a cidade de Santiago 107
Capitulo XC.— Como el-rei soube parte da vinda do duque e se veiu ao Porto..... 109
Capitulo XCI. — Como el-rei enviou fallar ao duque, e onde concordaram de se verem ambos..... 112
Capitulo XCII. — Como el-rei e o duque se viram a primeira vez 114
Capitulo XCIII. — Das avenças que el-rei e o duque trataram entre si. 116
Capitulo XCIV. — Como el-rei partiu pera Riba de Odiana, e foi a infanta trazida ao Porto..... 119
Capitulo XCV. — Como el-rei ordenou de tomar casa e escreveu aos conselhos do seu reino..... 122
Capitulo XCVI. — Como el-rei fez boda com sua mulher na cidade do Porto..... 124
Capitulo XCVII.— Como el-rei deu casa á rainha e renda pera sua despesa 127
Capitulo XCVIII. — De alguns costumes e bondades da rainha D. Filippa 128
Capitulo XCIX. — Como el-rei se escusou ante o duque por não ser prestes ao tempo que divera 130
Capitulo C. — Como el-rei e o duque partiram e chegaram a Benavente de Campos 133
Capitulo CI. — Como a terra estava apercebida por onde el-rei e o duque entraram..... 136
Capitulo CII. — Como correram pontas Alvaro Gomes e um castellão 138
Capitulo CIII. — Como correram pontas Mamborni com monseur Ruby 140
Capitulo CIV. — Como os da villa sahiram a escaramuçar ante que el-rei partisse 142

PAG.

CAPITULO CV. — Como foi cobrado Roales, e d'outras cousas que se seguiram 143
CAPITULO CVI. — Como el-rei cobrou Valdeiras 146
CAPITULO CVII. — Como foi roubado Valdeiras..... 148
CAPITULO CVIII. — Como el-rei cercou a Villalobos, e se Martim Vasques da Cunha defendeu aos castellões. 150
CAPITULO CIX. — Do que el-rei mandou fazer aos que tomaram a herva, e como foi cobrada Villalobos.. 153
CAPITULO CX. — Como el-rei ordenou de se tornar pera seu reino, e da morte de Ruy Mendes..... 157
CAPITULO CXI. — Como el-rei partiu com sua hoste, e foi preso Diogo Lopes de Angul 162
CAPITULO CXII. — D'alguns que correram pontas em aquelle logar..... 164
CAPITULO CXIII. — Como el-rei passou por Cidad Rodrigo e chegou a Portugal..... 166
CAPITULO CXIV. — Como vieram a el-rei de Castella as duas mil lanças que lhe el-rei de França promettera em ajuda 169
CAPITULO CXV. — Como os mensageiros d'el-rei de Castella vieram fallar ao duque, e se acordaram em certas avenças o anno de quatrocentos e vinte e cinco. 172
CAPITULO CXVI. — Como el-rei partiu caminho de Coimbra e adoeceu no Curval 174
CAPITULO CXVII — Como dois do duque entraram em campo, e a razão porque 176
CAPITULO CXVIII. — Resposta a algumas razões que um historiador poz em sua chronica..... 178
CAPITULO CXIX. — Como o duque partiu do Porto e do trauto que foi firmado entre elle e el-rei da Castella 182
CAPITULO CXX. — Como D. Cathelina foi trazida a Castella e sua madre veiu vêr a el-rei seu primo..... 187

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. VI

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
1898

CAPITULO CXXI

Como el-rei de Castella se mandou escusar ao duque que não o podia vêr por sua doença.

Passou este anno de quatrocentos e vinte e seis, e veiu a era de vinte sete na qual el-rei partiu de Medina d'el Campo, para ir a terra de Toledo, que era comarca mais quente, e alli se tratou que el-rei se visse com o duque entre Bayona e Fonte Rabia, e partiu el-rei de Alcalá de Henares e a duqueza sua prima com elle, e vieram-se ambos á cidade de Burgos para fazerem prestes as cousas que cumpriam para taes vistas, e estando el-rei em Burgos na quaresma, adoeceu, e depois que se sentiu melhor partiu d'alli pera Victoria, por encaminhar para Fonte Rabia, e d'alli de Burgos se partiu a duqueza sua prima para Bayona de Inglaterra, onde estava o duque seu marido.

El-rei chegando a Victoria, tornou-lhe a dôr que lhe viera em Burgos, e os fisicos lhe disseram que não partisse d'alli, porque a terra que havia de andar era trabalhosa de maus caminhos.

Entonce enviou el-rei ao duque o bispo de Osma e Pero Lopes de Ayala, e Frei Fernando de Ilhescas, seu confessor, por os quaes lhe fez saber como chegara a Victoria, vinte e quatro leguas de Bayona, por o ir vêr como o tinha accordado, e que como alli fôra, que se não sentira bem em tanto que lhe aconselhavam os fisicos que se não pozesse em trabalho de tal caminho, e que lhe rogava o quizesse haver por escusado.

Os embaixadores chegaram a elle, e contaram-lhe sua necessidade qual era, e o duque não se contentou das razões que lhe diziam, nem queria crêr as escusações que lhe fallaram, e razoou com elles muitas cousas, as quaes entendia de fallar com el-rei, especialmente dizendo que pois el-rei de Castella e el-rei de Inglaterra não haviam guerra, salvo por aquella demanda que era finda, em que se elle chamava rei de Castella, por razão da duqueza sua mulher filha d'el-rei D. Pedro, que lhe parecia que devia de ser amigo com el-rei de Inglaterra, e que se lhe d'esto prouvesse, que elle tinha poder bastante d'el-rei de Inglaterra, seu sobrinho è senhor, para o fazer compridamente.

Os embaixadores disseram a esto que o começo da guerra que entre estes reinos houvera, fôra por azo da ajuda que el-rei D. Duarte seu padre, e o principe de Galles seu irmão, fizeram a el-rei D. Pedro contra el-rei D. Henrique, padre de el rei D. João seu senhor, por o qual a el rei D. Henrique conviera fazer liga mui bastante com el-rei D. Carlos de França, que de presente reinava, e que depois d'esto elle casara com a infante Dona Constança, e se chamara rei de Castella, trazendo armas direitas do reino, e como quer que este debate

já era cessado, que a amisade e liga de França ficava em sua força e virtude, em tanto que el-rei seu senhor o não poderia ajudar contra elle, salvo guardada aquella amizade assim como diziam, mórmente que n'aquella entrada, que elle fizera com el-rei de Portugal, em sua terra, el rei de França lhe enviara o duque de Borbom seu tio com duas mil lanças de mui boa gente, afóra outros senhores e capitães que de seu grado vieram ao servir n'aquella guerra, assim que por nenhuma guisa elle não se partiria d'aquella amizade.

O duque disse que lhe prouvera muito se podera ser, mas pois assim era, que fizessem outra cousa que seria serviço de Deus e proveito dos reinos, s. que os mercadores e romeiros de Castella e de Inglaterra fossem seguros por mar e por terra, especialmente os que quizessem vir a Santiago.

Os mensageiros disseram que a razão era boa, mas que pensavam que el-rei seu senhor o não podesse fazer segundo o trauto entre elle e el rei de França posto, ca grandes senhores com muitas gentes podiam ser taes romeiros, que era duvidosa cousa, porém que elles o diriam a el-rei seu senhor, e elle lhe enviaria depois a resposta, e estiveram entonce com o duque alguns dias ante que partisse, e espedidos d'elles tornaram-se pera onde el-rei estava.

CAPITULO CXXII

Como el-rei juntou aquelle ouro que devia de pagar ao duque.

RAZÃO tem de cuidar qualquer avisado que por esta historia lêr, pois el-rei de Castella não tinha d'onde pagar soldo ás gentes estrangeiras que pelas fronteiras puzera, nem as duas mil lanças que el rei de França mandou em ajuda, d'onde haveria seiscentos mil francos que ao duque havia de dar?

O que sobre esto aconteceu, aveiu d'esta guisa: Tanto que el-rei soube que o duque de Lencastro era n'aquelle logar de Bayona, e que havia lá de enviar seus embaixadores, sabendo bem que firmariam ò trauto, fez logo côrtes na villa de Briviesca, onde vieram os procuradores das villas e cidades do reino, nos quaes foi fallado que maneira se havia de ter em juntar tão grande quantia como aquella que o duque havia d'haver, e como quer que alguns o contrario dissessem, emfim accordaram que el-rei lançasse peita por todo o reino, porque não fosse escusado clerigo nem leigo, nem fidalgo, nem outra pessoa de qualquer estado e condição que fosse, e os que esto conselhavam, diziam que pois el-rei livraria o reino de tão gran demanda e sujeição, que todos deviam ajudar a pagar em tal peita, e por tal ordenança fizeram cartas e enviaram por todo o reino, da qual cousa foram mui queixosos os fidalgos e donas e donzellas, e feito

grande movimento entre elles, de guisa que se não cobrava dinheiro, el-rei vendo aquello houve de buscar outra maneira que foi esta:

El-rei D. Henrique quando comprou de Mosem Beltrão a cidade de Soria, e as villas de Dalmaçam, Atença e Deça, e outros logares que lhe havia dados lançou uma peita, que chamam — emprestido —, dizendo em suas cartas que lh'o mandaria descontar em suas rendas que d'elles havia d'haver, e foi feito repartimento d'esto por todos os logares a cada um certa quantia, de guisa que ajuntou então quinze contos de maravedis, e mais, que fez pagamento da compra d'aquelles logares; entonce fez el-rei outra tal maneira de pedido, em que não pagaram donas, nem fidalgos, nem outra cleresia, e por tal emprestido juntou el rei tanta quantia por que pagou os seiscentos mil francos aos tempos que teudo era, e quitou seus arrefens.

CAPITULO CXXIII

Começo de resposta á dispensação, que dissemos que aquelle historiador fallara.

Pois que já tornamos de Bayona de Inglaterra, acabados os feitos do duque, convém que respondamos, ante que contemos outra cousa, aquella malfadada razão, em que poz boca aquelle historiador, que dissemos, notado por mal dizer, que o papa não dispensara com el-rei que casar podesse, nem lhe fôra trazida tal letra, e que ficaram ao duque de mandar por ella.

Ora fundamento d'esta razão seja que se poucos homens são que não tenham inimigos e contrarios, ou a que todos bem queiram, bem se pode esto dizer d'el-rei D. João, que não sómente dos castellãos a elle visinhos, mas de seus naturaes portuguezes, tantos inimigos e contrarios tinha, os quaes, não com zêlo de bondade, mas prenhes de mau fallar, pariram dizendo duas falsas razões.

A primeira, que o papa Urbano não quizera dispensar com elle, a segunda, que Bonifacio, que depois viera, dispensara com certas condições, assim que não foram ligeiros os erros que de taes historias nasceram, mas porque a breve escriptura não pode declarar as longas duvidas, nem poucas palavras muito concludir em soma, a nós convem por resposta d'esto por meudo contar duas principaes cousas, a uma, cuja foi a dispensação e com que condições, a outra, qual foi a causa de sua tardança, onde já ouvistes como os povos e prelados do reino, tanto que o Mestre foi alçado por rei, supplicaram ao papa Urbano que os demovera ao eleger em principe e senhor e poer n'aquelle Real estado, e que porquanto pera haver o reino e licitamente poder casar, convinha ser dispensado com elle, que pediam a Sua Santidade que o quizesse fazer, e haver por bem feito quanto em ello haviam obrado, e como depois o bispo d'Evora e Gonçalo Gomes da Silva, que havia mais de um anno que com esta supplicação em duas galés partiram para a Côrte, mandaram recado a el-rei quando tratavam seus feitos com o duque, dizendo como chegaram a Genoa, onde acharam o Padre Santo; e que apresentada ante elle a supplicação que de seus feitos levavam, que elle em todas as cousas por sua parte pedidas, benignamente

dispensara, e que o rol era já assignado, e trabalhariam de tirar as lettras.

E em andando elles em este cuidado por a dar a execução, foram embargados por um Mestre Henrique, inglez, que entonce estava em Côrte, o qual fingindo-se grande servidor e amigo do duque, sem saber elle nem sua mulher d'esto parte, falsamente informou ao Papa, dizendo que o reino de Portugal pertencia á duqueza D. Constança, e des-ahi ao duque de Lencastro, por ser seu marido.

O Papa ouvindo suas razões, porque el-rei de Inglaterra, sobrinho d'este duque, era um dos notaveis senhores que lhe entonce obedeciam, des-ahi porque alguus affirmavam muito que el-rei de Inglaterra queria tratar que el-rei de Castella se decesse da tenção que tinha, e viesse á obediencia da Igreja, mandou assim estar quedas as lettras, até que fosse sabido em certo como era o que lhe fallara aquelle Mestre Henrique.

Soube el-rei esto, a que o mandaram dizer, e teve d'ello gran queixume e sentido, cuidando que por parte do duque lhe fôra posto tal embargo, não sabendo em ello que cuidar, e enviou a elle sobre este recado por um Doutor de seu Conselho, mostrandolhe uma carta de crença, o qual lhe respondeu por outra, de que leixando o ditado porque o já tendes ouvido, dizia d'esta guisa:

«Fazemos-vos saber que Gil Docem, de vosso conselho, veiu a nós e deu-nos uma vossa carta de crença, e disse-nos da vossa parte algumas cousas, e especialmente em como vossos embaixadores, que enviastes á Côrte de Roma, foram embargados de vossos negocios que enviarades de livrar com o Papa, por um Mestre Henrique, inglez, dizendo que o di-

reito do reino de Portugal pertencia a minha mulher, e a nós em seu nome, e entendemos todo o que nos sobre esto enviastes dizer, mui nobre e poderoso rei, vós sêde certo que esto nunca foi fallado por nós, nem por nosso mandado, nem da dita rainha, nem nos prouve, nem praz d'ello, antes sabei que assim por alguns vossos que mandaveis, como por outras pessoas que iam á Côrte, enviavamos de mandar afincadamente ao papa que por amor de nós delivrasse logo vossos negocios assim como se fossem nossos, ca temos que os nossos feitos e os vossos, que todos eram uns, segundo as maneiras que entre nós e vós eram, e que esto lhe teriamos em graça especial, e por esto não deveis de cuidar que por nós nem por a dita rainha fosse mandado, nem consentido cousa porque a vossos negocios viesse embargo, e devei-l'o haver por certo por algumas razões, especialmente se nós em ello houvessemos fallado, como trataríamos nós casamento da nossa mui amada filha Filippa comvosco? Ca a nós cumpria muito, segundo nosso estado, que ella houvesse honra e estado, segundo o linhagem d'onde é. Outrosim porque vós entendaes que nós havemos em nosso carrego vossos negocios e em nosso coração, assim como nossos mesmos, ordenamos d'enviar á côrte de Roma o nosso bem amado Mestre Guilherme, Doutor em Leis, chanceller do nosso sello da Puridade, pera que em nosso nome informe o Papa da nossa vontade nos feitos que tangem a vossa honra e delivramento de vossos negocios. Data, etc.»

Assim que esto foi o começo da tardança, porque as lettras logo não vieram.

CAPITULO CXXIV

Como morreu o Papa Urbano e el-rei mandou seus embaixadores a Bonifacio.

HAVENDO os embaixadores tão abertos azos, por este negocio se prolongar muito, partiram-se da côrte e chegaram a Portugal, contando todo o que se passara e como leixavam o rol assignado, e certas razões de sua detença.

El-rei sem poer mais detença ordenou de mandar logo lá outra vez, e tornaram á côrte aquelle D. João, bispo d'Evora, e em logar de Gonçalo Gomes, foi João Affonso, priol d'Alcaçova de Santarem, bacharel em direito, filho do honrado cavalleiro Affonso Estevens de Azambuja, e foram estes mensageiros ao Papa, e requerendo-lhe por vezes que mandasse fazer as lettras como no rol era conteudo, já por elle assignado, elle dava a ello suas coloradas escusas, levando-os de dia em dia, de que elles não eram bem contentes, em tanto que fallando-lhes uma vez ácerca d'esto, presente alguns cardeaes, e vendo como se ia prolongando muito além do razoado, disse aquelle João Affonso, que ia com o bispo, que pois a Sua Santidade não era aprazivel de lhe logo mandar fazer taes lettras e punha em ello tão longo trespaço, que a elles cumpria mais tornarem-se sem resposta, que estarem alli perdendo o tempo.

O Papa disse que não havia porque se agravarem, ca elle havia el-rei de Portugal por absolto, e com

elle despensado cumpridamente em todas as cousas que lhe mandara pedir, posto que as lettras tão cedo feitas não fossem.

João Affonso respondeu a esto algumas razões, de que ao Papa desaprouve, e assim como queixoso fallou contra elle, dizendo:

— Tu te podes ir quando quizeres, mas se te fores, tu irás e tornarás.» —

E accordaram elles, vendo sua vontade, de se partirem sem mais tardança, e vindo seu caminho pera virem embarcar em Frandes, foram presos em Allemanha e reteudos sem porque, salvo por os espreitarem, e houveram-se de render por dois mil florins de Camara.

Fizeram-n'o saber a el-rei, que sem mais porlonga mandou fazer d'elles caimbo, e entregues em Mediomburgo, foram soltos e tornados ao reino.

E ordenando el-rei mandar lá outra vez por dar fim a esta cousa que lhe tanto convinha, este Papa Urbano morreu havendo já doze annos que regia a Igreja, e passava de dois que assignara o rol d'aquesta dispensação, e dos quinze dias de outubro que se elle assim finou em Roma até os dezoito seguintes, foram os cardeaes occupados em sua sepultura, e estar no conclave para eleger, e aos dois dias de novembro foi eleito Papa outro, que chamaram Bonifacio Nono, que succedeu em seu logar.

E el-rei como d'esto soube certas novas, não embargando a supplicação que pelos embaixadores primeiros mandara, e o assignamento do Papa Urbano que de sua dispensação leixara feito, ordenou logo de mandar em Côrte com outra supplicação de novo feita assim como a primeira.

Os do conselho, que eram lettrados, disseram que

tal cousa era escusada, ca pois o Papa Urbano com elle dispensara e o rol era já assignado por que as lettras fossem feitas, que não havia mister mais, salvo requerer que as fizessem, e esto era regra geral na Chancellaria do Papa, e cousa mandada e posta em uzo por todos os Summos Pontifices, que a graça feita pelo Santo Padre, posto que não fosse escripta em sua forma ou fosse feita, e não bullada, que não espirava porém por morte d'elle, mas ficava em sua força dês aquelle tempo que elle a outorgara, e não do tempo que fosse feita ou lhe puzesssm o sêlo, assim que a graça era do papa finado, e a bula do que sucedia, e porém não havia por que mais supplicar outra vez.

El-rei não embargando esto e outras cousas que lhe razoaram, por mór cautella e avondamento mandou fazer uma tal como a primeira, em que elle e os povos supplicavam aquello que já ouvistes que na outra ia, pedindo a Sua Santidade que em todo misericordiosamente quizesse dispensar, e enviou-a lá por embaixadores: aquelle João Affonso, que era já bispo de Silves, e um honrado fidalgo João Rodrigues de Sá, que ante d'esto por vezes nomeámos, os quaes partiram em duas galés, e seguindo seu caminho, chegaram á Côrte e dada ao Papa a supplicação que assim levavam, elle a houve por sobeja, e benignamente respondendo disse: — que pois seu antecessor havia outorgado tal graça e o rol assignado, segundo elle sabia, que era de presente entonce, que escusado era de supplicar mais sobr'ello senão sómente requerer as lettras; — e tendo-lh'o elles em grande mercê, na melhor maneira que o dizer souberam, pediram mais a Sua Santidade, que de como o papa Urbano havia dis-

pensado com elle, tanto que sua supplicação lhe fôra mostrada, posto que de alguns impedimentos houvessem torva por que as lettras não foram tiradas, que desse d'ello testemunho em sua bulla, para demover das gentes alguma errada tenção que muitos contra esto tinham.

O Papa disse que lhe prazia muito, e que todo o que perante elle passara notificaria aos povos do reino, e mais outra lettra em que abastosamente se contivesse todo aquello que elles desejavam.

As lettras feitas, partiram-se da Côrte e chegaram a Portugal, e vistas por el-rei e os de seu conselho por quanto a publica voz e fama não direitamente contada, muitas vezes empece á verdade, e porcessar de todo qualquer razão que a esto fosse contraria, mandou el-rei as publicassem na igreja cathedral de Lisboa por tirar suspeita do que alguns ignorantes fallavam, dizendo que pois seus embaixadores tantas vezes iam e vinham, que o papa Urbano não quizera dispensar com elle.

A esta cidade, que é cabeça do reino, foram as lettras enviadas, e feito geral chamamento de todos os cidadãos e ainda donas, e outro muito povo, que pera ouvir esto eram presentes, e os grandes padres e senhores D. João, bispo d'essa cidade, e D. João, bispo do Porto, e os honrados Daião e Cabido d'essa igreja; isso mesmo de pessoas leigas estavam ahi os prudentes e os discretos barões Lourenço Annes Fogaça, Chanceller-mór d'el-rei, e Martim Affonso Valente e Lourenço Estevens da Azambuja, e outros cavalleiros e outras muitas pessoas, assim ecclesiasticas como seculares, que não faz mingua serem nomeadas. E um domingo, que eram nove dias de julho, percebido pera esto um grande lettrado mes-

tre em theologia, mui famoso prégador da ordem de S. Francisco, chamado Frei Rodrigo de Cintra, todos attento em manso silencio para ouvir, foi por elle feito um sermão assaz solemne, a tal acto pertencente, e acabada sua prégação, foram vistas umas lettras apostolicas, de toda suspeição carecentes, as quaes em alta e entendida voz de cima do pulpito publicadas, a primeira continha este theor:

CAPITULO CXXV

Do theor da primeira lettra que na Sé foi publicada

Bulla da dispensação

Bonifacio, bispo servo dos servos de Deus; a todos aquelles que estas lettras virem e esguardar quizerem, saude e apostolica benção. Porque de boa razão pertence á honestidade, convem que as graças procedidas do Romano Pontifice, posto que as lettras sobre estas taes cousas acontecesse não serem feitas que consigam seu effeito, e venham em publico conhecimento, porém a todos geralmente notificamos, e a vossa noticia. por as presentes fazemos certos que nos passados dias, por parte dos amados filhos prelados e nobres barões, e povos dos reinos de Portugal e do Algarve, a Urbano Sexto de boa memoria, nosso predecessor, e pelo honrado Irmão Bispo de Evora e por alguns outros embaixadores, fosse significado que elles por certas razões e cuidantes cousas, mórmente porque

João Henriques, occupador dos reinos de Castella e de Leão, estes reinos de Portugal e do Algarve se esforçava subjugar e estruir, sendo carecentes de rei que os defender podesse, que elle saudavelmente provendo á honra e estado dos ditos reinos, e contrariar aos maus desejos d'esse João Henriques esforçado perseguidor d'elles e da Santa Igreja esposa de Jesu Christo: O muito amado nosso filho Johanne, filho natural de Pedro, varão de boa memoria, a aquelle tempo Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, todos de um coração e vontade o pediu, e tomaram em rei dos ditos reinos assentando-o na séde real e vestindo-o nas reaes vestiduras, guardando com elle todas as honras e solemnidades devidas e acostumadas. O qual Johanne por este modo rei, o recebimento, e assumpção d'elle feita, e as outras cousas como dito é, por grande necessidade e claro proveito d'esses reinos pelo dito João Henriques destruidos e occupados, acceitara e consentira, leixando o habito da dita Ordem, e vestiduras reaes trazendo, como de feito trazia; e por defensão d'esses reinos em actos de armas se misturára, nos quaes, incendios, homicidios de pessoas assim ecclesiasticas como seculares, e outros muitos damnos se seguiram, e por tanto por esses prelados e nobres e povo, e a esse Urbano predecessor nosso, por seus embaixadores humildemente foi supplicado que pensadas estas cousas por intrinseca caridade, este Johanne rei, a aquelle tempo Mestre da dita Ordem, por Apostolical auctoridade tivesse por bem absolver do laço da culpa e excommunhão, que por occasião de qualquer d'ellas lhe acontecesse d'incorrer. Des-ahi porque em outro tempo, quando Fernando, rei d'esses reinos, irmão d'este D. João rei, se ajuntara a Roberto

filho de perdição, que por excommungado atrevimento se chamou, como se presume de chamar, Clemente Setimo, não curando dos processos contra elle, e o dito João Henriques fôra presente nas bodas d'esse João Henriques com uma filha d'esse dito D. Fernando rei quando ambos casaram, favorecendo esse Anti-papa e João Henriques, trazendo publicamente vestiduras de sirgo tecidas com ouro, e outras vãs e deshonestas cousas, em que se misturando apostatasse sua Ordem, e de toda a mezcla de infamia e inhabilidade em que se per qualquer modo incorresse, tivesse por bem de o remover, ainda com este Johanne rei não embargando as cousas já ditas, e o defeito de sua nascença, sendo gerado d'aquelle Pedro Rei e de uma mulher não sua, posto que foram ambos casados, e posto que o dito rei fosse professo da Ordem e Cavallaria de Aviz, da qual os professos em seus estados, e observancia regular dos monges de Cistel devem ser conformes e por nenhuma guisa casar, que elle podesse haver esta dignidade, nome e honra de rei, e reter e possuir, e casar licitamente; e se por ventura com a muito amada em Christo nossa filha rainha d'esses reinos houvesse casado, como ordenara de casar esse Johanne Rei, e Filippa rainha, sem embargo d'impedimento qualquer de parentesco ou das cousas susoditas, licitamente podessem ficar no dito casamento e a geração já concebida, ou que de tal matrimonio nascesse, por auctoridade apostolica declarasse ser legitima. A qual cousa esse Urbano nosso predecessor em presença de alguns cardeaes seus irmãos, do numero dos quaes nós a aquelle tempo eramos presente, a esse Johanne Bispo, como em cima é já conteudo, humildosamente supplicante

respondeu, e em publico disse e affirmou que elle, consideradas todas as cousas susoditas, e outras certas e razoaveis a esto moventes seu coração, esse Johanne Rei, a aquelle tempo Mestre da dita Ordem, absolvera e habilitara ainda com elle, e com a dita Filippa dispensara, e o isentara e absolvera da obrigação da dita Ordem e todas as outras cousas, e cada uma d'ellas, como lhe supplicado fôra, assim como cousa necessaria, concedera e outorgara a ainda em outro dia a esse Johanne Bispo supplicante, nós, e outros cardeaes presentes, publicamente respondeu e affirmou que elle havia esse Johanne Rei sobre as cousas ante ditas, por absolto e com elle dispensado, como já dito é. Ora como é verdade que sobre esto veiu a morte ao dito Urbano nosso predecessor e as letras apostolicas sobre as taes cousas não foram feitas; porém nós querendo prover á honra e estado d'esse Johanne Rei e Filippa Rainha sua mulher, e todos os moradores d'esses reinos, posto que taes lettras sobre estas cousas não fossem feitas vivendo nosso predecessor, esse rei e rainha, e os supplicantes já ditos não careçam de seu effeito. E pois que se todo assim passou, á vossa noticia por remembrança para sempre por estas presentes o fazemos certo. Porém nós por mór cautella e segurança, e ainda por mór firmeza, esse Johanne Rei de novo absolvemos, e toda magoa de infamia e inhabilidade de todo lhe tiramos, e com elle sobre as cousas assim ditas, e com a dita Felippa rainha dispensamos que licitamente fiquem no casamento feito entre elles, e a geração concebida do dito matrimonio e a que se conceber, declaramos ser legitimas, e todas as cousas susoditas a nosso predecessor supplicadas haver feito, cumprido e outorgado,

assim como dito é. E se por ventura em estas presentes alguma cousa desfallecer, nós todo defeito e magua supprimos como se mais compridamente contem em outras nossas lettras, que sobre esto mandámos fazer, a nenhum ergo homem de todo em todo convenha esta lettra de nosso demonstramento, reducção e absolvição, habilitação e dispensação, concedimento e supplicação de nossa vontade quebrar, ou por sandeu atrevimento fallar o contrario. E se por ventura algum esto presumisse tentar, saiba que na ira e maldição do todo poderoso Deus e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo incorrerá. Data, etc.

CAPITULO CXXVI

Da publicação da segunda lettra que os mensageiros trouveram da Côrte.

Acabada de lêr esta lettra, e ouvida com muita lédice, fizeram calar todo aquelle povo por bem escutar como da primeira, então publicaram outra d'esse mesmo Bonifacio Papa, cujo traslado se segue:

Segundo Breve do Papa Bonifacio

Bonifacio, Bispo servo dos servos de Deus, ao muito amado em Christo filho esclarecido rei D. João de Portugal e do Algarve, saude e apostolica benção. Por disposição da Divinal clemencia por que os reis

reinam e os principes se assenhoream, sem nosso merecimento, somos postos assim como um claro lume sobre as gentes dos christãos, e porém ás vezes é necessario d'alguns reinos e senhorios dispoer por paz e justiça dos povos, e exalçar os que conhecemos que são dignos e pertencentes pera reger e governar as gentes d'elles moradores, e postos em tal dignidade, os devemos n'ella conservar e fazer fortes, por tal, que julguem os povos em egualança, e encaminhem as nações d'elles, como pertence ao senhorio que tomaram, e poderio que lhes do céo é dado, para castigo dos maus, e gloria e louvor dos bons, de guisa que sua vontade seja sempre em execução de justiça, e seu pensamento na direita lei e guarda da santa paz. Assim é que na filial petição, que o honrado bispo de Silves e amado João Roiz de Sá, teus embaixadores, e dos prelados e povos d'esses reinos, a nós sobre esto enviados, certamente se continha, que sendo esses reinos nos dias passados, por morte d'el-rei D. Fernando, orphãos e vagos de real dignidade chegado seu postrimento dia sem filho legitimo que os de herdar houvesse, os ditos prelados e povos d'elles vendo como João Henriques, tédor dos reinos de Castella e de Leão seu injusto perseguidor e inimigo de Deus, e de sua esposa a Igreja de Roma, e de Urbano de boa memoria, nosso predecessor Papa Sexto, o qual por scismatico hereje por sentença condemnou ser punido, porque ao filho de perdição Roberto Cardeal, então chamado dos doze apostolos, e agora por sacrilega ousadia Clemente Setimo, presumio de se nomear, e presume, sem curar dos processos de nosso predecessor contra elle e seus sequazes feitos, e como emadendo mala males, e esse dito João Henriques con-

strangeu a lhe obedecer as gentes a elle sujeitas, e de todo em todo esses reinos de Portugal e do Algarve se esforçava occupar e possuir, a cujos perversos commettimentos e esforços, os ditos povos e prelados proveitosamente resistir não eram bastantes, pois de rei e defensor pertencente de todo careciam, e receando que elles e os ditos reinos ao depois viessem a poder e tyrania do dito João Henriques e obediencia d'esse Anti-papa, em prejuizo grande de suas almas e pessoas. E por tanto querendo d'elles prover assi mesmos em honra e salvação dos ditos reinos, e contrariar a seus damnos assi mesmos, e honra e perigos, lhe conveiu e foi forçado eleger tal homem por seu rei e senhor, que soubesse e podesse saudavelmente os ditos reinos reger e governar, e com grande ardideza amparar e defender das forçosas mãos do dito João Henriques, e recobrar os logares que já eram de todo perdidos, e que entonce adereçando os olhos de seu entendimento, e suas certas considerações a ti não legitimo filho de Pedro, Rei de boa memoria, de Portugal e do Algarve, e irmão do dito rei D. Fernando postrimeiro rei d'esses reinos, professo que então eras da Ordem de Calatrava, no bispado d'Evora, da Ordem e Regra de Cistel, Mestre da Casa de Aviz, por singular devoção e especial amor que em ti viam acerca de nosso predecessor e da Santa Igreja de Roma, des-ahi pureza de fé, e bondade d'armas, pela qual tu e teu christianissimo linhagem com muito louvor haverdes esclarecido conheceram, e conhecem por deliberado conselho e madura concordança, todos de um coração, nenhum d'esto desviando, por divinal inspiração, como se piedosamente crê, guardadas as ceremonias e devidas solemnidades, canoni-

camente te elegeram e te tomaram por rei dos ditos reinos, assentando-te em real assentamento, vestido de reaes vestiduras, guardando todas as outras cousas em similhante auto acostumadas, e tu considerando as ditas cousas, por paz e saude, e bens d'esses reinos, cubiçando aproveitar mais, que senhorear, na dita eleição consentiste acceitando o nome de real dignidade, leixando o regular habito, não em despresamento da dita Ordem, nem poderio das nossas claves, mas esperando na benignidade da Sé Apostolica que haverias sobre esta dispensação, e dês então tiveste e posuistes, como ainda tens e governas esses reinos como rei, e com a muito amada em Christo Filippa, filha do nobre barão Johanne, duque de Lencastro, enobrecida rainha d'esses reinos, por palavras de presente e acabado matrimonio casaste, havendo d'ella geração, e se agora leixasses a honra, dignidade e nome de rei, e desamparasses os ditos reinos, sendo quite e apartado d'ella, poder-se iam seguir d'esto grandes damnos e escandalos, porém por tua parte, e d'estes prelados e povos já ditos, humildosamente nos foi supplicado que de benignidade apostolical tivessemos por bem a ti prover sobre esto de beneficio d'asolvimento, e de conveniente graça e dispensação, e nós, que de todos os fieis christãos, segundo obrigados somos, paz das almas e corpos desejamos, cobiçando saudavelmente a honra de teu estado, e d'esses reinos prover, e aos ditos escandalos, quanto com direito podemos resistir; e querendo temporar o rigor dos Santos Canones por uma piedosa dispensação, assim como os Papas nossos predecessores por divinal poder dotados, virtuosamente costumaram, movendo-os a ello justas e evidentes cau-

sas, maiormente acerca das pessoas esplandecentes por linhagem e alteza de honroso estado, desahi, confiando que tu com ajuda do mui alto Deus por tua prudencia e valentia d'armas livraste os ditos reinos das mãos d'esse João Henriques, tendo-os pela maior parte occupados, cobrando os logares que em seu poder tinha, os quaes se alegram por serem tornados a sua antiga liberdade, e d'esse perseguidor de Deus e nosso, e da sua Santa Igreja, victoria e triumpho e perduravel graça perpetraste, havendo sobre esto com nossos irmãos assaz de fallamentos de solemne deliberação ás tuas supplicações inclinados, e esguardando a gran devoção que a nós, e á dita Igreja sempre tiveste, de conselho d'elles todos, á tua pessoa, e a teu preclaro e real linhagem e aos herdeiros de ti lidimamente descendentes determinamos de honrar, e por especiaes graças e favores, quaes a ti convenham proseguir, e por tanto a louvor do Poderoso Deus Padre, Filho e Espirito Santo, e da sempre Virgem gloriosa Maria, e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo, honra e bom estado da Santa Sagrada Igreja nossa esposa, sendo em esta parte inclinado ás tuas petições, e dos nobres e prelados, e povos d'esses reinos, por nossa apostolical auctoridade e theor d'estas presentes te absolvemos de todas as sentenças de excommunhões, e d'outras quaesquer penas por homem ou por direito pronunciados, posto que taes sentenças sejam por apostolicos escriptos decernidas, se por ventura por as ditas razões em alguma d'ellas incorreste, as quaes queremos aqui haver por sufficientemente expressas. E ainda te absolvemos e livramos de toda a obrigação e ligamento de voto de obediencia, castidade e pobresa, e da profissão e observancia re-

gular, em que á dita Ordem por qualquer modo teudo e obrigado fosses, posto que de guardar todos ou cada um d'elles juramento fizesses, e isso mesmo de todo perjurio, e magua d'infamia e inhabilidade, que por as ditas razões ou outras algumas tivesses. E mais te legitimamos e restituimos a legitimo nascimento, e te habilitamos dispensando comtigo que, não embargando as ditas cousas e o falimento de tua nascença, sendo gerado do dito rei D. Pedro e de uma mulher que por matrimonio não era a elle conjuncta, posto que este teu padre e madre cada um fosse casado no tempo do concebimento e nascença, e posto ainda que no tempo da tua eleição, e acceitação e consentimento fosses professo d'essa ordem e Mestre da dita casa, e ligado por sentenças e penas, e inhabilitado por magua d'infamia, e depois casaste com essa rainha Felippa. E posto que outrosim em alguma maneira obedecesses e désses conselho, ajuda ou favor a Roberto Anti-papa e João Henriques sobreditos; e não embargando quaesquer constituições, assim apostolicas, como leis imperiaes, estatutos e costumes, por algum modo a esto contradizentes, outorgamos que a eleição, assumpção, acceitação, consentimento de todas as cousas que se de esto seguiram, compridamente valham e sejam firmes para sempre, e tu possas ter e possuir os ditos reinos e dignidade, e nome e honra de rei, e de novo possas ser elegido a quaesquer outros reinos, dignidades, honras e senhorios, e os possas acceitar e em elles consentir, e tomar e possuir, trespassar a teus herdeiros lidimos e descendentes assim nados como por nascer, e outros collateraes, e outros quaesquer estranhos por testamento ou ab-intestado, e que possas viver

e estar no dito casamento feito com essa rainha Felippa; e se acontecesse fazer Deus alguma cousa de sua pessoa, que possas licitamente, cada vez que tal caso vier, com quaesquer outras mulheres, não tendo embargos de lidimos impedimentos, casar e em tal casamento livremente viver, como homem de todo isento e livre, e limpo de qualquer magua, supprindo por nossa pastoral auctoridade e apostolico poderio todo fallimento, se algum por ventura anteveiu assim da tua parte, como dos prelados e cleresia, e fidalgos e povos em todo o que dito é. E portanto não se atreva alguem por algum modo esta carta de nossa absolvição, isenção e livridão, restituição, habilitação, dispensação, concessão, supprimento, quebrantar ou por sandia ousança contradizer; e se algum esto tentar contradizer presumir, saiba que na ira do todo poderoso Deus e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo incorrerá. Data, etc.

As lettras publicadas no modo que dissemos, foi feito um grande rumor entre a multidão d'aquelle povo, fallando n'aquella errada opinião que ante d'esto muitos affirmavam, e cessada sua falla de todo, aquelle Lourenço Annes Fogaça, por parte d'el-rei seu senhor, e o honrado João Domingues, thesoureiro d'essa egreja, por parte do Cabido d'ella, e Fernão d'Alvares, procurador da cidade, em nome de todos os moradores, pediram a João Rodrigues, publico notorio, que presente estava, que lhe desse os treslados, de guisa que o direito quer, e assim lhe foram dados.

Ora esguardem vossas ensinanças por esto que tendes ouvido, como aquelle historiador depois de tantos annos foi ousado dizer taes razões, por fortificar sua diffamação, as quaes por serem de todo

nenhumas, carecem d'haver fé, porque onde a verdade é certa e clara, qualquer cousa que se em contrario diz, bem procede de fantastico sizo com preversa e maliciosa vontade.

CAPITULO CXXVII

Como el-rei mandou que se partissem as cousas que a sua frota tomasse.

ACABADOS os feitos do duque, des-ahi ouvido esto que contámos, leixando o damno que as galés á vinda, tornando, vieram fazendo pela costa da Galliza, aos feitos d'el-rei convem tornar nosso fallamento, e logo primeiro do que ordenou sobre a tomada que suas galés fizeram de barcas e naus, e outros navios, que era aquello que o capitão e gentes da frota deviam d'haver, mandando que a nau, ou barca, entrada por força, que todas as cousas que sobre tilha eram achadas, que fossem d'aquelles que as tomavam, salvo ouro, prata e aljofar e pedras e trenas, e ouro fiado e seda, e pannos d'ouro e de sirga, e peças de panno inteiras, que estas fossem d'el-rei, e todo o ouro que achassem sobre escotilha com o corpo do navio, e apparelhos e homens. E de navios pequenos de vinte cinco toneis a fundo, que não fossem aquilhados, nem guindavam, que tal navio fosse do patrão da galé que o tomasse, e os alcaides houvessem uma corda e uma ancora, e os haveres e homens fossem d'el-rei.

Outrosim da pilhagem que tomassem em terra, ou prisioneiros, fossem d'aquelles que os tomassem, salvo prisioneiro de quinhentas dobras para cima, que tal como este, se el-rei o quizesse tomar, que desse por elle mil dobras, porque tanto achou que os reis antigos davam por elle, e estes prisioneiros e pilhagem, se a tomassem homens d'armas e bésteiros, houvessem a terça parte os patrões, e do que filhassem os galeotes, houvessem o terço os alcaides, e do que os arraes e marinheiros percalçassem, que nenhum não houvesse d'elle o terço, mas fosse todo seu; e que as armas dos patrões das galés, ou de mestres de nau ou de baixeis, ou de homens d'armas ou bésteiros, ou marinheiros, fossem dos patrões, ou de quem quer que as tomasse, e tomando-as outrem, que houvessem a terça parte os patrões ou alcaides, assim como já dissemos nas outras cousas, e que esto se não entendesse nas armas dos armazens dos corpos dos navios, que estas fossem d'el-rei, e que as armas e baixella de prata, e roupas talhadas do patrão da galé que fosse tomada, houvesse o patrão que com ella aferrasse, e a outra prata ou ouro que achassem, que não fosse baixella, houvesse el-rei, e se algum subisse ao masto e visse algum navio, ou qualquer que por outra guisa o visse, houvesse uma dobra, se fosse tomado, e toda a galé ou galés que tomassem outras galés ou remos, e armas e gentes, fossem d'el-rei, salvo um bastardo, e uma ancora e um cabre, que fosse dos alcaides da galé que a outra tomasse, e que as cousas de que os patrões e alcaides houvessem d'haver o terço, se terçassem por esta guisa, fazendo trez quinhões, e de todos os tomadores escolhessem um primeiro, e os patrões e alcaides haverem outro, e o ter-

ceiro que ficasse, haverem-n'o os tomadores, e d'estas cousas que assim fossem tomadas, o almirante nem capitão não houvessem quinto nem outro direito, salvo do que el-rei levasse para si, e acontecendo que alguns dos patrões tomassem navios dos que houvessem d'haver pera si, não fossem ousados de tomar os homens que nas frotas iam, e mandal-os tornarem elles pera d'onde partiram.

E esta ordenança se guardou d'ahi em diante, assim n'aquellas que se logo tornaram de Bayona, como nas cinco com que Affonso Furtado se partio d'aquelle logar pera Inglaterra por servir a el-rei, como d'antes fôra concordado, andando por lá espaço de quinze mezes.

CAPITULO CXXVIII

Que maneira el-rei mandou que se tivesse nos feitos que foram trautados perante os officiaes d'el-rei de Castella.

Esto assim ordenado, determinou el-rei outra contenda que era entre muitos do reino, nos logares que por Castella tiveram voz, mórmente na villa de Santarem, onde elle e seus officiaes e regimentos de casa, mais que em outro logar esteve, dizendo se as sentenças e demandas que por seus desembargadores foram livres, assim as que eram postas já em fim, como aquellas que o ainda não eram, se tinham força e deviam valer como os direitos querem e outorgam?

E isso mesmo quaesquer escripturas feitas pelos tabelliães d'esses logares.

E aquelles em cujo favor e proveito as taes sentenças foram pronunciadas, razoando em esto diziam que taes escripturas e sentenças deviam valer, e eram boas, pois foram dadas por portuguezes, homens lettrados, officiaes que foram d'el-rei D. Fernando, posto que se el-rei de Castella chamasse rei d'estes reinos, e estivessem da sua mão essas villas e logares, e outras taes razões.

Outros, cujos taes bens foram, assim moveis, como raiz, e em cujo prejuizo essas sentenças e escripturas foram dadas e concertadas, diziam que se queriam poer contra ellas e reduziria ser nenhumas, porquanto o dito rei de Castella não havia, nem poder haver senhorio nenhum nos reinos de Portugal, posto que de algumas villas se assenhoreasse.

E sobre esta razão e duvida escreveram a el-rei que maneira mandava em ello ter; e el-rei, ouvido sobr'ello conselho, escreveu a esses concelhos d'esta guisa:

— Que visto como estes reinos por herança de seus avós, e seu padre el-rei D. Pedro, e el-rei D. Fernando, seu irmão, ficaram livres e isentos, fazendo muito por não serem sujeitos a outro senhorio, e elle, por as razões que todos sabiam, houvera o regimento e senhorio d'elles, outorgado pelos fidalgos e prelados, e pelos honrados, verdadeiros e leaes moradores da cidade de Lisboa e d'outras villas e cidades do reino, confirmado pelo papa Urbano Sexto, cujo filho verdadeiro obediente era, sem havendo el rei de Castella, nem podendo haver nenhum direito nem jurisdicção em elles, como se mostrou pelo Senhor Deus e sua preciosa Madre, de-

pois que começara fazer guerra contra estes reinos, mórmente na batalha que com elle houvera, de que lhe Deus dera victoria contra elle, e porém por tirar d'entre elles omizios e contendas que se por esta razão seguir podiam, mandava que todas as demandas e sentenças e execuções feitas por elles, assim as que foram findas, como algumas que inda duravam, e isso mesmo quaesquer escripturas de contractos e obrigações, e outra qualquer guisa que fosse ante pessoas, assim ecclesiasticas como segrares, que se trataram e ordenaram depois que se el-rei de Castella chamou rei de Portugal, que todas fossem nenhumas e tornadas ao primeiro estado, como ante que el-rei de Castella viesse, e as findas, que depois começaram, havia por nenhumas, e por as começadas não fossem mais por diante, posto que essas partes renunciassem leis e privilegios para taes escripturas serem valiosas, tornando cada um demandar de novo qualquer direito que contra outro entendesse.

CAPITULO CXXIX

Como el-rei poz contia aos fidalgos, e d'outras cousas que ordenou.

JÁ ouvistes em cima, no capitulo onde isto fallámos, como el-rei pelo afincamento da guerra em que fôra posto depois que começou a reger e reinar, não tivera geito de ordenar contias aos vassallos, nem os tomar, como outros reis faziam,

mas cada um servia com aquelles que podia servir, assim homens d'armas como de pé, e pera todos havia soldo.

Entonce ordenou el-rei de poer contia aos fidalgos, não como os outros reis, segundo dissemos que andavam ao pae e ao filho, como lhe nascia, mas a lança do corpo do fidalgo de mais pequeno estado, escripta no livro d'el-rei, mandou que houvesse mil libras, e aquelle que o acompanhasse, havia setecentas, e assim poz aos fidalgos poucas ou muitas, segundo que cada um era, e não que o houvesse o filho como nascesse, salvo depois que houvesse edade que podesse servir, e entonce lhe assentariam sua contia segundo aquella que o pae havia, porém sempre mais pequena; e aquellas mil libras de contia n'aquelle tempo que as el-rei poz, eram vinte dobras castelhanas, valendo entonce a dobra cincoenta libras da moeda dos reales de dez soldos, que entonce corria.

Des-ahi ordenou terras á rainha e moradias ás mulheres de sua casa, do que cada uma houvesse cada mez, e mandou que Beatriz Gonçalves que dera por aia á rainha, porque não sabia os custumes da terra, ca d'outra guisa escusado fôra, que houvesse cada mez oitocentas libras, que eram dezesseis dobras castellãs, e a Dona Beatriz de Castro, que era a mais filha d'algo que as outras donzellas, poz mil libras, que eram vinte dobras, e a Tareja Vasques Coutinha, sua camareira-mór, dozentas, e a todas as outras cento e cincoenta, e ás mulheres da camara sessenta.

Dos Mestrados, isso mesmo no de Aviz, que elle reteve, que não era dado, teve esta maneira: elle tinha dito a Mem Rodrigues de Vasconcellos que o

mestrado de Aviz lhe aprazia que houvesse, e que entendia que o haveria; e Fernão Rodrigues de Siqueira, commendador-mór d'essa Ordem esperava de o haver; Fernão d'Alvares d'Almeida, vedor da sua casa, commendador de Jeromenha que era Craveiro, tinha essa esperança.

El-rei vendo a tenção d'elles e o bom serviço que lhe feito tinham, e como não podia comprazer a todos, por se sahir de tal encargo quanto a Deus e quanto ao mundo, disse aos dois que houvessem eleição de sua Ordem, e qual d'elles elegessem, que aquelle o fosse, e houve-o Fernão Rodrigues por mais vozes, e Mem Rodrigues ficou anojado pelas razões que el rei dissera; e tendo el-rei d'esto sentido, cuidou de lhe fazer haver o Mestrado de Santiago, que era de mór honra e renda, e havendo já os Freires d'essa Ordem elegido por seu Mestre um filho de D. Nuno Freire, Mestre que fôra da Ordem de Christus, a que chamavam Ruy Freire, soube-o el-rei, e escreveu aos Freires que tal eleição não havia por boa, e que elegessem Mem Rodrigues, e elles fizeram-n'o assim, e confirmou-o o Papa, e deram entonce a Ruy Freire a renda de Palmella e da Arruda, além do que tinha, e assim foram dados mestres a estes Mestrados.

CAPITULO CXXX

Como se veiu pera el-rei D. Pedro de Castro, e D. Pedro da Guerra e o infante D. Diniz, que andavam em Castella.

Nós não achamos nenhum dos auctores, que da vinda d'estes homens faça menção, que diga o que os moveu pera se virem de Castella pera Portugal, salvo quando dizem, que D. Pedro de Castro, quando elle e João Affonso de Beça fugiram em Torres Vedras, como tendes ouvido, que se lançou entonce em Castella, e que el-rei lhe deu a villa de Salvaterra, que é em Galliza, acerca do Minho, e tendo-a assim, que mandou dizer a el-rei de Portugal que lhe daria aquelle logar e se viria pera elle, se sua mercê fosse, e que a el-rei prougue d'ello, e se veiu pera elle; e assim se veiu em esta sazão D. Pedro da Guerra, filho bastardo do Infante D. João, e el-rei o recebeu bem, mostrando-lhe bom gazalhado, e fazendo-lhe mercês, e andava por morador na côrte.

Em esto disseram a el-rei que se vinha o infante D. Diniz a Portugal pera elle, e era assim de feito, e el-rei mandou-lhe correger onde pouzasse, e sahiu a recebel-o bem meia legua, e elle não trazia comsigo mais que cinco ou seis não bem corregidos, e provou de lhe beijar a mão a el-rei, e elle não lh'a queria dar; des-ahi beijou-lh'a, e alli no Porto lhe fez el-rei muita honra e mercê, partindo grandemente com elle, e encaminhou de o mandar pera Ingla-

terra, por se não levantar no reino algum escandalo por seu azo, e posto no mar, e indo sua viagem, houve conselho que se tornasse, dizendo que por ventura o mandavam lá por o matar, e outras taes razões; e tornando-se foi tomado e preso dos Bretões e posto em terra; e sabendo que era irmão d'el-rei de Portugal, pediam por elle cem mil francos; e elle escreveu a el-rei sobre esto, que houvesse sobre sua prisáó algum remedio. El-rei disse que pois elle não curara de ir pera onde elle o encaminhava, que não curava de sua prisão; e os Bretões vendo que se não empachava d'elle nenhum, por escusar custa sem nenhum proveito, soltaram-n'o, e tornou-se pera Castella.

CAPITULO CXXXI

Como el-rei mandou pagar o que fôra tomado nas naus de Genoa, e se foi a Braga fazer côrtes.

Estando el-rei n'aquella cidade, chegou um embaixador de Antonioto Adorno, duque de Genoa, e dos honrados quinze velhos, Regedores d'aquella Communidade, que havia nome Ambrosio de Marines, que propoz ante el-rei, dizendo que bem sabia sua mercê os haveres, que por seus mandados foram tomados nas naus de Genoa ante o porto de Lisboa, segundo cont mos no começo d'estes feitos, e que requerido por vezes por esto sempre a ello dera graciosa resposta, mandando prover as mercadorias que filhadas foram, e que sommado todo

acharam que montaram em ellas pouco mais de sessenta mil dobras, as quaes lhe pediam por mercê lhe mandasse pagar.

El-rei disse que lhe prazia muito, havendo d'ellas bom desembargo e de todas o melhor pagamento, deu d'ellas sua quitação, e foi-se.

Entonce ordenou el-rei de partir pera Braga pera fazer hi côrtes, e mandou chamar por serem presentes as pessoas que cumpriam virem a ellas, entre as quaes foi o Condestabre, e os fidalgos lhe rogaram muito que refertasse por elles cousas algumas que lhe cumpriam, e elle se escusou quanto podia, porém por seu grande afincamento houve de o fazer, e perante elles disse a el-rei o que por honra de todos entendia, segundo com elle fallaram, da qual cousa elle mostrou desprazimento, segundo a resposta que a ello deu; e como quer que todos ahi estivessem, não foi nenhum que ajudasse o conde áquello que por elles propozera; por a qual razão elle depois nunca geralmente por seus feitos mais quiz fallar, dizendo que era verdadeiro exemplo aquello que costuma de se dizer: quem serve o commum, não serve nenhum.

O Conde estando assim n'estas côrtes, veiu-lhe recado que sua mulher era morta na cidade do Porto, onde estava, e partiu logo pera lá muito acompanhado, como entender podeis, onde lhe fez taes exequias como a seu estado cumpria; e mandou a sua filha, que era bem moça, pera Eyria Gonçalves, sua avó, que estava em Lisboa; e des-ahi tornou se a Braga, e d'alli lhe foi commettido um casamento com D. Beatriz de Castro, filha do conde D. Alvaro Pires, uma donzella assaz formosa, e bem filha d'algo, do qual casamento a el-rei e á rainha

muito aprazia, e tanto foi d'ello aficado e posto em pensamento, que por se escusar pediu licença a el-rei, e se foi pera entre Tejo e Odiana, de cujos feitos diremos um pouco, e depois tornaremos a el-rei.

CAPITULO CXXXII

De uma entrada que os inimigos fizeram em Portugal e do roubo que levaram d'elle.

PASSADO aquelle desbarado que ouvistes d'aquella gran batalha, que se por parte dos castellãos perdeu, de que el-rei e todo seu reino houve grande tristeza e dôr, não podiam as gentes estar que não departissem em tão maus aquécimentos como lhe vinham uns após outros, não sómente os senhores e fidalgos, mas bons escudeiros e outra meã gente, em tanto que de praça ousadamente diziam que a boa ventura bem se mostrava de todo ponto ser contra elles, perdendo tantas companhas como eram mortas, assim em vencimento de pelejas como outras cajoens, depois que a guerra fôra começada.

E assim era verdade, que muitos da sua parte haviam menos, não sómente do commum povo, mas ainda de fidalgos e bons capitães que lhe gran mingua faziam, cá fora aquelles que emmentados foram, onde fallamos d'aquella batalha, outros mais morreram hi, que poderam ser nomeados: assim como D. Pedro Buyl e um seu filho, e Pero Gonçalves de Porras e dois seus filhos, e Ruy de Toar, irmão

do almirante, o commendador mór de Calatrava, e Gomes Gotterres de Sandoval e Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, e Lopo Fernandes de Padilha, e João Fernandes de Moxica, e Pero Soares de Toledo, e Fernão Rodrigues, e Alvaro Rodrigues de Escovar e Lopo Rodrigues Daça, e Ruy Ninho e Lopo Ninho e João Ninho, todos tres irmãos, Garcia Gonçalves e Lopo Gonçalves de Queiroz, ambos irmãos, Sancho Fernandes de Toar e Monseur Arnáo, e Lemosim Gascões e outros que os authores não escreveram; assim que contando esto de muitas maneiras, lhe fazia dar desvairadas sentenças, de geito que alguns d'elles com ousada presumpção, especialmente estrangeiros, disseram que era mui bem que sem outro capitão que com elles fosse, senão por si sós, em boa companha fizessem uma entrada em Portugal em despreso do Condestabre, com muita sua honra e a seu salvo.

E esta falla e ajuntamento foi feito em Xerez de Badalhouce, oito leguas de Olivença, de boas trezentas lanças com homens de pé e besteiros, e a mór parte d'elles eram gascões, e o conselho entre elles feito, foi este: que pois o Condestabre era em Extremoz, sete leguas do Extremo, sem gentes comsigo, assim como só que bem poderiam entrar no reino e andar por elle dois e tres dias correndo a terra á sua vontade, e apanhando o roubo quanto achar podesse ante que o Condestabre a esto acudisse, posto que o soubesse primeiro que partissem, que ante se iriam á pressa em salvo com toda a presa que houvessem filhada, e assim tomariam alguma vingança de quanto damno lhes feito tinham.

O accordo feito, cavalgaram todos, e entraram no reino arredados d'onde o Conde estava, e andaram

todos correndo ajuntando gran roubo de bestas, gados e homens e mulheres, e d'outras muitas cousas que achavam; des-ahi tornaram com sua cavalgada por irem dormir a um logar pobrado do senhorio de Castella, que chamavam Villa Nova del Fresno, duas leguas de Portugal.

CAPITULO CXXXIII

Como o Conde transnoutou sobre os gascões, e os desbaratou e lhes tomou o roubo.

A VINDA do conde a Extremoz e a estada sem gentes, como n'este capitulo faz menção, é bem que digamos aqui logo, por todo saberdes como haveio: onde assim foi que estando o Conde em Evora depois que chegou de Braga, tendo suas frontarias postas na ordenança que cumpriam, soube de certo como o Mestre de Santiago de Castella, com muitas companhas comsigo, queriam entrar em Portugal e fazer todo o damno que podesse, e logo se foi a Extremoz com esses poucos que de cote comsigo trazia, por ajuntar a si as gentes das fronteiras e lhe ir ter ao caminho, e embargar sua vinda, e percebendo-se pera esto, soube-o o Mestre lá onde estava, e mudou-se do que fazer queria e desfez a assuada, do que o Conde foi muito anojado, e fez tornar os que já eram com elle pera as fronteiras onde estavam; e querendo-se tornar pera aquella cidade de onde partira, veiu-lhe recado das villas de Beja e de Serpa, que eram d'ali dezeseis leguas, que

o conde de Niebla, segundo diziam, com setecentas lanças, e homens de pé e besteiros queria entrar pera roubar aquella terra, e que lhe pediam por mercê que lhes acorresse antes que tal entrada fizessem; o Conde partiu logo com esses poucos que tinha, porque já as mais das gentes eram em suas fronteiras, como dissemos, e ordenou de ir pelo Extremo por vêr mais certas novas e vêr os logares fronteiros como estavam apercebidos do que mister fazia, des-ahi se soubesse que já eram entrados de os atalhar com as gentes fronteiras que se vieram pera elle, e com esta tenção partiu de Extremoz, e atravessando a serra de Ossa, pousou essa noute em uma ribeira, onde dormiu com esses que levava, e outro dia partiu por esses mattos, terra erma e sem pobração, e chegou ao Redondo, e des-ahi a Monsaraz, e á tarde lhe veíu recado certo que esse dia pela manhã trezentas lanças de gascões, e com elles alguns castellãos, chegaram á Vidigueira, logar descercado de uns cento e cincoenta visinhos, e o roubaram de todo, e isso mesmo Villa de Frades, levando captivos todos os homens e mulheres, e moços e gados, e quanto acharam, e que iam com todo pera Villa Nova del Fresno, que eram quatro leguas d'aquelle logar onde elle estava, e estas eram as gentes que os de Serpa e de Beja ouviram dizer que haviam de entrar.

O Conde não poude esto ouvir longamente, tomando d'ello tamanho sentido que maior ser não podia, e como quer que elle comsigo não tivesse senão muito poucos, não quiz aguardar mais gente, mas logo á pressa, assim como poude, com estes de Monsaraz, outros por derredor, que seriam por todos até oitent lanças e uns cento e cincoenta homens de pé, partiu a serão, e andou toda a noite, e ante que chegasse a Vil

Nova, um bom espaço do logar, mandou saber diante se aquellas gentes se velavam e roldavam, onde assim jaziam com seu roubo, e trouveram-lhe recado que todos jaziam folgando e dormindo; entonce lhe cresceu muito mór vontade de chegar a elles, e fallou com todos que com elle iam a maneira que haviam de ter, repartindo cada um d'esses melhores que hi eram quantos levasse comsigo.

Este logar de Villa Nova não tem outra cerca, senão uma forte e alta torre, que se chama Castello de menagem, e o mais todo é arrabalde, que estava bem abarreirado e apalancado, e os gascões todos com seu roubo dentro, e d'elles em uma egreja que hi ha.

O Condestabre andou com os seus na ordenança que dissera, e chegou ao logar querendo amanhecer, leixando as bestas tão afastadas que não podessem ser sentidos; porém quando chegou já o muitos sentiram, mas porque a vinda foi supitamente, e uns dormiam com pesado somno, outros cuidavam no que lhe montaria á sua parte, não tiveram geito de se armar como a sua defensão cumpria, ca o dar das trombetas e brados das gentes, chamando todos Portugal, Portugal, faziam tal som nas orelhas d'elles, que lhes parecia trovão que cahia do céo, e os inimigos por isso assim espantados, como melhor poderam, acudiram á pressa ás barreiras defendendo-as como bons homens, as quaes por força foram logo entradas, sendo o Conde um dos primeiros que entrou por um portal por junto d'aquella torre, e de cima lhe lançaram um canto, de que Deus o quiz guardar na mula em que ia, que lhe não fez cousa que o torvasse de não ir por diante.

Todos os portuguezes dentro no palanque acha-

vam assás com quem se dar boas lançadas e pedradas, de que eram bem servídos de toda a parte, e indo o Conde por uma rua com cinco homens d'armas ante si, vieram dez gascões com lanças compridas nas mãos, o Conde como os viu, desceu-se da mula pé terra, e com aquelles cinco que levava, se deram as lançadas sem mais gente, até que vieram outros dos seus por que se partiu aquelle trabalho, o qual durando por algum espaço, por todos pelejarem já dentro das barreiras, prouve a Deus que os inimigos foram desbaratados, de guisa que de mortos e presos mui poucos escaparam, que se acolheram á torre, e foram hi tomadas mui boas armas e cavallos, e ouro e prata, e azemolas e outras cousas de que se prestaram, e todo o Conde mandou repartir por suas gentes, como havia em costume, que não tomou pera si nenhuma cousa; e os prisioneiros que os gascões levavam, homens e mulheres e moços pequenos, com seus gados e bestas e algos, todos foram livres e entregue a cada um quanto do seu foi achado; des-ahi mandou-os pera onde eram, e aos do logar não fez nenhum nojo, e tornou a visitar os logares por que se movera partir de Extremoz.

D'esta cavalgada foram novas a el rei seu senhor, a que muito prouve de as ouvir, e quanto elle com ellas houve de lédice, tanto tomaram de nojo e tristeza alguns taes que ao Conde haviam inveja, e murmurando affirmavam ante d'estas novas, que o Conde fôra desbaratado dos castellãos, dizendo que lhe haviam de quebrar o orgulho e fallecer a boa andança, e outras similhantes razões, de que entonce cessaram.

CAPITULO CXXXIV

Como el-rei foi cercar Melgaço.

TORNANDO a el-rei, que ficou em Braga assaz fadigado da guerra em que era, pero fosse tempo de inverno, não deu vagar porém a seu trabalho, e ordenou de ir sobre Melgaço, cinco leguas acima de Tuy, e meia legua do rio Minho, villa cercada sem arrabalde, de bom muro e forte castello, do senhorio de seu reino, que lhe tinham os inimigos tomada.

A este logar chegou el-rei com sua hoste, e era no mez de janeiro, na qual ia D. Pedro de Castro e o Priol do Esprital, e João Fernandes Pacheco e outros capitães e senhores, e seriam por todos umas mil e quinhentas lanças, e muita gente de pé. E os que dentro estavam por defensão do logar, eram Alvaro Paes de Souto Maior, e Diogo Preto Eximeno, e em sua companhia até trezentos homens d'armas e outros muitos peões escudados.

E logo como el-rei chegou foram armadas as tendas e pousado o arraial, não porém longe da villa, e sem dar mais espaço, começaram de dentro d'atirar os trons e escaramuçar com os de fóra, e não se fez damno de nenhuma parte a outra, nem com os trons que lançaram.

No seguinte dia escaramuçaram, e deram uma setada a Pero Lourenço de Tavora, e da villa morreram alguns, e foram outros feridos; e pero este dia lançassem nove pedras de trons aos do arraial, não lhe

fizeram nojo, e nos dois dias depois este, lançaram vinte pedras sem outra escaramuça, que não fizeram damno. Á sexta-feira não lançaram trons, mas foi uma escaramuça, em que mataram um do arraial e foram feridos muitos de uma parte e da outra, e ao sabbado lançaram trez trons e um de noite, sem fazer nojo. Ao domingo foi feita uma escaramuça entre os da villa e os de D. Pedro de Castro, e mataram dos de D. Pedro um homem d'armas e dois de pé, e d'outros, por todos até seis, e da villa foram alguns feridos, e nenhum morto; nos dois dias seguintes deitaram oito trons que não fizeram damno.

CAPITULO CXXXV

Da bastida e escalas que el-rei mandou fazer.

HAVENDO nove dias que el-rei jazia sobre este logar, tendo já os da villa lançadas sessenta pedras de trons que não fizeram porém damno, mandou el-rei armar um engenho em cima da ponte da villa, e logo esta quarta-feira lançou cinco pedras, e tres foram dentro no logar e duas deram no muro, e responderam-lhe de dentro com doze pedras de trons, que nenhum damno fizeram. A' quinta feira lançou o engenho vinte e cinco pedras, das quaes deram dezeseis no muro, e duas em dois caramanchões, que foram logo derribados, e as sete cahiram na villa, que fizeram gran perda em casas que derribaram e destruiram; com esto não quedavam de der-

ribar, e acarretar a madeira que el-rei mandava fazer pera fazer duas escalas e uma bastida pera mover todo juntamente e pousar sobre o muro, e como foi lavrada fizeram as rodas do carro pera a bastida, em que havia em grosso por testa dois palmos, e de roda a roda em ancho treze covados, e ao longo, de padral a padral, que ia por cima d'ellas, havia vinte e seis covados, e em alto, d'onde se começava por cima dos carros, havia treze braças e meia. Em ella havia trez sobrados pera irem homens d'armas e béstеiros juntos ou apartados, como vissem que cumpria, o qual sobrado primeiro ia madeirado de pontões mui grossos, estrados de mui grossos caniços pera andarem por cima; e havia d'arredor cento e trinta e seis pontões, e a parte de traz ficava aberta, em que iam escadas d'alçapão por que haviam de subir; e por esta guisa o segundo sobrado que havia de redor cento e vinte e quatro pontões, e o terceiro cento e trinta escadas d'alçapão de um a outro, e em cima d'este sobrado outro pequeno com cento e vinte oito meios pontões de redor, em que iam trez mil pedras de mão, que mandaram apanhar as regateiras, e no segundo sobrado quinze trebolhas grandes cheias de vinagre, pera deitar ao fogo se lh'o lançassem, e esta bastida levava diante seis grandes caniços forrados de carqueja, e vinte e quatro couros de bois, verdes, pregados sobre ella por guarda do fogo e dos trões.

Mandou mais fazer duas escalas, que levava cada uma quatro rodas e os eixos de ferro bem grossos, e sobre ellas seis traves altas como esteios, acompanhadas d'outros paus pera se manterem, não todos de uma altura, segundo cumpriam, e em cada uma duas poles de guindar, que guindavam doze

cabres grossos de linho canhene; e trez debadouras de traz pera guindarem, e dois grandes cabrestantes, como de naus, e iam cada uma escala pregadas de taboas grossas sobre quatro paus compridos como pontões, em que havia de longo quarenta e oito covados, e em ancho nove, e cincoenta degraus de meios pontões e caniços, e couros de vacca, verdes, nos logares onde cumpria, para irem cada um da parte da bastida.

E todo esto foi feito em quinze dias, e não quedavam em tanto de fazer caminhos e calçada, por onde haviam de ir a bastida e escadas.

CAPITULO CXXXVI

Como el-rei cobrou a villa por preiteria.

Em quanto se estas obras faziam, não cessavam os da villa em lançar trons ao arraial, e do arraial á villa pedras d'engenho; e vendo os do logar aquelles artificios feitos, e receando-se de receber d'elles damno, mandaram dizer a João Fernandes Pacheco que lhe fosse fallar, e el rei o mandou lá, e chegou á barbacã, e Alvaro Paes ao muro, e fallaram por espaço e não se accordaram; e em esse dia escaramuçaram duas mulheres bravas, uma da villa, e outra do arraial, andaram ambas aos cabellos, e venceu a do arraial, e des-ahi cada dia tiravam os trons e engenho uns aos outros, e o engenho fazia muito mal na villa, e os trons não impéciam em nada.

E em esto chegou a rainha a Monsão, tres leguas de Melgaço, e vinham com ella o Doutor João das Regras, e João Affonso de Santarem e outros cavalleiros; e depois se veiu a rainha ao mosteiro de Feães, uma legua de Melgaço.

E isso mesmo chegou ao arraial o conde D. Gonçalo e João Rodrigues Pereira, e escaramuçaram os do conde com os da villa, e foram feridos d'ambas as partes, e nenhum morto.

E veiu recado a el-rei que a villa de Salvaterra, que lhe dera D. Pedro, que a deram um tabellião e dois homens d'armas a Paio Sorodea; e el-rei mandou logo lá o Priol com muita gente, mas não aproveitou nada; e querendo el-rei mover seus artificios pera combater o logar, fez saber á rainha que viesse vêr o dia do combate, e veiu e esteve alli.

E em uma segunda feira, depois de comer, tres dias do mez de março, mandou el-rei que abalasse a bastida com seus corregimentos contra a villa, como tinha ordenado, e moveu com mui gran força de gente; pero foi bem dezoito braças, desahi moveu uma ala, e depois a outra, e estiveram ambas defronte do muro, arredada uma da outra, e tiraram-lhe sete trons, que não fizeram damno.

Depois moveu outra vez, e foi bem rijamente, e chegaram-se tanto á villa que punham um pé dentro no muro e outro na escala, e subio muita companha, e o Priol primeiro que todos, e mandou el-rei que atirassem afora.

Entonce se fez prestes pera mandar combater, e mandou dez homens d'armas que subissem no mais alto sobrado, onde iam as pedras de mão, e moveu tudo juntamente, as escalas pera pousar e a bastida em que iam os homens d'armas e bésteiros; e da

bastida sahiam homens com grossos paus, que acostavam ao muro, e puzeram muitos d'elles, e ficavam de fundo amparados, e pero de cima d'elles lhe lançavam pedras grandes e fogo, não lhes impécia nada, e tiraram de fundo alguns cantos, afora outra pedra, de guisa que os de dentro entenderam que não havia em elles conselho, posto que trabalhassem por se defender; e fizeram saber a el-rei que lhes fizesse fallar, e foi lá o Priol e fallou com elles, e el-rei não queria consentir em nenhuma avença, cousa que aos outros logares fazia de boamente quando lh'a commettiam. Mas todavia tomal-os por força, por se vingar d'algumas desmesuradas palavras que contra elle diziam por vezes; e sobre esto havia referta se o faria ou não, João Rodrigues de Sá disse que lhe parecia que era bem, pois lhe moviam preitezia de a fazer, porque tomando-os por força, lhe podiam matar uma tal pessoa, que elle não quereria depois por quantos no logar jaziam.

El-rei disse com queixume: — «Quem medo houver não vá na escala.»

— Eu, senhor, disse João Rodrigues, não sei se dizeis vós isso por mim, mas cuido que nunca me vós a mim por tal conhecestes.

— Nem eu, disse el rei, não o digo por vós, mas digo-o, porque os hei já por tomados.

Os que roubar desejavam, da gente meuda e meã, queriam que o tomasse por força, outros muitos tinham com João Rodrígues.

Emfim consentiu el-rei na preitezia, e tornou lá o Priol, o qual, leixadas algumas razões, que mingua não fazem de escrever, foi d'aquesta guisa:

Que dessem a villa e o castello a el-rei, e que sahissem em gibões sem outra cousa, havendo já cin-

coenta e tres dias que el-rei jazia sobre elles, e tendo lançadas da villa ao arraial cento e vinte pedras de trons, que nenhum nojo fizeram, e do arraial á villa trezentas e trinta e seis, que damnaram gran parte d'ella.

E preitejada por esta maneira, foi fama pelo arraial que todos haviam de sahir em gibões, e com senhas varas na mão; e os cachopos todos, sem lh'o nenhum mandar, apanharam varas, cada um seu feixe, e tinham-n'as prestes á porta da villa por onde haviam de sahir.

Em esto sahiu um mancebo pouco mais de vinte annos, e chegou onde el-rei estava, e fincou os joelhos ante elle e disse d'esta maneira:

— «Senhor, eu sou escudeiro fidalgo que vim a este logar por serviço d'el-rei meu senhor, cujo vassallo sou, e por minha desaventura, sendo estas as primeiras armas que eu tomei pera o servir, parece-me que é forçado que as perca, segundo a preitezia, que ouço dizer que entre vós e os da villa tendes trautado, que é cousa de que tomo tão grão nojo, que maior ser não póde, não por a perda das armas, que sua valia não é tamanha, mas porque me parece que já com outras não poderei haver nenhum bom aquecimento, se estas de tal guisa perdesse; porém vos peço, senhor, por mercê, que m'as mandeis dar, que póde ser que inda vos eu com ellas faça tal serviço, guardando a honra d'el-rei meu senhor, e a minha lealdade, que vós as hajaes em mim por bem empregadas.»

El-rei disse que lhe prazia muito e que mandava lh'as dessem, se achadas fossem, ou das outras, umas quaes elle escolhesse, e que viesse, e assim foi feito.

Em outro dia, uma segunda feira, foram lançados todos fóra d'aquelle geito, e os cachopos mettiam-lhe senhas varas nas mãos, e elles tomavam-n'as, e alguns por sabor diziam ao que lh'a dava:

— «Ai, rogo-te ora que me dês uma bem direita e boa.»

E assim se foram, que não ficou nenhum, e o Prior em sua guarda, não embargando os pregões e defesa d'el-rei que andava pelo arraial.

A' quinta feira foi entregue a villa e castello a João Rodrigues de Sá, a quem o el-rei deu, e elle tornou-se com a senhora rainha pera a villa de Monsão, que eram d'ahi tres leguas, como dissemos.

CAPITULO CXXXVII

Como el-rei foi cercar Campo Maior

Partiu el rei de Monsão e veiu-se a Lisboa, e leixou hi a rainha, por ir cercar Campo Maior, um bom logar de seu reino, entre Tejo e Odiana, que tinha voz d'el-rei de Castella. E estava em elle por alcaide Gil Vasques de Barbuda, primo do Mestre D. Martim Annes, e elle em Estremoz com suas gentes, onde chegou primeiro dia de setembro e o Condestabre com elle, houve conselho de cercar primeiro Olivença, que tinha Pero Rodrigues de Affonseca, mantendo voz de seus inimigos; e Pero Rodrigues quando o soube, que se queria ir lançar sobre elle, fez-lhe saber que queria ser seu e fazer menagem do logar, e el-rei mandou lá Alvaro

Vasques Correia, Commendador de Ortalagoa, e Gonçalo Lourenço, escrivão da puridade, pera firmarem com elle o que lhe enviava dizer, e feitos taes promettimentos, sem vontade de os assim guardar, tornaram-se a el-rei os que assim lá foram, e elle partiu logo e foi cercar Campo Maior, e chegou sobre o logar quinze dias do dito mez.

E jazendo assim sobre elle, o infante D. João, que andava em Castella, se veiu a Olivença, e Pero Rodrigues o recebeu na villa, e falleceu na verdade que promettera a el-rei, ca elle não fizera aquello senão por torvar de se não ir lançar sobre elle.

Em esto veiu-se a Badalhouce muita gente com o Mestre de Santiago e de Calatrava, e da Andaluzia; Martim Affonso de Mello ouviu dizer da vinda d'estas gentes, e por ser d'ello certo, partiu do arraial á meia noite, e foi-se lançar em cilada uma legua de Badalhouce, e como veiu a alva, poz-se em atalaia, e em amanhecendo viu vir até oitenta de cavallo, que sahiram de Badalhouce, e foram vêr o arraial e tornavam-se, e foi a elles de rostro, e começaram fugir, e derribaram alguns d'elles, e os outros se acolheram a Badalhouce, e aquelles que derribaram trouve presos a el-rei, a quem prouve muito, porque d'elles soube novas certas das gentes que lhe Martim Affonso dissera que estavam nas fronteiras, que eram até duas mil lanças.

CAPITULO CXXXVIII

Como el-rei cobrou o logar por preiteria

Mandou el-rei armar os engenhos e concertar seus artificios pera tomar a villa por força, e em esto disseram-lhe que os de Olivença e de Badalhouce queriam vir dar na guarda da herva, entre ambos os logares, onde iam, e el-rei foi lá com parte da sua gente pera pelejar com elles, e não quizeram vir, e d'alli se partiram alguns e foram contra Badalhouce por escaramuçar com os inimigos, e na escaramuça foram mortos e feridos alguns da villa, e dos portuguezes morreu Antão Vasques, mui bom cavalleiro por seu corpo, de cuja morte a el-rei pesou muito, por ser notavel homem, e que o bem havia servido.

El-rei se tornou pera seu arraial, e Martim Affonso foi correr a Albuquerque, e ficou meia legua do logar em cilada, e mandou aos cavalgadores correr o logar a redor, que era tempo de vindima, e elles lhe trouveram novas que a essas horas entrara Garcia Gonçalves de Grijalva e seu irmão Fernão Garcia dentro no logar, e que com aquelles que traziam, e com as gentes que estavam na villa, seriam até dozentas e vinte lanças, e Martim Affonso tinha setenta, e dando Garcia Gonçalves nos cavalgadores, e correndo com elles, sahiu Martim Affonso da cilada, e Garcia Gonçalves deu logo volta, e foram logo mortos e presos gran parte d'elles, e sahiu Affonso Peres Sarazinho de travessa, e encontrou Mar-

tim Affonso e deu com elle em terra, e foi ferido em uma mão, e por este azo escapou Garcia Gonçalves de ser morto ou preso. Porém Martim Affonso trouve cavalgada de prisioneiros e um sobrinho de Garcia Gonçalves, e tornou-se ao arraial.

Em esto el-rei combateu o logar tendo já a cava atopida, e indo certos homens na escala, a mandou poer em uma torre começada de derribar dos engenhos, e a escala pera pousar aconteceu que quebrou, e foram muitos feridos, e prouve a Deus de nenhum não morrer.

El-rei houve grande nojo, por a detença de mandar fazer outra, em que pozeram quinze dias, e acabada e tornando a combater, pousou a escada em uma torre, e foi tomada a villa por força e posta a bandeira d'el-rei em a torre, e era esto em uma segunda feira, treze dias do mez d'outubro.

Os da villa acolheram-se todos ao castello; el-rei mandou fazer uma cava, e elles atulharam-n'a; desahi vendo que se não podiam defender, havendo já dezoito dias que a villa fôra entrada, a um domingo primeiro de novembro o alcaide se preitejou, que se el-rei de Castella não accorresse até trinta, dias que leixasse o castello, e poz em arrefens por segurança d'esto um seu filho, que chamavam Vasco Gil.

O accorro não veiu, como elle cuidou, e entregou-se o castello, e o Conde poz em salvo Gil Vasques, com todos os seus que com elle eram, como no trauto fôra conteudo.

E deu el rei o castello a Martim Affonso, e partiu d'alli e veiu-se a Lisboa pera fazer côrtes, e o Conde foi ao campo onde fôra a batalha, e mandou hi edificar uma egreja á honra de Santa Maria e de

São Jorge, em aquelle logar onde estivera a sua bandeira o dia d'aquella victoria; des-ahi mandou fazer o mosteiro de Santa Maria do Carmo dentro na cidade de Lisboa.

CAPITULO CXXXIX

Como el-rei casou algumas donzellas, e mandou queimar um seu camareiro.

As côrtes acabadas pera supportar a guerra, e partidos já alguns que depois d'esto eram escusados, el-rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de as guardar de sua queda, em que muitas sem empacho por seu mau sizo vem a cahir, como de crescentar em ellas, posto que pouco tempo houvesse que em casa da rainha andassem, cuidou de casar algumas d'ellas que lhe pera esto pareceram pertencentes, assim como Beringueira Pereira, e Beatriz Pereira e outras donas, e como era d'alta discrição e entendimento, bem cuidou que escusado era fallar a ellas de quem se contentariam pera lhes dar por maridos, sabendo que sem resguardo em similhante feito escolhiam ás vezes pera si o contrario d'aquello que é sua honra e proveito, a que se já outorgadas tem, e porém elle que lhe bem conhecia os padres e madres, pensou pera cada uma o marido egual a ella, e o que elle determinou de lhe dar, assim como pera Beringueira Pereira, Affonso Vasques Correia, e pera Beatriz Pereira, Martim Vasques de Rezende, e assim pera

as outras, e tendo-as assim casadas na vontade, trazendo já esto em cuidado, sem o dizendo a nenhum, feze-o saber um dia a todas por estas palavras:

—«Manda-vos el-rei dizer que vos façaes prestes pera desposar de manhã;» — sem mais dizendo com quem, ca não era d'ello sabedor o que tal recado levava.

E depois que assim foi dito a ellas, similhanvelmente o mandou el-rei dizer a elles, assim que elles como ellas tiveram bem que cuidar aquella noite, não sabendo se lhe havia de cahir em sorte a quem seu coração tinha outorgado.

Em outro dia levou el-rei comsigo os noivos á camara da rainha, e alli disse a cada um aquella que recebesse, a cujo mandado não houve contradição, posto que não acertasse mais de uma a casar com quem tinha em sua vontade; as outras, pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes.

El-rei sabendo d'esto parte, disse que elle lhes dera maridos assaz convinhaveis pera ellas, de que seriam bem casadas e honradas, e com quem lhe faria muitas mercês, mas que pois assim era, que elle jurava e promettia que nunca mais d'alli em diante a nenhuma, por edade que houvesse, lhe ordenasse nenhum casamento, salvo se o ella ou seus parentes primeiro pedissem muito por mercê.

Estas foram as primeiras donzellas que el-rei D. João casou, e deu a cada uma em casamento, afora os apostamentos que houveram pera sua boda, cincoenta mil libras, que eram mil dobras cruzadas, valendo então a dobra cincoenta libras.

Outrosim tinha el-rei grão sentido na guarda das

mulheres de sua casa, que nenhum joguetasse com ellas, nem tivesse maneira pera que entre ellas podesse nascer suja fama, e não sómente os outros, mas ainda os esposados não queria el-rei que joguetassem com suas esposas, dizendo-lh'o logo, e não docemente, em tanto que sua casa era castigada, de guisa que da conversação d'elles com ellas, el-rei não recebia nenhum nojo.

Ora assim foi que das donzellas formosas que no paço andavam, e de melhor gesto, e mais filha d'algo era uma, que não momeamos.

El-rei trazia um camareiro que chamavam Fernão d'Affonso, irmão de João Affonso de Santarem, de que em esta obra fazemos menção, homem de prol e bom corpo, e que el-rei amava muito, assim por o de seu irmão que o bem servia, como por suas manhas e conversação, de que el-rei era mui contente, em tanto que todos eram em conhecimento do grande amor que lhe el-rei mostrava.

Este chamou el-rei por vezes, dizendo que elle lhe encommendava e mandava que com nenhuma mulher tivesse geito de bemquerença, mórmente com esta, de que el-rei começava de ter má suspeita, e que fazendo d'esta guisa que lhe faria prazer e serviço, o qual o moveria a fazer muita mercê, e fazendo d'outra guisa, que fosse certo que se perderia com elle de tal maneira que lhe pezaria muito.

Fernão d'Affonso outorgava no que el-rei dizia, mostrando que nenhum desprazer lhe faria por cousa que avir podesse n'aquello, nem em outro feito, e elle repetindo que se avisasse bem n'aquello, fazia fim de suas fallas.

Pediu Fernão d'Affonso licença a el-rei pera ir de

pé a Santa Maria de Guadalupe, e os dias que entendeu que podia pôr na jornada de ida e vinda, aquelles jouve em casa d'aquella senhora, e um serão fingiu que vinha da romaria que não fizera, e el-rei entendeu aquelle jogo, e não lhe mostrou geito nem falla, como a homem que de tal logar viesse, e cresceu a fama muito, e el-rei lhe mandou que se fosse de sua casa e não parecesse mais ante, e elle em vez de se arredar do paço, foi-se metter em casa da mesma senhora e alli estava, e era esto no mez de maio, e el rei que enculcas trazia sobre esto, mandou pela sesta que lh'o fossem chamar, e o mensageiro dizendo que não sabia onde fosse, disse el-rei que em casa d'ella o acharia, e foi chamado, e veiu ante elle, espando-se muito como fôra sabido que elle alli estava, e posto que de má vontade viesse, a gran fouteza que tinha no especial amor que lhe el-rei mostrava, lhe fazia ter similhante excesso em pequena conta, e não como era. El-rei como foi na camara mandou chamar o corregedor Gil Eannes, logo ao qual como veiu, disse el-rei que tomasse Fernão d'Affonso e o levasse á cadeia.

Gil Eannes disse que assim o faria, e levava-o comsigo indo departindo, crendo que fosse venial queixume, e não excesso de que o castigar queria, e descendo do paço e indo acerca da porta de Alfofa, deu aos pés trigosamente, e metteu se em Santo Eloy, que é hi acerca, cerrando as portas sobre si, elle e alguns que com elle foram; e o corregedor ficou escarnecido, e foi esto logo dito a el rei, o qual de tal feito se teve por muito mais, e logo acceso em fogo de sanha por metade da sesta assim como estava, coberto de um mantão sem calças e

em fervilhas, de pé, desacompanhado, salvo de alguns moços da camara e dois ou trez escudeiros que se acertaram a taes horas de hi ser, se foi áquella egreja, levando já mais comsigo, que se pelo caminho a elle chegavam, e batendo á porta, não queriam abrir, e como souberam que era el-rei, Fernão d'Affonso se desceu do côro, e subiu á pressa em cima do altar mór, abraçando-se com a imagem de Nossa Senhora que em elle estava, e el-rei tanto que entrou e o viu estar, mandou que o tirassem d'alli, e não poude ser tirado que não dessem com a imagem em terra, que logo quebrou, a qual el-rei depois mandou concertar e deu um caliz e outras cousas, e Fernão d'Affonso foi levado de guisa que não fugisse. N'aquelle dia mandou fallar a aquella senhora se lhe prazia a ella dizer elle que era seu marido, por escapar da sanha d'el-rei, e ella disse que por qualquer guisa que elle entendesse de escapar de seu queixume, que assim o fizesse, elle começou-se de chamar seu marido, e ella sua mulher.

El-rei passado não mais de um dia, mandou que o levassem com justiça acompanhado e não de jogo, e com pregões como é costume, e levaram-n'o até o Rocio, onde estava um esteio posto, e muita lenha pera o queimar.

A el-rei o pediram muitos senhores e fidalgos, e isso mesmo a rainha, e a todos respondeu por asperas palavras que o não havia de fazer.

Em todo esto era tão grande o amor que Fernão d'Affonso entendia que lhe el-rei tinha, que ainda pensava que todo esto era fingido, e olhava pera as janellas do paço pera vêr se o mandaria el-rei levar; isso mesmo cuidavam todos que eram presentes. El-rei suspeitou porque se detinham, e mandou á

pressa que se despachassem, e deram-lhe o fogo, e assim morreu.

Aquella morte poz grande espanto em todos os da casa d'el-rei que esto viram, dando sobre ello desvairadas sentenças. E ella cuidou de ser morta, e trabalhou-se de saber d'el-rei que vontade era a sua, e el-rei disse que não queria elle outra vingança, senão ser ella do linhagem e estado que era, e vêl-a barregã de Fernão d'Affonso.

Então a lançou de sua mercê, e foi-se pera Castella vivendo com encetada fama.

CAPITULO CXL

Como el-rei cercou Tuy e o tomou por preitezia.

Partiu el-rei de Lisboa e foi entre Douro e Minho, e a Portugal eram vindos dias havia, pera tratar treguas da parte d'el-rei de Castella, um seu confessor da ordem de S. Francisco, que chamavam Fr. Fernando de Ilhescas, e Pero Sanches, Doutor em leis, e Antão Sanches, Doutor em degredos, e trataram alguma sofrensa de guerra por certos mezes, emquanto se concordavam outras cousas.

Em este comenos, acabado aquelle tempo, moveu-se el-rei a ir cercar Tuy, cidade de Galliza acerca do Minho, que faz extremo entre ambos os reinos, e chegou sobre o logar vinte e trez dias do mez d'agosto da era já nomeada de quatrocentos e vinte e sete, e a causa de se mover de ir sobre ella foi,

segundo contam, porquanto Paio Sorodea, que no logar estava por sua defensão, mandara dizer a el-rei em segredo que queria ser seu, e dar-lhe a cidade, e que fosse pera a receber.

El-rei crendo que fosse assim se moveu de ir a lá, cuidando de a cobrar d'esta guisa, e o gallego fazia o com intenção de o colher dentro, segundo alguns affirmavam, e que d'esto era el-rei de Castella sabedor, e por seu consentimento se fazia todo, e esta tenção tem aquelle Doutor que dissemos n'aquelle trauto que compoz, que faz fim n'este capitulo n'aquelle logar onde diz «*Hoc tamen fraudulenter faciebat.*»

Ora el-rei vendo o engano que lhe fôra feito d'esta guisa, poz seu cerco sobre ella, e fez armar engenhos que lhe tirassem, e mandou poer um no rio, em cima de muita pedra, que mandou lançar por fundamento, e de todas as partes faziam gran destruição na cidade, salvo na sé, a que não tiravam, e alli se acolhiam as gentes que podiam, com seus algos comsigo, e fez uma bastida e uma grande escala, e mantas pera a combater, e mandou por a rainha ao Porto que viesse vêr como a combatia, e veiu e estava com el-rei no cerco; des-ahi faziam-se escaramuças entre os da villa e os do arraial, em que acontecia, como é de costume, haver mortos e feridos de uma parte e outra.

Em esto soavam novas, e affirmavam-n'as de certo, que el-rei de Castella ajuntava suas gentes pera vir descercar Tuy e pelejar com el-rei, e elle mandou logo chamar o Condestabre entre Tejo e Odiana, e alguns fidalgos da Extremadura, e isso mesmo o conselho de Lisboa, o qual muito prestes, e com elle o Doutor João das Regras que no mez passado el-rei casara em Coimbra com uma filha de Martim

Vasques da Cunha, armaram á pressa seis galés em que todos embarcaram por mingua de bestas; e em quatro dias chegaram a Tuy sem outro impedimento.

Ora estas novas não eram da guisa que contavam, mas el-rei de Castella estando junto com uma aldeia, que chamavam Soutos Alvos, trez leguas de Segovia, soube de certo como el-rei tinha cercada a sua cidade de Tuy, e houve conselho pera lhe accorrer; e porque elle não estava bem guisado de capitães e gente d'armas, por as perdas passadas que ouvistes, des-ahi por não dizerem que desamparava a cidade, e não punha em ella cobro, enviou D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo, e o mestre de Alcantata, D. Martim Annes, que se ajuntassem com D. Garcia Manrique, arcebispo de Santiago, e fizessem sobre tal cerco o que entendessem por seu serviço; e d'esta ordenança nasceram as novas que el-rei de Castella vinha descercar aquella cidade, e não era assim.

E continuando el-rei o cerco e combates com seus artificios, viram-se os de dentro afincados, e moveram preitezia, a qual el-rei não queria, porém consentiu em ella, e deram-lhe a cidade, e Paio Sorodea ficou por seu vasallo, mas, rota sua fé ante de quatro dias, escusamente fugiu pera el-rei de Castella, e el-rei deu a cidade a Gonçalo Vasques Coutinho, e partiu-se d'ahi.

CAPITULO CXLI

Como foram feitas treguas entre Portugal e Castella.

Os embaixadores que já nomeámos fallaram a el-rei, estando em Braga, em feito d'avenças entre elle e el-rei de Castella, e elle dizendo que lhe prazia, escolheu por sua parte D. Fr. Alvaro Gonçalves, Priol do Esprital, e Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór, pera concordarem com elles amor e avença entre elle e el-rei de Castella, chamando-lhe el-rei em suas cartas o nosso adversario de Castella; e el-rei de Castella punha em seu ditado Rei de Castella e de Leão, e de Portugal e de Toledo, e dos outros costumados logares, trazendo as armas nas bandeiras e sêllo, todos miscrados, da guisa que no começo da guerra tomara.

Estes embaixadores e os que dissemos de Portugal se foram a Monsão, de riba do Minho, e alli acordaram e outorgaram boas, firmes e leaes treguas, assim por mar como por terra, entre os ditos senhores e seus alliados, s. el-rei de França e el-rei de Escocia da parte de Castella, e el-rei de Inglaterra alliado a Portugal, se em ellas quizesse ser, e esto por seis annos, compridos os tres que ante d'esto el-rei de Inglaterra e el-rei de França, por si e por seus alliados, haviam concordado, em que entrava el-rei de Castella e el-rei de Portugal, se em ellas quizessem ser, e por outros tres.

Além d'estes concertos, capitulos e condições, que escusados são d'escrever, salvo este: — *Que el-rei de Portugal leixasse a el-rei de Castella Tuy, que lhe havia tomado, e Salvaterra d'entre Douro e Minho; e el-rei de Castella a el-rei de Portugal Noudar e Olivença, e Mertola; e em riba de Côa Castel Rodrigo, e Castel Mendo e Castel Melhor, e que Miranda e o Sabugal, que el-rei de Castella mais tinha, ficasse em poder do Priol como fiel d'estes feitos.*

E assim outras taes condições, com que entonce foram firmadas aos vinte e nove dias de novembro de quatrocentos e vinte e sete annos.

E feito esto veiu-se el-rei a Santarem, e pariu hi a rainha o infante D. Affonso, que foi o primeiro filho que el-rei houve d'ella, e nasceu D. Affonso no mez de julho, e foi baptisado aos tres dias do mez d'outubro em Santa Maria d'Alcaçova, d'esse logar, e deu-lhe el-rei procuradores pera receber por elle menagens d'aquelles a que pertencem de as fazer, Nuno Alvares Pereira, seu Condestabre, e D Lopo Dias de Sousa, mestre da cavallaria da ordem de Christus; des ahi veiu se a Lisboa, onde fique folgando com seu primogenito filho, e nós partiremos com os embaixadores, por vêr se em Castella aconteceu depois tal cousa que nos convenha poer em remembrança.

CAPITULO CXLII

De algumas razões que el-rei disse em razão das côrtes que fizera.

PASSANDO estas cousas que dissemos, entrou a era de quatrocentos e vinte e oito annos, na qual el-rei de Castella ordenou de fazer côrtes na villa de Guadalfajara, e que viessem a ellas os móres do reino e os procuradores de todos os concelhos, como de feito vieram, e sendo el-rei n'aquellas côrtes, d'alguns que em esto falavam, prasmando, e dizendo que as treguas que fizeram foram feitas com pouca sua honra, e especialmente dar tantos logares, como de Portugal tinha, por dois que lhe haviam tomado, e outras taes razões, respondeu el-rei de praça a esto que era fallado de parte, e disse:

— «Eu essas treguas que fiz, ainda que alguns digam que não foram feitas com minha honra e da casa de Castella, por tornar a meu adversario tantos logares, e elle a mim tão poucos, parece que o entendem mal, e não são d'elle em bom conhecimento, cá eu vos digo cá de os manter sentia tanto tal gasto e anojamento, cá se m'os debalde mandara pedir, e me não fôra um pouco d'empacho, eu lh'os dera antes de graça, cá fazer com elles tal despeza, qual fazia ao tempo de ora; além d'esto eu via os meus tão anojados d'esta guerra com taes perdas, e de tantas guisas, não sómente os fidalgos e meus vassallos, mas ainda os povos todos em dar

tantas peitas como davam pera o supportamento da guerra, des-ahi mingua de bons capitães e gentes d'armas, que esto me demoveu a fazer o que fiz. Mas espero em Deus que passado o tempo da tregua, que eu torne á guerra por minha honra e do reino como todos bem podem vêr, e portanto ordenei de fazer estas côrtes por notificar a todos qual em esto é minha tenção, e assim o disse já em ellas a todos, e o digo ainda agora de praça.»

E certamente tal era seu profiado desejo de buscar todas as maneiras como da passada deshonra podesse haver comprida vingança, e maginou e fez uma divisa pera dar a certos cavalleiros, a qual era um collar feito como raio do sol, e em elle uma pomba branca por representação do Espirito Santo; e quando veiu o mez de julho, em dia de Santiago, na cidade de Segovia, na egreja cathedral d'ella, disse el-rei perante todos que elle ordenava de trazer esta divisa, a qual então mostrou, e um livro de certas condições que havia d'haver quem tal collar trouvesse, e tomou-o então de sobre o altar, e deu o a certos cavalleiros de sua casa.

E deu outra divisa que chamavam da Rosa, a alguns escudeiros com certas condições de provar seus corpos em feitos d'armas.

E todo esto era fundado sob tenção de os fazer ardidos, e attender por força aos medos onde quer que lhe aviessem, cá não embargando o que lhe acontecera, ainda elle tinha outra vez vontade de vir contra o reino de Portugal, mas a morte que a poucos dias houve, lhe fez mudar seu proposito de todo.

CAPITULO CXLIII

Como el-rei de Castella descobriu aos do conselho que queria fazer do reino, por lhe dizerem o que lhes parecia.

El-rei depois da perda da batalha sempre deu seu coração a desvairados pensamentos como poderia cobrar Portugal e haver vingança da desonra que na batalha recebera, e estas treguas que tratou, e aquellas divisas que deu e perdões que fez a todos os do reino, salvo ao conde D. Affonso seu irmão, que preso tinha, todo era fundado em ajuda e favor d'estas cousas que dissemos.

E para proseguir esta intenção veiu el-rei a cuidar uma cousa que foi estranho pensamento, a qual é esta:

Ante que as côrtes fossem começadas chamou alguns do conselho em grande segredo e disse-lhes que soubessem de certo que havia mais de quatro annos que elle acordara em sua vontade de leixar o reino que elle tinha, ao principe D. Henrique seu filho, em esta guisa: que elle que era rei tivesse em sua vida as cidades de Cordova e Sevilha e o bispado de Jaen com toda a fronteira, e o reino de Murcia e o senhorio de Biscaya, e mais as rendas que tinha do Papa das terças das egrejas, e que todo o al fosse do principe seu filho, com que se chamasse rei de Castella e de Leão, e que as razões que o moviam a fazer esto, eram estas:

Primeiramente que todos os de seus reinos sabiam

bem que os portuguezes sempre disseram que não embargando que elle casado fosse com a rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, que lhe não queriam obedecer nem receber por seu rei, porquanto se mesclava o reino de Portugal com o de Castella, e não ficava reino sobre si, como sempre fôra d'antigos tempos até agora, e que tomando elle as rendas e logares que dito havia, e leixando a seu filho o titulo de rei de Castella, e chamando-se rei de Portugal, com as armas direitas nas bandeiras e sêllos, sem mistura das de Castella, que os portuguezes quando esto vissem se chegariam a elle, e lhe obedeceriam como a seu rei e senhor, e que na parte do regimento do reino que a seu filho queria leixar, porquanto era de edade pequena, que não chegava ainda a onze annos, que houvesse de seu conselho certos prelados, e cavalleiros e homens bons de cidades que regessem e governassem o reino.

Ditas estas cousas, mandou-lhes que dissessem o que lhes parecesse, tomando-lhes juramento, que sem nenhuma affeição, nem louvaminha, nem outra tenção corrupta, lhe aconselhassem o que lhes melhor visto fosse; e elles disseram que lhe pediam por mercê que lhes desse espaço a cuidar sobre esto, ca não era tal pergunta pera supitamente responder.

El-rei outorgou que lhe prazia, e não se fallou mais entonce.

CAPITULO CXLIV

Como responderam a el-rei aquelles a que pediu conselho sobre o repartimento do reino.

Cuidando n'esto os que el-rei perguntou como cousa bem pera cuidar, vendo que lhe não davam resposta tão cedo como elle quizera, requereu que lh'a dessem, e elles todos de um accordo que imaginado tinham, responderam d'esta guisa por um a que deram carrego que o dissesse:

Resposta que se deu em côrtes a el-rei de Castella

Senhor, nós havemos visto todo o que nos da vossa parte foi proposto em razão do renunciamento do reino que fazer quereis, e os logares que ao principe vosso filho haviam de ficar, e os que pera vós apartaveis, e que trazendo armas de Portugal, que são quinas, chamando-vos rei d'elle, que entendeis de o cobrar por parte da rainha vossa mulher, porque vos de direito pertence; e que esto vos demovia a fazer estas cousas que dissestes.

Senhor, com reverencia de vossa real magestade, a nós parece que tal feito não deveis fazer, nem cumpre a vosso serviço, por certas razões que diremos, das quaes a primeira é esta:

Vós, senhor, sabeis por livros e chronicas que ás vezes perante vós lêem, quanto mal e damno se seguiu das guerras que foram na Hespanha por azo das partições que os reis vossos antecessores entre

seus filhos fizeram, assim como fez el-rei D. Fernando, d'onde vós vindes, que partiu os reinos entre seus filhos, leixando o reino de Castella a D. Sancho, e o de Leão a D. Affonso, e o reino de Gallliza com Portugal a D. Garcia, e a villa de Touro á infante D. Elvira, e a cidade de Çamora á infante D. Urraca; e por esta razão houve depois grande guerra entre os irmãos, ca pelejou el-rei D. Sancho com D. Garcia, rei de Portugal. e venceu e prendeu-o, e morreu em ferros; e assim fez com D. Affonso, rei de Leão, que lidou com elle, e o prendeu e metteu em S. Fagundo, de onde depois fugiu pera Toledo, que era de mouros; e cercou el-rei D. Sancho a infante D. Urraca em Çamora, onde o matou Vellido por traição; e todo esto aconteceu por a partição que el-rei D. Fernando fez.

E isso mesmo el-rei D. Affonso, que ganhou Toledo aos mouros quando casou sua filha bastarda, D. Tareja com o conde D. Henrique, deu-lhe Portugal com ella, fazendo-lhe d'elle condado, e nunca mais tornou ao senhorio de Castella, como d'antes era; e tambem el-rei D. Affonso, filho do conde D. Reymão, neto d'este rei D. Affonso, que ganhou Toledo, partiu os reinos de Castella a dois seus filhos, por cujo azo houve depois entre elles grandes guerras, de guisa que el-rei de Leão se ajuntava muitas vezes com os mouros por torvar a el-rei de Castella, até que prouve a Deus que el rei D. Fernando, que cobrou Sevilha, os ajuntou ambos em um, e assim que n'estas partidas e estremanças que se fizeram de Castella e de Leão, foi enagenada a corôa de vossos reinos do senhorio de Portugal, em tanto que o deserviço e perda que esta terra por tal azo sentiu não é fóra de memoria dos homens, mas mal pec-

cado bem tenro e fresco como hoje em dia parece, ca o vemos reino por si apartado d'estes reinos, se bem inimigo vosso e d'elles.

E mais ainda el-rei D. Affonso, filho d'este rei D. Fernando que ganhou Sevilha, que no casamento que fez de uma filha bastarda com um rei de Portugal, seu genro, deu-lhe certos castellos com ella, e quitou o feudo que Portugal dava a Castella, e por sempre se perdeu todo da corôa d'estes reinos.

A segunda razão, senhor, que nos parece sobre vossa emenda porque tal partição não deveis fazer, se póde bem vêr por o que ora direi.

Vós, senhor, dizeis que porquanto os portuguezes outorgar não quizeram que o reino de Portugal se misclasse com o de Castella e fosse todo um, que por esta razão o perdestes, e que agora chamando-vos rei de Portugal sómente, e não de Castella, que o reino vos obedeceria e tomaria por senhor.

Senhor, esta razão que vós dizeis, é boa, com tanto que fôra no começo, quando novamente começastes demandar o reino de Portugal, e porventura que entre as cousas que vos muito torvaram tal feito, esta foi uma d'ellas, mas mal peccado depois se recreceram taes mortes e pelejas entre nós e elles por este azo, que já os portuguezes agora não teem tal maginação, ante chãmente vos dizem todos que por nenhuma guisa nunca vos hão de obedecer, que se ante não soubessem perder de todo, e se vós agora que sois mais poderoso, tendo o reino todo em vosso poder não os podeis subjugar, com quanto lhe promettestes governadores de sua nação, quaes elles escolher quizessem, muito mais pouco o podereis fazer des que tal poder não tiverdes; e se guerra, senhor, sobre tal cousa houvesseis de mo-

ver, a qual dizeis que vos ajudará o principe vosso filho, que já rei seria de Castella, em verdade, senhor, esto poemos em grande duvida, ca entre os principes e senhores a gran cobiça dos reinos e senhorios lhe faz olvidar os dividos que hão, como se poderia bem vêr pelos livros de historia de similhantes cousas.

Outrosim duvidamos muito, ante cremos que farão o contrario, que Sevilha, nem Cordova, nem o bispado de Jaen e o reino de Murcia vos hajam de obedecer, fazendo-vos tal e taes partições como estas que tem, como é verdade que são proprias da corôa de Castella, e vendo que vos chamaes rei de Portugal e trazeis suas armas não vos quererão obedecer, nem nos parece que farão em ello sem razão.

Isso mesmo terra de Biscaya, que posto que seja sobre si, sempre foi e é obediente ao reino de Castella, e de seu senhorio se nomeia, e sempre querem jurados e alcaides sobre si da guisa que vêdes agora, que não querem que alcaide vosso os julgue, nem ouça suas appellações, salvo que o hajam apartado na vossa côrte para ello, e vendo elles que vos chamaveis rei de Portugal, não tendo o senhorio de Castella, não vos haviam de obedecer, nem fazer vosso mandado, ca bem parece grave cousa poer o senhorio que agora tomar quereis em Sevilha e nos logares que dizeis, tal discordia que fique o reino de Castella em meio, e que os biscainhos e as outras gentes que de vós alguma cousa mister houvessem, vos hajam de ir buscar a Sevilha.

As rendas que dizeis que vos dão das terças das egrejas, pareceria feia cousa de as terdes pacificamente sem fazendo com ellas guerra aos mouros, e defender o vosso reino d'elles, pois pera isso foram

dadas, mórmente que são espalhadas por todo o reino; e sendo vós rei de Portugal, e andando os colhedores d'ellas apanhando-as pela terra, não podia ser sem grande arruido que os que as houvessem de dar, não vos seriam tão obedientes como agora são, e porventura é de presumir que alguns senhores e cavalleiros dos logares onde taes rendas são, se atreveriam de as tomar, de que lhe seguiria pouco proveito, com grande escandalo entre nós e elles.

Ao que, senhor, dizeis que poreis no conselho de vosso filho certos prelados e cavalleiros com homens bons d'algumas cidades, esto, senhor, nos parece mui forte e grave coisa de reger.

O primeiro, porque muitos homens em um regimento nunca se accordam como devem, por esto foi antigamente ordenado que um só regesse, e mais não; ca das abelhas naturalmente vemos que uma só é principal e regedor d'ellas; e quando a cousa ha muitos regedores, nunca vae como cumpre, e se algumas vezes nos reinos se põem regedores, esto é por ser o herdeiro pequeno, e qual não deve, mas onde se escusar pode, melhor é o regimento de um acompanhado de bons conselheiros, e vós, a Deus graças, sois abastante por sizo e por edade pera o bem reger, pois não cumpre ao reino outros regedores, e leixar-nos, nem vós contra consciencia farieis tal cousa, considerando quantos males e damnos se d'esto recrecer podiam.

Outra duvida grande nasce ainda de tal feito, e esto por vosso filho ser de tão pouca edade, que não ha ainda onze annos, e fica mui gran tempo pera quando poder reger seu reino, e quanto mais durasse ao longo o espaço dos que haviam de reger por elle, tanto era mór perigo do reino; e os senhores

e cavalleiros de Castella são de condição e uzança, que poendo-os vós em tal regimento, qual vós razoaes, sempre se teriam por mal contentes, mórmente da grande inveja que entre elles haveria quando vos vissem escolher certos pera reger, e outros não, e d'esto nasceriam muitas divisões com grande escandalo, a que depois seria bem grave de poer remedio; e ainda, senhor, podia acontecer em este feito outra cousa alguma, segundo já fallámos, que porquanto os reis não querem no poderio haver companheiro, que vosso filho dês que viesse a edade, e entendesse que não tinha inteiramecte os reinos de Castella como tiveram seus avós, que faria muito por vos tirar o que apartasseis pera vós, e não minguariam taes que o conselhassem que o pozesse em obra, de que nasceria guerra entre vós e elle; elle como mais poderoso que vós, e os moradores da terra que vós apartasseis, cubiçando ser tornados ao senhorio em que primeiro eram, fariam muito por vos lançar de si, torvando-vos onde vos haviam de ajudar, e vós ficarieis com grande perda, e bem envergonhado.

Outra razão ainda mais, senhor, ponhamos que as cousas viessem á vossa vontade, e todo se seguisse como vós desejaes, cobrando o reino de Portugal da guisa que dizeis, porventura quando tal cousa aviesse, vós leixarieis de mui mámente a parte d'estes reinos que vós extremaes, que seria mui gran mal e perda de se alhearem da corôa de Castella, a perder pera sempre, mórmente se houvesseis filho herdeiro da rainha vossa mulher, que desejaria possuir o que vós lograveis, dizendo que por vossa parte o devia de herdar, trabalhando-se muito de o defender.

E mais outra cousa que aquecer podia, que não cobrando vós Portugal, como dizeis, e vos os mouros fizessem guerra, que vós a não poderieis suster, ca bem sabe vossa mercê quando a tal guerra aquéce, e se galés hão de armar, que de Castella vêm os galeotes e os dinheiros pera a armação, e d'ahi se ajuntam os cavalleiros com os de Andaluzia pera defender a terra, e d'esto se podia seguir grão perda na christandade quando os mouros houvessem tal vantagem de vós que os soffrer não podesseis; e se estas comarcas não ajudassem umas com as outras, como hão de costume.

E se dizeis que vos ajudaria vosso filho, já vos dissemos a duvida que em esto temos, por os senhorios apartados não se ajudarem nunca assim como devem.

Ainda, senhor, esguardamos em outra cousa que todos os reis e principes que esto soubessem, o haveriam por estranho e mau conselho, partindo d'esta guisa os reinos, e vos apartardes assim, leixando tão grão senhorio.

Ainda se vosso filho fosse em tal edade e discrição que vós entendesseis que o regeria melhor que vós, teria tal feito algum color, mas leixando-o vós a um filho de tão pouca edade em fiuza dos conselheiros que lhe haveis de dar, isso mesmo julgariam todos por mau recado e mingua de coração.

Outrosim, senhor, vêmos mais que hi sois vós, a Deus graças, de bom entendimento, e tendes conselheiros assaz discretos, que amam vosso serviço, e com tudo isto aquece muitas vezes que por alguma affeição apartada de parentes e amigos, tem taes opiniões no conselho, de que depois vêm alguns erros, pois que fariam, senhor, onde estivessem

taes conselheiros, sem haver maior sobre elles similhante a vós de que temor e receio houvesse? Ca as communidades de Italia, assim como Genoa, Florencia e outras, por isto lhes prouve de terem duque, que quer dizer guiador, porque os guia e traz á concordia, vendo as opiniões d'elles e escolhendo a melhor, e esto fallece no principe vosso filho, por a pouca edade que ha, nem a pode haver d'aqui a grão tempo; por esto, senhor, os direitos que fizeram os imperadores e reis mandaram que até era de vinte e cinco annos o homem se julgue por menor, e possa pedir restituição, se fôr damnificado em alguma cousa, e isto não é salvo, porque até entonce não pode governar tambem seus feitos que não possa em elles ser achado erro, ca se elle governasse a administração d'outros bens, posto que erro algum fosse achado, não seria a perda tamanha, mas na governação dos reinos de Castella, onde ha taes e tantos senhores de linhagem de reis, e tantos e tão bons fidalgos, crêde, senhor, que se não teriam por contentes de serem regidos por prelados e cavalleiros, mas haveria entre elles muita inveja e malquerença que na boa governação não deve ser.

E se guerra viesse e os mandassem ir a ella, crêde, senhor, que o não fariam, e assim, senhor, concludindo vosso conselho, pedindo perdão a Vossa Real Alteza, nós não somos em accordo que renuncieis o reino a vosso filho, nem façaes tal apartamento, ante vos requeremos da parte de Deus, e aconselhamos que o sossegeis em vosso regimento, e não façaes nenhuma mudança.

CAPITULO CXLV

Como el-rei fallou a alguns sobre o thesouro que fazer queria pera a guerra.

El-rei havendo esto por bom conselho e segurando sua vontade de em ello jámais cuidar, veiu a mover outra cousa, a qual propoz em segredo a alguns cavalleiros de que fiava, que tinham procurações de certas cidades pera aquellas côrtes, e foi esta:

Disse que lhes rogava que quizessem fallar, e encaminhassem com os outros procuradores, que alli eram por buscar alguma maneira como o servissem cada anno de certa contia de dinheiros pera poer em thesouro, ca todo o que lhe o reino dava, segundo bem vêr podiam por livros de seus contadores, era partido em vassallos, assim castellãos como ginetes, e tenças e soldos, e mantimento de fronteiros, quitações de officios e mercês voluntarias, a que nós chamamos não certas, e mais outras dadivas e despezas de embaixadas.

Outrosim a despesa de sua casa e de sua mulher, e da rainha de Navarra sua irmã, que entonce hi era, e da rainha D. Leonor, sua sogra; e isso mesmo de seus filhos e irmãos, e mais que dava aos infantes de Portugal e aos ricos homens e cavalleiror, e donas e outras pessoas d'aquelle reino, que pederam quanto aviam por seu serviço, e lhe mataram os filhos e irmãos, por guardarem lealdade a elle e a sua mulher, e que esta despeza tinha por

bem empregada, posto que fossem gran somma de dobras, e que depois que elles vissem como o que elle havia era dispendido, que bem podiam entender que lhe não ficava cousa de que fazer thesouro.

E posto que elle fizesse tregua com Portugal por assignadas razões, que a principal d'ellas era que como fossem acabadas pera logo tornar á guerra, e dar outra vez batalha aos portuguezes, leixando-o em vontade e juizo de Deus e não passar por esquecimento tal feito com tamanha deshonra como Castella havia recebido; e pera entonce os filhos dos senhores e cavalleiros que se finaram na guerra, seriam de edade pera em seu serviço irem áquella batalha, e que todo esto fazer não podia sem tendo thesouro pera o cumprir, mórmente se alguns senhores e cavalleiros viessem de França pera o servir, que lhe seria gran mingua e vergonha não ter que dar, nem que partir com elles, nem poderia d'outra guisa cumprir as despesas da guerra; rogando-lhes que fallassem com os outros e os induzissem a fazer esto.

Aquelles com quem el-rei fallava, quando lhe esto ouviram dizer, responderam logo, e disseram:

— «Senhor, nós faremos quanto vós mandaes, e fallaremos com os procuradores das villas e das cidades, que aqui são vindos, na melhor maneira que podermos; mas pensamos que esto seja muito grave de cumprir, porque o primeiro dia que as côrtes começastes de fazer, tomaram todos gran ledice com as palavras que lhe entonce dissestes, fazendo-lhes saber que uma das principaes cousas porque vos demovieis a fazer a tregua com Portugal, assim era por alliviar o povo das peitas que davam; e agora, senhor, quando ouvirem dizer que lhe não tiraes

as peitas que até aqui deram, mas ainda dizeis que peitem outras pera poer em thes uro, em verdade crêmos que se haverão por mal contentes, e que se gerará por esto escandalo.»

El-rei disse que fallassem n'esto com as mais doces palavras que podessem, e de qualquer guisa que se ordenar podesse, lhe prazeria muito.

— «Senhor, disseram elles, nós somos aqui vindos como procuradores d'algumas cidades que nos cá enviaram, fazendo primeiro juramento de guardar vosso serviço e proveito do povo, e se nós esta razão fallassemos com os outros procuradores por simplesmente que fosse dita, logo diriam que mal esguardavamos o juramento que feito tinhamos, e fallando-vos verdade a nós fizeram já entender que alguns por vos comprazer, mais que por verem que a vosso serviço cumpria, vos fallaram que demovesseis esta cousa, e sobre esto houvemos todos conselho como vos responderiamos, e fizemos todos juramento de ter guardada a resposta que vos haviamos de dar, e portanto por nós não cahirmos em má fama, por se vêr melhor o que cumpre a vosso serviço, parece-nos que é bem que estes que vos este conselho deram o proponham de vossa parte aos procuradores do reino, e assim sabereis a vontade d'elles.»

El-rei houve esto por boa resposta, e disse que assim o faria.

CAPITULO CXLVI

Da resposta que deram aquelles a que o bispo e o cavalleiro fallaram.

Fallou el-rei com um bispo e com um cavalleiro que sabiam d'esto parte, que propozessem aquello apartadamente aos procuradores das cidades por vêr que resposta achariam n'elles; e fallando com todos o melhor que poderam, amostrando a tenção d'el-rei como queria juntar aquelle dinheiro pera honra e proveito do reino, disseram que por não poerem em ello duvida, que a el-rei prazia que elles pozessem thesoureiro que recebesse todo aquelle dinheiro, e o dispendesse quando houvesse de fazer guerra passado o tempo da tregua, em gentes d'armas e ajuntamento de frota.

Os procuradores ouvindo as razões que lhe o bispo e cavalleiro diziam, disseram que haveriam seu conselho sobre ello e no seguinte dia foram todos juntos em um logar, por fallarem sobre tal feito, e entre as razões que hi foram ditas, mostraram que o reino dava cada anno a el-rei uma alcavala dezena, que rendia dezoito centos de boa moeda e mais seis moedas, que valiam dez contos, e sete contos dos direitos antigos, assim, que havia perto de trinta e cinco contos; e que não sabendo elles como tão grão somma de dinheiros se dispendia, que era vergonha de prometter mais, e porém fosse sua mercê saber de que guisa se gastava tudo, e pozesse regra em ello, especialmente nas contias que

dava a homens d'armas e ginetes, ca pois por os grandes misteres da guerra, e por contentar os senhores e fidalgos elle tomava tantos por vassallos, poendo-lhe tenças que tivessem d'elle que passava do arrazoado, que agora pois tinha feito tregua com Portugal, que bem era de poer alguma temperança em esto, e assim nas outras mercês e despezas que fazia; e se d'ello sobejasse não lhe devia lançar mais peita, e quando achassem que não avondava, que prestes eram de fazer o que el-rei requeria.

D'esta resposta foram entonce aquelle bispo e cavalleiro contentes, e assim o disseram a el-rei, ao qual prouve do que haviam respondido, e pediu conselho a todos os prelados e fidalgos sobre aquella resposta dos concelhos, e foi-lhe respondido d'esta guisa:

—«Senhor, a nós parece sob emenda de vossa mercê que os procuradores disseram bem, ca em verdade, senhor, vossas despezas que dizeis, são em muitas cousas de ordenar, ca as gentes d'armas e ginetes são achados tão gran numero, que bem é pera emendar, ca muito do que com elles dispendeis se perde, e porém as deveis de poer em numero razoado, e esto posto em termos, fallaremos sobre as outras despezas.»

— «Verdade é, disse el rei, esto que vós dizeis, e já o comecei por vezes d'ordenar, e cada um de vós me pede por mercê que fiquem os seus, de guisa que nunca ha fim: outros me dizem que tiro as tenças aos que merecem haver mais, e que as leixo a quem não é merecedor d'ellas, e d'este geito perco suas vontades. Mas pois assim é, a mim praz que os procuradores me requeiram esto em estas côrtes, e que vós e elles o ordeneis como virdes que

cumpre a meu serviço e proveito do reino, vendo os livros das despezas com meus contadores; e o que assim ordenardes, que seja feito com juramento de se cumprir por obra».

E elles lh'o tiverem em mercê .

Em outro dia, fallando nas côrtos, fizeram os procuradores aquelle requerimento, e el-rei respondeu que lhe prazia, e que vissem que numero de lanças devia de ter pera dar tença, e que contia houvesse cada uma, e elles disseram que quatro mil lânças de bons homens era assaz, cada um bem armado com um bom cavallo e mais uma mula, ou rocim ou faca, como melhor podesse; e tivesse cada um em tença por anno mil e quinhentos maravedis de moeda velha de seis coroados o maravedi, que eram até dezoito dobras. E, que na Andaluzia houvesse de ginetes mil e quinhentos, cada um com dois rocins e suas armas á gineta, e pois que havia de ter duas bestas, que houvesse outro tanto. E que houvesse hi mil bésteiros de cavallo que cada um tivesse duas bestas e que houvesse em tença seiscentos maravedis, que eram umas oito dobras.

E o al que hi ordenaram em feito d'estas lanças e cousas, que não servem a nosso proposito, não curamos d'escrever, e esto que dizemos não foi aqui posto, salvo por mostrar a tenção que el rei contra os portuguezes tinha se largamente vivera, e por approvarmos nosso arrazoado onde fallamos nas lanças que em Castella havia no capitulo onde conta o alardo da Valariça.

CAPITULO CXLVII

Como morreu el-rei de Castella da queda de um cavallo.

Em este anno que já é escripto, de quatrocentos e vinte e oito, estando el-rei no mez de outubro em um logar que chamam Alcalá de Henares, chegaram ali alguns cavalleiros christãos que havia mui longa sazão que viviam em Marrocos, bem dês o tempo d'el-rei D. Rodrigo, quando Hespanha foi conquistada em seus dias, e chamavam os mouros a estas gentes Farfanes, e enviara el-rei por elles, promettendo lhes de os herdar bem em suas terras, e de licença d'el-rei de Marrocos, a que por elles mandou rogar, partiram de seu reino, e vieram a Castella, trazendo filhos e mulheres comsigo; e um domingo, que eram nove d'aquelle mez, ouvida missa, cavalgou el rei em um cavallo ruão, e com elle o arcebispo de Toledo, e muitos cavalleiros e outra gente, por verem aquelles christãos que vinham de Marrocos, e sahindo da porta, que dizem de Burgos, viu um alqueve logo hi perto, e correndo por elle o cavallo em que ia, no meio da carreira entrepeçou, de guisa que cahiu com elle uma tal queda, que lhe quebrou todo o corpo, tanto que logo morreu; os que presentes eram, chegaram á pressa por lhe accorrer, e viram-no sem espirito, finado de todo, havendo trinta e dois annos pouco mais ou menos, de sua edade, e onze que reinava.

O arcebispo quando viu aquello, fez logo trazer ali uma tenda, e armal-a onde elle jazia, e mandou chamar fisicos, e deu fama que el-rei não era morto; mas que jazia sem falla como algumas vezes acontece, não leixando porém chegar nenhum a elle, enviando em tanto cartas pelo reino ás villas e cidades, e pessoas que cumpria, que guardassem lealdade ao principe seu filho primogenito no reino; des-ahi escreveu á rainha sua mulher, que estava em Madrid.

Mas esta encoberta durou muito pouco, que logo foi sabido claramente, e feze-o levar a uma capella dos paços do bispo, que são n'aquella villa; e em outro dia ficou a rainha com elle e o bispo de Segovia e outros, e o arcebispo se foi a Madrid, onde estava o principe e seu irmão o infante D. Fernando, e fizeram seu dó; des-ahi alegrias, como é costume, e depois o levaram a enterrar á cidade de Toledo, na capella de Santa Maria, que el-rei D. Henrique seu padre fizera; e assim foram acabados todos seus dias e todas suas cuidações.

CAPITULO CXLVIII

Dos filhos que el-rei D. João houve, e em que tempo nasceram.

Tornando a Portugal por fallar d'el-rei, que ficou em Lisboa, não temos cousa que dizer de presente por azo das treguas que os reis fizeram, que em seu logar já tendes ouvido; porém foi el-rei aconselhado como soube a morte de seu

adversario, que pois seu filho era tão moço, que não chegava a onze annos, como dissemos, que lhe entrasse pela terra emquanto o reino andava em desvairo, e que lhe tomaria gran parte d'ella, e elle disse que o não faria por muita que soubesse de ganhar, mas que a tregua que com seu padre tinha, essa entendia manter ao filho; e não se moveu a fazer o contrario; e pois emquanto a tregua dura e todos os feitos estão d'assocego, nós não temos cousa que de contar seja, fallaremos dos filhos que houve, assim em sendo elle mestre d'Aviz, como depois que reinou e foi casado; e posto que nados fossem por processo de tempo, e não está nomeado como, nós diremos aqui todos, por se melhor poderem entender e saber levando com elles o modo dos reis que no começo de seus reinados contamos as bondades que cada um uzou na vida, e d'estes infantes em breve diremos alguma cousa pouca das condições de que foram afermosentados; ondeassim foi, que sendo elle Mestre, como dissemos, teve conhecimento de uma dona que chamavam D. Ignez, commendadeira que depois foi de Santos, mosteiro de donas acerca de Lisboa, da qual houve um filho e uma filha.

Ao filho chamavam D. Affonso, que foi conde de Barcellos, e depois foi duque de Bragança, segundo em seu logar diremos.

A filha houve nome D. Beatriz, que casou em Inglaterra, e foi condessa de Arundel, como ouvireis onde d'esto fallarmos.

Mas depois que elle foi casado com aquella nobre rainha que dissemos, gerou d'ella estes filhos, s.:

A infanta D. Branca, que nasceu em Lisboa, treze dias do mez de julho de quatrocentos e vinte e seis

annos, e viveu pouco mais de oito mezes, e jaz na Sé d'essa cidade, em um moimento de pedra, aos pés d'el-rei D. Affonso, seu bisavó; e o infante D. Affonso, que nasceu em Santarem, uma noite de sabbado, trinta dias do mez de julho de quatrocentos e vinte e oito annos, em cujo baptismo el-rei ordenou umas justas reaes, em que elle justou e foram feitas outras alegrias, e viveu uns doze annos, e morreu e jaz em um moimento na Sé de Braga; e houve el-rei outro filho, que chamaram infante D. Duarte, que nasceu na cidade de Vizeu, postrimeiro dia de outubro de quatrocentos e vinte e nove annos, o qual reinou depois de seu padre, como adiante ouvireis.

Depois d'este nasceu o infante D. Pedro, na cidade de Lisboa, uma hora depois da meia noite, nove dias de dezembro de quatrocentos e trinta annos, que foi duque de Coimbra e senhor de Montemór-o-Velho.

Nasceu depois d'elle o infante D. Henrique na cidade do Porto, uma quarta feira de cinza, quatro dias do mez de março de quatrocentos e trinta e dois annos, o qual foi duque de Vizeu e senhor de Covilhã.

E depois d'estes nasceu uma filha, que chamaram D. Izabel, a qual infante nasceu em Evora, quarta feira, vinte e um dias do mez de fevereiro de quatrocentos e trinta e cinco annos, que depois foi duqueza de Borgonha.

E houve mais outro filho, por nome chamado D. João, que nasceu em Santarem, no mez de janeiro de quatrocentos e trinta e oito annos, que foi regedor e governador do mestrado de Santiago.

Houve outro infante, que disseram D. Fernando,

que nasceu em essa villa em dia de S. Miguel, vinte e nove dias de setembro de quatrocentos e quarenta annos, que foi regedor e governador do mestrado d'Aviz, e estes infantes que dissemos sahiram taes e tão bons, que de nenhum rei que da Hespanha, nem terra que mais alongada fosse, seria mais bemaventurado, nem se lê que similhantes filhos houvesse, porque se as civeis e humanas leis, e tambem a escripta, como em nações de gentes, todos outhorgavam que os filhos, em qualquer estado e condição que sejam, obedeçam sempre a seus padres, louvando muito os que assim o fazem, havendo por má e excommungada qualquer desobediencia que o filho por palavra ou feito contra seu padre mostra, os filhos d'este nobre rei inteiramente teem tal louvor, ca todos lhe foram sempre tão obedientes, assim solteiros como casados, que nenhum estado nem crescimento de honra os poude mudar pouco nem muito do santo proposito da obediencia.

Bem lemos d'outros filhos obedientes a seus padres, assim como escrevia o papa Johanne ao infante D. Affonso, filho d'el-rei D. Diniz, quando andava em desvairo com seu padre, reprehendendo-o assaz do que fazia e louvando muito os filhos obedientes aos padres, dizendo do filho de Filippe, primeiro imperador christão, que pero desse em sua vida o regimento do imperio a seu filho, e tivesse aquelle poder que o padre tinha, sempre dizia que não era, salvo seu procurador, gloriando-se de o ter vivo, e obedecer lhe como cada um de seus cavalleiros.

Isso mesmo Decio, filho do imperador Decio que, pero o padre em sua vida o quiz coroar e dar o regimento, elle nunca quiz tomar a corôa, dizendo:

— «Receio de a tomar e esquecer-me cujo filho

sou; reja meu padre que é imperador, e o meu imperio seja em lhe obedecer, ca ante quero ser não imperador, e filho humildoso, que tomar tal regimento, e ser filho desobediente.»

Assim que então nomeou Hermes Anatocle, sendo filho de rei, de cuja administração o povo era mui contente, querendo-o alçar por seu senhor, estando o padre em ponto de morte, disse que tal cousa não consentiria emquanto seu padre podia viver.

Assim que, posto que aquelles que o papa alli escreveu, e outros que se dizer podiam, fossem assaz de bons, porém filhos eram sós sem companha d'outros irmãos, que é mais ligeira cousa d'achar, porque haver homem um filho bom por doutrina ou natureza, bem é de louvar; mas não tanto como os muitos e todos bons; ca pero Estevão de Colona, grande capitão nas hostes de Roma houvesse filhos louvados por assaz bons, segundo reza Francisco Petrarcha em uma epistola que lhe enviava, um d'elles porém lhe foi desobediente, revelando cousas contra a honra e velhice do padre, que lhe mais honesto fôra de calar; e assim d'outros que n mear podiamos, e ainda de um só filho achareis assaz de perversos.

Mas leixando a antiga remembrança, por não fazer prolixo sermão, vêde aquelle infante D. Affonso com el-rei D. Diniz seu padre, e o infante D. Pedro com seu padre el-rei D. Affonso, quão má e peçonhenta desobediencia contra os padres por vezes mostraram.

Assim que a humildade d'estes infantes, e grande amor acerca de seu padre nenhum louvor se pode emader que maior grau merecer possa.

E porque elles esplandeceram por formosura de obediencia tanto por Deus encommendada, que podem ser ensino aos filhos dos reis que depois d'elles hão de vir, queremos aqui em breve dizer a pratica que tinham em n'a guardar.

CAPITULO CXLIX

Que maneira tinham em guardar a obediencia a seu padre estes infantes.

Morto D. Affonso, aquelle primogenito filho a que o reino havia de vir, ficou D. Duarte infante segundo em logar d'elle por direita herança, e depois que elle e seus irmãos sahiram dos dias da mocidade, antes dos annos da perfeita mancebia, por graça do senhor Deus, de que todo o bem procede, houverem tal conhecimento de seus preceitos e mandados, que conformes a elles sem outra mudança, com grande amor e temor filial, nenhuma cousa vergonhosa ou de reprender fizeram, porque el-rei seu padre sómente uma hora d'algum d'elles fosse anojado.

Ora leixando o louvor da virgindade dos que casados não foram, havendo assaz tempo pera ello, e a doce castidade dos que houveram mulheres, como a historia depois contará, este uzo de santa obediencia houveram elles de tal guisa, que se não podia dizer d'algum o que escrevia Pedro Blesense a um infante herdeiro de Inglaterra muito desobediente a seu padre, dizendo entre outras cousas em uma epistola que lhe enviava:

—«Sahe da geração, e não vem com verdade d'ella o filho que por seu grado desobedeceu a seu padre, porque tira o raio ao sol, e logo nem é sol nem luz, estrema o rio da fonte, e logo leixa de ser rio, talha o ramo da arvore e muito cedo se faz sêcco, aparta o filho da obediencia do padre, e logo não parece filho».

E estes eram muito por contrario, ca sempre foram clara luz de humildade, e apraziveis ramos com folhas, frutificando d'esta guisa; quando duvidavam d'alguma cousa se prazeria a seu padre, ou não, muito se guardavam de a commetter até que eram em conhecimento qual era sobr'ello sua vontade, avizando-se no desviar de toda causa que a seu bom prazer tocasse, como se elle fosse um esquivo senhor, que os asperamente houvesse de punir; nas causas que com elle fallavam, ou tratar queriam, não levavam sua tenção adiante, nem por via de mistura, nem por outra qualquer guisa, mas contando lhe seu desejo, e que lhes parecia, offereciam-se sem empacho receber sua determinação, poendo por obra o que elle mais queria, posto que fosse contra seu prazer e vontade, sem mostrança d'arrufo ou de triste gesto, dizendo que pois era seu senhor e padre, que prestes eram de seguir todo seu mandado e seus bons serviços, e os que elle amava prezavam e faziam mercê; e ainda que em alguma parte por suas pessoas fossem fóra de seu prazer, e por honestas maneiras eram supportados, nas cousas de conta que fazer queriam, sempre havia grande reguardo a que parte as el-rei tomaria, alegrando-se muito se as por bem filhava, e do contrario havendo tristeza; segredo que lhes encommendasse, era perfeitamente guardado, e tambem no que

entendiam que se de guardar havia, posto que avizados não fossem, fallando-lhe sempre verdade em qualquer caso que avinha, guardando-se que não sentisse, que por força de contrariar, ou manha qual não deviam, quizessem endereçar com elle, se algum pouco de suas razões algum ora se aggravar queriam, com grande assocego e humildade mostravam que sua tenção era fundada em serviço de Deus, e seu, como melhor entendiam, e não por proveito nem prazer d'elles, nem d'outra alguma pessoa.

Em monte e em caça, quando com seu padre eram das folganças acostumadas que em taes espaços sohiam d'haver, faziam muito pequena conta, por a d'el-rei ser accrescentada no que elle filhasse sabor, servindo-os com bestas e cães e aves, sendo mui lédos quando as filhar queria; des-ahi ordenando-lhe jogos e festas por seu bom prazer em que ás vezes tomasse desenfadamento; se alguma notavel pessoa se querir d'elle aggravar, por suas discretas maneiras o tornavam á sua boa graça, sendo pera todos seus creados e servidores prestes de demandar mercês e accrescentamentos, como pera os seus mesmos; em jogos. porfias nem uniões se guardavam muito de ser contra a tencão de seu padre, mas trabalhavam d'acarretar tal fallamento a outros lédos rezoares em que taes partimentos fim fizessem, e em suas doenças, por longe que estivessem, logo á pressa vinham a elle, vizitando-o e servindo-o quanto o bem fazer podiam, mostrando-lhe em toda cousa, que o de sua falla e serviço eram bem contentes e não enfadados; quanto mais em grandes dias se accrescentava sua edade, tanto lhe mostravam mais reverencia e amor, servindo-o todos mui

sem empacho, com todas as ceremonias que sua honra podiam accrescentar, assim que por estas humildosas razões, pero poucas sejam, podeis entender e sentir como se haveriam nas particularidades que de cada uma nascer podessem, as quaes em guardando não sentiam pena, mas deleitação e grande folgança; e não sómente floresceu n'estes infantes a virtude de obediencia acerca de seu padre, segundo dissemos, mas ainda se pode dizer d'elles o que adur achareis d'outros filhos de reis, e é muito de notar que afóra o leal amor que sempre entre si houveram, guardavam reveverencia uns aos outros por ordem de nascimento, que nunca d'elles com firme proposito foi apartada por nenhuma guisa, por a qual razão seu padre os amava muito, tendo a Deus em grande mercê de lhe dar tão bemaventurados filhos; des-ahi com esto poz o Senhor Deus em elles especiaes dons de natureza, acompanhados de nobres joias de bons e honestos costumes, dos quaes infantes sem outra louvaminha se pode dizer que não vimos, nem lêmos nenhuns, que tão pouco servissem aos deleites, nem a quem tanto prouvessem os virtuosos costumes, e porém a futilidade de seu entendimento e alteza de compoer e ditar com avondança de falla commum, e outros taes bens, de que devia ser feita memoria, fique pera outro que os contar saiba, porque temos pressa de contar outras cousas.

CAPITULO CL

Como foram postas treguas entre Castella e Portugal.

Sahindo o tempo da tregua dos tres annos que entre Castella e Portugal havia, veiu a era de quatrocentos e trinta e um em que el-rei de Castella ficou em guerra com D. Henrique, herdeiro do reino, segundo dissemos, e foram-lhe dados tutores e curadores por sua pouca edade, D. Pedro, arcebispo de Toledo, e D. João Garcia Manrique, arcebispo de Santiago, e D. Gonçalo Nuno de Gusmão, mestre da ordem de Calatrava, e João Furtado de Mendonça, seu mordomo-mór, e tendo elle já leixado o titulo e armas que seu padre de Portugal trazia, e sendo entonce na cidade de Çamora com esses tutores e regedores do reino, porquanto o marquez de Vilhena e o conde de Niebla, que o principalmente eram, não estavam presentes, de consentimento e accordo dos sobreditos e d'outros senhores e fidalgos do reino e procuradores de quatro cidades, que em seu conselho andavam, vendo como era serviço de Deus e d'el-rei seu senhor, e prol da terra e seus sujeitos, não haver guerra nem outra discordia com Portugal, ordenaram de tratar com elle tregoa, e mandaram a el-rei por mensageiros D. João, bispo de Siguença, e Pero Lopes d'Ayala, alcaide-mór de Toledo, e um doutor chamado Antão Sanches, e chegaram a Lisboa, onde entonce el-rei estava, dizendo-lhe sobre que vinham e o poder que pera

ello traziam, e fallando sobre tal negocio ordenou el-rei por sua parte D. Alvaro Gonçalves, Priol do Esprital, e o doutor João das Regras, do seu conselho, que tratassem com elles o que por seu serviço e bem do reino sobre tal feito entendessem.

E havendo pouco mais de dois mezes que elles chegaram, aos quinze dias de maio, uma quinta feira, na festa da Ascenção, foi publicada uma escriptura em que o dito bispo e Pero Lopes, e aquelle doutor, outorgavam em nome d'el-rei seu senhor ao dito Priol e o doutor João das Regras, que as por el rei D. João recebiam boas, e leaes e firmes tregoas, geralmente por mar e por terra, duradouras entre os reis e seus successores d'aquelle dia até quinze annos, validos com certos capitulos e clausulas postos em ellas, dos quaes convem tocar certos em breve, por verdes se houve el-rei depois justa causa por tal azo, pera mandar tomar Badalhouce, e não furtivelmente, como alguns disseram; e o primeiro era:

— Que de um reino ao outro se não fizesse guerra por mar nem por terra, nem se tomasse, nem roubasse villa nem cidade, castello, logar ou outra cousa alguma.

E o terceiro dizia:

— Que todos os prisioneiros de qualquer qualidade e condição que fossem, que estivessem por arrefens d'outros, ou por suas rendições de um reino em outro, fossem livremente soltos sem outra rendição, d'aquelle dia que esta tregoa foi firmada até seis mezes seguintes. E pera se esto melhor fazer, fossem escolheitos dezeseis frades da ordem de S. Domingos, oito castellãos e oito portuguezes, e que andassem por Castella buscando os

ditos prisioneiros pera os fazer soltar, e em Portugal oito de S. Francisco, quatro castellãos e quatro portuguezes, e sendo requeridos por elles os que os tivessem e os não quizessem soltar, que entonce os ditos frades requeressem ás justiças que lh'os fizessem entregar; e não o querendo fazer que fosse requerido cada um rei em seu reino por os ditos frades, ou por outros que pera ello houvessem poder que os fizesse soltar, ou fosse teúdo entregar a pessoa que tivesse o prisioneiro, pois que o dar não queria, e todo esto do dia da publicação da tregoa até seis mezes, aquelle que o assim não cumprisse que désse e pagasse por cada prisioneiro mil dobras cruzadas; e não as dando depois dos ditos seis mezes até dois mezes seguintes, que seu adversario por sua auctoridade podesse penhorar e fazer penhora em tantos de seus bens e de seus sujeitos, que valesse a contia que montasse em toda a somma; e que por tal razão não se entendesse a tregoa ser quebrantada, e que os ditos frades fossem cridos sobre o achamento dos prisioneiros e requerimentos, e denegação de justiça por seus juramentos, ou escripturas assignadas por elles, e selladas por seus sêllos.

No undecimo capitulo era conteúdo:

«Que porquanto ante d'estas tregoas de quinze annos em uma particular soffrença de guerra que hi houve de certos mezes e dias se fizeram roubos e males pelos naturaes de um reino a outro, foi ordenado em estes trautos que sobre esto se puzessem certos juizes d'ambas as partes pera conhecerem de taes damnos, chamados aquelles a que foram feitos, e se livrassem por suas sentenças, e que aquellas que fossem dadas contra os naturaes de Castella, que seu rei, e o juiz dado por elle, as

désse a execução do dia que fossem dadas até os dois mezes, e por esta maneira o fizesse el-rei de Portugal, e não se fazendo tal execução ao dito tempo, que se podesse fazer tomada nos bens dos subditos da parte que fosse a ello negligente por a somma conteúda em taes sentenças.

E leixadas as juras que os reis e pessoas, villas e cidades, haviam de fazer por guarda d'ellas, ordenaram por mór firmeza de poer arrefens de uma parte e da outra, e que os de Castella fossem a Portugal trazidos e postos em poder do Priol do Esprital, D. Alvaro Gonçalves, e os de Portugal isso mesmo entregues a elle, e mudados de quatro em quatro annos, por não ser aspera cousa estarem uns sempre todos os quinze annos.

E se quizerdes ouvir quaes foram os de Castella e cujos filhos eram, podereis saber que foram estes: um filho bastardo do conde D. Affonso, outro filho bastardo do conde de Niebla, que chamavam Pero Nunes, Pero Tenorio, sobrinho do arcebispo de Toledo, João de Arelhano, sobrinho do arcebispo de Santiago, filho legitimo de sua irmã D. Tareja Soeiro; um sobrinho do mestre de Santiago, filho legitimo de seu irmão; um sobrinho do mestre de Calatrava, filho legitimo de seu irmão Alvaro Nunes de Gusmão; Inhigo de Mendonça, filho legitimo de João Furtado; um filho legitimo de Diogo Lopes Destunhega; um filho legitimo de Diogo Fernandes Marichal; outro filho legitimo de Sanches Fernandes de Tovar; um filho legitimo de João Gonçalves d'Avelhaneda; um filho legitimo de Martim Fernandes Portocarreiro, e d'estes doze fidalgos e outros filhos de cidadãos, que não curamos de nomear, foram dados da parte de Castella.

De Portugal isso mesmo foram postos: s. um filho do mestre d'Aviz; Luiz, filho legitimo de Martim Vasques da Cunha; Alvaro, filho legitimo de Gonçalo Vasques Coutinho; Rodrigo Affonso, filho legitimo de João Affonso Pimentel, e um filho legitimo de Gonçalo Vasques de Mello; um filho de Fernão d'Alvares d'Almeida, vedor da casa d'el-rei; estes seis fidalgos com outros filhos de cidadãos havia o Priol de ter em poder por guarda e firmeza das cousas nos trautos conteúdas, assim como os depois teve no castello de Santarem, de que era alcaide-mór.

CAPITULO CLI

Dos embaixadores que a el-rei de Castella vieram, e da resposta que levaram.

As treguas apregoadas nos senhorios ambos, juntaram-se os frades em Badalhouce, que era ordenado de irem a Castella, e na cidade da Guarda os que haviam de andar por Portugal, aquelles cincoenta dias depois da publicação das tregoas, segundo nos trautos era concordado, e pero em Portugal foram logo soltos todos os prisioneiros que em elle havia, não o fizeram assim em Castella, ante andando os frades por ella buscando os taes prisioneiros, especialmente na Andaluzia, e em alguns logares os escondiam, que os não achassem, outros achavam e não os queriam soltar os que os tinham, nem lh'os faziam entregar as justiças, e o

peor de todo que d'elles eram já lançados em Aragão e em outras partes, e outros mortos e mal tratados, que se finaram com desamparo, além d'esto em alguns logares tratavam tão mal esses religiosos que tal cousa requeriam, que lhes foi forçado de o dizer a el-rei de Castella, que entonce estava em Leão, contando-lhe o pouco direito e grandes aggravos que sobre esto haviam recebido já.

El-rei respondeu como sobr'ello havia enviado seus recados que lh'os entregassem, e por mais avondamento deu-lhe outras cartas assaz de boas, segundo o negocio requeria, mas nem umas nem outras foram cumpridas, de guisa que se houveram de tornar, ficando em Castella mais de cem prisioneiros que não foram soltos, em mãos de ligeiras pessoas.

Isso mesmo Vasco Pires Docem, doutor em degredos e juiz por el-rei de Portugal, e Pero Martins, doutor em leis, por seu adversario de Castella, que estiveram na raia do estremo, entre Castel Rodrigo e São Felices, ouvindo as partes querelosas dos damnos que uns dos outros haviam recebidos n'aquella soffrença da guerra que dissemos, pero muitas sentenças dessem contra os naturaes de Castella, em que montou bem quarenta e oito mil dobras, passando muito tempo além do termo que se houveram de pagar, nunca el-rei curou de os mandar poer em execução, pero assaz sobre ello fosse requerido; e vendo el-rei D. João como seu adversario era negligente em mandar fazer aquello que teudo era, segundo fórma dos trautos, tambem em razão dos prisioneiros, como das sentenças dadas contra seus naturaes, mórmente sendo senhor de tal estado, que a outrem não conhecia superioridade, bem viu e en-

tendeu tambem por virtude dos trautos como disposição de commum direito, que bem podia fazer penhora em seus bens e de seus subditos, pero querendo mostrar que seu talento não era fazer alguma cousa que fosse azo de se entre elles levantar discordia em durando tregoa, e por dar logar ao bem, fez-lhe fazer seus requerimentos por João de Alpoem, lettrado de seu reino, que mandasse executar aquellas sentenças e soltar os prisioneiros, segundo jurado e promettido tinha, e não incorresse nas penas nos trautos conteudas, não se poz nenhuma cousa em obra, e passando-se assim estas cousas, havendo já cerca de uns tres annos que as tregoas foram firmadas.

E vendo el-rei de Castella as cousas como se passaram, e os requerimentos que lhe foram feitos, e o que sobre ello com direito el-rei de Portugal podia fazer, por escusa e avondança de prolongar estes negocios, mandou a el-rei, mais que por vontade de satisfazer, dois doutores, Antão Sanches e Pero Martins, os quaes chegaram a uma villa, que chamam a Torre de Moncorvo, onde el-rei entonce estava, e propozeram ante elle as condições dos trautos, especialmente aquellas que faziam menção dos prisioneiros e sentenças, e o requerimento que João de Alpoem fizera a seu senhor el-rei, ao qual elle respondera que prestes estava pera mandar executar quanto teudo era por virtude dos trautos, mas que depois fôra informado que não era tanto como lhe João de Alpoem dissera, e porquanto lhe novamente era notificado que elle queria fazer prenda nos reinos de Castella por azo d'aquellas sentenças, que a elles parecia que o não devia fazer, por algumas razões que logo assignaram, especialmente trez.

A primeira, por razão das tregoas e bom assocego que a Deus prouverá de poer entre elles, não ser quebrantada por seu azo.

A segunda, que seu senhor não era teudo a pagar, nem executar taes sentenças, mas o juiz seu que as dera, mórmente que elle, que presente estava, não mandara pagar aos castellãos as sentenças que por sua parte foram dadas, e depois que sobre esto largamente houveram fallado, disseram por mór avondamento que seu senhor prestes era de mandar executar aquellas sentenças nos bens dos condemnados e fazer soltar os portuguezes, se ainda alguns em Castella por maneira de prisioneiros eram deteudos, e cumprir todas as outras cousas que obrigado era segundo os trautos, e que porém lhe requeria da parte d'el-rei seu senhor que não fizesse nem mandasse fazer prenda, nem outra tomada em terras nem bens seus, nem de seus subditos, fazendo muitas protestações sobre esto, e que Deus e o mundo visse que o todo o mal e damno que se d'esto recrescesse, que a elle fosse posta a culpa.

Aos quaes foi respondido que por bem e azo de se guardar a tregoa, que era cousa que el-rei desejava, não pozera mão em fazer cousa alguma, posto que o fazer podesse, não sendo a tregoa porém quebrantada segundo os trautos lhe davam logar, e que se elle tal tenção não houvera, que não mandara aquelle João de Alpoem como elles diziam, ao qual pero seu senhor disse que lhe prazia de todo cumprir, que não curara de o dar á execução, ante se mostrara a elle mui negligente, e que de todo ponto não havia vontade, tomando-lhe o traslado das sentenças que levava, e nunca lh'as quizera mandar

dar nem o traslado d'ellas, de guisa que passara tanto tempo, além do que devera ser, que elle havia cahido nas penas postas nos trautos.

E ao que diziam que elle não mandara executar as que foram dadas contra os portuguezes, respondeu el-rei que por esto não era escusado seu senhor do que teudo era, ca elle sempre fôra prestes de as dar á execução, tanto que elle desse as suas, assim como primeiro soltara todos os prisioneiros, que elle, o que se porventura se não fizera, não foram reteudos os portuguezes em seu reino, como ainda eram, e que os entonce mandasse soltar, que já não era escusado, porém depois que o direito mandava que se algum era obrigado fazer alguma cousa a certo tempo sob certa pena, e não o fazendo, passado aquelle tempo cahia na pena a que se obrigara, e posto que o depois fizesse que não se escusava de pagar a pena; e que portanto elle podia fazer prenda nos reinos de Castella e nos bens dos moradores d'elles; e que todo o mal e damno e mortes, destruição, que se d'esto por qualquer guisa seguisse, que seu adversario fosse teudo a Deus e ao mundo por ello.

E sobre esto foram grandes debates de razões, tomando estromentos de uma parte e de outra; e foram-se os doutores pera Castella, ficando el-rei com desejo e vontade de fazer por esto penhora, quando lhe á mão bem podesse vir.

Onde sabei que em este tempo a egreja cathedral de Lisboa foi de novo mudada em arcebispado por Bonifacio, Papa nono, sendo D. João Escudeiro então bispo, e subjugaram a elle os bispados de Evora e de Silves e de Badalhouce.

CAPITULO CLII

Como o Condestabre deu parte de suas terras aos que com elle serviram na guerra.

Assim foi que Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal, que era, como dissemos, segundo braço da defensão do reino, quando viu estas treguas que vistes firmadas, com capitulos mui fortes, e por tantos annos, e postos por segurança filhos de taes homens, quaes de Castella foram enviados por arrefens, não lhe pareceu isto tregoa, que é uma segurança dada ás pessoas não sendo qualquer discordia finda, mas gracioso começo de paz, pera depois d'ella vir outra mais firme; e não sómente elle, mas qualquer sizudo esta tenção firmemente tinha.

E tendo o Conde tal maginação, tanto que apregoadas foram, ordenou de galardoar alguns que continuadamente em sua companha, por serviço de el-rei e seu, nas guerras passadas andaram, das terras e rendas de que lhe el-rei tinha feita mercê, e deu, entre Tejo e Odiana, a Gonçalo Annes d'Abreu, Alter do Chão com seu castello e rendas; e Evora Monte com o que rendia a Martim Gonçalves Carvalhal, seu tio; e as rendas da Alcaidaria de Extremoz, porque o castello não era seu, com outras rendas do logar, a Lopo Gonçalves; e o que rendia Borba a João Gonçalves da Ramada, e Monsaraz a Rodrigo Alvares Pimentel; e parte das rendas da Vidigueira a um bom escudeiro, que chamavam

Affonso Estevens Perdigão; e parte das rendas de Portel, com as da Villa de Frades, a Fernão Domingos, seu thesoureiro; e Villa Alva e Villa Ruiva, a Rodrigo Affonso de Coimbra; e as rendas de Montemor-o-Novo a um escudeiro morador d'ahi, que chamavam Lourenço Annes Azeiteiro; e as rendas de Almeida a Pedro Eannes Lobato; e o barco de Sacavem a João Affonso seu contador, que depois foi vedor da fazenda d'el-rei; e o Reguengo de Alviela a Esteveannes Berboreta, que depois foi contador em Lisboa; e as rendas de Porto de Moz e de Rio Maior a Pero Affonso do Casal; e Alvaiazere a Alvaro Pereira, e o Rabaçal a Mem Rodrigues, e a terra de Baltar, entre Douro e Minho, a Martim Gonçalves Alcaforado, e o Arco de Baulhe, com certas quintas a João Gonçalves, seu meirinho-mór, e certas rendas em terra de Basto e de Pena, a Alvaro Pires, que foi seu vedor, e certas rendas de Barcellos a um bom escudeiro, que chamavam Gil Vasques Faião, e Montalegre com terra de Barroso, a Diogo Gil d'Airão seu alferes, e Chaves com todas suas rendas a Vasco Machado, que fôra seu pagem; e estas terras e renda dera o Conde em prestimo a estas vinte pessoas, e cada um por ellas havia de ter certos escudeiros pera serviço d'el-rei e seu, quando cumprisse, como seus vassallos que eram, e pero lhe taes rendas fizessem mingua pera supportamento de sua honra, porém em si sempre era ledo, vendo-se descarregado d'estes que o bem tinham servido.

CAPITULO CLIII

Como el-rei ordenou de comprar as terras aos fidalgos, e foram chamados pera ello.

Feito tal repartimento pelo Condestabre, quantos ouviram esto que fizera, lhe davam louvor por ello, havendo-o por homem de gran discripção e notavel conhecimento.

Outros com inveja e encoberto odio diziam que bem podia aquello fazer, e muito mais se quizesse, pois tinha a metade do reino em terras e rendas, e outras dadivas que d'el-rei havia recebidas, que se elle mostrava que era sem cobiça nos vencimentos que dos castellãos havia, sendo sua final intenção de buscar honrosa victoria, e não ganho, que bem se entregava depois nos bens e terras do reino que pedir sabia, a que el-rei não punha contradição alguma, e fallando em esto diziam que el-rei sendo Mestre, fallando em Lisboa com elle, aguardando os castellãos pera ser cercado, quando o mandara á Alemtejo por fronteiro mór, que lhe disse entonce e encommendou que trabalhasse a todo seu poder de lhe ajudar a defender o reino, e que lhe promettia, se Deus encaminhasse de o elle haver, que elle o partiria com elle, como elle bem podia vêr; e pero esto não é muito certo, e seja opinião a que não demos fé, com isto está que bem podia ser, ca ligeiro cousa é prometter homem da honra que deseja cobrar com aquelle que lhe em tal feito pode ser boa ajuda.

Ora, como quer que fosse, elle houve em Portugal tres condados, s. o d'Ourem, e o de Barcellos e o de Arroyolos, e teve a seu mandar dezoito logares do reino, assim como Braga, Guimarães, Chaves, Montalegre, Porto de Moz, Ourem, Almada, Montemor-o-Novo, Arroyolos, Evora Monte, Extremoz, Borba, Villa Viçosa, Souzel, Alter do Chão, Monsaraz e Portel, e no Algarve, Loulé, e com isto muitos Reguengos e outras rendas de logares chãos que sobejo seria nomear.

Pero com toda esta honra e accrescentamento não lêmos que em suas cartas se chamasse dom, posto que lh'o el-rei e muitos chamassem, como era aguisado, mas seu ditado era este:

—«Eu Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e Conde d'Ourem, Condestabre por meu senhor el-rei nos reinos de Portugal e do Algarve».

E mais não, e quando escrevia a el-rei sem poendo — Senhor — em cima, dizia a carta d'esta guisa:

—«Senhor, vosso Condestabre e servidor envio beijar vossas mãos e encommendar em vossa mercê. Senhor, sabei.

Ora sem mais fallar d'esto, tornando a nosso proposito, não mingou quem a el-rei dissesse, especialmente o Priol, e o doutor João das Regras e outros, que ao Conde com inveja não tinham sã vontade, mostrando que amavam mais seu serviço, que faria bem pedir ao Conde de suas terras, que eram muitas, pois tinha tres filhos, e a rainha prenhe,e em tal edade pera mais haver, que lhe aprouvesse d'algumas pera elles, e el-rei disse que já em esto cuidara vendo os filhos que lhe nasciam, e outros que podia haver, e lhe parecia que não tinha que partir com elles segundo a sua honra pertencia, e que elle ao Conde não

pediria nenhuma cousa de quanto lhe dado havia, mas que tinha talante de comprar as terras aos fidalgos, e quando se fallasse pera o fazer que entonce veria sua vontade, e dos outros quejando era acerca d'esto, e fallando com esses que eram presentes, converteu muitos ao seu desejo.

Entonce fez um geral chamamento a que vieram muitos fidalgos, e o Condestabre com elles, que era o principal por que se esto fazia, e proposta tal cousa da parte d'el-rei nos paços da Serra, onde entonce pousava, o Conde teve d'ello gran sentido, e disse a el-rei se sua mercê fosse, que tal cousa não devia de fazer, porque aquelles que d'elle terras tinham, bem lh'as haviam servido e esperavam de servir quando a sua mercê fosse cumpridouro, e não era bom galardão havel-as de tirar nem comprar a nenhum contra sua vontade.

El-rei respondeu a aquello dando razões porque o fazia, em que o Conde nunca cahiu, tornando-lhe a dizer que elle pelas terras que d'elle tinha não se podia bem manter com sua honra, demais pelas que dera, como elle bem sabia, e que muito peor se manteria, se lhe tirassem das que lhe ficaram.

Em esto tinha el-rei por ajudadores quantos ao Conde não tinham bom desejo, e outros por lhe comprazer, de guisa que razão que dissesse em contrario, nenhuma cousa podia aproveitar, e vendo que seu razoar todavia era em vão, partiu-se uma tarde pera Atouguia, onde pousava, e outro dia foi a Porto de Moz, e d'ahi a Extremoz, onde assocegou: e el-rei levou seu feito adiante por compra que fez aos fidalgos e outras pessoas, assim como Martim Vasques da Cunha, a que deu por terra do Sul e Gulfar, e outras que d'elle tinha, trezentas e trinta

mil libras da moeda de dez soldos, que entonce corriam, que eram umas sete mil dobras, valendo a dobra quarenta e oito libras; e a João Fernandes Pacheco contia de umas oito mil por compra de Penella e do Reguengo de Campores, e a Lobo Fernandes seu irmão mil e quinhentas por a villa de Monsão, e assim a Egas Coelho e a João Gomes da Silva e a outros que não faz mingua de nomear.

CAPITULO CLIV

Como se o Conde quizera partir do reino, e por que razão foi embargado de o não fazer.

Como o Conde foi em Extremoz, mandou chamar algumas gentes, assim aquelles que o na guerra serviam, como d'outros creados e amigos, e foram hi juntos somma d'elles, com os quaes o Conde fallou, dizendo como el-rei havia por seu serviço de lhe tirar parte das terras que lhe dado tinha, por a qual razão se elle não podia supportar, como a sua honra pertencia, com as que lhe de ficar houvessem, e que porém se queria ir fóra do reino a buscar sua vida, guardando sempre o serviço d'el-rei seu senhor, e que lhes rogava que fossem em esto seus companheiros, e que se alguns d'elles tivessem duvida de o não poderem fazer, que assim o dissessem logo.

E elles que já suspeitavam a tenção do Conde porque os chamar mandara, assim cavalleiros como escudeiros, como todos os outros que hi estavam,

responderam e disseram, que elles não haviam sobre ello nenhuma duvida, mas que iriam de boas vontades morrer e viver onde quer que elle fosse, affirmando todos por juramento, salvo um, Antão Martins, mercador de Lisboa, dizendo que trazia entre mãos muitas cousas d'outras pessoas em que lhe cumprla primeiro poer recado, e portanto não promettia nenhuma cousa, mas pediu espaço pera responder.

Aqui partiu o Conde grossamente assim dinheiros, como pão, com aquelles que pera esto mandou chamar.

Entonce partiram todos pera suas casas, por concertar sua ida, e o Conde pera Portel por encaminhar como partisse; e estando n'aquelle logar, sabendo el-rei parte como se partir queria do reino, não teve menos sentido que o Conde quando foi chamado por lhe tirarem as terras, e mandou a elle Ruy Lourenço, deão de Coimbra, pelo torvar de sua ida; e ditas por elle, como lettrado que era, todas as razões boas, assim que lhe el-rei disse, como as que elle soube dizer, nenhuma cousa o mudar poude do proposito que começado tinha, e com tal recado se tornou.

El-rei vendo esto, mandou a elle D. Fernão Rodrigues, mestre d'Aviz, e pero fosse notavel pessoa e avondoso de muita razão, o Conde sempre respondeu com grande humildade que sua partida não podia escusar; de que a el-rei seu senhor não devia desprazer, mórmente pois por longo tempo era já d'accordo com seus inimigos, e com esta resposta se despediu sem mais arrecadar com elle.

Entonce mandou el-rei D. João bispo de Evora, um prelado de boa auctoridade, que fosse a elle, e

em fim de todas suas razões, sentindo o Conde o desejo d'el-rei, disse ao bispo que elle lhe mandaria notificar sua vontade, e partido d'elle enviou a el-rei Martim Gonçalves seu tio, e Lopo Gonçalves de Extremoz, por fallarem com elle largamente o que d'esto sentia, prazendo a el-rei do que lhe o Conde mandou dizer, e foi sua ida torvada de todo, e partiu-se pera o Porto, onde el-rei já estava de assocego, e alli foi ordenado que el-rei tomasse pera si todos os vassallos que o Conde e outros fidalgos tinham, e que outro não tivesse vassallos senão elle; e que o Conde tomasse pera si as terras que já dissemos que déra, que elle fez contra sua vontade, mas não podia hi al fazer; e como as terras foram tiradas, el-rei poz a todos suas contias, e assim ficou o Condestabre assocegado n'aquellas que tinha de juro e de herdade, mas as que eram de prestimo lhe foi forçado leixar.

CAPITULO CLV

Como Martim Affonso de Mello fallou com Gonçalo Annes sobre a tomada de Badalhouce.

Tendo el-rei de Portugal sentido da não boa maneira que os castellãos começavam de ter na guarda do trauto das treguas, que dissemos, tambem no soltar dos prisioneiros, como na execução das sentenças, que em obra poer não queriam, pero seu adversario requerido fosse pelos frades e outros que a elle foram enviados, bem viu

el-rei e os do seu conselho que elle havia cahido por todo em pena de dozentas e cincoenta mil dobras, e porque do feito nasce o direito e a somma era tão grande que não podia haver d'ello entrega por tomada de bens moveis, conveiu a el-rei fazer penhora em cidade ou villa, ou logar cercado; entonce fallou com Martim Affonso de Mello, seu guarda-mór, e do seu conselho, como se poderia haver cada um de taes logares por penhora; e elle respondeu se sua mercê fosse, que elle trabalharia de lhe dar Badalhuce e Albuquerque, ou cada um d'elles, porque poderia haver entrega do que lhe dar não queriam.

El-rei lh'o agradeceu muito e teve em serviço, dizendo que se trabalhasse de o poer em obra.

Martim Affonso partiu logo de Vizeu, onde esta coisa foi fallada, e veiu-se a Campo Maior, e d'alli ia muitas vezes de noite a Albuquerque vêr como se velava e roldava, que era d'alli quatro leguas, e vistas as taes roldas que geito tinham em sua guarda tornava-se ante manhã d'onde partira, de guisa que não era achado menos.

Este modo teve em ir a Badalhouce, que era tres leguas de Campo Maior.

Ora assim aconteceu que n'esta cidade estava um escudeiro portuguez com sua mulher e filhos, que se viera de Elvas por um homizio que lhe acontecera, e estava ali já dias havia. D'este escudeiro chamado Gonçalo Annes Cão, havia bom conhecimento Martim Affonso, e cuidando fallar este segredo com elle, mandou-o chamar, que lhe rogava que chegasse a elle, porque lhe cumpria muito.

Gonçalo Annes respondeu que pois era homiziado, não ousaria ir a elle até que o segurar mandasse por

um seu alvará, o qual em outro dia foi logo enviado, e posto que parte não soubesse do que Martim Affonso queria dizer, fallou primeiro a Affonso Sanches, que era o maior do logar, por segurança do que se podia seguir, como Martim Affonso o mandava chamar, e que se lhe desse licença que iria lá, e d'outra guisa não, e elle lh'a outorgou; entonce lhe pediu Gonçalo Annes por ir mais descansadamente que desse licença a um seu escudeiro que fosse com elle; e outorgado, partiram ambos, e chegaram a Campo Maior, onde de Martim Affonso receberam bom gasalhado e honra, e em especial acintemente o escudeiro castellão comendo com elle á mesa, e Gonçalo Annes não; e depois que comeram, levou um escudeiro aquelle castellão pera sua pousada, e Martim Affonso e Gonçalo Annes pera a torre da menagem, e depois que ali foram, fallou Martim Affonso, e disse:

— «Gonçalo Annes, eu quero fallar comvosco uma cousa que é grande segredo e puridade, e é de mui gran perigo, a qual el-rei meu senhor me disse que não fallasse com outrem senão comvosco, dizendo que vos conhecia bem, porquanto elle tem uma sentença contra el-rei de Castella dada por doutores castellãos, em que elle é obrigado em muitas mil dobras, e não lh'as dando até tempo certo, que elle lhe possa fazer penhora em pedra e cal, e campos e bens moveis, assim d'el-rei como de seus naturaes; e porque o tempo é já passado, el-rei meu senhor queria, se podesse ser, haver Badalhouce e Albuquerque, ambos em uma noite, e portanto vos fiz chamar por fallar comvosco se poderiamos eu, e vós, encaminhar como se isto poeria em obra, em que vós fareis a el-rei extre-

mado serviço, e cousa porque vós haverieis boa alviçara.»

Gonçalo Annes disse que de Albuquerque não sabia nada, nem o segurava, mas se me vós derdes, disse elle, cincoenta homens d'armas, e outros tantos de pé e uma escala, qual pera esto cumpre, eu vos metterei dentro em Badalhouce ante de oito dias, não embargando que se elles velam, mas a vela é sobre as portas, e de uma a outra ha mui grande espaço.

Martim Affonso disse que lhe mandasse a medida do muro pera mandar concertar as escalas.

Em esto fallando desceram-se da torre, e Martim Affonso, por descahimento, disse ao escudeiro castellão com gesto como queixoso:

—«Affonso Gonçalves, faço-vos queixume de Gonçalo Annes, que aqui está, que nunca o tanto pude rogar que me comprasse em Castella dois bons cavallos, ou sequer um, que me d'esto quizesse tomar cargo.»—

Respondeu o castellão, dizendo:

—«Senhor Martim Affonso, não lhe ponhaes culpa, ca se tal cousa fizesse, e lh'o soubessem, enforcal-o-hiam por ello.»—

Entonce se espediram vindo fallando n'esta historia, e assim o contaram a Affonso Sanches, e no seguinte dia lhe mandou a medida por um seu moço, mas não aproveitou nada, porque Martim Affonso cuidou outra coisa; e passados quatro dias, mandou-o chamar, e Gonçalo Annes foi a lá mui encobertamente, e disse-lhe se se poderia haver a porta, porque o escalar era duvidosa cousa, e elle disse que não, porque o porteiro dormia entre as portas, e a vela estava sobre a torre que se assenhoreava d'ellas. Disse entonce Martim Affonso que pois o por-

teiro era seu amigo, que visse se se poderia haver as fôrmas das chaves em cera por se fazerem outras por ellas, respondeu Gonçalo Annes que não.

—«Ora vos hi, Gonçalo Annes, disse Martim Affonso, e cuidae como todavia possamos haver a porta.»—

CAPITULO CLVI

Como os de Badalhouce tomaram suspeita de Gonçalo Annes, e das razões que lhe disseram.

Partiu Gonçalo Annes cuidando muito n'esto, e disse uma tal mentira em segredo ao porteiro, que era muito pobre e minguado:

—«Eu sei onde está uma cova de trigo em termo de Elvas, e é monte despobrado, onde não mora ninguem; eu irei lá e furtal-o-hei, e tral-o-hei pera vós e pera mim, e vós abri-me a porta ás horas que vos eu disser, por não ser sabido que eu o fiz.»

O porteiro disse que lhe prazia e que iria de boamente com elle, e que sua mulher lhe teria a porta aberta, e Gonçalo Annes disse que não queria outra companha comsigo, mas porquanto elle levava cada noite as chaves a Affonso Sanches, que quando lhe elle dissesse que queria ir fóra, que abrisse os cadeados, e depois que tornasse dentro, que entonce as podia fechar.

Ambos n'esto concordados, Martim Affonso, que d'ello parte soube, lhe mandou dar trigo em Elvas, e ás vezes o trazia a horas da vela da madorra, e

outra vez á vela da manhã, e outra á vela primeira, e assim lhe mudava as horas; por mór segurança e desavisamento outras horas dizia que por não ser descoberto que trazia as bestas até á cerca velha, e que d'alli as levasse elle; e assim se fazia, entendendo o porteiro que lhe deparara Deus n'elle o Padre São Gião, e uzando d'aquella guisa, e a porta segura por esta maneira, foi-se Gonçalo Annes a Evora, onde Martim Affonso estava, e contou-lhe como tinha a porta prestes, e que se guizasse pera ir.

Martim Affonso disse que assim o faria, e Gonçalo Annes se tornou logo, e vendo que lhe não mandava recado, tornou outra vez a Evora, dizendo porque punha esto em trespasso?

Elle respondeu que não poderia ser entonce, porquanto estava de caminho pera ir tomar sua casa, segundo lhe el-rei escrevera que se fosse logo a Bragança, ca elle era esposado com uma filha de João Affonso Pimentel, que chamavam D. Beatriz. Escreveu entonce Gonçalo Annes uma carta e el-rei, em que lhe fez saber como todo tinha concertado, e que mandasse a maneira que sobre ello tivesse, e que fosse sua mercê de lhe dar os bens de Affonso Sanches, e outras cousas que lhe enviou pedir, sendo a cousa posta em bom fim; e Martim Affonso partiu pera Bragança e Gonçalo Annes pera Badalhouce; e andando um dia pela praça, e os moradores do logar em conselho, logo hi a cerca foi chamado Gonçalo Annes, e ditas estas palavras:

—«Gonçalo Annes, accordado é por estes senhores e cavalleiros que vos vades muito embora fóra d'esta cidade, porquanto temos de vós suspeita que a podeis dar a el-rei de Portugal.»

Gonçalo Annes disse que esto era falso testemu-

nho que lhe assacavam, porque queriam mal aos portuguezes, e que pois ahi havia assaz de fidalgos e bons escudeiros, que lhe certificasse um que tal cousa era verdade, e elle se mataria com elle, quer a pé, quer a cavallo, logo ante que comesse nem bebesse; e foi-lhe respondido que não havia hi nenhum que se puzesse em tal aventura.

—«Ora, disse elle, pois não quereis feito d'armas, ponham dois esteios n'aquella praça, e atem a mim a um, e aquelle que tal cousa e feito affirma, a outro, e ponham-nos o fogo, e mostre Deus o seu milagre.»

Disseram que fazer esto não convinha a nenhum, porém a suspeita não se tolhia por tal razoado.

—«Santa Maria val, disse elle, se ora algum de vós estivesse em Olivença ou em Elvas, não tendo hi mais parentes dos que eu aqui tenho, e vós não velasseis, nem roldassem, nem tivesseis chave da porta, podieis vós dar cada um logar d'estes a el-rei, posto que vol-o escrevesse?»

E todos disseram que não.

—«Pois tão pouco, disse elle, podia eu dar Badalhouce a el-rei de Portugal com esta assacadilha que me vós dizeis. Mórmente que elle está em tregoa e amizade com el-rei de Castella, e tal cousa não mandaria commetter a nenhum, mas vós porque quereis mal aos portuguezes pozestes sobre mim esta fama.»

Estas razões todas não prestaram nada, e mandaram que se fosse fóra da cidade, e elle pedindo que o leixassem viver no arrabalde, disseram que peor lhe seria de fóra que de dentro: entonce mandou a mulher e filhos pera Elvas, e elle, por desfeita, foi-se pera Sevilha pera Pero Rodrigues de Affonseca,

CAPITULO CLVII

Como Gonçalo Annes fallou com Martim Affonso, e das razões que lhe os de Badalhouce disseram outra vez.

Andou Martim Affonso em casa d'el-rei por bom espaço, e como Gonçalo Annes soube que era em Evora, partiu de Sevilha e foi-o vêr, indo sempre desviado do caminho por onde entendia ser conhecido, e chegou acinte de noite, e fallou-lhe não sendo ninguem com elle, salvo Rodrigo Affonso de Brito seu tio; e Martim Affonso como o viu, de braçou-o, e disse:

—«Gonçalo Annes, já esta cousa não podeis fazer, pois vos lançaram fóra da cidade.»—

—«Não desespereis, disse Gonçalo Annes, mas dizei-me se trazeis recado d'el-rei pera poerdes esto em obra?»—

Elle respondeu que sim.

—«Pois, disse Gonçalo Annes, não embargando que me elles defendessem que não fosse lá, senão que me poeriam em uma ameia, ou mandariam bem preso a el-rei de Castella, eu todavia quero lá ir.»—

—«Não vades, disse Martim Affonso, que vos podem prender ou fazer outro mal, de guisa que por força de tormento podeis confessar esto, o que mui pouco cumpre a vós, nem a serviço d'el-rei meu senhor.»—

—«Seguro-vos eu, disse Gonçalo Annes, de confessar ainda que me matem a poder de tormentos, que lhe eu descubra nenhuma cousa.»—

—«Leixae-o ir, disse Rodrigo Affonso, pois elle quer morrer má morte, lá se avenha.»—

—«Da minha não cureis vós, disse elle, que eu entendo levar esto adiante, e vós fazei-vos prestes e pois quereis ir a Campo Maior levar vossa mulher, hi simplesmente sem companhia d'outros, salvo os vossos, e d'estes os mais poucos, e eu ir-me-hei logo a Badalhouce ; e se me leixarem hi estar um dia ou dois, eu me contentarei com o porteiro, e vós como souberdes que eu lá sou, parti-vos logo pera Campo Maior, como dizeis.»—

Entonce se foi pera Badalhouce Gonçalo Annes sem lhe dizendo alguem cousa alguma, salvo fallar e de partir com todos como da primeira havia em costume, e a cabo de dias ajuntou-se Affonso Sanches e esses cavalleiros do logar em casa de um escudeiro chamado Gonçalo Sanches de Guntes, e fizeram chamar Gonçalo Annes, e como veiu, fallou um cavalleiro, dizendo:

—«Gonçalo Annes, bem sabeis como foi accordado por estes senhores e cavalleiros que aqui estão, que vos fosseis em boa hora fóra d'esta cidade, por quanto nos temiamos de a dardes a el-rei de Portugal, e se aqui viesseis que vos poeriamos em uma ameia, ou vos mandariamos preso a el-rei nosso senhor ; e vós fostes e andastes d'aqui fóra ha já dias, e ora queremos saber que razão é a porque viestes ou que vos trouve aqui contra nossa defeza ?»

—«Tendes mais que dizer ? disse Gonçalo Annes.»

E elles disseram que não.

Entonce respondeu elle, e disse :

—«Ao que me dizeis que daria esta cidade a el-

rei de Portugal, esto digo que é falso testemunho que me assacaram, e não ha tal que o certifique que não me mate com elle, quer a pé, quer a cavallo, como vos já outra vez disse; no que me dizeis que me enviastes d'aqui fóra, e se mais viesse que me enforcarieis, ou mandarieis preso a el-rei de Castella, digo que é gran verdade, mas eu vendi um pouco de pão a este meu hospede que aqui está, quando me lançastes fóra, crendo que me desse logo os dinheiros, e elle m'os não deu até ora, pero lh'os muitas vezes mandasse pedir, e por lh'o requerer vim aqui, e não por isso que vós dizeis. Mas posto que eu sem culpa seja vós me podeis degolar e matar, e fazer em mim quantas justiças quizerdes.»—

Estonce lhe disseram que se fosse embora, e não tornasse hi mais.

E elle se partiu sem tardar hi dia, porém muito amigo e concordado com o porteiro, fazendo-lhe queixume da má suspeita que d'elle tomaram; mas por isso que elle trazeria as bestas de noite com o trigo quando podesse, e que tomasse elle o que lhe cumprisse, e do outro lhe fizesse dinheiro, ca não ousava de o vender, por não ser sabido d'onde o trazia.

CAPITULO CLVIII

Como foi tomado Badalhouce.

Ficando este feito assim concertado, foi Gonçalo Annes fallar a Martim Affonso, dizendo-lhe que prestes tinha a porta, e que fosse prestes quando quizesse, e vendo passados tantos perigos, e que Martim Affonso o punha em vagar, escreveu a el-rei uma carta, que já viera de Bragança e estava em Santarem, como tinha tudo prestes segundo lhe escrevera, e que pois Martim Affonso a ello tardava, que lhe não pozesse culpa se se o logar perdesse e o não cobrasse.

El-rei escreveu logo ao Condestabre, que estava em Arroyolos, e elle mandou chamar Martim Affonso, que fosse a elle de noite encobertamente, e fallando sobre esto, perguntaram a Gonçalo Annes onde se ajuntaria a gente pera fazer esta obra, e elle disse que na lentisca do Azinhal de Arronches, e que levariam a ribeira a fundo, e ir-se-iam ao váo do Mouro, e d'alli iriam a pé até ao logar; e esto concordado partiu Martim Affonso pera Campo Maior, e levou uma noite comsigo Rodrigo Affonso seu tio, e foi-lhe mostrar por onde havia de escalar o castello d'Albuquerque e Albaçar, e como tornaram fez em Campo Maior armar as escadas presente elle, avizando-o da guisa que as havia de poer, ordenando-lhe logo quaes haviam de ir primeiros, e os segundos e terceiros, uns que tomassem as vigias, e outros que fossem á porta do castello que estava

aberta, e pozessem senhos cantos ás portas, que se não cerrassem; outros que se fossem á porta d'Albaçar, que ia pera a villa; e dada esta ensinança, foi fallar a Vasco Lourenço Marinho, a Odiana, dizendo como tinha ordenado de tomar Badalhouce e Albuquerque, ambos juntamente; e que lhe rogava por serviço d'el-rei e boa amizade que fosse em ello seu companheiro, e que a noite que se houvesse de poer em obra, que elle lh'o faria saber, e que não levasse comsigo outros, salvo seus creados de que muito fiasse, assignando-lhe o logar onde descavalgasse, quando visse seu recado.

Entonce tornou Martim Affonso, e avizou os que comsigo entendeu de levar, que fossem prestes.

Gonçalo Annes, que não sonhava em outro feito, aos onze dias do mez de maio, uma quarta-feira, vespera da Assenção, foi fallar ao porteiro dizendo que em outro dia de madrugada tivesse a porta aberta, e fosse pôr as cargas de trigo, onde lh'as elle sohia de trazer.

E cedo na vela da manhã foi Gonçalo Annes de pé á porta, e achou-a aberta, e o porteiro levantado, e disse-lhe: — «Andae por aqui, e trazei as bestas com o pão.»

E como foram ambos na cerca velha onde sohia ir pelo trigo, entonce disse Gonçalo Annes:

— «Aguardae aqui e não vos partaes por nenhuma guisa e irei ás bestas, onde ficou o meu creado com as cargas».

Entonce foi ao váo do Mouro, onde leixara Martim Affonso, que já tinha mandado Rodrigo Affonso de Brito a Albuquerque com trinta homens d'armas e besteiros, e homens de pé, e certos escudeiros aos caminhos, que todos os que achassem ir ou vir pera

estes logares, que os detivessem, por não irem dar novas, e tambem recado a alguns seus em Elvas que como tangessem ás matinas fizessem repicar rijamente, bradando que Badalhouce era entrado, que fossem todos á pressa lá, e esto fazia por duas razões, a uma se filhassem o logar, que o ajudassem por a pouca gente que levava; a outra, se o não filhassem e viessem a elle os castellãos, que o achassem acompanhado, e disse mui ledo:

—«Aberta temos a porta, e o porteiro fóra onde sohia de dar o pão, dae-me á pressa dez homens d'armas que vão commigo, e tomarei a porta em quanto vós fordes, ca se formos todos juntos, poder-nos-hão sentir, e seremos descobertos.»

Entonce foi diante com aquelles dez e entrou pela porta do Rio da cerca velha, e leixou-os ao pé da torre de fóra, e foi á porta, e achou uma sobre a outra, e poz-lhe os hombros e abriu uma d'ellas, e a mulher do porteiro estava detraz em pé, e quando o viu, fallou primeiro e disse:

—«Gonçalo Annes, mi senhor, nora boena vengaes, ques de mi marido?»—

—«Lá vem, disse elle, com as bestas carregadas.»—

E em dizendo esto abriu a outra porta, e ella disse que não abrisse mais, e elle respondeu que as bestas eram muitas, e não caberiam por uma; entonce consentiu ella no que elle fazia, e elle tomou quatro cantos e encostou dois a cada uma porta, e poz-se sobre o rebate em pé, e a castellão junto com elle. Em esto descobriu-se detraz da torre Affonso Fernandes Rebejo, escudeiro d'Affonso Peres, o Negro, que ia por capitão d'estes dez, e um

homem de pé de Gonçalo Annes; e ella quando os viu apertou as mãos, e disse:

—«Jesus, que nora mala es esto, Gonçalo Annes?»

Entonce lhe lançou elle a mão na garganta, rijo, de guisa que a fez pousar ante si, e disse logo ao seu homem:

—«Trazes tu punhal ou adaga?»

—«Sim, trago, disse elle.»

—«Pois degola esta puta, não brade.»

—«Senhor Gonçalo Annes no me mateis, disse ella, e no me mateis, que yo me calare.»

E elle houve d'ella dó, e metteu-a na casa, e apagou a candeia, e deu-a em guarda ao seu homem.

Alli vieram todos dez, e pozeram-se entre as portas, aos quaes elle disse que o não desamparassem por cousa que avir podesse.

E elle se foi rijo chamar Martim Affonso que andasse tostemente, e achou-o que entrava já pela porta do Rio da cerca velha, e trigando-os que se não detivessem, nenhum lhe fallava com a pressa que levava, e elle tomou um que conhecia por trombeta, e foram-se ambos diante sós, e elles que iam diante juntos com a porta, começaram de cima dizer: — Armas, Armas, Castilla, Castilla.

E a este appellidar acudiam alguns á porta, e o trombeta começou de tanger, emburilhando-se já uns com outros, de guisa que ficou a porta só, e os dez foram acima do muro.

Em esto chegou Martim Affonso com os que levava, sem achar empacho, e entrando rijo com suas gentes, fazendo cada um o que lhes mandaram, assim no subir do muro e guarda da porta, como na prisão dos melhores.

O *São Jorge São Jorge* era tanto com *Portugal Portugal* de mistura que dava temor grande nos que os ouviam, e esforço muito aos que cobravam a cidade.

E logo chegou Alvaro Coitado com o concelho d'Elvas, assim de pé como de cavallo, e gente de Olivença e Campo Maior, e todos se apoderaram do logar sem mais peleja que hi houvesse, salvo duas torres que se queriam defender, mas não prestou nada; e foi esto em dia d'Ascenção de quatrocentos e trinta e quatro annos, havendo nove mezes que este segredo andava guardado, e prenderam hi Garcia Gonçalves de Grijalva, marechal de Castella, e Affonso Sanches, e o bispo d'essa cidade, e aos outros não faziam nenhum nojo, nem lhe tomavam cousa de seu, e se o algum tomar queria, logo lh'o faziam entregar, segundo a encommenda d'el-rei que mandara que se fizesse o mais sem damno que podesse ser, e o Conde como soube que Badalhouce era tomado, foi-se logo a Elvas e mandou chamar Martim Affonso, e fallou com elle a maneira da guarda da cidade, e deu-lhe as gentes que de presente cumpriam.

Rodrigo Affonso escalou Albuquerque e entrou no castello, e não foi avizado de ir pela escada acima a tomar as torres, e por um brado que deu um velho que jazia no caracol quando o sentiu, fugiram dezeseis que já eram em cima, e foram-se á porta da traição e quebraram os fechos, e sahiram fóra, salvo trez que foram tomados e deitados do castello a fundo, e filharam-lhe as escadas, e béstas e armas que levavam, e assim se perdeu por mau regimento e mingua de ardilesa, que muito convem em similhantes feitos.

CAPITULO CLIX

Como el-rei mandou recado a Castella sobre a tomada de Badalhouce, e do que sobre ello se fallou.

BADALHOUCE cobrado por esta maneira, mandou logo el-rei a Cordova, onde seu adversario estava, Affonso Vasques, commendador de Horta Lagôa, fazendo-lhe saber por elle como tomára aquella cidade, não com intenção de britar as tregoas, mas em penhor das cousas que dissemos, e não por outra guisa, na qual posto que presos fossem Affonso Sanches, e outras grandes e ricas pessoas, que elle bem podera reter se quizera, pero porque sua tenção não fôra, salvo serem seus naturaes satisfeitos dos damnos que recebidos haviam, e os prisioneiros soltos, que o não fizera, mas os mandara logo soltar, e que prestes tinha sua cidade, satisfazendo-lhe do que teudo era e obrigado, o qual respondeu, sem mais de suas razões fazer processo, que a sua cidade lhe fôra tomada como não devia, e Albuquerque escalado, sendo d'elle seguro, sem nenhum receio por razão dos trautos e juras feitas sobre elles, e que lhe requeria lh'a entregasse : e sobre esto mandou por mensageiros a el-rei de Portugal o dito Garcia Gonçalves e os doutores Pero Sanches e Antão Sanches cuja conclusão da embaixada que disseram, foi esto mesmo.

Aos quaes el-rei respondeu que elle tomara bem aquella cidade por penhora das ditas dividas, e que sendo elle satisfeito do que devia ser, que prestes era

de lh'a entregar, e se seu adversario dizia que elle lhe tomava aquella cidade não devidamente, que elle queria estar sobr'ello a juizo d'aquelles que segundo a forma dos trautos em tal caso por ambas as partes nomeadas deviam ser, e juntos na raia entre Elvas e Badalhouce, e cumprir qualquer sentença que sobre esto dessem, e com esta resposta se foram, e posto que el-rei mandasse seu juiz á raia, não mandou el-rei a Castella hi o seu, mas mandou outra vez aquelle Garcia Gonçalves e o doutor Antão Sanches, pelos quaes lhe enviou dizer que lhe prazia de satisfazer ao que devia, e mandar soltar os prisioneiros, que lhe entregasse sua cidade; e el-rei disse que era contente, e tratando com elles as maneiras que se houvesse de ter do soltar dos prisioneiros, e paga da contia que havia de dar pelas dividas, e ser entregue de sua cidade, soube o Conde como el-rei de Castella de tal tomada tinha gran sentimento, e fazia seus percebimentos de guerra, e dizia a el-rei que se avizasse, e elle respondia que não curasse de tal cousa, que elle queria aguardar a primeira pancada, a qual foi que el-rei de Castella mandou armar caladamente certos navios em Biscaya, que tomaram ao cabo de São Vicente duas grandes naus que el-rei de Portugal mandara a Genoa carregar de trigo, a requerimento do commum d'aquella terra, que lhe mandaram pedir que lhe enviasse; e trazendo o preço todo empregado em armas e cousas que lhe eram cumpridoras, foram tomados pelos castellãos d'aquella guisa, britando a tregoa á vista de todos.

E d'esta vinda que os ditos embaixadores vieram fallar a el-rei sobre esto que dizemos, andando na côrte, moveram Martim Vasques da Cunha e Lopo

Vasques seu irmão com grandes promettimentos e accrescentamento de honra que se fossem pera Castella, e elles fizeram-n'o assim sem sabendo el-rei d'isso parte ; mas outros affirmam que Martim Vasques lhe cometteu sua ida, de que elles foram assaz de bem ledos ; e el-rei de Castella muito mais, quando o soube, e esta opinião parece mais razoada.

CAPITULO CLXI

Das gentes que entraram pela Beira e por riba de Odiana, e da maneira que el-rei sobre ello teve.

Como Martim Vasques foi em Castella, sendo já a tregoa d'esta guisa quebrada, juntaram-se alguns fidalgos com alguma somma de gente, cuja capitania trazia Rodrigo de Avalos, condestabre de Castella, e vinha em sua companhia com outros Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e chegaram a Vizeu, e foi toda a cidade queimada, e feito muito mal n'aquella comarca.

El-rei que d'esto soube parte em Santarem, onde entonces estava, houve d'ello gran nojo e sentimento, e mandou chamar suas gentes pera ir a elles, entre os quaes mandou chamar o Condestabre, e nenhum d'aquelles a que el-rei escreveu se vinham pera elle, posto que muitos recados lhe mandasse; o Conde acintemente, como alguns escrevem, respondeu a quem lhe levou tal recado que el-rei não se devia tanto d'anojar da entrada d'aquellas companhas, pois em

sua terra havia senhores e fidalgos a que encommendar podia que fossem a ellas, posto que elle a lá não fosse, e outras taes razões d'escusa, de que a el-rei muito desprouve quando as ouviu.

Porém o Conde não cessava juntar suas gentes, e mandou el-rei outra vez a elle, contando-lhe o mensageiro o nojo que tomava, especialmente por as gentes que lhe não vinham; e o Conde respondeu outra resposta similhante da primeira; com tal se espediu d'elle, e estando el-rei com este nojo, e tendo já o Conde juntos mil e dozentas lanças, encaminhou por ir vêr el-rei, não levando comsigo mais de vinte de mulas, ficando todos os outros em Evora; e quando chegou a Santarem, porque vinha de suspeita, soube-o el-rei tarde, a que muito prouve de sua vinda; e sahindo-o a receber á pressa, achou-o entre Santa Maria de Palhaes e Santa Iria; e quando o el-rei abraçou, porque o achou armado de cota e braçaes, disse alto em sabor, que ouviram muitos:

—«Quanto agora posso eu dizer que este é o primeiro homem d'armas, que eu em esta terra vi.»—

E entonce se foram ambos pera o paço, e fallando n'aquella entrada d'aquellas gentes, que n'aquella comarca da Beira andavam, o Conde respondeu a ello não tendo tal feito em grande conta, e disse que portanto vinha assim aforrado por lhe pedir licença pera ir a elles.

E estando em este cuidado chegaram-lhe novas que eram já partidas; entonce accordou el-rei d'entrar por Castella, e partiu pera Coimbra, e mandou ao Conde que tornasse a Evora por suas gentes e se tornasse pera elle, e o conde feze-o assim; e ambos

estando n'aquella cidade concertando sua partida, souberam de certo que o mestre de Santiago de Castella D. Lourenço Soares de Figueroa e o mestre de Calatrava, e o de Alcantara com muitas gentes de Andaluzia e das fronteiras eram entrados entre o Tejo e Odiana, e que roubavam, e captivavam, e matavam, e faziam quanto mal podiam por termo de Beja, Moura, Serpa, e pelo Campo de Ourique até Alcacer; e logo el-rei houve seu conselho de leixar a ida de Castella pera que estava aviado, e ir áquellas gentes que disseram, e partiu de Coimbra e o Conde com elle; e forrando-se de sobeja carriagem e azemulas, salvo das bestas necessarias, andando tão rijo e tamanhas jornadas, que se perdiam muitas d'ellas, passaram o Tejo, a fundo de Punhete, por uma ponte de barcas que el-rei mandara fazer n'aquella passagem.

O Conde foi assaz fadigado fazendo passar essa carriagem, posto que pouca fosse.

E como el-rei passou ante que chegasse a Montragil, soube certas novas que o dia d'antes pela manhã passaram os castellãos Odiana pelo porto de Serpa, onde ia a ribeira tão cheia, que lhe ficara gran parte da cavalgada que não podera passar, e que se um pouco mais tardaram, que não houveram váo, por a muita agua que no rio crescera; e el-rei os achara dentro em seu reino, segundo o andar que levara; mas que entendia que por inculcas souberam de sua ida, e porém se foram assim trigosos, e d'esto foi el-rei e o Conde anojados, e todos os da hoste que com elles eram.

E em outro dia chegou a Arrayolos e com elle o Conde, e alli dormiram, e em essa noite sendo já mui alto serão, mandou el-rei chamar o Conde que

jazia dormindo em sua tenda, e elle se alevantou e foi logo lá, pero fosse mui grande espaço, e el-rei lhe disse e mostrou alguns recados que houvera das más maneiras que o Priol D. Alvaro Gonçalves Camello, marechal da sua hoste, tinha contra seu serviço, e que o queria mandar prender, como de feito logo fôra preso, e o Conde o desviou entonce d'ello.

Em outro dia se foi el-rei a Evora, e vistas as cartas que foram tomadas, que el-rei de Castella mandava ao Priol em resposta d'outras que lhe enviara como queria ser seu, e se ir pera elle, el-rei o mandou logo prender, e entregou-o a Martim Affonso de Mello, que era alcaide mór da cidade.

E el-rei estando em Evora fez alardo, e achou quatro mil lanças bem corregidas, e quizera entrar por Castella, e aconselharam-lhe que o não fizesse porque era tempo de inverno.

E el-rei se partiu e foi pera Coimbra, e mandou lá levar o Priol, e entregou-o a Lopo Vasques, alcaide do castello, que o por tempo teve preso até que por arte lhe fugiu, que não curamos d'escrever; e sendo no reino mandou pedir a el rei por mercê que lhe perdoasse, e lhe entregasse o seu; e el-rei feze-o assim, salvo os castellos, que estavam já da sua mão dados a outras pessoas. (*)

(*) Na edição de Antonio Alvares este capitulo é o 161, no texto, parecendo pois faltar o 160. É porém simples lapso corrigido no index que dá a este capitulo os n.os 160 e 161.

CAPITULO CLXII

Como o Conde ordenou d'entrar em Castella, e da maneira que teve em ello.

Partiu el-rei pera Coimbra, e ficou o Conde em Evora, como dissemos, com grande despeito e sentido d'esta entrada que o mestre fizera d'aquella maneira, e a razão porque era esta:

O mestre de Santiago de Castella era o mór senhor e fronteiro que o Conde tinha acerca de sua comarca, e ante que partisse pera Coimbra quando o el-rei mandou lá ir, por leixar em seguro as gentes entre Tejo e Odiana, escreveu ao mestre rogando-lhe em suas cartas que se houvesse d'entrar n'este reino que lh'o fizesse primeiro saber alguns dias, e isso mesmo lhe faria elle, se d'entrar houvesse, de guisa que cada um se podesse aperceber pera tal obra, e o mestre lhe prometteu que assim o faria, e com tal segurança se foi o Condestabre a Coimbra, ca posto que Martim Affonso de Mello ficasse por fronteiro n'aquella comarca, e fosse assaz de bom cavalleiro, e pera muito, não era pera resistir ao poderio de tantas gentes com dozentos e cincoenta lanças que tinha, assim que o mestre não fazendo o que promettera, logo como soube que o Conde era partido, fez aquelle ajuntamento que ouviste, e correu a terra levando assaz de gado, e prisioneiros.

O Conde como viu el-rei alongado de si, mandou chamar todos os cavalleiros e escudeiros da co-

marca que se viessem pera elle com suas gentes o mais encobertamente que podessem, e enviou rogar ao mestre de Aviz que lhe prouvesse de vir com suas gentes, por serem ambos companheiros na obra, que por serviço d'el-rei seu senhor queria fazer.

O Mestre respondeu que lhe prazia e que se faria prestes, porém soube o Conde de certo que dizia elle depois: — Pouco perde o Conde n'isto; levamos nós o afan e trabalho e elle toda a honra e fama.—

E quando o mestre chegou a Villa Viçosa, onde o Conde entonce estava, sem dizendo nada d'esto, lhe fallou assim, e disse:

—«Mestre, senhor e amigo, eu vos enviei rogar que fosseis meu companheiro em esta obra, que por serviço d'el-rei meu senhor entendo fazer, e toda honra e fama d'ella quero que seja vossa, e a mim sómente fique nome que fui em vossa companha.» —

O Mestre respondeu a esto mas que fosse sua como sempre fôra, e outras mesuradas razões, com que ficaram bem accordados.

Entonce mandou o Conde dar ás trombetas, e foise a um rocio a par do arrabalde, contra o Alandroal, e todas suas gentes armadas a cavallo com bacinetes nas cabeças, e lanças compridas nas mãos, assim armados a cavallo os andou regendo, pera cada um saber o que havia de fazer quando tal cousa aviesse; porque já tempos havia que não foram em nenhuma obra.

O ajuntamento feito, o Conde e o mestre com todos os outros partiram de Villa Viçosa um dia á tarde, depois de vespera, foram dormir a um matto,

que é áquem do campo de Elvas, a par de uma torre, e hi fez o Condestabre alardo, e achou setecentas lanças, e tão poucos homens de pé que ficou muito marivilhado, e o alardo feito, concertou as gentes como haviam de ser, s.:

Elle na vanguarda, e o mestre na reguarda, e mandou certos de cavallo em duas partes que fossem diante correr terra de Caceres, e alem do logar empreassem gados e gentes quanto mais podessem, os quaes logo d'ahi partiram fazer sua obra.

E em outro dia partiu o Conde muito cedo e passou acerca de Ouguella, e foi dormir perto de um logar que chamam Albuquerque, em uma ribeira mui fria, porque era mez de Dezembro, onde levaram aspera noite; no dia seguite foi comer uma legua e meia áquem de Caceres, que eram doze leguas do Estremo; e andando já os corredores preando-lhe pelo campo, torvando-lhe uma feira que n'aquelle dia haviam de fazer, onde foram presos e roubados alguns, e outros mortos, e fugidos quanto mais podiam.

E como comeu, se foi a Caceres, e poz-se em rosto da villa, e por um caminho que vinha de um logar chão sem cerca, que chamam Arroyo del Puerco, vinham todos os homens e mulheres que em elle moravam, com seus filhos e algo, pera se acolherem a Caceres, e o Conde mandou a elles e foram tomados todos, que poucos d'elles escaparam; e chegando-se o Conde mais acerca da villa, sahiram fóra uns trinta de cavallo, e o Conde mandou a elles outros tantos; em esto recresceram muitos do logar, de guisa que queriam chegar á carriagem que ia por cerca d'elle, e alli se fez uma esca-

ramuça em que foram feridos de uma parte e da outra; porém foi forçado aos castellãos de se lançarem no arrabalde que era fortemente apalancado, bradando de dentro muitos contra o Conde:

— «Não vos valeu nada vosso madrugar, Nuno madruga.»

E fazendo-se noite, assentou o Conde seu arraial junto com a villa; de noite vieram parte dos que eram idos a correr e trouveram muitos prisioneiros, e gados e bestas, e no seguinte dia foi o arrabalde entrado por força, e roubado e queimado, e vieram os outros corredores que ainda náo chegaram, e trouveram muitos mais gados, e bestas e prisioneiros.

CAPITULO CLXIII

Como o Conde partiu de Caceres e se veiu a Portugal.

Partiu o Conde, depois que comeu, d'aquella villa, e foi essa noite dormir em um soveral que é entre Caceres e Arroyo del Puerco, e sendo já serão, entre Lobo e Cão, chegaram dez escudeiros castellãos que pareciam homens de bem, sem nenhum seguro que ante pedissem, e apresentados ante elle fallaram ao Conde fazendo suas mesuras, e elle os recebeu bem, mostrando de si bom semblante e palavras.

Entonces lhes perguntou que homens eram, e

elles responderam que eram d'aquelle reino de Castella.

— «Pois como fostes ousados, disse o Conde, virdes assim sem haverdes primeiro seguro?»

— « Senhor, disseram elles, em atrevimento de vossa grande bondade e muitas virtudes que Deus em vós poz, fomos ousados de vir ante vós.»

E razoando sobre esto fez pergunta o Conde que era o que lhes aprazia.

E elles disseram que não outra cousa senão sómente vêl-o, como o já tinham visto, e o Conde lhes mandou dar de cear, e elles não quizeram comer e foram-se. E d'este logar aquella noite mandou o Conde certas gentes a Garrobilhas e á barca de Alconeta, e toda aquella comarca, quatro e cinco leguas de redor, de guisa que entraram a dezesete leguas por Castella, d'onde trouveram muitos prisioneiros e gados, e não se contentando d'esto roubaram uma egreja, que pelo Conde era muito defeso, entre as cousas que d'ella tomaram foi uma caldeira da confraria d'aquelle logar, que foi azo que por assim prazer a Deus de logo haverem sua emenda do mal que na egreja fizeram, porque jazendo com seu roubo que pera o arraial traziam, a noite que se seguiu atou um d'elles ao arco da caldeira a besta em que vinha, e ella de noite bolindo comsigo espantou-se d'ella, e começou de fugir e fez tal arruido levando-a apoz si, que se espantaram as outras bestas, de guisa que lhe fugiram muitos cavallos que nunca foram mais achados.

Em outro dia chegou o Conde com sua hoste a Arroyo del Puerco, d'onde todos acharam assaz de mantimentos, e alli chegaram todos os que foram correr a villa de Garrobilhas com seu roubo

de muitos prisioneiros e gados, e o Conde mandou soltar todas as mulheres que no arraial eram presas e quantas estes corredores trouveram, que não ficou nenhuma, e mandou-as poer em salvo.

D'alli partiu pera Portugal e veiu por Valença de Alcantara sem achar nenhum que lhe fizesse embargo, vindo muito de seu vagar, aguardando se viria alguem a elle pera lhe dar batalha, ca muitas vezes dizia o Conde de praça que uma das cousas que muito desejava, assim era que el-rei de Castella, ou algum de seu linhagem, viesse a elle pera lhe poer o campo.

E vindo o Condestabre d'esta guisa, havendo já oito dias que andava por Castella, chegou-lhe uma carta do mestre de Santiago, cujas razões eram estas:

Que pera nobre senhor e honrado, como elle era, não cumpria assim encobertamente entrar a terra de seu senhor el-rei de Castella, e sua, sem o primeiro perceber.

E o Conde lhe escreveu que peor fizera elle tendo-lhe promettido que ante que entrasse em Portugal que lh'o faria a saber, e que fizera entrada em terra de sua frontaria, não guardando o que lhe promettera porque sabia que não estavam hi gentes que lh'a defendessem, e que assim ia uma por outra; e que pois já esto assim estava, que elle o mandaria depois perceber e iria vêr a sua terra.

Esta falla, dizem, que era entre elles secretamente, e assim é de cuidar.

Des-ahi chegou o Conde a Aramenha, a par de Marvão, que é em Portugal, e alli mandou repartir toda a cavalgada de gados, e bestas e prisioneiros sem tomando pera si nenhuma cousa, como havia

de costume, e d'ahi se foi pera Portalegre e o mestre d'Aviz pera sua terra, e cada um dos outros pera seus logares.

CAPITULO CLXIV

Como o Conde ordenou outra vez de entrar por Castella, e chegou a Villalva.

Depois d'esto veiu-se o Condestabre a Evora, e aprouve a Deus de adoecer de uma dôr que lhe durou bem trez mezes, tendo já postas suas fronteiras por onde cumpria, e por conselho dos fisicos se foi a Lisboa, e estando hi por espaço de dias não melhorando nenhuma cousa, disseram que se tornasse a Evora, e chegou até Palmella em andas, e alli começou de se sentir melhor, e foi-se a Setubal, e des-ahi a Alcacer, e d'ahi partiu pera Evora; e como foi n'aquella cidade, ordenou d'entrar por Castella mais poderosamente que da outra vez, e escreveu ao mestre de Santiago, D. Mem Rodrigo de Vasconcellos, e a D. Lourenço Estevens de Goes, Tente da Ordem do Esprital, que depois foi Priol, e isso mesmo ao almirante e a todos os capitães d'entre Tejo e Odiana e do reino do Algarve, e outros da Extremadura, como por serviço d'el-rei seu senhor entendia d'entrar em Castella, não dizendo porém onde nem contra qual parte, e que lhe rogava que se viessem pera elle com suas gentes pera serem seus companheiros na obra que ordenada tinha de fazer.

E tendo sobre esto mandado seus recados, como dissemos, chegaram novas certas que o mestre de Santiago de Castella tinha junto duas mil lanças e oitocentos ginetes, e muitos bésteiros e peões, e que queria entrar por entre Tejo e Odiana, e fazer todo o damno que podesse.

O Conde como taes novas ouviu, e foi certo que era verdade, escreveu logo uma carta ao mestre, d'esta guisa que se segue:

—«Senhor amigo: Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e de Ourem, e de Arrayolos, e Condestabre por el-rei, meu senhor, rei de Portugal, e seu mordomo-mór, me envio encommendar em vossa graça. Faço-vos a saber que a mim foi dito que vós tendes feito ajuntamento de vossas gentes pera me vir buscar, e fazer mal e damno em esta terra de meu senhor el-rei, de cuja guarda eu tenho carrego, e sabe Deus que me prouve e praz serdes assim prestes, como dizem que sois, porque dias ha que esta mesma vontade tinha eu de vos ir buscar onde quer que fosseis, e fui torvado por ser doente algum tempo; e porque, a Deus graças, eu sou já em bom ponto de minha saude, e muito prestes pera ir assim da vontade, como das gentes que já commigo são juntas. E porque outro sim esta terra é ora muito quente, e por vos escusar de trabalho, vos rogo que vos soffraes e não cureis de vir trabalhar, porque a Deus prazendo, eu entendo de ser onde vós fordes tão toste e mais cedo do que vós podeis vir; e por vos em tanto avisardes d'algumas cousas, se vos pera esto mais cumprirem, vol-o faço saber. Escripto em Evora, dezesete dias do mez de junho de mil e quatrocentos e tantos annos.»

Esta carta enviou o Condestabre ao mestre por

um seu moço da estribeira, a que pouco prouve com ella; e o mestre não respondeu a ella por carta, mas mostrando por palavra o contrario do que na vontade tinha, disse ao moço que dissesse ao Conde que fosse quando quizesse, sem outras mais razões; e logo escreveu a toda Andaluzia, e ajuntou muitas mais gentes além das que tinha, sendo com elle o mestre de Alcantara, e D. Pedro Ponce de Leão, e D. Alvaro Peres de Gusmão, e Martim Fernandes Portocarrero e outros, que não faz mingua nomear, poz guarda nos castellos e fez afastar os gados do Estremo.

As gentes que o Conde mandou chamar, foram juntas todas com elle na villa de Extremoz, e d'alli partiu pera Castella, e o primeiro dia foi alojar-se com sua hoste a Odiana, acerca de Badalhouce; e em outro dia fez alarde das gentes que levava, e achou por todos mil e oitocentas lanças e dozentos ginetes, e trezentos bésteiros de cavallo, e cinco mil homens de pé d'outros, entre bésteiros e peões, e n'aquelle logar repartiu suas batalhas como haviam de ir, s.:

Elle na vanguarda e D. Lourenço Estevens com elle, e o mestre de Santiago e o Almirante na reguarda, e em uma das alas Martim Affonso de Mello, e na outra Gonçalo Annes de Abreu, com certas gentes em cada um logar.

Com esta ordenança levou seu caminho pera Villalva e Cafra, pera aquella comarca onde o mestre estava, e não podiam haver agua que lhes avondasse, por o tempo ser muito secco; e porque as gentes dos castellãos eram muitas, estendiam-se pela terra a mirar a hoste e punham fogos aos mantimentos, por se não prestarem d'elles.

O Conde mandou deante correr, e disse:

— «Ivos, havei vista e lingua da terra, e trazei alguns bois e vaccas, se os poderdes trazer e haver pera mantimento d'estas gentes; mas de prisioneiros, nem outro gado meudo, não vos empacheis, ca eu não vim aqui senão por este homem só.

E elles foram até um castello que dizem Villalva, onde o mestre de Santiago dormira aquella noite com todas suas gentes, e não houveram d'elle vista nem lingua, e chegaram até Fonte do Mestre, porque se levantara elle d'alli com todo seu arraial, e fôra-se aposentar junto com o castello da Feira, em uma alta serra; e sendo sabbado, vespera da Trindade, por uma grande destemperada calma, indo assim o Conde seu caminho, Martim Affonso de Mello, que levava a ala direita, ia ao longo da hoste, quando os viu, metteu-se com elles até os encerrar onde o mestre estava olhando-a de longe, e tornou-se pera sua ala.

Este dia, que era sabbado, chegou o Conde a comer com sua hoste a aquelle logar de Villalva, que era de Gomes Soares, filho do mestre de Santiago, onde estavam assaz de gentes, e como o Condestabre chegou a seu arraial, começou de assentar as gentes da hoste e começou de segar muitos pães que hi havia, e foi hi feita grande escaramuça por azo d'aquello, em que houve mortos e feridos d'uma parte e da outra.

Em esto, os corredores que detraz ficaram, trouveram muitos prisioneiros e gados da Fonte do Mestre, e chegaram áquella hora; e querendo armar a tenda do Conde, parou elle mentes contra o castello da Feira, e viu branquear as tendas dos castellãos, e chamou alguns dos seus e disse:

—«Que vos similham aquellas cousas brancas que parecem n'aquella serra?»

—«Senhor, diziam alguns, tendas são».

Outros razoavam que eram pedras, e elle affirmava todavia que eram tendas, pero que era espaço de uma grande legua e mais.

Entonce fez chamar perante si as guias pera lhe dizerem se era assim como elle dizia, e elles affirmaram que tendas eram em toda guisa, e elle queixou-se muito contra elles, dizendo:

—«Maravilho-me de mim como vos não mando a todos cortar as cabeças: serem meus inimigos tão perto de mim e não o saberdes vós pera m'o dizerdes; percebei-vos que vos não aconteça outra tal.

Entonce se assentou sobre seu almofreixe razoando sobre ello.

CAPITULO CLXV

Do recado que o mestre mandou ao Conde desafiando-o pera pelejar, e da resposta que a ello deu.

Sendo o Conde assim assentado, como vinha de caminho, emquanto lhe faziam de comer e armaram a tenda, não sendo ainda meio dia, chegou um trombeta da parte dos castellãos, e perguntou qual era o Conde, e mostraram-lh'o, e elle chegou-se a elle, e disse:

—«Senhor Condestabre, o mestre de Santiago, meu senhor, e o mestre de Alcantara, e os senhores que com elle são, vos mandam dizer que elles es-

tão alli na Feira, que é d'aqui uma legua e meia, pera vos poer batalha, e que se vos quizerdes ir com vossas gentes e não fazer mais damno, nem nojo em esta terra, que lhe prazerá d'ello, d'outra guisa não querendo, que vos apercebais pera ella, ca elles prestes são.

O Conde respondeu ledamente a esto, e disse:

— « Amigo, vós sejaes mui bem vindo com taes novas como essas, com que eu sou mui ledo, e vos ide um pouco folgar por esse arraial, e haverei meu conselho sobre ello, e logo vos desembargarei.

Entonce fez chamar seus trombetas e encommendou-lh'o, e mandou-lhe dar secretamente em abastança quanto mister houvesse; e em quanto o trombeta foi comer, falou o Conde com o mestre e com esses senhores e capitães o recado que lhe dos castellãos viera, e todos foram d'ello mui ledos, e accordou o Conde com elles, que pois o seguinte dia era domingo, des-ahi festa principal do anno que era dia da Trindade, que não curassem de pelejar, mas que á segunda-feira partissem pera a batalha.

Entonce mandou o Conde dar de vestir ao trombeta e dinheiros, e isso mesmo fizeram alguns dos capitães, que lhe deram roupas e joias bem ledamente, e disse o Conde a um bom escudeiro chamado João Esteves Correia:

— « Ivos com este trombeta do mestre, e encommendae-me muito a elle e ao mestre de Alcantara, e aos outros me saudae cada um por pessoa; e dizei que lhes agradeço muito o recado que me por elle enviaram, e por não serem alli deteúdos, que a prazer de Deus eu serei com elles segunda feira pera receber a batalha que me poer querem, ca por isso sou aqui vindo; e porque entre mim e

elles está este bom valle que chamam da Almeda, que é bem azado pera poer campo, que alli se venham segunda feira pela manhã, e hi me acharão prestes.

Entonce o chamou a de parte, e disse:

— « Levae este escripto, o qual elle fizera e assignara por sua mão, e dae-o ao mestre depois que lhe disserdes o que vos mando; e sede avisado que não bebaes nenhuma cousa, posto que vos convidem, ca poderá ser que vos acontecerá por ello algum cajom; e em esperando nós que torneis com recado, virão elles em tanto de suspeita sobre nós, e receberiamos damno d'elles, mas parae menmentes por toda sua maneira e que gentes são, e como adereçados, e tornae-vos logo.

Entonce partiu o escudeiro de cavallo com cota e braçaes, e espada na cinta, e o trombeta com elle; e quando chegaram ao arraial dos castellãos, o mestre andava de cavallo fallando com nove capitães dos seus, e como foram acerca, disse João Esteves ao trombeta que fosse dizer ao mestre o que o Conde lhe respondera, e o trombeta chegou a elles, ficando o escudeiro arredado um pouco, e o mestre perguntou:

— « E pois que novas nos trazeis?»

E elle lhe contou quanto lhe o Conde dissera, e como entendia nos portuguezes que tarde lhe parecia o dia que se haviam d'ajuntar.

— « E como sabes tu isso, disseram elles.»

—«Sei-o, disse elle, porque m'o disse o Conde e outros muitos do seu arraial, e digo-vos que eu andei por elle, e passarão de mil e quinhentos tendilhões a meu esmar, e não ha tendilhão a que não estem cinco, seis lanças d'armas acostadas, em que

parece que é somma de gente. Mas aquelle escudeiro que o Conde envia a vós sobre esto, vos póde dizer o mais certo, chamae-o e vêde o que quer, e assim podeis fazer o que vossa mercê fôr.

CAPITULO CLXVI

Como fallou o escudeiro do Conde com o mestre, e das razões que ambos houveram.

Foi chamado o escudeiro e chegou-se a elles fazendo sua mesura de cima do cavallo, perguntou qual era o mestre de Santiago, ca elle o não conhecia, e disseram-lh'o; entonce disse suas encommendações a todos como lhe fôra encommendado, e quando contou a resposta do Conde dizendo como a segunda feira, Deus prazendo, elle seria com todas suas gentes a lhe poer a praça, emadeu mais palavras de seu, e disse assim:

— « Esto senhor vos certifico eu que tal é o desejo de todos, porque fizeste tanto damno e mal na frontaria, que o Conde meu senhor ha em sua guarda, que não seria comprado por gran preço, ca não deixastes cousa alguma aos moradores d'ella, que todo não fosse roubado, salvo as lanças e os punhaes com as pontas agudas com que vos todos vem buscar, pera haver d'ello emenda.

— « O demo lhe agradeça a elles essa cousa, disse o mestre.»

— «Pois senhor, disse o escudeiro, sede certo que se elles souberam que vós aqui estaveis, primeiro

foram elles aqui que vós lá mandareis, ca elles não vieram que por levar bois, nem vacas nem outros prisioneiros d'esta terra, senão por se enborilharem comvosco, e se a desafiação de todos alguma cousa pode valer, todos me diziam que vos desafiasse, e se por grado das gentes fôra, logo de manhã aqui foram prestes. Mas porque o Conde meu senhor não tem em costume andar caminho ao domingo, e muito menos pelejar, portanto se espaçou este desejo pera segunda feira, segundo vereis por este escripto que trago.

Entonce disse o mestre de Santiago, ao de Alcantara e aos outros que eram presentes:

—«Senhores, dae-me licença um pouco, e fallarei com este escudeiro e verei que escripto é este.»

Entonce se apartou com elle, e depois que o leu, disse:

—«Escudeiro, segundo vós dizeis, e por este escripto parece, o Conde ha grande queixume de mim por a entrada que eu fiz em Portugal; mas em verdade, se elle soubesae como esta cousa foi feita, e quanto contra minha vontade, elle me não culparia tanto, nem os senhores que com elle são.»

—«Quanto vós sois de culpar ou não, disse o escudeiro, vós o sabeis, mas eu digo-vos o que me mandaram, e a cousa toda como está, e não vejo maneira como vos desculpar possaes.»

—«Mas mui bem, disse o mestre, e é d'aquesta guisa: parece como quer que foi, que el-rei meu senhor soube parte do que entre mim e o Conde havia sobre effeito das entradas, e mandou aqui o mestre de Alcantara a me dizer que entrassemos. Como soube que o Conde era partido, e porque lhe eu disse minhas razões d'escusa ao não fazer,

eu recebi taes palavras que vergonha haveria de as contar, e tanto me escusei d'ello, até que me disse que se o fazer não quizesse, que me privaria do mestrado e de toda minha honra, e por esto me foi forçado de o fazer.»

E em dizendo esto chorava.

Respondeu o escudeiro e disse:

—«Que assim seja como vós dizeis, senhor, não sois vós porém escusado de culpa, ca bem podereis vós mandar vosso recado escusamente, que nunca ninguem o soubera, a aquelles que teem carrego dos castellos, que percebessem a terra e se avisassem, e vós fizereis a vontade a estes e não anojarieis o Conde meu senhor, que assim ama e tanto bem diz de vós; e que vos não fizera similhante nojo por cousa que avir podesse, porém não vejo razão que boa seja com que vos escusar possaes.»

—«Santa Maria val, disse o Mestre, não poderia ser por alguma guisa d'enviarmos dizer ao Conde alguma cousa com que não viessemos a batalha?»

—«Não sei cousa, disse o escudeiro, com que o d'esto desviar podesseis, salvo frontardes-lhe com paz por sempre entre Portugal e Castella, se poder tendes de o fazer.»

—«Por sempre, disse o mestre, é mui gran cousa, não se podia fazer tão azinha, mas por certos mezes bem lhe poderia dar tregoa, e em tanto trataríamos paz, mas como será esto, se vós dizeis que elle logo será aqui segunda-feira?

Sede certo, senhor, como vos disse, que se de manhã não fôra domingo, e des-ahi tal festa como é, que a batalha logo fôra prestes, mas segunda-feira pela manhã elle será aqui sem outra duvida, mas não em-

bargando esto, fallae vós com esses senhores e vejam o que trago escripto, e havei vosso conselho, e assim lhe podereis responder.»

—«Parece-me razoado, disse o mestre, e dizeis bem.»

Entonce se tornaram ambos pera os outros, e disse o mestre a elles:

—«Senhores, parece-me que é bem que o escripto que este escudeiro traz do Conde, o vamos vêr.

Entonce descavalgaram, e apartaram-se logo hi acerca a haver seu conselho, e disse o mestre a Fernão Dias de Mendonça:

—«Tomae este escudeiro, e tende-o em vossa guarda, e fazei-lhe trazer vinho e fructa.

E foi-lhe trazido, e comeu da fructa, e fingiu que bebia do vinho, e não gostou nada por o que o Conde lhe disséra, e esteve aguardando por espaço de meia hora, perguntando-lhe em tanto Fernão Dias por todas as cousas do arraial.

Em esto chegou-se o mestre e os outros, e começaram de perguntar, dizendo:—«Escudeiro, vós que homem sois?

—«Sou vassallo d'el-rei de Portugal, disse elle, e creado do Condestabre.

—«Sois casado ou solteiro?

—«Casado, disse elle.

—«Onde moraes?

Disse elle:

—«Em Lisboa.

—«Que gentes vem no arraial do Conde?

—«Serão, disse elle, até setecentos bacinetes, e quatro mil homens de pé e alguns bésteiros.

—«Como póde ser isso, disseram elles, ca o nos so trombeta nos disse o contrario?

E o escudeiro com desejo de esperarem a batalha, respondeu dizendo:

—«Assim me parece a mim, mas póde ser que serão mais ou não tantas, pero que bem ouvira o que lhe o trombeta disse. Ora senhores, disse elle, pera que são estas perguntas em que me detendes sem me dar outra resposta? Eu não sei de vosso conselho, nem d'aquello que haveis accordado, mas eu vos desafio da parte de meu senhor o Conde que segunda-feira pela manhã desçaes d'este monte em que tendes vosso arraial, a aquelle valle a que chamaes da Almeda, e vos faço preito e menagem que elle seja alli comvosco entonce com toda sua gente a vos poer batalha, tirando algum caso tão forçoso que lh'o não leixe fazer.

Respondeu o mestre, e disse:

—«Escudeiro, aqui n'esta carta vae a resposta do escripto que trouvestes; levae-a ao Conde, ca em ella lhe faço menção da tregoa e paz que andamos fallando, e se em ella quizer cahir envie-nos recado, senão nós o esperaremos aqui de boamente, e alli acabaram de fallar sobre esto.

Entonce chegou logo hi um camareiro do mestre, e disse:

—«Escudeiro, o mestre de Santiago meu senhor partiu da Fonte do Mestre em armas com estas gentes, e não traz aqui joias senão as que pertencem a seu corpo em feito d'armas, e este vestido que lança sobre si quando as desveste, elle vos roga que o vistaes e vos honreis d'elle, e d'esta espada e sombreiro, por as boas novas que lhe trazeis da batalha que tem prestes.

Respondeu elle e disse:

—«Dizei ao mestre que o mantenha Deus, que

suas roupas não me fazem mingua, mas porque elle promette que decenda d'este monte a poer batalha ao Conde meu senhor, que porém me praz de tomar esto que me manda, com tanto que praza ao Conde de o eu trazer.

E o mestre se chegou alli, e disse que com aquella condição o tomasse.

Entonce o mandou poer em salvo a seis escudeiros, de guisa que não recebesse damno dos do arraial, e assim se partiu.

CAPITULO CLXVII

Do recado que o escudeiro trouve, e o acordo que o Conde houve sobr'ello.

Tornou João Estevens mui ledo com a opa vestida que o mestre dera, forrada de penagrins com uma vieira no peito dourada, e chegou de noite ao serão, a horas que o Conde rezava, e disse-lhe que o mestre mostrara que folgava muito com seu recado, dizendo que elles prestes eram, e todas as outras cousas que lhe com elle avieram.

O Conde ouviu todo, e visto o escripto que trazia, chamou a seu conselho esses que tinha em costume, e esguardando bem o que o mestre escrevera, e fallou com o escudeiro, acharam que todo era arte castellã, e que o mestre não fazia aquello, salvo por se o Conde ir fóra de sua terra, e dizerem depois que o fizera com medo e covardice, e como fosse em Portugal que não faria d'aquello conta, e

elle ficaria com honra e escusado de poer batalha; ca se lhe promettia de dar logo tregua e tinha poder de o fazer, e d'isto havia vontade, que não havia porque o poer mais em tardança, ca não podia elle melhor tempo ter pera fallar nas duvidas que sobre taes cousas recrecer podiam, que estando ambos acerca, mas que isto eram palavras que nunca haviam de vir a effeito, de que não era de curar, mas todavia poer-lhe a praça, pois tanto mostravam que d'ello lhe prazia.

Esto determinado, folgou o Conde aquelle dia da Trindade, e á segunda-feira bem cedo, ante manhã, ouvidas missas, deram ás trombetas, e foram-se ao valle da Almeda, que era entre elle e os inimigos, e não acharam ninguem, onde o Conde poz sua batalha pé terra, aguardando-os alli todo o dia que viessem a ella, e não o quizeram fazer; e dormiu o Conde alli aquella noite.

Em outro dia moveu a hoste pera acerca do castello da Feira, que era d'alli uma legua, onde o mestre estava pera lhe poer batalha em outro logar, e em esse dia foram feitas boas escaramuçadas entre os da hoste e os castellãos que desciam a fundo da alteza onde estavam, nas quaes Martim Affonso de Mello andou mui bom cavalleiro, e tão sentido dos castellãos qne o não ousavam d'attender, e fugiam-lhe de boa mente, e em esto se expendeu aquelle dia.

A' quarta-feira mui cedo, ouvidas missas, concertou o Conde suas batalhas como tinha ordenado que houvessem d'ir, a um campo assaz razoado pera pelejarem, rosto d'onde o mestre e outros senhores estavam n'aquelle alto cabeço da serra, tendo o Conde que descessem a elle, como de suas gentes houvesse vista e elles o não quizeram assim fazer,

ante se acostavam mais acima junto com o castello da Feira.

Vendo o Conde como receavam a batalha, e não queriam vir a ella, não embargando que estavam n'aquella altura, encaminhou a elles pé terra como estavam ordenados até chegar ao pé do monte, e alli lhe mandou dizer o Conde que lhes rogava que viessem tomar a batalha, pois elle alli êstava prestes, porque a primeira se mostravam pera ello muito aguçosos, e que entonces parecia que o punham em grande vagar, e que elles foram a elles muito de grado, mas que se pozeram em tão grão altura que não era logar onde pelejar podessem, e o mestre lhe mandou dizer que elles fariam como mais sua prol entendessem, e que lhe rogava e pedia que os não quizessem avergonhar em os ter assim encurralados, e que se tornasse pera sua terra com tão grande honra como tinha, e que enviasse a elle um escudeiro de que se fiasse pera fallar com elle algumas cousas que eram serviço de Deus e de a que elle prazeria; e o Conde enviou a lá um seu criado, que chamavam Fernão Domingues, e mandou-lhe dizer que fallasse com elle o que por bem tivesse, e o mestre fallou com elle que dissesse ao Conde secretamente que lhe rogava que se tornasse pera sua terra, e que elle lhe promettia dar tregua por gran tempo, e mais trautar entre os reis ambos paz com muita sua honra e serviço de Deus, affirmado-o assim com juramento.

O Conde houve todo esto por razões, dizendo que não tornaria atraz, mas iria por diante por tomar entrega do nojo que d'elle havia recebido, e perguntou a Fernão Domingues se havia aquelle logar tal entrada por que podesse chegar a elles.

E os que o viram disseram que ainda que fossem a pé e desarmados não poderiam lá ir, salvo com grande trabalho, e mais que elles estavam apalancados nos logares mais chãos, e muita gente d'armas e béstaria que lhe pareciam mais gentes que elles.

O Conde disse que por o mais, nem por o menos não fazia conta, ca todo era em poder de Deus, mas pois o logar não era convinhavel, que não cumpria mais trabalhar sobre esto, mas leixarem-os estar, e entrar pela terra dentro adiante a despeito e vista d'elles.

CAPITULO CLXVIII

Como o Conde partiu de Castella e se veiu a Portugal.

Vendo o Conde como o mestre, e os que com elle estavam, que por nenhuma guisa queriam vir a elle, e receavam a batalha, moveu com sua hoste por diante leixando os castellãos atraz, entendendo que tão grande honra lhe era correr a terra á vista d'elles e não lhe ousarem poer batalha, como de lh'a poer e os vencer.

Partiu logo pera Çafra, que era espaço de duas leguas, e ali se aposentou aquelle dia, onde acharam assaz mantimentos, e muitos e bons vinhos, e porque esta villa era do mestre, começaram as gentes talhar as arvores e poer fogo de redor, porém que ao Conde não prazia d'esto, porém elles faziam-

n'o acinte por o mestre vêr a seus olhos queimar sua terra, e não ousar de lhe vir accorrer.

E vindo o Conde pera aquelle logar, Gonçalo Annes de Abreu que uma das alas levava com outros capitães, correu apoz dozentas lanças de castellãos que vinham mirar a hoste uma grande legua, que não ousaram d'attender, pero levasse bem pouca gente.

Aquelle dia, sendo já o Conde aposentado se recresceu no arraial grande arruido, na qual foi assaz de volta e juntos muitos homens, em tanto que o Conde sahiu da tenda com um mantão coberto sem outra cousa, por vêr que era aquello, e quando chegou onde a volta era, ia já bem acompanhado, e os que eram afóra do arruido que o assim viram andar, cuidando que era contra elle, lançavam as espadas fóra trazendo-as levantadas sobre elle pelo guardar, e assim o trouveram entre si apertado, de guisa que o Conde perdeu o mantão e ficou em gibão, e assim andou um espaço até que as gentes souberam o que era, e cessou a volta, e tirada inquirição por mandado do Conde, achou que um escudeiro que chamavam Affonso Peres Sarracinho fôra levantador do arruido; outros diziam que por azo de bom vinho, e logo quizera proceder contra elle muito asperamente por tal cajom que se de tal podia recrecer, e a rogo de muitos que por elle rogaram cessou d'ello, porém degradou-o da hoste.

D'este logar de Çafra, como hi chegou, mandou o Conde certas gentes a correr, e elle partiu-se outro dia pera Burguilhos, que eram d'alli trez leguas, e chegou hi uma quarta-feira, vespera do Corpo de Deus.

Este logar é cercado, de quatrocentos visinhos,

com um castello em elle, e o Mestre mandara já hi suas gentes, e aos outros logares por onde entendeu que o Conde andaria, assim que estavam bem em elle setecentas lanças de bons cavalleiros e escudeiros, e de peões bésteiros assaz, e cercaram o arrabalde de pedra sêcca nas entradas das ruas, e bésteiros e gentes d'armas em guarda das barreiras, temendo que o Conde os combatesse, pois que pozera o arraial sobre elles, e o Conde porque tinha já assaz de honra e entrega do que lhe o mestre fizera, des-ahi por o muito mal que os pobres lavradores passavam, que não haviam culpa, não entendia mais damno fazer.

Ao dia seguinte do Corpo de Deus teve o Conde hi sua festa, andando todos armados em procissão pelo arraial em bom assocego e ordenado regimento, como se fossem em uma cidade em que se ordenadamente e honrada podesse fazer.

D'esto eram mui anojados os castellãos que os viam, dizendo que o Conde mais fazia aquello por sua deshonra e menos preço, que por honrar a festa da guisa que o fazia, e depois que o Corpo de Deus andou em procissão pelo arraial, Martim Affonso de Mello, que era um d'aquelles que o dia d'antes fôra com seiscentas lanças do Conde e suas á forragem, deu em amanhecendo no arrabalde de Salvaterra, pensando que achasse alguns do mestre, e não achou senão os moradores do logar, de que roubou e prendeu gran parte; e em se tornando encontrou com somma de ginetes que vieram de Sevilha por mandado do mestre e tornavam-se pera suas casas, e Martim Affonso deu em elles, e não o quizeram esperar, e foram d'elles presos e mortos, assim na topada como no encalço; e quando

chegou com sua cavalgada de gados, e bestas e muitos prisioneiros, sahiram os de Burguilhos a elle, e o Conde do arraial por lhe occorrer, e ácerca do arrabalde foi feita uma grande escaramuça, em que houve feridos de uma parte e outra, entre os quaes foi Gonçalo Annes de Abreu e Gomes Garcia de Foios.

Em outro dia partiu o Conde de Burguilhos, e foi pera ácerca de Xerez, que eram d'alli quatro leguas, estando já hi o mestre de Santiago que se viera da Feira, d'onde não quiz poer batalha, e não sahiu nenhum a elle.

O Conde quando esto viu, foi-se seu caminho alojar perto de Villa Nova de Barcarrota.

E em outro dia foi dormir acerca do estremo, entre Villa Nova e Olivença, e alli lhe veiu recado que o mestre queria vir a elle, por a qual razão o aguardou alli trez dias, e ainda aguardara mais, mas trouveram-lhe novas que o mestre não queria vir, e que derramara já suas gentes; entonce se veiu a Olivença com grande roubo de gado e bestas e prisioneiros, como aquelle que andara quinze dias por Castella, e foram corredoras bem vinte leguas dentro por o reino, e chegou o Conde a Villa Viçosa, onde sua madre e sua filha estavam, e d'ahi partiu pera Evora e poz suas frontarias, e foi-se a Montemór por repousar de seus trabalhos, onde fique folgando uns poucos de dias, e vamos em tanto vêr o que fez el-rei depois que se partiu d'elle.

INDEX

INDEX

Pag.

Capitulo CXXI. — Como el-rei de Castella se mandou escusar ao duque que não podia vêr por sua doença 5
Capitulo CXXII. — Como el-rei juntou aquelle ouro que devia de pagar ao duque 8
Capitulo CXXIII. — Começo de resposta á dispensação, que dissemos que aquelle historiador fallara..... 9
Capitulo CXXIV. — Como morreu o Papa Urbano e el-rei mandou seus embaixadores a Bonifacio 13
Capitulo CXXV. — Do theor da primeira lettra que na Sé foi publicada..... 17
Capitulo CXXVI. — Da publicação da segunda lettra que os mensageiros trouveram da Côrte 21
Capitulo CXXVII. — Como el-rei mandou que se partissem as cousas que a sua frota tomasse..... 28
Capitulo CXXVIII. — Que maneira el-rei mandou que se tivesse nos feitos que foram trautados perante os officiaes d'el-rei de Castella..... 30
Capitulo CXXIX. — Como el-rei poz contia aos fidalgos, e d'outras cousas que ordenou..... 32
Capitulo CXXX. — Como se veiu pera el-rei D. Pedro de Castro, e D. Pedro da Guerra e o infante D. Diniz, que andavam em Castella 35
Capitulo CXXXI. — Como el-rei mandou pagar o que fôra tomado nas naus de Genoa, e se foi a Braga fazer côrtes..... 36
Capitulo CXXXII. — De uma entrada que os inimigos fizeram em Portugal e do roubo que levaram d'elle 38
Capitulo CXXXIII. — Como o Conde transnoutou sobre os gascões, e os desbaratou e lhes tomou o roubo 40
Capitulo CXXXIV. — Como el-rei foi cercar Melgaço.. 44

PAG.

CAPITULO CXXXV. — Da bastida e escalas que el-rei mandou fazer 45
CAPITULO CXXXVI. — Como el-rei cobrou a villa por preitezia 47
CAPITULO CXXXVII. — Como el-rei foi cercar Campo Maior 51
CAPITULO CXXXVIII. — Como el-rei cobrou o logar por preitezia 53
CAPITULO CXXXIX. — Como el-rei casou algumas donzellas, e mandou queimar um seu camareiro 55
CAPITULO CXL. — Como el-rei cercou Tuy e o tomou por preitezia 60
CAPITULO CXLI. — Como foram feitas treguas entre Portugal e Castella 63
CAPITULO CXLII. — De algumas razões que el-rei disse em razão das côrtes que fizera 65
CAPITULO CXLIII. — Como el-rei de Castella descobriu aos do conselho que queria fazer do reino, por lhe dizerem o que lhes parecia 67
CAPITULO CXLIV. — Como responderam a el-rei aquelles a que pediu conselho sobre o repartimento do reino 69
CAPITULO CXLV. — Como el-rei fallou a alguns sobre o thesouro que fazer queria pera a guerra 77
CAPITULO CXLVI. — Da resposta que deram aquelles a quem o bispo e o cavalleiro fallaram 80
CAPITULO CXLVII. — Como morreu el-rei de Castella da queda de um cavallo 83
CAPITULO CXLVIII. — Dos filhos que el-rei D. João houve, e em que tempo nasceram 84
CAPITULO CXLIX. — Que maneira tinham em guardar a obediencia a seu padre estes infantes 89
CAPITULO CL. — Como foram postas treguas entre Castella e Portugal 93
CAPITULO CLI. — Dos embaixadores que a el-rei de Castella vieram, e da resposta que levaram 97
CAPITULO CLII. — Como o Condestabre deu parte das suas terras aos que com elle serviram na guerra 102
CAPITULO CLIII. — Como el-rei ordenou de comprar as terras aos fidalgos, e foram chamados pera ello. . . . 104

Pag.

Capitulo CLIV. — Como se o Conde quizera partir do reino, e por que razão foi embargado de o não fazer 107
Capitulo CLV. — Como Martim Affonso de Mello fallou com Gonçalo Annes sobre a tomada de Badalhouce 109
Capitulo CLVI. — Como os de Badalhouce tomaram suspeita de Gonçalo Annes, e das razões que lhe disseram 113
Capitulo CLVII. — Como Gonçalo Annes fallou com Martim Affonso, e das razões que os de Badalhouce disseram outra vez 116
Capitulo CLVIII. — Como foi tomado Badalhouce.... 119
Capitulo CLIX. — Como el-rei mandou recado a Castella sobre a tomada de Badalhouce, e do que sobre ello se fallou 124
Capitulo CLXI. — Das gentes que entraram pela Beira e por riba de Odiana, e da maneira que el-rei sobre ello teve 126
Capitulo CLXII. — Como o Conde ordenou de entrar em Castella, e da maneira que teve em ello 130
Capitulo CLXIII. — Como o Conde partiu de Caceres e se veiu a Portugal 133
Capitulo CLIV. — Como o Conde ordenou outra vez de entrar por Castella, e chegou a Villalva 136
Capitulo CLXV. — Do recado que o Mestre mandou ao Conde desafiando-o pera pelejar, e da resposta que a ello deu 140
Capitulo CLXVI. — Como fallou o escudeiro do Conde com o mestre, e das razões que ambos houveram 143
Capitulo CLXVII. — Do recado que o escudeiro trouve, e o acordo que o Conde houve sobr'ello 148
Capitulo CLXVIII. — Como o Conde partiu de Castella e se veiu a Portugal 151

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), pôr *Fernão Lopes*, 1 volume 400

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes ..... 1$200

VII — Chronica de El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, (vol. I, II, III, IV, V e VI)..... 2$400

VIII — Dois Capitães da India, *Luciano Cordeiro*, 1 volume 400

EM PUBLICAÇÃO

Chronica de El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, (vol. VII).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
Director litterario — Conselheiro Luciano Cordeiro
PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. VII

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
1898

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. VII

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
1898

CAPITULO CLXIX

Como el-rei partiu pera Galliza, e do que lhe aveiu no vau do Minho.

El-rei partiu pera Coimbra, como dissemos, levando grande sentido d'aquella entrada que os castellãos fizeram, e das trabalhosas jornadas que elle e os seus em tal tempo passaram, por os tomar dentro do reino, e estando el-rei n'aquella cidade, lhe veiu recado como João Fernandes Pacheco e seus irmãos se foram pera Castella, e isso mesmo Gil Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel, por cuja partida seu adversario cobrara as villas e castellos de que tinham feito menagem, assim como Bragança e Vinhaes, e o Mogadouro e Villa Maior.

E se algum notar por mingua, não poermos aqui o porque se estes e outros fidalgos partiram do reino, isto seria grave de adivinhar, e cousa que por elles cumpria ser recontada; mas a commum fama de todos era que elles diziam que por aggra-

vos que d'el-rei recebiam, se foram de sua terra; porém fallaram bem os que disseram que qual deve ser o principe ácerca dos fidalgos e subditos, formosa cousa é de contar e ligeira d'escrever.

Mas contentar grandiosos corações de desvairadas vontades, isto é mui grande encarrego, e cousa assaz d'impossivel, porque aprazendo a uns, convém que anoje a outros.

Mas el-rei, posto que taes novas ouvisse, e lhe d'ellas desprouvesse, não mudou porém proposito do que na vontade tinha, que era entrar por Galliza por fazer guerra a seus inimigos, e partiu logo pera o Porto, e d'alli mandou chamar suas gentes, e foram juntos em Ponte de Lima, onde fez seu alardo, e achou quatro mil lanças, e muitos peões e bésteiros, e moveu caminho de Monsão, que eram d'alli sete leguas, e des-ahi ás Choças, que eram traz do rio do Minho, por onde entendiam passar; e todos alli recolheitos, aos quatro dias do mez de maio de 1436 nasceram entre elles novas, e era assim d'effeito, que da parte além do Minho, junto com Salvaterra, eram juntas muitas companhas por lhe embargar a passagem, e se irem lançar dentro em Tuy, sabendo que el-rei o ia cercar, e a verdade d'isto era que Diogo Peres Sarmento, adeantado de Galliza com outros fidalgos, quando souberam a ida d'el-rei pera aquella comarca, entenderam, o que era certo, que el-rei ia cercar Tuy, e quizeram-se lançar dentro na cidade pera a ajudar a deffender e os de dentro não quizeram isto consentir, dizendo que abastantes eram pera dar d'ella conta.

Entonce se tornaram, e pozeram seu arraial no campo do Louro, que é junto com o rio, e receando

a ida d'el-rei, que se ia chegando, affastaram-se d'alli, espaço de uma legoa; e estas eram as gentes que a el-rei disseram, sobre as quaes teve conselho; e accordaram que sem mais tardança movessem á pressa o arraial e passassem da banda d'além, e se os podessem tomar, que seria mui bom começo. Começaram entonce de andar cada um quanto mais podia, e chegando por acerca de Monsão, pediram á Diogo d'Abreu, alcaide d'aquelle logar, que lhe mandasse um seu escudeiro, que chamavam Fernão d'Ayres, que lhe fosse amostrar o vau; e elle e outro, que diziam João Vasques, foram ambos por serem guias d'elle, e chegaram ao vau das estacas, que n'aquelle logar era d'ancho como a costumada passagem do Douro, sendo já sol posto muito acerca do serão, e a noite, por antepoimento de nuvens, não bem clara como pera tal passagem cumpria.

El-rei fez chamar uma guia d'aquellas que os houvesse d'encaminhar, e elle entrou em cima de seu cavallo dando-lhe a agua pelos peitos: o vau não era direito, mas desviado pera cima, qual natureza ordenava, de um pedregulho seixal, e a altura da agua por uma igualança, não mais alta em um logar que em outro, mas era junto com elle um profundo pégo, bem mortal visinho, azado pera muitos perecerem, de que poucos sabiam parte.

A guia passou além; tornou mais rijo do que foi, por o grão corrimento da agua que descia; mandou el-rei passar a bandeira, por lhe avivar os corações de passarem mais toste; João Gomes da Silva, que era alferes, como foi além e alguns com elle a fundo por ribeira do rio d'onde el-rei ficava, que foi grande azo da perda que se alli fez, porque ao som das vozes d'onde elle estava, tirava a gente

por ali direito, e o vau ia mais acima desviado, e assim se perdiam muitos, e tornou a guia por encaminhar outra ida, e foi com ella muita mais gente que da primeira, e quando veiu a terceira vez, foram tantas que a espessura das bestas cresceu a agua fazendo des-ahi parede, e botou grande parte d'elles e deitou-os no pégo sem sendo vistos dos que eram em terra; des-ahi a noite, mal azada pera tal trabalho, fazia topar uns nos outros, e d'elles travavam de seus companheiros por se terem a elles, e levavam-n'os comsigo, e d'esta guisa e d'outra morria muita gente, até que os que iam detraz foram em conhecimento da perda que se fazia, e disseram-n'o a el-rei, e mandou que não passassem mais; uns se afogavam e não surdiam mais, outros nadavam as bestas com elles, e quando chegavam á beira d'agua, por a aspera subida da borda do rio, não podiam montar acima, e assim morreram bradando a grandes vozes que lhe accorressem, mas não prestavam a tal tempo, ca posto que se alguns nomeassem quem eram, e lhes seus servidores accorrer quizessem, não podiam, tanta era a pressa.

El-rei esteve um bom espaço áquem do rio não sabendo quaes eram mortos, e andada gran parte da noite a fundo mui longe de onde foi esta perda. passou em uma barca, e des-ahi aquelles que o fazer podiam, e quando foi o dia claro e soube aquelles que falleceram, ficou espantado e mui nojoso por se assim perderem por tão desaventurado cajão; e deteve-se alguns dias por os mortos que surdiam e tiravam fóra. Outros tiravam fóra com redes, e trabalhavam de soterrar todos; e o damno que se alli fez, contam alguns por sommas desvai

radas, mas aquella que achamos em que se mais accordam, seriam, por todas, d'escudeiros e pagens, e d'outra boa gente, até quinhentas pessoas, e de capitães que de nomear cumpre, D. Affonso, sobrinho d'el-rei, e João Rodrigues Pereira.

CAPITULO CLXX

Como el-rei cercou Tuy e o combateu

QUANTAS razões el-rei tinha de tomar gran nojo por tal aquecimento, qualquer sizudo o pode entender; porém postas a de parte, segundo convem, aos grandes senhores, seus feitos em breve e curto razoado foram estes:

Passou o Minho e cobrou Salvaterra, e chegou por Souto Maior, e des-ahi veiu poer arraial sobre Tuy, e cercou-o de tal guisa que nenhum ligeiramente podia ir de fóra pera dentro, nem dos cercados pera fóra.

O logar estava porém bem percebido de gentes d'armas, peões e bésteiros, e de bons fidalgos, que tinham vontade de o deffender, assim como Paio Sarodea, que era o principal que da cidade cargo tinha, e Pedro Fernandes d'Andrade, seu sogro, que viera em sua ajuda, e Pedro Dias de Cordova, e Gonçalo Açôres, e com elle até tresentas lanças, afóra peões e besteiros; tinham pão e vinho, e

muitos mantimentos, e coração e desejo pera se não dar ligeiramente.

El-rei poz seus engenhos a redor d'ella, que tiravam de cada parte, e por o muito damno que faziam, foi preitejado d'esta guisa: que os engenhos não tirassem de noite nem os de dentro não lançassem nenhumas settas com herva.

El-rei consentiu em ello, porque lhe não prazia por nenhum modo que uma Sé honrada e antiga que ha na cidade, onde é fama que jaz o corpo de Frei Pedro Gonçalves, recebesse nenhum damno de sua parte; des-ahi os de dentro sahiam amiude a escaramuçar, e com boa e forte béstaria que tinham, maguavam mui mal os da hoste, não lhe prestando armas, por boas que fossem, que não ferissem muitos, e d'elles morriam em tanto que os receavam já muito.

Tambem os engenhos faziam gran damno na cidade, e matavam algumas pessoas.

Em esto foi um dia ordenado de se poer a escala e combater a cidade. na qual haviam de ir mui notaveis escudeiros escolheitos por el-rei, não por linhagem de fidalguia, mas por conhecimento de bons homens d'armas, entre os quaes era um chamado João Preto, conhecido por especial entre os outros, o qual fallando uma vez, como é costume, com um mui afamado bésteiro de dentro, que diziam Gonçalo de Paredes, perguntou-lhe se havia de ir na escala quando combatesse. E elle disse que sim.

— «Queres-me peitar, disse o de dentro, e não te tirarei? —

E elle respondeu que não presava seu tirar, e outras razões de desagradecimento, dizendo-lhe lo-

go, por mór despreso, as armas que havia de levar por que o bem podia conhecer.

El-rei, a que João Preto já contara esta historia, quando foi o dia do combate disse-lhe que se armasse bem, e lhe fez levar um seu forte bacinete, porque elle o não tinha tão bom, e bem armado d'outras armas, movendo a escala e começando combater a cidade, ia João Preto na dianteira com outros escudeiros, vestido de umas folhas cobertas de velludo verde, com uma banda de trena d'ouro, que eram os signaes que elle dera ao outro, que lhe melhor fôra callar.

Gonçalo de Paredes, segundo se mostrou, estava já prestes com a bésta no rostro aguardando de fundo da torre onde a escala havia de pousar por fazer aquello que fez, e como João Preto deu logar, já quanto á cara pera haver uma pouca mais de vista da que receber podia, logo em ponto nasceu um rijo virotão entre os olhos d'elle, que o feriu de mui má maneira, de guisa que a pouco espaço como d'alli foi levado morreu; outros foram feridos e mortos, como em tal jogo podeis entender e não se dando a bem o combate por azo da escala não chegar como cumpria, des-ahi por damno que em ella fez uma cabrita que de dentro tirava, mandou el-rei que a affastassem afóra, ficando os de dentro com grande lédice, posto que perda recebessem em alguns seus, e el-rei anojado do que acontecera.

CAPITULO CLXXI

Como os da cidade fizeram saber a el-rei a pressa em que eram, e do conselho que sobre ello teve.

PENSANDO os da cidade quando esto foi, que por azo do quebrar da escala que a cabrita fez, e por a perda d'aquelle escudeiro, e d'outros alguns que foram feridos, que lhe el-rei não quizesse jámais combater, receando similhante damno do que então aviera, começaram d'apupar grandes brados, escarnecendo do combate que lhe feito tinham, dizendo doestos e outras palavras, com que lhes parecia que se vingavam dos do arraial.

El-rei que contraria tenção d'esto tinha, mandou logo á pressa carregar a escala, e fazer uma gran caniçada por guarda do arraial e da escala quando outra vez houvesse de combater.

Os da cidade quando viram o repairar que se na escala fazia, e a gran pressa que davam em acabar a caniçada, entenderam que vontade era d'el-rei assecegar sobre o cerco até que os por força ou por preitezia os houvesse de tomar, e buscaram maneira como fizessem saber a el-rei de Castella o afincamento em que eram postos, e em que esperavam ao deante de ser, segundo as maneiras que os de fóra mostravam, e que fosse sua mercê de lhes accorrer.

El-rei de Castella, que já d'esto parte sabia, teve seu conselho como se daria accorro a esta cidade,

onde se fallaram estas razões, e foram estas as principaes, dizendo alguns que se maravilhavam de uma tão grande casa e tão poderosa como a de Castella, que por todo o mundo era nomeada, serem per seus peccados em tal sujeição postos, que uns poucos de portuguezes com um cavalleiro que tomaram por seu rei, lhe corriam a terra a seu despeito, e cercavam villas e cidades, que accorrer não podiam, assim como ora tinham aquella ainda não com toda sua gente, mas com essa pouca que lhe ficara depois da perda do vau, que apodavam a mil e quinhentas lanças entre más e boas, e mais não, assim que lançaram conta que houvera menos n'aquella passagem bem mil e quinhentas pessoas, das quaes eram a terça parte de homens de armas, e bésteiros de cavallo, nem estar ahi o Conde Nuno Alvares, com que andava gran parte da boa gente que em Porlugal havia, e ser tão alongado em cabo do reino, des-ahi o rio Minho que os portuguezes entre si e a terra tinham, que era grande estorvo pera haverem bom acolhimento, e que dês que se os homens acordavam, sempre os reis de Castella tiveram sujeitos os de Portugal, quando os mister haviam pera seu serviço, a que destruiriam a terra por muitas vezes se o fazer quizeram, havendo d'elles grandes ajudas, assim por mar como por terra, tanto que lh'o mandavam dizer como a houvera el-rei D. Affonso d'el-rei de Portugal seu sogro, até mandado chamar que fosse com elle á batalha dos mouros, onde logo fôra com todo seu poder, e depois ei-rei D. Pedro seu filho quando guerreava a casa de Aragão, que mandara pedir a Portugal quinhentos de cavallo pera o servirem n'aquella guerra, e que logo lhe foram enviados, e

por capitão d'elles o mestre de Aviz D. Martim do Avellar, e mais dez galés pagadas á sua custa com seu almirante Monsieur Lançarote, e assim d'outras ajudas que os reis de Portugal aos de Castella graciosamente por bons dividos faziam, todas ali foram nomeadas que eram feitas por via de sujeição, e por mais fazer não poderem alem d'esto, que se o haviam por uma batalha que fôra vencida, e el-rei seu padre fugiu, que esta era pequena maravilha, que tambem o fôra el-rei D. Anrique seu avô d'el-rei D. Pedro seu irmão, e que depois o tornara a vencer e matar, e cobrar o reino de que, a Deus graças, elle era senhor, e assim acontecera já a outros muitos. E porém não havia por que se espantar e leixar-se subjugar de quem não deviam, mas tomar bom esforço e levar suas honras adiante, como fizeram seus padres e aquelles de cujas linhagens descendiam, e que pois aquelles fidalgos, que em Tuy jaziam por seu serviço e suas honras, trabalhavam como bons por o defender, que elles mostravam gran mingua e covardice deixarem-n'os assim sem curar d'elles e serem tomados, e perderem-se de todo, por a qual razão em nenhum senhor nem principe do mundo fidalgos de Castella haviam de achar acolhimento, mas grande profaço com muita sua vergonha.

CAPITULO CLXXII

Do conselho que foi havido pera accorrer á cidade de Tuy.

Falladas n'aquelle conselho estas e outras razões, quaes formava o grande odio que aos portuguezes, das cousas passadas tinham, sahiram d'elle dois bem mastigados accordos, os quaes todos louvaram por bem ditos e sisudamente cuidados, e foram estes:

O primeiro, que o infante D. Diniz, irmão do infante D. João, que fallecera por morte, e andava em Castella, como já tendes ouvido, que lhe desse el-rei logar que tomasse titulo de rei, e se chamasse D. Diniz rei de Portugal e do Algarve, e que todos os portuguezes que se pera Castella foram, e os que d'antes lá andavam, se ajuntassem a elle e o recebessem por senhor, e que d'esta guisa entrando no reino, des-ahi por largas promessas que a muitos faria, outros por montar em mór estado, que se chegariam a elle todos, tomando sua voz, e lhe dariam villas e castellos como seu senhor natural, e que por este modo cobrariam Portugal, pois que até entonce por arte, nem por outras forças de grandes trabalhos nunca haver poderam, a qual cousa se bem fazer podia, e melhor entonce que em outro tempo, porque com as gentes que lhe el-rei desse, e com as que os portuguezes alli tinham, elle podia bem levar duas mil lanças, afóra outras gentes que se a elle chegariam, e entrando d'esta guisa pela

Beira, com Martim Vasques da Cunha e João Fernandes Pacheco, e João Affonso Pimentel e os outros, seria grande ajuda e azo de os povos o tomarem por seu rei e senhor, e este accordo dizem que foi por conselho de Martim Vasques e dos outros portuguezes que se pera lá foram, dizendo que n'aquella comarca não havia nenhum fronteiro, nem outra pessoa que lh'a defender podesse.

O segundo, que el-rei juntasse d'outra parte as mais gentes que podesse, e que as mandasse com um bom capitão sobre a cidade de Tuy por acudir a seu cerco, e que o som da fama fosse que elle ia lá por seu corpo pera poer batalha a seu adversario, e mais que o mestre de Santiago ajuntasse tambem suas companhas, dando voz que queria entrar por riba de Odiana, frontaria do Condestabre, pera se vingar da sobranceria que lhe fôra feita quando entrara duas vezes por sua terra, e com esto que se armasse a mais frota que podesse, pera correr a costa e vir sobre Lisboa, e que d'esta guisa se emavezariam os portuguezes, que não saberiam cobro nenhum que em si poer, ca o Conde não havia de leixar sua frontaria como lhe taes novas chegassem; el-rei isso mesmo como ouvisse que el-rei de Castella ia pera lhe poer batalha, que leixaria o cerco por se fazer prestes pera ella, o que era gran duvida de poer sem seu condestabre, o qual não ousaria de mandar chamar, por não ficar aquella comarca desamparada; mas era de crêr que acudiria ás gentes que entrassem na Beira com o infante, e assim ficaria Tuy descercado, e ajuntando-se aquelles que fossem pera o descercar, com os que o infante assim levasse, que podiam bem pelejar com elle e o desbaratar, porque seria livrado todo

esto, e baixado seu orgulho, ou cobrando o infante o reino da guisa que se fallava, que o contentaria el-rei com um bom ducado, segundo a elle pertencia, e assim ficariam todas as cousas em bom assocego com grande honra da casa de Castella.

CAPITULO CLXXIII

Como foram juntas estas gentes que dissemos, e o el-rei soube em Tuy.

Accordado esto assim por todos, e determinado por final conclusão, que os poz em grande esperança, mandaram á pressa recado aos de Tuy que fossem fortes e se defendessem ardidamente, que elles seriam cedo tão bem accorridos como todos podiam vêr, escrevendo-lhe a maneira que el-rei queria ter sobre ello; com a qual resposta cobraram grande esforço, começando-se de soltar em muitas abafas e desmesuradas palavras, peiores que ante diziam; e isso mesmo sahiram logo cartas mandadas por toda a terra a vassallos e a ginetes, e a bésteiros de cavallo, que fossem prestes pera entrar em Portugal com el-rei seu senhor, e com os capitães que lhe mandado fosse; e ainda diziam alguns no conselho que era bem de lançarem os prelados e beneficiados certos homens d'armas pera ajudarem a levar este feito adiante, que de todos era tão grande honra.

As cartas mandadas, não tardou muito que se todos não fizessem prestes com renovada sanha pera quem tanto desamavam.

Aquelle infante bastardo tomou logo o titulo de rei, chamando-se rei de Portugal e do Algarve, trazendo bandeira e sêllo das armas de Portugal direitas, e Martim Vasques e os outros portuguezes, assim como João Fernandes e João Affonso Pimentel, e as linhagens de uns e dos outros todos se chegavam a elle, nomeando-o por seu rei e senhor; e com as gentes que lhe el-rei deu, e com as que com elle se juntaram, passavam de duas mil lanças. Foram mais juntas algumas companhas com o mestre de Santiago, mas d'estas não fazem os authores menção que fizessem cousa alguma que de contar seja; e todas assim juntas com seus capitães, partiu o infante caminho da Beira, e Ruy Lopes de Avalos, que depois foi condestabre de Castella, com aquellas gentes que íam pera descercar Tuy, soando fama e voz que el-rei de Castella ia ali.

El rei, que sobre Tuy estava, d'esta fama sendo muito certo, não perdeu esforço, posto que assim estivesse, dizendo de praça, que ouviram muitos que sobre esto fallavam dentro em sua tenda:

—«Venham castellãos quantos quizerem, e com quantos trazer poderem, ca aqui me hão de achar sem duvida; e elles cuidam de me espantar com suas palavras e ajuntamentos, cuidando que por isso me hei-de partir e leixar o cerco d'este logar. E eu tenho esto mui pouco em vontade, ca eu não lhe guerreio sua terra, nem quero tomar esta cidade por cubiça que d'ella haja, mas porque me tem minhas villas forçadas e me fazem guerra muito contra direito, e eu assim é por força que assim

faça a elles, e porém cada um se avise que seja apercebido como cumpre; que ora venha el-rei com estas gentes que dizem, ora não, elles a não podem descercar senão por batalha, a qual lhe entendo poer em sua terra, pois lhe já puz outra em meu reino; e vencida esta como espero em Deus, que será a cidade tomada, então iremos poer outra a aquelle rei novo de nosso sobrinho que se agora fez com aquelles condes e bons portuguezes que com elle vem contra a terra que os creou.» —

—«Se attender nos quizesseses, senhor, (disseram alguns) parece-nos que será bem mandardes chamar o vosso Condestabre que viesse com as gentes que podesse ajuntar, e seria boa ajuda e grande esforço pera taes feitos.» —

—«O Condestabre, disse el-rei, está d'aqui alongado, e não sei se poderá vir a tal obra tão toste como cumpria, mas outrem temos nós em seu logar que nos ajudará melhor que elle, que é o Senhor Deus, e a sua preciosa Madre, em que eu tenho grande esperança, e em cujas mãos ponho meus feitos, que sabe, como já disse, que eu não lhes faço guerra senão por me darem paz. Porém eu lhe escreverei, se o fazer poder, que se venha com todas as gentes da sua fronteira, e ainda mandei chamar das que são d'aqui mais acerca, que se venham quantos poderem.

CAPITULO CLXXIV

Como o Condestabre encaminhou por ir pelejar com o infante D. Diniz, e o não quiz attender.

O Condestabre em esta sazão estava em Montemór-o-Novo, villa de sua frontaria, por espaçar alguns dias, e ahi lhe chegou recado d'el-rei em como el-rei de Castella com todo seu poder vinha a aquelle cêrco onde elle estava, pera lhe poer batalha, e que se fosse logo pera elle com todas as gentes de riba de Odiana.

Quando o Conde tal recado viu, moveu logo pera Evora pera poer aguça em sua partida; e estando n'aquella cidade com este afincamento, vieram-lhe novas que o mestre de Santiago de Castella ajuntava muitas gentes pera entrar n'aquella comarca, e se vingar das entradas que o Conde em sua terra fizera; e apoz este lhe chegou outro de Gonçalo Vasques Coutinho, e d'alguns logares da terra da Beira, fazendo-lhe saber que fosse certo que o infante D. Diniz, que se chamava, vindo, rei de Portugal, e o conde Martim Vasques e conde João Affonso Pimentel e outros muitos em sua companhia entravam n'aquella comarca, fazendo tal damno e perda em ella, que se lhes não accorresse, que seria toda destruida; e assim era de feito, ca elle entrou por Sabugal, e chegou á Guarda, e correndo Martim Vasques e os ginetes isso mesmo acerca de Vizeu, e por aquellas aldeias, tudo

destruiam como terra onde não estavam taes ginetes que a de tamanha assuada defender podessem.

Quando o Conde viu taes recados, e assim desvairados, foi posto n'aquelle cuidado e grande pensamento, que cada um sisudo póde cuidar que elle devia de ser; e outro cuidado que tanto o afincava assim, era não ter dinheiros d'el-rei, nem seus, pera pagar soldo ás gentes que com elle houvessem de ir; porém do almoxarife d'aquelle logar houve uns poucos emprestados com que lhe satisfizesse alguma pouca cousa.

Entonce chamou a conselho a aquelles com que costumava fallar, e vistos os recados que ao Conde vieram, accordou que era bem leixar os outros, e ir buscar o infante D. Diniz, e prazendo a Deus de o desbaratar, que se iria logo seu caminho a Tuy, onde o el-rei mandava chamar.

D'este conselho não foram alguns contentes, nem prouve a todos com estas palavras, dizendo d'elles que o Conde queria, o que Deus não queria, dar-lhes cada dia trabalho e afães com poucas mercês nem bem fazer, e que lhe não bonava britarem os corpos de dia e de noite, mas ainda gastarem os bens que lhes el-rei nem elle deram, e outras taes razões porque bem mostravam que haviam pouca vontade de ir com o Conde buscar o infante; as quaes o Conde ouvindo, desprouve-lhe d'ellas muito, e alçou-se do conselho e cavalgou, e foi-se fóra da cidade por espaçar algum pouco, e Martim Affonso de Mello com elle, e andando ambos fallando, disse Martim Affonso contra o Conde:

— «Senhor, vós sois annojado do que aquelles cavalleiros disseram em vosso conselho por turvarem vossa ida, e por mercê que não o sejaes, mas levae

vosso feito adiante, e Deus que sempre bem encaminhou vossos feitos, encaminhará este, ainda que elles não queiram, e de mim vos digo que vos seguirei com boa vontade com estes que tenho, e posto que soldo não haja, eu o darei aos meus da minha casa.»

E d'esto foi o Conde mui ledo, agradecendo-o muito a Martim Affonso; e estas razões que lhe elle disse, souberam logo os do conselho que o contradisseram, de que se muito arrependeram, porque bem viram que segundo o caminho que Martim Affonso abrira tal ida já não podia ser torvada.

O Conde mandou logo pagar soldo a essas gentes que com elle eram, posto que fosse de poucos dias, e partiu-se logo com vinte lanças, não mais, indo com elle Martim Affonso, com todos os seus, e assim chegou ao Crato pera recolher os outros que iam após elle, e achou alli D. Alvaro Gonçalves Camello, priol que não havia visto depois que fugira da prisão de Coimbra, e ordenou de o levar comsigo pera o fazer vêr a el-rei e reconciliar com elle, e foi aconselhado por Martim Affonso que não fiasse d'elle, porque entendia que não amava o serviço d'el-rei, mas muito pelo contrario.

O Conde disse que assim o faria, porém levou-o comsigo até Niza, e des-ahi a Castello Branco, e assim depois todo o caminho, e elle n'aquelle logar achou recado que o infante era em termo de Covilhã, que eram d'alli sete leguas, de que foi mui ledo; e assim era de feito que elle estava n'aquella comarca, e d'alli escrevia suas afincadas cartas a muitos do reino secretamente, fazendo-lhe saber que a rainha D. Beatriz por outorgamento d'el-rei de Castella pozera todo direito que de Portugal

tinha, em elle, e que elle vinha em nome e titulo de rei com todos os portuguezes que em Castella andavam, que lhe beijaram a mão por seu rei e senhor, com outras muitas e boas gentes que lhe el-rei de Castella dera, que em sua companha vinham, rogando-lhes que elles assim o fizessem, e fariam em ello direito, e o que teúdos eram de fazer, e que lhes promettia como rei, que era, de fazer muitas mercês e grandes acrescentamentos.

Mas por todo esto, nem outras boas razões que em suas cartas escrevia, ninguem se vinha pera elle; e logo sem mais tardança enviou uma carta ao infante, cujas razões eram estas:

— «Senhor. Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e d'Ourem, e d'Arrayolos, Condestabre por meu senhor el-rei de Portugal, e seu mordomo mór, me encommendo em vossa graça e mercê, e vos faço saber que a mim me é dito que vós sois vindo com muitas gentes ao reino de meu senhor el-rei a fazer em elle guerra e mal e damno, e ainda o peior que é que por onde vindes vos chamaes rei de Portugal, de que me muito maravilho, e parece-me que se de vosso conselho só tal nome tomastes, que o devereis melhor de cuidar, e se vol-o outrem conselhou, entendo verdadeiramente que pera homem de vosso estado é cousa feia e vergonhosa, e porém eu sentindo estas cousas que são contra o serviço d'el-rei meu senhor, sou vindo a esta terra pera vol-o contrariar com a ajuda de Deus, e hoje á feitura d'esta carta cheguei a Castello Branco, e envio-vol-o a dizer por serdes d'ello certo, e rogo-vos e peço-vos que não hajaes por nojo de vos um pouco deter, porque Deus querendo, eu serei d'aqui a breve espaço comvosco.»

Escripta esta carta, mandou-a o Conde por um seu creado á Covilhã, onde sabia que o infante estava; e não indo o mensageiro duas leguas de Castello Branco, ao Conde chegou recado d'aquelle logar e d'outros que o infante com os que trazia, como souberam que elle ia a elles, que logo deram volta e se tornaram pera Castella, e que não havia porque ir mais a trabalhar; e assim foi d'aquella guisa, que tanto que este infante, e aquelles que com elle vinham, ouviram novas da partida do Conde quando moveu de Evora pera ir contra elles, que logo foi sabido onde cada uns andavam e haviam accôrdo, que pois o Conde ia a elles assim depresssa com trigosas jornadas, que se não escusava de haverem batalha, e vieram-se pera o infante, e vistas por elle taes novas de que descuidado estava, maravilhou-se muito, ca elle pensava que por a muito boa gente que trazia, que não se atrevesse nenhum a pelejar com elle, ainda que fosse el-rei, sem primeiro juntar todo o reino.

E havido sobre esto conselho, diziam alguns que o attendessem, e que vencendo-o, como era de cuidar, vistas as boas gentes, e muitas, que trazia, que era bom começo de sua entrada e azo grande pera se virem muitos do reino pera elle, e outras taes razões em que se accordavam os mais dos portuguezes. Outros fidalgos castellãos que vinham com elle, dos que foram na batalha real, e d'elles nas do Condestabre e já eram escarmentados, não se outhorgavam em tal feito, dizendo que elles foram já juntos por vezes com ajuda de gentes estrangeiras a pelejar com os portuguezes, e em quantas batalhas houveram com elles sempre foram vencidos.

—Pois como aguardaremos nós, diziam elles, esses que veem a passos contados, sem rei nem infante que lhes dê trigança?

—Digo-vos que o não havemos por bom sizo, mórmente que de quantos recados este rei D. Diniz mandou pelo reino, nunca vimos um que se pera elle viesse, e que porém pelejar com elle, nem esperar sua batalha, que lhe não parecia razão; e assim se partiram todos pera Castella com seu rei novo que traziam; e ao Conde pezou muito d'esto e a quantos iam em sua companha, e ordenou de se ir a Tuy pera el-rei, que o mandara chamar, e mandou tornar Martim Affonso com certas gentes por guarda da comarca de riba d'Odiana, e elle foi-se com mil e dozentas lanças á Covilhã e d'ahi á Guarda, que eram seis leguas, por folgar alguns dias do trabalhoso caminho que elle e os seus levaram por chegar a aquellas gentes, as quaes depois que foram em Castella, e o infante ia ao paço, os rapazes que estavam nas béstas dizem que não quedavam de lhe chamar apupando: — *Rei, onde his?*

Onde sabei que assim como foram mandadas cartas por todo o reino de Castella que se fizessem prestes, como já dissemos, assim foram enviadas outras a Santander, terra de Biscaya, que á pressa com grande aguça ordenassem as mais naus que ahi houvesse, e algumas galés com ellas.

Isso mesmo D. Diogo Furtado de Mendonça, almirante-mór de Castella, trabalhou em Sevilha de armar mui toste d'essas galés que ahi eram, e navios que achou, e foram armados treze, e outros tantos navios, e em Biscaya vinte e sete e duas galés, que foram por todos quarenta, entre naus e

barcas, e quinze galés, e todas se haviam d'ajuntar no porto de Lisboa, onde chegaram, lançando alguns trons em direito da cidade, sem empecimento que fizessem, e tornaram-se a Restello, meia legua da cidade, e a gente foi tanta que sahiu da cidade, de pé e de cavallo, por guarda da Ribeira, que até Cascaes, que são cinco leguas, todo era guardado de noite e de dia, que sómente a agua não podiam as galés d'aquella parte filhar, e não fizeram, nem lhe foi feito cousa alguma que de contar seja, e jouveram alli alguns poucos de dias, e foram-se.

CAPITULO CLXXV

Como el-rei combateu Tuy, e tomou a cidade por preitezia.

Ficou el-rei, como dissemos, corregendo a escala, quando os de Tuy mandaram recado que lhes accorressem, e emquanto passaram estas cousas que ouvistes, correu bem dois mezes, no qual tempo continuou el-rei sobre ella seus guerreiros trabalhos, que foram d'esta guisa.

Soube por novas, das gentes que de Castella partiram com Ruy Lopes d'Avalos, que se vinham chegando por onde elle estava, e quando foi certo que eram tão perto d'elle, pouco mais d'uma jornada, tendo já divisado o campo muito acerca da cidade, mandou tornar todas as barcas da passagem da

parte d'além pera sua terra, defendendo, sob pena de morte, que não fossem lá mais pera trazer nenhuma pessoa; em esto, ante nem depois, não cessavam corredores estenderem-se pela terra a trazer mantimentos sem receio dos moradores da comarca, e das gentes que assim vinham, ás quaes os cercados fizeram saber toda a maneira em que estava seu feito, e como el-rei aguardava já dias havia, mostrando que d'haver batalha com elles lhe prazia muito, tendo já escolhido o campo, e que viessem bem apparelhados pera pelejarem, mostrando isso mesmo os do logar grande esforço, tendo conselho por este modo: que como el-rei movesse pera a batalha, que sahissem todos a queimarem os engenhos e escala, e corrigimento do arraial. Chegou-se tanto Ruy Lopes d'Avalos com as gentes que trazia, que não era já meia jornada do arraial.

Entendendo el-rei a arte com que o enganar queria, e elle estando assaz cuidadoso da maneira que sobre ello haviam de ter, chegou-lhe recado certo que aquellas gentes se foram caminho de S. Paio, uma pequena aldeia seis leguas d'onde elle estava, e ali eram aposentadas, e apalancada a ponte por não receberem damno, e assim era de feito, que elles dormiram ahi aquella noite, e o outro dia partiram pera Pontevedra, que era d'alli duas leguas, onde estava o arcebispo de Santiago, em que não acharam bom acolhimento, porque trazia em vontade de se lançar em Portugal, como depois fez, e assim se tornou aquelle ajuntamento grande sem mais aproveitar a Tuy d'esto que tendes ouvido.

A' vespera de Santiago, que eram vinte e quatro do mez de julho, ordenou el-rei de combater a ci-

dade, e movida a ala e escala, chegaram ao muro, e bésteiros e peões onde lhe era divisado, faziam todo seu poder; e a escala pousou em uma torre, e os de dentro pozeram em ella fogo que se não poude supportar, e entonce trabalharam os de fóra rijamente por arredal-a d'alli, e em esto tirou de dentro aquelle pequeno engenho que tinham, e uma pedra deu na escala e outra na arca da ala, que pareceu que toda era quebrada, mas não foi o damno tanto como pareceu no som do quebrar, e cessou o combate.

Por tal azo ficou el-rei mui annojado, e os de dentro mui alegres, pensando que não tornassem mais a combater, por estes contrarios aquecimentos.

Mas essa noite não cessou el-rei de mandar correger aquelles fracos quebramentos, e foram mui bem adubados.

Em outro dia, vinte e cinco do mez nomeado de quatrocentos e trinta e seis, que era festa de Santiago, não pensando os da villa, nem os do arraial, que ahi houvesse d'haver combate, mandou el-rei dar ás trombetas, e mover a escala e fazer todos prestes pera combater como no dia passado, e os engenhos não quedassem de tirar, e pousou a escala em cima da torre, e os que n'ella estavam com lanças d'armas aos de cima, e os da escala a elles ás pedradas e béstas de torno, faziam grão damno com elles, de guisa que lhes faziam desamparar o muro e a torre, e mataram com uma setta o mestre que tirava com o engenho, e o primeiro que n'ella faltou foi um escudeiro chamado Vasco Farinha, que depois foi com o conde D. Affonso fóra da terra quando foi com sua irmã, que cumpre contar mais pelo meudo, que foi o combate tamanho

que desesperaram de se defender, e começaram de bradar que estivessem quedos, que se queriam preitejar. E sahiu Pero Fernandes d'Andrade fóra, e foi fallar a el-rei, e fincando os joelhos em terra disse que lhe pedia por mercê que se soffresse de mais combater, que lhe queriam leixar o logar, leixando-os ir com seus corpos, armas e haveres. E que lhe não devia de ter a mal de se defenderem, por sua honra ser guardada, e outras razões.

El-rei disse que não havia por mal de defenderem a cidade, por guarda de sua honra, e serviço d'el-rei seu senhor. Mas gentes que em tão desmesuradas palavras se soltavam, como os que dentro jaziam, que não havia mister outra preitezia, salvo tomal os por força, como elle já tinha prestes, e cortar lhes as cabeças com as linguas, pera mais não palrarem em outro logar.

A esto respondeu Pero Fernandes tão humildosamente e com tão mesuradas palavras que as suas afincadas preces e por alguns seus não receberem cajão na entrada por força, lhe outorgou que se fossem em salvo com suas armas, e os bens ficassem a sua mercê.

Entonce lhe beijou as mãos, e tornou-se pera dentro, e assim cessou o combate.

Em outro dia ordenou el-rei de entrar na cidade, e João Gomes da Silva, que era alferes, subiu pela escala com a bandeira d'el-rei tendida, e muitos com elle, todos armados com lanças nas mãos e pacinetes postos, e assim entrou a bandeira muito acompanhada por cima do muro, com muitas trompetas e pipias, e outras alegrias. E ao pé da escala ante que a bandeira fosse, fez el-rei cavalleiro seu

filho D. Affonso, e d'outros bons até seis ou sete, e depois que a bandeira andou pelo muro a redor, entraram na sé, e puzeram-n'a em uma alta torre d'ella.

Isso mesmo Gonçalo Vasques Coutinho entrou pela porta, que chamavam da Pia, com muitos homens d'armas e assim outros fidalgos, e foi cobrada d'esta guisa.

Na sé foi achada muita riqueza, porque quantos moradores havia na cidade e termo d'ella, todos ali tinham o seu; e quando se houveram de partir, requeriam que lh'o dessem.

El-rei disse que tal não promettera, mas dissera que os bens ficassem á sua mercê, e a sua mercê era de os haverem os seus.

Entonce se foram todos sem lhe fazerem nenhum desaguisado, sómente apupavam-lhe escarnecendo d'elles, e não mais.

El-rei leixou no logar por fronteiro Lopo Vasques, commendador-mór d'Aviz, e deu-lhe a riqueza que ahi foi achada, pera elle e pera os que com elle ficaram por guarda do logar, e leixou ahi os engenhos e os outros artificios de combater, e tornou-se ao Porto, onde estava a rainha sua mulher, e alli o veiu a vêr aforrado, de Vizeu onde estava com cincoenta, não mais, Nuno Alvares, seu Condestabre, e el-rei o sahiu a receber, e a seu rogo foi reconciliado na mercê d'el-rei o Prior D. Alvaro Gonçalves, que dias havia que o não vira.

CAPITULO CLXXVI

Como os de Serpa entraram por Castella, e do que lhes aconteceu.

Depois d'esta vinda de Tuy, no mez de dezembro da era nomeada, souberam parte Diogo Nunes de Serpa e Gonçalo Vasques de Mello, o moço, alcaide d'esse logar, e Alvaro Mendes de Beja como em Castella, na serra de Revoredo, acerca de Cortegana, andavam bem cinco mil vaccas, e fizeram sua falla todos trez que fossem alá o mais encobertamente que ser podesse pera trazer aquelle gado com algum outro roubo, se o achassem; e ajuntaram suas gentes, a saber: noventa lanças, os vinte e dois d'elles bacinetes e cotas, e os outros as cotas taes á guisa de corredores, e cem homens de pé e dez bésteiros de monte, e partiram do logar um domingo de madrugada, que eram vinte e seis dias d'esse mez, e foram logo em esse dia descobertos por esta guisa:

Jazendo elles em um valle escuso, que chamam Coelheira, poendo cevada ás bestas, passavam por cima da serra d'esse valle doze de cavallo castellãos que levavam gado de Portugal; e viram-nos jazer, e leixaram o gado que levavam, e foram-se á pressa a dar novas a Arronche, a Diogo Garcia de Valdez, alcaide d'esse jogar, e des-ahi a Freixinal e a Cortegana, e a Aracena e Rio Frio, e ás Naves de Sevilha e a todos os logares por alli de redor como

viram alli jazer aquellas gentes para entrar por Castella.

E elles não sabendo esto, partira r-se d'alli e foram assim todos juntos até além de Arronche, e d'alli se partiram em tres partes, a saber:

Gonçalo Vasques a Cortegana, e Diogo Nunes a Galarosa e a Rio Frio, e Alvaro Mendes ás Navas de Sevilha, e que em outro dia se ajuntassem todos em um logar que entre si divisaram, com aquella aventura que lhe Deus a cada um quizesse dar.

E Gonçalo Vasques chegou sobre Cortegana bem cedo ante manhã, cuidando de precalçar os do arrabalde nas camas, e porque os do logar sabiam já d'elles parte, acharam-nos com as lanças nas mãos, bem trezentos entre homens de pé e bésteiros, e maravilharam-se de os acharem assim percebidos, e escaramuçaram com elles assaz rijamente, e prenderam dous d'elles, os quaes lhe disseram como já eram descobertos, e a maneira como o foram; pero por todo esso não leixaram com elles de pelejar em tal guisa, que por força lhe tomaram quinhentas, entre cabras e ovelhas, e quizeram poer fogo ac arrabalde, e os do logar lhe rogaram que o não fizessem, e que lhe dariam duas carregas de pão e de vinho, e elles porque sabiam que eram já descobertos, por se não deterem não curaram do que lhe davam nem de o poer, e foram-se e correram toda a terra de Reboredo, cuidando que achassem o gado porque iam, e elle era todo arredado d'alli, salvo que acharam quarenta bois d'arado, que ficaram por esses montes espalhados, e vieram-se com elles áquelle logar onde se haviam d'ajuntar todos, e elles alli, acerca da noite viram vir gentes por uma serra; cuidando que eram castellãos poze-

ram-se logo á batalha, todos pé terra, e elle era Diogo Nunes com suas gentes, que vinha de correr, e não trazia mais que dez cabeças de gado e sete prisioneiros, porque toda a terra achara já guardada, e elles folgaram muito com elle. E sendo já de todo noite hi veiu Alvaro Mendes, e cuidando que eram castellãos, fizeram-se prestes assim como antes, e quando o conheceram folgaram muito mais, pois já eram todos juntos, ca elles bem sabiam que gentes vinham apoz elles, mas não sabiam quantos, nem em que logar eram; e jazendo alli em aquelle logar, vieram villãos de noite pera vêr se lhe podiam furtar os gados, e foi grande alvoroço entre elles, cuidando que eram as gentes que apoz elles vinham, e alçaram-se muito azinha e souberam que não era nada, e tornaram-se a dormir.

Em outro dia, á quarta-feira, partiram-se todos d'alli, e andaram quatro leguas; e porque as invernadas eram grandes e não podiam passar as cabras e ovelhas, mataram-n'as todas, e comeram d'ellas as que quizeram, e as outras leixaram mortas, e os castellãos chegaram aquella noite acerca d'elles, e houveram seu accordo que dessem sobre elles de noite, e que assim os poderiam mais ligeiramente desbaratar; des-ahi disseram:

— «Não é bem, que se dermos em elles de noite, pode ser que cuidando que matamos aos outros, mataremos a nós mesmos.» —

Os portuguezes houveram entre si conselho, que pois descobertos eram, que seria bem andarem de noite pelo luar. Depois accordaram que não andassem de noite, porque qualquer cousa que lhe aviesse, melhor era de lhe acontecer de dia que de outra guisa.

E assim dormiram aquella noite bem acompanhados de lobos que se achegavam ás carnes mortas, não sabendo parte de que seus inimigos eram tão perto d'elles.

CAPITULO CLXXVII

Como os portuguezes pelejaram com os castellãos e os venceram, no anno de mil quatrocentos e trinta e sete.

Em o outro dia, quinta-feira, que era primeiro dia de janeiro em que se começava a era de mil quatrocentos e trinta e sete annos, começaram os portuguezes d'andar seu caminho com o gado e treze prisioneiros que levavam, por se chegarem a Portugal o mais azinha que podessem; e indo ellles mui desfigurados á longa, viram estar um cabeço e em elle trinta ginetes; e quando os viram, disseram entre si:

— «Por certo as gentes que apoz nós veem, estas são, e estas vieram a descobrir terra.» —

E juntaram-se logo todos em batalha com as lanças levantadas, por parecerem mais; e entonce se partiu Alvaro Mendes com dez de cavallo pera vêrem que gentes eram, e chegou-se a elles tanto, que o poderam ouvir; e disse:

— «Que gentes sois vós outros, ou qual capitão é esse que ahi vem?» —

— «Os capitães, disseram elles, são taes os que aqui vêem, com o que vos hoje pesará.» —

E perguntaram os castellãos e disseram:

— «E vós outros que gentes sois, ou que capitão é aquelle que vem alli?» —

— «Vós sabereis hoje, disse elle, que os capitães que alli veem, são taes com que vos prazerá pouco.» —

E assim se espediu d'elles sem havendo ahi mais palavras; e tornou-se pera os seus, que não quedavam d'andar todavia com sua bandeira tendida dos signaes de Diogo Nunes, a qual levava um escudeiro, creado d'el-rei, que chamavam Gomes Martins; e logo acerca chegaram a um rio, que chamam Aguas de Mel, que é dentro em Castella, e o rio ia cheio em tal guisa que nadavam os cavallos, e passaram o gado, e des-ahi elles todos.

Os castellãos quando viram que se elles lançavam ao rio, cuidando que fugiam, descobriram-se de todo, e os portuguezes, como foram da parte áquem do rio, e transpozeram um cabeço que chamavam de Bramadeira, e foram em o valle, pozeram-se logo todos pé terra com o rostro pera onde elles haviam de vir, e ordenaram sua batalha em esta guisa:

Pozeram a par da bandeira dez de bacinete de uma parte, e dez da outra, e os sem bacinetes com suas lanças a par d'elles, e os homens de pé e bésteiros, tantos de uma parte como de outra, e os pagens, cavallos e gado, e prisioneiros, todos detraz si, por não darem os ginetes nas espaldas d'elles; e elles postos assim em batalha, e os castellãos pareciam todos em cima do outeiro, eram assaz de gentes pera lhes tolher o roubo; e assim vinham estes capitães, a saber: — um cavalleiro, que fôra aio de Dom Pedro Ponce de Marchena, com as gentes e bandeira de Dom Pedro Ponce, e com todos os de Freixinal, onde elle estava por fronteiro; e Diogo

Garcia de Valdez com o concelho de Arronche e com suas gentes que tinham na frontaria; e João Martins Rabião e outros, que eram por todos trezentas lanças, e sessenta ginetes, e cem bésteiros e oitocentos homens de pé: assim que eram mais de seis pera um; e como foram em cima do monte e os viram assim estar, deram á trombeta mui rijamente, e não se moveram d'alli, e fizeram des ahi uma batalha, a maior que poderam, e estiveram assim um pouco; des-ahi juntaram-se todos e leixaram-se estar.

Os portuguezes quando viram que não queriam vir a elles, enviaram a lá Vasco Esteves Godinho, commendador d'Ourique, e foi a elles e disse:

— «Aquelles cavalleiros que alli estão vos enviam dizer, que pois aqui estaes, que vos apraza de lhe poerdes praça.» —

— «Cavalleiro, disseram elles, vós dizei a esses capitães que elles não teem ganho de um pouco de gado e prisioneiros que levam, que lhes apraza de nol-os darem, e des-ahi que se vão á boa ventura.» —

E elle veiu com a resposta, e elles disseram:

— «Tornade a elles, e dizei-lhe que nós não lhe daremos tão sómente um rabo de vacca, nem um prisioneiro, mas ou que se percebam de virem a nós, senão iremos nós a elles.» —

Quando elles este recado ouviram, disseram:

— «Pois que assim é, dizei-lhe que se vão com Deus com todo o que levam, ca nós não queremos ir a elles.»

— «Certamente, disseram os portuguezes, esto falso é, a mensagem não é verdadeira, ca não póde ser tantas e tão boas gentes como aqui veem, nos leixarem assim ir em salvo; mas mandaram-nos dizer

sto pera nos desbaratarem por arte, que tanto que
ós formos desconcertados de como estamos, e nós
uizermos partir, que dêem em nós de roldão, e
ssim nos matem a todos, e detêem-nos em palavras
or se chegar a noite e se ajudarem de nós.» —

E assim era de feito, ca elles entendiam de os to-
nar ás mãos, e já traziam um taleigo cheio de cor-
eias de cervo pera os atarem a todos, e a esto dis-
eram:

— «Não seja assim; mas pois elles não querem a
ós vir, nós todavia vamos a elles, e matemos estes
risioneiros que aqui vão, que quando começarmos
batalha não os soltem os outros, e nos ajudem
stes a matar.»

Des-ahi com piedade não o quizeram fazer, pero
ssim aconteceu depois.

Os castellãos, quando viram que elles em toda a
uisa queriam pelejar, ordenaram sua batalha em
ma az todos a cavallo, e quatrocentos homens de
é, e cincoenta bésteiros a uma parte, e outros a
utra, e os ginetes detraz.

— «Ora, disseram os portuguezes, estas gentes
ue aqui veem, todos viram divisados; e porém
umpre de nos assignarmos pera nos podermos co-
hecer.» —

Entonce tomaram todos ramos de trovisco, e liga-
am-n'os cada um onde havia geito E aqui é de
otar como Deus os quiz guardar e lhe dar victoria;
orque este mesmo cuido, e por esta guisa, o fizeram
s castellãos; assim que estes e a maior parte dos
utros todos se assignaram d'aquelles ramos; pero
rougue a Deus que não morreu na batalha nenhum
ortuguez por azo d'este assignamento.

E esto todo feito, sendo já horas de meio dia, co-

meçaram de se esforçar os portuguezes uns aos ou
tros, segundo o dia que era, e prometter seus voto
de sabor, como é de costume, antes que entrem á
batalhas. E des-ahi moveram logo a elles pelo monte
acima dando á trombeta, chamando altas vozes: —
Portugal, *Portugal*; *São Jorge*, *São Jorge*. —

Os castellãos como os viram acerca de si, desce
ram a elles rijamente, bradando: — *Castella*, *Cas
tella*; *Santiago*, *Santiago* — e começaram a pelejar

Deram os ginetes dos inimigos nas espaldas d'el
les, e tomaram-lhe trinta cavallos, e mataram-lh
um pagem; e os portuguezes ao juntar das azes
derrubaram dos seus vinte de cavallo, e durou
batalha acerca de meia hora, e foram vencidos o
castellãos; e mortos d'elles entre a batalha e o en
calço, de cavallo e peões e bésteiros, dozentos e ses
senta e seis, e captivos doze, e dos portuguezes fo
morto o commendador Vasco Esteves, e ferido Dio
go Lopes Sarrazinho; e um castellão que ia com o
portuguezes quando se começou a batalha e se sen
tiu ferido, fugiu e veiu-se a Serpa, dizendo que to
dos eram mortos e desbaratados, pela qual cous
foi feito grande pranto no logar; e elles vieram en
outro dia com grande ledice e prazer com a boa an
dança que lhe Deus havia dado.

CAPITULO CLXXVIII

Como el-rei de Castella mandou a el-rei de Portugal Micer Ambrosio com recado.

Já vistes em seu logar, onde fallámos das treguas que entre Castella e Portugal por quinze annos foram firmadas, como em trez cousas estava sua orça, segundo a fórma dos trautos, a saber:

Na entrega dos prisioneiros, e na satisfação dos amnificados, e da penhora que uma das partes nos ens da outra podia fazer, sendo negligente em as umprir; e como por não boa fé injustamente muitos ortuguezes foram reteúdos e não entregues, e dos amnificados nenhum satisfeito; e havendo el-rei sore esto conselho, achou que não sómente podia fer penhora dos bens d'el-rei de Castella, mas aina, pois que elle promettera de livrar os prisioneios, e não os livrara, que era teudo a injuria que 'elle em tal caso os prisioneiros haviam recebido, qual o senhor d'elles demandar podia perante quem 'ello fizesse direito; e pois el-rei de Castella nenhum naior que si tinha que o d'elle fizesse, que el-rei ustamente lhe podia mover guerra, mórmente penhora em seus bens, que era mais pequena cousa; quando os castellãos quizessem dizer que tal tonada de cidade ou villa, injustamente fôra feita, ois era contra os trautos n'aquelle logar onde dizia urando assim o tempo das treguas, el-rei de Portugal por si, nem por outrem não tomaram nem rou-

baram cidade, villa nem castello, logar, terra, nem outra cousa dos reinos de Castella e subditos d'elles, que lhe responderam com outra clausula d'onde fazia menção do soltar dos prisioneiros, que o rei a ello negligente, seu adversario, o podesse penhorar em tantos dos seus bens e dos seus subditos, quanto montasse na preitezia que entre elles fosse firmada; e porque no geral nome de bens se entendiam moveis e de raiz, e villas e cidades, e quaesquer outros, que elle nos d'el-rei mais propriamente que em outros, podia fazer penhora, e que o trauto dava logar, que por esto se entendesse a tregua não ser quebrada, nem feita outra penhora a quem tal tomada fizesse, ca não a tomava indevidamente por modo de propriação, mas por maneira de penhora, assim como faria um juiz execução por uma sentença em uma cidade ou villa de um devedor que a outrem fosse obrigado, não se diria por tal execução tomada nem roubada aquella villa; e que as represarias direitamente feitas em logo de execução de sentença eram havidas; assim, que vistas estas razões, e outras mais que acharam por direito, ordenou el-rei de tomar Badalhouce, e quizera tomar Albuquerque, por cujo azo foi britada a tregua da parte de Castella, assim na tomada das naus que de Genova vinham, como em frota, que caladamente foi armada, e damnos que se em Portugal fizeram, aos quaes el-rei tornando, começou-se de accender a guerra.

Tratado de 1376

Em esto foi novamente entre os reis ordenado outra convença, posto que d'ella menção não fizessemos, e esto, por todo saberdes, a saber:

Que el-rei de Castella desse cincoenta mil dobras a el-rei de Portugal, pagadas em certos termos, e mais as despezas que fizera na cidade de Badalhou-

ce, e que fizesse soltar de seu reino todos os prisioneiros portuguezes, enviando lá el-rei quem lhe prouguesse pera inquirirem onde estavam, e saber seu adversario quanto se fazia em tal requerimento, da guisa que no primeiro trauto fôra ordenado, e sendo el rei de Castella a ello negligente, que pagasse por cada um portuguez trezentas dobras castellãs. E não sendo os prisioneiros soltos, nem as dobras que em elles montasse pagas, que em tal caso Garcia Gonçalves fizesse preito e menagem de se poer em poder d'el-rei de Portugal até os prisioneiros serem soltos, ou pagada a quantia que montasse em todos; e mais que el-rei de Castella quitava a el-rei e a seus subditos toda a somma das sentenças que contra elles fôra julgada; e isso mesmo el-rei a elle todo o que montasse n'aquellas que contra seus naturaes foram dadas, e as penas que por razão dos prisioneiros incorrido tinha.

E assim o jurou el-rei de Castella por sua real fé aos evangelhos, e os senhores e grandes de seu reino.

E porque esta convença foi tão mal guardada como a primeira, começou-se outra vez a guerra, em que foram feitos estes e outros males como até aqui contámos.

Ora, vendo el-rei de Castella como havia menos duas cidades de seu reino, a saber: — Tuy e Badalhouce, e esto nos extremos d'ambas as partes, que era assaz odioso, des-ahi cuidando por muito que trabalhasse por ellas, que era duvida de as nunca cobrar, por o grande accorrimento que haver podiam, pensou que a melhor maneira pera se cobrarem sem gasto e despesa, e perda das gentes, assim era mover a el-rei alguma tal avença em que se tratasse de lhe serem entregues.

Entona fallou a um genoez que em sua mercê an
dava, homem discreto e entendido, chamado Micer
Ambrosio de Marines, a maneira que em esto tives-
se, e mandou o a Portugal por embaixador, o qual
chegou ao Porto, onde el-rei estava, e bem recebido
d'elle, vieram as suas fallas, nas quaes o genoez mos-
trou concluindo que por serviço de Deus, e prol de
seus reinos, e por se escusarem tantas mortes e per-
das, e outras que sobrevir podiam, que elle fallara
a el-rei seu senhor mui largamente sobre esto, e que
a melhor maneira que por elles fôra achada assim
era:

Que todos os debates e querellas que um rei de
outro houvesse, que fossem postos em mãos de
bons juizes alvidros que vissem os damnos d'ambas
as partes por procurador de cada um mostrados, e
que elles os determinassem segundo Deus e suas
consciencias, na melhor e mais breve maneira que
se fazer podesse, tratando entre elles tregua ou paz
como por bem e proveito do povo, e serviço de Deus
entendessem; e que se em esto outorgar quizessem
que elle trazia firmadas treguas entre elle e el-rei seu
senhor por um mez e meio, pera se poderem escolher
os alvidros, e serem juntos onde se esto houvesse de
tratar.

E el-rei sabendo o direito que tinha, e por dar lo-
gar a todo bem e assocego, disse que lhe prazia, e
pois elle tanto bem fallava ácerca d'estes feitos, que
elle era contente que elle fosse um d'elles.

Micer Ambrosio lhe teve em mercê fiar d'elle tan-
to, e concordaram logo que D. Nuno Alvares Perei-
ra, seu Condestabre, e Dom João bispo de Coimbra,
que depois foi Cardeal, fossem por sua parte juizes,
e de Castella viessem Dom Lourenço Soares de Fi-

ueiroa, mestre de Santiago, e Ruy Lopes de Ava-
os, Adiantado de Murcia e camareiro mór d'el-rei,
mais aquelle Micer Ambrosio.

CAPITULO CLXXIX

Do poder que el-rei deu ao bispo de Coimbra e ao Conde, e como se viram o mestre de Santiago e Ruy Lopes.

Partiu o genoez pera Castella, e el-rei escreveu logo ao Condestabre, que áquella sazão estava em Evora, todo o que lhe aviera com elle e com ue recado se expedira, e que porém cumpria que se osse a Olivença, onde elle e o bispo de Coimbra or sua parte haviam de estar, e quaes de Castella aviam de vir a Villa Nova de Barcarrota, pera d'ahi ratarem seus feitos, segundo o poder que lhe dado osse.

Como o Conde tal recado viu, começou de se fa-er prestes com quinhentas lanças bem carregidas, encavalgados, e com elle o bispo de Coimbra, e m sua companha haviam de ir Ruy Lourenço, ba-harel em degredos, e outro famoso lettrado, que hamavam Alvaro Pires Escolar, pera por parte d'el-ei mostrarem os aggravos que de seu adversario avia recebidos; e o poder que levavam e que el-rei utorgou a todos, posto que a alguns pareça sobejo scripto ser brevemente tocado, era este:

«Que elle em seu nome e de seus herdeiros com-romettia e dava poder a todos cinco como alvidros

bons varões amigaveis compoedores sobre todas as demandas, questões, discordias e brigas da guerra em que postos eram, elle e seu adversario, e sobre todas as cousas que d'ella nascer podessem e esperam ser, por qualquer guisa que um ao outro fosse obrigado; e que elles todos, nenhum desvairando, summariamente, sem outra figura de juizo, ora fossem os reis, e seus procuradores presentes, ou dado que o não fossem, podessem concordar e determinar os males, damnos e roubos que um rei ao outro era teudo, e os fazer amigos como quizessem e por bem tivessem, e que podessem tirar d'entre elles toda a inimizade e malquerença, e poer treguas ou paz por sempre, qual lhe melhor parecesse; e q e não appellassem nem aggravassem de quanto elles em uma concordia mandassem, sem mais reclamação que sobre ello fazer podessem, nem por razão de scisma, nem de suspeição nem d'outro qualquer remedio que lhe por direito, assim canonico como civil, fosse dado, sob pena de pagar cem mil marcos d'ouro quantas vezes fosse contra o que os ditos alvidros mandassem, que e elles a podessem executar; e posto que os quatro accordassem, e um d'elles não, que seu accordo fosse nada, e se todos accordassem em algumas cousas, e não em tregua ou perpetua paz, que tal accordo não valesse, e se por ventura não concordassem em sua vontade, e quizessem escolher outro que os concordasse, que o não podessem fazer, salvo se pelos reis elegido fosse, e que nenhum prelado nem papa não podesse constranger os que desaccordassem, pera concordar com os outros.

E porque pera tratar tamanha cousa, como era tregua ou paz entre os reis, vendo seus grandes

queixumes, convinha tempo d'assocego sem outra discordia entre os povos, ordenou el-rei uma abastosa soffrança de guerra, a qual se publicasse na arraia, entre Castello Rodrigo e São Felizes no começo do mez de janeiro do anno que havia de vir, de mil quatrocentos e trinta e sete, e esto que contamos era em dezembro, a qual durasse até março meado; e com este cargo que dizemos, partiu o Conde e o bispo e foram-se a Olivença; e aos oito dias de fevereiro, que era o praso certo que todos haviam de ser postos nos logares nomeados, chegou o mestre e Ruy Lopes a Villa Nova de Barcarrota com similhante poder e soffrença de guerra, e com elles Micer Ambrosio, pera estarem em qual dos logares quizessem, e mais Pero Sanches, doutor em leis, que vinha por procurador, que se não vieram áquelle dia que era ordenado, que tal soffrença de guerra não valesse. E como alli foram, a primeira cousa que se fallou, por Micer Ambrosio, que andava entre elles, foi que se vissem uns com os outros, e dois cavalleiros com elles, e afóra estes, trouvessem cada uns cincoenta de cavallo com cotas e braçaes de sua parte.

O Conde, o dia que se haviam de vêr, cavalgou em um grande e formoso cavallo com cota e braçaes, e uma jaqueta preta e arnez de pernas de malha, sob umas botas, e um cutello na cinta solto, levando comsigo Gonçalo Annes de Abreu, e Pedro Annes Lobato e mais de cincoenta, entre cavalleiros e escudeiros, isso mesmo com cotas e braçaes, e espadas e adagas; e Martim Gonçalves, tio do Conde, ficava com as outras gentes em Olivença pera se ir pera elle, se tal cousa recrecesse; e aquella ribeira onde as fallas haviam de ser, partia se em duas partes n'aquelle logar, e em meio um ilhéo pe-

queno de boa e graciosa verdura, e alli foram juntos, na maneira que dissemos, todos oito; e os outros cincoenta cada uns da parte de seu reino affastados um pequeno espaço, avisados porém os do Conde que tivessem olho em elle, que se alguma cousa entre elles recrecesse, que acudissem logo alli; e abraçando-se o Conde e os outros senhores, des-ahi os cavalleiros uns com os outros, começaram de fallar n'aquello por que alli vieram, e departiram em ello por grande espaço, e acabadas suas fallas, tornou-se o Conde a Olivença, e mandou convidar a mór parte dos grandes que com o mestre e Rey Lopes estavam, e fez uma falla assaz honrosa e mui abastada, e tornou-se pera onde haviam de estar d'assocego.

CAPITULO CLXXX

Do que se começou de fallar perante estes alvidros

Pois trouvemos aqui estes juizes pera poer concordia entre os reis, razão nos parece dizer algum pouco do que se perante elles tratou, e que fim houve tamanho negocio, e esto mui breve, por não mostrar destemperada perlonga, onde assim foi que porque a todos bons juizes pertence sem affeição proceder nos feitos que hão de julgar, e por sua informação haver comprido conhecimento das querellas e direito que as partes que em elles compromettem têem, conveiu aos procuradores que alli eram, mostrar entre elles todo o direito que cada um rei contra seu adversario tinha; e fallando o Doutor

Pero Sanches por parte d'el-rei seu senhor das sem-razões que lhe foram feitas pelos portuguezes, começou tão longe seu razoado como os que prégam da Vera Cruz vão buscar á bocca de Adão aquelle pau de que foi feita, e elle por multiplicar aggravos fez alicerce á sua querella nas treguas que se fizeram em Monsão entre Portugal e Castella em vida d'el-rei Dom João, padre d'este rei D. Henrique, que entonce reinava, contando como el-rei de Portugal, estando n'aquellas treguas, tratara de casar sua filha bastarda que tinha, com o duque de Benavente, e o induzira que fizesse guerra a el-rei de Castella e se levantasse contra elle, quebrantando com esto as treguas, e não as querendo guardar, e assim outras razões de fraco fundamento, de que se logo leixou descahir, e veiu ter na tomada de Badalhouce, e alli lançou ancora e se amarrou o mais firme que poude, dizendo que durando aquellas treguas de quinze annos, el-rei mandara tomar Badalhouce e quizera filhar Albuquerque, contra a forma do trauto, se o fazer podera, e portanto elle fôra o quebrantador d'ellas, e el-rei de Castella justamente se movera a lhe fazer guerra, ca elle não fôra devidamente requerido sobre o soltar dos prisioneiros, e que pois especialmente era defeso que se não tomasse villa nem cidade, posto que se dissesse geralmente que se podia fazer tomada em bens, que se não entendia em taes bens que fosse cidade ou fortaleza, ca não era de presumir que el-rei de Castella obrigasse a cidade de Badalhouce que estava no fim do seu reino, e que as clausulas de penhora em seus bens e de seus subditos, se entendia em outros bens, e não cidade, villa ou castello, nem se podia fazer penhora pelas sentenças e sommas d'ellas, senão nos

bens dos subditos, segundo as palavras dos trautos, e outras tantas razões guarnecidas de direito a seu proposito estorcidas.

A' primeira das trez razões d'estas foi por parte d'el-rei respondido que o contrario se provaria tambem por frades que os andaram buscando, como por outros que fizeram fazer taes requerimentos e publicas escripturas, da denegação da justiça que segundo dito, e era abastante prova.

A' segunda: que pois que se nos trautos dispunha que se podesse fazer tomada nos bens do dito adversario, que em cidade ou villa cercada se entendia, ca d'outra guisa não se poderia fazer penhora em seus bens, se se não fizesse em villa ou outra fortaleza, porque os outros bens eram de seus donos, e não do principe da terra, salvo quanto é ao detendimento, ca el-rei de Castella não havia nenhuns bens de especial patrimonio, que se chamavam em direito bens de Cesar, e posto que os houvesse, seriam de maneira que se não poderia fazer em elles penhora senão de grande ventura, e onde nos trautos fazia menção que se não tomasse villa nem cidade, ou algum castello, entendia-se se o fosse mal e injustamente, mas bem e por penhora, tal cousa mandava o direito, e o trauto a não defendia.

A' terceira se respondeu assim:

Que mais daria el-rei de Castella licença de lhe fazer penhora em aquella cidade que estava no extremo dos reinos, que em outra que estivesse na metade d'elles, a qual se não poderia tomar sem ir a ella, com damno grande da terra em que estivesse, mórmente que os logares que estavam no cabo do reino podiam-se possuir, e prescrever por tal pessoa que tivesse publica auctoridade, assim como era el-rei

de Portugal demais, se os senhores, cujos eram taes logares, tiveram costume de fazer obrigações d'elles, e os penhorar, como já fizeram alguns reis de Castella.

Estas, e outras muitas razões, com direito allegadas, eram alli perante elles postas, por cada um querer mostrar que todo o que seu senhor fizera, fôra bem e justamente feito.

CAPITULO CLXXXI

Das razões que os procuradores mostraram, cada um por parte de seu senhor.

GASTANDO-SE o tempo em disputações que os procuradores dos reis a justificar suas causas formavam, era já esto no mez de março, e aquelle Micer Ambrosio, que dissémos, veiu alli a Olivença, e disse:

— «Que por quanto d'ambas as partes eram allegadas muitas razões, a cada um mostrar sua querella ser boa, e uma parte dizia que movera justa guerra, e a outra tambem que direitamente a fazia, e uns diziam que as treguas foram quebradas por a parte adversa, outros que as quebrantara seu adversario, que por estas duvidas e todas outras virem a boa egualdade, que leixassem as disputações que tarde ou nunca haveriam fim, e tomassem outro modo de razoar chão, sem mistura de mais direitos, posto que algumas cousas já por elles allegadas replicassem em seu fallamento; e sendo todos concor-

dados em esto, foram dadas por parte d'el-rei de Castella umas razões por seu procurador, cuja conclusão, em breve, era esta: que el-rei de Portugal era teúdo a lhe entregar logo a sua cidade de Badalhouce, tal e tão boa como estava quando não devidamente fôra tomada por seu mandado, com o que fôra achado e roubado em ella, que podia valer cem mil dobras castellãs, e o damno que se depois seguira aos visinhos d'ella por tal azo, que podia chegar a outra tanta somma, e mais que lhe entregasse os arrefens que recebera por conservação das treguas, e a cidade de Tuy, a qual contra direito tomara, com todos os males e roubos que n'ella e seu termo foram feitos, os quaes damnos estimava serem satisfeitos não menos de sessenta contos de maravedis, que trinta e cinco valessem uma dobra castellã, que era um conto setecentos e dezeseis mil dobras, os quaes contos el-rei de Castella havia despesos na guerra por azo de seu adversario; e os procuradores d'el-rei de Portugal, summariamente mostrando seu direito, apresentaram outras entonce, que foram estas: — que sendo el rei seguro de seu adversario por azo das treguas entre elles firmadas, que por sua parte foram induzidos cavalleiros e escudeiros, naturaes de Portugal, vassallos do dito senhor, que tinham castellos e logares da sua mão, de que lhe fizeram menagens Bragança e o Mogadouro, e Vinhaes, e os entregaram a seu adversario, indo-se pera elle e serviam com elle; e mais que elle lhe tomara Segura e Picôa, fazendo taes fidalgos guerra de taes logares que tinham, e vindo ao reino por vezes por si e em companhia d'outros, fazendo todo o mal e damno que podiam; isso mesmo sendo el-rei seguro e despercebido, tendo que a tregua lhe fosse guardada, que seu adver-

sario armara uma frota e a enviara ao reino de Portugal por desvairadas partes, as quaes gentes fizeram damno e perda, e quanto mal podiam, tomando-lhe naus e outros navios seus e de seus naturaes, e que porém pediam que em qualquer accordo que entre os reis fizessem, que lhe mandassem entregar seus logares, e emendar os damnos e perdas que elle e seus naturaes por tal azo haviam recebidos.

CAPITULO CLXXXII

D'outras razões dos juizes alvidros por trazerem os reis a boa concordia.

LEIXADAS taes razões de uma parte e da outra, por ser em gran perlonga que se escusar devia, o Conde e o bispo ordenaram outras por trazerem os reis a boa concordia, as quaes, fallando muito breve, foram estas:

Que a el-rei de Portugal fossem entregues as villas e castellos de seus reinos, que eram em poder de seu adversario e d'aquelles que se foram pera elle, e mais que lhe fosse satisfeito n'aquello que montava nas sentenças por os juizes dadas, e penas dos prisioneiros, e as despezas que se fizeram na guarda de Badalhouce, pois por penhora de taes cousas fôra filhada; e porquanto os portuguezes que se pera Castella foram, deram azo á guerra e dariam ao diante, posto que paz ou tregua entre os reis houvesse, que porende entendiam que por serviço de Deus e assocego de taes feitos, que era bem de serem postos fóra de

Castella, ca d'outra guisa, em quanto elles assim andassem, não viam razão como entre os reis podesse haver amisade nem fiança, honrando um os inimigos do outro, e que lhe entregassem livres e soltos todos os prisioneiros que foram presos na primeira guerra e em esta segunda, onde quer que fossem achados; e mais as duas naus que vinham de Genoa. E que el-rei de Portugal entregasse a el-rei de Castella a cidade de Badalhouce, pagando-lhe elle a quantia das sentenças e as penas dos prisioneiros, e o que se dispendera por guarda d'ella, e mais lhe entregasse a cidade de Tuy com os outros logares que do seu reino cobrara, e isso mesmo os prisioneiros que em seu reino fossem achados.

Outrosim que todos os damnos e despezas, e perdas e mascabos que se fizeram nas tomadas de quaesquer logares, assim de Badalhouce como dos outros, assim de um reino como do outro, que fossem quites de parte a parte; e que em feito dos arrefens que lhe parecia bem, pera segurança de taes feitos, como quer que da parte d'el-rei seu senhor fosse allegado que eram seus prisioneiros, que estivessem por arrefens assim como estavam, ou outros da condição d'elles, tambem de Portugal como de Castella, com as condições das treguas de quinze annos, em mão de um senhor em que ambas as partes consentissem, a aquelle tempo que entre elles fosse ordenado.

Similhavelmente o mestre de Santiago e Ruy Lopes d'Avalos fizeram outro escripto em que pozeram suas tenções ácerca d'estes negocios, por bem de concordia e paz entre os reis, leixando, segundo diziam, muito d'aquello que se por parte d'el-rei seu senhor podia pedir por bem de direito e boa justiça

por azo das treguas que quebrantaram, tomando a cidade de Badalhouce da guisa que fôra.

Primeiramente, que lhe tornasse el-rei de Portugal aquella cidade assim boa como estava quando a filharam, e todo o que fôra roubado em ella áquelle tempo, e mais os arrefens que em poder tinha; desahi a cidade de Tuy assim boa como estava quando a cobrara, com os bens dos que em ella moravam, que primeiro havia segurado, e todos os outros logares que n'aquella guerra havia filhados; outsosim que soltasse todos os prisioneiros que em Portugal eram presos. E que porquanto as despezas que el-rei de Castella havia feito eram muitas, e a todas el-rei de Portugal era teúdo, pero por bem de concordia que el-rei de Castella perdesse ametade, e a outra ametade lhe fosse pagada.

Isso mesmo Micer Ambrosio formou sua razão a de parte, que pois o mestre e Ruy Lopes já disseram suas intenções, que elle compromissario com elles queria dizer a sua, a qual foi esta:

Que era bem que se entregassem todos os logares que cada um rei tinha do reino do outro, tambem todos os prisioneiros que cada uma das partes tinha reteùdos, sem nenhuma rendição que por si pagassem, e que fossem quites de parte a parte damnos e perdas, e sommas e despezas de sentenças que dadas eram, e as penas dos prisioneiros, e que entregassem seus arrefens a el-rei de Castella, e os de Portugal fossem tambem livres e quites, e os portuguezes que se foram pera Castella não fossem lançados fóra, e ficassem em ella, que assim quedariam todas as cousas chãs e em bom assocego.

CAPITULO CLXXXIII

Das cousas que os castellãos mais emaderam além das primeiras por elles pedidas.

Vistas as intenções de todos, como aqui é conteudo, foi emadido da parte dos castellãos outras razões além d'estas formuladas d'aquesta guisa, dizendo que pois el-rei de Portugal requeria tregua, ou paz por sempre, que por se tirar de todo o debate e apagar toda a discordia, assim da rainha Dona Beatriz, filha d'el-rei Dom Fernando, sobre o direito dos reinos que pretendia d'haver, como d'outras cousas que se dizer podiam, que el-rei de Portugal casasse seu filho maior com ella, e que o casamento feito, que então aquelle seu filho se chamasse rei de Portugal e dos Algarves, e que em tal caso fossem dados á dita rainha logares taes em Portugal, quaes a rainha de tal reino pertencia pera governança de seu mantimento e estado, e que esta cousa era cumpridora e proveitosa pera o bem da paz: o primeiro por assentarem sua vida e estado de seu filho; a outra, porque ainda que seu filho fosse rei, elle mandaria todo no reino que quizesse, assim que no effeito e obra elle ficava rei; e de mais seu filho assentado na firmeza do reino, assim se cumpriria o desejo do padre de em sua vida vêr bem collocado o filho, o bem do qual é sua gloria. Outrosim, porque ao bem d'aquella paz era mui cumpridouro todo embargo e empacho ser fóra, por tal que Deus e o mundo visse que taes pazes se

faziam com boas e claras vontades. E que o infante Dom Diniz, filho d'el-rei Dom Pedro, que tinha tomado titulo de rei por direito que tinha em Portugal, que lhe fosse dado um ducado em elle, com terras e logares razoados, segundo cujo filho era; e porque se el-rei durasse em odio e rancor contra os portuguezes que andavam em Castella, e lhes tivesse o seu, não pareceria a Deus nem ao mundo que as pazes que se fizessem, eram chãs e de boa vontade. Portanto diziam que por bem, e grande firmeza de paz, que el-rei restituisse logo todos os bens moveis e de raiz aos portuguezes, assim a aquelles que se foram com a rainha Dona Beatriz, como a outros quaesquer que por outra occasião estivessem no reino de Castella, tornando-os a todas as honras e estados que nos tempos passados haviam, sem outra delonga nem preito, nem debate; e que os segurasse por firme seguranca, que lhe não tivesse odio nem rancor, nem lhes fosse feito nenhum desaguisado nem mal; e fazendo-se assim, que veriam todos claramente que elle chã e de boa vontade vinha ás pazes, sendo tal cousa grande conservação d'ellas, mostrando que as cousas passadas eram de todo postas em esquecimento, o que não pareceria, sendo de outra guisa, ca se as pazes, prazendo a Deus, se fizessem, olvidados quaesquer escandalos, todos de consum viveriam em irmandade.

E emadiam mais outra razão, que prazendo a Deus de se taes pazes fazerem, por d'ellas sahir algum bom fruito, e o serviço de Deus e a sua fé ser exalçada, e a má seita de Mafamede ser abaixada, que el-rei de Portugal fosse teúdo de ajudar a el-rei de Castella, na guerra que contra os mouros fizesse,

com dez galés por mar por trez annos ás suas proprias despezas, e que d'esto lhe devia aprazer muito, por tal cousa ser santa e muito cumpridoura pera satisfação das culpas em que havia cahido nas guerras passadas contra os christãos do reino de Castella.

O Conde e o bispo quando estas razões viram por Micer Ambrosio, que lh'as em escripto trouve, desprougue-lhe muito d'ellas, vendo que eram taes, porque os reis que em elles compromettera, nunca podiam vir a concordia de paz, e enviaram-lhe a dizer por elle que não entendiam sua intenção, e que quantas cousas foram emadidas além d'aquellas que primeiramente pedira o procurador d'el-rei seu senhor, eram taes e tão fóra de razão, que não haviam mister resposta.

Entonces ordenaram Ruy Lopes e Micer Ambrosio de se irem a casa d'el-rei, pera lhe fallar, muito contra vontade do Conde por não terem nada feito d'aquello por que alli foram juntos, andando já em nove mezes que em ello dispendiam tempo.

Entonce se veiu a Evora, onde el-re estava, que o viu, e sahiu a receber bem duas leguas, e de Evora se partiu el-rei pera Lisboa, e o Conde se foi a Almada, e não se fez mais sobre este negocio.

CAPITULO CLXXXIV

Como o Priol D. Alvaro Gonçalves se foi pera Castella, e foi dado o Priorado a Lourenço Esteves de Goes.

DURANDO a tregua dos nove mezes que em Olivença foi firmada pera o Conde e os outros senhores poerem paz entre os reis, segundo dissemos, acertou se em esta sazão de se ir pera Castella o Priol D. Alvaro Gonçalves, que ainda estava no reino depois da fugida do Castello de Coimbra; e porque el-rei havia promettido ao Condestabre de dar o Priorado a Lourenço Esteves de Goes, commendador de Santa Vera Cruz, que o havia bem servido em companhia do Conde, se o Priol o perdesse a direito, entonce poz em vontade de o dar a Fernão d'Alvares d'Almeida, aio de seus filhos, e mandou dizer primeiro ao Conde qual em esto era o seu desejo, por a promessa que lhe feito tinha.

O Conde viu o recado d'el-rei, e a pessoa pera que era foi um pouco cuidoso, e disse:

— «Que elle lhe tinha em mercê o recado que lhe enviara, e que em outro dia lhe enviaria a resposta por um de que se fiasse.» —

E assim o fez, ca mandou a elle Gil Ayres, seu escrivão da Puridade, por o qual lhe enviou dizer que dias havia que lh'o tinha outorgado pera Lourenço Esteves, em que elle bem cabia, por ser bom cavalleiro e o bem haver servido em sua companha;

e pois elle era Freire da Ordem, que o leixasse eleger aos Freires, que o não ousavam fazer por sua defesa, pedindo-lhe por mercê que lh'o não tirasse, pois lh'o tinha outorgado, e outras taes razões, a que el-rei respondeu d'esta guisa:

— «Verdade é que minha vontade era dar este Priorado a Fernão d'Alvares, por ser tal que o bem merece, des-ahi porque vós vêdes que em minha terra ha quatro dignidades deshonradas, a saber: — o Mestrado de Christus, e o de Santiago, e de Aviz e o Priol do Hospital, que são assim como quatro columnas que sustêm a honra de meu reino, e que todos os grandes de fóra da terra, quando veem, esguardam seus estados e nobrezas; e porém me parecia a mim que os que taes estados houvessem d'haver por meu serviço e honra do reino, deviam de ser pessoas notaveis e de grande auctoridade, e esto me similha que cabe mais em Fernão d'Alvares, que em Lourenço Esteves.» —

E esta razão dizia el-rei, porque Lourenço Esteves era mui pequeno de corpo, e não vistoso.

— «Mas segundo parece, disse elle, o Conde não o entende assim, e devia de ser pelo contrario em esto e outros cousas, ca devia mais de pesar os meus feitos que os seus, porque se os meus fossem esguarrados, outrem os não podia correger senão Deus, e os seus eu os podia correger.» —

Sobre esto passaram tantas razões, que el-rei consentiu mandar suas cartas aos cavalleiros da Ordem, que elegessem em Priol quem segundo sua regra, e serviço de Deus, fosse mais proveitoso á Ordem; e foi elegido D. Lourenço Esteves, e foi entregue do Priorado e das fortalezas d'elle.

Em esto viera-se o Conde a Porto de Moz, por

espaçar ahi alguns dias, e el-rei, que estava já em Santarem, escreveu ao Conde que bem sabia como a tregua dos nove mezes que em Olivença fôra firmada, era já acerca de sahida, e que elle esperando que a el-rei de Castella prouguesse de se alongar por mais tempo, que Micer Ambrosio viera a elle, e que segundo o recado que lhe trouvera, a el-rei de Castella não prazia que se espaçasse mais tal soffrença de guerra, e que porém elle ficava com elle na desavença em que ante eram postos, e portanto lhe mandava que se fosse logo a Santarem pera haver com elle conselho da maneira que havia de ter na guerra.

CAPITULO CLXXXV

Como el-rei foi sobre Alcantara, e se levantou do cerco d'ella.

O Conde em Santarem, teve el-rei conselho pera ir sobre Alcantara e mandou lhe que se fosse entre Tejo e Odiana, e juntasse as gentes d'aquella comarca e do reino do Algarve pera ir com elle áquelle logar.

O Conde foi a Evora, como lhe el rei mandou, e des-ahi se foi caminho de Alcantara, e juntou-se com el-rei, que partira de Santarem por outro caminho por beira do Tejo acima, passando por uma ponte de barcos que mandara fazer forte mui bem feita, e este ajuntamento foi em uma ribeira áquem do Crato, que chamam a Cafardela, e d'aquelle logar

foram assim sempre o Condestabre na vanguarda, e el-rei na reguarda, com os Mestres de Christus e de Santiago, e outros senbores e fidalgos com muitas gentes, que apodavam a quatro mil lanças, e grande numero de peões e besteiros, e com esto muita carriagem d'engenhos e escalas, e mantimentos; e passou pelo Crato, e des-ahi ás Meadas, e por Valença, e um sabbado se foi lançar sobre Alcantara, e era esto no mez de maio de 439. el-rei tinha mandado que lhe viesse a ponte das barcas por que passara, pera ter um arraial d'além do Tejo que vae per uma parte do logar, e outro d'aquem pera ser todo cercado.

O arraial assentado d'aquella parte, mandou assentar seus engenhos, e tirar á villa, attendendo cada dia por a ponte, de que muito lhe pesava por não vir, e emquanto concertavam a escala e passavam alguns dias, teve el-rei conselho quem mandaria á forragem, por a fama das muitas gentes que n'aquella comarca se dizia que andavam, por azo do cerco a que acudiam.

João Affonso de Santarem, que era do conselho, como el-rei aquello propoz, fallou logo contra elle e disse:

— «Senhor, pera que é dizer e cuidar quem mandareis á forragem por esto que se diz; vá lá o Condestabre que aqui está, que já o conhecem os castellãos.» —

O Conde vendo quanto era serviço d'el-rei, porque os mantimentos começavam de minguar, outorgou que lhe prazia, e el-rei lh'o encommendou.

E uma segunda-feira partiu com certas gentes, entre as quaes ia com elle Martim Affonso de Mello, que entonce tinha Badalhonce, e passou por Cace-

res e des-ahi a Montanches, e foram d'aquella vez dezeseis leguas por Castella além de Alcantara, onde el-rei ficava, e indo o Conde assim seu caminho, mandava alguns corredores diante que corressem a terra, e trazia muitos prisioneiros e gados, porque não cuidavam os castellãos que seus inimigos tão longe entrassem, e chegou a uma ribeira que chamam Boteia, que era comarca abundosa e bem pobrada, e d'aqui mandou correr ao longe por duas partes; a uma mandou Lourenço Esteves, que já nomeámos, com certas gentes, e á outra mandou Martim Affonso de Mello, e elle ficou n'aquella ribeira com seu arraial; e havendo dois dias que ambos partiram, sendo o Conde á mesa que começava de comer, chegaram-lhe novas que D. Lourenço Esteves vinha com grande roubo, e que sahira a elle João de Velasco, que ahi acerca da comarca estava, com 400 lanças pera pelejar com elle.

O Conde se levantou á pressa da mesa, e mandou dar ás trombetas, e logo foram juntos todos do arraial á sua tenda, e ahi mandou os que ficasssm, e com os outros sem mais tardança partiu com sua bandeira diante tendida, e uma legua e meia d'alli, o achou vir com grande roubo de gados e prisioneiros, e soube que João de Velasco não viera a elle, mas mandara certos de cavallo que viessem vêr como vinha.

Entonce se tornou o Conde e D. Lourenço Esteves com elle, á ribeira onde o arraial estava.

Martim Affonso, que fôra por outra parte, bem cinco leguas de onde ficara o Conde, encontrou com o commendador mór de Leão, que se vinha lançar em Caceres com cento e cincoenta lanças, e pelejou com elle e desbaratou-o, e prendeu no encalço trin-

ta e oito, entre cavalleiros e escudeiros, e mais trouxe grande roubo de gados e outros prisioneiros. E o Conde que chegava com D. Lourenço, como dissemos, e Martim Affonso, que chegou em outro dia, partiu o Conde d'aquella ribeira caminho de Alcantara, e andou tanto que chegou ás Brocas, cinco leguas áquem d'ella; e sendo comendo lhe veiu um recado d'el-rei por Rodrigo Affonso de Mello, que se fosse á pressa, porquanto d'além do rio chegaram pera se lançar em Alcantara o Priol D. Alvaro Gonçalves que se fôra pera Castella, e Martim Vasques da Cunha e os outros portuguezes que lá andavam, e Ruy Lopes d'Avalos com elles, com gentes que diziam que eram duas mil e quinhentas lanças.

O Conde partiu trigosamente, e chegou aquelle dia á tarde a Alcantara com muitos gados e prisioneiros, e d'outros mantimentos assaz, com que os do arraial folgaram, que o bem haviam mister.

A ponte que el-rei esperava nunca veiu, e posto que entonce viera, já não podia prestar, e os castellãos entravam na villa cada vez que queriam, que não era cousa que se embargar podesse.

El-rei não embargando quizera jazer sobre ella até que a filhasse, cuidando de a destruir com os engenhos, posto que muita gente tivesse, e sem duvida a filhara, se a ponte viera a tempo que elle mandou.

Mas quando entonce foi aconselhado que não aprofiasse mais no cerco, ca inda que lhe derribasse o muro e quantas torres tinha, que não acabaria seu desejo, por a muita gente que dentro estava, El-rei vêndo esto, mandou alevantar o arraial, e veiu-se pera seu reino, e d'elles mandou pera suas casas, e outros pera as frontarias.

CAPITULO CLXXXVI

Dos embaixadores que foram a Castella pera tratar a paz, e não se avieram.

Os feitos da guerra estando em estes termos, foi movido que se tratasse entre os reis tregua e paz por sempre, e foram enviados a Castella por embaixadores os honrados D João, arcebispo que depois foi cardeal, e João Vasques d'Almada, cidadão de Lisboa, mui honrado cavalleiro, e Martim Docem, doutor em leis.

Estes mandou el-sei bem corregidos como cumpria, e sessenta em cavalgaduras com elles, os quaes chegaram a Segovia uma quarta feira, primeiro de junho, e depois de comer foram vêr el-rei e lhe fallar, propoendo a razão de sua ida como era por se tratar de tregua ou paz entre elle e el-rei seu senhor.

E el-rei se apartou com os de seu conselho, e respondeu por um cardeal de Avinhão, que ahi era, que se chamava Cardeal de Hespanha, que da paz lhe aprazia mais se fallasse que na tregua, e leixada grande proluxidade de razões que se por dias de uma parte e da outra se propoz, respondeu estas seguintes, se as lêrdes quizerdes, que foram as principaes que os castellãos deram em escripto, dizendo:

«Que por o quebramento da tregua dos quinze annos, e por as perdas e injurias que recebidas haviam, que el-rei de Portugal por bem de concordia e assocego, desse a el-rei de Castella vinte contos

de antiga moeda de Portugal, que eram seiscentos mil francos d'ouro, e quarenta mil dobras em cada um anno em vida d'el-rei seu senhor e da infanta D. Maria sua filha, e mais que lhe desse dez galés por mar cada anno, armadas seis mezes á sua custa, e mil homens d'armas por terra por essa guisa pagados, esto em vida dos reis ambos, e que se el-rei de Castella houvesse d'haver batalha com os mouros, que el-rei de Portugal fosse em ella por sua pessoa presente.

Outrosim que perdoasse e recebesse em seu reino todos os portuguezes que andavam em Castella dês o tempo que a rainha D. Beatriz casara, e lhe entregasse todos seus bens que em Portugal haviam; e isso mesmo entregasse Badalhouce, e os logares todos que elle e os seus haviam tomados, e mais os arrefens que de Castella tinha; e além d'esto emadiam mais, dizendo:

Que el-rei seu senhor tinha direito nos reinos de Portugal, não por parte da rainha D. Beatriz nem do infante D. Diniz, pois que herdar não podiam, mas porquanto elle era o mais chegado parente d'el-rei D. Fernando, sendo el-rei seu padre primo com irmão d'elle, e que por elle leixar este direito e as injurias que elle e seu padre haviam recebidas, lhe deviam ser feitas as taes ajudas e satisfação de dinheiros, trazendo a seu proposito o que fôra dado ao duque de Alencastro e a sua mulher».

A esto foi respondido que taes razões não eram de mover, nem era aquelle caminho pera virem á paz, ca o que entonce fôra feito ao duque tinha fundamento razoado, porquanto elle pretendia haver sua mulher direito em Castella, por ser filha lidima d'elrei D. Pedro, chamando-se elle rei e ella rainha

'aquelles reinos; assim que o caso não era similha-
el, nem entendiam mais de fallar sobre tão desar-
asoadas cousas.

E os castellãos responderam que se elles não de-
endessem a alguma d'aquellas cousas, em razão dos
ontos da moeda e das dobras, e ajudas que pediam,
ue se não accordariam com elles em feito de paz,
a lhe seria grão vergonha fazerem-n'a d'outra gui-
a, sem emenda d'alguma cousa, e posto que a res-
osta d'esto fosse que a paz era a elles assaz de hon-
osa por el-rei de Portugal haver de receber todos
s portuguezes que em Castella andavam, que lhe
ra grande encarrego e empacho, e lhes tornar suas
erras e bens, e compral-as áquelles que as tinham,
es-ahi entregar-lhe seus arrefens, e quitar-lhe a som-
na das dobras que montava nos prisioneisos e sen-
enças, e entregar-lhe melhores logares que os que
lles haviam de entregar, e sobre todo enviar-lhe a
equerer a paz a sua casa por tão honradas pessoas;
outras razões a esto pertencentes finalmente foram
esacordados, e não fallaram mais em feito de paz.

CAPITULO CLXXXVII

Do conselho que el-rei de Portugal pediu pera fazer a paz, e do que lhe foi respondido.

LEIXADA a paz, fallaram em tregua, na qual ra-
zoando por dias e não se podendo em ella
concordar, conveiu partir um dos embaixado-
es por notificar a el-rei seu senhor todas as cousas

até alli passadas, posto que lh'as por escripto já fizes
sem saber, e as que novamente entonce apontavam
e partiu pera Portugal o Doutor Martim Docem, se
gundo el-rei de Castella consentira, e dizendo a el
rei todo o que sobre este negocio alá viera, mando
el-rei chamar fidalgos e conselhos de seu reino, e fo
ram juntos na villa de Santarem, onde elle entonc
estava, e deu aos senhores, cavalleiros e escudeiro
um escripto das cousas que os castellãos pediam
e outros aos concelhos pera responderem o que so
bre tal feito devia fazer; e visto por todos, a respos
ta dos fidalgos foi esta:

Que entregassem villas por villas, e prisioneiro
por prisioneiros, e mais que lhe dessem os arrefens
e na parte do perdão dos portuguezes, pois que
paz d'outra guisa dar não queriam, que lhes per
doasse a todos, e lhe antregasse os bens patrimo
niaes que haviam de sua herança, e não dos qu
pertenciam á corôa do reino, comprando taes ben
a aquelles que os tinham por boa e justa estimação
e que em effeito das dobras das sentenças, a pen
dos prisioneiros e dos outros damnos e perdas, qu
se descontasse uma cousa por outra, e se algun
mais devesse, que não fosse teúdo de o pagar, ma
que ficasse tudo quite de parte a parte; mas que em
razão da emenda dos vinte contos que pediam, e d
ajuda das galés e das mil lanças, que taes cousa
não eram pera ouvir, nem sómente fallar em ellas
e que com taes condições como estas, que guardas
sem sua paz; e que na parte da tregua por oito o
dez annos, em que pediam que se entregassem vi
las por villas, e prisioneiros por prisioneiros, e mai
que lhe dessem os arrefens, esguardadas muitas cou
sas, que não cumpre de escrever, e como os arre

fens lhe eram pouco proveitosos, accordaram que lh'os dessem.

Os concelhos isso mesmo deram outra acerca tal como esta, dizendo:

Que entregassem logares por logares dos que eram tomados, ou que tinham alguns portuguezes que se com elles alçaram, e soltassem todos os prisioneiros de uma parte e d'outra sem nenhuma remissão, e quem alguma cousa d'ella já tivesse pagada, que a perdesse; e sobre o perdoar aos portuguezes lhe parecia que os que se foram no tempo da rainha D. Beatriz, a quem el rei perdoava por vezes, e lhe entregava seus bens e terras, e não quizeram tornar, que a taes como estes, que foram em culpa de seu mal, que não devia de ser perdoado, salvo se se por elles tornasse á paz. Mas que tal como Martim Vasques, e João Fernandes, e o Priol e os outros que diziam que por aggravos que d'elle recebiam, se foram de seu reino, que a estes perdoasse e entregasse seus bens e terras, vistos os bons serviços que feitos haviam, que deviam mais pezar que sua partida; e mais que lhe entregasse seus arrefens, posto que n'elles direito houvesse, e quitasse as dobras das penas das sentenças, e quaesquer outras dividas, de guisa que todo ficasse livre, sem nenhuma obrigação de parte a parte. Nas condições dos vinte contos e dez galés, e as mil lanças, que esto elle não devia fazer, porque era mais guerra que paz, ca Deus lhe dera os reinos de Portugal por aprazimento do povo, livres e sem sujeição, pera os livrar e defender de toda prema e encargo, e que elle não devia leixar seue subditos, e taes filhos como tinha, assim sujeitos a Castella com taes obrigações; e se a ajuda houvesse de haver, fosse d'a-

quella maneira e necessidade em que a el-rei D
Affonso, seu avô, dera a el-rei de Castella, quand
o fôra ajudar contra mouros, de que tirara gra
fama e honra, e d'outra guisa não.

CAPITULO CLXXXVIII

*Como foi feita tregua por dez annos, e com que con
dições.*

TORNANDO o Doutor a Castella pera fallar em effeito de tregua, segundo o recado que d'e rei levava, e leixando o longo razoado qu d'ambas as partes sobre esto houve, e as condiçõe odiosas de que se os castellãos de todo desceram finalmente foram concordados em tregua de dez an nos, com certos capitulos em ella postos, dos quae brevemente diremos estes:

Que el-rei e seus herdeiros não fariam guerra po parte da rainha D. Beatriz, nem d'aquelle infant que se chamava rei, nem consentiria a elles que fizessem com gentes d'outra nação, nem sua, e quan do a fazer quizessem, que elle seria em desfaziment de tal com todo seu poder.

Outrosim que se entregassem de um reino a ou tro todos os logares que foram filhados por qualque guisa que fosse. De Portugal a Castella, Badalhou ce e Tuy, Salvaterra e São Martinho; e de Castell a Portugal: Bragança, Vinhaes e o castello de P conha, Miranda, Penamacôr, Pena Garcia, Segura

Noudar, as quaes entregas haviam de ser d'esta guisa:

Que a certos dias depois da publicação d'esta trégua, fossem postos por arrefens em poder do Condestabre, ou quem seu poder tivesse, na Ribeira, entre Villa Nova e Olivença, D. Alvaro Pires de Gusmão, Justiça mór de Sevilha, e o marechal Diogo Fernandes, Alcaide mór de Cordova, e Gomes Soares, filho maior lidimo de D. Lourenço Soares, Mestre de Santiago, e que do dia que lhe fossem entregues, até vinte primeiros seguintes, que el-rei de Portugal entregasse a cidade de Badalhouce ao dito Mestre de Santiago, livre e desembargadamente, e Badalhouce entregue até dois mezes, el-rei de Castella entregasse Bragança e Vinhaes, Piconha e Noudar, tirando os bastimentos e artificios de guerra que em elles estivessem postos por aquelles que os em poder tinham, e todas suas cousas; e que d'aquelle dia que estes quatro logares fossem entregues, a vinte e cinco dias, o Condestabre tornasse a entregar os trez arrefens, que lhe foram dados n'aquelle logar onde os recebera; e entregados taes arrefens, que d'aquelle dia até um mez, el rei de Portugal fosse teudo d'entregar a aquelle Mestre de Santiago outros de seu reino, que fossem estes: João Mendes de Vasconcellos, irmão de D. Mem Rodrigues, Mestre de Santiago de Portugal, e Gonçalo Pereira, filho maior de João Rodrigues Pereira, e Vasco Fernandes, fiino maior legitimo de Gonçalo Vasques Coutinho, marechal de Portugal, n'aquelle mesmo logar onde os outros foram entregues, e do dia que fossem entregues até quarenta seguintes, fosse el-rei de Portugal entregue de Miranda e Penamacôr, e Pena Garcia e Segura, e do dia que es-

tes logares se entregassem até um mez, fosse entregue Tuy, Salvaterra e São Martinho.

E feitas taes entregas, tornassem os portuguezes de onde foram levados por arrefens, em este mesmo dia e logar fossem entregues Inhigo de Mendonça, e Gonçalo d'Estunhiga, e todos os outros que vivos eram, que foram postos da parte de Castella por arrefens das treguas de quinze annos.

Que como taes entregas fossem feitas, que logo fossem soltos todos os prisioneiros de um reino ao outro, segundo entre elles foi divisado.

E porquanto el-rei de Castella disse que lhe prazia depois das entregas até seis mezes seguintes fallar-se no feito da paz, e elle por entonce não podia determinar por quaes pessoas, nem em que logar deviam de ser taes fallas, que quando elle enviasse a Portugal tomar os juramentos que os do reino haviam de fazer, que entonce notificasse a el-rei por quaes pessoas lhe prazia se tratasse paz, e esto na postrimeira semana dos ditos seis mezes; e d'esta guisa cessou entonce a guerra que entre Portugal e Castella havia.

CAPITULO CLXXXIX

Como a rainha D. Catharina conselhava seu marido que houvesse paz em Portugal.

Cessada a guerra da guisa que dizemos, ficava por fallar na paz depois da dada dos logares e entrega dos arrefens passados aquelles seis mezes, segundo no trauto era conteúdo, e havia

de ser tal fallamento entre Elvas e Badalhouce, em quanto aos ditos reis proguesse, e de consentimento d'ambos.

Por certas razões que sobrevieram, foi este espaço alongado, de guisa que se houve de começar a cabo de quatro annos, por Paschoa de Ressurreição de mil quatrocentos e quarenta e cinco, entre São Felices e Castel Rodrigo; mas esto foi já em tempo d'el-rei D João, filho d'aquelle rei D. Anrique que fez aquellas treguas, que no capitulo antes d'este havemos recontadas.

E pois do tratar das pazes que se seguiram, havemos de fallar, e vós d'isto sêrdes em bom conhecimento, sêde nembrados que onde contámos as avenças feitas entre o duque de Alencastro e el-rei de Castella, o que perdeu a batalha, foi feito casamento do infante D. Anrique, seu primogenito filho, em edade de nove annos com D. Catalina, filha d'aquelle duque, irmã de D. Felippa, que só ficava rainha de Portugal; e morto aquelle rei D. João da queda do cavallo, ficou este seu filho D Anrique, que depois reinou depós elle de tão poucos annos, que não era pera lhe darem sua mulher; e depois que foi crescido, sendo de dezeseis, entonce ordenaram de os ajuntar ambos, havendo ella vinte e sete, e sendo elle de tão nova edade, cujos annos muito pareciam contradizer ao bem commum e regimento do povo, por graça do mui alto Deus que lhe prougue de em elle poer, foi assim acompanhado de taes costumes e bondades, especialmente da mui clara entre todas as virtudes, chamada por nome justiça, que seus prudentes e bem ordenados feitos assaz eram dignos de notavel relembrança, ca elle re-

gia sua terra muito mais cumpridamente que nenhum rei que ante elle houvesse.

Este rei D. Anrique houve d'esta sua mulher um filho e duas filhas; ao filho chamaram D. João, que reinou depois de seu padre, e uma das filhas houve nome D. Beatriz, e a mais pequena D. Catharina, como sua madre.

Esta rainha D. Catharina, sendo seu marido vivo, trabalhava muito com elle que houvesse paz e amisade com D. João, rei de Portugal, casado com sua irmã, fazendo-lhe palavras dos grandes dividos que todos de consum haviam, e todas as boas razões que a seu proposito acarretar podia, por que a esto o demover podesse.

El-rei era homem sisudo e temia a Deus, e vendo sua boa intenção, outorgava que bem lhe prazia, se elle tal guerra podia leixar, não lhe sendo vergonha e prasmo; mas que se elle n'ella tinha direito, e lhe fosse contado por mingua, que o não leixaria de fazer por quantos dividos ahi haver podesse; e que cobrando tal terra, entonce ficava a elle podel-a leixar com sua honra, dando-a em casamento a seu filho com sua filha, ou a sua filha com o seu filho.

— «Mas se é cousa, dizia elle, que a mim não pertença, nem á corôa de Castella, seja vilta, eu a leixarei de grado, posto que dividos ahi não houvesse, porque não o sinto por minha prol, nem honra.» —

A rainha dizia que não era a elle mingua alguma, ca elle, nem seu padre, não faziam tal guerra, salvo por parte da rainha D. Beatriz, e que ella ouvira dizer a lettrados que seu padre se houvera tão mal, ácerca dos trautos, que sobre tal successão fo am

feitos, que seu direito era mui duvidoso, e que portanto era bem haver paz.

El-rei disse que tal tenção tinha, e que por esto fizera tregua de dez annos, na qual era posto que como as treguas fossem feitas, que logo se fallasse na paz, e que elle mandaria chamar os fidalgos e concelhos de sua terra, e fazendo com elles côrtes, alli se veria esta cousa bem e direitamente.

CAPITULO CXC

Como se juntaram os trautadores de Castella e Portugal pera fallarem no trauto da paz.

Tendo este nobre rei vontade de fazer tal ajuntamento por se determinar em elle esto que razoado temos, sendo elle doente já dias havia, sobreveiu a morte, que o tirou de tal proposito, e ficou seu filho, o infante D. João, que ora de presente reina, muito pequeno de dias; e a madre o reteve em seu poder que o não creasse outrem senão ella, segundo a forma do testamento e accordo que sobr'ello foi feito, e regiam por elle o reino esta rainha D. Catharina e o infante D. Fernando seu tio, irmão d'aquelle rei D. Anrique, como seus tutores e curadores, que eram.

E tendo este infante e esta rainha cuidado de todos, como estava em razão, e vendo como era obrigado as cousas que seu padre promettido tinha, entre as quaes uma era que se fallasse na paz, tanto que as treguas e entregas fossem feitas, por cumprirem

com 2½ mezes

aquella promessa, fizeram saber a el-rei de Portugal o tempo e logares onde se esta falla fizesse, e accordaram que fosse feita entre São Felices e Castel Rodrigo, na raia d'entr'ambos os reinos; e alli veiu da parte de Castella, D. João, bispo de Segonça, e D. Pedro Viegas, alcaide mór de Cordova, e um doutor chamado Pedro Sanches; e de Portugal foram D. João, arcebispo de Lisboa, e Martim Affonso de Mello e um doutor nomeado Gil Martins; e porque dês que as treguas foram apregoadas até este dia, correram quatro annos e mais, e depois tamanho espaço, que havia já nove cumpridos quando a paz foi acertada, pode imaginar qualquer sisudo que detenças foram estas, ou que cousas de tamanha tardada, e sabei que o fez duas cousas: a primeira a doença d'el-rei D. Anrique, e a morte que lhe sobreveiu, por cujo azo nasceram taes duvidas e alvoroços no reiro de Castella sobre a creação e guarda d'el-rei, como sobre outras cousas, e que el-rei de Portugal foi movido de todo ponto, se alguma cousa se começasse contra honra e estado da Rainha e de seu filho, de poer em ello mão, até ir por seu corpo a Castella, quando mister fôra, por o divido que com ambos havia. Assim lh'o fez saber por sua carta, e prougue a Deus que amançou tudo.

A segunda, e mór detença foi depois que começaram a fallar na paz, as cousas desarrazoadas, que moviam a el-rei que lhes outorgasse; e por não ficar esso em aberto, e saberdes que era esto que lhe demandavam, leixando prolixidade de tantas razões como d'esta vez e d'outras, d'ambas as partes foram despesas, e do effeito de tudo summariamente convem ordenar dois breves capitulos: o primeiro, que

requeriam seus embaixadores, e que lhe era respondido; o segundo, que recados mandava depois a rainha sobre esto, e que resposta lhe levavam; e entonce quaes foram a Castella pera tratar essa paz, e como se accordaram, e foi depois a grandes passadas rectificada e cessou a guerra de todo.

Ora, seguindo esto que dizemos, depois da Paschoa e da festa da Ascenção, ordenaram de fallar na raia, a par de Escarigo, e mandaram-se senhos escudeiros, que fossem divisar onde fosse pertencente pera tal falla, e acharam uma formosa nogueira de grande altura e formosa sombra, bem azada pera aquello, e não quizeram que alli fallassem, por ser da parte de Portugal.

Entonce foram mais acima, onde era um lizirão pequeno cercado d'agua que corria, e alli accordaram de se fazer, e que todos seis entrassem em elle e os escudeiros que traziam, além cada uns da parte de seu reino.

Em uma segunda-feira cavalgaram os castellãos, chegando primeiro áquelle logar, e vinham todos de mulas; os portuguezes chegaram logo acerca, sendo mais que elles, ca eram sessenta de cavallo com suas espadas cintas, sem outras armas nenhumas; e como os outros viram que os portuguezes eram tão perto do rio, como elles, moveram todos pera fundo, de guisa que entraram de sum na agua, e des-ahi no lizirão, ficando os escudeiros fóra, cada uns de sua parte.

Entonce fizeram suas reverencias uns aos outros, tirando uns sombreiros, e beijando-os nas faces. Os portuguezes quizeram fallar a pé, e elles disseram que bem fallariam de bestas; e juntos d'esta guisa, estando um pouco callados, disse o bispo ao arce-

bispo primeiro, dizendo que fallasse, e elle respondeu que dissesse elle, e assim se refertaram tantas vezes quem havia de começar, que fallou o arcebispo primeiro, dizendo que bem sabiam o accordo que ficara nas treguas feitas de dez annos, que logo a cabo de seis mezes, como publicadas fossem e as entregas feitas, se fallasse no trauto da paz; e que aquelle termo fôra muitas vezes espaçado a requerimento seu d'elles, e que ora eram alli vindos pera aquelle mesmo, e pois para aquello eram juntos, que lhe parecia que era bem de ter em ello tal maneira, por que a paz com ajuda de Deus fosse entre elles firmada com todo o bom amorio, dizendo assaz de razões porque se devia de fazer; e esto largamente e bem ordenado, acabado seu fallar, o bispo tirou o sombreiro, dizendo que era verdade, emadendo outras tão boas por latim, e por linguagem, allegando Cassiodoro e outros Doutores da Igreja, do bem que se seguia da paz, cujos ditos lettradamente a seu proposito excitava, e concluindo todo, veiu a dizer que pois esta paz pelos portuguezes já outra vez fôra pedida, e ora isso mesmo a demandavam, que prestes eram de a tratar, mas porque el-rei de Portugal devia fazer algumas emendas a el-rei de Castella por cousas que foram não devidamente feitas nas guerras atraz passadas, que cumpria de se fallar em ellas, por todas as cousas que tratadas fossem serem postas em boa igualança, que em estas cumpria primeiro de departir, e fallaram logo em ellas quanto lhe aprougue, dizendo que mais largamente lh'as enviariam depois por escripto.

Os de Portugal disseram que taes cousas não eram pera ementar por palavra, nem escripto, nem as reduzir em memoria, salvo fallar em bem de casamen-

tos dos de uma parte com outra, e nos bons divididos que haviam, e similhantes cousas todas inductivas de paz, e leixar as chagas soldadas, que por taes razões tornariam a deitar sangue; e elles disseram que não podia ser d'outra guisa, por bem e concordia d'ambas as partes por vêrem mais certo que taes eram; des-ahi espediram-se uns dos outros, e foram-se.

CAPITULO CXCI

Das razões que entre os trautadores foram falladas, e como se não concordaram.

Partidos os embaixadores pera onde pousavam, mandaram um escripto aos de Portugal, que começava d'esta guisa:

«Porque justo e razoado parece por tirar de raiz as discordias, e matar os riscos das cousas passadas, que todos os homens, especialmente os reis, que tratar querem de se ligar por amor, e que as discordias e guerra que entre elles são, e podem ser, sejam tiradas de todo, e venham á paz limpa e de boa vontade, que os trautos de suas avenças sejam taes e assim direitos, que a parte que com razão pede emenda e corregimento, seja razoavel e devidamente satisfeita n'aquello que justamente demanda e pede, e assim consirando as cousas passadas que entre Portugal e Castella até aqui foram, e serão adiante, e nós pela graça de Deus somos aqui vindos pera tratar, se a ella aprouguer, perpetua paz, por não

virem outras, cumpre que seja assim ordenada, qu
todas as cousas por boa e razoada igualança feita
liguem os senhores que as fazer mandam, em bo
amorio e paz de vontade, e porém nós os embaix
dores de nosso senhor el-rei de Castella, leixand
muitas cousas das que por sua parte, justa e razo
damente demandar podiamos, e da outra ser outo
gadas, porque as vontades d'el-rei nosso senhor,
da rainha sua madre e do infante D. Fernand
seus tutores e regedores de seus reinos, que nos
nós cá mandaram, são em tal feito claras e boas
esta parte, respondendo ao trauto da paz sobre qu
é começado de fallar, dizemos de presente que per
ser firme, e qual deve entre el-rei nosso senhor e se
adversario de Portugal, que elle é teudo de outo
gar e fazer estas cousas que se seguem:

Primeiramente que porque taes principes, depoi
das pazes feitas, não podiam estar sem grandes fa
digas e inquietações, e aquelles a que nas guerra
passadas foram tomados bens de raiz, e villas, e lo
gares, e quaesquer outros que lhe não fossem toma
dos, que as pessoas que os de Portugal em Cas
tella haviam, ou de Castella em Portugal, do temp
d'el-rei D. João de Castella, e d'el-rei D. Fernand
de Portugal até entonce, que todo lhe fosse cumpri
damente tornado, segundo os que primeirament
possuiam.

E que porquanto as boas obras ligeiramente ven
ciam os corações, e os traziam a grande amizade
que el-rei de Portugal por serviço de Deus e exalta
mento de sua fé, ajudasse el-rei de Castella, quand
houvesse guerra com os mouros, por mar com de
galés, seis mezes á sua custa, ou por terra com seis

centas lanças e dois mil homens de pé, por essa mesma guisa.

Outrosim, que todas as despezas que el-rei de Castella, que veiu á batalha, avô d'este D. João que reinava, fizera na guerra em sua vida, e quanto gastara em manter os logares que por elle tomaram voz, e isso mesmo o que dispendera na guerra que se por a tomada de Badalhouce começara, em vida d'el-rei D. Anrique, as qaaes chegariam a grão somma de contos da moeda de Castella, que todo el-rei de Portugal era teùdo de pagar. Mas que por bem da concordia e amizade, que se queriam atrever a tanto abatimento do que pedir podiam, que não fosse el-rei teùdo a mais pagar que sessenta contos de moeda velha de Castella, que eram um milhão e setecentos e dezeseis mil dobras, contando trinta e cinco maradevis por dobra; não sendo esto a decima parte do que montava no que obrigado era.

Os de Portugal vendo esto e outras mais cousas que em seu escripto pediam, por outro que lhe enviaram, responderam d'esta guisa:

Que quem taes cousas como aquellas entre reis que tão bons dividos haviam, iam espertar a poer em capitulo, que pouca vontade nem zêlo havia de os concordar e poer em paz. Porque se el-rei de Portugal quizesse demandar e requerer similhantes, e muito móres cousas, bem o podia fazer por direito, mas que por honra d'ambas as partes era melhor cessarem de todo, que se haver de fallar em ellas.

Porém se seu senhor era tão piedoso e de tão boa consciencia, que taes pessoas de um reino a outro todas queria que fossem satisfeitas, que bem lhe prazia vêr em escripto quaes eram, e de que estados, e elles dariam outro dos bens que pedir podiam.

E quanto era da ajuda que pediam que el-rei de Portugal houvesse de fazer, disseram que mal parecia tal requerimento em quanto se por palavra e escriptos chamassem adversarios um ao outro; mas depois que as outras cousas fossem concordadas, e postas d'assocego como cumpria, que entonce era pera fallar e requerer qualquer ajuda, e d'outra guisa não.

Aos damnificamentos e despezas que foram feitas nas guerras passadas, e todas as cousas que n'aquelle capitulo pediam, lhe foi respondido:

Que tantas e muitas mais era seu senhor teudo e obrigado a pagar, quando lh'as por direito demandar quizessem, como se bem mostrar podia, mas que por serviço de Deus e bem de paz, e honra de um reino e d'outro, não cumpria fallar em taes cousas, mas serem affastadas, e todas quites de uma parte a outra, pero se isto não quizesse, salvo ir por tal feito em diante, que lhe dessem escriptos as pessoas, e nomeassem seus bens, e elles lhe dariam outro similhante, que pezasse mais que o seu.

Entonce deram escripto em um rol estes, a que pediam que entregassem os bens e terras que em Portugal haviam elles, e os filhos d'alguns, a saber: o conde de Vianna João Rodrigues Portocarreiro, Ayres Gomes da Silva, Martim Affonso de Mello, Affonso Gomes da Silva, Alvaro Gil de Carvalho, Fernão Gonçalves de Sousa, Gonçalo Rodrigues de Sousa, Gonçalo Vasques de Azevedo, e d'outros contados por nome até cincoenta e seis, afóra outros cavalleiros, donas, escudeiros e pessoas, de que se entonce não accordavam, nem haviam informação.

Os de Portugal deram outro do que seu senhor demandar podia, que eram ametade das terras que

foram tomadas ao Conde D. Affonso, que pertenciam á condessa D. Isabel sua mulher, sobrinha d'el-rei de Portugal, filha de seu irmão el rei D. Fernando, e des-ahi Aguilar de Campos, com todas as terras que foram dadas a D. Pedro, filho do Conde de Vianna, e Salvaterra com todos os logares que foram do Conde D. Alvaro Pires, que pertenciam a D. Pedro de Castro, seu filho, e as terras e logares que eram de Vasco Martins de Mello, e mais as penas das terras da rainha, que foram dadas a sua mulher, e isso mesmo os jantares das ditas terras de Vasco Martins de Mello seu filho. Outrosim Micer Lançarote, que havia Fonte Guinaldo, e outros logares; os castellos e logares que a Martim Gonçalves seu filho, des-ahi Alarcão e outras terras que foram dadas a Gil Vasques da Cunha, e assim as dignidades e bens que havia o abbade de São Justo, e outros assim nomeados, pouco mais de vinte pessoas, dizendo que não vinham avisados d'esto, nem haviam prologo de mais outra informação, e com esto cento e oitenta mil dobras das penas dos prisioneiros, e cincoenta mil das sentenças julgadas, e cincoenta mil da tomada das naus que de Genoa vinham, e assim os damnos e interesses, e outras cousas muitas; e emaderam mais em razoado, e disseram mais por palavra:

— «Senhores, nós quanto mais pensamos nas cousas conteudas em vosso escripto, tanto nos parece escusado fallar em ellas, porque adur se podem razoar taes feitos, que se d'ella não gere escandalo e mal querença, e não paz nem outro bem nenhum, porém nos parecia d'aguisado fallar na paz simplesmente, e não nas discordias e odios passados, como já dissemos; a qual não deve ser embargada por

proveito de pessoas privadas, a que pertence a mór parte de quanto dissestes e daes em escripto; ca aquelles que se d'estes reinos foram, por qualquer razão que fosse, e vieram contra elles a lhe fazer guerra, bem mereciam perder os bens, pois desserviam nosso senhor el-rei, vindo contra a terra de onde eram naturaes, não cahindo em menos erro, ca senão foram seus vassallos, mórmente os que reconheceram por senhor, fazendo-lhe vassallagem, recebendo d'elle muitas mercês, que são a maior parte dos que andam em Castella; e a paga que dizeis que el-rei de Portugal deve fazer por emenda das cousas passadas, vista a guerra que por seu azo foi ordenada, por esses trautos que allegaes, se pode bem mostrar que elle não é teudo a nenhuma cousa, pois tinha justa razão ds se defender de seus contrarios; mas que os reis de Castella os quebrantaram, e são teudos ao por vós pedido, e muito mais ao que por sua parte podiamos pedir, se quizessemos; ca alem do que é dito, bem podia el-rei nosso senhor pedir que lhe sejam entregues as terras que o duque de Alencastro deu á rainha D. Filippa, sua filha, em casamento com elle, das quaes lhe fez pura doação sendo elle rei dos reinos de Castella e sua mulher D. Constança rainha, outorgando a infanta D. Catharina sua filha, nossa senhora, rainha de Castella que ora é. E d'esto tem firme doação assignada por suas mãos, e sellada dos seus sêllos, a qual poderamos trazer pera a vêrdes que tal é, e nomes de muitas mais pessoas das que ementadas temos, se souberamos que em taes cousas houvereis de fallar; mas porque a serviço de Deus e concordia d'estes feitos não se requerem taes caminhos pera vir a paz, não nos foi com ello fallado, nem vinhamos per-

cebidos de responder a tal demanda, ca se taes cousas fossem cumpridoras de pedir pera bem da paz, tantas e mais fortes que as que vós tendes, temos nós que razoar podiamos por nossa parte; mas a nós nem a vós, pera bem da concordia, não cumpria fallar em cousas que renovam odios e imisades, mórmente quando vós sabeis que já esto foi pedido outra vez de vossa parte, tratando-se a paz pelos alvidros de um reino a outro, e nunca vos em tal cousa cahiram, nem em parte, nem em todo; demais sendo vós bem certos que uma parte, nem outra, taes sommas de dinheiros não havia de pagar, por mui culpado que fosse, que ante não soubesse dispender em guerra contra seu adversario; e porém não cumpria fazer menção de cousas que geram novos odios, que tanto é contrario ao bem da paz e ao prologo de vosso escripto. á qual se vos prouver de nos chegarmos, abreviando todo e leixando esto que tocastes, quitando de parte a parte, entonce fallaremos na ajuda que pedis, e em outra qualquer cousa que bem e honestamente, com honra d'ambas as partes devia ser requerida.»

Responderam elles, e disseram:

—«Nós bem vemos vossas razões que com boas e sãs vontades por vós foram e são propostas, assim por palavra como por escripto, mas pois em tão santo negocio somos, em que se trata do bem da paz, a qual Deus por sua mercê traga a termos de boa conclusão, convén todavia de se fallar, segundo dissemos, nos males e damnos que passados foram, e em quaesquer outras cousas que chãmente com direita consciencia entendemos que se devem de fallar, por todas as cousas ficarem chãs, e em tal estado, como se nunca entre taes reinos houvesse

guerra nem discordia, salvo boa paz, e boa amizade e irmandade; e d'esto deve a vosso senhor prazer muito, porque fallando-se taes cousas, por ellas se póde melhor vêr a razão e direito que cada uma das partes tem, de que tratando, se segue egualdade, e cessam os afincamentos que os principes depois das pazes feitas pódem haver de seus subditos; mas porque nós allegamos muitas razões, que os que vieram contra o reino, fizeram o que deviam, vista a forma dos trautos, e vós dizeis que erraram muito guerrear a terra de onde eram naturaes, e dar-lhes galardão por o mal que fizeram, isso mesmo mostramos claramente que el-rei de Portugal é teudo pagar o por nós pedido, e muito mais, se demandar quizessemos, e vós affirmaes que el-rei nosso senhor não é obrigado em muito mór quantia, e sendo tão contrarios nas cousas em que pende a mór força do trauto, nunca havemos de ser concordados. Porém nos pareee ser cousa justa, por bem d'ambas as partes, que houvessemos um juiz que, vendo todo, determinasse em certo qual d'ellas tem o direito. Mas porque o tal haver não podemos, seria bem feito que o primeiro Papa que ahi houver, a que todos obedeçam, conhecesse d'esto, e elle o determinasse até dez annos como sua Santidade por bem visse, e os reis fossem teudos guardar seu mandado e determinação, sem mais duvida que pozessem em ello; e se até este tempo ahi não houvesse tal Papa, ou posto que o ahi haja, não determinasse de todo as cousas sobre que debatemos, que ficassem no ponto e estado em que ora são; e assim prazerá a Deus, que é verdadeira paz, que mais toste concludiremos em ella, querendo-vos vós chegar ao arrazoado.»

Os portuguezes responderam que outras cousas haviam ahi mais pertencentes pera vir á paz, como lhe já disseram, que aquellas em que fallar queriam, pois que adur nunca podiam ser determinadas, mas pois em juiz e Papa fallavam, que el-rei seu senhor não havia mister outro Papa, nem juiz pera livrar tal negocio, salvo o mui alto Deus, que em similhantes feitos já outra vez pozera seu juizo; e pois seu senhor leixava de sua parte quanto demandar podia, e elles da sua não queriam fazer similhante, que bem se podia dizer d'elles o que disse Jesu Christo aos judeus, quando lhes fallou que não cuidassem que viera metter paz na terra, mas espada, e apartar o padre do filho, e a filha da madre.

— «E vós, disseram elles, parece que não viestes por metter paz em estes reinos, mas espada e guerra, como já em outro tempo houve, e apartar os bons divididos que entre os reis d'elles ha.»

Tornaram entonce a dizer que não podiam fazer al, nem minguariam d'aquello que á primeira por elles fôra proposto, porque assim lhes era mandado, e o traziam por escripto.

A esto lhe foi respondido que se o elles assim haviam de seus senhores, que sua estada era alli debalde, e não cumpria dispender mais tempo sobre tal negocio, e que melhor era a el-rei seu senhor ficar em guerra depois das treguas, que lhe outorgar as cousas que pediam, pois nas que elle demandava, não queriam consentir; e assim se partiram uns dos outros, ficando o trauto abrido e não desatado.

CAPITULO CXCII

Das razões que a rainha D. Catharina enviou dizer a el-rei, e do que lhe foi respondido.

Foram-se os embaixadores pera Castella, e contaram a seus senhores aquello que lhes com os de Portugal aviera, e como tal feito ficara sem nenhuma conclusão, e entendiam que sempre ficaria por muitas vezes que sobre esto lá fossem.

A rainha D. Catharina, que muito desejava paz e assocego entre Portugal e Castella, vendo quanto cumpria a seu filho, segundo a sua tenra edede; desahi os annos das treguas se gastavam indo, e mais os bons divídos que entre elles havia, que muito contradizia haver entre elles tal guerra, tendo d'esto esperto sentido, trabalhou de tal guisa, que o infante D. Fernando, tio d'el-rei, e todos os grandes do reino, do conselho de seu filho, leixaram ancarrego a ella que fallasse no trauto de paz e egualasse quaesquer cousas que a ella pertencessem, e ella o fez logo saber em Vizeu a el-rei onde entonce estava, dizendo que se elle quizesse chegar-se a razão aguisada sobre as cousas em que se até alli não accordaram, que ella entendia poer ahi taes meios pelo grão divido que d'ambas as partes eram, que os feitos viessem a bom fim, e que mandasse lá seus embaixadoree; e el-rei respondeu áquelle que lhe o recado trouve, que elle os mandara já por vezes ao extremo fallar no fim d'esta paz, e que sempre por sua parte foram requeridas tão desvairadas e desiguaes cousas,

ue nunca em ello fôra feito nada e sempre o trauto cara aberto, sem nenhum bom fruito que de fal alla nascesse; e que portanto duvidava de os enviar, porque mandando-os a sua casa, sendo-lhe pedidas taes cousas como até alli foram, as quaes elles não haviam d'outorgar, e tornarem-se sem o tra boa firmeza, que os não entendia de os mandar lá, a menos de saber d'ella o sobre que havia de ser fallado.

Partido el-rei pera Santarem, chegou João Rodrigues, arcediago de Gordom, com resposta da rainha, dizendo todavia a el-rei que lhe mandasse dizer sua tenção n'aquellas cousas que se cumpria de se fallar no feito da paz, e que ella, como medianeira, a todo o seu poder o faria vir a toda boa concordança, e el-rei lhe mandou aquella resposta que por seus trautadores fôra dada aos de Castella sobre as cousas que pediam, dizendo que elle e seus reinos eram os damnificados, e que a elle fôra a guerra injustamente feita, e cumpria de receber d'ello emenda, mas pera se tratar boa paz entre elles, que de uma parte nem d'outra taes cousas não deviam ser pedidas, porque antes se metteria a toda guerra, que podesse ser qualquer d'elles que aquello fosse obrigado, que o haver d'outorgar; e quanto ao que dizia que pozessem tal feito em mão do Papa que os houvesse d'ouvir, e estar por sua sentença, que tal cousa pouco proveito trazia a nenhuma das partes, porque fazendo-se a paz sob tal esperança, os annos que passassem até áquelle tempo, e desahi até que a sentença fosse dada, sempre estariam em duvida e em lide de demanda uns com outros, e dando sentença por uma das partes, como era de cuidar, que mal soffreria a outra execução em seus

bens, valor de trez ou quatro milhões d'ouro, mórmente poer esto em mão de um juiz, que por affeição ou outra cousa porque se os homens costumam de mover, ligeiramente julgaria á vontade de uma das partes (ainda que fosse Papa), porque a outra seria muito perdidosa, e que em tal cousa não era de fallar.

Outrosim, que no que demandavam que por trauto se obrigasse a lhe dar ajuda contra os mouros, disse que por nenhuma guisa o faria, porque a mais grave cousa que a alguma pessoa posta em estado e honra, podiam demover que fizesse, assim era demandar-lhe tal cousa, porque parecesse que a fazia por modo de obrigação, e porque tal ajuda, fazendo-a por trauto, bem mostrava por ello ser feita, que tal partido não era de commetter, ca pois que natureza e amizade, se a Deus entre elles pozesse, constrangia a fazer tal ajuda, que não havia mister tal requerimento, que fazendo-o lhe fosse verganha.

A outra, em que lhe era requerido que perdoasse a todos os portuguezes e lhe tornasse os bens, respondeu que ouvir tal cousa, a toda a pessoa fazia aborrecimento, mórmente a aquelles que o receberam por senhor, que não havia mais contraria cousa á humanal natureza, que haver de fazer bem a aquelles que lhe erravam, recebendo d'elle muita honra e mercê, e que bem via ella, e os de seu conselho podiam entender, que quem tal espelho cada dia visse em sua casa, que lhe não seria saborosa cousa, nem vista, mórmente os que se foram na ida de Martim Vasques, e demais fazel-o por força de trauto, como elles requeriam, e que pera a paz ser bem feita, e a honra de cada uma das partes ser guardada, que lhe rogava como irmã e amiga, pois

d'esta cousa tinha carrego, que o quizesse poer em bom fim.

Partido João Rodrigues com este recado, tornou outra vez a Lisboa, onde el-rei já estava d'assocego, não em fórma de embaixador, mas com uma carta de crença, guarnido porém de muitas razões pera fallar no feito da paz, segundo parece, que lhe foram encommendadas, as quaes brevemente resumidas propoz ante el-rei d'esta guisa:

O que a mui alta e mui nobre senhora rainha de Castella manda a mim João Rodrigues, seu creado, que a vós, mui nobre senhor, rei de Portugal, seu mui claro e mui amado irmão, da sua parte dissesse, é esto em conclusão:

Que ella bem viu a carta que lhe enviastes sobre as cousas que vós pelos trautadores da paz, por sua parte foram requeridas, das quaes a primeira e a segunda vos não prazem, e a terceira dizeis que natureza e amisade constrangem fazer-se tal ajuda sem mais obrigação de trauto, e que d'outra guisa traz vergonha e prasmo ao que a fizer.

A quarta quando se a emenda houvesse de fazer aos portuguezes que aos da guerra primeira, que vossos vassallos não foram, se devia de fazer, mas aos outros não, e que todo bem esguardado, que os da sua parte entendem que el-rei seu filho ha razão d'esto demandar, e as escusas por vós dadas não são de receber, mas porque as vontades dos homens são desvairadas, e não se concordam assim de ligeiro, foi necessario a ordam de juizo entre elles por o juiz haver de declarar qual das partes tem razão, posto que seja contra vontade de uma d'ellas, e haja d'esperar sentença, e porque entre os reis, que superior não conhecem, o Papa por direito fica

seu juiz, pede ella que vos praza que o primeiro Papa que ahi houver a que todos obedeçam, determine esta cousa, e que esto não deveis recusar, pois que vos razão requer, e vós se quizerdes esto, não torva a paz, a qual tira os grandes males que se na guerra fazer podem, ca posto que o preito seja chamado lide, mais ha mister tal lide, leis, e decretaes e livres de direitos, que buscar outras armas pera ser vencida; e o que condemnado fosse segundo lei de Deus e razão natural, deve attender a execução, que os principes, quanto mais pederio de Deus recebem, tanto mais sujeitos devem ser á razão e á lei, mórmente quando tal sentença é dada por aquelles a que todos os direitos privam, e tiram a suspeita.

A outro capitulo diz minha senhora, a rainha, que bem entende ella que segundo o grão divido que entre vós ha, e o amor que se accrescentará, Deus querendo, por azo d'esta paz, que em razão está que seu filho e ella ajudassem a vós e a vossos filhos nas cousas que vos cumprissem, e vós assim a elles, mas que entre os reis e principes, ainda que haja grandes dividos, sempre costumaram firmar suas amizades por lianças e obrigações, ca esto accrescenta a amizada e traz mór segurança, e d'ahi outro proveito, que aquelles que sabem taes lianças e obrigações, não ousam poer entre elles senão bem e amor, e são sempre mais timidos, que não sómente receiam aquelle contra quem se mover querem, mas ainda seus alliados, e que se a vós prouguer pensar bem em esto, que pera vós e pera vossos filhos será grande proveito, reinando em paz e assocego. sendo sempre poderoso de fazer vossa vontade. E que os homens devem esguardar o que avir pode, ca mui-

tas vezes aquece alguns ser em guerra, e de ligeiro ser em mui breve em paz e viver em folgança, e outros que pensam d'estar em assocego, levantar-se entre elles, porque vivem em guerras e tribulações; e porende queria ella, como está em razão, que aquelles que natureza e divido obriga de se bem querer, que de feito assim o cumprissem por obra, de guisa que todos entendessem que eredes uma cousa, e que os vossos feitos eram seus, e os seus eram vossos, e que não foi sua tenção, nem Deus quizesse, que trauto nenhum fosse feito n'esta materia, que a vós fosse vergonhoso, mas egual a ambas as partes, e que se porventura a vós praz que se tire aquella limitação da ajuda contra mouros, que entonce fique o trauto chão, a saber:

Que nas guerras que el-rei seu filho e os que d'elle descenderem, geralmente houverem, que vós e vossos successores o ajudeis, com certo numero de galés á vossa custa, e isso mesmo faça elle a vós, e os que apoz elle reinarem, e d'esta maneira não haverá vantagem de uma parte a outra, e se quizerdes que d'esta guisa se faça por terra, que assim se ordene, o que d'esto em se fazendo vem a vós e a vossos filhos muito maior proveito, que a el-rei seu filho de grande ajuda de navios ou de homens d'armas que lhe fazer podesseis, ca por aqui seguraes vosso estado e linhagem pera todo sempre.

Em vos requerer que torneis os bens aos portuguezes que se pera Castella foram na guerra primeira e segunda, diz a rainha minha senhora que o não deveis haver por aggravo, ca de vós o deveis fazer, por serem notaveis pessoas e naturaes d'esta terra, e andarem assim fóra d'ella por cousas que muitas vezes costumam d'aquecer; e querer agora entrar

em questão se fizeram bem ou mal, que é a questão entre vós e a rainha D. Beatriz sobre o direito d'este reino, ca assim os primeiros como os segundos, todos teem razões e escusas que fizeram o que deviam, e querer poer esto em disputação, não convem a vossa honra e estado, mas perdoar o queixume que d'elles tendes, tornando-lhe todo seu e fazendo-lhe outras mercês com que vos sirvam, e não andarem fóra da terra, ca propria cousa é dos reis perdoar, mórmente o que toca a suas pessoas, e se bem semençardes os feitos passados, assim em Castella como em outros reinos, achareis que d'esta guisa o costumaram fazer os principes, perpetuando por aqui sua honra e estado, recebendo de taes pessoas grandes serviços e proveitos; e porém vos roga muito a rainha minha senhora, que pois é feito de direito, que não tenhaes em conta tal paga e outorgueis este capitulo.

El-rei, presentes os do conselho, ouvindo estas razões um pouco como sorrindo, entonce disse:

— «Digo-vos, arcediago, que vós haveis mui bem fallado se vossa prégação fosse nova, e não fosse ainda ouvida, mas já esse sermão foi tantas vezes prégado, assim pelos embaixadores que vieram fallar na paz, como por cartas da rainha que nos sobre ello enviou, que já o sabemos todo de cór, e não cumpre ser por vós repetido, posto que mudeis mais doces palavras, por demover que vos haja de crêr; ca em o que á primeira disse e me pareceu, isso digo agora, e parecerá sempre que liança com taes condições, quejandas sempre demandaes, que nunca entendo de as fazer; e leixando os outros capitulos em que fallar não cumpre por bem da paz vir a honesto fim, sómente esta da liança com taes partidos,

eu não dou logar a se fazer, por ser vergonhoso a nós, e cahir em grande mingua; ca posto que pelas palavras pareça esto bem igualdado ser, quanto a obra é bem desigual, porque Castella tem muitas nações, assim como: França, Navarra, Aragão e Grada, com que pode haver guerra, como ora tem abrida, pera as quaes nos podia requerer tal ajuda, e nós, posto que guerra podessemos haver, não temos senão Castella só, e havendo paz com ella, ficamos teudos de lhe dar como logo cumpre d'haver, e elles a nós não, pois que a mister não havemos, e posto que taes cousas esguardar não quizessemos, era forçado quem nos visse fazer taes ajudas, e elles a nós nenhuma, que dissesse que por comprar paz fazíamos tal feudo, e lh'a davamos em logo de pareas, o que era assaz desigual e grande nosso prefaço; assim que sobre esto não cumpre prégar mais.»

— «Mui alto e nobre senhor, disse João Rodrigues, pois vossa mercê não consente ser tal condição posta em feito de liança dizendo que é desigual, posto que á rainha minha senhora pareça direita igualeza, ella vos roga que se trate esta paz sem poer este capitulo, mas que se faça esta ajuda de fóra por cartas firmadas d'ambas as partes, que jurem todos guardar este segredo e não ser descoberto, salvo não querendo alguma d'ellas cumprir o que se na carta contivesse, e quando tal ajuda houver de ser pedida, que o fosse por divido de amor e parentesco, e não por força de liança, e assim cessará todo o que se dizer pode contra esto.»

— «Rogo-vos que me digaes, disse el-rei, que differença fazeis vós de tal capitulo a este em que fallastes, que não seja todo um, salvo quanto quer mostrar que se faz mais encobertamente por encobrir

nossa mingua, dando-se cartas d'essa guisa que dizeis, ante é mais feio que o primeiro, porque sabendo esto os do conselho d'ambas as partes, como convinha de fazer a saber, não podia ser que por algum modo descoberto não fosse, e sabendo-se como era forçado esto, haveriam já por a mor vergonha e prasmo, ca bem entenderiam que se não fazia por tal modo, senão por encobrir a sujeição em que nos meitejamos, pois tal partido é bem vergonhoso, não cumpre em elle mais de fallar.»

— «Ora senhor, disse o castellão, pois vós d'estes ambos tendes despedido, ainda tenho outro pera dizer, que por contemplação da rainha vossa irmã, é por força d'outorgardes, o qual é: que por serviço de Deus por que se isto faz, des-ahi por assocego d'ambas as partes, que vos praza d'ajudardes el-rei seu filho n'esta guerra dos mouros que tem começada, por vossa pessoa quatro annos, com certos navios e homens d'armas segundo cumpre a vossa honra, e que se leixe todo o outro tempo, e que esto deveis fazer de boa vontade, a uma por serviço de Deus, porque se a guerra principalmente faz, a outra, pois que toda vossa vida dispendestes em guerra de christãos, espargindo muito sangue d'elles, que isto fosse como emenda e pendença de vossos peccados, e de mais grande louvor quanto ao mundo ajudardes a conquistar terra de que tanto mal ha vindo a todo Hespanha, que bem sabeis vós que nos passados tempos os móres do mundo se houveram por honrados de vir ajudar a esta conquista.»

— «Já vos respondi, disse el rei, que ajuda por trauto em nenhuma guisa entendo fazer, e se ella bem vira a carta que lhe de Santarem mandámos por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão da nossa

camara, não nos mandara esto requerer, por ser fóra de igualdança e muito desaguisado, ca se lhe nós escrevemos que nenhuma ajuda por trauto entendiamos d'outorgar, muito menos o fariamos por nosso corpo, havendo de ser por força de trauto, posto que fosse sob figura de liança e por serviço de Deus, assim que n'esto não cumpria fallar mais, nem mandar outros mensageiros, como ella escreve que vão, porém consirando em o grande amor que entre nós ha, porque lhe prougue de tomar d'esto carrego, des-ahi por não darmos logar ao inimigo da humana geração de semear odios e discordias onde Deus deu tamanhos dividos, posto que já lhe de todo mandassemos resposta da guisa que comnosco fallámos, a nós praz de mandarmos lá nossos mensageiros, e este recado lhe levar.

CAPITULO CXCIII

Quaes embaixadores el-rei enviou a Castella, e da carta que sobre ello enviou á rainha.

Partiu o arcediago pera Castella, e el-rei ordenou d'enviar a lá um honrado fidalgo, seu alferes mór, chamado João Gomes da Silva, e dois doutores com elle, um diziam Martim Docem, e outro Fernão Gonçalves Belcago, e estes mandou el-rei corregidos como cumpria á sua honra e estado, e por elles uma carta que dizia d'esta guisa:

«Mui cara e mui amada, a quem com todo o nosso coração inteiramente bem queremos, irmã amiga,

rainha de Castella e de Leão. Nós, el-rei de Portugal e do Algarve, vos enviamos muito saudar como irmã e amiga que muito amamos e prezamos, pera que queriamos que Deus desse tanta saude e vida e honra, como vós mesmo desejaes. Mui cara e mui amada irmã: Fazemos a saber que João Rodrigues, arcediago de Gordom, vosso creado, chegou a nós e nos trouxe vossa carta de querença, pela qual nos prometteu trez partidos em feito das lianças que nos ante por elle enviastes dizer, dizendo que vos parecia fazerem-se por aquelle modo entre nós e vosso filho com trautamento das pazes, dos quaes um era que em todas guerras que vosso filho e seus successores houvessem contra quaesquer pessoas, que nós e nossos herdeiros o ajudassemos com dez galés armadas a nossa custa, e isso mesmo fizessem elle e os que depós elle viessem, a nós e a nossos descendentes. Outro era que tal partido de lianças não fosse feito por trauto, mas simplesmente de fóra por nossas cartas e vossas, e que a ajuda que se houvesse de requerer, fosse pelo bom divido e amisade qua entre ambas as partes era, e não por as ditas cartas, e que todos jurassemos as cousas em ellas conteúdas a nenhum ser descoberto, salvo fallecendo alguma das partes das condições n'ellas postas, e que entonce podesse dizer e requerer sem prasmo do juramento. O terceiro partido que nos disse, que nós por nossa pessoa com certos navios e homens, segundo cumprisse o nosso estado, ajudassemos vosso filho em esta guerra dos mouros por quatro annos, e que leixasse a ajuda do mais tempo.

Mui cara e mui amada irmã e amiga: Porque nos estes partidos todos trez parecem mui desiguaes a nossa parte, e muito fóra do que nos sempre dizer

enviastes, especialmeute o terceiro, que bem crêmos que nunca por vós foi demovido, mas por tal pessoa que pouco desejo havia de trazer taes feitos a boa fim, des ahi por o arcediago outra cousa não trazer que nos da vossa parte dissesse, porém não quizeramos em ello mais fallar, porque sempre por parte de vosso filho são tão desvairadas e desiguaes cousas movidas, que parece sobejo poer mais mão em tal feito. Pero por serviço de Deus, e por não contrariar do bom divido que entre nós ha, dando logar ao Principe das discordias, des-ahi por vossa contemplação, nos accordamos de vos enviar sobre esto nossos mensageiros, pelos quaes podereis saber nossa final intenção, e rogamos-vos, como irmã e amiga, que vos praza por parte de vosso filho, breve e sem delonga, declarar de todo o ponto a sua, de guisa que taes feitos hajam tostemente fim, porque quando consiramos os bons dividos que entre nós ha, e a perlonga que comvosco, que sois nossa irmã, tantos tempos ha que dura sem nenhum fruito de bem, Deus sabe que a nossa alma é muito anojada, e sêde certa que nos fareis estremado prazer de uma guisa, ou d'outra, dar final determinação n'estes feitos, pois a vós são encarregados, mui cara e mui amada irmã.

CAPITULO CXCIV

Das razões que os embaixadores disseram á rainha por palavra e por escripto.

CHEGARAM os embaixadores a Castella, onde foram bem recebidos, e feita boa honra e agazalhado dos senhores e fidalgos da côrte, e leixando as saudações que a rainha e el-rei seu filho deram, as encommendações dos infantes de Portugal que pera suas primas irmãs d'el-rei levavam, isso mesmo pera o infante D. Fernando e sua muher e filhos, e as ceremonias do beijar das mãos, porque é cousa que todos sabem, as fallas que se dispenderam por trautamento d'esta paz, tornemos a nosso breve fallamento, e dizemos logo que as encommendações dadas á rainha ante que fallassem do infante D. Fernando, tio d'el-rei e seu tutor, disseram a ella d'esta guisa:

—«Senhora, nós somos enviados a vós por vos dizer algumas cousas da parte d'el-rei de Portugal vosso irmão, nosso senhor, e porém vos pedimos por mercê que nos assigneis dia e hora a que vos tornemos a fallar o que nos por elle é mandado.»

E ella disse que lhe prazia, e disse o dia e hora, e quando.

Entonce foram vêr aquelle infante D. Fernando, e ditas as saudações que pera elle levavam, disseram estas palavras:

—«Senhor, nós somos aqui vindos, porquanto a rainha, madre d'el-rei vosso sobrinho, fez saber a

el-rei nosso senhor por pessoas e cartas que lhe enviou, que vós e todos os do reino dereis cargo a ella de egualdar o feito d'estas pazes, em que se até aqui não concordaram, e porque elle viu que estes feitos iam a perlonga, visto o razoado que lhe deu a arcediago João Rodrigues, moveu-se de nos mandar cá pera esta paz haver fim, e porque nós, senhor, somos certo que quantas cousas á rainha fallarmos, todas vós haveis de saber, nós ora não vos faremos d'ella palavra, pero, senhor, tanto vos pedimos por mercê que n'estes feitos esguardeis o serviço de Deus, des-ahi prol e honra d'ambas as partes fazendo todo vosso poder d'egualdar bem esto, porque vimos de guisa que el-rei nosso senhor sinta quão boa tenção e vontade sempre n'estes feitos mostrastes por vós, e trazida a tal fim.»

O infante se offereceu a todo o que diziam com gracioso vulto; e partiram-se d'ante elle, e indo fallar á rainha, o que lhe disseram foi esto:

—«Senhora, el-rei vosso irmão nosso senhor vos envia dizer que bem sabeis como por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão da sua camara, e homem de que muito fia, fizestes saber que vós trabalhareis muito com o infante D. Fernando, e com os do conselho d'el-rei vosso filho, por estes feitos virem a boa concordança, e que a todos prouguera de vós serdes medianeira d'elles, e pois a vós eram encarregados, chegando-se elle a cousas aguisadas, que vós entendieis de ter tal meio que ambas as partes viessem a boa concordança, e que lhe prouguesse de mandar a vós seus mensageiros pera se poer esto em bom fim, e elle vos respondeu por aquelle Alvaro Gonçalves como já por vezes enviara seus mensageiros, satisfazendo ao capitulo da tregua onde falla

d'esta paz, e sempre por parte d'estes reinos foram taes cousas pedidas, que nunca de tal falla nasceu um bom fruito, e porém duvidava muito d'enviar seus mensageiros a vós, como lhe dizer enviaveis, sem saber de vós primeiro em que cousas vos prazia que se houvesse de fallar, ca se aquellas eram que lhe sempre fallavam e requeriam, escusada era sua vinda, pois que os d'outorgar não haviam, que vós lhe mandastes dizer por João Rodrigues, arcediago, a primeira vez que a lá foi, que vos enviasse dizer sua tenção n'aquellas cousas que entendesse que cumpriam de se fallar, e vós trabalharieis a todo vosso poder de as trazer a toda boa concordança, e elle sem mais detença vos enviou dizer por elle sua final intenção, e agora quando chegou a Lisboa, d'esta segunda vez que a lá foi, lhe fallou da vossa parte algumas cousas, que a el-rei nosso senhor parecem mui deseguaes, de que logo recebeu resposta, e não quizera mais em ello fallar, mas por vossa contemplação, segundo lhe escrevestes, ordenou de nos mandar a vós, rogando-vos como irmã e amiga, em que ha grão fiuza, que olhando tão bons divídos como heis, des-ahi tão grande serviço de Deus, como se d'esto seguirá, egualdasseis estes feitos com honra d'ambas as partes, de guisa que nos tenhamos razão de consentir em ello.»

A rainha disse:

—«Que bem lembrada era de todo, e lhe prazia muito com sua vinda, mas por as cousas se melhor encaminharem, e mais toste haver despachamento, que cumpria de lhe darem em escripto aquellas cousas que por parte d'el-rei seu senhor entendiam de dizer.»

Outorgaram que lhes prazia, e foram-se pera as

pousadas, e tornaram depois com um escripto, cujas razões eram estas:

«Mui alta, e mui nobre e mui excellente senhora: Por parte d'el-rei nosso senhor, vosso irmão, dizemos a Vossa Alteza que elle e os do seu conselho hão muito pensado em estes feitos da paz, sobre as cousas que por parte d'el-rei vosso filho até ora foram movidas, e que elle, e quantos são, vistas em quaes pretende haver direito, e as maneiras que de um reino e d'outro se requer, que não podem achar melhor via pera estes feitos virem a fim, e egualdade d'ambas as partes, sem vergonha e prasmo d'alguma, salvo fazer-se boa, simples e verdadeira paz, sem nenhumas outras condições; porque da paz feita simplesmente, não pode nenhuma das partes dizer que a alguma d'ellas, ou ambas, traga mingua nem prasmo, o que não é quando n'ella ha certas condições, que quantas mais são, tanto d'ellas mais recrecem novas tensões, e suspeitas, pelas quaes se dizer pode que a alguma das partes traz mais honra, ou mais mingua, e quando alguma sinta que em tal fallimento fica, ou que alguns assim o entendem, sempre seu coração está d'ello escandalisado muito, e busca caminhos e maneiras por se tirar d'ello a fora, porém tal amizade nunca fica certa e firme, como pela paz feita simplesmente.

E ainda, senhora, mais achareis que d'esta paz simples se segue a ambas as partes amor e aproveitamento, e pretenças, e com muito melhor vontade, que quando é feito emadendo-lhe condições, porque na paz simples todas as cousas que se d'ella seguem entre as partes, procedem de grande amor e livre vontade, sem constrangimento de condição que obrigue; pois onde ha dividos tão chegados, não é ne-

cessario outra maneira, salvo aquella que arreda todos os nojos e escandalos das cousas passadas, que é a simples e verdadeira paz, sem lhe emadendo outras clausulas nem condições, e se esguardardes nos tempos passados, não as achareis feitas, salvo d'esta guisa. E não havia ahi porém taes divididos, como, a Deus graças, agora ahi ha, porém, senhora, vos pedimos por mercê, que pois esta é a final intenção d'el-rei vosso irmão, nosso senhor, que vos praza vêrdes e pensardes bem todo, e nos dardes cedo em ello livramento.»

CAPITULO CXCV

Das razões que por ambas as partes foram falladas no conselho.

Propoz a rainha em conselho que maneira se teria de fallar em estas pazes, e havido accordo por todos, disseram que não achavam melhor cousa em que se fallar podesse, pera o effeito da paz vir a boa fim, salvo aquella que o arcediago em Portugal propozera e que já outras vezes por seus embaixadores fôra requerido, porque da paz simplesmente feita, sem outra liança d'ajuda, não achavam nenhum proveito, que se a el-rei seu senhor seguisse.

Porque paz simples, diziam elles, posto que se razoa por alguns que é mais egual a ambas as partes, nunca uma de outra póde ser segura como e quanto, e em que guisa, d'elle ha de ser ajudado, ou se dirá depois, que não pode ser entonce, ou por-

ventura que não quer, e pois se melhor via não acha que esta, em ella todavia se deve de fallar; e assim concluiram.

Todos os portuguezes, sabendo tal conselho, e como haviam de responder a elle no dia que lhe foi assignado, foram a elle, e razoando disseram:

— «Senhores, vós haveis accordado que se não falle em paz simples, mas condicional com certas lianças, dizendo que na paz simples não ha nenhum proveito, e na feita com lianças assignaes muitas vantagens, e nós, senhores, não o pensamos assim, mas muito pelo contrario, porque na paz condicional, quantas mais partes em ellas são, tanto mais traz suspeitas e duvidas, e por as muitas extensões que se d'ellas tomar podem, tanto filham em si ellas azo pera se dizer: esto é mais honra, ou menos deshonra; o que não faz quando a paz é simples, e se vós esta causa fazeis por vos aproveitar d'alguma ajuda d'el rei nosso senhor, isso mesmo elle de vós, por egualdade de trauto a paz simples a faz haver mais cumpridamente, e com melhor vontade, ca a paz com lianças, de que vem muitas tensões, sentindo aquelle que a fizesse, que ficava em mingua, ou que a podiam cuidar outros d'elle, posto que elle entendesse que não ficava n'ella, ou que necessidade lh'o fizesse fazer, seu coração seria escandalisado, e por tal escandalo não se moveria a fazer mais d'aquello que no trauto de tal paz fosse conteudo, e tanto que cada uma das partes tal intenção tivesse, ou lhe fosse dito que alguns bons a tal parte tomavam, que não era sua honra logo cataria modos como se de tal escusa podesse sahir, e entonce era forçado que a parte que pensava haver d'elle tal ajuda pela paz de lianças, que a houvesse de perder, e demais a

amisade entre elles nunca seria firme nem verdadeira, e a paz simples não traz nenhuma cosa d'estas, ca n'ella não ha vergonha de uma parte nem de outra, nem cousa que possa tomar a mau respeito, mas de mostramento de limpa vontade, de guisa que se não pode nenhuma d'ellas fazer tão alta ajuda, por mui grande que fosse, que lhe possa ser reduzida a nenhuma vergonha.»

— «Verdade é, disseram os do conselho, que bem se podia interpretar, e ter tenção em tal ajuda da guisa que vós dizeis; mas porém havia mister de ser certa a parte que houvesse de fazer tal ajuda, como e quanto, e em que guisa se haviam d'ajudar um ao outro.»

Responderam e disseram:

— «Isso que vós dizeis era bem de se requerer entre aquelles que fossem inimigos, ou entre si não houvessem dividos, mas entre os reis que taes divididos hão, o parentesco só abasta por certidão, e firmeza de se fazer tal ajuda, e mais não hão mister, e nós somos certos d'el-rei nosso senhor, que tanto que a paz fosse feita, os reis ficariam em tão grande e tão nobre amizade, além dos dividos que entre elles ha, que não havia mister mais segurança nem firmeza, senão o amor de que se mariam ambos, pera se ajudar e aproveitar um do outro.»

— «E nós cuidamos muito, disse aquelle que fallava, porque não quereis tão boa paz como aquesta que dizemos, ca vós bem vedes que d'el-rei nosso senhor nem tendes cousa alguma, nem esperança de a haver, e pois d'elle não tendes, nem esperaes nada, porque não aventuraes este nada a muito? Ca vós não cahindo na paz simples, nem tendes d'elle o que pensaes d'haver, nem tereis d'ello esperança,

e cahindo em tal paz, ganhareis n'elle um bom e verdadeiro amigo, havendo d'elle aquella ajuda que lhe por trauto demandaes, e muito melhor quando se poder fazer, ca como dizeis, que as cousas que trazem em si suspeita de vergonha, movem os homens de leixar de fazer muitas cousas das que lhe são demandadas, e d'onde tal vergonha não nasce, e se segue honra e fama, são muito mais promptos e alegres de fazer aquello que de sua vontade e prazer lhes é requerido.

E porém como dizemos, vós deveis aventurar o mui pouco que pedis, que é ajuda por trauto, ao muito que se seguir onde por razão e azo da paz simples, mórmente que esta ajuda que vós requereis, de dez ou doze galés, é assaz pequena e de fraco proveito, sem emadendo em vós honra nenhuma, esguardada a grandeza de Castella, e portanto nos parece razoado aventurar esta pouca ajuda, que pedis e não tendes, á muito maior, que por boa e liberal vontade d'el-rei nosso senhor haver podeis, cada vez que lhe fôr requerida; e assim concluimos que a paz com lianças nunca será de tanto proveito, como a paz simples pode ser.»

E os do conselho aporfiando que com lianças, e elles que não, havia ahi mais limpa amizade, não se fallou mais aquelle dia.

CAPITULO CXCVI

Como os embaixadores fallaram a departe á rainha, e lhe foi outorgada a paz como a demandavam.

Vendo os embaixadores com quantas razões dizer podiam, que se não mudavam os do conselho a cahir em simples paz, salvo todavia com liaças por serem seguros da ajuda que haviam d'haver, tiveram geito de fallar á rainha não sendo ahi os do conselho, e fallando-lhe, disseram:

— «Senhora, vós haveis visto o que por nós foi proposto, presente os do conselho, e posto que entonce e depois a algnns d'elles dissemos por vezes que não achavamos mais formosa via pera os effeitos serem egualdados, como é o da paz simples, nem entonce, nem depois, não vos dão a entender que em ella queiram consentir, pero as cousas por nós ditas são tão razoadas, que se não pode cuidar outra maneira que melhor seja, ca se a entender podessemos, fallariamos em ella de boa vontade, e assim parece que nós somos desaccordados, e pois, senhora, assim é, dês hoje mais fica a vós, que sois medianeira n'estes feitos, segundo mandastes dizer a el rei vosso irmão, fazerdes aquello que melhor entenderdes, egualdando a honra d'ambas as partes, ca a nosso vêr, em pequena cousa está este desaccordo, pera Deus ser servido, e seguir-se grande paz e assocego d'estes reinos.»

— «Em verdade, disse ella, eu bem vejo as razões que vós dizeis, mas eu duvido muito de vos quererem cahir em nenhum partido sem lianças, por não serem seguros, nem certos da ajuda que se houvesse de fazer.»

— «Senhora, disseram elles, a nós parece que toda a duvida d'esta paz é por mingua de certidão, que vós não haveis tão cumpridamente como quereis haver; de que nós entendemos que deveis de ser muito certa, sem poendo em ello mais duvida, porque visto os grandes e bons dividos que entre el-rei e a rainha nossa senhora, e vós, seus filhos e os vossos ha, isto só a vosso entender é bastante certidão e confiança pera vos el-rei nosso senhor fazer qualquer ajuda, quando lhe por vossa parte fosse requerida, sem havendo ahi mais obrigação de trautos, a qual não é honesta entre taes dividos, porquanto, ou vós quereis esta ajuda por trauto, por grão proveito que d'ello entendaes d'haver, ou por vos recrecer d'ello honra. Se por proveito, este parece ser mui pequeno, considerando as cousas que el-rei vosso filho ha de fazer na guerra, tanto por terra como por mar, ca onde tamanha força ha, e frota como el-rei vosso filho arma em cada um anno sobre mouros, e considerando o que faz por terra, pequena vantagem darão dez ou doze galés pera ajuda de liança, que tão pouco valem em vosso feito, e não poderdes tão alta cousa, como tendes começada, e que tanto é serviço de Deus por tal ajuda quererdes haver; e se o, senhora, fazeis por honra que se d'ello a vosso filho siga, havendo esta ajuda por trauto, esto não é logo feito como lhe vós sempre escrevestes, dizendo que vos prazia que fosse egual a ambas as partes, e demais, quem visse a uma tão gran casa, como é a

de Castella guarnecida de tão boas gentes, pedir ajuda a um tão pequeno reino, como Portugal, pera guerrear a uns poucos de estrosos mouros, de que não é de fazer conta, mais apregoaria, pedindo tal ajuda, sua mingua e fraqueza de coração, que ardileza e fouteza de bons guerreiros, e ora, senhora, vos queremos dizer o que escusar quizeramos; mas porque vêmos vossa tenção é por força que o digamos nós, senhora, somos muito maravilhados não fiardes-vos em el-rei nosso senhor, que tanto que elle houvesse paz com vosso filho, que vos elle não fizesse toda ajuda que pera vossa guerra e qualquer cousa cumprisse, ca um homem, que a vós e a vosso filho tanta bemquerença mostrou, como vós bem sabeis, quando vosso marido finou, ficando vós e vosso filho com grandes duvidas em estes reinos, e pensando el-rei nosso senhor que se moveria alguma cousa contra a honra de vosso estado, se vos enviou por sua carta offerecer a toda ajuda e favor, que vós d'elle e pelos seus cumprisse, e ainda por elle mesmo, se vos tanto mister fosse, como bem sabeis; de cuidar é que vos ajudaria, sendo por vós requerido, ca pois elle, senhora, se vos offereceu assim de bom talante, como aquelle que havia grão cuidado de vossa honra, como podeis mostrar que haveis d'elle tão pouca fiuza, que se comnosco houvesse paz, não ajudasse a vós e a vosso filho, nas cousas que vossa prol e honra fosse. Certamente, senhora, a nosso vêr, melhor seria confiardes-vos de um homem que vos ama e préza esta cousa, e muito mór que quererdes d'elle levar por pazes com hanças, e fazer-se com sujeição de trauto, o qual todo mundo, se se assim fizesse, bem veria que pouca fiuza havieis vós em elle, e que mais confiaveis em uma pouca de escri-

ptura, que no bom amor e divido que a rainha sua mulher e seus filhos hão comvosco e com vossos filhos, devia d'abastar pera d'esto sêrdes certa, como dizemos.»

A rainha louvava estas razões, dizendo que assim o entendia, mas porém pela regra—que primeiro são dentes, que parentes—, assim ella como os do conselho, por parte d'el-rei seu filho, fortemente tinham mão na paz com lianças, todavia por trautos feitos.

E foi debatido muito sobre ello por espaço de dias, e assim aprouve a Deus, que é verdadeira paz, que se tratou entre estes reis, um domingo depois de vespera, quatorze dias do mez de junho da era adiante escripta, de 1449, estando a rainha em seu estrado, mandou chamar os embaixadores, presente o bispo de Palença e o bispo de Segovia, e Affonso Henriques, almirante, e Diogo Lopes de Estunhega, e outros fidalgos e prelados, que mingua não faz serem nomaados, e presente todos lhe disse:

«Que ella havia trabalhado com o infante D. Fernando seu irmão, e com os do conselho d'el-rei seu filho e outros grandes do reino, e isso mesmo com os procuradores das cidades e villas que alli eram, e tivera com elles taes maneiras, que, a Deus muitas graças, a paz era concordada segundo a elles demandavam.»

Elles responderam o que por serviço d'el-rei seu senhor entendiam; e porque o infante não era presente, foram-lhe fallar á sua pousada, estando com elle João Alvares de Osorio, guarda mór d'el rei, e João Affonso, secretario da rainha, e outros; e perante estes disse o infante que bem sabia a resposta da paz que lhe a rainha sua irmã e senhora havia dado, e que dava muitas graças a Deus por estes

feitos virem a tão bom fim, entendendo que era serviço de Deus e grande bem d'ambos os reinos, e que Deus sabia que sempre seu desejo fôra não haver guerra com christãos, e que lhe parecia que fôra grande mal, onde havia tão bons divididos, haver guerra nem discordia; e outras boas razões que disse, que lhe em grande mercê tiveram.

Entonce foi ordenada boa e simples paz por sempre, com aquelles elementos e condições por que ella melhor valer podesse; de que leixando os geraes capitulos de entregas e juizos, e outros similhantes, communs a ambas as partes, em estes dois seguintes foi a substancia d'ella:

«Que el-rei de Portugal fizesse emenda aos portuguezes que entonce em Castella andavam, que se foram com a rainha D. Beatriz, e em tempo d'el-rei seu marido, a saber, aquelles que o não receberam por senhor, nem estiveram sob sua obediencia, e esto dos bens dos seus patrimonios, que em Portugal haviam quando se d'elle partiram; e similhavelmente fizesse el-rei de Castella a aquelles que em Portugal andassem, que em Castella houvessem bens.»

«Outrosim que os portuguezes, que em Castella houvessem bens patrimoniaes ao tempo que se a guerra começou, que lhe fossem tornados, ou feita emenda por elles; e que esto mesmo fosse feito aos castellãos que alguns bens de seus patrimonios haviam em Portugal.»

E esta foi a substancia de todo o trato da paz.

CAPITULO CXCVII

Como foi feito o trauto da paz, e em que tempo approvado por el-rei.

A paz concordada, querendo ordenar o trauto, foi-lhe presente uma forçosa duvida, em que tiveram assaz de cuidar, a saber:

A pouca edade que el rei havia, que era menor de sete annos, no qual tempo jurar não podia, nem se obrigar a condição de tal paz, até ser de edade de quatorze, ou havendo auctoridade de sua côrte, que eram os ouvidores d'ella, a qual se requeria ser dada por tal ordenança e perlonga que lhe seria mui má d'haver, e tarde.

— «Pois, senhores, disseram os portuguezes que d'esto carrego tinham, que eram o bispo de Çamora e um Doutor Pedreanes, que modo se terá em esta cousa, que chegando el-rei aos quatorze annos, bem pode approvar ou reprovar este trauto, e posto que o approve, taes pazes em tanto guardadas, mais pareceriam soffrença de guerra, ou treguas, que direita paz nem perpetua até aquella edade em que o direito ha o homem por perfeito pera entender se aquello que faz é bem ou mal, que é conto de vinte e cinco annos, e menos d'este tempo quanto fizer, tanto é debalde, e pode-se chamar enganado, e não será valioso, assim que a firmeza d'esta paz não ficará, salvo no juramento da rainha e do infante, e prelados e fidalgos e concelhos, e não sendo a paz

valiosa d'esta guisa, não era razão de se fazer o contentamento em ella posto, até que firmasse el-rei por juramento ao tempo que o direito quer, ca d'outra maneira ficaria el-rei de Portugal sem paz e com sua perda, tendo grande ajuda feita a seus inimigos com o que o podessem desservir e fazer guerra, e mais ainda muita despeza em fazer armadas e outras ajudas, que bem certos eram que as havia de fazer, como lhe requeridas fossem.»

Outorgado esto que era assim, foram fallar á rainhá, e propostas estas razões, disse que não curassem d'outro caminho, salvo d'aquelle que simplesmente ordenado tinham, ficando a paz em seu juramento e dos outros do reino, e quanto era a acouteza que se d'ambas as partes havia de fazer, que era ella certa d'el-rei seu irmão, e ella assim o entendia, que não podia haver senão por grão siso aventurar o pouco ao muito, e o que se havia de dar por tal satisfação, era mui pouco em respeito do bem que se da paz seguia.

Concordados em esto, firmaram o trauto n'aquella villa de Ilhão, onde entonce estavam, postrimeiro dia de outubro de mil quatrocentos e quarenta e nove annos; e depois que el-rei de Castella chegou á edade de quatorze annos, foram a lá outra vez esses mesmos embaixadores requerer-lhe que approvasse este trauto que pela rainha sua madre, e pelo infante D. Fernande seu tio, que depois foi rei de Aragão, em seu nome fôra feito, a esta sazão já ambos finados.

El-rei mandou lêr o trauto, e por algumas razões que sobre ello pensou, não foi entonce firmado nem ratificado, e tornaram-se os mensageiros, e depois mandou el-rei de Castella a el-rei de Portugal sobre

este negocio Affonso Garcia, deão de Santiago, e João Affonso de Samora, escrivão de sua camara, e concordaram com el-rei a maneira como el-rei de Castella jurasse.

Entonce mandou a Castella o muito honrado fidalgo D. Fernando de Castro, do seu conselho, e um Doutor em leis chamado Fernão Affonso, a requerer esta approvação; e na cidade de Avila, onde el-rei estava, postrimeiro dia de abril de mil quatrocentos e sessenta e um annos, em que a era entonce andava, approvou el-rei o dito trauto, e não por sempre, mas até seis dias de março de mil quatrocentos e setenta e dois annos, no qual anno elle fazia edade de vinte e nove annos, e mais quanto tempo elle quizesse, e assim se guardou cumpridamente até áquelle tempo; e ante uns trez annos que se aquelle tempo acabasse, foram a Castella dois cavalleiros chamados Pedro Gonçalves e Luiz Gonçalves, ambos irmãos, do conselho d'el-rei, e um Doutor Ruy Fernandes, e com estes concordou el-rei sobre a dita paz por sempre em Medina del Campo, trinta dias d'outubro de mil quatrocentos e sessenta e nove annos, na qual foram quites todas as pagas que os reis haviam de fazer aos que foram tomados bens, como em cima dissemos, e todas as outras cousas, por que cessou a guerra de todo, e veiu amor e boa paz, que hoje em dia dura, e prazerá a Deus que durará por sempre, como a estes nobres reis por si e por seus herdeiros outorgaram.

CAPITULO CXCVIII

Como a rainha de Castella enviou a el-rei pedir certa ajuda de galés por sua carta, e da resposta que lhe por outra enviou.

Assim como de uma regra nasce outra, segundo dizem os lettrados, assim d'esta paz aos entendidos nascem duas cousas desejosas de saber: a primeira, se depois d'esta paz assim feita, foi requerido el-rei de Portugal que lhe fizesse alguma ajuda, e quanta e de que guisa, e se lh'a fez ou prometteu, e que resposta deu sobr'ello; a segunda, pois taes filhos, a Deus graças, havia de uma parte e d'outra, como se não moviam casamentos entre elles, por ser mui maior liança de amor e bemquerença.

Contentando algum pouco os que esto saber querem, sabei que foi, e não tardou muito, ca logo por experiencia provar quizeram, se tinham n'elle tão fiel amigo, quejando os mensageiros por tantas vezes tinham affirmado, e dada fim aos negocios da paz, a mui poucos dias que os mensageiros a Portugal chegaram, logo o rainha escreveu uma carta a el-rei requerendo-lhe ajuda pera a guerra dos mouros, cujas razões eram estas:

—«Mui caro, e mui amado com todo meu coração bem querido irmão, el-rei de Portugal: Eu a sem ventura rainha de Castella e de Leão, madre d'el-

rei e sua tutor, e regedor de seus reinos, vos envio muito saudar como aquelle pera que tanta saude, vida com honra queria quanta vós mesmo desejaes. Mui caro e mui amado irmão, bem sabeis como enviastes a mim, com vossa embaixada sobre os feitos da paz, João Gomes da Silva e o doutor Martim Docem, do vosso canselho, e o doutor João Gonçalves Beleago e Alvaro Gonçalves da Maia, vossos servidores; e eu, mui caro e mui amado irmão, trabalhei metter sobre ello, assim com o infante meu irmão, como com todos os do conselho d'el-rei meu filho, as melhores maneiras, que eu entendi que cumpria por bem de taes feitos virem a bom fim, de guisa que, a Deus muitas graças, a paz é concordada entre el-rei meu filho e seus reinos, e vós e os vossos, pela guisa que me mandastes dizer; e esto, mui caro e mui amado irmão, vos escrevo, porque Deus sabe que d'esta cousa hei grão consolação e sou mui leda, e entendo que isso mesmo vós e a rainha vossa mulher, minha muito prezada e amada irmã, fareis por a Deus prazer por esta paz os grandes e bons dividos que entre nós ha, serem unidos e confirmados em bom e verdadeiro amor, e porquanto, mui caro e mui amado irmão, vós sabeis bem como el-rei meu filho tem começado guerra com os mouros de Grada, a qual é disposto continuar, prazendo a Deus por seu serviço, e eu entendo que pera ella lhe cumpria, e é muito necessario, haver de vós ajuda de dez ou doze galés pera o primeiro verão em que se a guerra de fazer houver. Porém, mui caro e mui amado irmão, vos rogo afincadamente quanto posso, que por serviço de Deus, e minha honra e contemplação, e por mostrardes por obra o bom desejo que eu sempre senti que vós

a mim e a el-rei meu filho hav·is, por razão dos grandes e bons dividos que entre nós ha, vos praza d'outorgar e fazer a el-rei meu filho a dita ajuda, que vos certifico que elle vos fará outra similhante, quando vos d'elle cumpridouro fôr, e em esto, mui caro e mui prezado irmão, fareis serviço a Deus, e a mim obra de bom e verdadeiro irmão, e mostrareis a boa vontade que a el-rei meu filho e a mim sempre houvestes, e cousa que vos elle e eu muito agradeceremos, mui caro e mui amado irmão. A Santa Trindade vos haja sempre em sua santa guarda; escripta, etc.»

El rei recebeu bem o mensageiro mostrando-lhe bom gazalhado por lhe trazer tal recado. e por elle escreveu outra á rainha em resposta, que dizia d'esta guisa:

—«Mui cara e mui amada, a que com todo nosso coração inteiramente bem queremos, irmã e amiga, rainha de Castella e de Leão. Nós, el-rei de Portugal e do Algarve, vos enviamos muito saudar como irmã e amiga que muito amamos e prezamos e pera quem queriamos que Deus desse tanta saude, vida e honra como vós mesma desejaes. Mui cara e mui amada irmã: Fazemos-vos a saber que vimos a carta que nos por Alvaro Gonçalves da Maia, escrivão de vossa camara, enviastes, na qual era conteudo que vós haveis trabalhado sobre os feitos da paz, assim como o infante vosso irmão, como com todos os do conselho d'el-rei vosso filho, tendo com elles as melhores maneiras que podereis em tal guisa, que a Deus graças, a paz é concordada entre el-rei vosso filho e seus reinos, e nós e os nossos reinos, pela guisa que por nossos embaixadores vos enviámos a dizer, e que nos certificaveis d'esto, porque Deus

sabia que d'esta cousa haveis grão consolação, e entendeis que assim mesmo nós e a rainha nossa mulher, vossa irmã, seriamos, porque por esta paz, os grandes e bons divididos que entre nós ha, serão unidos e confirmados em bom e verdadeiro amor. Muito amada e prezada irmã: Deus sabe que nós, e a rainha vossa irmã, minha mulher, somos d'esta cousa bem ledos, e agradecemos muito a Deus de entre nós haver paz, e grande mal fôra onde tão grandes e tão bons divididos, como entre nós ha, ser guerra, nem outra nenhuma cousa que de mal fosse. Outrosim, muito amada e prezada irmã, ao que nos enviastes dizer que pois esta cousa assim era feita de sermos em paz, que nós bem sabiamos como el-rei vosso filho era em guerra com os mouros de Grada, a qual era disposto continuar por serviço de Deus e seu, e que porém nos rogaveis que pera o primeiro verão em que se a guerra houvesse de fazer, fizessemos ajuda a el-rei vosso filho de dez ou doze galés, que lhe eram muito cumpridouras. Muito amada e prezada irmã, vós haveis de ser bem certa que pois a Deus prougue tirar o embargo da guerra que entre nós havia, que toda a cousa que nos d'aqui em diante por vós, e por el-rei vosso filho, bem podermos fazer, lh'o faremos bem de grado em tal guisa, que prazendo a Deus, vós a nós achareis bom e verdadeiro irmão, e d'estas galés que nos enviaes demandar, a nós praz pera o primeiro verão em que vosso filho fizer a guerra, de as mandarmos lá em sua ajuda. Mui amada irmã, etc.»

E em fazendo el-rei esta pedida ajuda, não se contentou seu grandioso coração, cheio d'extremada grandeza, têl-a feita d'esta guisa, entendendo pois lhe tão afincadamente fôra pedida e requerida, que

os afincados rogos acompanhavam e constrangiam que o fizesse, o que era a elle pouca honra e fama, e logo a pouca sazão depois d'esto, sendo já o infante D. Fernando rei de Aragão, tendo porém governança de Castella, como d'ante tinha, este nobre rei de Portugal, vendo tão nobre conquista, qual se d'aquelles reinos contra mouros fazer queria, havendo grão desejo ao serviço de Deus, e que o empacho que Hespanha recebia de terem infieis o reino de Grada, fosse de todo tirado, lhe enviou offerecer, que prazendo-lhe de os guerrear e continuar sua conquista, que elle por seu corpo e com seu poderio o ajudaria mui de grado, e elle foi mui ledo de tal embaixada, e dispondo-se de o cumprir, torvou-o a morte acabando seus dias, e depois de seu finamento, continuando em sua boa vontade este catholico principe, rei de Portugal, mandou fazer similhante requerimento á rainha D. Catharina, madre d'el-rei de Castella, a qual agradeceu quanto entender podeis, mas disse que ella era mulher, a que não pertenciam feitos de guerra, e que el-rei seu filho não era de taes annos que em ella podesse ser, e que por esto lhe não convinha de se dispoer a tal obra.

Depois que el-rei foi em tal edade, e regia seus reinos, e começou de conquistar os mouros, o nobre rei de Portugal lhe enviou recontar estes requerimentos passados e porque não houveram effeito, e que agora pois que o Deus trouvera a perfeita edade, e elle com santa e boa tenção começava fazer tal conquista, querendo-a continuar, que elle por pessoa, com muito boa vontade, acompanhado de seu primogenito filho, e dos outros infantes e condes da sua terra, o ajudaria a ella, declarando-lhe logo a maneira em que o entendia, com a graça de

Deus, de fazer, e se porventura lhe fosse empacho r elle por pessoa, que elle lhe mandaria seus filhos todos, ou aquelles de que a seu bom prazer melhor entendesse de ser servido.

E d'esta e d'outras vezes que lhe tal ajuda foi offerecida, sempre sua resposta era que lhe agradecia muito seus bons offerecimentos, e que a breve tempo lhe mandaria resposta, a qual a breve espaço, nem longo, de nenhuma vez foi enviada, engeitando mui de vagar esta inteira ajuda, a qual, á primeira, com grande trigança, em pedaços requeriam.

CAPITULO CXCIX

Como foram movidos alguns casamentos dos filhos d'estes reis de uma parte e da outra, e não se acertaram.

RESPONDENDO á outra cousa desejosa de se saber, porque se não moviam casamentos entre taes infantes, pois que os de ambas as partes havia, e ser liança mais firme, sabei que movidos foram, mas porque os casamentos dos filhos dos reis, posto que razoados sejam, não são assim ligeiros de fazer, por as muitas cousas de que se n'elles trata, des-ahi outros senhores, posto que os tenham, não ousam honestamente de os casar fóra do reino sem licença do rei da terra, embarga-se ás vezes tal ajuntamento, e posto que se consiga como os padres querem e seja de todo acertado, fortuna poderosa em todas as cousas os desvia quando quer,

por caminhos não cuidados, assim como fez a alguns d'estes que se tratar começaram: ca el-rei de Portugal ante d'estas pazes tratava secretamente grande liança e amizade com aquelle infante D. Fernando, tio d'el-rei e seu tutor, na qual, entre as outras cousas, era casarem seus filhos uns com o outros, e sendo assim concordados por cartas e pessoas que entre alles fallavam, fez saber este infante a el-rei de Castella se lhe prazeria de tratar elle estas pazes que dissemos, e casar elle seus filhos com os d'el-rei de Portugal, e elle lhe mandou dizer que nas pazes podia bem fallar, mas dos casamentos não se entremettesse, e assim se desatou esta liança, e não se fez mais nenhuma cousa, e foi esto n'aquella sazão que el rei partiu pera ir sobre Alcantara, quando depois a rainha D. Catharina fez a saber a el-rei como aquelle infante e todos os do reino de Castella leixaram a ella o carrego do trauto pera firmar a paz.

Isso mesmo lhe escreveu logo que assim outorgaram que casasse sua filha a infanta D. Catharina com seu filho o infante D. Duarte, primogenito e herdeiro do reino, pelo qual casamento prazeria a Deus que se atalhariam as guerras e viriam á paz, e fallando el-rei ao infante seu filho ácerca d'este casamento, foi o infante posto em uma grande e razoada duvida, dizendo que sua esposa que havia de ser, era mui pequena, ca não havia mais de quatro annos, e elle de edade de vinte, e não era boa egualdança, ca convinha d'attender pera com ella poder casar nove ou dez annos.

Pero por se fazer a paz, vendo os bens que se d'ella seguiam, que elle com ajuda de Deus entendia supportar aquelle encarrego, com tanto que sen-

do casado, que o fosse bem quanto a Deus e quanto ao mundo; mas porque era tão pequena punha grão duvida de casar, porque elle logo ficava casado, e ella não ficava casada, e acontecendo a ella, ante que tomassem casa, algum cajão em seu corpo, assim como sandia, cega, ou paralitica ou gafa porque d'ella não podesse ser bem casado, que esto lhe era mui grão duvida, pois que a por nenhum d'estes cajões não podia leixar de mulher, a qual cousa seria a elle mui impecivel, e des-ahi a todo o reino; e depois que as pazes foram firmadas, fallou-se tanto n'este casamento e nas cousas a elle pertencentes, assim de cem mil dobras que promettiam com ella, se as dariam todas em ouro ou por que guisa, até que a rainha veiu dizer que se queria vêr com sua irmã, a rainha de Portugal, sobre esto, e que entonce fallariam sobre o feito d'este dote e em todo o al que cumprisse.

A el-rei pareceu esto que era perlonga que tarde poderia vir a fim; entonce mandou commetter casamento de sua filha á infanta D. Isabel, que depois foi duqueza de Borgonha, com este rei de Castella, entendendo que estava azado pera se fazer; porquanto el-rei D. Henrique seu padre, isso mesmo o infante seu tio, sendo vivos, tinham accordado de se fazer assim, se tão cedo não falleceram por morte.

E quando esta paz foi apregoada em Valladolid, ante que os embaixadores partissem, perguntou a rainha presentes elles a el-rei seu filho, dizendo d'esta guisa:

— «Filho, senhor, com quem vos prazeria a vós de casar?»

E elle respondeu e disse:

— «Com a infanta de Portugal, que me dizem que é uma das formosas donzellas do mundo.»

E por aqui podeis vêr que casamentos houve ahi commettidos, e posto que razoados e eguaes fossem, assim de linhagem e estado, como d'outras cousas, por aquella commum falla—que morte e casamento talhado é no céo—, não se ancaminhou nenhum d'elles.

E porém fallaremos d'outras cousas, pois que dos feitos de Castella com Portugal não temos mais que dizer, e n'este logar se contaram estes melhor que em outra parte d'esta obra.

CAPITULO CC

Da maneira que o Condestabre tinha andando na guerra.

Pois a Deus aprougue a guerra cessar de todo, e os reis postos em assocegada paz ante que d'outra cousa façamos menção, digamos um pouco dos modos que o Condestabre na guerra tinha, posto que já alguns espalhados por parte d'esta obra em curta relembrança hajamos tocado, não só por louvor d'elle, que o bem merece, mas por ser exemplo aos que hão de vir, mórmente aos que seu logar e officio tiverem, certo é que o longo costume das cousas que se dão a bem, faz aos homens ter auctoridade de louvar a aquelle a quem acontece, dizendo que velhos annos o fizeram sages, e a longa pratica lhe deu bons aquecimentos, assim como

contam de Diogo Lopes Pacheco e d'outros similhantes que se nomear podiam.

Mas que diremos d'este Nuno Alvares Pereira novo guerreiro?

Em sendo el-rei Mestre, quando lhe foi encommendada a frontaria de riba de Odiana, em edade de vinte e dois annos, que partindo de Lisboa com tamanho carrego, mórmente em guerra tão accesa e por tantas partes, sendo-lhe estranhas e fóra de usança sagezarias a tal negocio pertencentes, não curou de levar comsigo numero de muita gente, em que os capitães costumam de confiar; mas escolheu Pedro Annes Lobato, que dos bons homens d'armas havia conhecimento, aquelles a que prougue de ir em sua companha, que lhe em tal obra foi fiel alcoveto, e assim era depois seu costume que tomando algum escudeiro ou homem de pé pera viver com elle, sempre inquiria que fosse tal, que por obras e nome merecesse ser chamado homem.

Que avisamento foi entonce o seu quando chegou a Setubal, dormindo no arrabalde que mandou poer as escuitas contra o castello de Palmella, e disse a Alvaro Fernandes que viesse dar as novas que ouvistes, por vêrem se eram taes como cuidava, os que levava comsigo como os acharia prestes a taes horas, e porque guisa, se seus inimigos contra elles viessem; se alguns com elle acompanhavam que taes não fossem como slle queria, elle tinha geito de os fazer bons, e dos bons muito melhor, dizendo bem d'elles quando presentes não eram, louvando-os como bons homens d'armas, que era graude azo de acrecentarem em si por tal fama como d'elles dava.

Como seu arraial era assentado, cavalgava elle e andava-o todo vendo, e se d'elles se alojavam affastados

d'elle, posto que pequeno espaço fosse, por azo de suas bestas melhor pascerem, ou por companha, ou qualquer outra cousa, ainda que não fosse mais de humilde e de pequena condição, chegava a elle ahi mansamente, e com gracioso gesto dizia:

— «Que é isto amigo? Que pousada é esta que tão arredada de mim tomastes? Logo vossa tenda seja alçada e armada a par da minha, que de taes como vós queria minha tenda acompanhada, e guardada minha bandeira.»

E não lhe valendo nenhuma cousa, mostrando que tinha seu serviço em boa conta, docemente lh'o fazia fazer, posto que na vontade a tal pessoa lhe muito pezasse.

Era gracioso em suas palavras, recebendo graciosa e mesuradamente quaesquer da hoste que a elle chegavam; assim capitães como homens d'armas, de guisa que sempre sua mesura passava em os honrando além do que cada um em seu estado merecia; mas com esto no movimento do arraial, ordenando suas batalhas como haviam de ir, queria-se mui temido como senhor, de guisa que nenhum fallecesse do que elle mandava, ca d'outra guisa tornava bravo como leão, quando se algum desordenava do regimento que lhe era dado, chegando alli trigosamente; e se era escudeiro cambeiro ou honrada pessoa, com gesto queixoso dizia contra elle:

— «O amigo se quer vós?»

E com tal continencia lhe dizia esta palavra, que tomava d'elle grão vergonha, logo se ordenava; e se eram pessoas de mais pequena condição, a uns matava os cavallos, a outros feria nos corpos, que o sentiam de geito que os pequenos lhe haviam medo, e os fidalgos e cavalleiros receio de o anojar,

assim que todos lhe eram obedientes e o amavam, ca elle depois caladamente por encobertos modos e gracioso geito, por não entenderem que por aquello era, fazia assaz boa emenda áquelle que assim anojara, posto que o justamente, e por proveito de todos o fizesse.

Em sua companhia serviam o mestre de Santiago, e o Priol do Hospital, e Martim Affonso de Mello que havia dozentas lanças, e geralmente todos os fidalgos d'entre Tejo e Odiana, e do reino do Algarve, todos aguardavam sua bandeira, sendo d'ello muito contentes, salvo o mestre d'Aviz que servia com el-rei, pero foi com elle a Caceres.

Em todas as cousas que fossem tomadas dos inimigos em batalhas e feitos d'armas quando entrava por Castella, ou por outra qualquer guisa, se mostrava mui sem cobiça, não tomando nenhumas d'ellas a aquelles que as alcançavam por nobres e boas que fossem, mas mandava partir as cavalgadas e esbulho das pelejas por grande egualdeza, poendo por quadrilheiros pera as partir, bons homens, e sem cobiça, de guisa que todos eram contentes; e se lhe alguma cousa cahia muito em vontade, posto que lh'a offerecessem, não a queria tomar, mas mandava-a comprar á vontade d'aquelle cuja era, sem geito nenhum de senhorio, e d'outra guisa não.

Em guerra e em tregua trazia muito a miudo escuitas com os inimigos, por saber de seus feitos parte quando algum movimento quizessem fazer.

Quando entrava por Castella mandava que nenhum pozesse fogo a pães, nem aldeias, nem arrabaldes, nem outros edificios, e se o alguem fazia, anojava-se muito com elle, e por vezes descavalgava e ajudava-o a matar, mostrando por obra quanto

lhe pesava dando escarmento aos que o punham, não porém tão aspero como aos que entravam nas egrejas por tomar d'ellas alguma cousa.

Se os seus tomavam algumas mulheres ou moças, ou moços pequenos indo á forragem ou por outra guisa, ainda que muito fizessem por encobrir d'ellas, elle trabalhava por fieis inculcas por saber parte de todo, e fazia-os trazer ante si, e mandava que se fossem pera a villa ou castello, se eram perto d'ello; e se ia de caminho mandava metter essas mulheres e moços em alguma egreja se a ahi havia, e se a não achavam fazia-os poer em um matto mandando ficar certos em guarda d'elles até que toda a gente da hoste passava; e que entonce sahissem e fossem pera suas terras.

Louvavam a Scipião Africano, como é razão, por uma cousa que fez na Hespanha, a qual foi que sendo tomada dos seus na guerra d'ella uma filha de um grande homem, esposada com um mancebo seu egual em linagem e estado, o padre e parentes d'ella mandaram dizer a Scipião que lhe desse a donzella, que lhe dariam por ella qualquer rendição que razoada fosse, e elle respondeu que lhe prazia com condição que fossem fazer as bodas a sua casa, do que elles foram mui ledos, e Scipião deu em casamento á noiva todo o que por ella lhe fôra dado, e mais outras joias aos que vieram á festa, e diz a historia que por este azo ganhou mais da Hespanha que por quantas batalhas até áquelle tempo fizera; mas esto fez Scipião no tempo que elle e os outros capitães eram cheios de nobres costumes e aformosentados de naturaes virtudes, como se largamente acha em escripto; mas agora n'estes postrimeiros tempos, em que os vicios todos entraram em logar das virtudes, é

muito de louvar este Condestabre, o qual entrando uma vez por Castella, gentes do seu arraial com capitães foram correr adiante, chegando a uma aldeia onde de tal aquecimento estavam dessegurados; e fazia-se n'aquelle dia alli uma boda; prenderam o noivo e a noiva onde s'iam pera os levar á egreja a lhe fazer seu officio, e alguns que andavam na festa, e muitos se metteram na egreja e d'elles fugiam por onde melhor podiam; e quando tornaram ledos tomando tal presa, o conde se anojou muito, reprehendendo asperamente o capitão que o fizera, nem consentira aos seus de o fazer nem outro nenhum nojo em dia de sua boda, e mandou que lhe trouxessem o noivo e a noiva, e perguntou a ella se lhe fôra feita alguma deshonra que tangesse a ella ou a seu marido.

E ella respondeu que não; e d'esto prouve muito ao Conde, e mandou soltar o noivo e a noiva, e os que vinham presos com elles, e mandou diante segurar os que achassem na egreja, ou por outra guisa, e chegou á aldeia por azo d'isto, dizendo que a queria mais honrar do que a honraram os que a prenderam, e tornou-lhe a fazer sua festa e officio, cantando os seus em ella, e leixou os noivos com os outros em paz, e tornou a seu alojamento, dizendo como assim cumpria de se fazer, pois que o casamento era um dos sacramentos da Santa Egreja.

Quanto elle guardava as egrejas e gentes que se a ellas acoitavam, já algum pouco havemos tocado, de guisa que nenhum, sob pena de morte, não era ousado de os descoitar, nem tomar d'ellas cousa que dentro estivesse, fazendo cumprir tal mandado com gran diligencia e sentimento, assim como se mostrou por vezes, e logo acerca da vinda de Alcantara,

quando Fernão Lopes Rombo, fronteiro do Redondo lançou uma cilada em Villa Nova del Fresno, cuidando tomar o alcaide da torre d'aquelle logar e os que com elle eram, quando sahisse fazer os oito dias a seu padre que lhe morrera, e soterrara na egreja acerca da barbacã da torre, e por se não fazer aquelle dia, não sahiu elle fóra, mas sahiu sua mulher e sua irmã d'elle, e trez filhos d'ella, e tomaram todos dentro na egreja, e d'outros até quarenta, e levaram-n'os presos; e tendo-os captivos em seu poder, fizeram-n'o saber os castellãos ao Conde, e elle mandou logo que quantos foram tirados da egreja, que os tornassem a lá com as cousas que dentro tomaram; e os que esto fizeram se aggravaram muito, dizendo que não era razão nem direito, porquanto já tinha bestas e armas d'alguns em rendição, e demais que aquella egreja era cova de ladrões, d'onde sahiam a fazer muito mal uns cincoenta moradores que alli havia, a termo d'Evora e d'aquella comarca toda; e pero lhe assim mostravam por direito mestres em theologia, nunca em ello quiz consentir, salvo que tornassem á egreja, com todo o seu, aquelles que d'ella tiraram; e os que tomaram fóra, lhe ficassem. E assim se cumpriu logo sem mais trespasso.

E por esta e outras boas maneiras que o Conde na guerra usava com seus inimigos, assim como lavradores e gentes meudas, lhe queriam todos grande bem e rogavam a Deus por elle; mas os senhores e fidalgos com que pelejava, não lhe tinham tal vontade, porém tinham-n'o por mui bom, ca elle podera fazer muito mal se quizera, mas sendo em seu tempo claro espelho de honestos costumes aos senhores entonce viventes, não o quiz fazer, e pode bem

verificar-se d'elle, aquello que se escreve, onde diz:

Potuit enim facere malum, et non fecit.

Assim que seus militares feitos e humanaes virtudes são lição abundosa pera qualquer principe, dos quaes grande e immortal fama convem que fique por sempre.

CAPITULO CCI

Que maneira o Conde tinha de viver no tempo da paz.

Ouvidos os modos que o Conde na guerra tinha, vejamos quaes eram no tempo da paz, e assim leixaremos fallar mais d'elle; onde sabei que seu geito de vida em continuadamente manter seu estado era este:

Elle em tempo de paz e de guerra sempre havia trinta escudeiros que o guardavam, tendo bons cavallos e armas, e mui bem vestidos, e assim manteúdos de guisa que no reino não havia senhor que os melhor corregidos tivesse.

Estes e os outros que com elle viviam, castigava elle tão bem, que lhe não consentia que a nenhum fizessem mal nem damno, e nos logares onde mais costumava estar d'assocego, não costumavam os seus pousar pela villa, nem consentia que trouxessem mulheres, salvo aos casados, mas nos castellos tinham pousadas e camas, que o Conde mandava fazer, es-

to por serem privados de por mau azo fazerem de noite cousa que não deviam.

Não consentia a pessoa leiga, que publicamente estivesse em peccado mortal, e muito menos aos sacerdotes, e quando taes pessoas sabiam que havia de vir a aquelle logar onde assim viviam, fugiam d'alli pera outros logares até que se d'alli partia; e d'elles por bom geito fazia casar com as mancebas que tinham, assim que bem se cumpria em sua casa e terra o dito de Santo Agostinho, que dizem que fallava *(Si non caste, tamem cauté)*.

Se algumas mulheres casadas uzavam de si mal, e elle havia certa informação que os maridos sabiam d'ello parte e lh'o consentiam, degredava-as de suas terras contra vontade dos maridos, dizendo que pelos peccados d'ellas e d'elles, pois lh'o consentiam, não queria que Deus lançasse a sua ira onde elle estivesse.

Sua terra era mui bem regida de justiça, vedando muito que uns com outros não houvessem arruido nem se fizessem nojo, e as demandas que perante seus ouvidores vinham, cedo e por direita balança havia cada um seu peso, não se desembargando feitos pesados, que elle presente não fosse.

Nos divinaes officios era elle assim attento, sem mistura d'outros negocios, que continuadamente cumpria sua ordenança d'ouvir cada dia duas missas cantadas, e nos domingos e festas lhe diziam mais uma officiada bem solemnemente com sua prégação, e esta usança nunca errava, posto que em guerra fosse, se lhe algum feito grande cumprisse de fazer, que todavia de noite lh'as haviam de dizer, se a manhã pera ello não podesse aguardar, e pera esto trazia mui honrada capella, e guarnida de ornamentos,

estimentas, e bons clerigos e cantores, os quaes empre eram prestes, antes que os condemnasse, endo cada um previsto ante que o Conde viesse, o ue havia de dizer e de fazer, não fallando em ou-a cousa, salvo n'aquella que a seu officio pertencia, esto mui mansamente, sem outro riso e joguetes, a d'outra guisa lhe era muito estranhado.

Este Conde fez o mosteiro de Santa Maria do Carmo em Lisboa, e a egreja de Santa Maria dos Martyres em Estremoz; e refez e corregeu outras grejas muito melhor do que estavam.

Assaz foram vistos, e não mui poucos, que mudando sua vida e corregendo seus costumes fizeram mudança com grande fervor, mas sua perseverança i de pouca dura, leixando depois o que começaram meios de mingua e vergonhosa reprehensão; e este ão mudando, mas começando em sua nova edade ma virtuosa e honrada maneira de viver, sempre n todos seus feitos, essim mundanaes como d'esritual ordenança, a teve, da qual nunca foi vis- que disviasse por cousa que avir podesse; assim ue se não pode escrever d'elle o que alguns sabeores notaram, dizendo que mal viviam os que semre começavam de viver, e que outros começavam ua vida quando a deviam d'acabar, e d'elles moram primeiro ante que a começassem; e este Condesbre continuando um theor de vida, não se mudou aquelle caminho.

Não é pouco de maravilhar da castidade d'este obre varão, que ficando elle viuvo em edade de nte e seis annos finando-se a Condessa sua mulher, empre depois manteve castidade, posto que haver odera a mais honrada do reino.

Fazia grandes esmolas e muita caridade aos po-

bres, e especialmente aos envorgonhados, e viuvas e orphãos; e em cada uma das suas villas tinha certos mercieiros a que dava serto mantimento e de vestir, e aconteceu no tempo da tregua que dissemos, que veiu um anno minguado de pão, e em que o trigo foi muito caro, e vieram-se muitos castellãos pera Portugal com mingua de mantimento, e a todos que se acertavam a vir a Extremoz, e ás terras do Condestabre, a todos elle mandava dar cada semana senhos meios alqueires de trigo, s. ao marido meio alqueire, e á mulher outro, e a cada filho, quer fosse grande, quer pequeno, a cada um seu meio alqueire, e assim os manteve todo aquelle tempo, até que Deus deu novidade de pão no reino de Castella, e se tornaram pera suas casas, na qual esmola dispendeu muito pão que tinha encovado das suas rendas, que foi grão pregão de sua boa nomeada.

CAPITULO CCII

Como el-rei encommendou ao Conde o carrego da justiça de riba de Odiana.

Posto el-rei em tal assocego, desabafado dos feitos da guerra, cuidou correger sua casa e terra de algumas cousas que lhe pareceu dignas d'emendar, e fallou todo com o Condestabre, dizendo-lhe a maneira que em todo entendia ter, e como por elle e os do seu conselho queria que o reino e as despesas grandes de sna casa e da rainha

sua mulher fosse todo ordenado e corregido, especialmente departiu muito com elle sobre feito da justiça, a qual por azo da presente guerra cada vez fóra mais minguada e deitada em devassidade, atrevendo-se os homens a commetter muitos maleficios, entendendo que por servirem em ella, lhe haviam de ser relevados, chegando-se a taes capitães que lhe de seus erros ganhavam perdão, os quaes disse el-rei:

— «Posto que eu entendesse que bem a fazia, convinha-me outorgar em taes tempos por comprazer os fidalgos que m'os pediam, e por quanto eu entendo que uma das cousas a que muito obrigada sinto minha alma quanto a Deus e quanto ao mundo, assim é o feito da justiça, tanto por Deus aos reis encommendada, que lhe rogava, assim como elle foi seu ajudador e parceiro em trabalhar por ganhar o reino e o ajudara a defender, que assim lh'o ajudasse a governar em boa e direita justiça, tomando carrego da justiça d'entre Tejo e Odiana, e isso mesmo do reino do Algarve, sem mais alçada que pera elle viesse, sómente por seu bom accordo e madura discrissão fosse todo findo n'aquella comarca, e que lhe faria em ello prazer e serviço, e grande ajuda em descarregar sua consciencia.»

— «Senhor, disse o Conde, eu entendo bem vosso bom desejo, e Deus seja muito louvado por vos tal conhecimento dar, ca certamente como vós dizeis, esto é o maior encarrego que o rei da terra tem, e que entre as cousas mais lhe ha de ser demandada, da qual não devia desviar por creação, nem rogos de pessoas, nem outra cousa que se dizer possa, e não sómente o rei leixando-o de fazer, mas aquelles que lh'o rogam, por cujo azo tão boa obra se em-

barga, darão a Deus d'ello grave conta, e tendo, como é verdade, que taes rogos são grande encarrego de consciencia d'aquelle que os assim faz, nunca vol os por nenhum requerimento quiz fazer, posto que bem certo fosse de vossa mercê que m'o farieis, mas quando algum me cahe em tal erro por que merece pena ou fazer outra emenda, não quero que lhe minha casa seja couto, nem vos escrevo por elle, mas digo-lhe que se vá fóra d'ella, e que se venha livrar perante os vossos desembargadores, e depois que fôr livre, entonce se torne, e quando vem e me mostra carta de seu desembargo, entonce o recebo, e d'outra guisa não, e por este azo se refreiam de muitas cousas, em que cahiram, porque sabem que não teem em mim cobro de rogo que eu por elles haja de fazer, mas pois a vossa mercê é de me d'ello dardes carrego, a mim praz por serviço de Deus e vosso, porque vejo que a terra é bem minguada d'ella, de o tomar e poer em ello mão no melhor modo que me Deus encaminhar.»

El-rei foi ledo com esta resposta, pois que outorgava de o fazer, e entonce fez chamar os do seu conselho, assim como o Mestre de Christo e o Mestre d'Aviz, e outros senhores e prelados, e notificou-lhes as cousas que em sua casa e reino correger queria, e todos com o Condestabre cada dia postos em conselho, ordenaram sobre todo como lhe melhor, e serviço mais seu d'elle e proveito do reino pareceu; e fallando logo na justiça, accordaram que qualquer que comsigo trouvesse algum malfeitor, ou o defendesse, que pagasse pela primeira vez cincoenta dobras, e por a terceira trezentas; e se fossem condes ou mestres os que esto fizessem, que pagassem por cada vez quinhentas, e todas fossem pera obras

dos muros; e porque acharam que no reino haviam logares coutados, em que se colhiam os homisiados por malificois que faziam, por cujo azo mais ousadamente se soltavam os homens a fazar mal, mandaram que não houvesse outros coutos do reino, salvo trez, que foi achado que o eram antigamente, a saber:

Entre Tejo e Odiana, Noudal, e na Beira, o Sabugal, e Traz os Montes, Freixo d'Espada Cinta.

O Conde depois d'esto, tomou carrego da justiça d'aquella comarca que lhe el-rei encommendara, e poz em ella mão de tal guisa, que a terra em pouco tempo foi assocegada e a justiça sentida, porque elle em tal feito não tinha lei, nem affeição com grande nem pequeno, nem creado nem amigo, por seu divido que fosse, mas todavia fazer direito, tendo Deus ante seus olhos, a que se não esconde cousa alguma, e a balança direita a todos, de geito que esses grandes que o acompanhavam em serviço d'el-rei, se affastavam d'elle, por aquella aspereza que com elles tinha em feito da justiça, posto que razoada e direita fosse; e porquanto lhe uma vez el-rei escreveu sobre um cavalleiro seu creado que mandava justiçar, que se houvesse com elle por outra maneira, posto que merecedor fosse, o Conde respondeu que pois assim era, que tal carrego não pertencia senão a elle, e pediu-lhe por mercê que lh'o tirasse; e não quiz d'elle mais usar.

CAPITULO CCIII

Das cousas que ordenaram mais os do conselho, e como as sizas não foram lançadas pelos reis.

TORNANDO a fallar do mais que pelo Condestabre e pelos outros senhores em aquelle conselho foi accordado, ordenaram ácerca da guerra, em que depois porventura por algum azo não pensado ligeiramente poderiam ser, não embargando a paz em que eram postos, que por bom provimento e mais segurança da terra, que el-rei tivesse sempre ordenança certa pera defensão de seus reinos, de trez mil e dozentas lanças, a saber: pelos capitães 500, de escudeiros de uma lança duas mil trezentas e sessenta, e pelas ordens do reino trezentas e quarenta, a saber: o Mestre de Christo, por si e seus commendadores, cento, e o Mestre de Santiago outros cem, e o Mestre de Aviz oitenta, e o Priol do Hospital sessenta; e mais que el-rei tivesse quinhentos arnezes, e o Contestabre, e D. Affonso, filho d'el-rei bastardo, o Mestre de Christus, o Mestre de Santiago, o bispo de Coimbra, o arcebispo de Lisboa, o arcebispo de Braga e o bispo de Évora, cada um cincoenta arnezes, e mais o Mestre de Aviz quarenta; e Gonçalo Vasques Coutinho, e o bispo do Porto, e o Priol de Santa Cruz, cada um, trinta; e o Priol do Crato e o bispo de Silves, e o bispo de Vizeu, e o bispo da Guarda, e o bispo de Lamego e o abbade d'Alcobaça, cada um tivesse vinte, e com estes mil e quinhentos arnezes, afóra as armas que no reino havia, estaria a terra egualmente percebida

pera tempo de mister quando tal tempo viesse, posto que d'esto bem descuidados estivessem pelo bom amorio e paz em que eram postos, como ouvistes.

Proveram isso mesmo por correger a casa d'el-rei quanto havia de suas rendas e direitos reaes, e acharam que lhe rendia todo o reino oitenta e um contos e seiscentos mil libras; a saber: as sizas sessenta contos novecentos e cincoenta mil, que eram juntamente por todo cento e oitenta e cinco mil e trezentas dobras, valendo entonce a dobra mourisca, ou coroa, qual quizesseis, quatrocentas e quarenta libras, que eram entonce cento vinte e trez reaes de trez libras e meia, e que todo esto el-rei dispendia e não lhe abundava, segundo sua grandeza e sobegidão de gentes, assim de homens como de mulheres, que em sua casa e da rainha andavam, e que guardada sua honra e estado, adelgaçando taes despezas lhe podiam abundar suas rendas pera o gastamento ordenado, e mais sobejar-lhe pera outras dadivas quando mister fizesse. Entonce ordenaram que das pessoas do conselho não andassem continuadamente mais de quatro, e que estes houvessem moradias em quanto ahi andassem, e posto que outros do conselho viessem á côrte além dos quatro que ahi d'andar haviam no conselho, não houvessem moradias, mas se outros além dos quatro fossem chamados por mandado d'el-rei pera côrtes, ou algum conselho, que até quinze dias não houvessem moradia, salvo d'alli em diante, e muito mais pouco se viessem arrecadar seus feitos á côrte, e que el-rei podesse mandar aquelles quatro, e trazer outros quatro, quando sua mercê fosse, e que afóra estes do conselho trouvessem a el-rei de côrte de pessoas grandes pera acompanhar a elle, e a rainha

e os infantes, inda que eram pequenos, vinte, e d'escudeiros moradores, contando em elles as guardas d'el-rei, oitenta, e de cincoenta e sete moços da camara que trazia lhe ficassem com os pagens no mais de doze, e os quarenta e cinco tirasse por escudeiros, e de moços da estribeira com o apresentador trouvesse dez, e de caçadores no mais de vinte, e de moços do monte vinte e cinco; e assim temperaram as pessoas que trouvesse em todos os officios de sua casa, assim nas relações como d'escudeiros, e de clerezia como de quaesquer outros.

Outrosim ordenaram que na casa da rainha andassem quatro donas, e onde andavam vinte cinco donzellas, que não trouvesse mais de quatorze, e as outras agasalhasse el-rei, e mais uma camareira e outra mulher de camara, e assim outras mulheres e officiaes, e tiraram as covilheiras aos infantes, que eram mulheres que lhe guardavam suas roupas e a limpavam, e toda a outra limpesa que mulheres a moços honestamente é dado de fazer, e que lhe dessem escudeiros que tivessem este cuidado como consentindo el-rei na tenção d'elles, havendo-o por bem ordenado todo quanto assim faziam.

Mas porque fazemos menção que as sizas rendiam muito mais que os direitos reaes do reino, e alguns cuidam e tem hoje em dia que os reis acharam novamente tal sujeição, e a lançaram sobre o povo, e esto não foi assim, queremos aqui dizer brevemente qual foi seu começo d'ellas, por desfazer esta opinião, onde sabei que não achamos, nem se mostra que até o tempo d'el-rei D. Diniz, que morreu na era de mil trezentos e vinte cinco annos, que entre os povos houvesse siza por alguma razão que fosse, mas escripturas certas nos dão testemu-

nho que no tempo d'el-rei D. Affonso, o quarto filho d'el-rei D. Diniz, antes da pestilencia grande, que foi a cabo de vinte quatro annos, na era de mil trezentos quarenta e nove, já antes d'esta mortandade ahi havia sizas que os povos deitavam entre si, cada uns em seus logares como lhes prazia, quando taes necessidades avinham, pera que as houvessem mister assim como os moradores de Setubal, que sendo o logar descercado a aquelle tempo, e mandando este rei D. Affonso que o cercassem, lançaram entre si duas sizas, por haverem dinheiro pera se cercar, a saber, uma siza, que chamavam grande, nos vinhos, que egualmente rendia quatro mil libras, que eram mil e trezentas dobras, e outra siza meuda, que rendia umas quinhentas, e todas estas mil oitocentas dobras se dispendiam no cercamento do logar de Setubal, e cousas a elle pertencentes; e esta foi a primeira siza que achámos que concelho lancasse, e durou até que a villa foi acabada.

E depois em tempo d'el rei D. Fernando, por as grandes necessidades das guerras em que o reino foi posto, lançavam os povos entre si sizas pera supportar os muitos encargos que de taes feitos nasciam, cada uns em seus logares, especialmente em Lisboa, que mór parte d'ello tinha, des-ahi pera cercar esta cidade; e depois que taes necessidades eram acabadas, se outras mais não sobrevinham, tiravam-n'as de todo ou parte d'ellas, como os povos entendiam por seu proveito, tomando conta aos recebedores de taes sizas, e thesoureiro a que eram entregues, sem o senhor da terra em taes feitos poer mão.

E vendo os reis taes rendas e sizas, havendo vontade de as haver, mostravam ao povo necessidades

passadas, ou que eram por vir, e pediam-lh'as graciosamente por dois ou trez annos, e que logo as leixariam; e outorgadas d'esta guisa, emadiam depos outra necessidade pera que as haviam mister, e pediam-n'as por mais tempo, e assim lhe ficou a posse d'ellas, mas não que as elles deitassem.

E sendo o Condestabre e outros do conselho muito certos d'esto que dizemos, ordenaram entonce que se tirassem das sizas do reino a terça parte, por esta guisa, a saber: que quem pagava de siza um soldo de cada libra, que pagasse não mais de oito dinheiros; e não embargando o terço, que assim tiraram das sizas, pagadas as quantias de cento e sessenta capitães, e dos outros todos que as haviam d'haver, e quantas despezas que el-rei e a rainha com os infantes tinha em costume de fazer, ainda ficavam a el-rei de sobejo pera outras cousas que cumprissem dez mil dobras; a qual ordenança el-rei louvou por boa usança em todas as cousas, como elles ordenaram.

CAPITULO CCIV

Como casou el-rei seu filho natural D. Affonso com a filha do Condestabre.

Não prougue aos antigos que os senhores e fidalgos de seus reinos casassem seus filhos com as grandes pessoas das terras a elles comarcãs, sem sua licença e consentimento, receando que de tal divido e liança, como se d'este pa-

antesco seguia, lhe podesse nascer em algum tempo contraria torvação a seus filhos, e por esta regra o mui avisado e discreto Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal tendo uma filha mulher crescida em boa edade pera casar, chamada D. Beatriz, era requerido de alguns fidalgos e senhores de Castella sobre feito de seu casamento, e elle muito humildoso a seu rei e senhor, e como tinha de costume, mostrava-lhe as cartas que sobre esto lhe enviavam, pedindo-lhe por mercê que pera tal feito lhe desse licença.

El-rei ia sempre espaçando esto, dizendo-lhe que de todo bem e honra que a sua filha viesse, lhe prazeria muito, porém se não trigasse a ello, ca porventura Deus lhe encaminharia pera ella outro e mais honrado casamento, d'aquelles que lhe eram commettidos; e elle lhe tinha em grande mercê receber d'elle tão boa resposta, e assim se foi espaçando por tempo até esta sazão, em que estando o Condestabre com el-rei em Leiria, e tendo isso mesmo el-rei aquelle seu natural filho chamado D. Affonso, que houvera ante que casasse, como contámos dos filhos que houve, tratou-se casamento, e firmou, d'este D. Affonso, filho d'el-rei, com a filha do Condestabre, e de que o Conde foi mui ledo, e deu-lhe com ella em casamento o condado de Barcellos com terra de Penafiel e de Basto, e Montalegre com terra de Barroso, e Chaves e Guimarães, e Baltar, e o Arco de Boulhe, e certas quintas que o Conde havia entre Douro e Minho, e com outras rendas; e pediu a el-rei por mercê que pois elle dava o condado de Barcellos a seu filho, que o fizesse conde d'elle, e esto era porque el-rei lhe tinha pro-

mettido que emquanto elle vivesse não fizesse outro conde em Portugal, como ouvistes.

A festa de seu casamento ordenaram ser em Lisboa, e foram feitas suas bodas mui honradamente, a que vieram todos os senhores e pessoas notaveis do reino, em que houve justas e torneios, e muito prazer de matinadas, e outros jogos, assim da parte d'el-rei, como do Condestabre.

Este conde D. Affonso houve da condessa sua mulher uma filha, que chamaram D. Isabel, mulher que foi depois do infante D. João seu tio, governador do Mestrado de Santiago de Portugal, e esto por licença do Papa, que dispensou com elles que casar podessem; e houve mais dois filhos, a um disseram D. Affonso, que depois foi conde de Ourem, e a outro D. Fernando, que foi conde de Arrayolos, ambos condes depois da morte de seu avô, como fallaremos onde convier de ser contado.

Este conde de Ourem foi depois marquez de Valença, e o conde de Arrayolos foi duque de Bragança, e d'este houve um filho, que sendo seu pae vivo, foi duque de Guimarães, e casou com uma filha do infante D. Fernando, irmão d'el-rei D. Affonso, o quinto.

CAPITULO CCV

Como foi tratado casamento de D. Beatriz, irmã d'este Conde de Barcellos, com o Conde de Arandel.

Espaçou-se um pouco de tempo depois d'esto, poderiam ser uns trez annos, e foi tratado casamento de sua filha d'este rei D. João, irmã d'aquelle conde de Barcellos, genro do Condestabre, com D. Thomaz, conde de Arandel ou d'Armandel, um honrado senhor na casa de Inglaterra, e d'este casamento foi trautador o honrado cavalleiro João Vasques d'Almada, cidadão de Lisboa, que a aquelle tempo estava em Inglaterra, e um Doutor chamado Martim Docem enviou depois el-rei a Londres, e chegaram lá no mez de fevereiro, e aos sete dias andados, d'elle fallaram a esse conde em seus paços sobre as cousas que a este casamento cumpriam, e depois de muitas cousas a tal trautamento necessarias, concordaram em estas avenças, a saber:

«Que se formosura e feições de corpo, e sua graça d'essa D. Beatriz, contentassem a seus embaixadores, que a Portugal sobre esto (pera a vêrem) d'enviar entendia, que a recebessem em seu nome, e que el-rei lhe desse com ella em casamento cincoenta mil corôas, as vinte cinco mil logo na primeira paga, e as outras vinte cinco, do dia que fosse recebida em Inglaterra até um anno seguinte, e que el-rei a enviasse á sua custa, segundo pertencia á honra d'ambos.

E acontecendo sua morte d'elle primeiro que a d'ella, que houvesse depois a terça parte do que lhe assim davam em sua vida, pera supportamento de sua honra »

E outras condições que não faz mingua serem escriptas.

Partiram os embaixadores de Portugal, e vieram outros de Inglaterra, a saber: Monseur João Hueltezira, cavalleiro da casa do conde, que era seu principal procurador pera tal negocio, e mestre João, Doutor em degredos, e um bom escudeiro que com elles vinha; e chegaram todos trez a Llsboa, onde entonce el-rei estava, e fallando el-rei sobre aquello por que eram enviados, e concordados em todo, e isso mesmo da formosura contentes e condições boas de sua filha, depois por alguns dias em uma espaçosa camara dos paços do dito senhor rei, muito bem corregida pera o q. e se seguiu, sendo esto no mez de abril, estando com el-rei, D. João arcebispo de Lisboa, e Gonçalo Vasques de Mello, e outros do conselho, el-rei chamou sua filha pera acerca de si, e com ella vinham assaz donas e donzellas; e aquelle Monseur João, especial procurador pera esto, com grão reverencia tomou a mão d'ella direita, e em linguagem portuguez, sem emadendo aqui palavra, nem mudando a fórma, disse estas seguintes razões:

— «Mui nobre e honrada senhora D. Beatriz, o mui excellente e mui estremado senhor D. Thomaz, conde d'Arandel, e de Soria e de Varreria, vos sauda, e vos manda dizer que elle por mim Monseur João Hueltezira, cavalleiro seu procurador em esta parte sufficiente, e lidimamente estabelecido, e ordenado medianeiro, recebe a vós D. Beatriz em sua mulher

boa e lidima, assim como manda a Santa Egreja de Roma, e consente em vós, assim como em sua mulher, e pera esto em minha pessoa vos dá sua fé, sob esta condição se todas e cada uma das cousas promettidas, escriptas e conteudas publicas entre o dito poderoso meu senhor conde de uma parte e João Vasques de Almada cavalleiro, e Martim Docem Doutor em Leis embaixadores do mui alto principe D. João pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, vosso padre da outra parte sobre vosso dote, e honesta passagem em Inglaterra feitas, e no escripto, e obrigatorio por esse mesmo mui poderoso principe e rei, feito ao dito meu senhor e conde, e sellado dos sellos do dito senhor rei e em instrumento publico sobre esto feito por vossa parte, e por vós bem e fielmente em toda a guisa pagadas e cumpridas: e assim eu Monseur João Hueltezira já dito procurador, e em nome e como procurador do dito D. Thomaz Conde, e de mandado seu especial, recebo a vós, D. Beatriz, em mulher do dito meu senhor D. Thomaz Conde, e em seu nome consinto, e elle em sua pessoa consente em vós assim como em sua mulher, e pera esto em seu nome, e em sua alma o juro, e dou a vós minha fé em nome de sua fé, e em sua alma sob a condição susodita.»

— «E eu D. Beatriz por vós Monseur João Hueltezira, cavalleiro procurador do mui excellente e estremado senhor D. Thomaz, Conde de Arandel Soria, e de Varreria já dito, tomo e recebo o dito senhor D. Thomaz Conde vosso senhor, em varão e marido meu, bom e lidimo, assim como manda a Santo Egreja de Roma, e em elle por vós medianeiro por vós consinto de vontade, e expressamente, assim como em meu marido, e pera esto a elle mui

excellente, e estremado senhor Conde D. Thomaz susodito, e a vós em seu logo, e nome recebente juro, e a minha fé dou sob a condição, e maneira que por vós em nome do dito senhor Conde recebida, e assim consinto aquellas cousas que me notificastes da sua parte.»

E esto todo assim feito presente notarios publicos d'ambas as partes, foram d'ello feitas escripturas quaes cumpriam, assim pera el-rei, como pera os embaixadores.

Carta que escreveu D. Lourenço, arcebispo de Braga, a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaça, em que relata algumas cousas da batalha de Aljubarrota.

Dom abbade, senhor e amigo; de cima da outra semana que Deus andou comnosco contra os scismaticos, não hei sabido mais de vós, aprouve a Deus e a Santa Maria sua madre que as ribeiradas do meu gilvaz sejam já vedadas, e os mestres vão de bem em melhor; eu o sinto bem, ca se vierem caizo, já darei e levarei outra pela mesma requesta, e crêde vós, bom amigo, que quem esta pespegou não levou enxebre, nem irá contar em Castella aos soalheiros o cruzamento de minha cara. Hontem tive lettra e mensagem do Condestabre que me fazia saber el-rei de Castella sivera em Santarem como homem tresvaliado, e maldizia a seu viver, e jurava pelas barbas. Ca bofé, bom amigo, melhor é que o faça elle, que não fazemel-o nós, ca homem que as suas barbas arrepella, mór sabor fará das alheias. Tambem outro dia que elle se ia embarcar na frota

que jazia sobre Lisboa, por não levar caminho de terra; se ora os ventos lhe fizeram por agua, o que cá lhe fizeram por terra, de bom fadario nos livraria. Mas assim, ou assim de feição, vae elle hospedado, que não tornará tão azinha a ouvir as campas do vosso mosteiro.

João Vaz de Almada e Antão Vasques, seu irmão, estiveram aqui domingo ensembra com Mem Rodrigues, e se foram a Lisboa pera vêr algum geito de empecer, e esto de empecer aos castellãos que jazem na frota, mas eu lhe disse que não iam elles de cá enxotados de geito, que esperassem outro ruxoxo.

Quando eu vinha pera cá, por mingua do sangue que não queria estar, vos disse eu que tivera outra vegada por estas partes, a cá cobrara o ouvir, que por uma porrada se escendalecera. Agora por o prasmo da Virgem, esteve logo á correnteza, puz eu cimentes de lhe amanhar o telhado por baixo do lastro da madeira, seja vossa mercê de mandardes d'essas vossas coutadas, por onde melhor se poder haver e no que vos fôr prestadio, sempre serei a vosso mandar. Feita a vinte e seis d'agosto.

FIM DA SEGUNDA PARTE

INDEX

Pag.

Capitulo CLXIX.—Como el-rei partiu pera Galliza e do que lhe aveiu no vau do Minho..... 5
Capitulo CLXX.—Como el-rei cercou Tuy e o combateu 9
Capitulo CLXXI.—Como os da cidade fizeram saber a el-rei a pressa em que eram, e do conselho que sobre ello teve..... 12
Capitulo CLXXII.—Do conselho que foi havido pera accorrer á cidade de Tuy..... 15
Capitulo CLXXIII.—Como foram juntas estas gentes que dissemos, e o el-rei soube em Tuy..... 17
Capitulo CLXXIV.—Como o Condestabre encaminhou por ir pelejar com o infante D. Diniz, e o não quiz attender..... 20
Capitulo CLXXV.—Como el-rei combateu Tuy, e tomou a cidade por preitezia..... 26
Capitulo CLXXVI.—Como os de Serpa entraram por Castella, e do que lhes aconteceu..... 31
Capitulo CLXXVII.—Como os portuguezes pelejaram com os castellãos e os venceram, no anno de mil quatrocentos e trinta e sete..... 34
Capitulo CLXXVIII.—Como el-rei de Castella mandou a el-rei de Portugal Micer Ambrosio com recado... 39
Capitulo CLXXIX.—Do poder que el-rei deu ao bispo de Coimbra e ao Conde, e como se viram o mestre de Santiago e Ruy Lopes..... 43
Capitulo CLXXX.—Do que se começou de fallar perante estes alvidros..... 46
Capitulo CLXXXI —Das razões que os procuradores mostraram, cada um por parte de seu senhor..... 49
Capitulo CLXXXII.—D'outras razões dos juizes alvidros por trazerem os reis a boa concordia..... 51

INDEX

PAG.

Capitulo CLXXXIII.—Das cousas que os castellãos mais emaderam além das primeiras por elles pedidas..... 54

Capitulo CLXXXIV.—Como o Priol D. Alvaro Gonçalves se foi pera Castella, e foi dado o Priorado a Lourenço Esteves de Goes..... 57

Capitulo CLXXXV.—Como el-rei foi sobre Alcantara, e se levantou do cerco d'ella..... 59

Capitulo CLXXXVI.—Dos embaixadores que foram a Castella pera tratar a paz, e não se avieram..... 63

Capitulo CLXXXVII.—Do conselho que el-rei de Portugal pediu pera fazer a paz, e do que lhe foi respondido..... 65

Capitulo CLXXXVIII.—Como foi feita tregua por dez annos, e com que condições..... 68

Capitulo CLXXXIX.—Como a rainha D. Catharina conselhava seu marido que houvesse paz em Portugal. 70

Capitulo CXC.—Como se juntaram os trautadores de Castella e Portugal pera fallarem no trauto da paz.. 73

Capitulo CXCI—Das razões que entre os trautadores foram falladas, e como se não concordaram..... 77

Capitulo CXCII.—Das razões que a rainha D. Catharina enviou dizer a el-rei, e do que lhe foi respondido 86

Capitulo CXCIII.—Quaes embaixadores el-rei enviou a Castella, e da carta que sobre ello enviou á rainha. 95

Capitulo CXCIV.—Das razões que os embaixadores disseram á rainha por palavra e por escripto..... 98

Capitulo CXCV.—Das razões que por ambas as partes foram falladas no conselho..... 102

Capitulo CXCVI.—Como os embaixadores fallaram a departe á rainha e lhe foi outorgada a paz como a demandavam..... 106

Capitulo CXCVII.—Como foi feito o trauto da paz, e em que tempo approvado por el-rei..... 111

Capitulo CXCVIII.—Como a rainha de Castella enviou a el-rei pedir certa ajuda de galés por sua carta, e da resposta que lhe por outra enviou..... 114

Capitulo CXCIX.—Como foram movidos alguns casamentos dos filhos d'estes reis de uma parte e da outra; e não se acertaram..... 119

Pag.

Capitulo CC.—Da maneira que o Condestabre tinha andando na guerra 122
Capitulo CCI —Que maneira o Conde tinha de viver no tempo da paz 129
Capitulo CCII —Como el rei encommendou ao Conde o carrego da justiça de riba de Odiana 132
Capitulo CCIII.—Das cousas que ordenaram mais os do conselho, e como as sizas não foram lançadas pelos reis 136
Capitulo CCIV.— Como casou el-rei seu filho natural D. Affonso com a filha do Condestabre 140
Capitulo CCV —Como foi tratado casamento de D. Beatriz, irmã d'este Conde de Barcellos, com o Conde de Arandel 143
Carta que escreveu D. Lourenço, arcebispo de Braga, a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaça, em que relata algumas cousas da batalha de Aljubarrota 146

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume 400

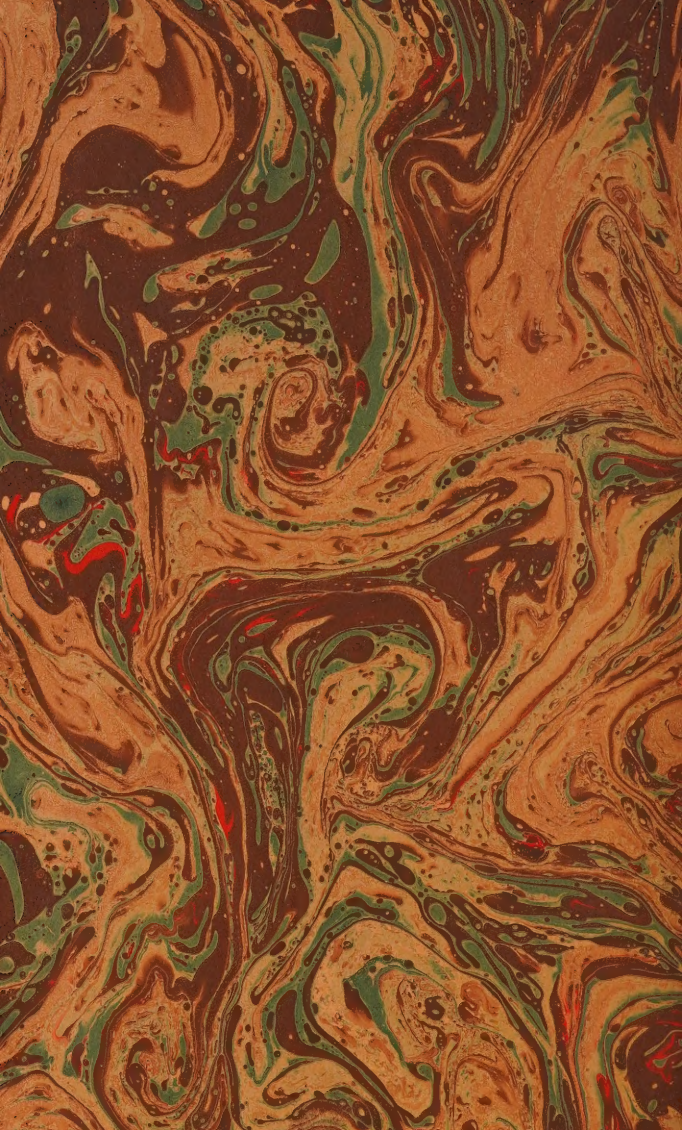
VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes ..... 1$200

VII — Chronica de El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes..... 2$800

VIII — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume 400

EM PUBLICAÇÃO

Chronica de El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara.*



DP
585
L6
1897
v.4-7

Lopes, Fernão
Chronica de el-rei D.
João I

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 05 03 021 4